

PEREGRINAÇÃO
VOLUME II
Fernão Mendes Pinto



PEREGRINAÇÃO
VOLUME II
Fernão Mendes Pinto

Prefácio: Francisco Ferreira de Lima





Os Correios, reconhecidos por prestar serviços postais com qualidade e excelência aos brasileiros, também investem em ações que tenham a cultura como instrumento de inclusão social, por meio da concessão de patrocínios. A atuação da empresa visa, cada vez mais, contribuir para a valorização da memória cultural brasileira, a democratização do acesso à cultura e o fortalecimento da cidadania.

É nesse sentido que os Correios, presentes em todo o território nacional, apoiam, com grande satisfação, projetos da natureza desta Biblioteca Básica Brasileira e ratificam seu compromisso em aproximar os brasileiros das diversas linguagens artísticas e experiências culturais que nascem nas mais diferentes regiões do país.

A empresa incentiva o hábito de ler, que é de fundamental importância para a formação do ser humano. A leitura possibilita enriquecer o vocabulário, obter conhecimento, dinamizar o raciocínio e a interpretação. Assim, os Correios se orgulham em disponibilizar à sociedade o acesso a livros indispensáveis para o conhecimento do Brasil.

Correios



O livro, essa tecnologia conquistada, já demonstrou ter a maior longevidade entre os produtos culturais. No entanto, mais que os suportes físicos, as ideias já demonstraram sobreviver ainda melhor aos anos. Esse é o caso da Biblioteca Básica Brasileira.

Esse projeto cultural e pedagógico idealizado por Darcy Ribeiro teve suas sementes lançadas em 1963, quando foram publicados os primeiros dez volumes de uma coleção essencial para o conhecimento do país. São títulos como *Raízes do Brasil*, *Casa-grande & senzala*, *A formação econômica do Brasil*, *Os sertões* e *Memórias de um sargento de milícias*.

Esse ideal foi retomado com a viabilização da primeira fase da coleção com 50 títulos. Ao todo, 360 mil exemplares serão distribuídos entre as unidades do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, contribuindo para a formação de acervo e para o acesso público e gratuito em cerca de 6.000 bibliotecas. Trata-se de uma iniciativa ousada à qual a Petrobras vem juntar suas forças, colaborando para a compreensão da formação do país, de seu imaginário e de seus ideais, especialmente num momento de grande otimismo e projeção internacional.

Petrobras - Petróleo Brasileiro S. A.



SUMÁRIO

Apresentação	xix	
Prefácio – Francisco Ferreira de Lima	xxi	
CXXXIII	Como desembarcamos nesta Ilha de Tanixumá, e do que passamos com o senhor dela	3
CXXXIV	Da honra que o nautaquim fez a um dos nossos por o ver atirar com uma espingarda, e do que daí sucedeu	7
CXXXV	Como este nautaquim me mandou mostrar ao rei do Bungo, e do que vi e passei até chegar onde ele estava	11
CXXXVI	De um desastre que nesta cidade aconteceu a um filho de El-Rei, e do perigo em que eu por isso me vi	17
CXXXVII	Do que mais passei no negócio deste moço, e como me embarquei para Tanixumá, e daí para Liampó, e do que me aconteceu depois que aí cheguei	23
CXXXVIII	Do que passamos esses que escapamos deste naufrágio, depois que fomos em terra	29
CXXXIX	Como fomos levados à cidade de Pongor, e apresentados ao broquém da justiça do reino	32
CXL	Das perguntas que nos fizeram e do que a elas respondemos, e do mais que então sucedeu	36
CXLI	Como El-Rei mandou esta sentença ao broquém da cidade onde estávamos presos para que a executasse, e do que nisso sucedeu	42

CXLII	Como esta donzela deu a carta à rainha, mãe de El-Rei, e da resposta que trouxe dela	46
CXLIII	Do que mais passamos até chegarmos a Liampó, e da informação desta ilha léquia	52
CXLIV	Como de Liampó me parti para Malaca, donde o capitão da fortaleza me mandou a Martavão, ao chaubainhá	56
CXLV	Como chegamos a uma ilha a que chamavam Pulo Hinhor, e do que o rei dela passou comigo	60
CXLVI	Do que sucedeu aos nossos contra os inimigos deste reizinho, e de uma grande vitória que uns portugueses houveram nesta costa contra um capitão turco	64
CXLVII	Do que mais passei até chegar à barra de Martavão	72
CXLVIII	De algumas coisas particulares que aqui em Martavão sucederam	75
CXLIX	Da determinação que tomou o chaubainhá depois que entendeu que não podia ser socorrido dos portugueses	81
CL	De que maneira o chaubainhá se entregou ao rei bramá, e da grande afronta que os portugueses ali passaram	87
CLI	Como a cidade de Martavão foi saqueada e destruída, e da ordem com que levaram a padecer a rainha e outras muitas mulheres	92
CLII	De que maneira se executou a justiça nas cento e quarenta padecentes, no chaubainhá, na Nhay Canató e nos seus quatro filhinhos	97
CLIII	Da desventura que me aconteceu em Martavão, e do que o rei bramá fez depois que chegou a Pegu	101

CLIV	Do que se passou entre a rainha do Prom e o rei bramá, e do primeiro assalto que se deu à cidade, e o sucesso dele	107
CLV	Do mais que sucedeu neste cerco, e dos cruéis castigos que este tirano fez nos que tomou cativos	112
CLVI	Como o rei do Bramá foi sobre a cidade de Meleitay onde estava o príncipe do Avá com trinta mil homens, e do que sucedeu nesta ida	117
CLVII	Do que sucedeu a este rei bramá até chegar à cidade do Avá, e do que aí mais fez	120
CLVIII	Do caminho que fizemos até chegarmos ao pagode de Tinagogó	123
CLIX	Do sítio e fábrica deste pagode de Tinagogó, e do grande concurso de gente que a ele vem	126
CLX	Da grande e suntuosa procissão que se faz neste pagode, e dos sacrifícios que se fazem nela	131
CLXI	De uns penitentes que vimos em cima na serra deste pagode, e da vida que fazem	136
CLXII	Do que passamos e vimos antes de chegarmos à cidade de Timplão	143
CLXIII	De que maneira este embaixador do rei bramá foi recebido no dia da sua entrada, e da grande majestade e aparato das casas do calaminhã	151
CLXIV	De que maneira este embaixador falou ao calaminhã, de resposta que ele lhe deu, e como nesta cidade se pregou antigamente a lei evangélica	159
CLXV	Em que se dá larga informação deste império do calaminhã, e alguma do reino de Pegu, e dos Bramás	167

CLXVI	Do caminho que fizemos até a cidade de Pavel, e da diversidade de gentes e nações que nela vimos	173
CLXVII	Do mais caminho que fizemos até chegarmos a Pegu, onde estava o rei do Bramá, e da morte do rolim de Mounay	178
CLXVIII	De que maneira foi eleito o novo rolim de Mounay, sumo talagrepo desta gentilidade do reino de Pegu	185
CLXIX	Da maneira que este rolim foi levado à Ilha de Mounay, e metido nela, de posse do seu supremo pontificado	195
CLXX	Do que este rei bramá fez depois que chegou à cidade de Pegu, e como mandou sobre a cidade Savady, e do que aí nos aconteceu aos nove portugueses	199
CLXXI	Do que mais passamos neste caminho, e do sucesso que tivemos nele	203
CLXXII	Como da Índia me fui para a Sunda, e do que lá se passou num inverno que aí estive	208
CLXXIII	Como o panguairão de Pate, imperador de Jaoa, foi com um grosso exército contra o rei de Passarvão, e do que fez depois que lá chegou	211
CLXXIV	Como da cidade saíram doze mil amoucos, e do que fizeram contra os inimigos	215
CLXXV	Como o rei de Passarvão, com dez mil conjurados, saiu fora contra os inimigos, da peleja que teve com eles e do sucesso dela	218
CLXXVI	Como acaso se tomou aqui um português gentio, e da conta que nos ele deu de si	221
CLXXVII	Como El-Rei de Demá foi morto por um estranho caso, e do que sucedeu depois da sua morte	225

CLXXVIII	Do que mais sucedeu até este exército ser embarcado, e de uma grande discórdia que em Demá houve entre dois homens principais da cidade, e do desventurado sucesso que teve	229
CLXXIX	De tudo o mais que sucedeu até nos partirmos para o porto da Sunda, e daí para a China, e da desavença que nesta viagem tivemos	233
CLXXX	Do que nos sucedeu depois que nos partimos desta restinga	238
CLXXXI	Como deste porto de Sunda fui ter a Sião, donde, em companhia de outros portugueses, fui com El-Rei à guerra do Chiammay, e do sucesso dela	242
CLXXXII	Do mais que este rei de Sião fez até se tornar para o seu reino, onde a rainha sua mulher o matou com peçonha	246
CLXXXIII	Da triste morte deste rei de Sião, e de algumas coisas ilustres que ele fez em sua vida	251
CLXXXIV	Como o corpo de El-Rei foi queimado, e a cinza levada a um pagode, e de outras novidades que sucederam neste reino	258
CLXXXV	Como o rei do Bramá empreendeu tomar este reino Sião, e do que passou até chegar à cidade de Odiá	264
CLXXXVI	Como El-Rei do Bramá deu o primeiro assalto a esta cidade de Odiá, e do sucesso dele	268
CLXXXVII	Como se deu o derradeiro assalto, e o sucesso dele	273
CLXXXVIII	Como o rei bramá levantou este cerco, por novas que lhe vieram de um levantamento que houvera no reino de Pegu, e do que sobre isso fez	277

CLXXXIX	Da muita fertilidade do reino Sião, e de outras particularidades dele	281
CXC	Do que mais sucedeu no reino de Pegu até a morte do rei bramá, e depois dela	284
CXCI	Do que sucedeu no tempo deste rei xemim de Satão, e de um caso abominável que aconteceu a Diogo Soares	292
CXCII	Do mais que se passou neste caso de Diogo Soares	298
CXCIII	Como o xemindó veio sobre o xemim de Satão, e o que daí sucedeu	303
CXCIV	Do que fez o xemindó depois de ser coroado como rei de Pegu, e como o Chaumigrém, colaço de El-Rei do Bramá, veio sobre ele com um grande exército, e do sucesso que teve	307
CXCV	De um grosso motim que houve no campo deste novo rei bramá, e da causa por que se levantou, e do sucesso dele	311
CXCVI	Da sentença que deram os seus juízes neste caso, e da entrada do chaumigrém na cidade de Pegu	317
CXCVII	Como foi achado o xemindó e trazido ao rei bramá, e do que se passou com ele	321
CXCVIII	Da maneira com que tiraram a padecer o xemindó, e da morte que lhe deram	325
CXCIX	Da restituição que este rei bramá fez ao morto xemindó, do reino que lhe tomara, e da maneira como ele foi enterrado	330
CC	Como deste reino de Pegu me embarquei para Malaca, e daí para o Japão, e de um estranho caso que aí sucedeu	333
CCI	Do que fez o príncipe, filho de El-Rei, tendo novas da morte de seu pai	340

CCII	Como nos passamos desta cidade Fucheu para o porto de Hiamangó, e do que nele nos aconteceu	344
CCIII	De uma grossa armada que o rei do Achém neste tempo mandou sobre Malaca, e do que nisso fez o Padre-Mestre Francisco Xavier, reitor da Companhia de Jesus nas partes da Índia	348
CCIV	Do que aconteceu à nossa armada estando para partir, e de duas fustas que chegaram de novo à fortaleza	356
CCV	Do mais que se passou com Diogo Soares, e de como partiu a armada, e do que lhe aconteceu até chegar ao Rio de Parlés	362
CCVI	Da cruel batalha que os nossos tiveram com os achéns no Rio de Parlés, e do sucesso dela	367
CCVII	Do que se passou em Malaca enquanto não houve novas desta nossa armada, e do que o Padre Francisco dela disse, estando um domingo pregando	371
CCVIII	Como o Padre-Mestre Francisco foi de Malaca para o Japão, e do que lá se passou	376
CCIX	Como este bem-aventurado padre chegou ao porto de Finge onde estava a nossa nau, e do que se passou até ir ver El-Rei do Bungo à cidade Fuchéu	382
CCX	Das honras que El-Rei de Bungo fez ao Padre-Mestre Francisco neste primeiro dia que se viu com ele	387
CCXI	Como despedindo-se o padre de El-Rei para se embarcar para a China o detiveram mais alguns dias, e de algumas disputas que teve com os bonzos	394
CCXII	Do que este bem-aventurado padre passou com os portugueses acerca da embarcação, e da segunda disputa que teve com o bonzo Fucarandono	402

CCXIII	De tudo o mais que o padre passou com estes bonzos até se embarcar para a China	409
CCXIV	Da grande tormenta que passamos indo do Japão para a China, e como fomos livres dela por orações deste servo de Deus	417
CCXV	Dos vários casos que aconteceram a este bem-aventurado padre até chegar à China, e da maneira da sua morte	424
CCXVI	Da maneira que foi enterrado este defunto, e trazido a Malaca, e daí à Índia	433
CCXVII	Como este santo defunto foi desembarcado da nau em que viera de Malaca, e do aparato com que chegou ao cais de Goa	436
CCXVIII	Do recebimento que se fez em Goa a este santo defunto, e do mais que aí sucedeu	439
CCXIX	Como o Padre-Mestre Belchior partiu da Índia para o Japão, e a causa por que não passou de Malaca, e do que nela sucedeu neste tempo	443
CCXX	Como partimos de Malaca para o Japão, e do que passamos até chegarmos à Ilha de Champeiló, na Cochinchina, e do que nela vimos	447
CCXXI	Como desta Ilha de Champeiló fomos ter à de Sanchão, e daí a Lampacau, e dá-se conta de dois casos desastrosos que aconteceram na China a duas povoações de portugueses	451
CCXXII	De umas novas que vieram a esta ilha, de um estranho caso que aconteceu pela terra dentro	458
CCXXIII	Como chegamos ao reino do Bungo, e do que lá passamos com El-Rei	462
CCXXIV	Da maneira como El-Rei do Bungo recebeu a embaixada do vice-rei da Índia	470

CCXXV	Como o Padre-Mestre Belchior se viu com El-Rei do Bungo, e do que se passou com ele, e da resposta que El-Rei me deu da embaixada que lhe levei	473
CCXXVI	Do que passei depois que partimos deste porto de Xeque até chegar à Índia, e daí a este reino	478



A Fundação Darcy Ribeiro realiza, depois de 50 anos, o sonho sonhado pelo professor Darcy Ribeiro, de publicar a Coleção Biblioteca Básica Brasileira – a **BBB**.

A **BBB** foi formulada em 1962, quando Darcy tornou-se o primeiro reitor da Universidade de Brasília – UnB. Foi concebida com o objetivo de proporcionar aos brasileiros um conhecimento mais profundo de sua história e cultura.

Darcy reuniu um brilhante grupo de intelectuais e professores para, juntos, criarem o que seria a universidade do futuro. Era o sonho de uma geração que confiava em si, que reivindicava – como Darcy fez ao longo da vida – o direito de tomar o destino em suas mãos. Dessa entrega generosa nasceu a Universidade de Brasília e, com ela, muitos outros sonhos e projetos, como a **BBB**.

Em 1963, quando ministro da Educação, Darcy Ribeiro viabilizou a publicação dos primeiros 10 volumes da **BBB**, com tiragem de 15.000 coleções, ou seja, 150 mil livros.

A proposta previa a publicação de 9 outras edições com 10 volumes cada, pois a Biblioteca Básica Brasileira seria composta por 100 títulos. A continuidade do programa de edições pela UnB foi inviabilizada devido à truculência política do regime militar.

Com a missão de manter vivos o pensamento e a obra de seu instituidor e, sobretudo, comprometida em dar prosseguimento às suas lutas, a Fundação Darcy Ribeiro retomou a proposta e a atualizou, configurando, assim, uma nova **BBB**.

Aliada aos parceiros Fundação Biblioteca Nacional e Editora UnB, a Fundação Darcy Ribeiro constituiu um comitê editorial que redesenhou o projeto. Com a inclusão de 50 novos títulos,

a Coleção atualmente apresenta 150 obras, totalizando 18 mil coleções, o que perfaz um total de 2.700.000 exemplares, cuja distribuição será gratuita para todas as bibliotecas que integram o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, e ocorrerá ao longo de três anos.

A **BBB** tem como base os temas gerais definidos por Darcy Ribeiro: O Brasil e os brasileiros; Os cronistas da edificação; Cultura popular e cultura erudita; Estudos brasileiros e Criação literária.

Impulsionados pelas utopias do professor Darcy, apresentamos ao Brasil e aos brasileiros, com o apoio dos Correios e da Petrobras, no âmbito da Lei Rouanet, um valioso trabalho de pesquisa, com o desejo de que nos reconheçamos como a Nova Roma, porém melhor, porque lavada em sangue negro, sangue índio, tropical. A Nação Mestiça que se revela ao mundo como uma civilização vocacionada para a alegria, a tolerância e a solidariedade.

Paulo de F. Ribeiro
Presidente
Fundação Darcy Ribeiro

Mendes Pinto foi de tudo um pouco em sua viagem: comerciante, noviço, embaixador, pirata, escravo, canibal, soldado, crítico de valores sociais e muitas outras coisas ainda. Essa grande quantidade de papéis deve ser entendida, nalguns casos, como meios de superação dos transtornos da viagem e, noutros, como resultado imediato dessa superação, isto é, como transformação operada no viajante pelo encontro da novidade.

Mas nem sempre essa quantidade de papéis é entendida assim. Aliás, quase nunca é entendida assim. Ao contrário, ela fez com que um bom número de críticos visse o relato da viagem de Mendes Pinto sempre como um *pretexto* para o exercício de um daqueles papéis, relegando a segundo plano a ideia mesma de viajar e o prazer nela implicado.

Todos esses papéis estão sem dúvida encarnados no viajante. Mas eles surgem de uma necessidade para que a viagem continue a se desdobrar ou então já são o resultado da própria viagem que operou modificações no viajante. De maneira diferente, portanto, do que pensam aqueles críticos, esses papéis não dependem da viagem; ao invés, a viagem é que depende desses papéis. Porque cheia de perigos e obstáculos, ela obriga o viajante a se adequar às circunstâncias, de modo que possa dar seguimento ao seu mais importante projeto, que é o de viajar.

A viagem, é bem de ver, não faz desaparecer as outras necessidades básicas do homem: o viajante, como qualquer homem comum, trabalha, reza, luta, acredita nos valores de sua sociedade e os defende. O que o distingue dos homens comuns é que, além de

tudo isso, possui uma necessidade intrínseca de ver e que, para tanto, é capaz de qualquer coisa.

Mas tal necessidade requer justificativa, que não deixe espaço para que se pense em diversão. No caso de Mendes Pinto tal justificativa é dupla, pois, além do estado de miséria que sempre o perseguiu, havia ameaças a sua ainda jovem e já tão desgraçada vida, uma vez (nos) assegurar ter sempre vivido "em misérias & em pobreza, & não sem alguns sobressaltos & perigos", situações, assim nos quer fazer crer, que o obrigaram a viajar para salvar a vida.

Ora, essas razões, sobretudo as de miséria e pobreza, poderiam ser alegadas por toda a população portuguesa sua contemporânea, com exceção dos nobres, daqueles que detinham altos postos na Igreja e alguns poucos mais. E ao que consta nem toda a população se viu forçada a embarcar porque vivia em miséria e pobreza. E quanto aos "sobressaltos e perigos", pouco esclarece. Suspeitam alguns pesquisadores que se trata de uma referência a uma cena de adultério que teria presenciado. Todavia, como em muitas outras coisas relativas à vida real desse autor, tudo não passa de suspeita, sem quaisquer provas definitivas.

Independentemente de quais fossem as razões, se verdadeiras ou falsas, a viagem estava definitivamente inscrita em sua vida. Desde muito cedo, era ela, e somente ela, a saída e a chegada.

Com efeito, segundo sua própria (e parca) informação, Mendes Pinto realizou, antes da grande, uma pequena, mas intensa peregrinação no interior do reino, sempre fugindo da pobreza e do perigo, que insistiam em persegui-lo. Trazido por um tio, "desejoso de me encaminhar para melhor fortuna", chega a Lisboa em treze de dezembro de 1521, dia em que "se quebrarão os escudos pella morte del Rey dom Manoel de gloriosa memória", entre os dez e doze anos de idade.



Ali trabalha durante um ano e meio na casa de uma "senhora de geração assaz nobre", de onde é obrigado a fugir por um caso que sucedeu, embora não diga qual, que o deixou tão aterrorizado, como "se vira a morte diãte dos olhos".

Após um longo intervalo, do qual nada se sabe, volta ao serviço na casa de Francisco de Faria, agora em Setúbal, onde diz ter permanecido por quatro anos. Feliz com o desempenho de seu criado, Faria o cede ao mestre de Santiago, em cuja casa ele serve por mais um ano e meio. A última referência que ele faz de sua vida no reino é onze de março de 1537, data de seu embarque para a Índia.

É importante observar – é obrigatória a pequena digressão – que, como quase todos os números na *Peregrinação*, os relativos à vida de Mendes Pinto na corte padecem de incerteza. A crer em sua contagem, pouco mais de oito anos ficam por explicar. É fazer as contas: dez ou doze anos era a idade com que chegou a Lisboa em 1521; mais um ano e meio de trabalho em casa daquela senhora; mais quatro na casa de Francisco de Faria; e, por fim, mais um ano e meio na casa do mestre de Santiago. Total: dezessete ou dezenove anos. Quando embarcou para a Índia, em 1537 como ele próprio diz, já tinha vinte e seis ou vinte e oito anos, dos quais pouco mais de um terço foi relegado às brumas do mistério.

O fato importante é que na faixa dos quatorze anos, seja por perigo ou por pobreza, ou por desejo de aventura, o que parece bem mais adequado, Mendes Pinto embarca pela primeira vez para a aventura, gesto que repetirá muitas e muitas vezes ao longo de sua longa vida.

Esse primeiro embarque é uma antecipação do que será sua vida futura. Embarcado no cais de pedra de Lisboa numa caravela que ia para Setúbal, sofre o primeiro dos muitos reveses por que passaria, ao ver o navio assaltado por piratas franceses. Lançado



à praia, é recolhido e tratado em Santiago de Cacém, onde sai de cena, como já se disse, por pouco mais de oito anos.

Decorrido esse prazo, reaparece adulto em Setúbal. Experimenta, ainda por duas vezes, a possibilidade de viver como serviçal, mas desiste, porque "a moradia que então era costume darse nas casas dos Principes me não bastava para minha sustentação".

Acabada, portanto, a pequena peregrinação que fizera por aquelas pequenas terras do reino, estava pronto para a grande, na qual, durante vinte e um anos, iria descobrir (e se espantar com) os mais escondidos segredos do mundo. Mas era – diz ele – a miséria que continuava a empurrá-lo.

É verdade que essas funções que Mendes Pinto exerceu nas casas daqueles nobres senhores não remunerassem decentemente. A prática de desviar fundos da Coroa no ultramar tinha nos péssimos salários uma de suas alavancas. No reino, sem haver o que desviar, as coisas eram provavelmente muito piores. Ademais, havia a sedução da riqueza fácil do Oriente, onde, com alguma sorte, se poderiam encontrar tesouros a céu aberto, segundo as lendas medievais ainda vivas naqueles tempos. E bem se sabe que aqueles viajantes eram movidos tanto pelo real quanto pelo fantástico, pois que a barreira entre ambos era frágil e, por isso, facilmente ultrapassável.

Naturalmente, tanto a pobreza quanto a sedução da riqueza fácil estão na base da decisão de Mendes Pinto. Não há que duvidar de suas queixas da primeira e da aspiração quanto à segunda. Mas há um determinante, fundamental, que ele omite: o desejo de ver e participar do espetáculo do mundo, que supera de longe todos os outros.

É uma sede insaciável de aventura que o persegue, à qual se entrega como se não quisesa entregar-se, sutil mecanismo retórico com que justifica o gozo para si mesmo e o dissimula em



face da dureza daqueles tempos austeros, que não faziam distinção entre prazer e pecado.

Nessa perspectiva, a discussão sobre verdade e mentira na *Peregrinação* perde toda sua razão de ser. Aquilo que porventura não tenha acontecido na realidade e que ali se encontra não é mentira, mas absoluta necessidade de aplacar essa insaciável sede de ver e participar do espetáculo do mundo. Dir-se-ia que esse desejo de Mendes Pinto era ainda maior que a diversidade do mundo por ele experimentada. Quando esta não foi bastante para sua necessidade, ele a fez adequar-se.

Não importa, pois, se os números dos naufrágios de que foi vítima, das vezes que foi feito escravo ou das batalhas de que participou correspondem ou não à realidade dos fatos. Se as coisas não sucederam exatamente daquele modo, era exatamente daquele modo que ele queria que tivessem sucedido.

O que leva Mendes Pinto a viajar por vinte e um anos, nos quais perde a conta das aventuras que viveu, não é certamente apenas a necessidade, até porque, nunca, em tempo algum, o homem foi apenas necessidade, mesmo quando esta consome a sua vida. Ao lado dela ou contra ela, o homem é desejo e sonho de viver outras vidas. A arte permite vivê-las mais facilmente. Mas a vida também as oferece. Mendes Pinto, de longe, preferiu a segunda alternativa.

Dizia ele que uma das razões de sua viagem, como se viu, foi o fato de não conseguir sua “sustentação” no reino. Nada mais honesto poderia estar aí, embora o acusem de tantas mentiras. Ele não diz que a moradia não bastava para a sustentação das pessoas de modo geral; diz apenas que não bastava para a *sua* sustentação.

É que essa sustentação, nem ele mesmo o sabia, era feita de muito mais coisas que os elementos da sobrevivência cotidiana. O alimento de que esse aventureiro do olhar se nutre carece de



uma substância que só se alcança quando se viaja: a estranheza do mundo. É isso que o põe em demanda da viagem. Se a pobreza é a causa, a estranheza do mundo, com seu imprevisível elenco de aventuras, é a sua motivação.

E seria uma estultice dizer que ele não resistiu aos apelos dessas estranhezas do mundo. Como já se viu, Mendes Pinto tinha, no mínimo, vinte e seis anos quando embarcou para a Índia. Já não era o que se poderia chamar de jovem naqueles tempos.

Como conseguiu viver quase metade de sua vida em horizonte tão pequeno e semelhante, quando seu desejo era o de planos grandes, largos e variados? Como conseguiu viver quase metade de sua vida cercado pela miséria, pobreza e perigo que teimavam em persegui-lo, aspecto em que tanto insiste para justificar a viagem para si e para os leitores?

Ainda que difícil, é possível arriscar uma resposta: embora também tenha visto o mundo com olhos de menino, e com muitos outros olhos, como quer Gilberto Freyre, precisou talvez ter olhos de homem para que pudesse ver como menino, já que aquele contém este mas este não pode conter aquele.

Na mesquinha e pobre vida do reino, lapidou seu desejo para que pudesse melhor usufruí-lo. Mas não como algo premeditado, urge esclarecer. Antes, é como uma reação a esse desejo que esse processo se desenvolveu.

Essa impressão de ser levado ou de estar indo contra a sua vontade atravessa a narrativa, e se constitui num dos mais eficazes dispositivos retóricos da *Peregrinação*, que funciona como uma maneira de aliciar o leitor desprevenido, levando-o a ver sofrimento e desventura nas errâncias daquele "sofrido" *pobre de mim* onde, muitas e muitas vezes, há prazer e pura aventura.

Quando não é a necessidade, é sempre o acaso que o faz partir. A aventura (e o prazer dela decorrente) é sempre uma consequência





da desventura inicial, como se quisesse fazer crer que, não houvesse tal desventura, não haveria a futura viagem.

Uma vida vivida como caleidoscópio por longos vinte e oito anos, porém, pede bem mais que isso. Refletida e irrefletidamente, o mar – e tudo o que ele implica – estava no horizonte de Mendes Pinto. Seu chamado é uma espécie de condenação a que está submetido o futuro viajante.

É que Mendes Pinto faz parte de um grupo singular de homens que se distingue do restante da humanidade por (a palavra é apropriada) transitar em faixa própria de interesses. Como no caso do marinheiro Ismael, a personagem de Melville, que testemunha e depois narra a viagem obcecada do Capitão Ahab em busca da baleia branca, Mendes Pinto bem poderia ter dito de si mesmo que "para outros homens talvez essas coisas não sejam atrações; mas, quanto a mim, atormenta-me perene anseio das coisas distantes". Estaria dizendo a verdade mais verdadeira.

E ao encontrar-se com elas, com essas coisas distantes por que tanto anseia, ele se espanta, se admira e se esforça por apreendê-las em seu conjunto – sem necessariamente buscar compreendê-las. Homem, coisa ou bicho, tudo atrai seu olhar, fruto de um insaciável desejo das “novas novidades” do mundo.

Seu relato, a despeito da objetividade que o leitor exigia, é marcado por uma subjetividade que tudo abarca e tudo contamina, como se antecipasse o verso de Fernando Pessoa, reescrevendo-o para um “o que em mim vê está sentindo”. Daí, provavelmente, o trocadilho que seu nome gerou, logo que sua obra foi publicada: “Fernão, Mentos? Minto!”. Mas não é sobre a mentira que se constrói a obra monumental de Mendes Pinto, senão de deslumbramento ante a estranheza, novidade e diversidade do mundo real, ainda mais diverso, novo e estranho que qualquer ficção jamais inventada.

É costume dizer-se que não se pode compreender o século XVI português sem que se leiam *Os lusíadas*, uma vez que, se aquele século fez o poema, o poema de igual modo (re)fez o século, com o quê um não seria sem o outro. Decerto, não se pode dizer isso de muitos livros sem que se esteja a incorrer em exagero. Mas não estará longe da verdade quem também o disser acerca da *Peregrinação*. Com efeito, a quantidade de matéria exposta e a multiplicidade de ângulos pela qual ela é aí tratada fazem da narrativa de Mendes Pinto um dos mais amplos e impressionantes painéis, de quantos se escreveram, dos sonhos, desejos, sucessos e fracassos daquele século que, para Portugal, começou em glória e acabou em desgraça. Assim, tal como se deu com *Os lusíadas*, foi necessário esperar pelo século XVI para que a *Peregrinação* se fizesse. Em contrapartida, foi também necessário esperar pela *Peregrinação* para que o século XVI ganhasse a feição que, só com ela, passou a apresentar.

FRANCISCO FERREIRA DE LIMA É PROFESSOR DE LITERATURA PORTUGUESA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA. DOUTOR EM LETRAS PELA USP – UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO.

PEREGRINAÇÃO
VOLUME II
Fernão Mendes Pinto



COMO DESEMBARCAMOS NESTA ILHA DE TANIXUMÁ,
E DO QUE PASSAMOS COM O SENHOR DELA

Não havia ainda bem duas horas que estávamos surtos nesta calheta de Miaygimá, quando o nautaquim, príncipe desta Ilha de Tanixumá, veio ao nosso junco acompanhado de muitos mercadores e de gente nobre, com grande soma de caixões cheios de prata para fazer fazenda. E depois de se fazerem de parte a parte as cortesias costumadas, e ele ter seguro para se poder chegar a nós, se chegou logo, e vendo-nos aos três portugueses, perguntou que gente éramos, porque na diferença do rosto e barbas, entendia que não éramos chins. O capitão corsário lhe respondeu que éramos de uma terra que se chamava Malaca, para onde havia muitos anos tínhamos vindo de outra a que chamavam Portugal, cujo rei, segundo nos tinha ouvido algumas vezes, habitava no cabo da grandeza do mundo. Do que o nautaquim fez um grande espanto e disse para os seus que estavam presentes:

– Que me matem, se não são estes os chenchicogis de que está escrito em nossos volumes que voando por cima das águas, têm senhoriado ao longo delas os habitantes das terras onde Deus criou as riquezas do mundo, pelo que nos cairá em boa sorte se eles vierem a esta nossa com título de boa amizade.

E chamando então para junto de si, sua mulher léquia, que era a intérprete por quem se entendia com o capitão chim, senhor do junco, lhe disse:



– Pergunta ao necodá onde achou estes homens, ou com que título os traz consigo a esta nossa terra do Japão.

Ao que respondeu que sem falta nenhuma éramos mercadores e gente boa, e que por nos achar perdidos em Lampacau, nos recolhera para nos ajudar com suas esmolas, como tinha por costume fazer a outros que já assim achara, para que Deus permitisse livrá-lo a ele das adversidades impetuosas que cursavam por cima do mar, com as quais se perdiam os navegantes.

Ao nautaquim pareceram tão boas essas razões do corsário, que entrou logo no junco e mandou aos seus que por serem muitos não entrassem mais que os que ele dissesse. E depois de andar vendo todas as particularidades do junco, tanto da popa como da proa, se sentou numa cadeira junto da tolda, e nos esteve inquirindo de algumas coisas particulares que desejou saber de nós, a que respondemos ao gosto que nele enxergamos, de que ele mostrava muito contentamento. Nessas práticas se gastou conosco um grande espaço, mostrando em todas as suas perguntas ser homem curioso e inclinado a coisas novas, e se despediu de nós e do necodá chim, que dos mais não fez muito caso, dizendo:

– Amanhã ide ver-me a minha casa, e levai-me um grande presente de novas desse grande mundo por onde andastes e das terras que tendes visto, e como se chamam, porque vos afirmo que essa só mercadoria comprarei mais a meu gosto que todas as outras.

E com isto se tornou para terra.

E quando ao outro dia foi manhã clara, nos mandou ao junco um grande parau de refresco, em que entravam uvas, peras, melões, e toda a sorte de hortaliça que há nesta terra, com cuja vista demos muitas graças e louvores a Nosso Senhor. O necodá do junco lhe mandou pelo mensageiro algumas peças ricas e brincos da China, em retorno do refresco, e lhe mandou dizer que quando o junco ancorasse no surgidouro onde estivesse seguro do tempo, o iria logo ver a terra e levar-lhe as amostras da fazenda que trazia



para vender. E ao outro dia, logo que foi manhã, desembarcou em terra e nos levou consigo a todos três, com mais dez ou doze chins, os que lhe pareceram mais graves e autorizados em suas pessoas, quais os ele queria para o ornamento dessa primeira visita, em que esta gente costuma mostrar-se com muita vaidade.

Chegando nós a casa do nautaquim, fomos todos muito bem recebidos por ele, e o necodá lhe deu um bom presente, e após isso lhe mostrou as amostras de toda a sorte de fazenda que trazia, de que ele ficou satisfeito e mandou logo chamar os principais mercados da terra, com os quais se tratou do preço dela, e concertados nele se assentou que ao outro dia se trouxesse a uma casa que mandou dar ao necodá, em que se agasalhasse com a sua gente até se tornar para a China.

Isso ordenado, o nautaquim tornou de novo a praticar conosco e a perguntar-nos por muitas coisas miudamente, a que respondemos mais conforme ao gosto que nele víamos, que não ao que realmente era verdade, mas isso foi em certas perguntas em que foi necessário ajudarmo-nos de algumas coisas fingidas, para não desfazermos o crédito que ele tinha desta nossa pátria. A primeira foi dizer-nos que lhe tinham dito os chins e léquios que Portugal era muito maior em quantidade tanto de terra como de riqueza, que todo o império da China, o que nós lhe concedemos. A segunda, que também lhe tinham certificado que tinha o nosso rei subjugado por conquista de mar, a maior parte do mundo, o que também dissemos que era verdade. A terceira, que era tão rico o nosso rei, de ouro e de prata, que se afirmava que tinha mais de duas mil casas cheias até ao telhado, e a isto respondemos que do número de duas mil casas nos não certificávamos, por ser a terra e o reino em si tamanho, e ter tantos tesouros e povos, que era impossível poder-se dizer-lhe a certeza disso. E nessas perguntas e em outras dessa maneira, nos deteve mais de duas horas, e disse para os seus:

– É certo que se não deve de haver por ditoso nenhum rei de quantos agora sabemos na terra, senão só o que for vassalo de tamanho monarca como é o imperador desta gente.

E despedindo o necodá com toda a sua companhia, nos rogou que quiséssemos ficar aquela noite com ele em terra, porque se não fartava de nos perguntar muitas coisas do mundo, a que era muito inclinado, e que pela manhã nos mandaria dar umas casas em que pousássemos junto com as suas, por ser o melhor lugar da cidade, o que nós fizemos de boa vontade, e nos mandou agasalhar com um mercador muito rico que nos banqueteou muito largamente, tanto nesta noite como em doze dias mais que pousamos com ele.

DA HONRA QUE O NAUTAQUIM FEZ A UM DOS NOSSOS
POR O VER ATIRAR COM UMA ESPINGARDA,
E DO QUE DAÍ SUCEDEU

Logo ao outro dia seguinte, este necodá chim desembarcou em terra toda a sua fazenda como o nautaquim lhe tinha mandado, e a meteu numas boas casas que para isso lhe deram, a qual fazenda toda se vendeu em três dias, tanto por ser pouca como porque estava a terra falta dela, na qual este corsário fez tanto proveito que de todo ficou restaurado da perda dos vinte e seis barcos que os chins lhe tomaram, porque pelo preço que ele queria pôr na fazenda, lha tomavam logo, de maneira que nos confessou ele que com só dois mil e quinhentos taéis que levava de seu fizera ali mais de trinta mil.

Nós os três portugueses, como não tínhamos veniaga em que nos ocupássemos, gastávamos o tempo em pescar e caçar, e ver templos dos seus pagodes que eram de muita majestade e riqueza, nos quais os bonzos, que são os seus sacerdotes, nos faziam muito gasalhado, porque toda gente do Japão é naturalmente muito bem inclinada e conversadora. No meio dessa nossa ociosidade, um dos três que éramos, de nome Diogo Zeimoto, tomava algumas vezes por passatempo atirar com uma espingarda que tinha de seu, a que era muito inclinado, e na qual era assaz destro. E acertando um dia de ir ter a um paul onde havia grande soma de aves de toda a sorte, matou nele com a munição, umas vinte e seis marrecas.

Os japões, vendo aquele novo modelo de tiros que nunca até então tinham visto, deram rebate disso ao nautaquim, que nesse

tempo andava vendo correr uns cavalos que lhe tinham trazido de fora, o qual, espantado desta novidade, mandou logo chamar o Zeimoto ao paul onde estava caçando, e quando o viu vir com a espingarda às costas, e dois chins carregados de caça, fez disso tamanho caso que em todas as coisas se lhe enxergava o gosto do que via, porque como até então naquela terra nunca se tinha visto tiro de fogo, não sabiam determinar o que aquilo era, nem entendiam o segredo da pólvora, e assentaram todos que era feitiçaria.

O Zeimoto, vendo-os tão pasmados e o nautaquim tão contente, fez perante eles três tiros em que matou um milhano e duas rolas, e para não gastar palavras no encarecimento desse negócio, e para escusar de contar tudo o que se passou nele, porque era coisa para se não crer, não direi mais senão que o nautaquim levou o Zeimoto nas ancas de um cavalo em que ia, acompanhado de muita gente, e quatro porteiros com bastões ferrados nas mãos, os quais bradando ao povo que era neste tempo sem conto, diziam:

– O nautaquim, príncipe desta Ilha de Tanixumá e senhor de nossas cabeças, manda e quer que todos vós outros, e assim os mais que habitam a terra de entre ambos os mares, honrem e venerem este chenchicogim do cabo do mundo, porque de hoje por diante o faz seu parente, assim como os facharões que se sentam junto de sua pessoa, sob pena de perder a cabeça o que isso não fizer de boa vontade.

A que todo o povo respondia:

– Assim se fará para sempre.

E chegando o Zeimoto com esta pompa mundana ao primeiro terreiro dos paços, descavalgou o nautaquim e o tomou pela mão, ficando nós os dois um bom espaço atrás, e o levou sempre junto de si até uma casa onde o sentou à mesa consigo, na qual também, para lhe fazer a maior honra de todas, quis que dormisse aquela noite, e sempre dali por diante o favoreceu muito, e a nós por seu respeito, em alguma maneira.



E entendendo então o Diogo Zeimoto que em nenhuma coisa podia melhor satisfazer ao nautaquim alguma parte dessas honras que lhe fizera, e que nada lhe daria mais gosto que lhe dar a espingarda, lha ofereceu um dia que vinha da caça com muita soma de pombas e rolas, a qual ele aceitou por peça de muito preço e lhe afirmou que a estimava muito mais que todo o tesouro da China, e lhe mandou dar por ela mil taéis de prata, e lhe rogou muito que o ensinasse a fazer a pólvora, porque sem ela ficava a espingarda sendo um pedaço de ferro desaproveitado, o que o Zeimoto lhe prometeu e lho cumpriu. E como dali por diante o gosto e passatempo do nautaquim era no exercício dessa espingarda, vendo os seus que em nenhuma coisa o podiam contentar mais que naquela de que ele mostrava tanto gosto, ordenaram mandar fazer, por aquela, outras do mesmo teor, e assim o fizeram logo. De maneira que o fervor desse apetite e curiosidade foi dali por diante em tamanho crescimento que já quando dali nos partimos, que foi dali a cinco meses e meio, havia na terra passante de seiscentas. E depois a derradeira vez que me lá mandou o Vice-Rei D. Afonso de Noronha, com um presente para o rei do Bungo, que foi no ano de 1556, me afirmaram os japões que naquela cidade do Fuchéu, que é a metrópole deste reino, havia mais de trinta mil. E fazendo eu disso grande espanto, por me parecer que não era possível que essa coisa fosse em tanta multiplicação, me disseram alguns mercadores, homens nobres e de respeito, e mo afirmaram com muitas palavras que em toda a ilha do Japão havia mais de trezentas mil espingardas, e que eles somente tinham levado de veniaga para os léquios, em seis vezes que lá tinham ido, vinte e cinco mil.

De modo que por essa só que o Zeimoto aqui deu ao nautaquim, com boa tenção e por boa amizade, e para lhe satisfazer parte das honras e mercês que tinha recebido dele, como atrás fica dito, se encheu a terra delas em tanta quantidade que não há

já aldeia nem lugar, por pequeno que seja, donde não saiam de cento para cima, e nas cidades e vilas mais notáveis, não se fala senão por muitos milhares delas. E por aqui se saberá que gente essa é, e quão inclinada por natureza ao exercício militar, no qual se deleita mais que todas as outras nações que agora se sabem.

COMO ESTE NAUTAQUIM ME MANDOU MOSTRAR
AO REI DO BUNGO, E DO QUE VI E PASSEI
ATÉ CHEGAR ONDE ELE ESTAVA

Havendo já vinte e três dias que estávamos nesta Ilha de Tanixumá, descansados e contentes, passando o tempo em muitos desfadamentos de pescarias e caças a que esses japões comumente são muito inclinados, chegou a esse porto uma nau do reino de Bungo, em que vinham muitos mercadores, os quais desembarcando em terra foram logo visitar o nautaquim com seus presentes, como têm por costume. Entre estes, vinha um homem velho e bem acompanhado, e a quem todos os outros falavam com acatamento, o qual, posto de joelhos diante do nautaquim, lhe deu uma carta, e um rico terçado guarnecido de ouro, e uma boceta cheia de abanos, que o nautaquim tomou com grande cerimônia. E depois de estar com ele um grande espaço perguntando-lhe por algumas particularidades, leu a carta para si e, entendendo a substância dela, ficou algum tanto mais carregado, e despedindo de si o que lha trouxera, mandando-o agasalhar honradamente, nos chamou para junto de si e acenou ao intérprete que estava um pouco mais afastado, e nos disse por ele:

– Rogo-vos muito, amigos meus, que ouçais esta carta que me agora deram, de El-Rei do Bungo, meu senhor e tio, e então vos direi o que quero de vós.

E dando-a a um seu tesoureiro, lhe mandou que a lesse, a qual dizia assim:

Olho direito do meu rosto, sentado a par de mim como cada um dos meus amados, Hyascarão goxo Nautaquim de Tanixumá, eu, Oregendó, vosso pai no amor verdadeiro de minhas entranhas, como aquele de quem tomastes o nome e o ser de vossa pessoa, rei do Bungo e Facatá, senhor da grande casa de Fiancima e Tosa, e Bandou, cabeça suprema dos reis pequenos das ilhas do Goto e Xamanaxeque, vos faço saber, filho meu, pelas palavras de minha boca ditas a vossa pessoa, que em dias passados me certificaram homens que vieram dessa terra, que tínheis nessa vossa cidade uns três chenchicogins do cabo do mundo, gente muito apropriada aos japões, e que vestem seda e cingem espadas, não como mercadores que fazem fazenda, senão como homens amigos de honra, e que pretendem por ela dourar seus nomes, e que de todas as coisas do mundo que lá vão por fora, vos têm dado grandes informações, nas quais afirmam em sua verdade que há outra terra muito maior que essa nossa, e de gentes pretas e baças, coisas incríveis ao nosso juízo, pelo que vos peço muito como a filho igual aos meus, que por Fingeandono, por quem mando visitar minha filha, me queirais mandar mostrar um desses três que me lá dizem que tendes, pois como sabeis, mo está pedindo a minha prolongada doença e má disposição, cercada de dores, e de muita tristeza, e de grande fastio, e se tiverem nisso algum pejo, os segurareis na vossa e na minha verdade, que logo sem falta o tornarei a mandar a salvo; e como filho que deseja agradecer a seu pai, fazei que me alegre com sua vista, e que me cumpra esse desejo. E o mais que nesta deixo de vos dizer, vos dirá Fingeandono, pelo qual vos peço que liberalmente repartais comigo de boas novas de vossa pessoa e de minha filha, pois sabeis que é ela a sobrançelha do meu olho direito, com cuja vista se alegra meu rosto. Da casa do Fuchéu, aos sete mamocos da Lua.



Depois de lida essa carta, nos disse o nautaquim:

– Esse rei do Bungo é meu senhor e meu tio, irmão de minha mãe, e sobretudo é meu bom pai, e ponho-lhe esse nome porque o é de minha mulher, pelas quais razões me tem tanto amor como aos seus mesmos filhos, e eu, pela grande obrigação que por isso lhe tenho, vos certifico que estou tão desejoso de lhe fazer a vontade, que dera agora grande parte da minha terra para que Deus me fizera um de vós outros, tanto para o ir ver como para lhe dar este gosto que eu entendo, pelo muito que sei da sua condição, que ele estimará mais que todo o tesouro da China. E já que de mim tendes entendida essa vontade, vos rogo muito que conformeis a vossa com ela, e que queira um de vós ambos ir a Bungo ver esse rei que eu tenho por pai e senhor, porque estoutro a que dei nome e ser de parente não o hei-de apartar de mim até que de todo me não ensine a atirar como ele.

Nós os dois, Cristóvão Borralho e eu, lhe respondemos que beijávamos as mãos de sua alteza pela mercê que nos fazia em se querer servir de nós, e já que nisso mostrava gosto, ordenasse qual de nós queria que fosse, porque se iria logo fazer prestes, ao que ele depois de estar um pouco pensativo na deliberação da escolha, apontando para mim, respondeu:

– Este, que é mais alegre e menos sisudo, para que agrade mais aos japões e desmelancolize o enfermo, porque gravidade pesada como a destoutro entre doentes não serve de mais que para causar tristeza e melancolia, e acrescentar o fastio a quem o tiver.

E gracejando com os seus sobre essa matéria, com alguns ditos e galantarias a que naturalmente são muito inclinados, chegou o Fingeandono, ao qual me ele logo entregou com palavras de muito encarecimento acerca da segurança de minha pessoa, de que eu me tive por muito satisfeito, e fiquei fora de alguns receios que antes se me apresentavam, pelo pouco conhecimento que até então tinha dessa gente, e me mandou dar duzentos taéis para o

caminho, com os quais me fiz prestes o mais depressa que pude, e nos partimos, o Fingeandono e eu, em uma embarcação de remo a que eles chamam funce. E atravessando em uma só noite daqui desta Ilha de Tanixumá, fomos amanhecer no rosto da terra, em uma angra de nome Hiamangó, e daí a uma boa cidade a que chamavam Quangixumá, e, velejando assim por nossa rota com monção tendente de ventos bonançosos, chegamos ao outro dia a um lugar nobre de nome Tanorá, e deste fomos ao outro dia dormir ao outro que se chamava Minato, e daí a Fiungá. E fazendo assim nossos pousas em terra cada dia, onde nos províamos de bons refrescos, chegamos a uma fortaleza de El-Rei do Bungo, chamada Osquy, a sete léguas da cidade, na qual fortaleza esse Fingeandono se deteve dois dias porque o capitão dela, que era seu cunhado, estava muito doente.

Aqui deixou a embarcação em que tínhamos vindo e nos fomos por terra para a cidade.

Chegamos ao meio-dia, e por não ser tempo de poder falar a El-Rei, foi descer à sua casa onde da mulher e dos filhos foi muito bem recebido, e a mim me fizeram muito gasalhado. E depois que jantou e descansou do trabalho do caminho, se pôs de vestidos de corte, e com alguns parentes seus se foi ao paço e me levou consigo a cavalo. El-Rei, sabendo da sua vinda, o mandou receber ao terreiro do paço por um seu filho moço, ao que parecia, de nove até dez anos, o qual vinha acompanhado de muita gente nobre, e ele vinha ricamente vestido, com seus porteiros de maças adiante; e tomando o Fingeandono pela mão, lhe disse com rosto alegre e bem assombrado:

– A tua entrada nesta casa de El-Rei meu senhor seja de tamanha honra e contentamento para ti que merecerão teus filhos, por serem teus filhos, comer à mesa comigo nas festas do ano.

A que ele, prostrado por terra, respondeu:

– Os moradores do céu, de quem, senhor, aprendeste a ser tão bom, respondam por mim, ou me deem língua de réstia de sol



para gratificar com música alegre a tuas orelhas, essa grande honra que me agora fazes, por tua grandeza, porque sem isso pecarei se falar, como os ingratos que habitam no mais baixo lago da cônica escura da casa do fumo.

E com isso, arremetendo ao terçado que o menino tinha na cinta, para lho beijar, ele lho não consentiu, mas tomando-o pela mão, acompanhado daqueles senhores que com ele vieram, o levou consigo até o meter na casa onde El-Rei estava, o qual, ainda que jazesse na cama doente, o recebeu com outra nova cerimônia de que me escuso de dar relação, para não fazer a história prolixa. E depois que leu a carta que ele trouxe do nautaquim, e lhe perguntar por algumas novas particularidades de sua filha, lhe disse que me chamasse, porque a esse tempo estava eu um pouco afastado atrás. Ele me chamou logo e me apresentou a El-Rei, o qual, fazendo-me gasalhado, me disse:

– A tua chegada a esta terra de que eu sou senhor seja ante mim tão agradável como a chuva do céu no meio do campo dos nossos arrozes.

Eu, achando-me assaz embaraçado com a novidade daquela saudação e daquelas palavras, lhe não respondi por então coisa alguma. Ele, então, olhando para os senhores que estavam presentes, lhes disse:

– Sinto turvação nesse estrangeiro, e será por ver tanta gente, de que pode ser que venha desacostumado, pelo que será bom deixarmos isso para outro dia, porque se fará mais à casa e não estranhará ver-se no que agora se vê.

A isso respondi eu então pelo meu intérprete, que levava muito bom, que quanto ao que sua alteza dizia de me sentir turvado, lhe confessava, mas não por causa da muita gente de que me via cercado, porque já outras vezes tinha visto outra em muito maior quantidade, mas que quando eu imaginava que me via diante dos seus pés, isso só bastava para eu ficar mudo cem mil anos, se

tantos tivera de vida, porque os que estavam à roda eram homens como eu, porém sua alteza o fizera Deus em tão alto grau avantajado a todos, que logo quisera que fosse senhor e os outros fossem servos, e que eu fosse formiga tão pequena em comparação da sua grandeza, que por ser pequeno nem ele me enxergasse nem eu soubesse responder a suas perguntas.

Da qual tosca e grosseira resposta, todos os que estavam presentes fizeram tamanho caso que batendo as palmas a modo de espanto, disseram para El-Rei:

– Vê, vossa alteza, como fala a propósito? Não deve este homem ser mercador que trate em baixeza de comprar e vender, senão bonzo pregador que ministre sacrifício ao povo, um homem que se criou para corsário do mar.

A que El-Rei respondeu:

– Tendes razão, e a mim assim mo parece, mas já que largou os fechos à covardia, vamos adiante com nossas perguntas, e ninguém fale nada, porque eu só quero ser o que pergunte, que vos afirmo que tenho gosto de falar com ele, tanto que quiçá comerei daqui a um pouco, qualquer bocado, porque não sinto agora nenhuma dor em mim.

De que a rainha e suas filhas que estavam junto com ele, com grande contentamento e com os joelhos em terra, levantaram as mãos ao céu e deram a Deus muitas graças por aquela mercê que lhes fizera.

DE UM DESASTRE QUE NESTA CIDADE ACONTECEU
A UM FILHO DE EL-REI, E DO PERIGO
EM QUE EU POR ISSO ME VI

El-Rei me mandou logo chegar para junto da camilha em que estava deitado assaz enfermo e atribulado de gota, e me disse:

– Rogo-te que te não enfades de estar junto de mim, porque folgo de te ver e de falar contigo, e que me digas se sabes alguma mezinha lá dessa terra do cabo do mundo, para essa enfermidade que me tem aleijado, ou para o fastio, porque vai em dois meses que não posso comer coisa nenhuma,

A que respondi que eu não era médico nem aprendera essa ciência, mas que no junco em que eu viera da China, vinha um pau cuja água curava muito maiores enfermidades que aquela de que se ele queixava, e que se o tomasse teria logo saúde, sem falta nenhuma, o que ele folgou muito de ouvir. E querendo pôr em efeito curar-se com ele, o mandou buscar a Tanixumá onde o junco estava, e se curou com ele, e foi logo são em trinta dias, havendo já dois anos que daquela enfermidade estava entevado na cama sem se poder bulir nem mandar os braços.

Vinte dias contínuos depois que cheguei a essa cidade, Fuchéu, passei muito a meu gosto, ora em responder a várias perguntas que El-Rei, a rainha, o príncipe e os senhores me faziam, como gente que não tinha notícia de haver mais mundo que Japão, e não me detenho em dar relação do que eles perguntavam e eu respondia, porque como tudo eram coisas de pouca substância,

parece-me que não servirá de mais que de encher papel com coisas que deem mais fastio que gosto; ora em ver as suas festas, as suas casas de oração, os seus exercícios de guerra, os seus navios de armada, e as suas pescarias e caças a que são muito afeiçoados, principalmente às de altanaria com falcões e açores ao nosso modo, e algumas vezes passava também o tempo com a minha espingarda matando muitas rolas, e pombos, e codornizes, de que a terra era bem abastada.

Os desta terra, para quem este modo de tiro de fogo foi coisa tão nova como para os de Tanixumá, vendo uma coisa que até então não tinham visto, foi tamanho o caso que fizeram disso que o não sei encarecer. O segundo filho de El-Rei, de nome Arichandono, moço de dezesseis até dezessete anos, e a quem ele era muito afeiçoado, me requereu algumas vezes que o quisesse ensinar a atirar, de que me eu escusei sempre, dizendo que havia mister muito tempo para o aprender. Porém, ele não aceitando essa minha razão, fez queixume de mim a seu pai, o qual, para o comprazer, me rogou que lhe desse um par de tiros para lhe satisfazer aquele apetite; a que respondi que dois, e quatro, e cento, e quantos sua alteza mandasse. E porque ele neste tempo estava comendo com seu pai, ficou para depois que dormisse a sesta, o que ainda aquele dia não teve efeito porque foi aquela tarde com a rainha sua mãe a um pagode de grande romagem, onde se fazia uma festa pela saúde de El-Rei.

E logo ao outro dia seguinte, que foi um sábado, véspera de Nossa Senhora das Neves, veio pela sesta à casa onde eu estava, sem trazer consigo mais que só dois moços fidalgos, onde me achou dormindo sobre uma esteira; e vendo estar a espingarda pendurada, não me quis acordar, com o propósito de atirar primeiro um par de tiros, parecendo-lhe como ele depois dizia que naqueles que ele tomava não se entenderiam os que lhe eu prometera. E mandando a um dos moços fidalgos que fosse muito

caladamente acender o morrão, tirou a espingarda donde estava, e, querendo-a carregar como algumas vezes me tinha visto fazer, como não sabia a quantidade de pólvora que lhe havia de lançar, encheu o cano em comprimento de mais de dois palmos, e lhe meteu o pelouro, e a pôs ao rosto e apontou para uma laranjeira que estava defronte; e pondo-lhe o fogo, quis a desventura que reventou por três partes, e deu nele, e lhe fez duas feridas, uma das quais lhe decepou quase o dedo polegar da mão direita, de que o moço logo caiu no chão como morto, o que vendo os dois que com ele estavam, foram fugindo a caminho do paço, e, gritando pelas ruas, iam dizendo: “A espingarda do estrangeiro matou o filho de El-Rei!” – a cujas vozes se levantou um tamanho tumulto na gente, que toda a cidade se fundia, acudindo com armas e grandes gritas à casa onde o pobre de mim estava, e já então como Deus sabe, porque acordando eu com essa revolta e vendo jazer o moço no chão junto de mim, ensopado todo em sangue, sem acudir a pé nem a mão, abracei com ele já tão desatinado e fora de mim, que não sabia onde estava. Nesse tempo chegou El-Rei debruçado sobre uma cadeira que quatro homens traziam aos ombros, e ele tão coado que não trazia cor de homem vivo, e a rainha a pé, abraçada a duas mulheres, e ambas as filhas da mesma maneira, em cabelo, cercadas de grande quantidade de senhoras e gente nobre, as quais vinham todas como pasmadas, e entrando todos na casa, e vendo jazer o moço no chão como morto e eu abraçado com ele, ensopados ambos em sangue, assentaram todos totalmente que eu o matara, e arremetendo dois dos que ali estavam, a mim, com os terçados nus nas mãos, me quiseram logo matar; porém El-Rei bradou riço, dizendo:

– Ta, ta, ta, inquiramos primeiro, porque suspeito que vem essa coisa de mais longe, porque pode ser que peitassem esse homem alguns parentes dos tredos de que o outro dia mandei fazer justiça.



E chamando então os dois moços fidalgos que se acharam ali com seu filho, os inquiriu com grandes perguntas, a que responderam que a minha espingarda o matara com uns feitiços que tinha dentro do cano, a que os circunstantes disseram com uma grita muito grande:

– Para que, senhor, ouvir mais? Dê-se-lhe logo, cruel morte.

Com isso, mandaram logo a grande pressa chamar o Jurubaca, que era o intérprete por quem eu me entendia com eles, que neste tempo também era fugido com medo, e o trouxeram preso diante de El-Rei, e perante ele e toda a justiça lhe fizeram um preâmbulo de muitos ameaças se não falasse verdade, a que ele, tremendo e chorando, respondeu que ele a diria. Então fizeram logo vir três escritvães e cinco algozes com terçados em ambas as mãos desembainhados, e eu já neste tempo estava com as minhas atadas, e posto em joelhos diante deles. E o bonzo Asquerão teixe, que era o presidente da justiça, com os braços arregaçados e uma gomia tinta no sangue do mesmo moço na mão, me disse:

– Eu te esconjuro como filho do diabo, que és, e culpado nesse crime tão grave como os habitantes da casa do fumo metidos na cônica funda do centro da terra, que aqui em voz alta que todos te ouçam, me digas qual foi a causa por que quiseste que a tua espingarda com feitiçarias matasse esse inocente menino que todos tínhamos por cabelos de nossa cabeça?

A que eu por então não respondi palavra, por estar tão fora de mim, que ainda que me matassem, cuidando que o não sentiria. Porém, ele com semblante feroz e irado me tornou a dizer:

– Se não responderes às minhas perguntas, te dou por condenado à morte de sangue, e fogo, e água, e assopro de vento, para nos ares seres despedaçado como pena de ave morta que se divide em muitas partes.

E com isso me deu um grande coice para que despertasse, e me tornou a dizer:



– Fala, confessa de quem foste peitado, quanto te deram, e como se chamam, e onde vivem?

Ao que eu, algum tanto já mais desperto, respondi que Deus o sabia, e a ele tomava por juiz dessa causa. Ele, contudo, não contente com o que tinha feito, me fez outros muitos ameaços de novo e me pôs diante outros muitos espantos e terribilidades, em que se gastou espaço de mais de três horas, dentro das quais prouve a Nosso Senhor que o moço tornou a si, e vendo seu pai e sua mãe junto de si banhados em lágrimas, lhes disse que lhes pedia muito que não chorassem, nem demandassem a ninguém a sua morte, porque só ele fora a causa dela, e que eu não tinha culpa nenhuma, pelo que lhes tornava a pedir muito pelo sangue em que o viam banhado, que me mandassem logo soltar, e senão que tornaria a morrer de novo; e El-Rei me mandou tirar logo as prisões com que os algozes me tinham atado.

Nesse tempo chegaram quatro bonzos para o curarem, e vendo-o da maneira que estava, e com o polegar pendurado, fizeram tamanho caso disso que o não sei dizer, o que ouvindo o moço, começou a dizer:

– Tirem-me esses diabos de diante, e tragam-me outros que me não digam da maneira em que estou, pois foi Deus servido que estivesse eu dessa maneira.

E despedindo logo esses quatro, vieram outros, os quais se não atreveram a curar as feridas, e assim o disseram a seu pai, de que ele ficou assaz triste e desconsolado, e tomando sobre isso o parecer dos que estavam com ele, lhe aconselharam que devia mandar chamar um bonzo de nome Teixe andono, muito afamado entre eles, que estava então na cidade de Facatá, que era dali a setenta léguas, a que o moço ferido, respondeu:

– Não sei que diga a esse conselho que dais a meu pai, estando eu da maneira que todos vedes, porque quando haveria já de ser curado para se me estancar o sangue, quereis que espere por um



velho podre que está daqui a cento e quarenta léguas de ida e vin-
da, que primeiro que cá chegue se passará um mês. Desafrontai
esse estrangeiro e segurai-o do medo que lhe tendes posto, e des-
pejem essa casa, que ele me curará como souber, porque antes
quero que me mate um homem que tanto tem chorado por mim,
como esse coitado, que é o bonzo de Facatá, de 92 anos e sem vista
nos olhos.

DO QUE MAIS PASSEI NO NEGÓCIO DESTE MOÇO,
E COMO ME EMBARQUEI PARA TANIXUMÁ,
E DAÍ PARA LIAMPÓ, E DO QUE ME ACONTECEU
DEPOIS QUE AÍ CHEGUEI

O desconsolado rei, que a esse tempo estava como pasmado de ver seu filho daquela maneira, voltando para mim o rosto, me disse com muita brandura:

– Rogo-te que vejas se me podes valer nesse perigo em que vejo meu filho, porque te afirmo que se assim o fizeres, eu te terei também como a filho, e te darei quanto me pedires, se mo deres são.

Eu lhe respondi que mandasse sua alteza àquela gente que se fosse, porque me turvava com medo da vozearia que fazia, e eu veria que tais eram as feridas, e se me atrevesse a curá-la, o faria de muito boa vontade, o que El-Rei logo fez. E chegando-me eu então ao moço, lhe olhei as feridas e vi que não eram mais que duas, uma acima da testa, a qual ainda que fosse comprida não era perigosa, e outra na mão direita, que não tinha mais que somente o dedo polegar meio dependurado. E dando-me ali Nosso Senhor um novo esforço, disse a El-Rei que se não agastasse sua alteza porque eu esperava em Deus que lhe daria seu filho são em menos de um mês.

E começando eu logo a me pôr em tom de o curar, foi El-Rei muito repreendido pelos bonzos por consentir nisso, e lhe disseram que sem falta nenhuma seu filho morreria naquela noite, pelo que lhe seria melhor a ele mandar-me cortar a cabeça, que querer que lhe tornasse outra vez a matar seu filho, porque se assim fosse, como estava claro que havia de ser, ficava a sua morte



muito infamada, e El-Rei tido em muito má conta por todos os seus. El-Rei lhes respondeu que bem via quanta razão tinham no que lhe diziam, pelo que lhes rogava que lhe aconselhassem o que então devia fazer, a que eles disseram que esperasse pelo bonzo Teixeira andono e não tomasse outro conselho, porque por ele ser mais santo que todos, lhe afirmavam que só com lhe pôr a mão lhe daria saúde, como já fizera a outros muitos, de que eles eram testemunhas.

Determinado já El-Rei em aceitar esse maldito conselho desses servos do diabo, o moço se começou a queixar que lhe doíam muito as feridas, e que em todo o caso lhe acudissem logo de qualquer maneira que quisessem, porque não podia sofrer as dores.

El-Rei, com isso, tornou de novo a tomar os pareceres dos que ali ficaram com ele, e lhes rogou a todos muito que, vista por uma parte a contradição dos bonzos, e por outra o grande perigo em que seu filho estava e as grandes dores que sentia, lhe aconselhassem o que fariam nessa perplexidade em que se não sabia determinar; e eles todos lhe disseram que muito melhor era ser curado logo que esperar o tempo que os bonzos diziam. El-Rei lhes aprovou esse conselho por melhor e mais acertado, e como tal lho aceitou e agradeceu. E tornando a continuar comigo, me fez de novo muitos afagos e me prometeu me fazer muito rico se lhe desse saúde a seu filho. A que eu, com as lágrimas nos olhos, respondi que eu o faria com tanto cuidado como sua alteza veria.

E encomendando-me a Deus, e fazendo (como se diz) das tripas coração, por ver que não tinha ali outro remédio, e que se assim o não fizesse me haviam de cortar a cabeça, preparei tudo o que era necessário para a cura, e comecei logo pela ferida da mão, por me parecer a mais perigosa, e lhe dei nela sete pontos, mas se fosse curado por mão de cirurgião quiçá que muitos menos lhe bastariam; e na ferida da testa, por ser mais pequena, lhe dei cinco somente e lhe pus em cima suas estopadas de ovos, e lhas ate





muito bem, como algumas vezes vira fazer na Índia; e aos cinco dias lhe cortei os pontos, e continuando assim com a minha cura, quis Nosso Senhor que dentro de vinte dias ele foi são, sem lhe ficar mais mal que só um pequeno esquecimento no dedo polegar, pelo que El-Rei e todos os senhores dali por diante me fizeram sempre muito gasalhado, e muita honra, e o mesmo me fizeram a rainha e suas filhas, as quais me deram muitas peças de vestidos de seda, e os senhores me deram terçados e abanos, e El-Rei me deu seiscentos taéis, de maneira que ainda a cura me montou a mais de mil e quinhentos cruzados que de lá trouxe.

Neste tempo, sendo eu avisado por carta dos dois portugueses que ficaram em Tanixumá, que o corsário chim com quem ali viéramos, se fazia prestes para partir para a China, dei conta disso a El-Rei e lhe pedi licença para me tornar, a qual me ele deu muito levemente e com palavras de muitos agradecimentos pela cura de seu filho.

E mandando-me logo equipar uma funce de remo, apercebida de todo o necessário, e com vinte criados seus, e um homem nobre por capitão dela, me parti desta cidade do Fuchéu um sábado pela manhã, e à sexta-feira seguinte, sol-posto, chegamos a Tanixumá onde achei os meus dois companheiros que me receberam com assaz de alegria.

Aqui nos detivemos mais quinze dias, em que o junco de todo acabou de se fazer prestes, e nos partimos para Liampó, um porto de mar do reino da China, de que atrás fiz larga menção, onde os portugueses naquele tempo tinham seu trato; e velejando por nossa rota, prouve a Deus que chegamos a ele em salvamento, onde pelos moradores da terra fomos muito bem recebidos, os quais, havendo por coisa nova virmos nós daquela maneira entregues à pouca verdade dos chins, nos perguntaram de que terra vínhamos e onde nos embarcáramos com ele, a que respondemos conforme à verdade do que se passava, e lhes demos conta de toda

a nossa viagem e da nova terra do Japão que tínhamos descoberto, e da grande quantidade de prata que nela havia, e do muito proveito que se fizera nas fazendas da China, de que todos ficaram tão contentes que não cabiam em si de prazer, e logo ordenaram uma devota procissão para darem graças a Nosso Senhor por tamanha mercê, e nela foram da igreja maior que era de Nossa Senhora da Conceição, até outra de Santiago, que estava no cabo da povoação, onde houve missa e pregação. Acabada esta tão pia e tão santa obra, começou logo a cobiça a entrar nos corações dos mais dos homens daquela povoação, de tal maneira, por querer cada um deles ser o primeiro que fizesse essa viagem, que vieram uns e outros a se dividirem e se porem em bandos, e com as armas na mão atravessar cada um as fazendas todas da terra, donde nasceu que, vendo os mercadores chins essa tão nova e desordenada cobiça, onde o pico de seda valia naquele tempo quarenta taéis, veio em só oito dias a subir ao preço de cento e sessenta, e ainda assim a tomavam à força e de muito má feição. E com essa sede e desejo de interesse, em só quinze dias se fizeram prestes nove juncos que então no porto estavam, e todos tão mal negociados e tão mal apercebidos que alguns deles não levavam pilotos mais que só os donos deles, que nenhuma coisa sabiam daquela arte, e assim se partiram todos juntos um domingo pela manhã, contra o vento, contra monção, contra maré e contra razão, e sem nenhuma lembrança dos perigos do mar, mas tão contumazes e tão cegos nisso, que nenhum inconveniente se lhes punha diante; e num desses ia eu também.

Dessa maneira velejaram assim às cegas aquele dia por entre as ilhas e a terra firme, e à meia-noite, com uma cerração de grande chuva e tempestades que lhes sobreveio, deram todos por cima do parcel de Gotom, que está em trinta e oito graus, com o que, dos nove juncos escaparam só dois por grande milagre, e sete se perderam todos sem de nenhum deles se salvar uma só



pessoa, a qual perda foi orçada em mais de trezentos mil cruzados de fazenda, fora outra maior de seiscentas pessoas que neles morreram, em que entraram cento e quarenta portugueses, todos honrados e ricos. Os dois juncos que escapamos milagrosamente, seguimos por nossa rota e ambos em uma conserva fomos tanto avante como a ilha dos léquios, e ali com a conjunção da Lua nos deu tamanho contraste de vento nordeste que nunca mais nos vimos um ao outro, e lá quase sobre a tarde nos saltou o vento a oés-noroeste, com o que os mares ficaram tão cavados, e com escarcéu e vagas tão altas que era coisa espantosíssima de ver.

O nosso capitão que se chamava Gaspar de Melo, homem fidalgo e muito esforçado, vendo que o junco ia já aberto de popa e com nove palmos de água no porão da segunda coberta, assentou com parecer dos oficiais, cortar ambos os mastros, porque nos abriam o junco, e conquanto isso se fizesse com todo o tento e resguardo possível, não pôde ser tanto a nosso salvo que a árvore grande não levasse debaixo de si catorze pessoas, em que entraram cinco portugueses, os quais ficaram ali amassados, rebentando cada um deles por mil partes, que foi uma coisa lastimosíssima de ver, e que a todos nos derrubou os espíritos de tal maneira que ficamos como pasmados.

E crescendo contudo a tormenta cada vez mais, nos deixamos ir com assaz de trabalho, ao som do mar até quase ao sol-posto, em que o junco acabou de se abrir de todo.

Vendo então o capitão e toda a mais gente o triste estado em que os nossos pecados nos tinham posto, nos socorremos a uma imagem de Nossa Senhora, à qual pedimos com muitas lágrimas e muitas gritas que nos alcançasse do seu bento filho, perdão de nossos pecados, porque da vida não havia já quem fizesse conta. Dessa maneira passamos a maior parte da noite, e com meio junco alagado corremos até o quarto da modorra rendido, em que varamos por cima de uma restinga, na qual logo às primeiras pancadas

se fez em pedaços, em que morreram sessenta e duas pessoas, uns afogados e outros esborrachados debaixo da quilha, coisa de tanta dor e lástima, quanta os bons entendimentos podem imaginar.

DO QUE PASSAMOS ESSES QUE ESCAPAMOS DESTA
NAUFRÁGIO, DEPOIS QUE FOMOS EM TERRA

Os poucos que escapamos deste miserável naufrágio, que não foram mais que vinte e quatro, fora algumas mulheres, logo que a manhã foi clara conhecemos que a terra em que estávamos era do Léquio grande, pelas mostras da ilha do fogo e a Serra de Taydacão, e ajuntando-nos todos assim feridos como estávamos, de muitas cutiladas das ostras e das pedras que havia na restinga, encomendamo-nos a Nosso Senhor com muitas lágrimas, começamos a caminhar metidos na água até os peitos, e alguns lugares atravessamos a nado; e dessa maneira caminhamos cinco dias contínuos com tanto trabalho quanto a mesma coisa dá a entender, sem em todos eles acharmos coisa que comêssemos senão alguns limos do mar, e no fim desses dias prouve a Nosso Senhor que chegamos a terra, e caminhando pelo mato nos deparou a divina providência o mantimento de umas ervas que nesta nossa terra se chamam azedas, de que comemos três dias que ali estivemos, até que fomos vistos por um moço que andava guardando gado, o qual logo que nos viu, correndo pela serra acima, foi dar rebate de nós a uma aldeia que estava dali a um quarto de légua, o que, sabido pelos moradores dela, apelidaram logo toda a comarca com grande vozeria de tambores, e búzios, de maneira que no espaço de três ou quatro horas, se juntaram passante de duzentas pessoas, de que catorze eram a cavalo; e logo que houveram vista de nós, se dividiram em dois magotes,



e vieram direitos a nós. O nosso capitão, vendo esse triste e miserável estado em que a desventura nos tinha posto, se sentou em joelhos e com muitas palavras nos começou a animar e a lembrar-nos que nenhuma coisa se movia sem a vontade divina, pelo que, como cristãos, devíamos entender que Nosso Senhor se havia por servido de ser aquela a nossa hora derradeira, e que pois assim era, nos conformássemos todos com a sua vontade, tomando com muita paciência de sua mão aquela tão desastrada morte, pedindo-lhe de todo o nosso coração e com muita eficácia, perdão dos pecados da vida passada, porque ele confiava em sua misericórdia que gemendo nós todos, como a sua santa lei nos obrigava, se não lembraria deles naquela hora.

E levantando com isso as mãos e a voz ao céu, disse por três vezes, com muitas lágrimas: “Senhor Deus misericórdia!” – com as quais vozes se levantou em todos uma grande grita de um cristão e devoto pranto, que com verdade posso afirmar que o que então menos se sentia era aquilo que naturalmente mais se teme.

E estando assim todos nesse trabalhoso lance, chegaram a nós seis a cavalo, e vendo-nos assim nus, e sem armas, e com os joelhos em terra, e duas mulheres mortas diante de nós, houve tamanha piedade que, voltando quatro deles para a gente a pé que vinha atrás, os fizeram parar a todos, sem consentirem que nenhum nos fizesse mal, e tornaram logo trazendo consigo seis daqueles a pé que pareciam ser ministros de justiça, ou pelo menos daquela que então cuidávamos que Deus queria que se fizesse de nós, e estes, por mandado dos a cavalo, nos ataram a todos de três em três e com mostras de piedade nos disseram que não houvéssimos medo, porque El-Rei dos Léquios era homem muito temente a Deus, e inclinado por natureza aos pobres, aos quais fazia sempre grandes esmolas, pelo que nos afirmavam em verdade, e juravam por sua lei, que nos não havia de fazer nenhum mal, as quais consolações, ainda que nas mostras de fora nos parecessem



algum tanto piedosas, contudo não nos satisfizeram nada, porque já a este tempo estávamos tão desconfiados da vida, que ainda que no-lo dissessem pessoas em quem tivéssemos muita confiança, piedosamente lha crêramos, quanto mais gentios cruéis, e tiranos, e sem lei nem conhecimento de Deus.

Logo que nos tiveram atados, a gente a pé nos fechou a todos no meio, e os a cavalo iam adiante correndo de uma parte para a outra, a modo de rondas. E começando nós a caminhar, umas três mulheres que ainda levávamos vivas, ou para melhor dizer, mais que mortas, se não puderam dali bulir, de pasmadas, com muitos desmaiões, tanto de fraqueza como de medo, pelo que foi forçoso aos a pé levarem-nas ao colo, revezando de uns nos outros; e antes que chegássemos ao lugar, expiraram duas delas, que ficaram ali no mato nuas, e sujeitas a serem comidas pelos bichos e pelos adibes, e lontras, de que ali tínhamos visto grande quantidade. E já quase ao sol-posto chegamos a um grande lugar de mais de quinhentos vizinhos, chamado Sipautor, no qual fomos logo metidos dentro de um pagode, que era um templo da sua adoração, cercado em roda de parede muito alta, e vigiados por mais de cem homens, que com gritas e estrondos de muitos tangeres, nos velaram toda aquela noite, em que cada um de nós teve o repouso que o tempo e o estado em que estávamos de si nos davam.



COMO FOMOS LEVADOS À CIDADE DE PONGOR,
E APRESENTADOS AO BROQUÉM DA JUSTIÇA DO REINO

Ao outro dia, depois de ser manhã clara, nos vieram visitar as mulheres honradas daquele lugar, e por obra de caridade nos trouxeram muito arroz e peixe cozido, e algumas frutas da terra para que comêssemos, mostrando nas palavras que diziam e nas lágrimas que derramaram, condoerem-se muito da nossa triste miséria. Estas, vendo também quão faltos todos estávamos de vestidos, porque naquele tempo tínhamos sobre nós muito pouco ou nada mais que o que trouxéramos dos ventres de nossas mães, foram seis delas, que todas entre si escolheram, a pedir com grandes vozes por todas as ruas, dizendo:

– Ó gentes que professais a lei do Senhor cuja condição é (se se pode dizer) ser pródigo para conosco, em nos comunicar seus bens, saí do encerramento de vossas paredes a verdes carne da nossa carne tocada por ira da mão do Senhor poderoso, e socorrê-la com vossas esmolas, para que a misericórdia de sua grandeza vos não desampare como a eles.

A cujas vozes foi tanta a esmola que a gente lhes dava, que em menos de uma hora fomos todos providos do necessário em muita abundância.

Passadas as três horas depois do meio-dia, chegou correndo a grande pressa um correio a cavalo, que deu uma carta ao xivalém do lugar, que era o capitão daquela gente, o qual logo que a leu, mandou tocar dois tambores a modo de repique, com o que se



juntou todo o povo em um grande templo do seu pagode, e ele de uma janela lhe fez uma fala em que lhe deu conta do que mandava o broqué, governador do reino, e que era que nos levassem à cidade de Pongor, que estava dali a sete léguas, o que os mais deles recusaram por seis ou sete vezes, e sobre isso tiveram grandes debates, de maneira que naqueles dias se não tomou assento em coisa nenhuma, mais que somente tornar-se a mandar o correio ao broqué, com recado do que se passava, pelo que foi forçoso terem-nos ali metidos até ao outro dia às oito horas, em que vieram dois peretandas, que são como corregeadores, com muita gente da cidade, em que entravam vinte a cavalo, e entregando-se de nós com grandes assentos que fizeram sobre isso por escritões públicos, se partiram logo aquele mesmo dia, no qual, já quase noite chegamos a uma vila que se chamava Gundexilau, na qual fomos metidos em uma masmorra feita como cisterna debaixo do chão, onde estivemos aquela noite com grandíssimo trabalho em um charco de água em que havia infinidade de sanguessugas, das quais todos ficamos assaz ensanguentados.

Ao outro dia, já manhã clara, nos levaram para a cidade, à qual chegamos às quatro horas depois do meio-dia, e por ser já tarde nos não viu então o broqué, nem nos viu senão dali a três dias, em que assim presos nos mandou levar perante si, pelas principais quatro ruas da cidade, em que havia grandíssima cópia de gente, a qual, no que de fora parecia, mostrava ter piedade e compaixão de nossa miséria e desventura, principalmente as mulheres.

Dessa maneira chegamos à casa da audiência, em que estava a guarda dos ministros da justiça, onde nos detiveram um grande espaço, porque ainda a este tempo não eram horas de fazer negócio, mas chegada a hora se deram três pancadas num sino e se abriu outra porta que estava defronte, pela qual nos mandaram entrar em uma grande casa onde estava o broqué sentado em uma tribuna ornada de panos de seda com um dossel de brocado,

e seis porteiros de maças ao redor, postos de joelhos, e embaixo, ao longo das paredes de toda a casa, estavam muitos homens armados com alabardas tauxiadas de ouro e prata; e em todo o mais corpo da casa, muita outra gente de diversas nações que até então não tínhamos visto naquelas partes.

E feito silêncio no rumor que essa gente fazia, nos prostramos assim como íamos, diante da tribuna em que estava o broqué, ao qual dissemos chorando:

– Pedimos-te, senhor, pelo Deus que fez o céu e a terra, debaixo de cujo poder todos estamos, que por ele te movas à piedade da nossa triste fortuna, porque já que as ondas do mar nos puseram nesse estado de tamanha desventura, nos ponha a tua boa inclinação em outro melhor diante de El-Rei, para que se mova a ter piedade de nós, porque somos pobres estrangeiros a quem faltou o favor e o remédio do mundo, por assim o permitir Deus, por nossos pecados.

Ao que ele, olhando para os que estavam à roda, depois de fazer alguns meneios com a cabeça, lhes disse:

– Que vos parece a vós outros, essa gente? Fala de Deus como quem tem notícia da sua verdade. Algum grande mundo deve haver nesse criado, de que não temos ainda notícia, e pois conhecem a fonte dos bens, razão será que se use com eles conforme às lágrimas com que o pedem.

E virando-se então para nós, que a esse tempo estávamos todos prostrados no chão, e com as mãos levantadas como quem adora a Deus, nos disse:

– Hei tamanha piedade da vossa miséria, e tenho tamanha dor da vossa pobreza, que vos certifico em boa verdade, e assim me ela valha diante de El-Rei, que mais quisera agora se cada um de vós outros, com ter em mim o que vejo em vós, que esse cargo que por meus pecados agora tenho, porque temo muito escandalizar-vos, o que por nenhum caso queria fazer; porém, já que há-de ser

de necessidade, porque há-de ser forçoso cumprir eu com o que devo, vos rogo como a amigos que vos não espanteis de vos eu fazer algumas perguntas necessárias ao bem da justiça. E quanto ao mais que competir à vossa soltura, se Deus me der vida, vós a tereis, e podeis descansar nessa minha promessa, porque sei de El-Rei, meu senhor, quão real condição tem para os pobres como vós outros.

As quais promessas lhe nós então agradecemos com uma grande quantidade de lágrimas, porque neste tempo estávamos todos tais, que de nenhuma maneira lhe pudemos responder por palavras.

DAS PERGUNTAS QUE NOS FIZERAM E DO QUE A ELAS
RESPONDEMOS, E DO MAIS QUE ENTÃO SUCEDEU

O broquém mandou vir logo diante de si quatro escri-
vães e os dois peretandas da corte, que são como corre-
gedores, como já disse, e outros dez ou doze ministros da justiça,
e levantando-se em pé com semblante colérico e um terçado nu
na mão, nos começou a perguntar com voz isenta e um pouco alta
para que todos o ouvissem, dizendo:

– Eu, o Pinachilau broquém desta cidade de Pongor, por von-
tade daquele que todos temos por cabelos das nossas cabeças, rei
da nação léquia e de toda esta terra de ambos os mares, onde as
águas doces e salgadas dividem as minas dos seus tesouros, vos
admoesto e mando com rigor e força da minha palavra, que me
digais com coração limpo e claro, que gente sois ou de que nação,
e qual é a vossa terra e como se chama.

A que respondemos toda a verdade que éramos portugueses
naturais de Malaca. E ele nos disse:

– Pois quem vos trouxe a esta nossa terra, ou para onde íeis
quando vos perdestes?

E nós lhe respondemos que por sermos mercadores e termos
por ofício tratar com nossas fazendas, nos embarcáramos no reino
da China, do porto de Liampó para Tanixumá, onde já tínhamos
ido algumas vezes, e que sendo tanto avante como a ilha do fogo,
nos dera uma tamanha tormenta que não podendo pairar o mar,
nos fora forçoso correr em popa ao som do vento, três dias com



suas noites, no fim dos quais varáramos com o junco por cima da restinga de Taydacão, onde de noventa e duas pessoas que éramos, se afogaram logo sessenta e oito, e nós os vinte e quatro que ali via diante de si, nos salvara Deus milagrosamente, sem outra coisa mais que só aquelas chagas que via nos nossos corpos. A que ele replicou dizendo:

– E a que título possuíis tantas riquezas de sedas e peças, quantas o mar deu às nossas gentes, desse vosso junco? que segundo tenho sabido, valem mais de cem mil taéis, pelo que me parece incrível poderem homens adquirir bem tanta soma de riqueza, sem intervirem nisso roubos, os quais, pela ofensa grave que com eles se faz a Deus, são mais ofício dos servos da serpe da casa do fumo, que dos da casa do Sol, onde os justos e de coração limpo se banham com cheiros suaves no tanque das águas do alto Senhor.

E nós lhe respondemos a isso que sem falta nenhuma éramos mercadores, e não ladrões, como por tantas vezes nos tinha apontado, porque o Deus em que críamos nos vedava em sua santa lei o matar e o furto. A que ele, olhando para os circunstantes, disse:

– Se estes falam verdade, podemos dizer que são como nós, e o seu Deus muito melhor que todos os outros, pelo que parece que assim será como dizem.

Então, tornando a olhar para nós, prosseguiu adiante com suas perguntas, e sempre com rosto grave, e mostras irosas, como ministro inteiro em seu ofício, nas quais se deteve quase uma hora, e já por derradeiro nos disse:

– Pois qual foi a causa por que as vossas gentes no tempo passado, quando tomaram Malaca pela cobiça das suas riquezas, mataram os nossos tanto sem piedade, de que ainda agora há nesta terra algumas viúvas?

A que respondemos que seria por sucesso de guerra, mas não por cobiça de os roubar, porque o não costumávamos fazer em parte nenhuma. E ele tornou:



– Pois que é isso que dizem de vós? Negareis que quem conquista, não rouba? Quem força, não mata? Quem senhoreia, não escandaliza? Quem cobiça, não furta? Quem oprime, não tiraniza? Pois todas essas coisas se dizem de vós, e se afirmam em lei de verdade, por onde parece que largar-vos assim Deus da sua mão, dando licença às ondas do mar que vos afogassem debaixo de si, muito mais foi inteireza de sua justiça, que sem razão que usasse convosco.

E levantando-se então da cadeira em que já estava sentado, mandou aos peretandas que nos tornassem à prisão, da qual seríamos ouvidos conforme à piedade que El-Rei quisesse ter de nós, com o que todos ficamos bem tristes e desconsolados, e sem nenhuma esperança de vida.

Logo ao outro dia foi El-Rei avisado por cartas do broquém, tanto da nossa prisão como do que pelas perguntas tinha sabido de nós, e lhe apontou algumas coisas em nosso favor, as quais o moveram a não mandar logo fazer justiça de nós, como diziam que tinha determinado por alguns mexericos que os chins de nós lhe tinham feito.

Nessa prisão estivemos quase dois meses, com assaz de trabalho, sem em todo esse tempo nos falarem a feito. E desejando El-Rei ter mais alguma informação de nós que a que o broquém lhe tinha escrito, mandou um homem de nome Raudivá que secretamente viesse à prisão onde estávamos, e, fingindo ser mercador estrangeiro, soubesse miudamente a verdade da nossa vinda àquele lugar, porque segundo a informação que este lhe desse, determinaria ele nisto o que lhe parecesse justiça.

E ainda que isso se fizesse com todo o segredo possível, não faltou quem no dia antes nos avisasse da vinda desse homem, para a qual nos armamos das mais tristes e miseráveis mostras de fora, que, em meio de quanta miséria então passávamos, soubemos ainda fingir, porque depois de Deus, essas foram sempre as que

mais nos aproveitaram nesse negócio, que quantos outros meios para ele buscamos.

Esse homem entrou um dia pela manhã, bem acompanhado, no viléu que era a masmorra onde nos tinham presos, e depois de nos andar vendo a todos, um e um, chamou o jurubaça que consigo trazia, que, como já disse, era o seu intérprete, e lhe disse:

– Pergunta a esses homens qual foi a causa por que Deus os desamparou tanto da sua mão poderosa, e permitiu no juízo da sua divina justiça que viessem suas vidas a ser julgadas por pareceres de homens a quem o remordimento da consciência não porá diante dos olhos o espanto da visão temerosa com que a alma na derradeira hora da vida se sói afrontar. Pelo que é de crer que pecados sobre pecados foram os que causaram isso que neles vejo.

Nós lhe respondemos que tinha muita razão, porque claro estava que os pecados dos homens eram a principal causa dos seus trabalhos, mas que nem isso tirava a Deus, que era pai e senhor de misericórdia, o condoer-se daqueles que com lágrimas e gemidos chamavam por ele de contínuo, em cuja bondade tínhamos posto nossas esperanças, para que despertasse no coração de El-Rei querer-se informar da nossa verdade, e prover-nos com justiça, porque éramos pobres estrangeiros, e sem aderência nenhuma, que era o meio principal e de que os homens nessa vida faziam mais caso. A que ele respondeu:

– Muito bom é isso, se vossos corações estão conformes com vossas palavras; e se assim os tendes como dizeis, não hajas dó de vós, porque claro está que quem pintou o que os nossos olhos estão vendo na formosura da noite, e em tudo o mais que o dia nos mostra, na sustentação dos bichinhos da terra, que a vós não negará o remédio de vossa soltura, pois com tantos gemidos lhe pedis tantas vezes, pelo que vos rogo muito que não tenhais pejo de me confessardes com verdade o que agora pretendo saber de vós, que é: que gente sois, de que nação, e em que parte do mundo

habitais, e como se chama a terra ou senhorio do vosso rei, se o tendes, e a causa por que viestes ter aqui onde agora estais, e para onde íeis com tanta soma de fazendas ricas quantas o mar tem lançado nas praias de Taydacão, de que toda essa gente ficou tão pasmada que sem dúvida tem para si que sois vós senhores do trato da China, que é o maior de todo o criado.

Às quais perguntas e a outras muitas que então nos fez, respondemos conforme ao que naquela conjunção nos era necessário, de que ele se mostrou tão satisfeito que, fazendo-nos por vezes muitos oferecimentos de si, se ofereceu também para falar a El-Rei na nossa soltura, sem nos descobrir nunca a verdade do a que fora mandado, antes fingindo sempre que era estrangeiro e mercador como qualquer de nós; e quando se despediu, nos recomendou muito ao carcereiro, e lhe pediu que sempre nos provesse de tudo o necessário, porque ele lho pagaria muito à sua vontade, o que todos lhe agradecemos com assaz de lágrimas, que também o moveram a ter compaixão de nós, e nos deixou uma manilha de ouro que tinha de peso trinta cruzados, e seis fardos de arroz, e nos pediu ainda muitos perdões do pouco que nos dava.

Tornando-se esse homem dali para El-Rei, lhe deu conta do que se passara conosco, e lhe afirmou que sem dúvida nenhuma não éramos o que os chins lhe tinham dito de nós, e que a isso poria mil vezes a cabeça, de que El-Rei dizem que por então ficou algum tanto mais descarregado das más suspeitas que lhe faziam ter de nós.

E tendo já determinado de nos mandar soltar, tanto pelo que esse homem lhe tinha dito, como pelo que o broquéim lhe escrevera, chegou ao porto um chim corsário, com quatro juncos, a que El-Rei dava acolhimento em sua terra, por lhe dar a metade das presas que trouxesse da China, e por essa causa era muito valido com ele e com todos os grandes da terra, o qual por nossos pecados era o maior inimigo que os portugueses tinham naquele tempo,

por uma briga que os nossos tiveram com ele no ano antes, no porto de Lamau, na qual foi capitão um tal Lançarote Pereira, natural de Ponte de Lima, em que lhe queimaram três juncos e lhe mataram duzentos homens. Este perro, quando soube da nossa prisão, e como El-Rei estava determinado a nos mandar soltar, embulhou o negócio de tal maneira, e disse de nós tantas mentiras a El-Rei, que quase lhe fez crer que sem dúvida perderia muito cedo o reino por nosso respeito, porque lhe disse que era nosso costume espirmos uma terra sob a capa de mercancia, e depois a tomarmos como ladrões, matando e assolando toda a coisa que nela achávamos, a qual informação pode tanto com El-Rei que o fez tornar de todo atrás no que tinha determinado, e, mudando a sentença, mandou que visto o que novamente lhe tinham dito de nós, nos fizessem a todos em quartos, os quais seriam postos nas ruas públicas para que publicamente se soubesse quão merecedores éramos daquela justiça.

COMO EL-REI MANDOU ESTA SENTENÇA AO BROQUÉM
DA CIDADE ONDE ESTÁVAMOS PRESOS PARA QUE A
EXECUTASSE, E DO QUE NISSO SUCEDEU

Dada essa cruel sentença contra nós, mandou El-Rei um peretanda que a levasse logo e a entregasse ao broquém da cidade onde estávamos presos, para que em termo de quatro dias a executasse em nós, o qual se partiu logo com ela, e chegando à cidade permitiu Nosso Senhor que se fosse agasalhar em casa de uma sua irmã viúva, e mulher muito honrada, da qual tínhamos recebido muitas esmolas, a quem ele em muito segredo deu conta do a que vinha, e que havia de levar certidões da justiça que se fizesse em nós, como El-Rei lhe mandava.


Essa nobre mulher disse isso a uma sua sobrinha, filha do broquém, governador da cidade, em cuja casa se agasalhava uma mulher portuguesa que era casada com o piloto que também estava preso conosco, com dois filhos seus. E querendo-a esta já consolar, lhe descobriu o que tinha sabido, a qual pobre portuguesa, logo que essa senhora lhe deu essa nova, dizem que caiu subitamente no chão como morta, onde esteve sem fala grande espaço, e quando tornou em si, se feriu com as unhas no rosto tão cruelmente que ambas as faces foram desfeitas em sangue, a qual coisa tão nova e tão desacostumada entre essa gente, espalhando-se logo por toda a cidade, causou em todas as mulheres dela tamanho espanto, que as mais delas saíram de suas casas assim como naquela hora se achavam, com os filhos e filhas pelas mãos, sem porem diante as repreensões que lhes podiam dar seus maridos, nem

recearem as más-línguas da gente praguenta e ociosa que, movida pela sua má inclinação e natureza, tem por costume falar mal de muitas coisas que pela singeleza e boa tenção com que são feitas, as aceitaria Nosso Senhor muitas vezes em serviço.

E chegando assim todas a casa da filha do broquém, onde essa mulher então estava mais para morrer que para dar razão do que umas e outras lhe perguntavam, elas movidas pela causa primeira e principal que é Deus Nosso Senhor, autor de todos os bens, o qual movido pela sua infinita bondade e misericórdia, quando os trabalhos e os infortúnios são maiores, então acode com remédio mais certo àqueles que se acham mais atribulados e mais desconfiados do remédio da terra, ainda que fossem gentias, se enterneceram tanto e houve tamanho dó das lágrimas e desacostumado sentimento que viram naquela mulher, que determinaram todas entre si escreverem uma carta à mãe de El-Rei, em nosso favor, a qual escreveram ali logo, em que lhe davam conta de toda a verdade de nós, e do que por dito do povo tinham sabido, e quanto contra justiça se dera aquela sentença contra nós; e também lhe diziam o que essa portuguesa fizera, e a grande dor e lástima com que derramando sangue de todo o seu rosto, lamentava com altas vozes a morte de seu marido e de seus filhos e lhe afirmaram que tinha Deus tomado à sua conta o castigo da sem-razão desse crime. E as palavras da carta diziam assim:

Pérola santa congelada na ostra maior do mais fundo das águas, estrela esmaltada de raios de fogo, madeixa de cabelos doirados entretecida em capela de rosas, cujos pés de tua grandeza se aposentam no principal de nossas cabeças como rubi de joia sem preço, nós, as somenos formigas da tua despensa, aposentadas no esquecido de suas migalhas, filhas e parentes da mulher do broquém, com todas as mais tuas cativas aqui assinadas, te fazemos, senhora, queixume

do que os nossos olhos hoje nos mostraram, que foi uma pobre mulher estrangeira sem semelhança de carne no rosto, alagada toda num charco de sangue, com seus peitos feridos com tão admirável crueza que aos brutos do mato faria espanto, e a toda a gente temor muito medonho, gritando em vozes tão altas que te afirmamos todas em lei de verdade que se Deus lhe inclina a cabeça, como temos para nós que há-de fazer por ela ser pobre e desprezada do mundo, que grande castigo de fogo e de fome virá sobre nós, pelo que receosas nós disso, que todas grandemente tememos, te pedimos num grito como crianças esfaimadas que choram à mãe, que postos os olhos na alma de El-Rei teu marido, por respeito do qual te pedimos isso de esmola, te queiras fazer da natureza dos santos, e pores de todo à parte os respeitos da carne, porque quanto te mais moveres por Deus, tanto mais serás metida na casa de Deus, onde temos por certo que acharás El-Rei teu marido cantando ao som da harpa dos meninos que nunca pecaram, a cantiga dessa piedosa esmola que por Deus e por ele, todas te pedimos, que é pedir com eficácia grande a El-Rei teu filho, que se mova por Deus e por ti, e por nossos gritos e lágrimas, a haver piedade desses estrangeiros e a perdoar-lhes livremente toda a culpa que tiver deles, pois, como sabeis, não os acusou nenhum santo do céu, senão homens torpes e de mau viver, a quem não é lícito inclinarem-se as orelhas. Conchanilau, donzela formosa e bem inclinada, e sobretudo mais honrada que todas as desta cidade, pela criação que sua mãe fez em ti, te certificará da parte de Deus e de El-Rei teu marido, por cujo amor te pedimos isso, das mais particularidades desse negócio, tanto das contínuas lágrimas e gemidos em que todos esses pobres agora ficam, como do grande medo e tristeza em que toda esta cidade está posta, cujos moradores



todos com jejuns e esmolas te pedem que apresentes seus gritos diante de El-Rei, teu sobre todos muito querido filho, a quem o Senhor de todos os bens dê tanto bem que dos seus esquecidos se fartem as gentes que habitam a terra e as ilhas do mar.

Essa carta ia assinada por mais de cem mulheres das principais de toda a cidade, e foi mandada por uma donzela filha do mandarin Comanilau, governador da Ilha de Banchá, que jaz ao sul desta dos Léquios, a qual donzela partiu no mesmo dia em que chegou a sentença, já com duas horas de noite, por ser assim necessário, acompanhada de dois irmãos seus, e de outros dez ou doze parentes, todos gente muito nobre e dos principais da cidade.

CXLII

COMO ESTA DONZELA DEU A CARTA À RAINHA, MÃE DE EL-REI, E DA RESPOSTA QUE TROUXE DELA

Chegada essa donzela ao lugar de Bintor, onde então estava El-Rei e a rainha sua mãe, que era a seis léguas dessa cidade de Pongor, se foi apear a casa de uma sua tia que era camareira-mor da rainha, e muito sua aceita, à qual deu conta do a que vinha, e lhe pôs diante quanto cumpria à sua honra e ao seu crédito para com as outras que a escolheram para esse negócio, levar de sua alteza esse perdão que todas lhe pediam.

A tia, depois que a agasalhou com as circunstâncias que o verdadeiro amor lhe insinuava, lhe disse que pois afirmava que lhe ia nisso sua honra, ela trabalharia todo o possível para que se não tornasse dali descontente e mal satisfeita no seu requerimento, principalmente pois a coisa em si era tão justa como dizia, fora ser pedida de esmola por tantas senhoras e tão principais como na carta vinham assinadas; a que dizem que a donzela, depois de lhe dar as devidas graças, pediu com nova mercê que lhe desse toda a pressa possível, pois não havia de termo para a justiça que tanto contra razão se queria fazer de nós, mais que só dois dias, os quais também ela trazia de espera somente.

A tia lhe respondeu a isso:

– Muito bem vejo a necessidade que há dessa pressa, pela muita que de cá foi, para se executar nesses tristes esse castigo em que El-Rei, pelo dito dos chins, mostrou tanta vontade, mas quando a rainha acordar, que pode ser daqui a uma hora, ela me achará aos



seus pés, para que essa novidade seja causa para me ela perguntar pela razão dela, porque há mais de seis anos que não fiz outro tanto por minha má disposição.

Então, deixando sua sobrinha agasalhada no seu aposento, abriu uma porta de um passadiço de que ela só trazia a chave, e se recolheu para a câmara onde a rainha jazia deitada, e dizem que, sendo já passado meio quarto de lua, acordou a rainha, e sentindo-a a seus pés, lhe disse:

– Que é isso, Nhay Meicamor (porque assim se chamava essa sua camareira-mor), como vos deixastes cá esquecer esta noite? Alguma grande novidade deve isso ser.

Ao que ela respondeu:

– Sim, é, senhora, por certo, e cuido que será tão nova nas orelhas de vossa alteza quanto foi para mim ver agora chegar minha sobrinha da cidade com tamanha afronta de sua pessoa, que não acerta palavra que diga.

E a rainha lhe disse:

– Se está para isso, chamai-a cá.

E ela a fez logo entrar dentro, a qual, chegando diante da rainha, que ainda a esse tempo estava na cama, se prostrou ante ela e fazendo-lhe o devido acatamento lhe disse chorando a que vinha, e lhe deu a carta que levava, a qual lhe ela mandou que lesse, e beijando-lhe a donzela por isso a mão, lha leu como convinha à sua tenção, de que a rainha dizem que ficou tão sentida, que, não sendo ainda acabada de ler de todo, lhe disse muitas vezes com as lágrimas nos olhos:

– Não mais, não mais, baste por agora o que tenho ouvido, e pois é como me tendes dito, não queira Deus nem a alma de El-Rei meu marido, por cujo respeito todas me pedem isso de esmola, que esses coitados percam a vida tanto sem causa, porque bem basta, por pena do que os chins disseram deles, a execução que o mar neles fez, e deixai-me com isso, porque eu tomo à minha

conta esse vosso requerimento, e ide-vos repousar um pouco até que seja manhã, e iremos todas três tomar El-Rei meu filho antes que se erga, e ler-lhe-eis essa carta assim como ma lestes a mim, para que se mova à piedade e nos conceda levemente isso que com tanta razão lhe vamos pedir.

Tanto que a manhã foi clara, a rainha se levantou logo, e levando consigo essa sua camareira-mor e a donzela somente, sem mais outra pessoa, se foi por dentro de um passadiço à câmara onde seu filho ainda então jazia na cama, e dando-lhe conta do que dele queria, mandou à donzela que lhe lesse a carta, e por palavras dissesse tudo o que sobre isso era passado, o que a donzela fez tudo muito inteiramente, e, segundo soubemos, com muitas lágrimas suas e de sua tia.

El-Rei, dizem que olhando para sua mãe, lhe respondeu:

– Certo, senhora, que toda essa noite sonhei que me via preso diante de um juiz muito irado, o qual me dizia, pondo três vezes a mão no seu rosto, como que me ameaçando:

– Eu te prometo que se sangue desses estrangeiros chega diante de mim, ou dá bramido nas minhas orelhas, que tu e os teus o satisfaçais à minha justiça! E por isso tenho sem dúvida que veio isso por Deus, por cujo amor digo que de esmola feita em seu louvor, lhes concedo a todos as vidas e as liberdades, para que livremente se possam ir para onde quiserem, e à custa de minha fazenda lhes mandarei logo dar embarcação e tudo o mais que houverem mister.

A rainha sua mãe lhe deu por isso as graças, e mandou à camareira-mor e a sua sobrinha que lhe beijassem ambas por isso os pés, as quais o fizeram assim, e com isso se recolheu a rainha para o seu aposento. E El-Rei mandou chamar o chumbim que estivera no dar da sentença, e lhe deu conta de tudo o que se passava, tanto do que ele sonhara, como do que sua mãe lhe pedira e lhe ele concedera, pelo qual todos lhe beijaram a mão e lhe louvaram muito



o que tinha feito; e mandando logo revogar a sentença que era dada, e dar outra em que nos perdoava, escreveu uma ao broquém da cidade, que dizia dessa maneira:

Broquém da minha cidade de Pongor: eu, o senhor das sete gerações, e cabelos da tua cabeça, te envio o riso da minha boca, para que a tua honra seja acrescentada. Pela informação que os chins me deram, do mau viver desses estrangeiros, certificando-me com juramento solene na fé que tinham em todos os seus deuses, que eram eles, sem falta, corsários do mar e roubadores na terra, de fazendas alheias, trazendo continuamente seus braços tintos do sangue daqueles que com justa causa defendiam o seu, como era notório por todo o universo, ao qual por cobiça tinham dado mil voltas, sem deixarem ilha, nem terra, nem porto, nem rio que não abrasassem, com males tão feios e criminosos que temo dizê-los por honra de Deus, me pareceu serem isso causas justas para eles serem castigados por justiça, e conforme as leis do meu reino o pus em pareceres dos chumbins do governo que todos perante mim juraram em suas almas que eram eles merecedores não somente de uma morte, mas de mil, se tantas se lhes pudessem dar, pelo qual me fui com os seus pareceres, e mandei ao Nhay peretanda que da minha parte te notificasse que em termo de quatro dias pusesse em efeito a execução desse castigo, conforme a minha sentença.

E porque agora me foi pedido por todas as mulheres nobres dessa cidade, que eu tenho em conta de minhas parentes, que pela alma de El-Rei meu senhor lhes fizesse esmola de suas vidas, apontando-me na sua carta razões que me moveram a não lho negar, houve por bem conceder-lho, porque temi que se lho negasse, chegassem os seus brados

ao mais alto dos céus, onde vive reinando aquele senhor cuja natureza e propriedade é condoer-se de lágrimas derramadas com tenção virtuosa, pelas boas que zelam sua lei.

E livre eu já da cega paixão a que a carne me tinha inclinado, quis que não prevalecesse minha ira sobre o sangue desses coitados. Pelo que te mando que logo que essa formosa donzela, de geração nobre e parenta minha, te apresentar esta por mim assinada, e em que confesso levar muito gosto pelo respeito de quem ma pediu, te vás à prisão onde pusesse esses estrangeiros e sem mais dilação os mandes soltar, e de minha fazenda os provejas de embarcação, com as mais esmolas que a lei do Senhor te mandar que faças, sem que a avareza te feche a mão. E quanto a verem minha pessoa antes de sua partida, o hei por escusado, tanto pelo trabalho que nisso podem levar, como por não me ser dado, por ter o ofício de rei, ver gente que conhecendo muito de Deus, usa pouco de sua lei, tendo por costume tomar o alheio.

De Bintor, às três chavecas do primeiro mamoco da Lua, na presença da sobrançelha do meu olho direito, mãe minha, e senhora de todo o meu reino.

E o sinal de El-Rei, dizia assim: “Hirapitau Xinancor Ambulec, esteio forte de toda a justiça.”

A donzela, logo que teve a carta de El-Rei na mão, não se deteve mais que enquanto se despediu de sua tia, e caminhou com tanta pressa que em pouco tempo chegou à cidade e deu a carta ao broqué, o qual, logo em a vendo, ajuntou todos os peretandas e chumbins da justiça, e se foi à prisão, na qual já naquele tempo estávamos a muito bom recato.

Nós, em o vendo entrar, demos uma muito grande grita de “Senhor Deus misericórdia!”, por três ou quatro vezes, de que ele com todos os mais de que a casa estava cheia ficaram tão

espantados que alguns deles choraram com lástima que tinham de nós.

O broquém nos consolou então com palavras notáveis e de muita caridade, e nos mandou logo ali tirar as prisões dos pés e das mãos, e tirando-nos para um pátio que estava mais adiante, nos relatou tudo o que era passado sobre o nosso negócio, de que nós até então não tínhamos sabido coisa alguma, pelas muitas guardas que nos eram postas.

E depois de mandar publicar a carta que El-Rei lhe mandara, nos disse:

– Rogo-vos muito por amor de mim, que já que Deus vos fez tamanha mercê, lha saibais agradecer, com lhe dardes muitas graças e louvores por ela, porque se vos achar agradecidos, comunicar-vos-á de lá de cima donde tudo procede um descanso alegre para sempre sem fim, que é o que nos convém mais que vivermos quatro dias nessa miséria mundana, em que não há descanso senão trabalhos, dores e aflições grandíssimas, e sobretudo pobreza, que é o remate de todos os males, e por onde comumente as nossas almas se consomem de todo na cônica funda da casa do fumo.

CXLIII

DO QUE MAIS PASSAMOS ATÉ CHEGARMOS A LIAMPÓ, E DA INFORMAÇÃO DESTA ILHA LÉQUIA

O broquém mandou logo ali trazer duas canastras cheias de vestidos já feitos e os repartiu por nós conforme a falta que via em cada um, e dali nos levou consigo para sua casa, onde sua mulher e todas as mais senhoras léquias nos vieram logo ver, e, além de mostrarem contentamento pelo bom sucesso da nossa soltura, nos consolaram com muitas boas palavras, e isso lhes nasce de serem as mulheres dessa terra, naturalmente bem inclinadas. E não contentes ainda com isto, repartiram também todas entre si o agasalharem-nos em suas casas o tempo que ali estivéssemos até a nossa partida, que foram quarenta e seis dias, nos quais fomos sempre muito bem providos por elas, de tudo o necessário, em tanta abundância que não houve nenhum de nós que não trouxesse de cem cruzados para cima, e a portuguesa em dinheiro e peças trouxe mil, com o que seu marido em menos de um ano se restaurou do que tinha perdido.

Passados com bem de descanso nosso esses quarenta e seis dias, e sendo já chegado o tempo da monção, o broquém nos mandou dar embarcação num junco de chins que ia para o porto de Liampó, no reino da China, conforme o que El-Rei lhe tinha mandado; e ao capitão do junco se tomaram grandes fianças acerca da segurança de nossas pessoas, para que nos não fizesse traição no caminho. E dessa maneira nos partimos dessa cidade de Pongor, metrópole dessa ilha léquia, da qual aqui brevemente quis dar



alguma informação, como costumei fazer nas outras terras de que atrás tenho tratado, para que se em algum tempo, Deus Nosso Senhor for servido de inspirar na nação portuguesa, que primeira e principalmente pela exaltação e acrescentamento da sua santa fé católica, e, após isso, pelo muito proveito que daí pode tirar, queira intentar a conquista dessa ilha, saiba por onde há-de pôr os pés, e o muito que pode ganhar no descobrimento dela, e quão fácil lhe será conquistá-la.

Essa ilha léquia jaz situada em vinte e nove graus, tem duzentas léguas em roda, sessenta de comprido e trinta de largo. A terra em si é quase do teor do Japão, algum tanto em partes, montanhosa, mas no interior do sertão é mais plana, e fértil, e viçosa de muitos campos regados de rios de água doce, com infinidade de mantimentos, principalmente de trigo e arroz. Tem serras de que se tira muita quantidade de cobre, o qual por ser muito, vale entre essa gente tão barato que de veniaga carregam juncos dele para todos os portos da China, e Lamau, Sumbor, Chabaqué, Tosa, Miacó e Japão, com todas as mais ilhas que estão para a parte do sul, de Sesirau, Goto, Fucanxi e Polém. Tem mais toda essa terra do léquio, muito ferro, aço, chumbo, estanho, pedra-ume, salitre, enxofre, mel, cera, açúcar e grande quantidade de gengibre muito melhor e mais perfeito do que o da Índia. Tem também muita madeira de angelim, jatemar, poitão, pisu, pinho manso, castanha, souro, carvalho e cedro, de que se podem fazer milhares de navios.

Tem, para a parte do oeste, cinco ilhas muito grandes, em que há muitas minas de prata, pérolas, âmbar, incenso e seda, pau-preto, brasil, águila brava e muito breu, ainda que a seda seja algum tanto menos que a da China.

Os habitantes de toda essa terra são como os chins, vestem linho, algodão e seda, com alguns damascos que lhes trazem de Nanquim. São muito comedores, e dados às delícias da carne, pouco inclinados às armas, e muito faltos delas, por onde parece que

será muito fácil conquistá-los, tanto que no ano de 1556 chegou a Malaca um português, de nome Pero Gomes de Almeida, criado do mestre de Santiago, com um grande presente e cartas do nautaquim, príncipe da Ilha Tanixumá, para El-Rei D. João III, que santa glória haja, e toda a substância do seu requerimento vinha fundada em lhe pedir quinhentos homens para com eles e com a sua gente conquistar esta ilha léquia, e ficar-lhe-ia por isso tributário em cinco mil quintais de cobre, e mil de latão, em cada um ano, a qual embaixada não houve efeito por vir este recado a esse reino no galeão em que se perdeu Manuel de Sousa de Sepúlveda.

Jaz mais ao noroeste dessa terra léquia um grande arquipélago de ilhas pequenas, donde se traz muito grande quantidade de prata, as quais, segundo parece, e eu sempre suspeitei pelo que vi em Maluco, nos requerimentos que Rui Lopes de Vila Lobos, general dos castelhanos, fez a D. Jorge de Castro, capitão que então era da nossa fortaleza de Ternate, devem ser as de que essa gente tem alguma notícia, as quais nomeavam por ilhas platárias, ainda que não saiba com quanta razão, porque, segundo o que temos visto e lido, tanto em Ptolomeu como nos mais que escreveram da geografia, nenhum desses houve que passasse do reino de Sião e da Ilha Samatra, senão só os nossos cosmógrafos, os quais do tempo de D. Afonso de Albuquerque para cá, passaram um pouco mais adiante, e trataram já dos Celebes, Papuas, Mindanaus, Champás, China e Japão, mas não ainda dos Léquios, nem dos mais arquipélagos que na grandeza desse mar estão ainda por descobrir.

Dessa breve informação que tenho dado desses léquios, se pode entender, e assim o cuido eu pelo que vi, que com quaisquer dois mil homens se tomaria e senhorearia essa ilha, com todas as mais desses arquipélagos, donde resultará muito maior proveito que o que se tira da Índia, e com muito menos custo, tanto de gente como de tudo o mais, porque somente do trato nos afirmaram mercadores com quem falamos, que rendiam as três alfândegas

dessa ilha léquia, um conto e meio de ouro, fora a massa de todo o reino, e as minas de prata, cobre, latão, ferro, aço, chumbo e estanho, que rendiam ainda muito mais que as alfândegas.

Das mais excelências particulares que pudera dizer dessa ilha, não tratarei agora, porque me parece que isso só bastará para despertar e incitar os ânimos dos portugueses a uma empresa de tanto serviço de Nosso Senhor, e de tanta honra e proveito para eles.



CXLIV

COMO DE LIAMPÓ ME PARTI PARA MALACA, DONDE O CAPITÃO DA FORTALEZA ME MANDOU A MARTAVÃO, AO CHAUBAINHÁ

Chegando nós a salvamento ao porto de Liampó, fomos todos bem recebidos e agasalhados dos portugueses que então aí estavam. E daqui me embarquei para Malaca, em uma nau de um português chamado Tristão de Gá, com tenção de tornar de lá a tentar de novo a fortuna que tantas vezes me fora contrária, como se tem visto do que atrás deixo contado.

Essa nau chegou a salvamento a Malaca, onde achei ainda Pero de Faria por capitão da fortaleza, o qual, desejando me aproveitar antes que acabasse o seu tempo, me acometeu com a viagem de Martavão, de que então se tirava proveito, em um junco de um mouro, de nome necodá Mamude, o qual aí na terra tinha mulher e filhos; e que a minha ida havia de ser tanto para assentar pazes com o chaubainhá, rei de Martavão, como para por via de comércio, virem os seus juncos com mantimentos à fortaleza que nesse tempo estava muito falta deles, pelo sucesso das guerras de Jaoa. E outra causa da minha ida, não menos importante que essa, era ir também chamar um tal Lançarote Guerreiro, que então andava nas costas de Tanauçarim, com cem homens em quatro fustas, com nome de alevantado, para que acudisse a fortaleza, porque se tinha por nova certa que vinha o rei do Achém sobre ela. Pelo qual, vendo-se Pero de Faria muito desaperebido de tudo o necessário para esse cerco, e com muita falta de gente, quis tentar valer-se dessas cem homens, tanto por estarem mais perto, e poderem



acudir mais depressa, como também por terem, como quem andava naquele ofício, muito grande soma de munições necessárias a esse cerco que esperava. E a terceira causa por que me mandava, também assaz importante, era ir dar aviso às naus de Bengala, para que viessem todas juntas a bom recato, e apercebidas para o que no caminho lhes sucedesse, para que o descuido não fosse a causa de algum desastre. Eu lhe aceitei a viagem de boa vontade, e me parti uma quarta-feira, aos nove dias do mês de janeiro do ano de 1545, dessa fortaleza de Malaca, e segui minha rota com ventos bonançosos até Pulo Pracelar, onde o piloto se deteve por respeito dos baixios que atravessam todo esse canal, da terra firme à Ilha de Samatra, e depois de sermos fora deles, ainda que com trabalho, velejamos por nossa rota até as ilhas de Pulo Sambilão, onde me meti numa manchua bem equipada que levava, e navegando sempre nela por espaço de mais de doze dias, conforme o regimento que levava de Pero de Faria, espiei toda a costa desse Malaio, que são cento e trinta léguas, até Junçalão, entrando em todos os rios de Baruhás, Salangor, Panagim, Quedá, Parlés, Pendão e Sambilão Sião, sem em nenhum deles achar nova certa desses inimigos. E seguindo pela mesma rota, por espaço de mais nove dias, que era aos vinte e três da nossa viagem, surgimos em uma ilha pequena a que chamavam Pisanduré, na qual foi necessário ao necodá, que era o mouro capitão do junco, fazer uma amarra, e tomar água e lenha. E desembarcado em terra com essa determinação, se deu ordem ao efeito dela com toda a pressa possível, e se repartiu a gente pelos serviços mais necessários, em que se gastou aquele dia quase todo. Enquanto isso se fazia, um filho desse capitão mouro me acometeu a que fosse com ele matar um veado, de que havia muitos por aquela ilha, a que eu respondi que de boa vontade, e tomando uma espingarda, fui com ele a terra, onde, metendo-nos pela espessura do mato, não caminharíamos por ele pouco mais de cem passos, quando descobrimos num descampado uma

grande banda de porcos monteses que andavam fossando junto de um charco de água. Alvorçados nós com a vista desta montaria, nos fomos chegando para o mais perto deles que pudemos, e disparando ambos as espingardas no corpo de toda a banda, derrubamos dois deles. Com o alvoroço disso, demos uma grande grita e fomos correndo até o descampado em que fossavam, onde achamos nove homens desenterrados, e outros dez ou doze meio comidos, com a qual vista ficamos assaz pasmados e confusos, e nos afastamos um pouco para trás por causa do grande fedor desses corpos mortos. O mouro que ia comigo, que se chamava Çapetu, me disse então:

– Parece-me que será bom conselho irmos dar conta disso a meu pai que está na praia fazendo a amarra, para que mande logo rodear esta ilha, e ver se se descobrem algumas lancharas de ladrões que podem estar detrás daquela ponta, e temo que nos possa acontecer aqui algum desastre, como já algumas vezes aconteceu a alguns navios em que houve matarem-lhes muita gente por descuido dos seus capitães.

Eu, parecendo-me bem o seu conselho, me tornei logo com ele à praia, onde ele deu conta a seu pai do que tínhamos visto. E como o necodá era homem sisudo, e estava escaldado desses desastres, mandou logo com muita presteza rodear a ilha toda, e fez embarcar as mulheres e os moços pequenos com a roupa meio lavada assim como estava, e ele com quarenta homens de espingarda e lanças, foi demandar a fossa donde nós tínhamos vindo; e chegando ao lugar dos mortos, os andou vendo, com as mãos nos narizes por causa do grande fedor que se mal podia sofrer, e movido à piedade deles, mandou pelos marinheiros fazer uma grande cova em que os enterrassem, e revolvendo-os para os meterem nela, a uns acharam alguns crises guarnecidos de ouro, e a outros manilhas nos braços. O necodá, entendendo o mistério disso que via, me disse que despedisse logo dali a embarcação de remo

que tinha, e mandasse recado ao capitão de Malaca, porque sem dúvida nenhuma me afirmava que aqueles mortos eram achéns que vinham desbaratados de Tanauçarim, onde as suas armadas continuavam por causa da guerra que tinham com El-Rei do Sião, porque aquelas manilhas de ouro que achara eram dos capitães do achém, que costumavam enterrar-se com elas nos braços, e que a isso poria a cabeça. E que para mais prova disso, queria mandar desenterrar alguns, o que logo fez, e desenterrando mais trinta e sete que ali estavam, lhes acharam dezesseis manilhas de ouro, e doze crises ricos com muitos anéis, de maneira que ainda montaria esse despojo passante de mil cruzados, que o necodá levou, fora o de que se não soube parte. Mas não foi isso tanto a nosso salvo que nos não custasse adoecer-nos a gente quase toda, do grande fedor dos mortos.

Eu despedi logo daqui para Malaca o balão de remo que levava, pelo qual escrevi a Pero de Faria todo o sucesso da viagem, e o caminho que fizera, e os portos e rios e angras em que entrara, sem em nenhuma parte achar nova nem recado desses inimigos, mais que suspeitar-se estarem em Tanauçarim, donde por esses corpos mortos que aqui acháramos, se podia crer que vinham desbaratados. E que da mais certeza que tivesse disso, lhe escreveria logo donde quer que me achasse.



CXLV

COMO CHEGAMOS A UMA ILHA A QUE CHAMAVAM PULO HINHOR, E DO QUE O REI DELA PASSOU COMIGO

Despedito este balão para Malaca com cartas a Pero de Faria, e estando já o junco apercebido de tudo o necessário, nos fizemos à vela na volta de Tanauçarim, onde (como tenho dito) eu levava por regimento que fosse surgir, para negociar com o Lançarote Guerreiro, que ele e os mais portugueses que andavam em sua companhia viessem socorrer Malaca, pela nova que havia de virem os achéns sobre ela.

E velejando por nossa rota, chegamos a uma ilha pequena, de pouco mais de uma légua em roda, que se chamava Pulo Hinhor, donde nos saiu um parau em que vinham seis homens baços, todos com barretos vermelhos, mas pobrememente vestidos, e chegando a bordo do junco, que ainda neste tempo ia a vela, nos salvaram com mostras de paz, a que nós respondemos da mesma maneira, e após isso nos perguntaram se vinham ali alguns portugueses, a que foi respondido que sim. Porém, eles não se fiando no que os mouros lhes diziam, lhes rogaram que lhes mandassem mostrar um ou dois, porque revelava ser assim. O necodá me pediu então muito que quisesse subir acima, porque neste tempo jazia eu embaixo da câmara, mal disposto, o que eu fiz logo para lhe fazer a vontade, e aparecendo em cima no convés, chamei pelos que vinham no parau, os quais logo que me viram e conheceram que era português, deram uma grita, e tangendo as palmas a modo de



alegria, entraram dentro do junco, e um deles, que no aspecto parecia de mais autoridade, me disse:

– Antes, senhor, que peça licença para falar, te rogo que vejas essa carta, para por ela me dares crédito ao que disser, e saibas que sou esse que ela diz.

E com isso, me meteu uma carta na mão, embrulhada num trapo bem sujo, a qual eu tomei e vi que dizia dessa maneira:

Senhores portugueses e verdadeiros cristãos, este honrado homem que esta mostrar a vossas mercês, é rei desta ilha, agora de novo feito cristão, de nome D. Lançarote, do qual todos os aqui assinados e outros muitos mais que andamos por essa costa, temos recebido grandes avisos de traições que achéns e turcos contra nós ordenaram, e por meio desse bom homem soubemos tudo, e também por seu respeito nos deu Nosso Senhor agora uma muito grande vitória contra eles, em que lhes tomamos uma galé, e quatro galeotas, com mais cinco fustas, nas quais lhes matamos mais de mil mouros, pelo que pedimos a vossas mercês, pelas chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo e pelas dores da sua sagrada paixão, que não consintam fazer-se-lhe mal nem agravo algum, mas antes o favoreçam em tudo, como bons portugueses, para que seja exemplo, para que os outros que isso souberem façam o mesmo que esse fez.

Beijamos mil vezes as mãos a vossas mercês, hoje, três de novembro de 1544.

Essa carta vinha assinada por mais de cinquenta portugueses, em que entravam os quatro capitães que eu buscava, que eram Lançarote Guerreiro, Antônio Gomes, Pero Ferreira e Cosme Bernardes.



Eu, vendo essa carta e a eficácia de suas palavras, fiz ao pobre reizinho alguns oferecimentos de minha pessoa, ainda que a minha possibilidade fosse então tão pequena que não chegava a mais que a um fraco jantar, e a um barrete vermelho, o qual, conquanto fosse velho, ainda era melhor que o que ele trazia.

Ele, entre algumas contas que me deu de si e de suas misérias, levantando as mãos para o céu, e chorando muitas lágrimas, me disse:

– Sabe Nosso Senhor Jesus Cristo e sua mãe Santa Maria, de cujo escravo eu sou, quanta necessidade eu tenho agora do favor e ajuda de alguns cristãos, porque por eu ser também cristão, de quatro meses a essa parte, me pôs um escravo mouro nesse estado em que me agora vejo, sem ter por mim mais que pôr somente os olhos no céu, e com grande dor e pouco remédio chorar minha desventura, e te afirmo, na verdade dessa santa e nova lei que agora professo, que só por ser cristão e amigo de portugueses, me vejo perseguido dessa maneira. E já que por ti, por seres um só, não posso ser ajudado, te rogo, senhor, que me leves contigo para que não perca essa alma que Deus em mim pôs, e eu te prometo te servir como cativo enquanto viver.

E tudo isso que disse foi acompanhado sempre de tantas lágrimas que era coisa piedosa de ver.

O necodá, como de sua natureza era bem inclinado e brando de condição, houve muito dó dele, e lhe deu um pouco de arroz e um pano para se cobrir, porque de tudo vinha tão falto que nem as carnes trazia de todo cobertas, e depois que se informou dele, de algumas coisas que lhe relevava saber, lhe perguntou também pelo seu inimigo, onde estava e que poder tinha, a que ele respondeu que estava dali a pouco mais de um quarto de légua, em uma casa de palha, com só trinta pescadores consigo, e os mais deles, ou quase todos, sem armas nenhuma.



O necodá então, pondo os olhos em mim, e vendo-me estar triste porque eu só não bastava para poder dar remédio a esse pobre cristão, e parecendo-lhe que nisso me fazia muita amizade, me disse:

– Se agora, senhor, foras capitão desse junco assim como eu, que farias às lágrimas desse coitado, de que os seus olhos também têm sua parte?

E eu lhe não respondi palavra nenhuma, por estar tão melancolizado e triste quanto a proximidade cristã me obrigava. O filho do necodá, que, como já disse, era mancebo de bom espírito, e criado entre portugueses, vendo a dor e vergonha em que esse aperto me tinha posto, pediu a seu pai que lhe desse vinte marinheiros do junco, para com eles restaurar aquele pobre reizinho, e lançar aquele ladrão fora daquela ilha, a que ele respondeu que se lho eu pedisse, o faria de boa vontade. Eu, arremetendo-lhe aos pés para lhos abraçar, por ser a mais humilde cortesia que se costuma entre eles, lhe disse chorando que se isso me fizesse, toda a minha vida seria seu escravo cativo, e lhe reconheceria aquela tamanha amizade, e a todos seus filhos, como ele veria, porque assim lho jurava em minha verdade, e ele mo concedeu muito levemente.

E mandando surgir o junco junto da ilha, se fez prestes com todos os seus em três embarcações de remo, com um falcão e cinco berços, e sessenta homens jaus e lusões, com muito boas armas, em que havia trinta com espingardas, e os mais com lanças e flechas, e muita soma de panelas de pólvora e outros artifícios de fogo convenientes a nosso propósito.

CXLVI

DO QUE SUCEDEU AOS NOSSOS CONTRA OS INIMIGOS DESTE REIZINHO, E DE UMA GRANDE VITÓRIA QUE UNS PORTUGUESES HOVERAM NESTA COSTA CONTRA UM CAPITÃO TURCO

Seria às duas horas depois do meio-dia quando desembarcamos todos em terra e nos fomos logo caminhando para a trincheira onde os inimigos estavam. Na dianteira ia o filho do necodá com quarenta homens, dos quais vinte eram de espingardas, e os mais de lanças e flechas, e o mesmo necodá ia na retaguarda com trinta homens, e levava uma bandeira de Cruz que Pero de Faria lhe dera quando partiu de Malaca, para por ela ser conhecido por vassalo de El-Rei nosso senhor, se no mar encontrasse alguns navios nossos. E seguindo com essa ordenança nosso caminho por dentro da ilha, e levando o pobre reizinho por guia, chegamos onde o levantado estava com sua gente toda posta em campo, fazendo muitas algazarras e dando mostras de muita ufanía, como quem nos não tinha em conta, os quais, por todos, podiam ser até cinquenta, mas nas mostras, gente fraca e desarmada, e mal provida do necessário para sua defesa, porque não tinham mais que paus, e dez ou doze lanças, e uma espingarda.

Os nossos, logo que houveram vista deles, deram fogo ao falcão e aos berços, e disparando vinte espingardas arremeteram a eles, que já nesse tempo iam fugindo, quase todos feridos, e sem ordem nenhuma, e os seguiram com tanta pressa que os alcançaram em cima, no alto de um outeiro, onde em menos de dois credos foram todos mortos, sem escaparem mais que só três a que se deu vida por dizerem que eram cristãos. E chegando a uma povoação de



vinte casas de palha, térreas, se não achou mais nelas que só sessenta e quatro mulheres e crianças pequenas, as quais todas em um grito diziam chorando:

“Cristão, Cristão, Jesus, Jesus, Santa Maria”, e alguns diziam “Padre nosso que estais nos céus, santificado seja o teu nome”, sem mais outra coisa.

E parecendo-me a mim que na verdade eram cristãos como diziam, pedi ao necodá que mandasse retirar seu filho, e não consentisse que se matasse nenhum, pois eram cristãos, e ele o fez logo com muita presteza. Contudo, as pobres casas foram saqueadas, e em todas elas se não achou valia de cinco cruzados, porque toda essa gente é tão pobre que nem um só real tem de seu, nem se mantém de outra coisa mais que de algum peixe que tomam à linha, que comem assado nas brasas; e sem embargo disso, são tão vãos, tão presunçosos e tão cheios de opinião, que não há nenhum deles que se não chame rei de qualquer pedacinho de terra em que tem uma choupana de palha, sem mais outra coisa. E nem os homens nem as mulheres têm coisa alguma de seu, de que se vistam.

Morto esse mouro alevantado, com todos os mais da sua companhia, e sendo o pobre reizito cristão entregue de sua mulher e de seus filhos, que esse inimigo lhe tinha cativos, com mais sessenta e três almas cristãs, e ordenada ali uma igreja para se doutrinarem os novamente convertidos, nos tornamos ao junco, onde embarcados demos logo à vela e seguimos nossa rota na volta de Tanauçarim, onde esperava achar o Lançarote Guerreiro e os seus companheiros para tratar com eles o negócio que atrás tenho dito.

Mas porque na carta que esse reizinho me mostrara, dos portugueses, faziam eles menção de uma vitória que Deus lhes dera contra os turcos e os achéns desta costa, determinei declarar aqui como ela se passou, tanto porque me parece que nisso darei gosto aos leitores, como para que se entenda que os bons soldados,



no tempo da necessidade não há coisa que não levem a cabo, e que por isso importa muito terem-nos muito mimosos e muito favorecidos.

Havendo já quase oito meses que esses nossos cem homens andavam nessa costa embarcados em quatro fustas muito bem concertadas, em que tinham tomado vinte e três naus de presas muito ricas, e outros muitos navios pequenos, as gentes que costumavam navegar por aquela costa andavam já tão assombradas do nome português que de todo deixaram o comércio de suas viagens, e vararam os seus navios em terra, por onde as alfândegas desses portos de Tanauçarim, Junçalão, Merguim, Vagaru e Tavay, perdiam muito dos seus rendimentos, pelo que foi forçoso a esses povos darem conta disso ao imperador do Sornau, rei de Sião, que é senhor supremo de toda essa terra, para que provesse nesse mal, de que todos geralmente se queixavam, o qual proveu logo, da cidade de Odiá onde então estava, com muita presteza, mandando vir da fronteira dos Lauhós um seu capitão turco, de nome Heredim Mafamede, o qual no ano de 1538 viera de Suez na armada de Soleimão Baxá, vice-rei do Cairo, quando o grão-turco o mandou sobre a Índia, e desgarrando este em uma galé do corpo da armada veio ter a essa costa de Tanauçarim, onde aceitou partido desse Sornau, rei de Sião, e o serviço de fronteiro-mor na raia do reino dos Lauhós, com doze mil cruzados de soldo por ano. E porque El-Rei, por ele ser turco, o tinha em conta de homem invencível, e, para mais que todos os seus, o mandou então vir da fronteira onde estava, com trezentos janízaros que tinha consigo, e fazendo-lhe uma grossa mercê de dinheiro, o fez general da costa desse mar, com provisões de rei absoluto sobre todos os oyás, que são como duques, para desafrontar esses povos, das anexações que os nossos lhes faziam, e lhe prometeu o fazer duque de Banchá, que é um estado muito grande; se lhe trouxesse as cabeças dos quatro capitães portugueses. Esse soberbo turco,



ufano e cheio de vaidade com as novas mercês e nova promessa que El-Rei lhe fizera, se partiu para Tanauçarim com muita pressa, onde chegado fez logo uma armada de dez barcos para ir pelejar com os nossos, e tão confiado em ter vitória, que, em resposta de algumas cartas que o Sornau lhe escrevera da cidade de Odiá, lhe respondeu ele uma que dizia essas palavras:

Do dia que a minha cabeça se apartou dos pés de vossa alteza, para esse pequeno feito em que mostrou gosto que eu o servisse, a nove dias, cheguei a Tanauçarim onde logo com toda a presteza provi na falta de barcos que aqui achei, de que não quisera levar mais que dois, porque, sem falta, para mim tenho que essas só bastavam para enxotar esses formigueiros, mas para ser em tudo obediente ao regimento que me deu o combracalão, governador do império, selado com a mutra do selo real, aparelho a galé grande, e as quatro pequenas, e cinco fustas, com as quais determino partir-me logo, porque receio que saibam esses cães da minha vinda e que Deus, por meus pecados, seja tanto seu amigo que lhes dê tempo para fugirem, o que para mim seria tamanha dor que só a imaginação dela temo que me consuma a vida, ou por desesperação me faça semelhante a cada um deles. Mas eu confio no profeta Mafoma, cuja lei professei de pequeno, que se não mostre tanto meu inimigo que consinta pecados poderem tanto.

Chegado, como digo, esse Heredim Mafamede a Tanauçarim, fez logo prestes essa armada de cinco fustas, quatro galeotas e uma galé real, e embarcou nela oitocentos mouros de peleja, fora a chusma de remo, em que entravam trezentos janízaros, e os mais eram turcos, gregos, malabares, achéns e mogores, gente toda muito escolhida e exercitada na guerra, em que parecia que a



vitória estava muito certa, e com ela saiu do porto de Tanauçarim em busca dos nossos, que nesse tempo estavam nesta Ilha de Pulo Hinhor de que esse cristão era rei, o qual, nessa conjunção em que essa armada se fazia, acertou de estar lá na cidade vendendo um pouco de peixe seco. E sentindo o que se ordenava contra os nossos, largou a veniaga e veio com muita pressa a essa sua ilha, na qual os achou muito descansados, sem saberem parte de nada, e com todas as quatro fustas varadas em terra. E dando-lhes conta do que se passava, ficaram eles todos tão sobressaltados quanto a qualidade do caso requeria, e logo naquela noite e no dia seguinte espalmaram os navios e os lançaram ao mar, e embarcaram mantimentos, água, artilharia e munições, e se puseram com remo em punho, com tenção, segundo me eles depois contaram, de se irem para Bengala ou para Racão, por se não atreverem a pelejar com armada tão grossa.

E estando assim vacilando em diferentes pareceres, apareceram todos os dez barcos juntos, e nas costas deles, cinco naus grossas de guzarates, cujos senhorios tinham dado ao Heredim Mafamede trinta mil cruzados para os segurar dos nossos.

A vista desses quinze barcos meteu a nossa gente em muita confusão, e por já a esse tempo se não atreverem a se fazerem na volta do mar, por lhes ficar o vento muito ponteiro, se meteram detrás de uma calheta que a ilha fazia da banda do sul, cercada de recifes, porque já não tinham outro remédio, e ali determinaram esperar o que a fortuna lhes oferecesse.

As cinco naus dos guzarates se fizeram na volta do mar, e os dez barcos de remo se foram direitos à ilha, onde chegaram quase às Ave-Marias, e o turco mandou logo espiar o porto onde tinha por novas que os nossos estavam, e veio a remo pôr-se na boca da angra, por lhe ficar assim a presa mais segura, e com tenção de logo que fosse manhã tomar todos os nossos às mãos, e, atados





com cordas, como ele dizia, os apresentar ao Sornau de Sião, porque isso era o porque tinha prometido o estado de Banchá, como atrás fica dito.

A manchua que fora espiar o porto tornou à armada com duas horas da noite, e deu por novas ao Heredim que os nossos eram já acolhidos, de que dizem que ficou tão pasmado que dando bofetadas em si e depenando as barbas disse chorando:

– Bem me temi eu sempre que pecados meus haviam de ser causa que Deus nesse feito se mostrasse mais cristão que mouro, e que Mafamede havia de ser tal como cada um desses perros que eu vinha buscar.

E com isso se deixou cair no chão como morto, onde esteve sem fala por espaço de mais de uma grande hora. Porém, quando tornou em si, proveu logo como capitão no que convinha, mandando logo as quatro galeotas em busca dos nossos a uma ilha a que chamavam Taubasoy, que estava no mar daquela de Pulo Hinhor, a sete léguas, tendo para si que lá deviam estar por ser muito melhor refúgio que aquela em que estava; e as cinco fustas dividiu em três partes, duas mandou a outra ilha de nome Sambilão, e outras duas a outra que estava mais junto da terra firme, por serem todas de bons refúgios, e a outra fusta, por ser mais ligeira, mandou atrás das quatro galeotas para que antes da manhã lhe trouxesse recado do que achasse, prometendo de alvísaras cinco mil cruzados.

Os nossos, que estavam bem alerta, vendo que o turco se tinha desfeito da maior força do poder que trazia e que não tinha ali consigo mais só a galí em que estava, se determinaram em o acometer, e saindo da calheta com o remo em punho, vieram muito caladamente a ela. E como os inimigos estavam seguros, e fora de lhes parecer que podia haver alguma coisa que os acometesse, e ser já passante da meia-noite, tinham em si fraca vigia. As nossas quatro fustas deram todas juntas na galé, com grande ímpeto e

esforço, e lhe lançaram dentro sessenta homens, os quais, antes que os inimigos entrassem em seu acordo para se valerem das armas, que seria o espaço de dois ou três credos, lhes mataram à espada, passante de oitenta turcos, e todos os mais se lançaram ao mar, sem na galé ficar homem vivo nem pessoa a quem se conservasse a vida, onde também morreu o perro do Heredim Mafamede. E tanto favoreceu Deus Nosso Senhor os nossos nesse grande feito, que lhes deu essa honrosa vitória tão barata que não custou mais que um moço nosso e nove portugueses feridos, e na galé me afirmaram eles que morreram à espada, e afogados, muito perto de trezentos mouros, de que a maior parte foram janízaros de cercola de ouro, que é divisa de nobreza entre os turcos.

E já quando isso acabou de se concluir seriam duas horas depois da meia-noite. E descansando o que restava da noite com muito contentamento e com boa vigia, em vindo a manhã quis Nosso Senhor, por sua misericórdia, que chegaram duas fustas da ilha onde foram mandadas, que, sem saberem parte do que era passado, vinham algum tanto descuidadas, as quais em dobrando a ponta da angra onde estava a galé, os nossos todos quatro arremeteram a elas e em muito breve espaço foram tomadas com muito pouco custo dos nossos. E havendo eles este próspero sucesso por mercê grande, dada pela mão de Deus, fizeram todos uma devota salva em que lhe deram muitas graças e muitos louvores, e lhe pediram com muitas lágrimas que os não desamparasse, porque por honra do seu santo nome se lhe ofereciam todos em sacrifício, para no mais que com seu favor esperavam fazer darem as vidas pela sua santa fé católica.

Após isso, provendo com muita pressa na fortificação das duas fustas e da galé que tinham tomado, as abalroaram com a ribanceira da parte do sul, e lhes assestaram cinco peças grossas que defendiam a entrada da angra. E sendo já quase pela tarde, chegaram as outras duas fustas que foram mandadas à terra firme, com o mesmo descuido das outras, e ainda que houvesse algum pequeno



trabalho em abalroá-las, todavia foram ambas rendidas, mas com morte de dois portugueses, dos quais um foi Lopo Sardinha, feitor de Ceilão. E tornando-se os nossos a fortificar de novo com essas outras duas fustas, determinaram esperar ali as quatro galeotas que eram mandadas à ilha do mar; porém, a estas, deu lá Nosso Senhor ao outro dia tanto vento norte, que deu com duas delas à costa, de que se não salvou pessoa nenhuma. As outras duas, vindo já sobre a tarde, destroçadas de toda a apelação dos remos, distantes uma da outra, mais de três léguas, uma delas chegou ao porto às Ave-Marias, que também teve a fortuna das outras, sem se dar vida a mouro nenhum.

Ao outro dia, uma hora antemanhã, sendo o vento calmo de todo, viram os nossos a outra galeota que andava manca, por ter alijado toda a equipagem de remo ao mar, e que não podia tomar o porto senão sobre a tarde, com o vento oeste, e determinando-se de a irem buscar, se chegaram a ela e lhe deram duas surriadas de artilharia, com que lhe mataram a maior parte da gente, e após isso a abalroaram e a tomaram sem nenhum trabalho, por ter a gente quase toda morta e ferida, e a trouxeram à toa para dentro da angra onde as outras estavam. De maneira que dos dez barcos da armada, ficaram aos nossos a galé, duas galeotas e quatro fustas; e dos outros três navios, duas galeotas deram à costa na Ilha de Tobasoy, como já disse, e da outra fusta se não soube nenhuma nova, mas suspeitou-se que a comera o mar, ou dera à costa em alguma das outras ilhas. E essa gloriosa vitória que Nosso Senhor deu aos nossos foi no mês de setembro do ano de 1544, na véspera e dia do Arcanjo São Miguel, com a qual o nome português ficou tão celebrado e tão temido por toda essa costa, que em mais de três anos se não falou noutra coisa. O que, sabido pelo chaubainhá, rei de Martavão, os mandou logo buscar com promessas de grandes partidos, para o ajudarem contra o rei de Bramá, que naquele tempo se fazia prestes na cidade de Pegu, para o vir cercar com setecentos mil homens.



CXLVII

DO QUE MAIS PASSEI ATÉ CHEGAR À BARRA DE MARTAVÃO

Partidos nós, como já disse atrás, desta Ilha de Pulo Hinhor, continuamos por nossa rota na via do porto de Tanauçarim, ao negócio que já atrás disse algumas vezes, e quando foi noite, receoso o piloto dos muitos baixos que tinha por proa, se fez no bordo do mar com tenção de logo que fosse manhã tornar a demandar a terra com os ventos oestes que já neste tempo cursavam da Índia, por monção tendente. E havendo cinco dias que navegávamos por esta rota, correndo com assaz de trabalho por rumos diferentes, permitiu Nosso Senhor que acaso víssemos uma manhã uma embarcação pequena, e parecendo-nos que era de pescadores, a fomos demandar para nos informarmos deles da paragem em que estávamos, e que léguas haveria dali a Tanauçarim. E passando por junto dela, lhe bradamos, porém ninguém nos respondeu, pelo que foi forçoso mandar lá o batel bem apercebido de gente, para constringer os que achasse, a virem a bordo. O nosso batel chegou com muita pressa à embarcação que tínhamos visto, e sem nenhuma dificuldade o trouxe à toa, a qual em chegando a nós me meteu em assaz de confusão, porque era um batel em que vinham cinco portugueses, dois mortos e três ainda vivos, e um cofre com três sacos de tangas, larins e um envoltório em que vinham muitos copos e jarros de prata, e dois pratos muito grandes, o que tudo logo eu fiz pôr a bom recato, e os três portugueses meti dentro do junco, e fazendo-lhes todo o



gasalhado que pude, os tive dois dias sem fala, e, com gemas de ovos e caldos de galinha que lhes lançava pela boca, tornaram a si e prouve a Nosso Senhor que em seis ou sete dias convalesceram para poderem dar razão de si. E um desses portugueses era um tal Cristóvão Dória, que nessa terra foi depois mandado como capitão a São Tomé, e os outros dois eram Luís Taborda e Simão de Brito, todos homens honrados e mercadores ricos.

Eles me contaram que vindo da Índia numa nau de Jorge Manhoz, casado em Goa, para o porto de Chatigão, no reino de Bengala, se perderam nos baixos de Racão, por má vigia que tiveram, e salvando-se no batel dezessete pessoas somente, de oitenta e três que vinham na nau, caminharam ao longo da costa cinco dias, com tenção de se irem meter no Rio de Cosmim, no reino de Pegu, para daí se embarcarem para a Índia, na nau do lacre de El-Rei, ou doutro qualquer mercador que no porto achassem. E vindo com essa determinação, lhes dera um vento leste do lado da terra, tão impetuoso que numa noite e num dia a perderam de vista. E andando assim emaranhados sem vela nem remos, nem quem entendesse que rumo lhes demorava, continuaram nesse trabalho dezesseis dias, em que de todo lhes faltou a água, que foi a causa das suas mortes; e desses dezessete que escaparam no batel, só três ficaram vivos, da maneira que aqui os achei.

Daqui desta paragem velejamos por nossa rota mais quatro dias, em que prouve a Nosso Senhor que uma manhã nos achamos entre cinco naus portuguesas que iam de Bengala para Malaca, às quais todas mostrei o regimento que levava de Pero de Faria, e lhes fiz requerimento que fossem juntas todas por causa da armada dos achéns que andavam na costa, para que o descuido não fosse causa de algum desastre, e disso lhes pedi um certificado que todos me deram, e me proveram de tudo o que me era necessário, em muita abastança.

Feita essa diligência, seguimos daqui nosso caminho, e passados nove dias chegamos à barra de Martavão, uma sexta-feira de Lázaro, vinte e sete de março do ano de 1545, tendo passado por Tanauçarim, Tovay, Merguim, Juncay, Pulo Camude e Vagaru, sem em nenhum desses portos achar nova desses cem portugueses que ia buscar, porque a esse tempo eram lançados lá dessa parte do chaubainhá, rei de Martavão, o qual (segundo ouvi dizer) os mandara chamar para o ajudarem eles contra o rei do Bramá que o tinha cercado com um campo de setecentos mil homens, como atrás fica dito. Porém eles já então não estavam em seu serviço, como logo se verá, mas a razão porquê, eu a não soube.



DE ALGUMAS COISAS PARTICULARES QUE AQUI
EM MARTAVÃO SUCEDERAM

J á seriam duas horas da noite quando chegamos à boca do rio, e ancoramos nela com tenção de pela manhã irmos surgir à cidade. E depois de estarmos quietos, ouvimos por vezes muitos tiros de artilharia grossa, com o que algum tanto ficamos embaraçados e duvidosos no que faríamos. E quando o dia foi claro, o necodá chamou toda a gente a conselho, por ser assim seu costume em semelhantes casos, e lhe disse que pois todos haviam de participar do perigo, todos também dessem nele seu voto, e a todos geralmente fez uma fala em que lhes pôs diante o que aquela noite ouvira, e o receio que por isso tinha de ir surgir na cidade, sobre o que houve alguns pareceres e opiniões diversas, por fim das quais se concluiu que todavia se fosse ver com os olhos o de que se temiam. E para isso se fez à vela para dentro do rio, com conjunção de vento e maré, e dobramos uma ponta a que chamavam Mounay da qual descobrimos a cidade cercada toda em roda de uma grande quantidade de gente que ocupava grande parte da vista, e no rio quase outra tanta de barcos de remo, e conquanto suspeitássemos o que isso podia ser pelas atoardas que já trazíamos de mais longe, não deixamos de velejar até dentro do porto, onde surgimos com muito recato. E fazendo por cerimônia de paz nossa salva costumada, nos saiu da terra um batel bem equipado em que vinham seis portugueses, cuja vista nos alegrou em extremo, os quais, subindo acima, onde foram bem recebidos de toda a

gente, nos declararam tudo o que convinha à segurança de nossas pessoas, e nos aconselharam a que por nenhum caso fizéssemos dali mudança, como lhes dissemos que tínhamos determinado, que era fugirmos aquela noite para Bengala, porque sem dúvida nos perderíamos e seríamos tomados pela armada que o rei de Bramá ali tinha, que era de mil e setecentos barcos de remo, em que entravam cem galés todas bem providas de gente estrangeira; mas que me fosse eu logo com eles a terra ver João Caeiro, que ali estava como capitão dos portugueses, a quem daria conta do a que vinha, e faria o que me ele aconselhasse, se não queria errar, porque ele era homem bem inclinado, e grande amigo de Pero de Faria, em quem lhe tinham ouvido falar muitas vezes, gabando-lhe sempre a nobreza de sua pessoa e condição, e que também lá acharia Lançarote Guerreiro e os outros capitães para quem trazia cartas, e que numa coisa e noutra se praticaria o que fosse mais serviço de Deus e de El-Rei nosso senhor.

Parecendo-me a mim bem esse conselho, fui logo com eles a terra a ver o João Caeiro, do qual, e de todos os mais que estavam com ele na sua trincheira, fui muito bem recebido, que eram setecentos portugueses, gente toda muito limpa e rica, e mostrei ao João Caeiro as cartas e o regimento que trazia de Pero de Faria, e pratiquei com ele o negócio a que vinha, e ele fez sobre isso logo um grande requerimento aos quatro capitães a quem eu vinha dirigido, os quais lhe responderam que eles estavam todos muito prestes para servirem El-Rei nosso senhor em tudo o que se oferecesse; porém que pois a carta de Pero de Faria, capitão de Malaca, vinha toda fundada no receio que tinha dos achéns, e a armada dos cento e trinta barcos que esperava, de que era general o Bijayá Fora, rei de Pèdir e almirante do Achém, virem a Tanauçarim, a qual já aí viera e fora desbaratada pela gente da terra, com perda de setenta lancharas e de cinco mil homens, haviam a sua ida então por desnecessária, porque segundo o que eles tinham visto,



ia esse inimigo tão quebrado das forças que lhes parecia que em dez anos se não poderia tornar a refazer do que tinha perdido. E fora essa razão, se deram nesse caso outras muitas, por onde se assentou que era escusada a sua ida a Malaca. E eu pedi a João Caeiro, que de tudo o que era passado nesse caso, me mandasse passar um documento, para com ele se me dar crédito em Malaca, porque em o havendo à mão, determinava de me tornar logo, pois ali não tinha mais que fazer. E assim me deixei ali ficar em companhia do João Caeiro, com fundamento de ir no junco quando fosse tempo, e continuei com ele no trabalho desse cerco por espaço de quarenta e seis dias, que foi o tempo que esse rei bramá aqui mais se deteve, do qual aqui brevemente direi um pouco, porque me parece que os curiosos folgarão de saber o sucesso que teve nessa guerra o chaubainhá, rei de Martavão.

Sendo já passados seis meses e treze dias que durava esse cerco, dentro do qual tempo a cidade foi acometida cinco vezes, à escala vista, com mais de três mil escadas, sempre os de dentro a defenderam valorosamente e mostraram ser homens de muito ânimo, mas como o tempo e os sucessos da guerra os foram consumindo pouco a pouco, e de nenhuma parte lhes veio socorro e os inimigos eram sem comparação muitos mais que eles, o chaubainhá se viu tão falto de tudo que se afirmou que não tinha em toda a cidade mais que só cinco mil homens, porque os cento e trinta mil que havia mais nela eram já mortos à fome e a ferro, pelo que havido conselho no remédio que isso podia ter, se assentou que tentasse El-Rei o inimigo por interesse, o que ele logo pôs em obra, e lhe mandou dizer que levantasse o cerco e que lhe daria por isso trinta mil biças de prata, que era um conto de ouro, e lhe ficaria tributário em sessenta mil cruzados por ano. Ao que foi respondido pelo rei bramá que nenhum partido lhe havia de aceitar se não se entregasse primeiro em seu poder. Outra vez o acometeu o chaubainhá a que o deixasse sair em duas naus com o seu tesouro



e com sua mulher e seus filhos, para se passar ao Sornau, rei de Sião, e que lhe largaria a cidade com tudo quanto nela estivesse, o que também lhe não quis conceder. Terceira vez o mandou acometer a que se retirasse com o seu campo para Tagalá, que era dali a seis léguas, para que ele pudesse sair livremente com os seus, e lhe largaria a cidade e o reino com todo o tesouro que fora do rei passado, ou lhe daria por ele três contos de ouro, o que também lhe foi negado. Pelo que, desesperado o chaubainhá de poder ter já paz ou concerto algum com este cruel inimigo, revolvendo no pensamento que meio teria para se poder salvar de suas mãos, por fim tomou por derradeiro remédio valer-se dos portugueses, parecendo-lhe que por seu meio poderia ser salvo do perigo em que se via, e mandou acometer a João Caeiro que se embarcasse de noite nas quatro naus que ali tinha, para que o salvasse com sua mulher e seus filhos, e lhe daria por isso a metade do seu tesouro.

E esse negócio mandou tratar com muito segredo por um tal Paulo de Seixas, natural da vila de Óbidos, que tinha consigo dentro da cidade, o qual em traje de Pegu, para não ser conhecido, veio ter uma noite à tenda onde estava o João Caeiro e lhe deu uma carta do chaubainhá, a qual dizia assim:

“Esforçado e leal capitão dos portugueses, por mercê do grande rei do cabo do mundo, leão forte e de bramido espantoso, com coroa de majestade na casa do Sol, eu, o mal-afortunado chaubainhá, príncipe que fui e já não sou, dessa mal afortunada e cativa cidade, te faço saber por palavras ditas da minha boca, na firmeza fiel de minha verdade, que eu me rendo desta hora para sempre, por vassalo e súdito do grande rei português, senhor soberano de meus filhos e meu, com reconhecimento de párias e de tributo rico, qual ordenar a sua vontade, pelo que te requeiro da sua parte que logo que Paulo de Seixas te der essa minha carta, sem fazeres nenhuma detença, venhas logo com essas naus para junto do baluarte do cais da varela, onde me acharás em pé esperando por ti,





para logo sem mais outro conselho me entregar em tua verdade com todo o tesouro que tenho comigo, de pedraria e ouro, e da metade dele faço livremente serviço a El-Rei de Portugal, contando que me conceda licença que à custa do que me fica, arme no seu reino ou nas fortalezas da Índia dois mil portugueses a que prometo dar grossos soldos, para com eles me restituir do que agora me é forçoso largar por minha grande desventura. E quanto a ti e aos mais que estão contigo, que forem de ajuda em me eu salvar, prometo na fé de minha verdade repartir tão largamente com todos, que se hajam por muito satisfeitos. E porque o tempo não sofre carta mais comprida, Paulo de Seixas, por quem ta mando, te certificará tanto do que viu, como do mais que com ele passei.”

Lida essa carta por João Caeiro, mandou logo com grande segredo chamar a conselho os mais honrados e de melhor nome que tinha consigo, e mostrando-lhes a carta, lhes relatou por palavras quão importante e proveitoso era ao serviço de Deus e de El-Rei nosso senhor aceitar esse partido com que o chaubainhá os acometia. E dando sobre isso de novo juramento ao Paulo Seixas, lhe disse que dissesse o que disse entendia, e se era verdade que o tesouro do chaubainhá era tamanho como tinha a fama; a que ele respondeu que pelo juramento que tomava ele não sabia, de certa certeza, de que tamanho o tesouro era, mas que ele vira cinco vezes por seus olhos uma grande casa do tamanho de uma igreja meã, cheia de pães e de barras de ouro até ao telhado, em que lhe parecia que poderia haver carregamento de duas naus grandes, e vira mais vinte e seis caixões fechados e liados com cordas, em que o chaubainhá lhe dissera que estava o tesouro que fora do Bresagucão, passado rei de Pegu, e que da quantidade do ouro lhe disse que eram cento e trinta mil biças, de quinhentos cruzados cada biça, que ao todo vinham a ser sessenta e cinco contos de ouro; e que dos pães de prata que também vira na brala do Quiai Adocá, deus dos trovões, não sabia a quantidade certa, mas que



com seus olhos vira tamanha cópia dela, que quatro boas naus a não esgotariam. E que também lhe mostrara a estátua de ouro do Quiai Frigau, que se tomara em Dagum, toda coberta de pedraria, tão rica, de tanto esplendor, e de tamanho preço que tinha para si que em todo o mundo não havia coisa igual a ela.

De maneira que do que esse homem declarou ali em público, pelo juramento que lhe deram, ficaram os ouvintes todos tão espantados que aos mais deles pareceu ser aquilo coisa impossível. E mandando-o sair para fora da tenda, se praticou sobre a resolução desse feito, em o qual, por pecados nossos, se não tomou nenhuma, por haver nessa junta tantas diversidades de opiniões e de pareceres que Babilônia em seu tempo não lançou de si mais variedades de línguas, que a principal causa, segundo se disse, foi a inveja de seis ou sete homens que queriam presumir de fidalgos, que se acharam ali presentes, os quais tendo para si que se Deus permitisse que esse negócio sucedesse como se esperava, o João Caeiro só (a quem os mais não tinham boa vontade) ficaria daqui com tamanho nome e tanta honra, que seria pouco, como eles depois diziam, fazê-lo El-Rei, marquês ou, quando menos, governador da Índia.

De modo que esses ministros do demônio, depois de porem diante algumas impossibilidades, que eram o rebuço de sua fraqueza e más inclinações, e o temor que tinham de perderem suas fazendas e de lhes o rei bramá cortar por isso as cabeças, se limitaram a totalmente não consentirem nesse feito, antes o descobriram se João Caeiro insistisse em levar avante o que determinava, que era aceitar o que chaubainhá lhe pedia, o que João Caeiro então dissimulou por lhe ser assim forçoso, porque receou que se fizesse nisso força, o descobrissem ao rei bramá, como já diziam, sem temor de Deus nem vergonha dos homens.

DA DETERMINAÇÃO QUE TOMOU O CHAUBAINHÁ
DEPOIS QUE ENTENDEU QUE NÃO PODIA
SER SOCORRIDO DOS PORTUGUESES

Vendo João Caeiro quão pouco lhe aproveitara toda essa diligência, e que nenhum remédio tinha para efetuar o que tanto desejava, escreveu uma carta ao chaubainhá, em que lhe dava muito fracas desculpas de não fazer o que lhe pedira, e dando-a a Paulo de Seixas, o despediu para que se tornasse com a resposta, o qual se partiu logo, que seria então às três horas depois da meia-noite.

E chegando à cidade, achou o chaubainhá que o estava esperando no lugar onde dissera na sua carta, e lhe meteu na mão a resposta que levava, o qual depois que a leu e entendeu por ela que não podia ser socorrido pelos nossos, como sempre lhe parecera que fosse, dizem que ficou tão fora de si que com a grande dor e tristeza caiu em terra como morto, onde depois de jazer algum espaço, tornando em si se deu por vezes muitas bofetadas no rosto, lamentando sua triste sorte, e com muitas lágrimas e suspiros disse:

– Ah, portugueses, portugueses, quão mal pagastes ao desventurado de mim o muito que por muitas vezes tenho feito por vós, parecendo-me que em o fazer assim, fazia tesouro de vossa amizade, para que como leais me valêsseis numa tamanha necessidade como essa em que agora me vejo, da qual coisa eu não queria nem pretendia mais que vida para meus filhos, e enriquecer o vosso rei, e tervos comigo em minha terra, de que vós todos houvéreis



de ser os principais, e prouvera àquele que vive reinando na formosura de suas estrelas, que merecereis vós ante ele fazerdes-me esse bem, de que meus pecados foram o inconveniente, porque vós teríeis aumentado por mim a sua lei, e eu me salvaria nas promessas de sua verdade.

E despedindo então de si o Paulo de Seixas, com uma moça de que tinha dois filhos, lhe deu, por o acompanhar nos trabalhos do cerco, dois braceletes que tinha nos braços, e lhe disse:

– Rogo-te que te não lembre esse pouco que te dou, senão o muito que te sempre quis, e que te não esqueça dares conta aos portugueses dessa dor com que lamento a sua ingratidão, a qual protesto apresentar no dia da conta de todos os mortos, e os acusar criminalmente diante de Deus.

Esse Paulo de Seixas tornou a vir na noite seguinte com dois filhinhos seus e uma moça, mãe deles, formosa e muito fidalga, com a qual depois se casou em Choromandel, onde vendeu os dois braceletes que lhe dera o chaubainhá, por trinta e seis mil cruzados, a Miguel Ferreira, e Simão de Brito, e Pero de Bruges, lapidário, aos quais o Trimila Raja, governador de Narsinga, os comprou depois por oitenta mil.

Passados cinco dias depois que esse Paulo de Seixas veio da cidade ao arraial onde contou todas essas coisas que tenho dito, vendo-se o chaubainhá já de todo sem remédio, tomou conselho com os seus sobre esses males e desventuras que cada dia se sucediam umas sobre as outras, no qual assentaram darem a morte a toda a coisa viva que não pudesse pelejar, e fazer-se de todo esse sangue um sacrifício ao Quiai Nivadel, deus das batalhas do campo Vitau, e lançarem ao mar todo o tesouro para que seus inimigos se não aproveitassem dele, e após isso porem fogo à cidade, e os que pudessem tomar armas, se fazerem amoucos e morrerem todos no campo, pelejando com os bramás. Esse conselho aprovou então o chaubainhá como o melhor de todos, e esse somente se seguisse.





E com essa determinação mandando logo desmanchar as casas e juntar muita lenha para se efetuar isso que estava determinado, uns dois capitães dos três principais da cidade, temendo o que ao outro dia havia de ser, se lançaram naquela noite com quatro mil homens no arraial do bramá, cuja fugida e deslealdade quebrou tanto os ânimos aos que ficaram que não havia já nenhum que quisesse acudir aos repiques nem vigiar as estâncias como antes faziam, mas diziam todos a uma voz que se o chaubainhá se não determinasse em algum concerto com o bramá, haviam de abrir as portas, porque por muito menos mal teriam morrer pelejando, que consumi-los ali o tempo a pouco e pouco, como gado enfermo. A que o chaubainhá, para aquietar o motim que já se começava a levantar, respondeu que assim seria como diziam, e para isso mandou fazer de novo resenha da gente que podia pelejar, e não se acharam mais que só dois mil homens, e esses todos já tais e tão quebrados do ânimo, que nem a mulheres fracas resistiriam.

E chegando ele com isso à última desesperação, tratou essa sua desventura com sua mulher somente, porque já nesse tempo não havia outrem com quem se pudesse aconselhar, nem quem lhe falasse verdade, e tomou por derradeiro remédio entregar-se nas mãos de seu inimigo, à condição do que quisesse fazer dele. E ao outro dia, às seis horas da manhã, apareceu no muro uma bandeira branca em sinal de paz, a que logo do arraial responderam com outra, e o xemimbrum, que era o mestre do campo, mandou um homem a cavalo ao baluarte onde a bandeira estava, e lhe disseram de cima que o chaubainhá queria mandar uma carta a El-Rei, e que lhe mandassem seguro para isso.

O xemimbrum lho mandou logo por dois bramás a cavalo, homens ambos muito principais, o qual seguro ia numa folha de ouro batido, em que estava o sinal de El-Rei.

E ficando esses dois bramás como reféns na cidade, o chaubainhá lhe mandou uma carta por um seu religioso de idade já de

oitenta anos, que entre eles era tido por homem santo, a qual dizia assim:

Pode tanto o amor dos filhos nessa casa de nossa fraqueza, que não há nenhum de nós os que somos pais, que por respeito deles não desça mil vezes ao fundo lago da casa da serpe, quanto mais pôr por eles a vida na mão de quem tanta clemência usa com todos, pelo que assentei essa noite comigo e com minha mulher e filhinhos, por me tirar de opiniões contrárias a esse bem que tenho por maior que todos os outros, me entregar nas mãos de vossa alteza, para que de mim e deles faça o que for mais sua vontade. E quanto à desculpa que posso alegar por mim ante teus pés, essa, senhor, quero que me não valha, para que fique maior ante Deus o merecimento da misericórdia que usares comigo. Vossa alteza mande logo tomar posse de minha pessoa, de minha mulher e de meus filhinhos, e assim também da cidade, do tesouro e de todo o reino, porque desde esta hora lho hei por entregue, como a rei e senhor verdadeiro e natural, com lhe pedir de joelhos, e prostrado por terra, que a eles e a mim, imitando pobreza, deixe acabar em religião, onde protesto chorar sempre com arrependimento profundo a culpa do crime passado, porque honras e estados do mundo com que vossa alteza me pode enriquecer, como senhor da maior parte da terra e ilhas do mar, eu as hei todas por renunciadas ante seus pés, com lhe fazer de novo perpétua homenagem e juramento solene no Deus maior de todos os deuses, que move as nuvens do céu com ímpeto suave de mão poderosa, de nunca enquanto viver, sair da religião onde, senhor, vossa vontade me mandar que professe, e seja em parte onde Deus queira que tudo me falte, para que assim, esfaimado das promessas da terra, fique mais aceita a



minha penitência ante aquele que tudo perdoa. Esse santo grepo talapoi-mor da casa dourada do Santo Quiai, que por sua autoridade e austera vida leva poder de minha pessoa, relatará ante seus pés tudo o mais que nesta lhe poderia dizer do que convém à minha entrega, para que, seguro eu na realidade da sua palavra, se aquietem as alterações que continuamente combatem minha alma.

Vista essa carta pelo rei bramá, lhe respondeu logo com outra cheia de muitas promessas e juramentos, que tudo o passado poria em esquecimento, e que a ele proveria com um estado de tantas terras e rendas que ficasse bem contente, o que depois lhe cumpriu bem mal, como adiante direi.

Passado esse dia com grande alvoroço de todos para se ver esta entrega, logo ao outro pela manhã, o dopo de El-Rei, que era a sua estância, apareceu com oitenta e seis tendas de campo, muito ricas, cada uma das quais rodeava trinta elefantes postos em ala de duas fileiras a modo de guerra, com seus castelos embandeirados, e panouras nas trombas, que por todos eram dois mil quinhentos e oitenta, e doze mil bramás a cavalo, com jaezes e cobertas ricas, que também por sua ordem fechavam todo o dopo em quatro fileiras, e estes todos armados de cossoletes, e couras, e saias de malha, e com lanças, terçados, e cofos dourados. E por fora dessa gente a cavalo, estavam outras quatro fileiras de gente a pé, também de bramás, em que havia mais de vinte mil homens; e tudo o mais que restava no campo, que era gente sem conto, estavam postos por sua ordem em suas capitâneas com muita soma de guiões e bandeiras ricas, e muita diversidade de instrumentos que se tocavam, a qual vozearia toda junta fazia tamanho estrondo que, além de causar grandíssimo terror e espanto, não havia ninguém que se pudesse ouvir nem entender com ela. E por fora de todo esse exército, andava outra grande cópia de homens a cavalo, correndo de

uma parte para a outra, com suas lanças nas mãos, que com grandes apupos e brados metiam a gente em ordem.

E querendo esse rei bramá, por grandeza de estado festejar essa entrega do chaubainhá, mandou que todos os capitães estrangeiros, com sua gente armada e vestida de festa, se pusessem em duas fileiras, a modo de rua, para vir por ela o chaubainhá, o que logo foi feito, e essa rua tomava dessa porta da cidade até a sua tenda, que seria distância de dois terços de légua, na qual rua estavam trinta e seis mil estrangeiros de quarenta e duas nações, em que havia portugueses, gregos, venezianos, turcos, janízaros, judeus, armênios, tártaros, mogores, abexins, raizbutos, nobins, corações, persas, tuparás, gizares, tanocos da Arábia Feliz, malabares, jaus, achéns, moéns, siameses, lusões da Ilha Bornéu, chacomás, arracões, predins, papuas, celebes, mindanaus, pegus, bramás, chalões, jaquesalões, savadis, tagus, calaminhãs, chaleus, bengalas, guzarates, andaguirés, menancabos, e outros muitos mais a que não soube os nomes.

Essas nações todas se puseram na ordem que lhe foi mandada pelo xemimbrum, mestre do campo, o qual pôs os portugueses na dianteira de todos, que era junto com a porta da cidade por onde o chaubainhá havia de sair, e logo após eles os armênios, e logo os janízaros e os turcos e todos os mais nos lugares que lhe a ele bem pareceu, e com essa ordem chegava essa gente estrangeira, como já disse, até o dopo de El-Rei, onde estava a gente bramá da guarda do campo.



DE QUE MANEIRA O CHAUBAINHÁ SE ENTREGOU
AO REI BRAMÁ, E DA GRANDE AFRONTA
QUE OS PORTUGUESES ALI PASSARAM

Sendo já quase uma hora depois do meio-dia, se atirou uma bombarda, ao qual sinal as portas da cidade foram logo abertas, e primeiro que tudo começou a sair a guarda que El-Rei no dia antes lhe mandara pôr, que eram quatro mil siões e bramás, todos arcabuzeiros, e alabardeiros, e piqueiros, com mais trezentos elefantes armados, de que era capitão um bramá, tio de El-Rei, de nome Mompocasser, bainhá da cidade de Meleitay, no reino do Chaleu. Detrás dessa guarda dos elefantes, dez ou doze passos, vinham muitos senhores por quem El-Rei o mandou receber, entre os quais vinham os que se seguem: o chircá de Malacou, com outro a par, de que não soube o nome; estes ambos vinham cada um em seu elefante com jaezes e cadeiras de chaparia de ouro, e colares de pedraria ao pescoço; logo após estes, pela mesma ordem, vinha o bainhá Quendou, senhor de Cosmim, cidade nobre do reino Pegu, e o Mongibray Dacosem, e atrás desses dois, vinham o bainhá Brajá, e o Chaumalacur, e o Nhay Vagaru, e o xemim Ansedá, e o xemim do Catão, e o xemim Guarem, filho do Moncaminau, rei do Jangumá, e o bainhá de lá, e rajá Savady, e o bainhá Chaque, governador do reino, e o Dambambu, senhor de Merguim, e rajá Savady, irmão de El-Rei de Berdio, e o bainhá Basoy, e o Coutalanhameidó, e o monteu de Negráis, e o chircá de Coulam. Após esses príncipes e muitos outros de que não soube os nomes, vinha à distância de oito ou dez passos o rolim de





Mounay, Talapoy de dignidade suprema sobre todos os outros sacerdotes do reino, e tido por El-Rei em reputação de homem santo, e esse só vinha junto do chaubainhá, como padrinho e terceiro entre ele e logo atrás ele, em três palanquins, vinha a Nhay Canató, filha que fora do rei de Pegu, passado, a quem este bramá tomara o reino, e mulher do chaubainhá, com quatro filhinhos seus, dois machos e duas fêmeas, de quatro até sete anos de idade, e ao redor desses palanquins vinham trinta ou quarenta mulheres moças fidalgas muito formosas, com os rostos baixos chorando, e muito afrontadas, encostadas todas em outras mulheres que as sustentavam. Essas todas vinham cerradas em roda, de um fio de talagrepos, que entre eles são como capuchos, homens todos já de dias, os quais descalços e com as cabeças descobertas iam rezando por contas; e esforçando essas senhoras e acudindo-lhes com água quando esmoreciam, que era muitas vezes, o qual espetáculo era tão piedoso que não havia homem que não pasmasse de dor e tristeza.

Logo após essa desconsolada companhia, vinha outra guarda de gente a pé, e na regaça de tudo, vinham cerca de quinhentos bramás a cavalo.

A pessoa do chaubainhá vinha em uma elefanta pequena, em sinal de pobreza e desprezo do mundo, conforme à religião em que de novo queria entrar, sem mais outro nenhum fausto, vestido por dó em uma cabaia de veludo preto muito comprida, e rapado de novo de cabeça, barba e sobancelhas, e ao pescoço uma corda de cairo muito velha, para assim com ela se entregar a El-Rei, e no aspecto do rosto vinha tão triste que não havia quem olhasse para ele que pudesse conter as lágrimas; era de idade de sessenta e dois anos, grande de corpo e bem assombrado, os olhos cansados e tristes, a fisionomia grave e severa, e o aspecto de príncipe generoso, o qual logo que chegou ao terreiro de dentro da porta da cidade onde o estava esperando todo o povo de mulheres





e crianças e alguns homens velhos, em o vendo da maneira em que vinha, antes que saísse fora, deram todos uma tamanha grita por seis ou sete vezes, que parecia que se fundia a terra, e após isso, lamentações com grandes vozes e prantos, e bofetadas nos rostos, ferindo-se com pedras nas cabeças tanto sem piedade que os mais deles se banhavam no seu próprio sangue, de modo que a horribilidade e a lástima do que ali se via e ouvia causava tamanha tristeza em toda a gente que até mesmo os bramás da guarda, gente inimiga e por natureza robusta, choravam como crianças.

Aqui nesse passo esmoreceu a Nhay Canató, mulher do chaubainhá, por duas vezes, com todas as mais de que ia cercada, pelo que foi necessário descerem-no a ele da elefanta em que ia para a consolar e animar, o qual em a vendo deitada no chão como morta, abraçada a todos os seus quatro filhinhos, pôs os joelhos ambos em terra e levantando os olhos ao céu, disse com muitas lágrimas:

– Ó alta potência do divino Deus todo-poderoso, quem poderá compreender o justo juízo de tua divina justiça, que não tendo respeito à inocência desses que nunca pecaram, dás lugar à tua ira que passe adiante daquilo a que nosso entendimento não pode chegar? Porém Senhor, Senhor meu, lembre-te quem és, e não quem eu sou.

E com isso, caiu no chão, de focinhos junto de sua mulher, o que causou de novo em todo aquele ajuntamento, que era sem conto outro tão horrível pranto que não sei formar palavras com que declare a grandeza dele. Porém, tornando o chaubainhá em si, pediu água com que borrifou sua mulher, e a fez tornar em seu acordar, e tomando-a nos braços a esteve consolando um bom espaço, com palavras não de gentio que era, mas de homem católico e bem entendido. E depois de se gastar nisso quase meia hora, o tornaram a pôr na elefanta e prosseguiram, pela mesma ordem que traziam, o seu triste caminho.



Logo que El-Rei saiu fora da porta e abocou pela rua que estava feita pelos estrangeiros, levantando os olhos, ainda que fosse naquele estado, enxergou na entrada dela os setecentos portugueses todos vestidos de festa, com suas couras cortadas, e gorras nas cabeças concertadas com suas plumas, e todos com seus arcabuzes às costas, e João Caeiro no meio deles, vestido de cetim carmesim com um montante dourado nas mãos, fazendo preparar o caminho. O chaubainhá, em pondo os olhos nele e o conheceu, voltando o rosto se deixou cair debruçado sobre o pescoço da elefanta, e não querendo passar adiante, disse com as lágrimas nos olhos aos de que ia cercado:

– Verdadeiramente vos afirmo, irmãos e amigos meus, que por menos dor e afronta tenho de fazer de mim esse sacrifício que Deus permitiu por sua justiça, que ver diante de meus olhos gente tão ingrata e tão má como esta! Ou me matem aqui, ou os tirem dali, porque não hei-de passar mais adiante.

E com isso se virou para trás para nos não ver, e para mostrar quão magoado ia de nós, o que bem olhado, quiçá que lhe faltou razão, pelo que atrás fica dito. O capitão da guarda, vendo a detença que o chaubainhá fazia, e a razão por que não queria passar adiante, e não se sabendo determinar na causa porque ele se queixava dos portugueses, voltou muito rijo no elefante em que andava, sobre João Caeiro, e lhe disse:

– Despeja logo o caminho, porque não é lícito que gente tão má como vós outros trilhe a terra que pode dar fruto, e perdoe Deus a quem meteu em cabeça a El-Rei, que podíeis prestar para alguma coisa. Rapai as barbas para que se engane a gente convosco, e servir-nos-eis de mulheres, por nosso dinheiro.

E começando já os bramás da guarda a se encresparem contra nós, meio arreganhados nos lançaram dali para fora, com assaz de afronta e vitupério nosso. E em verdade afirmo que foi a coisa que mais senti em minha vida, por honra dos meus naturais.



Feito isso, continuou o chaubainhá seu caminho, até que chegaram à tenda de El-Rei que estava esperando o chaubainhá com aparato real, acompanhado de muitos senhores, em que entravam quinze bainhás, que são como duques, e outros seis ou sete de títulos ainda maiores e mais honrados que esses.

O chaubainhá, em chegando a ele, se lhe lançou aos pés, e prostrado no chão esteve como pasmado, sem poder pronunciar palavra nenhuma. Aqui lhe acudiu o rolim de Mounay que ia junto com ele, e como era religioso, falou por ele a El-Rei, dizendo:

– Vista essa é, senhor, para o teu coração se mover à piedade, ainda que o crime seja qual é, e lembre-te que o ofício mais aceite a Deus, e a que se ele mais inclina com efeitos de misericórdia, é esse que agora tens diante de ti, porque imitando-o nessa clemência que os corações de todos estão desejando, ainda que para isso não abram seus beijos, entende e crê por certo, que te ficará Deus por isso tão obrigado que quando na hora da morte olhar para ti, estenderá sua mão poderosa sobre tua cabeça, para que de todo fiques sem culpa.

E após essas, lhe disse outras muitas palavras que moveram El-Rei a lhe perdoar livremente, e assim lho prometeu, de que o rolim e todos os mais senhores que estavam presentes, mostraram muito gosto e lho louvaram muito, parecendo-lhes que assim o faria, como o prometera diante de todos. E porque nesse tempo era já quase noite, os despediu, e o triste chaubainhá foi entregue a um capitão bramá, de nome xemim Coumidau, e sua mulher e filhos, com todas as mais mulheres, ao xemim Ansedá, por ter ali sua mulher, e ser honrado e velho, e de quem o rei bramá se fiava muito.

CLI

COMO A CIDADE DE MARTAVÃO FOI SAQUEADA E DESTRUÍDA, E DA ORDEM COM QUE LEVARAM A PADECER A RAINHA E OUTRAS MUITAS MULHERES

Por ser já quase noite quando se acabou de fazer essa entrega, temendo-se El-Rei que a gente do campo entrasse na cidade a tomar o saque dela para si, mandou pôr em todas as portas dela, que eram vinte e quatro, capitães bramás que as guardassem, e sob pena grave que não consentissem a pessoa nenhuma entrar delas para dentro, até ele prover nisso conforme a promessa que tinha feito à gente estrangeira, a quem tinha prometido dar campo franco. Mas essa sua diligência não foi tanto por esse respeito que ele dizia quanto para salvar primeiro o tesouro do chaubainhá. E por essa causa esteve dois dias sem tratar do negócio dos cativos que tinha em seu poder, que foi o tempo que bastou para ele pôr a salvo todo o tesouro, o qual diziam que fora tal que mil homens tiveram bem que fazer em o recolherem.

Passados esses dois dias, se foi El-Rei por uma manhã, sobre um outeiro que se chamava Beidau, que estava a dois tiros de falcão, e mandando recolher os capitães que guardavam as portas, a triste cidade de Martavão foi entregue à gente do campo, a qual, ao tiro de uma bombarda, que era o sinal derradeiro, arremeteu tão denodadamente a ela que ao entrar das portas se disse que se afogaram mais de trezentas pessoas, porque como a gente era infinita e de nações muito diferentes, e os mais deles sem rei nem lei, e sem temor nem conhecimento de Deus, andavam todos tão cegos e encarniçados na presa, que o que menos aqui se estimava



era matarem cem homens por um só cruzado, tanto que por seis ou sete vezes foi necessário acudir El-Rei em pessoa a aquietar a revolta e tumulto que havia na cidade.

O saque dela durou três dias e meio, com tanta sede, cobiça e crueldade daqueles feros e inimigos soldados, que de todo ficou despojada, sem ficar coisa nela em que se pudessem pôr os olhos.

El-Rei, com uma nova cerimônia de pregões com trombetas, mandou derrubar as casas do chaubainhá, que eram muito nobres e muito ricas, e outras trinta ou quarenta mais, que eram dos principais capitães, com todas as varelas, pagodes e bralas de toda a cidade, onde a perda dos suntuosos templos de edifícios, e obra riquíssima, se afirmou, por dito de muitos que passou de dez contos de ouro. E não contente ainda com isso, mandou pôr fogo por mais de cem partes, ao que ficara de pé, o que, por ser em conjunção de vento, se ateou com tanto ímpeto que só naquela primeira noite não ficou coisa que não fosse abrasada, de tal maneira que até os mesmos muros com torres, baluartes e cubelos arderam em partes até os alicerces.

E feita assim a esmo a avaliação e a lista dessa desventurada vingança, se disse que morreram à fome e a ferro, cento e sessenta mil pessoas, fora quase outras tantas cativas, e foram queimadas cento e quarenta mil casas, e mil e seiscentos templos, nos quais dizem que arderam sessenta mil estátuas de ídolos, a maior parte delas cobertas de ouro, e três mil elefantes que se comeram no cerco, e seis mil peças de artilharia de ferro e de bronze, e cem mil quintais de pimenta, e quase outros tantos de drogas, sândalo, benjoim, lacre, pucho, roçamalha, águila, cânfora, seda e outras muitas sortes de fazenda muito ricas, e sobretudo infinidade de roupas que de toda a parte da Índia ali tinham vindo em mais de cem naus de Cambaia, Achém, Melinde, Ceilão, e de todo o Estreito de Meca, Léquios e China. E da prata, e ouro, e pedrarias, se não pode ter a certeza, por ser coisa que geralmente se encobre



e se nega; somente o que esse rei bramá tomou para si, em sólido, do tesouro do chaubainhá, se afirmou que passara de cem contos de ouro, dos quais, como já fica dito atrás, El-Rei nosso senhor perdeu metade, por nossos pecados, e quiçá pela fraqueza ou inveja de ânimos mal intencionados.

Logo ao outro dia seguinte depois que a cidade foi saqueada, destruída, abrasada e posta por terra, apareceram uma manhã sobre o mesmo outeiro onde El-Rei estivera vinte e uma forcas, vinte todas de um teor, e a outra, mais pequena, armada sobre pilares de pedra, e fechada em roda com grades de pau-preto, e por cima um guarda-pó com grimpas douradas, e cem bramás a cavalo que a guardavam, e por fora uma cerca de valos muito largos com muitas bandeiras pretas salpicadas de gotas de sangue. E como essa novidade prometia de si o que até então ninguém entendeu, nos determinamos seis portugueses a ir ver o que era, e depois de andarmos vendo todas essas oficinas de morte, ouvimos no arraial grande rumor em toda a gente, que algum tanto nos meteu em confusão; e sem podermos acabar de cair no que aquilo podia ser, vimos vir da estância onde El-Rei estava uma grande soma de homens a cavalo, que com lanças nas mãos preparavam uma grande rua e diziam em altas vozes que sob pena de morte ninguém aparecesse com armas, nem lançasse pela boca o conceito do seu coração.

Afastados desses ministros um grande espaço, vinha o xemimbrum, mestre do campo, com cem elefantes armados e muita gente a pé. Após estes, vinham mil e quinhentos bramás a cavalo, postos em quatro ordens de fileiras, de seis em seis a fileira, dos quais era capitão o Talanhagibray, vice-rei do Tangu. Detrás desses vinha o Chauseró Siammom, com três mil siameses de espingardas e lanças, todos juntos numa pinha, e no meio deles vinha uma grande cópia de mulheres, que, segundo se aí disse, eram cento e quarenta, atadas todas a quatro e quatro, acompanhadas de talagrepos





de austera vida, que são, como entre nós, frades capuchos, que as vinham esforçando naquele transe da morte que haviam então de padecer. Atrás destas, cercada de doze porteiros com maças de prata, vinha a Nhay Canató, filha do rei do Pegu, a que esse tirano bramá tinha tomado o reino, e mulher do chaubainhá, com quatro crianças, filhos seus, que homens a cavalo traziam nos braços, e todas as cento e quarenta padecentes eram mulheres e filhas dos principais capitães que o chaubainhá tivera consigo na cidade, nas quais esse tirano bramá, a modo de vingança, quis executar sua ira e a má inclinação que sempre teve contra as mulheres.

Todas essas padecentes, ou a maior parte delas, eram de idade de dezessete até vinte e cinco anos, e todas muito alvas e muito formosas, com os cabelos como madeixas de ouro, as quais iam tão fracas e tão fora de si que a cada preção que ouviam, caíam esmorecidas em terra, a que outras mulheres que as levavam sobraçadas, acudiam com esforços de coisas doces, de que as tristes faziam bem pouco caso, porque nesse tempo iam tão trespassadas que quase não acudiam ao que os talagrepos lhes iam dizendo, mais que somente algumas vezes, ainda que poucas, levantarem as mãos ao céu. Logo após essa princesa, vinham em duas fileiras, sessenta grepos rezando por livros, com os rostos baixos e chorando muitas lágrimas, os quais de quando em quando, com voz entoada a modo de ladainha, diziam:

– Tu que por ti tens o ser de quem és, justifica em ti nossas obras, para que sejam aceites na tua justiça –, a que outros respondiam chorando:

– Assim te praza, Senhor, que seja para que não percamos por nós os ricos dons das tuas promessas.

Atrás desses grepos ia uma procissão de mais de trezentos meninos, nus da cinta para baixo, com velas de cera branca nas mãos, e cordas de cairo aos pescoços, que em outra ladainha muito sentida iam dizendo:

– Piedoso Senhor, ouve a voz do nosso clamor, e concede perdão a essas tuas cativas, para que gozem com riso alegre as mercês dos teus ricos tesouros.

E assim, a esse modo, iam dizendo outras coisas semelhantes a essas, em favor das padecentes.

Detrás dessa procissão vinha outra guarda de gente a pé, também de bramás, com lanças e flechas, e alguns com arcabuzes. E por derradeiro de tudo, iam outros cem elefantes da guarda como os que iam na dianteira. De modo que a gente que se ocupava tanto no ministério como na guarda e aparato dessa justiça eram dez mil homens a pé e dois mil a cavalo, e duzentos elefantes, fora a gente do povo que não tinha conto, tanto de naturais como de estrangeiros.

DE QUE MANEIRA SE EXECUTOU A JUSTIÇA NAS CENTO
E QUARENTA PADECENTES, NO CHAUBAINHÁ,
NA NHAY CANATÓ E NOS SEUS QUATRO FILHINHOS

Nessa ordem foi caminhando esta triste gente pelo meio do arraial para o lugar onde todos haviam de padecer, ao qual chegaram com assaz de trabalho, porque como eram mulheres fracas de ânimo e de forças, e as mais delas moças e muito delicadas, a cada passo esmoreciam; e chegadas enfim onde essas vinte e duas forcas estavam, os seis porteiros que iam a cavalo, tornaram de novo a lançar o seu pregão, dizendo em vozes muito altas:

– Ouçam e vejam as gentes do mundo a criminosa justiça que manda fazer o Deus vivo, Senhor da verdade, rei soberano das nossas cabeças, que quer e lhe apraz que morram todas essas cento e quarenta mulheres entregues ao elemento do ar, porque por seu conselho, seus maridos e pais se levantaram com esta cidade, e mataram por vezes nela doze mil bramás do reino Tangu.

E tocando um sino, toda a turbamulta desses ministros e gente da guarda dava uma tamanha grita que era coisa medonha de ouvir, e muito para temer.

Querendo já os cruéis algozes dar efeito àquela rigorosa justiça, as miseráveis padecentes com assaz de lágrimas se abraçaram umas às outras, e pondo todas os olhos na Nhay Canató, que a esse tempo estava como morta, encostada no colo de uma mulher velha, lhe fizeram as mais delas, suas zumbaias, e uma delas, como que falando em nome das mais fracas que o não podiam fazer, lhe disse:



– Senhora, capela de rosas de nossas cabeças, já que como tuas cativas nos embarcamos contigo nessas tristes casas da morte, consola-nos com a vista da tua presença, para que partamos com menos dor, dessa carne penosa, a ver o justo juiz da mão poderosa, diante do qual protestamos com lágrimas requerer tua justiça com vingança perpétua da sem-razão desse crime.

A Nhay Canató, olhando para elas com rosto já de morta, lhe respondeu com uma fala tão fraca que apenas se podia ouvir: – Hiche hocão finarato quiai vanzilau maforem hotapir –, que quer dizer: – Não vos partais, irmãs minhas, e ajudar-me-eis a levar esses filhos.

E com isso tornou a encostar a cabeça no colo da mulher, sem falar mais outra palavra.

E começando os ministros do braço da ira (que assim chamam lá os algozes) a fazer seu ofício nas pobres mulheres, foram todas logo postas nas vinte forcas, sete em cada uma, atadas pelos pés, e as cabeças para baixo, as quais dando grande estaladelas, como quem tinha a morte penosa, o sangue as afogou a todas em menos de uma hora. Os a cavalo fizeram então de novo afastar a gente, que era tanta que não havia quem pudesse romper por ela, e a Nhay Canató foi trazida pelas quatro mulheres em que vinha encostada à forca onde havia de ser posta com os seus quatro filhinhos, e dizendo-lhe o rolim de Mounay, que entre eles era tido em reputação de santo, algumas palavras com que a esforçou, pediu ela que lhe dessem uma pouca de água, a qual lhe trouxeram logo, e tomando-a na boca a repartiu com os quatro filhinhos que então tinha nos braços, e beijando-os muitas vezes, lhes disse chorando:

– Ó filhinhos, filhinhos meus, gerados agora de novo no interior da minha alma, quem fora tão bem-aventurada que pudera remir vossas vidas a troco de por isso me darem mil mortes! Eu vos certifico por essa hora de temor e tristeza em que vos eu vejo,



e todos me veem, que assim o aceitaria da mão desse fraco inimigo, com ver a presença do alto Senhor no descanso da sua celeste morada.

E pondo os olhos no algoz, que já a esse tempo tinha atado dois dos meninos, lhe disse:

– Rogo-te, amigo meu, que não sejas tão despiadado que queiras que eu veja a morte de meus filhos, porque pecarias gravemente, mas dá-ma a mim primeiro, e ficar-te-ei devendo essa esmola que por Deus te peço.

E tornando de novo a tomar os filhinhos nos braços, depois de lhes dar muitos beijos nos rostos como quem se despedia deles, expirou no colo da mulher sem bulir mais consigo, a que o algoz acudiu com muita pressa e a pendurou na forca à maneira das outras, o que também fez aos quatro filhinhos, pondo-lhe dois de cada parte, de maneira que a triste da mãe ficava no meio. Ao qual lastimoso e cruelíssimo espetáculo se levantou em todo o povo um tamanho tumulto de gritos e vozes que a terra tremia debaixo dos pés, e no campo se levantou um motim com que ele esteve tão revoltado e baralhado que a El-Rei lhe foi necessário fazer-se forte na sua estância com seis mil bramás a cavalo e trinta mil a pé e ainda assim estava bem cheio de medo do que sempre receou que houvesse, como haveria de ser se a noite o não estorvara, porque não havia causa que bastasse para aquietar a gente, pois que dos setecentos mil homens que havia no arraial, seiscentos mil eram pegus, de cujo rei aquela rainha fora filha; mas trazia-os esse rei tão subjugados e tão cortados do ferro, que não ousavam levantar os olhos.

E dessa maneira, com tão baixo e afrontoso gênero de morte, acabou essa Muhé Canató, filha de El-Rei do Pegu, imperador de nove reinos, e mulher do chaubainhá, rei de Martavão, princesa de três contos de ouro, de renda. E o sem ventura de seu marido foi lançado essa mesma noite no mar com uma pedra ao pescoço,

com mais outros cinquenta ou sessenta vassallos seus, em que entraram alguns senhores de trinta e quarenta mil cruzados de renda, pais, maridos e irmãos das cento e quarenta mulheres que tanto sem culpa receberam uma tão cruel e afrontosa morte, no conto das quais entraram três criadas dessa princesa que o rei bramá, sendo conde, mandara requerer em casamento, de que nem elas nem seus pais então quiseram fazer conta. Mas são sucessos da fortuna e do tempo, que sempre costumaram trazer consigo essas variedades.

DA DESVENTURA QUE ME ACONTECEU EM MARTAVÃO,
E DO QUE O REI BRAMÁ FEZ DEPOIS
QUE CHEGOU A PEGU

Nove dias se deteve aqui o tirano bramá, depois que fez essa rigorosa justiça, em cada um dos quais sempre fez justiças novas na gente da cidade. E no fim desse tempo se partiu para Pegu, e deixou ali o bainhá Chaque, seu mordomo-mor, para assentar algumas coisas necessárias à quietação do reino, e tornar a fazer de novo o que o fogo consumira, para o que lhe deixou guarnição bastante e levou consigo tudo o que restava do exército, em que levou também o João Caeiro com os setecentos portugueses, sem ficarem ali, deles, mais que só três ou quatro, homens de pouca substância.

Fora esses, ficou também outro, de nome Gonçalo Falcão, homem fidalgo e de bom sangue, o qual entre os gentios se chamava Crisna pacau, que quer dizer “flor das flores”, nome entre eles honroso, que o rei de Bramá lhe dera em satisfação de serviço. E porque Pero de Faria, quando parti de Malaca, me dera uma carta para ele, em que lhe pedia que se lá me fosse necessário o seu favor para o negócio a que me mandava, mo não negasse, tanto por ser serviço de El-Rei como por lhe fazer a ele mercê, logo que cheguei a Martavão, onde o achei a morar, lhe dei a carta e lhe disse também ao que ia, que era confirmar as pazes antigas que o chaubainhá, por seus embaixadores, fizera com Malaca, quando Pero de Faria da outra vez fora capitão dela, do qual tinha muito conhecimento e que para isso lhe trazia uma carta de grande amizade, com um presente de peças ricas da China.



Esse Gonçalo Falcão, quiçá parecendo-lhe que por aqui se confirmaria nas graças do rei de Bramá, para quem no cerco se tinha passado, deixando o chaubainhá a quem antes servia, passados só três dias depois da partida de El-Rei, se foi a esse seu governador e lhe disse que era eu ali vindo com uma gente do capitão de Malaca para o chaubainhá, em que lhe mandava oferecer muita gente contra o rei de Bramá, por quem a terra então estava, para fazer fortaleza em Martavão e lançar os bramás fora do reino, e outras tantas coisas a este modo, que o governador me mandou logo prender; e depois de me ter posto a bom recato, se foi ao junco em que eu tinha vindo de Malaca, e lançou mão dele, com toda a fazenda que tinha dentro, que valeria mais de cem mil cruzados, e prendeu o necodá, capitão e senhorio do junco, com todos os mais que achou nele, que foram cento e sessenta e quatro pessoas, em que entravam quarenta mercadores ricos malaios e menancabos, mouros e gentios naturais de Malaca, os quais logo assim em breve foram sentenciados na perda das fazendas e que ficassem cativos de El-Rei assim como eu, por serem consentidores e encobridores da traição que o capitão de Malaca tratava em segredo com o chaubainhá contra El-Rei do Bramá.

E mandando-os meter a todos numa masmorra, lhes mandou dar muitos açoites, de maneira que em cerca de um mês que estiveram presos, morreram, dos cento e sessenta e quatro, ao desamparo e de modorra, e à fome e à sede, cento e dezenove, e aos quarenta e cinco que ficaram, mandou meter numa champana sem vela nem remos, e lançá-los pelo rio abaixo, os quais, assim entregues ao arbítrio da fortuna, foram dar a uma ilha despovoadada a que chamavam Pulo Camude, a vinte léguas ao mar dessa barra, onde se forneceram de algum mantimento de marisco e frutas do mato, e engenharam uma vela dos panos que traziam vestidos, e com um par de remos que ali ou acharam feitos ou fizeram, continuaram seu caminho ao longo da costa até Junçalão;

e daí em outro pouso, em que gastaram dois meses, foram ter ao Rio de Parlés, no reino de Quedá, onde a maior parte deles se consumiu de umas postemas na garganta, à maneira de nascidas de peste, de que a Malaca não foram ter vivos mais que só dois, que contaram a Pero de Faria todo o sucesso dessa triste viagem, e como o pobre de mim ficava já sentenciado à morte, como na verdade ficava, da qual Nosso Senhor me livrou milagrosamente, porque depois que o necodá e os mercadores foram desterrados pela maneira que tenho dito, me passaram logo a outra prisão mais apertada, na qual me tiveram trinta e seis dias, carregado de ferros com assaz de aspereza e crueldade. E procedendo esse perro contra mim ordinariamente com seus libelos, veio pondo neles muitas aleivosias nunca cuidadas, só a fim de me matar e de me roubar, como fizera a todos os outros que vieram no junco, e me fez em juízo perguntas por três vezes em público, a que eu nunca respondi coisa que fosse a propósito, de que ele com todos os mais que estavam presentes, se meteram em muita cólera e disseram que eu o fazia por soberba e por desprezo da justiça, pelo que logo ali em público me deram muitos açoites e pingos de fogo com canudos de lacre, de que ali fiquei quase morto de todo, e assim estive por espaço de mais vinte dias, em que ninguém me julgou a vida. E dizendo eu algumas vezes que para me roubarem a minha fazenda, me assacavam todos aqueles falsos testemunhos, mas que o Capitão João Caeiro que estava em Pegu daria conta disso a El-Rei muito cedo, por isso que eu acaso disse já como desesperado e sem saber o que dizia, permitiu Nosso Senhor que fosse livre da morte. Porque estando já esse perro para dar execução à sentença que tinha dado contra mim, lhe foram alguns seus amigos à mão, aconselhando-o a que o não fizesse, porque se me matasse, os portugueses todos em Pegu se haviam de queixar dele a El-Rei e dizer-lhe que para me roubar cem mil cruzados que trouxera do capitão de Malaca, me condenara à morte, e ma dera; e que estava

claro que El-Rei lhe havia de pedir conta de toda essa quantia, e que ainda que na verdade entregasse tudo o que me tinha tomado, se não havia de haver por satisfeito, parecendo-lhe que era muito mais, pelo que podia daqui ficar em tanto descrédito com El-Rei que nunca mais entraria em suas graças, e ficariam seus filhos de todo perdidos, com abatimento e desonra muito grande.

O perro do governador bainhá Chaque, receando que pudesse ser isso assim, deixou de ir com sua teima por diante, e processando de novo sobre a sentença que tinha dado, resolveu que me absolvía da pena de morte, mas que perdesse a fazenda e ficasse cativo de El-Rei; e logo que fui são das chagas que me fizeram os açoites e os pingos, me levaram a ferros a Pegu, onde como cativo fui entregue a um bramá, tesoureiro de El-Rei, de nome Diosoray, que em sua companhia tinha oito portugueses que, também por infortúnios nascidos de pecados como os meus, já lá estavam havia seis meses, os quais foram de uma nau de D. Henrique d'Eça, de Cananor, que com o tempo fora ali dar à costa.

E já que até aqui tratei do sucesso da minha viagem a Martavão, e do proveito que dela me resultou por serviço de El-Rei nosso senhor, que foi, no fim de tantos trabalhos roubarem-me minha fazenda e ficar cativo, antes que passe mais adiante determino tratar o que passei mais nesses reinos, no decurso de dois anos e meio, que foi o tempo do meu cativo, e das terras por onde, por causa de trabalhos e infortúnios que por mim passaram, andei peregrinando, porque assim me pareceu que era necessário para declaração do que vou continuando.

Partindo esse rei bramá da cidade de Martavão, como atrás fica dito, caminhou tanto em suas jornadas que chegou a Pegu, onde antes de despedir os seus capitães, fez resenha da gente que tinha, e achou que dos setecentos mil homens com que cercara o choubainhá, trazia menos oitenta e seis mil. E porque já nesse tempo tinha atoardas que o rei do Avá, confederado com os savadis e



chaleus, dava entrada ao Siammom (que pelo sertão desses reinos confina a oeste e a oeste-noroeste com o calaminhã, imperador da força bruta dos elefantes da terra, como adiante declararei quando tratar dele) para que tomasse as fortalezas do reino Tangu a esse bramá, ele como bom capitão e muito prático e astuto nas coisas da guerra, mandou logo primeiro que tudo prover bem de gente e de todo o necessário, as principais quatro forças que tinha, e de que mais se receava. E determinando ir sobre a cidade do Prom, fez deter o exército que tinha junto, e fez de novo grandes apercebimentos por todo o reino, e em cinco meses juntou até novecentos mil homens, com os quais partiu da cidade de Bagou, a que o vulgo chama Pegu, embarcados em doze mil embarcações de remo, das quais duas mil eram serós, laulés, catures e fustas.

E partida essa frota aos nove dias do mês de março do ano de 1545, pelo Rio de Ansedá acima, foi ter a Danaplu onde se esteve reformando de alguns mantimentos de que ia falta. E seguindo daqui sua rota por um grande rio de água doce, de mais de uma légua de largo, a que chamavam Pichau malacou, surgiu à vista do Prom a treze de abril, e por espias que naquela noite se tomaram, teve por novas que o rei era morto, e que por sua morte lhe sucedera no reino um seu filho moço de treze anos, o qual seu pai, antes de morrer, casara com uma sua cunhada, irmã de sua mulher e tia do mesmo moço, e filha do rei do Avá. E esta, sabendo da vinda do bramá sobre essa cidade do Prom, mandara logo pedir socorro a El-Rei seu pai, o qual se afirmava que mandava um seu filho, irmão da rainha, com uma armada em que vinham sessenta mil moéns, e tarés, e chaleus, gente escolhida e muito determinada na guerra, com a qual nova o rei bramá se deu muita pressa, determinando tomar a cidade antes que o socorro viesse. E desembarcando em um campo a que chamavam Meigavotau, duas léguas abaixo da cidade, se esteve nele preparando de tudo o que lhe era necessário, por espaço de cinco dias. E depois de dar



ordens sobre o que se havia de fazer, abalou dali um dia antes que amanhecesse, e marchando ao som de infinidade de tambores e pífaros de guerra, chegou à cidade às onze horas do dia, sem até então achar oposição alguma, onde começou logo a assentar o campo por sua ordem costumada; e antes de ser noite, ficou todo fechado em roda com trincheiras e valos muito fortes, e com seis estâncias de artilharia.

DO QUE SE PASSOU ENTRE A RAINHA DO PROM
E O REI BRAMÁ, E DO PRIMEIRO ASSALTO
QUE SE DEU À CIDADE, E O SUCESSO DELE

Havendo já cinco dias que esse rei bramá era chegado, a rainha cercada, que era a que governava por seu marido, o mandou visitar com um rico presente de peças de ouro e pedraria, por um talagrepo religioso de mais de cem anos, e tido entre eles por homem santo, pelo qual lhe escreveu uma carta que dizia assim:

Poderoso e grande senhor, mais favorecido na casa da fortuna, que todos os reis que habitam na terra, fortaleza forte de grande poder, enchimento dos mares salgados em que todos os rios pequenos da terra, como a pobre de mim, têm o último descanso de suas correntes, escudo forte de grandes divisas, possuidor de grandes estados, em cuja cadeira teus pés se assentam com o rosto desafrontado, de grande majestade, eu, a Nhay Nivolau, pobre mulher, aia e serva desse órfão menino, te peço com lágrimas, prostrada diante de ti, com aquele acatamento que se te deve como a senhor, que não arranques tua espada contra minha fraqueza, porque sou mulher que me não sei defender, nem sei mais que chorar diante de Deus a sem-razão que se me fizer, a cuja divina natureza é tão próprio socorrer com misericórdia e castigar com justiça que por muito grandes que sejam os estados do mundo os trilha debaixo do pé com uma potência tão

espantosa que até os moradores da côncava baixa da casa do fumo temem e tremem diante desse Senhor. Por amor do qual, te peço e rogo que me não queiras tomar o meu, pois, como sabes, é tão pouco que nem com ele podes ser maior, nem sem ele ficarás menor, mas antes, senhor, usando comigo de piedade, será uma tamanha grandeza na fama de tua pessoa, que até os meninos deixarão de mamar a alvura dos peitos de suas mães para te darem louvores com os beijos limpos de sua inocência, e todos os naturais e estranhos terão na memória essa esmola que me fizeres, a qual eu mandarei escrever nas sepulturas dos mortos, para que eles e os vivos te gratifiquem por mim isso que com tanta eficácia de minhas entranhas te peço. Ao Santo Avenlachim, que para ti, senhor, leva esta carta escrita por minha mão, dei poder e autoridade para, em nome desse órfão menino, e meu, assentar contigo todo o concerto que justo for, e te conceder o tributo e pareias que te bem parecerem, contanto que nos deixes possuir nossas casas, para que debaixo do seguro de tua verdade criemos nossos filhos e colhemos as novidades de nossas lavouras para sustentação dos pobres moradores dessa cativa e pobre aldeia, os quais todos, e eu com eles, com humilde acatamento te serviremos naquilo em que a tua vontade nos ocupar.

Esta carta e embaixada recebeu o bramá com grande autoridade, fazendo honra ao que a trouxe, tanto por sua idade, como por ser entre eles tido por santo, e lhe concedeu logo no princípio algumas coisas que lhe ele pediu, como fosse tréguas enquanto andasse nesses concertos, e liberdade para os cercados comunicarem com a gente do campo, e outras coisas como essas, de pouca importância. Porém, vendo a condições que essa pobre rainha lhe mandava propor, e as humildes palavras da sua carta, atribuindo



todo a medo e a fraqueza, nunca mais quis responder a propósito ao mensageiro, mas antes secretamente mandou fazer alguns assaltos por toda a terra, em gente fraca e desarmada, que, confiada em sua pobreza, não saíra das choças que tinha pelos matos, na qual esses inimigos cruéis e desumanos fizeram tamanho estrago sem acharem oposição alguma, que em só cinco dias se disse que mataram catorze mil pessoas, e todas elas, ou a maior parte delas, foram mulheres e crianças e homens velhos que não podiam tomar armas.

E desenganado o rolim que trouxera a carta, das falsas promessas desse tirano, e assaz descontente do pouco respeito que se lhe tivera, lhe pediu licença para se tornar à cidade, a qual lhe ele não negou, e lhe respondeu com palavras que se entregasse a rainha primeiro, com sua gente, tesouro e reino, e que ele a satisfaria em outra coisa de que ela fosse contente, e que a isso lhe respondesse logo no mesmo dia que para isso lhe dava de espaço somente, porque com a sua resposta determinaria no que havia de fazer.

O rolim se despediu logo dele, e se foi à cidade, e deu conta à rainha de tudo o que se passara, e lhe declarou a danada tenção do tirano e a sua pouca verdade, e lhe pôs diante o que em Martavão fizera com o chaubainhá que se lhe entregara sob seguro seu, e como o mandara matar a ele e a sua mulher e a seus filhos, com todos os nobres do reino. Pelo que logo ali assentou a rainha com todos os do seu conselho que se defendesse a cidade até que o socorro de seu pai viesse, que não poderia tardar quinze dias, e disso lhes tornou de novo a tomar a todos as menagens.

E com essa determinação, sem fazer mais nenhuma detença, cheia de um espírito assaz animoso e afervorado, proveu logo em todas as coisas que eram importantes à defesa da cidade, esforçando os seus com ânimo varonil e muita prudência; e, repartindo liberalmente com eles o seu tesouro, lhes prometeu também a





todos que ao diante lhes satisfaria seus serviços com muitas mercês e honras, com o que todos ficaram muito animados.

O rei bramá, vendo que o rolim não tornara com a resposta no termo que para isso lhe dera, logo ao outro dia tratou de fortificar as estâncias com artilharia dobrada, para com ela bater a cidade toda em roda, e mandou fazer grande soma de escadas para assaltar os muros à escala vista, e com isso mandou lançar pregão que todos, em termo de três dias, estivessem prestes, sob pena de morte.

Chegado esse dia determinado para o assalto, que foi aos três de maio de 1545, El-Rei abalou uma hora antes de amanhecer, da sua estância onde estava surto no rio com dois mil serós equipados de gente muito escolhida, e fazendo sinal aos capitães da terra, que já a esse tempo estavam prestes, todos juntamente num corpo arremeteram aos muros com tamanho estrondo de gritas e alaridos, que parecia juntar-se o céu com a terra. E chegando os inimigos uns aos outros, se travou entre todos uma tão cruel e tão áspera briga os que em pouco espaço o ar se viu arder todo em fogo, e a terra banhada em sangue, e juntando-se a isso o resplendor das espadas e dos ferros das lanças que por entre as labaredas, de quando em quando, reluziam, faziam um tão medonho espetáculo que nós, os portugueses, andávamos como pasmados.

Durou assim essa peleja por espaço de mais de cinco horas, no fim das quais, vendo o tirano bramá que os de dentro se defendiam esforçadamente, e que os seus, em partes, iam já enfraquecendo, saltou em terra com cerca de dez ou doze mil homens, dos melhores da armada, e, reforçando com muita presteza as companhias dos que pelejavam, a briga se tornou a travar de novo com tanto ímpeto e esforço de ambas as partes que parecia que então se começava.

Durou esse segundo aperto até se querer já quase cerrar a noite, mas nem isso foi razão para El-Rei querer desistir do combate,

por mais que os seus o aconselhassem a que se retirasse; antes jurou dormir aquela noite dos muros a dentro, ou mandar cortar as cabeças a quantos capitães não visse feridos, o que foi causa de grande desmancho, porque durante essa contumaz porfia, até que se pôs a lua, que seria às duas horas depois da meia-noite, em que os mandou retirar, se achou, pelo alardo que se fez ao outro dia, que morreram vinte e quatro mil homens, fora mais de trinta mil feridos, de que depois ao desamparo morreu outra grande quantidade, donde veio a haver tanta peste no campo, tanto pela corrupção do ar, como porque a água do rio estava cheia de sangue, e com isso, quase danada, que isso só foi causa de morrerem depois (segundo se disse) mais de oitenta mil homens, em que entraram quinhentos portugueses, a que então se não deu outra sepultura senão a que os abutres e os corvos lhes deram dentro de si, despedaçando-os nos campos e praias por onde jaziam.

CLV

DO MAIS QUE SUCEDEU NESTE CERCO, E DOS CRUÉIS CASTIGOS QUE ESTE TIRANO FEZ NOS QUE TOMOU CATIVOS

Vendo o rei bramá quão caro lhe custara esse primeiro assalto, não quis aventurar mais a sua gente por essa via, mas mandou fazer um grande entulho de terra e faxina, com mais de dez mil palmeiras que mandou cortar, e veio criando uma serra tão alta que sobrelevava por cima dos muros quase duas braças, na qual mandou assestar oitenta peças grossas de artilharia, e varejando com elas toda a cidade por espaço de nove dias, a maior parte dela ou quase toda foi posta por terra com morte de catorze mil pessoas, de que a pobre rainha ficou de todo quebrada, sem já a esse tempo ter consigo mais que só cinco mil homens que pudessem pelejar, porque tudo o mais eram mulheres e crianças, e gente inábil para as armas. Pelo que, havido conselho sobre o remédio deste tamanho aperto, se assentou por parecer do principais da terra que se untassem todos com azeite das lâmpadas da capela do Quiai Nivandel, deus das batalhas do campo Vitau, e assim oferecidos em sacrifício acometessem a serra, e ou vencessem ou morressem todos feitos amoucos pela defesa do seu rei, pois era menino, e lhe tinham prestado menagem e feito juramento de lhe serem bons e leais. E assentados todos nesse parecer que a rainha e todos houveram então por o melhor e mais acertado para o tempo em que estavam, para mais firmeza disso, fizeram todos entre si um juramento solene de assim o cumprirem. E, feito isto, se deu logo ordem do modo que se havia de ter nesse negócio, e



fizeram capitão dessa gente um tio da rainha, de nome Manica Votau, o qual, juntando logo todos os cinco mil homens que havia na cidade naquela mesma noite, depois de rendido o quarto da modorra, saiu pelas duas portas que estavam mais fronteiras à serra, e a acometeram tão determinadamente que em pouco mais de uma hora o campo se dividiu em mais de cem partes, e a serra foi tomada com as oitenta peças de artilharia, e El-Rei ferido, as trincheiras queimadas, os valos derrubados, e o xemimbrum, general do campo, morto com mais de quinze mil homens, em que entraram seiscentos turcos, e foram tomados quarenta elefantes e outros muitos mortos, e oitocentos bramás cativos, de modo que esses cinco mil amoucos fizeram coisa que cem mil outros homens, por mais esforçados que fossem, parece que fariam muito dificultosamente. E recolhendo-se já uma hora antes da manhã, se não acharam mortos, dos cinco mil, mais que só setecentos.

Desse sucesso se deu o rei bramá por tão afrontado, pondo a culpa dele em alguns dos seus capitães, pela má vigia que em si tiveram, e pelo descuido que se teve na guarda da serra, que logo naquele mesmo dia mandou descabeçar mais de dois mil pegus, que eram os que vigiavam naquele quarto. Após esse sucesso, ficou a coisa quieta por espaço de doze dias, em que nos de fora não houve nenhum rebuliço; e, nesse tempo, um capitão dos quatro principais da cidade, de nome xemim Meleitay, temendo o que geralmente já todos temiam, que era não poderem escapar a este inimigo que os tinha cercado, se carteceu secretamente com ele, com a condição de o deixar livremente possuir o seu estado e lhe não tocar em casa de nenhum seu familiar, e o fazer, no reino pegu, xemim de Ansedá, com toda a renda que nele tivera o bainhá de Malacou, que eram trinta mil cruzados, e que lhe entregaria a cidade, dando-lhe entrada nela por uma porta que tinha a seu cargo.

O rei bramá aceitou a combinação, com todas essas condições, e para penhor de sua verdade lhe mandou um anel rico que tinha



no dedo. E no dia aprazado em que isso havia de ser, que foi na véspera de São Bartolomeu, do ano de 1545, às três horas depois da meia-noite, assim se pôs em obra, com aquela ferina e horrenda crueldade que esse tirano bramá sempre costumou em todas as coisas dessa qualidade. E porque me parece que será processo infinito contar por extenso como esse negócio se passou, não direi mais dele senão que a porta foi aberta, a cidade entrada, e a gente dela toda metida à espada, sem se conservar a vida a pessoa nenhuma, e o rei e a rainha cativos, e o tesouro tomado, e todos os edifícios e templos postos por terra, e outras muitas maneiras de crueldades tanto acima das imaginações e dos pensamentos dos homens, que realmente afirmo que eu mesmo, quando em alguma hora me passa pelo pensamento como se passou isso que eu vi por meus olhos, fico de todo fora de mim. Porque como o tirano estava magoado e afrontado do sucesso passado, todos os modos de crueldades usou com essa desventurada gente, para tomar vingança da má fortuna que tivera no começo desse cerco, mas a verdade disso foi por ele ser fraco de ânimo e de baixo sangue e geração, em que a crueldade e o desejo de vingança costumam ter mais lugar que nos generosos e esforçados, e sobretudo por não ter verdade em nenhuma coisa, e ser por natureza afanchonado e inimicíssimo de mulheres, tendo-as naquele reino e em todos os mais de que era senhor tão alvas e tão formosas que muito poucos lhes levam vantagem.

Acabada a cruel e sanguinolenta destruição dessa triste cidade, o tirano, a modo de triunfo, com muito grande pompa e estado, entrou dentro dela por um lanço de muro que mandou derrubar, e chegando às casas que foram do pobre rei menino, se coroou nelas como rei do Prom, tendo-o sempre enquanto duraram essas cerimônias, posto de joelhos com as mãos levantadas como quem adora a Deus, e de quando em quando lhe faziam abaixar a cabeça

até o chão e beijar-lhe os pés, de que o tirano fingia que se não dava por achado.

E depois disso feito, se veio pôr a uma janela que estava na frontaria de um terreiro, onde lhe trouxeram mais de duas mil crianças mortas que jaziam pelas ruas, e logo ali perante si as mandou fazer em postas muito miúdas, e embrulhá-las em farelos de arroz e em erva, e dá-las a comer aos elefantes. E depois, com outro modo de cerimônia de muitos tangeres e gritas, lhe trouxeram mais de cem cavalos carregados de quartos de homens e de mulheres mortas, a que também, depois de feitos em postas, mandou pôr o fogo. Após isso, lhe trouxeram a rainha, mulher do reizinho, que como já se disse, ele era da idade de treze anos e ela de trinta e seis, mulher muito alva e bem assombrada, e tia de seu marido, irmã de sua mãe, e filha do rei do Avá, que é a terra donde os rubis, e as safiras, e as esmeraldas vêm a Pegu, a qual rainha havia três anos que esse bramá mandara pedir por mulher a seu pai, segundo então se lá dizia, e ele lha negara, dizendo na resposta que deu ao embaixador que em muito mais alto ponto trazia sua filha o pensamento, que em ser mulher do xemim do Tangu, que era a geração donde procedia esse cruel e fraco tirano, o qual agora, tanto para desprezo por ela e por seu pai, como para se vingar da passada afronta que recebera dele, a mandou ali em público despir nua e dar-lhe muitos açoites, e após isso a mandou levar por toda a cidade, e com grandes gritas e apupadas de gente baixa e desonesta, lhe mandou dar outro tormento, com que a pobre rainha logo expirou; e depois de morta, a mandou atar abraçada ao reizinho seu marido que ainda estava vivo, e cada um com sua pedra ao pescoço os lançaram ambos pelo rio abaixo, que foi um gênero de crueldade assaz espantoso para quem o via.

E a este modo fez outras muitas cruezas nunca imaginadas. E para dar remate a todas elas, ao outro dia, que foi o de São

Bartolomeu, mandou espetar em caluetes todos os nobres que tomaram vivos, que seriam quase trezentos homens, e assim espetados como leitões foram também lançados pelo rio abaixo. De maneira que fez aqui este tirano, justiças tão novas nestes miseráveis, que nós os portugueses andávamos todos como pasmados.

COMO O REI DO BRAMÁ FOI SOBRE A CIDADE
DE MELEITAY ONDE ESTAVA O PRÍNCIPE DO AVÁ COM
TRINTA MIL HOMENS, E DO QUE SUCEDEU NESTA IDA

Catorze dias havia já que essas coisas eram passadas, nos quais o tirano se ocupou sempre em fortificar a cidade com grande presteza e cuidado, quando lhe chegou nova certa, pelas espias que nisso trazia, que da cidade do Avá era partida, pelo Rio de Queitor abaixo, uma armada de quatrocentos barcos de remo, em que vinham trinta mil homens do Siammom, fora a chusma e a gente da maração, de que vinha por general um filho do rei do Avá, irmão da pobre rainha, o qual, sendo avisado da perdição da cidade de Prom, e da morte de sua irmã e de seu cunhado, se alojara na fortaleza de Meleitay, que era a dezoito léguas de Prom, pelo rio acima, a qual nova fez no tirano tamanho abalo que lhe foi necessário ir logo em pessoa sobre essa gente, antes que lhe viesse outro socorro que tinha por novas que se estava fazendo prestes, em que vinha o rei do Avá como general de oitenta mil moéns.

E com essa determinação se partiu logo esse tirano bramá, em busca dessa gente que estava no Meleitay, e levou consigo um exército de trezentos mil homens: duzentos mil por terra ao longo do rio, de que ia como capitão o Chaumigrém, seu colaço, e cem mil levou ele em sua companhia, pelo rio, em dois mil serós, e todos, uns e outros, gente muito escolhida.

E chegando à vista do Meleitay, os avás, para mostrarem quanta maior impressão fazia neles a determinação com que ali vieram,

que o temor que tinham diante, e receando que os inimigos lhes pudessem tomar a sua armada que tinham no rio, o que para eles seria uma muito grande afronta, lhe puseram o fogo; e determinados todos, com uma brutal ufanía, em vingarem a ofensa que era feita ao seu rei, sem porem diante aquilo que naturalmente a carne mais receia, se puseram em campo e se fizeram em quatro batalhas: em três, que eram de dez mil homens cada uma, iam trinta mil moéns, e na outra, que era um pouco mais grossa, ia toda a chusma de remo, dos quatrocentos barcos que tinham queimado. Esta lançaram eles adiante, com a determinação de cansarem os inimigos nela, a qual, arremetendo logo a eles, travou com eles uma cruel briga que durou por espaço de uma meia hora, em que a maior parte da chusma foi consumida. Logo após isso, os trinta mil moéns, assim fechados como estavam nas três batalhas, arremeteram contra os inimigos com grandíssimo ímpeto, e como nesse tempo, por causa da peleja que tiveram com a chusma, os acharam cansados, e muitos deles mortos, e outros muito feridos, a batalha foi entre eles tão cruel e tão desacostumada que para não me deter em particularizar coisa em que parece que pode haver dúvida não direi desta mais senão que, dos trinta mil moéns, não escaparam mais que só oitocentos, os quais, assim feridos e desbaratados, se recolheram ao Meleitay, deixando no campo, dos duzentos mil do rei do Bramá, cento e quinze mil mortos, e os outros quase todos feridos.

Nesse tempo, o tirano bramá, que vinha pelo rio nos dois mil serós, chegou ao lugar onde fora a peleja, e, vendo o estrago que os moéns nos seus tinham feito, ficou como atônito e fora de si, e desembarcando em terra pôs logo cerco à fortaleza, com a determinação, como ele dizia, de tomar às mãos, vivos, os oitocentos que estavam nela. Esse cerco continuou sete dias, em que os de fora lhe deram cinco assaltos, e os oitocentos se defenderam sempre valorosamente; porém, vendo que era chegada a derradeira hora



de suas vidas, e que não podiam sustentar por seu rei a fortaleza, como sempre cuidaram, pelo socorro da gente de reforço que o bramá trouxera na armada, querendo que fosse deles o que fora dos outros, se determinaram, como esforçados que eram, a ir morrer ao campo como fizeram seus companheiros, e vingarem suas mortes com as de seus inimigos, visto que dentro se não podiam aproveitar de seus esforços como desejavam, e que a artilharia do bramá os ia consumindo a pouco e pouco.

E com essa determinação saíram uma noite, que acertou de ser muito escura, e de grande cerração e de grande chuva, e dando nas primeiras duas estâncias que estavam mais juntas com a porta do sertão por onde saíram, as despejaram de toda a gente que estava nelas, e seguindo com o seu propósito adiante, como homens já de todo determinados, e cegos de desesperação, ou desejosos de ganharem honra e fama onde deixavam as vidas, fizeram tanto que ao tirano lhe foi necessário lançar-se a nado ao rio para se salvar, e o campo esteve quase de todo desbaratado, e se dividiu em mais de cem partes, com morte de doze mil homens, em que entraram mil e quinhentos bramás, e dois mil estrangeiros de diversas nações, e os outros todos pegus.

Essa peleja duraria pouco mais de um quarto de hora, e não se acabou senão depois que os oitocentos moéns foram de todo consumidos, sem haver nenhum que se quisesse render. E vendo o tirano bramá a peleja acabada e a coisa já de todo quieta, se tornou a recolher ao campo, e juntando outra vez a gente, entrou na fortaleza de Meleitay onde mandou logo cortar a cabeça ao xemim, dizendo que ele fora a causa daquele desastre que lhe acontecera, porque quem fora tredo ao seu rei não lhe podia a ele ser muito leal. E esse foi o pago que o tirano lhe deu por lhe entregar a cidade de Prom, mas bem devido, a quem entregou o seu rei e a sua mesma pátria em poder de seus inimigos. E por então não se entendeu em mais que em curar os feridos, de que também houve uma grande quantidade.



CLVII

DO QUE SUCEDEU A ESTE REI BRAMÁ ATÉ CHEGAR À CIDADE DO AVÁ, E DO QUE AÍ MAIS FEZ

Toda aquela noite se passou com muito temor e boa vigia, e logo que foi manhã clara se proveu logo primeiro que tudo em se despejar o campo da gente morta, de que todo estava coberto. E feita resenha de toda a cópia de mortos de ambas as partes que tinha custado essa vinda ao Meleitay, se achou que da parte do bramá eram cento e vinte e oito mil, e do príncipe, filho do rei do Avá, quarenta e dois mil, em que entraram todos os trinta mil moéns do socorro.

Isso feito, o tirano bramá, depois de fortalecer a cidade de Prom e essa fortaleza de Meleitay, e criar de novo outras duas fortalezas à borda do rio, em lugares importantes à segurança daquele reino, se partiu em mil serós ligeiros de remo, pelo Rio de Queitor acima, nos quais levou setenta mil homens, com determinação de ir em pessoa espiar o reino do Avá, e dar de si uma mostra à cidade, para ver com os olhos as forças dela, e de que poder haveria mister para a tomar.

E ao cabo de vinte e oito dias desse caminho, dentro dos quais passou por lugares muito nobres do rei do Chaleu e Jacuçalão, que estavam à borda da água, sem tratar de nenhum deles, chegou a essa cidade do Avá, aos treze dias de outubro desse mesmo ano de 1545, sobre o porto da qual esteve treze dias sem fazer mais dano que somente queimar duas ou três mil embarcações de serviço que achou no porto, e pôr fogo a algumas aldeias que ao

redor estavam, o que lhe não custou tão barato que não chegasse a despesa desses assaltos a oito mil dos seus, em que entraram sessenta e dois portugueses, porque já nesse tempo em que aqui chegamos estava tudo muito bem provido, e a cidade, além de ser forte, tanto por sítio como por fortificação, estava guarnecida de vinte mil moéns, dos quais se dizia que havia só cinco dias que eram chegados dos montes de Pondaleu, onde o rei do Avá, com licença do Siammom, imperador dessa monarquia, ficava juntando mais oitenta mil homens para tornar a ganhar o Prom, porque, sendo esse rei do Avá certificado da desonra e morte de sua filha e de seu genro, como atrás fica dito, e vendo que por si não era poderoso para satisfazer as ofensas e males que esse tirano lhe tinha feito, e segurar-se do que temia que ao adiante lhe fizessem, que era tomar-lhe o reino, de que algumas vezes o tinha já ameaçado, foi em pessoa com sua mulher e seus filhos lançar-se aos pés desse Siammom, e dando-lhe conta dos seus trabalhos e afrontas, e do propósito que levava, por um concerto feito entre ambos se fez seu tributário em seiscentas mil biças cada ano, que da nossa moeda são trezentos mil cruzados, e uma ganta de rubis que é uma medida como canada, para uma joia de sua mulher, do qual tributo dizem que lhe fez logo pagamento por dez anos, de antemão, fora outras peitas de pedraria muito rica, e baixelas e peças que valeriam mais de dois contos de ouro.

Pelo qual, o Siammom se lhe obrigou a o tomar debaixo do seu amparo, e se pôr em pessoa em campo por ele, todas as vezes que lhe fosse necessário, e o repor no reino do Prom dentro de um ano, para o que lhe deu logo cento e trinta mil homens, os trinta mil do socorro que o bramá tinha morto no Meleitay, e os quinze mil que aqui estavam nessa cidade, e os oitenta mil por que se esperava, de que o mesmo rei do Avá vinha como general.

Pelo que, sendo esse tirano avisado de todas essas coisas, temendo ser essa a mais certa ocasião de se perder que todas as

outras que podia reçar, se tornou logo a fortificar o Prom com muito maior instância do que até então tinha feito.

Porém, antes que se partisse daquele rio onde estava surto, que seria a uma légua dessa cidade do Avá, mandou o bramá o seu tesoureiro, de nome Diosoray (em cujo poder eu atrás já disse que estávamos os oito portugueses cativos), como embaixador ao calaminhã, que é um príncipe de grande poder que habita no âmago desse sertão em muita distância de terra, do qual adiante tratarei um pouco quando vier a dar informação dele, para que por liga e contrato de nova amizade, se fizesse seu irmão em armas, oferecendo-lhe por isso certa quantidade de ouro e pedraria, e rendimentos de algumas terras comarcãs ao seu reino, para que esse calaminhã entretivesse com guerra o Simmom no Verão seguinte, para que não pudesse socorrer o rei do Avá, e lhe ficasse a ele mais fácil poder tomar essa cidade, sem receio desse socorro que temia.

Esse embaixador partiu daqui embarcado em uma laulé, e doze serós, em que iam trezentos homens de seu serviço, e guarda, fora a chusma de remo, que seriam quase outros tantos, e lhe levou de presente muitas peças ricas de ouro e pedraria, em que entrou um arreio de elefante que se afirmava que valia perto de seiscentos mil cruzados, de modo que todo o presente diziam que passara de um conto de ouro. E entre algumas mercês que o rei bramá fez nessa ida a esse seu embaixador uma delas foi dar-lhe nós todos oito, com o que daí por diante ficamos cativos desse tesoureiro, o qual nos vestiu e nos proveu de todo o necessário em muita abastança, e se mostrou muito contente de nos levar consigo, e fez sempre de nós muito mais conta do que de todos os outros que levava em sua companhia.



DO CAMINHO QUE FIZEMOS ATÉ CHEGARMOS AO PAGODE DE TINAGOGÓ

Pareceu-me de razão, e conveniente às coisas de que vou tratando, apartar-me agora um pouco desse tirano bramá, ao qual me tornarei a seu tempo para tratar do caminho que fizemos daqui para a cidade de Timplão, metrópole desse império calaminhã, que quer dizer senhor do mundo, porque na sua língua “cala” é senhor e “minhã” é mundo, e por outra via se intitula também absoluto senhor da força bruta dos elefantes da terra, porque na verdade este o é mais que outro nenhum em todo o universo, como adiante se dirá.

Partido esse embaixador daqui do Avá, em outubro do ano de 1545, fez seu caminho por esse Rio de Queitor acima, com a proa a oés-sudoeste, e em partes a leste franco por causa das voltas que a descende da água fazia, e por essa variedade de rumos continuamos por nossa rota sete dias, em que chegamos a um esteiro a que chamavam Guampanó, pelo qual o Robão, que era o nosso piloto, fez seu caminho para se desviar da terra do Siammom, como levava por regimento de El-Rei, e chegamos a uma grande povoação que se chamava Gauteuday, onde esse embaixador se deteve três dias, provendo-se de algumas coisas necessárias para a sua viagem.

Partindo daqui, seguimos por esse esteiro acima mais onze dias, em todos os quais não achamos nem vimos lugar nenhum que fosse notável, senão somente aldeias pequenas de casas de





palha, povoadas de gente pobríssima, e nos campos havia infinidade de gado vacum, que segundo parecia não tinha dono, porque matávamos perante os da terra, vinte a trinta cabeças cada dia, sem haver quem nos fosse à mão, nem nos dissesse palavra nenhuma, mas antes em partes no-la traziam de graça, como que folgando de o matarem.

Saindo desse esteiro de Guampanó, entramos em um rio muito grande que se chamava Angegumá, de mais de três léguas de largo, e em partes cento e vinte braças de fundo, com revessas tão impetuosas que muitas vezes nos faziam desandar muita parte do caminho. E costeando por ele acima, espaço de mais de sete dias, chegamos a uma cidade pequena e bem cercada a que chamavam Gumbim, do reino de Jangomá, rodeada, da parte do sertão, em distância de cinco ou seis léguas, de arvoredo de benjoim e de campinas de lacre, o qual dessa cidade se leva de veniaga a Martavão, onde se carregam muitas naus dele diversas partes da Índia, para o Estreito de Meca, para Alcocer e Judá. Há também nessa cidade, muita soma de almíscar, muito melhor que o da China, que também se leva para Martavão e Pegu, onde os nossos o vão comprar, para de veniaga o levarem a Narsinga, Orixá e Masulepatão.

As mulheres dessa terra são geralmente muito alvas e bem-assombradas, vestem panos de seda e algodão, trazem xorcas de ouro e de prata nos pés e colares de fuzis grossos ao pescoço. A terra em si é muito abastada de trigos, arrozes e carnes, e sobretudo abundantíssima de mel, de açúcar e de cera. Rende essa cidade, com sua comarca, que é de dez léguas em roda, para o rei do Jangomá, sessenta mil alcás de ouro, que são, da nossa moeda, setecentos e vinte mil cruzados.

Daqui costeamos o rio, pela parte do sul, por espaço de mais sete dias, e chegamos a uma grande cidade de nome Catamás, que em nossa linguagem quer dizer “camarão de ouro”, do senhorio do Raudivá de Tinlau, filho segundo do Calaminhã, que é como em



França o Duque de Orleães. O naugator desta cidade agasalhou bem esse embaixador, com muitos refrescos para todos os seus, e lhe deu por novas que o calaminhã estava na cidade de Timplão.

Daqui partimos num domingo pela manhã e ao outro dia à tarde fomos ter a uma fortaleza a que chamavam Canspalagor, situada sobre uma ponta de rocha metida no rio a modo de ilhéu, cercada de boa cantaria, com três baluartes e duas torres de sete sobrados, dentro dos quais disseram ao embaixador que tinha o calaminhã um grosso tesouro, dos vinte e quatro que estavam repartidos pelo reino, de que a maior parte era em prata, o qual teria de peso seis mil candins, que pela nossa conta são vinte e quatro mil quintais, o qual todo estava em poços debaixo do chão.

Daqui continuamos nosso caminho mais treze dias, vendo ao longo do rio, tanto de uma parte como da outra, muitos lugares muito nobres, que segundo o aparato das mostras de fora, deviam ser, os mais deles, cidades ricas, e tudo o mais eram bosques de grandes arvoredos, em que havia muitas hortas, jardins e pomares, e, fora isso, campinas de trigo muito grandes em que pascia grande soma de gado vacuum, muitos veados, antas e badas, e tudo apascentado por homens a cavalo. No rio havia infinidade de embarcações de remo, nas quais se vendiam todas as coisas quantas a terra produz, em grande abundância, das quais Nosso Senhor foi servido de enriquecer a gente dessas partes, muito mais que todas as outras que se agora sabem em todo o mundo, ele sabe porquê.

E porque o embaixador adoeceu aqui de um inchaço nos peitos, foi aconselhado a que não passasse diante até não ser são dele, pelo que assentou com alguns dos seus em se ir curar a uma grande enfermaria que quer dizer “deus de mil deuses”, para onde partiu logo, e chegou lá um sábado já quase à noite.



CLIX

DO SÍTIO E FÁBRICA DESTE PAGODE DE TINAGOGÓ, E DO GRANDE CONCURSO DE GENTE QUE A ELE VEM

Desembarcado o embaixador em terra, logo ao outro dia pela manhã foi levado a uma enfermaria de gente nobre, de nome Chipanocão, em que havia quarenta e duas casas muito limpas e muito bem concertadas, em uma das quais o recolheram por mandado do puitaleu, que era como regente daquela enfermaria, onde foi curado e provido tanto de físicos como de tudo o necessário, muito abastadamente; fora isso, os cheiros, os perfumes, a limpeza e concerto dos serviços, as baixelas, as roupas, os manjares, os regalos e os passatempos eram com tanta curiosidade e perfeição que até músicas de mulheres muito formosas que tangiam e cantavam muito bem lhe davam duas vezes cada dia, e em algumas horas lhe apresentavam farsas de grande aparato. E porque não me atrevo a contar por extenso o muito que nisso há para dizer, calarei muitas coisas, de que outros que as soubessem dizer melhor que eu porventura fariam muito caso.

Passados vinte e oito dias depois que aqui chegamos, em que o embaixador convalesceu de todo, nos partimos para uma cidade a que chamavam Meidur, doze léguas adiante, pelo Rio de Angegumá acima. Mas para que não fique em falta com a promessa que atrás fiz, de dar informação desse pagode de Tinagogó, quero agora deixar o embaixador fazer seu caminho, e tornar-me ao pagode, e dizer brevemente alguma coisa das muitas que nele vimos, para que vejamos, eu e os cristãos que são tão descuidados



na vida como eu, quão pouco fazemos para nos salvarmos, em comparação com o muito que esses cegos e miseráveis fazem para se perderem. Porque nos vinte e oito dias que o embaixador esteve em cura, nós, os nove portugueses e toda a outra gente que ia em sua companhia, andávamos ociosos, nem tínhamos em que gastássemos o tempo, e o gastávamos em diversos modos de desfadamentos, cada um naquele a que era mais afeiçoado, que para todos se achava ali comodidade. E assim, uns se ocupavam em caças, de que há infinidade nessa terra, principalmente de veados e porcos monteses; outros, em montar tigres, badas, onças, zebras, leões, búfalos, vacas bravas, e outras muitas diversidades de alimárias nunca vistas nem nomeadas cá na Europa, de maneira que os mais fragueiros sempre andavam no mato; outros andavam no campo à caça das marrecas, das adens e dos patos; outros com falcões e açores, à caça de altanaria; outros nos rios pescando trutas, bogas, bordalos, linguados, azevias, mugens e outras muitas diversidades de peixes que há em todos os rios deste império. E nós, pela mesma maneira, gastávamos o tempo ora numa coisa, ora noutra, ainda que o mais era em ver, ouvir e perguntar de leis, pagodes e sacrifícios que víamos, de grande temor e espanto, dos quais não darei relação de mais que de cinco ou seis somente, como já fiz em outros, porque me parece que esses só bastarão para por eles se poderem inferir e entender os outros de que não trato.

Um desses se fez no dia da lua nova de dezembro, que foi aos nove do mês, e é o dia em que essa gentildade costuma celebrar uma festa a que a gente dessa terra chama Massunterivó, e os japões lhe chamam Forió, e os chins Manejó, e os léquios, champás, e os cauchins, Ampatilor, e os siameses, bramás, pafuás e sacotais lhe chamam Sansaporau, de maneira que ainda que pela diversidade das línguas, os nomes em si sejam diferentes, todos na nossa linguagem querem dizer uma mesma coisa, que é “memória de



todos os mortos”. A qual festa vimos aqui nesse dia celebrar com tantas diferenças de coisas nunca cuidadas que não me sei determinar por qual delas comece, porque só a imaginação disso, misturada com a cegueira desses miseráveis, em tanto menoscabo de honra de Deus, basta para um homem ficar mudo.

Porque a este lugar concorre neste tempo inumerável gente de todas as nações daquelas partes, que vem a uma feira que se faz nesta festa, que dura quinze dias, que são os da lua cheia, na qual se vendem quantas coisas a natureza criou no mar e na terra, em tão alto grau de abundância que não há espécie de coisa por si de que não haja dez, doze, quinze, vinte ruas de casas e cabanas, e tendas tão compridas que quase se perdem de vista, povoadas todas de mercadores muito ricos, fora a outra mais gente do povo que não tem conto, a qual toda se aloja ao longo de um grande rio, em um campo raso de mais de duas léguas, todo povoado de arvoredo de diversas maneiras, em que há soutos de nogueiras, e castanheiros, e pinhais, e palmares de cocos e datiles, de que todos tomam quanto querem, porque tudo isso é do pagode.

O templo desse ídolo é um suntuosíssimo edifício que está no meio desse campo, em um outeiro redondo que tem mais de meia légua em roda, chanfrado todo a picão em altura de quinze braças, e delas para cima está um muro de cantaria muito alva, de três braças, com seus baluartes, e cubelos, e torres ao nosso modo. Desse muro para dentro tem um terraplano que vem ao nível com as ameias, de mais de tiro e meio de largo, que pela mesma maneira do muro cinge também o outeiro em roda, que ao parecer fica como varanda, onde estão ao comprido cento e sessenta hospedarias, e cada uma delas de mais de trezentas casas térreas muito limpas e bem concertadas, em que se agasalham os peregrinos, fancatões e daroezes que vêm em cabildas, como ciganos, com seus capitães, de duas, três mil pessoas cada cabilda, umas mais, outras menos, conforme o longe e o perto das terras e dos



reinos donde vêm. E logo pelas divisas das bandeiras que trazem se conhecem donde são naturais.

Daqui para cima é tudo fechado com grande arvoredor de ciprestes e cedros, com muitas fontes de água muito boa, e no mais alto desse outeiro, que será de quase um quarto de légua em roda, estão vinte e quatro mosteiros de templos muito suntuosos, e ricos, doze de homens e doze de mulheres, que, segundo aí nos afirmaram, tinha cada um deles quinhentas pessoas. No meio desses vinte e quatro mosteiros, em um jardim fechado com três ordens de grades de latão, com arcos a cada dez braças, lavrados de marcenaria muito rica, com seus coruchéus em ouro e com muitas campainhas de prata que continuamente estão tangendo com o movimento que faz nelas o ar que lhes dá, estava a capela do ídolo Tinagogó, que é o deus de mil deuses, em uma charola redonda, toda de alto a baixo forrada de pranchas de prata, com muita soma de candeeiros do mesmo. O seu monstruoso vulto (o qual não sabemos se era de ouro, se de pau, se de cobre dourado) estava em pé, com ambas as mãos levantadas ao céu, e uma coroa rica na cabeça; ao redor dele estavam outros muitos ídolos pequenos, sentados em joelhos olhando para ele como pasmados, e embaixo estavam doze vultos de homens agigantados, feitos de bronze, de trinta e sete palmos de alto, muito feios em grande maneira. Esses, diziam eles, que eram os deuses dos doze meses do ano.

Fora dessa casa estavam cento e quarenta gigantes, que postos em duas fileiras a fechavam toda em roda, os quais eram feitos de ferro coado, com suas alabardas nas mãos, como se estivessem de guarda àquele edifício. Entre uns e outros havia muitos sinos de metal pendurados de tirantes de ferro muito grossos, que estavam lançados de uns ombros aos outros, desses gigantes, o qual edifício visto assim todo por junto mostrava de si um tamanho aparato, que logo em se pondo os olhos nele se enxergava a grande riqueza e suntuosidade da sua fábrica.



E deixando agora de parte a mais informação que poderá dar das oficinas desse rico templo, porque a que dei me parece que basta para se entender qual ele era, tratarei aqui um pouco dos sacrifícios que nele vimos, em uma festa a que eles lá chamam Xipatilau, que quer dizer “refrigério dos bons”.



DA GRANDE E SUNTUOSA PROCISSÃO
QUE SE FAZ NESTE PAGODE, E DOS SACRIFÍCIOS
QUE SE FAZEM NELA

Como essa sua festa e essa feira que nela se fazia com tanta concorrência de gente, e diversidade de companhias de peregrinos, como atrás fica dito, durava quinze dias, em que havia muitas diferenças de sacrifícios e cerimônias, não havia nenhum dia em que não houvesse muitas maneiras de coisas muito novas e muito custosas, e muito para ver, e muito mais para contar, uma das quais foi aos cinco da lua, em que se publicaram os jubileus, uma procissão que teria de comprimento, segundo o esmo dos nossos, mais de três léguas, na qual se afirmou, pelo dito de toda a gente, que iam quarenta mil sacerdotes das vinte e quatro seitas que há nesse império, dos quais muitos tinham diferentes dignidades, como eram os grepos, talagrepos, rolins, népois, bicos, sacureus e chanfarauhós, os quais todos, pelas vestiduras de que iam ornados, e pelas divisas e insígnias que levavam nas mãos, se conheciam quais eram uns e quais eram outros, e, conforme a dignidade que tinham, assim eram reverenciados pelo povo. Porém, eles não iam a pé, como os outros sacerdotes comuns, porque lhes não era lícito naquele dia poderem pôr os pés no chão sem cometerem grande pecado; mas iam nuns palanquins que outros sacerdotes, seus inferiores, levavam aos ombros, vestidos de cetim verde, e suas altirnas de damasco roxo sobraçadas a modo de estolas. No meio das fileiras dessa procissão iam todas as invenções dos sacrifícios, com suas charolas ricas, em que iam os ídolos de





que cada um era devoto, com seus confrades de amarelo, e com círios nas mãos, e entre o espaço de cada quinze charolas dessas ia um carro triunfal, os quais carros ao todo eram duzentos e vinte e seis. Cada carro desses era de quatro sobrados, e alguns de cinco, com outras tantas rodas por cada banda, em cada um dos quais iam, pelo menos, duzentas pessoas, entre sacerdotes e gente de guarda, e levavam ao pescoço fios de pérolas, e colares ricos de pedraria. Derredor deles iam muitas caçoilas de cheiros suavíssimos, e meninos em joelhos, com maçãs de prata aos ombros, e outros com turíbulo nas mãos, que de quando em quando, ao som de certos instrumentos, incensavam por três vezes, dizendo em voz triste e sentida: – “Pautixorou numilem forandaché vaticur apelem” que quer dizer: – “Abranda, Senhor, a pena dos mortos, para que te louvem com sono quieto.” A que todo o povo, com um tumulto de vozes, respondia:

– Assim te apraza que seja, em todos os dias em que nos mostras o teu sol.

Cada carro desses, por seis cordas muito compridas, forradas de seda, puxavam mais de três mil pessoas, a que por isso era concedida plenária remissão dos pecados, sem restituição de coisa nenhuma. E o modo que tinham, para serem muitos os que puxando por essas cordas participassem dessa absolvição, era pôr um a mão na corda e fechar o punho, e após este, outro, e logo outro e outro, da mesma maneira, e assim continuando até o cabo, ficava todo o comprimento da corda coberta de punhos cerrados, sem se ver mais outra coisa; e para que outros que ficavam de fora, que eram muitos, ganhassem também o mesmo jubileu e indulgência, ajudavam aqueles que levavam as mãos nas cordas com lhes porem as suas nos pescoços, e outros faziam o mesmo a estes, de modo que a cada comprimento de cada uma dessas cordas iam seis e sete fileiras, em cada uma das quais iriam mais de quinhentas pessoas.



Por fora de todo o comprimento dessa procissão corriam muitos homens a cavalo, com bastões ferrados nas mãos, bradando muito alto à gente do povo, que era infinita, para que se afastasse e não desse turvação aos sacerdotes que iam rezando; e às vezes davam tamanhas pancadas que derrubavam três e quatro no chão, e outros muitos iam escalavrados, e que nenhum respondia, nem levantava os olhos sequer.

E dessa maneira foi passando essa espantosa procissão por mais de cem ruas que para isso estavam feitas, enramadas de palmeiras e com sebes de murta, com muitos estandartes e bandeiras de seda, e em partes muitos entremeses com mesas postas, em que se dava de comer, pelo amor de Deus, a todo o gênero de gente que o queria, e em algumas partes se davam vestidos e dinheiro, e se faziam reconciliações de inimizades, e quitas de dívidas, e outras obras tão próprias da cristandade, que se elas se fizessem com fé e batismo por Cristo Nosso Senhor, sem levarem mistura do mundo, a mim me parece que lhe seriam muito aceitas, mas faltou-lhes o melhor, por seus pecados e pelos nossos.

Indo assim toda essa turbamulta de charolas e carros, com espantosos ruídos de tangeres e gritas, e outras muitas diferenças de coisas, saíam de certas casas de madeira, que em partes estavam já feitas para isso, seis, sete, oito, dez homens envoltos com patolas de seda, e suas manilhas de ouro nos braços, aos quais toda a gente se afastava e dava lugar; e fazendo estes por algumas vezes zumbaias ao ídolo que ia em cima no carro, se arremessavam de bruços no chão, e passando as rodas por cima deles, os cortavam em dois pedaços, a que toda a gente, com uma grande grita, dizia: – “Pachiló a furão”, que quer dizer: “A minha alma com a tua.”

E descendo logo de cima do carro um sacerdote dos que iam nele, com mais dez ou doze sacerdotes consigo, se chegava àqueles bem-aventurados ou mal-aventurados que jaziam mortos, e juntando os pedaços e as cabeças e as tripas, com tudo o mais que



ali estava daqueles desventurados corpos, em umas bandejas muito grandes, o mostravam ao povo, de cima do mais alto sobrado do carro onde ia o ídolo, dizendo num tom muito sentido: – “Rogai, pecadores todos, a Deus, que vos faça dignos de serdes santos como este que agora morreu em sacrifício de cheiro suave”, a que todo o povo, prostrado com os rostos no chão, com uma espantosa grita respondia: – “Assim esperamos no deus de mil deuses, que seja!”

E assim, pelo modo desses desventurados, se sacrificaram mais outros muitas, que em cópia, segundo o que aí nos contaram mercadores honrados a que se podia dar crédito, passaram de seiscentos.

Fora estes, vinham também outros, a que eles chamam xixaporaus, que também se sacrificavam diante desses carros, cortando a sua mesma carne tanto sem piedade que parecia muito fora da natureza humana, e tomando os pedaços da sua carne, que eles cortavam com uns navalhões muito agudos, os metiam em uns arcos como pelouros, e atiravam com eles para o céu, dizendo que os mandavam a Deus de presente pela alma de seu pai, ou filho, ou mulher, ou pela da pessoa por quem aquilo faziam. E no lugar onde caía qualquer desses pedaços era tanta a gente sobre eles, para os tomarem, que às vezes se sufocavam uns com os outros, porque os tinham por muito grande relíquia; de maneira que andando esses mal-aventurados em pé, envoltos no seu mesmo sangue, e sem narizes, nem orelhas, nem semelhança de homens, caíam mortos no chão, a que os grepos de cima do carro acudiam logo com muita pressa, e cortando-lhes a cabeça, a mostravam ao povo, o qual também com os joelhos postos em terra, e as mãos levantadas, dizia com uma grande grita: – “Chega-nos, Senhor, o tempo em que para te servir façamos o mesmo.”

Vinham mais outros que também o demônio aqui trazia, por outro modo, os quais pedindo esmola, diziam: – “Minta dremá xixapurha param”, que quer dizer: – “Dá-me esmola por Deus, senão





matar-me-ei.” E se lha não davam logo muito depressa, metiam por si uns navalhões que traziam nas mãos e se degolavam, ou botavam as tripas fora, e caíam mortos no chão. A estes acudiam também os grepos e lhes cortavam as cabeças, e pela mesma maneira dos outros as mostravam ao povo, o qual também com grandes gritas as venerava prostrado com os rostos no chão.

Vinham também outros que se chamavam nucamarões, muito feios e mal-assombrados, vestidos de peles de tigres, com umas painelas de cobre debaixo dos braços, cheias de uma certa confeitão de urina podre, misturada com esterco de homens, tão peçonhenta e de fedor tão incomportável que por nenhum modo se podia sofrer nos narizes, e pedindo esmola ao povo diziam: – “Dá-me esmola já nessa hora, senão comerei disso que come o Diabo, e borrifar-te-ei para que fiques maldito como ele”, a que logo todos acudiam a lhes darem esmola muito depressa; e se tardava mais um momento do que ele queria, punha a panela à boca, e bebendo um grande trago daquela fedorenta confeitão borrifava com ela aos que queria fazer mal, porque toda a outra gente que os via borrifados, havendo-os já por malditos, saltava neles e lhes dava tão mau trato que os tristes não sabiam parte de si, porque em nenhuma pessoa catava cortesia que o não desonrasse, e lhe desse muitas bofetadas e arrepelões, dizendo que eram excomungados por serem causa de aquele homem santo comer aquela sujidade como os diabos, e ficar sempre fedorento diante de Deus, para não poder ir ao paraíso, nem ninguém o ver mais neste mundo.

E a esse modo, há entre esta gente, a que, por outra parte, não falta grande juízo e entendimento em todas as outras coisas, outras muitas de cegueiras e brutalidades tão fora de toda a razão e entendimento humano, que fica sendo um grandíssimo motivo de dar continuamente infinitas graças a Deus, aquele a quem ele, por sua infinita bondade e misericórdia, quis dar o lume da verdadeira fé, para se salvar com ele.



CLXI

DE UNS PENITENTES QUE VIMOS EM CIMA NA SERRA DESTE PAGODE, E DA VIDA QUE FAZEM

Sendo já passados desses quinze dias nove, fingindo toda essa turbamulta da gente que aqui estava junta, que vinha a serpe tragadora da cônica funda da casa do fumo, que é Lúcifer (como já atrás disse), roubar a cinza dos que morreram no sacrifício passado, para não irem as suas almas ao céu, se levantou em todo esse povo uma grita tão espantosa, terrível e medonha para ouvir, que faltam palavras para o encarecer, a qual, acompanhada de infinidade de sinos, tambores, búzios e sestros, fez um tão desacostumado estrondo que a terra tremia debaixo dos pés, e isso tudo a fim de espantarem o diabo, o qual estrondo durou desde a uma hora depois do meio-dia até o outro dia quase manhã clara, na qual noite se gastou infinito número de cera nas luminárias que se fizeram, as quais tomavam tanto espaço de terra quanto a vista podia alcançar, o que tudo parecia então que ardia em fogo, e a razão disso era porque diziam que o Tinagogó, deus de mil deuses, era ido em busca da serpe tragadora para a matar com uma espada que lhe viera do céu.

Passada assim essa noite nesse infernal estrondo nunca cuidado, quando a manhã foi clara apareceu todo esse outeiro em que estava esse templo, cheio de bandeiras brancas, com a qual vista, o povo, para dar graças a Deus, se prostrou todo por terra, mostrando grande alegria e dando-se muitas peças uns aos outros, de alvíssaras pela nova que os sacerdotes lhes davam com as



bandeiras brancas que lhes mostravam, porque eram sinal certo de ser a serpe tragadora já morta. E subindo com grande alegria toda essa gente ao outeiro onde estava o templo, por vinte e quatro entradas que havia para ele, foram todos dar os parabéns ao ídolo, pela vitória que a noite passada tivera com a morte da serpe a quem cortara a cabeça. A qual concorrência de gente durou três dias com suas noites, sem em todo esse tempo se poder romper por nenhum dos caminhos senão com muito trabalho.

E como os nove portugueses que ali nos achamos, andávamos ociosos, determinamos de nos não ficar coisa por ver desse abuso, e pedimos licença ao embaixador, o qual no-la negou por então, mas nos disse que ao outro dia iríamos com ele, porque se tinha prometido lá na doença passada, o que nos não pesou por podermos ter melhor entrada e vermos mais à nossa vontade o que desejávamos. E depois que o ímpeto da gente deu alguma vazão, que foi aos dois dias desse concurso, nos fomos em sua companhia acima ao templo do Tinagogó, e ainda então com trabalho chegamos ao outeiro onde ele estava fabricado, no qual havia seis ruas muito compridas, cheias todas de balanças penduradas de tirantes de bronze, nas quais se pesava infinita gente, para cumprimento de votos que em adversidades e doenças tinham feito, e para remissão de quantas culpas tinham cometido contra Deus desde que souberam pecar até àquela hora. E segundo o prometimento ou a grandeza da culpa, ou a possibilidade que cada um tinha, assim se pesava. E a coisa que dava por si era conforme o pecado que tinha cometido. Porque os que se sentiam culpados do pecado da gula e não tinham feito naquele ano abstinência nenhuma, se pesavam a mel, açúcar, ovos e manteiga, por serem coisas agradáveis aos sacerdotes de quem haviam de receber a absolvição. E os que se sentiam culpados da sensualidade, se pesavam a algodão, e frouxel, e panha, e roupa, e vinho, e cheiros, porque diziam que essas eram as coisas que serviam para esse pecado. Os tíbios e frouxos



no amor de Deus, e avarentos no dar das esmolas, se pesavam a dinheiro amoedado de cobre, estanho e prata, ou a peças de ouro. Os culpados da preguiça se pesavam a lenha, arroz, carvão, porcos e fruta. O que pecou na inveja, de que se não tira mais fruto que o pesar do bem que Deus quis dar a outrem, o pagava com o confessar publicamente, e com lhe darem doze bofetadas no rosto em louvor das doze luas do ano. E o pecado da soberba se pagava a peixe seco, e a vassouras, e bosta de boi, por serem coisas mais baixas que todas. E o que pecou em falar muito em prejuízo do próximo, sem lhe pedir por isso perdão, oferece por si na balança uma vaca, ou um porco, ou carneiro, ou veado. De modo que por essa via se pesava infinidade de gente em todas as balanças que estavam nessas seis ruas, de que os sacerdotes recebiam tão grande quantidade dessas esmolas que de cada coisa havia rimas muito grandes.

E o povo mais pobre que não tinha que dar nem que oferecer, em remissão de seus pecados, dava os cabelos da cabeça, que logo ali lhe tosquiavam mais de cem sacerdotes, que todos por ordem estavam para isso sentados em tripeças, com tesouras nas mãos. E também havia muito grandes montes daqueles cabelos, dos quais, outra companhia de mais de mil grepos, todos postos em ordem, faziam cordões, tranças, anéis e manilhas, que toda a gente comprava para levar para sua casa, como entre nós costumam os romeiros que vêm de Santiago trazer os brincos de azeviche.

E para que não pareça abusão isso de que trato, afirmo realmente que espantado esse nosso embaixador das coisas incríveis que aqui viu, declarando-lhe os grepos a significação de cada uma delas, e o que rendiam todas essas esmolas, e as mais ofertas que se ofereciam por diversas coisas nos quinze dias desse concurso, lhe afirmaram que somente essas coisas que se faziam dos cabelos da gente pobre lhe importavam passante de cem mil pardaus de



ouro, que são noventa mil cruzados da nossa moeda, e por aqui se julgará o muito mais a que todo o resto podia chegar.

Depois que o embaixador se deteve um espaço nessas ruas das balanças, passando mais adiante por todas as estações dos sacrifícios, esmolas, entremeses, bailes, autos, músicas e lutas, chegamos à casa do Tinagogó com assaz de afronta e trabalho, por ser a gente tanta em tanta quantidade que não havia romper por ela, por muito que nisso se trabalhasse; a qual casa era de uma só nave, mas muito comprida, larga, e espaçosa, e muito rica e bem concertada, com infinidade de luminárias de cera, e de candeeiros de prata, de dez torcidas cada um, e muitos cheiros de águila e benjoim.

O ídolo desse Tinagogó estava quando aqui chegamos no meio do corpo da casa, em uma rica tribuna como altar, cercado de muitos candeeiros e castiçais de prata, e de meninos vestidos de roxo, que com turíbulos o estavam incensando, ao som de muitos e vários instrumentos musicais quase ao nosso modo, que muitos sacerdotes tangiam não desconcertadamente, ao qual som dançavam também diante dele mulheres muito formosas e ricamente vestidas, às quais o povo dava as esmolas que se ofereciam, e das mãos delas as recebiam os sacerdotes, e as ofereciam diante da tribuna do ídolo com grandes cerimônias de cortesias, deitando-se de vez em quando de bruços no chão.

A estátua desse monstro era de prata em vulto de homem agigantado, de vinte e sete palmos de alto, tinha os cabelos de cafre, e as ventas dos narizes muito disformes, e os beiços grossos, e toda a fisionomia do rosto tristonha e mal assombrada. Tinha na mão uma bisarma a modo de segure de tanoeiro, mas com cabo muito mais comprido, com a qual diziam os sacerdotes ao povo que na noite passada matara a serpe tragadora da côncava funda da casa do fumo, por querer roubar a cinza dos sacrificados; a qual serpe tragadora estava no meio da casa diante da tribuna do ídolo, em



figura da mais disforme cobra que o entendimento humano pode imaginar, e tão natural de tal maneira que metia medo, e as carnes tremiam só de a verem, a qual jazia estirada no chão ao comprido, e com a cabeça cortada, e era no colo da grossura de uma pipa, e de oito braças de comprimento, e conquanto estivéssemos vendo e entendéssemos muito bem que era artificial, nem isso bastava para deixar de fazer temor e espanto muito grande a quem a via, por ser, como digo, tão natural em tudo que se não podia julgar senão por coisa viva, e toda a gente se chegava para a picar com uns ferros como agulhas de albarda, e lhe dizia muitas palavras injuriosas em seu desprezo e afronta, chamando-lhe turbacão, maxirané, való, hapacou, tangamur, cohilousa, que quer dizer soberba, maldita, paiol do inferno, lago profundo de condenação, invejosa dos bens do Senhor, dragão esfaimado no meio da noite; e assim lhe diziam outras muitas injúrias, por umas palavras tão novas e tão próprias aos efeitos da mesma serpente que nos faziam a todos pasmar. E passando adiante, lançavam numas bacias que estavam ao pé da tribuna, suas esmolos de ouro, prata, anéis, peças de seda, dinheiro amoadado e panos finos de algodão, de que ali havia uma grande quantidade.

Daqui saímos em companhia do embaixador, e fomos com ele ver as lapas dos penitentes, que pelo bosque abaixo estavam a cerca de um tiro de berço, feitas à mão entre uns penedos de rocha viva numa grande ordem de furnas, coisa que não parecia poder ser feita por mãos de homens, as quais eram, por todas, cento e quarenta e duas, em algumas das quais estavam homens que eles têm por santos, fazendo penitência com um estranho excesso de austeridade e aspereza de vida. Uns doze que estavam logo à entrada nas primeiras lapas tinham as vestiduras pretas ao modo dos bonzos do Japão, e seguiam a lei de um ídolo que fora um homem que se chamou Situmpor micay, que deixou por preceito aos seus sequazes que enquanto estivessem vestidos na podridão desses



ossos, passassem seus dias em muita aspereza de vida, porque lhes afirmava que só no castigo da carne estava o merecimento do céu, muito mais que em outra coisa nenhuma, e que quanto mais sem piedade se matassem por si, tanto mais largamente lhes havia Deus de dar todos os bens que sempre lhe pedissem.

Esses que aqui vimos nos disseram que não comiam ordinariamente mais que só ervas cozidas com feijões torrados, e alguma fruta silvestre, que por um buraco da furna lhes botavam outros sacerdotes como claustrais, que tinham o cuidado de proverem esses penitentes conforme o que mandava a lei que cada um deles seguia. Adiante desses em outras furnas da mesma maneira vimos outros da seita de outro diabo de nome Angemacur, que estavam em umas covas debaixo do chão, cavadas no maciço da mesma rocha, e eram feitas conforme a opinião desses coitados, os quais, sem comerem outra coisa senão moscas, formigas, lacraus e aranhas, com sumo de umas ervas que nessa nossa terra chamam salgadeiras, meditando todo o dia e toda a noite com os olhos no céu, e ambos os punhos das mãos cerrados em sinal de não quererem nada do mundo, se deixam morrer como bestas, e estes comumente se têm entre eles por mais santos que todos; e por serem tais, depois de mortos os queimam em fogueiras cheirosas de grande custo, e com grande majestade e pompa fúnebre, e com ofertas de peças ricas para lhes edificarem templos suntuosos, para que os vivos que isso virem cobicem fazer o mesmo, para alcançarem essa vanglória que o mundo lhes dá somente por prêmio e satisfação da sua tão excessiva penitência.

Vimos mais outros de outra diabólica seita, inventada por um que se chama Gileu mitray, os quais seguem diversas maneiras na ordem da penitência, e quase na variedade das opiniões se conformam em parte com os abexins da Etiópia, no reino do Prestes João. Uns desses, para que o seu jejum, pela aspereza com que o fazem, lhes seja mais bem recebido, não comem mais que esgarros



podres e muito viscosos, e gafanhotos, e pães de galinha. E outros comem postas de sangue coalhado das sangrias dos outros homens, com frutas e ervas amargos as do mato, pelo que ordinariamente duram muito poucos dias, e são tão disformes na cor e na aparência dos rostos que metem medo a quem os vê.

Vimos também outros da seita de um que se chamava Godomem, que acaba seus dias por andarem gritando continuamente, e batendo com a mão na boca, pelos montes, de dia e de noite em vozes muito altas, dizendo sem descansarem “Godomem Godomem”, até que caem mortos no chão, por não poderem tomar fôlego.

Outros vimos também de outra seita, que se chamavam taxilacões, que morrem ainda muito mais bestialmente que todos estoutros, porque se metem em lapas muito pequenas e muito tapadas, que já para isso têm feitas, ao propósito de sua tenção, e fazendo dentro grandes fumaças de cardos e ramos de trovisco verde, se deixam assim sufocar. De maneira que todos esses, com essas tão várias e tão terríveis asperezas de vida, são mártires do demônio, e qual lhes dá por prêmio delas o inferno para sempre. Pelo que é coisa digna de grandíssima dor e sentimento ver o muito que esses miseráveis fazem para se perderem, e o pouco que os mais dos cristãos fazemos para nos salvarmos.

DO QUE PASSAMOS E VIMOS ANTES DE CHEGARMOS
À CIDADE DE TIMPLÃO

Depois de vistas todas essas coisas com assaz espanto de todos, nos partimos desse pagode de Tinagógó, e continuamos nosso caminho por espaço de mais treze dias, em que chegamos a duas muito grandes cidades, situadas à borda do rio, defronte uma da outra à distância de pouco mais de um tiro de pedra, uma de nome Manavedé, e outra Singilapau, e no meio do rio, que aqui já era mais estreito, estava um ilhéu redondo que a natureza ali criara em pedra viva de trinta e seis braças de alto, e mais de um tiro de besta de largo, no meio do qual estava edificado um castelo roqueiro, com nove baluartes e cinco torres. E por fora do terraplano do muro era fechado todo em roda com duas ordens de grades de ferro muito grossas, e dos quatro baluartes que estavam fronteiros às duas cidades corriam duas cadeias de ferro que fechavam em ambas, de maneira que o rio com elas ficava fechado, sem poder entrar por ele coisa nenhuma.

Na cidade dessas duas que se chamava Singilapau, saiu o embaixador em terra, onde lhe foi feito muito gasalhado pelo xemim de um que era capitão dela, e proveu a todos os seus com muita abundância de refresco. E partido daqui ao outro dia pela manhã, acompanhado de vinte laulés de remo em que iam mil homens, chegou quase à tarde às tavangrás do reino, que eram dois castelos muito fortes que, de um ao outro, com cinco cadeias de latão muito grossas, fechavam toda a largura do rio, de maneira que nenhuma coisa podia passar por ele.



Aqui chegou um homem num seró ligeiro, e disse ao embaixador que fosse surgir no divão de Campalagrau, que era um dos dois castelos que estava da banda do sul, para mostrar ali a carta que levava do seu rei para o calaminhã, e se ver se vinha na forma ordinária com que se lhe costuma falar, o que o embaixador logo fez; e desembarcando em terra entrou em uma grande casa onde estavam três homens sentados a uma mesa, acompanhados de outra muita gente nobre, os quais o receberam com gasalhado, e perguntando-lhe o que queria, como homens que não sabiam a que vinha, lhes respondeu ele que era embaixador do rei do Bramá, senhor do Tangu, e trazia uma embaixada para o santo calaminhã, sobre coisas muito importantes a seu estado.

E depois de responder a certas perguntas que por cerimônia lhe fizeram os três principais que estavam à mesa, lhes mostrou a carta, na qual emendaram algumas palavras que vinham fora do estilo em que se lhe costumava falar, e também lhes mostrou o presente que levava, de que todos ficaram muito espantados, principalmente quando viram a cadeira de ouro, a pedraria do elefante, cujo preço e valia, segundo o dito de muitos lapidários era de quinhentos ou seiscentos mil cruzados, fora outras muitas peças muito ricas que também levava, como já disse.

Depois que o despacharam nessa mesa da primeira tavan-grá, nos fomos à outra que estava mais adiante dali uma légua, pelo rio acima, na qual achamos outros homens de muito mor respeito, os quais também com outra nova cerimônia viram a carta e o presente, e puseram em todas as peças uns cordões de retrós encarnado com três mutras de lacre, que foi o remate para a embaixada poder ser recebida pelo calaminhã. E nesse mesmo dia chegou um recado de cima da cidade, do Queitor, que era o governador do reino, em que mandava visitar o embaixador com presentes de muito refresco, tanto de carnes como de frutas, e de outras coisas ao seu modo.



E em todos os nove dias que esse embaixador aqui esteve, foi sempre provido muito largamente de todas as coisas, tanto para sua pessoa como para todos os seus, e fora isso teve muitos pas-satempos de pescarias, caças, banquetes, músicas e farsas representadas por mulheres muito formosas e ricamente vestidas. E nesses mesmos nove dias, nós os portugueses, com licença do embaixador, fomos ver algumas coisas que a gente da terra nos tinha gabado, de edifícios antigos, templos suntuosos e ricos, quintas, castelos, e casas que estavam ao longo deste rio, feitas de um estranho modo de fortaleza e custo grandíssimo, entre as quais foi uma hospedaria de peregrinos, que tinha o nome de Manicafarão, que em nossa linguagem propriamente quer dizer “prisão dos deuses”, a qual era uma cerca de mais de uma légua em roda, com doze ruas de arcos de abóbada, em cada uma das quais havia 240 casas, à razão de cento e vinte por banda, que ao todo vem a fazer duas mil e oitocentas e oitenta casas, as quais a esse tempo estavam quase todas cheias de peregrinos que de diversas partes aqui concorrem em peregrinação todo o ano continuamente. E dizem eles que por ser deus cativo de gente estrangeira, e não ter liberdade para se poder tornar para sua terra, fica muito mais aceita essa visitação que todas as outras.

A esses peregrinos que, segundo dizem os naturais da terra, são em todo o ano mais de cem mil pessoas continuamente, se dá de comer e gasalhado todo o tempo que aqui estão, à custa das rendas e das esmolas da casa. E esse serviço desses peregrinos era ministrado por quatro mil sacerdotes do mesmo Manicafarão, que com outros muitos residem aqui dentro desta cerca, em cento e vinte casas de religião, onde há também outras tantas de mulheres que servem no mesmo ministério.

O templo dessa hospedaria era uma casa muito grande de três naves, a modo das nossas igrejas, no meio da qual estava uma capela redonda, fechada com três ordens de grades de latão muito

grossas, com suas aldravas nas portas da mesma maneira, e dentro dela estavam oitenta estátuas de ídolos em vultos de homens e de mulheres, com outra soma de outros mais pequenos deitados no chão, e oitenta somente, que eram os maiores, estavam de pé, presos todos por cadeias de ferro, e com colares grossos do mesmo aos pescoços, e alguns com algemas nas mãos, e os pequenos que jaziam no chão como filhos desses maiores estavam cingidos pelas cintas, de seis em seis, com outras cadeias mais delgadas, e por fora das grades, em duas outras fileiras, de três em três, estavam duzentos e quarenta e quatro gigantes de bronze, de vinte e cinco palmos cada um, com suas alabardas e maças às costas, como que guardando os outros que estavam presos, e todo em cima, em tirantes de ferro que tomavam toda a largura da nave, estava uma muito grande soma de luminárias a modo de candeeiros da Índia, de dez torcidas cada um, os quais eram envernizados, como também eram as paredes da casa e tudo o mais que se via nela, em sinal de tristeza pelo seu cativo.

Espantados nós os nove assim disso que tenho contado, como de outras muitas coisas que deixo de contar, e não podendo entender o segredo da prisão desses deuses, perguntamos aos sacerdotes a significação disso que víamos, a que um deles que entre todos parecia de mais autoridade, respondeu:

— Já que como estrangeiros quereis saber o que eu entendo que nunca ouvistes, nem os vossos livros tratarão disso, dir-vos-ei o que isso é, e como se passou na verdade, conforme o que contam as nossas histórias. Agora nessa lua em que estamos faz sete mil e trezentas e vinte luas (que são seiscentos e dez anos, pela conta das outras nações) que, imperando na monarquia dos vinte e sete reinos desta coroa, um santo calaminhã, de nome Xixivarom meleutay, por diferenças que houve entre ele e o Siammom, imperador dos montes da terra, se juntaram de ambas as partes sessenta e dois reis, os quais, postos todos em campo, vieram a



ter entre si uma áspera e cruel batalha que durou desde uma hora antes da manhã até dois terços do dia passados, em que morreram de ambas as partes dezesseis laquesás de homens, e cada laquesá tem cem mil. E ficando então a vitória com o nosso calaminhã, com só duzentos e trinta mil dos seus vivos, destruiu toda a terra dos inimigos em tempo de quatro meses de caminho, na qual destruição foi tamanho o estrago da gente que se é verdade o que as nossas histórias contam, como muitos afirmam, nelas se acha que morreram cinquenta laquesás de pessoas. Essa batalha se deu aos nove dias da primeira lua desse tempo que digo, de sete mil e trezentas e vinte no afamado campo vitau, onde lhes apareceu o Quiay Nivandel sentado numa cadeira de pau, o qual ficou daqui com grau de nome mais honroso que todos os outros deuses dos moéns e siões, celebrado por deus das batalhas, tanto que quando se juram coisas incríveis entre as nações que habitam a terra, para se lhes dar crédito a elas, não se diz outra coisa senão pelo Santo Quiay Nivandel, deus das batalhas do campo vitau; e em uma grande cidade que se chamava Sorocatão, em que foram mortas quinhentas mil pessoas, se cativaram todos esses deuses que aqui vedes presos, a despeito dos reis que criam neles, e dos sacerdotes que lhes ministravam o cheiro suave de seus sacrifícios. E por respeito dessa vitória tão gloriosa, todos esses povos nos ficaram sujeitos com obrigação de párias honrosas à coroa dos que agora governam o cetro da justiça calaminhã, ainda que tenha custado assaz de sangue e trabalho em sessenta e quatro levantamentos que de então para cá houve em todos esses povos, os quais não podem sofrer verem os seus deuses cativos, porque na verdade é grande afronta para eles, e pelo que fizeram voto de, enquanto os não tiraram daqui, não celebrarem festa nenhuma em que se enxergue alegria, nem nos seus templos e casas de oração se acendeu mais fogo até ao dia de hoje, nem se acenderá enquanto aqui estiverem cativos.





E especulado bem esse negócio por alguns dos nossos que eram mais curiosos, se afirma, segundo o dito desse grepo e pelo que ali nos jurou em sua verdade, que pela libertação desses ídolos que aqui vimos presos são mortos por algumas vezes mais de três contos de homens, fora os das batalhas passadas, por onde se pode ver claramente quanto o demônio tem sujeitos esses miseráveis, e por quantas maneiras de despropósitos e desatinos os leva em tanta quantidade ao inferno.

Daqui partimos para outro templo a que chamavam Urpanesendó, de que me escuso de dar relação, por não tratar de matérias desonestas e abomináveis, do qual, deixando de parte a excessiva sobejidão do que nele vimos, tanto de riqueza como de tudo o mais, direi somente para que serve, que é para todas as mulheres virgens, filhas dos príncipes e senhores do reino, e de toda a outra mais gente nobre, irem ali por voto que de pequenas lhes fazem fazer, sacrificar suas honras, porque sem isso não quer nenhum homem honrado casar com elas, ainda que lhe deem todo o dinheiro do mundo, por ser entre eles desonra muito grande, o qual torpe e sensual sacrifício se faz com tanta despesa de suas fazendas que há muitos deles em que se gastam de dez mil cruzados para cima com as ofertas que se fazem a esse ídolo Urpanesendó, a quem elas entregam suas honras, o qual está em uma capela redonda, toda coberta de ouro, e é feito todo de prata, e está sentado em uma tribuna a modo de altar, cercado por cima de muitos candeeiros também de prata de seis a sete torcidas cada um. Ao redor dessa tribuna estão outros muitos ídolos em vultos de mulheres muito formosas, cobertos de ouro, que com os joelhos no chão e as mãos levantadas o estão venerando, as quais os sacerdotes nos disseram que eram almas santas de algumas moças que ali acabaram as vidas, o que para todos os parentes delas fora uma grandíssima honra, e que mais estimavam que quantas os reis lhes podem dar.





Tem esse maldito ídolo, de renda cada ano, segundo ali nos afirmaram, trezentos mil cruzados, fora as ofertas e peças ricas dos seus abomináveis sacrifícios, que se orçam em muito maior quantidade. Nesse diabólico templo estão metidas em religião, em muitas casas que vimos, mais de cinco mil mulheres, mas o que notei é que são todas velhas, sem nenhuma ser moça, e a maior parte delas, muito ricas, as quais todas por suas mortes fazem doação de seus bens a esse pagode, e por isso tem ele tanta renda.

Tornamo-nos daqui para a tavangrá onde deixáramos o embaixador, e fomos de caminho ver as cabildas dos jogues que aqui vinham em romaria, pela maneira que atrás tenho dito, que eram de quarenta e seis, de cem, duzentas, trezentas e quinhentas pessoas cada cabilda, e algumas de muitas mais, que como num arraial estavam todas alojadas ao longo do rio. Em uma dessas achamos uma mulher portuguesa, de que ficamos muito mais espantados que de tudo o que ali tínhamos visto, e querendo nós saber dela a razão de tão estranha novidade, nos disse com muitas lágrimas quem era, e o modo como ali viera e se casara com um jogue que peregrinava naquelas cabildas, com quem fora casada 23 anos, e ao presente estava já viúva dele. E porque se não atrevia a viver entre cristãos, continuava naquela desventura até que Deus a levasse a terra onde acabasse seus dias a fazer penitência da vida passada. Mas que embora a víssemos ali daquela maneira, e naqueles trajes do diabo, nunca deixara de ser verdadeira cristã.

Assaz espantados ficamos todos de um caso tão novo como esse, e também assaz tristes de vermos o desventurado estado em que estava essa pobre mulher, e lhe dissemos então o que nos pareceu de razão, e o que entendemos, e no fim da prática assentou conosco ir dali a dez dias ter à cidade de Timplão para vir em nossa companhia para Pegu, e daí se embarcar para Coromandel, e acabar seus dias na povoação do apóstolo S. Tomé. Com esse concerto que ela confirmou com juramento, nos despedimos

dela, parecendo-nos que sem dúvida não faria outra coisa, para não perder uma tão boa ocasião de se tirar do erro em que andava, e tornar-se a estado em que se pudesse salvar, como era ordenar Nosso Senhor que nos encontrasse naquela terra tão apartada e tão longe do que ela podia cuidar ou esperar. Porém ela em tudo nos faltou, porque nunca mais a vimos, nem soubemos novas dela, por onde parece que ou devia ter algum grande inconveniente com que não pôde tornar, ou andava tão desatinada em seus pecados que por eles não mereceu aproveitar-se dessa mercê que Nosso Senhor por sua infinita misericórdia lhe pôs diante.

DE QUE MANEIRA ESTE EMBAIXADOR DO REI BRAMÁ
FOI RECEBIDO NO DIA DA SUA ENTRADA,
E DA GRANDE MAJESTADE E APARATO
DAS CASAS DO CALAMINHÃ

Passados os nove dias que esse embaixador aqui se deteve, que é cerimônia que lhe fizeram por honra da sua embaixada, como é costume daquela terra, o veio buscar da cidade um dos governadores dela, de nome Campanogrém, acompanhado de oitenta serós e laulés, muito bem concertados de equipagem, e de gente muito luzida, com tanta diversidade de tangeres bárbaros e desconcertados que quase faziam tremer as carnes, porque os mais deles eram sinos, bacias, tambores, atabales, sestros, cornetas e búzios, e sobretudo a grita da chusma que parecia coisa de encantamento, ou, para melhor dizer, música do inferno, se lá há alguma.

Com esse desconcertado estrondo nos partimos para a cidade, que seria dali a pouco mais de uma légua, onde chegamos já quase ao meio-dia, e abordados ao primeiro cais a que chamavam Campalarraja, vimos nele infinidade de gente muito luzida, tanto a pé como a cavalo, e muitos elefantes de peleja muito bem concertados, com cadeiras e castelos guarnecidos de prata, e suas panouras de guerra nos dentes, que os faziam muito temerosos.

Desembarcado o embaixador em terra, o Campanogrém, que era o mandarim que o trazia, o tomou pela mão e sentado em joelhos o entregou ao outro que o estava esperando no cais com grande estado, de nome Patedação, homem dos principais do governo do reino, e, segundo se dizia, de muita renda e vassalos, o

qual depois que com uma nova cerimônia de cortesia se entregou do embaixador e lhe ofereceu um elefante que tinha ao lado de si, concertado com cadeira e jaezes de ouro, mas o embaixador não o quis aceitar, por muito que o mandarim insistisse nisso. E mandando logo trazer outro quase da mesma maneira, lho deu, e para nós os nove portugueses, com mais outros cinquenta ou sessenta bramás, trouxeram cavalos em que todos fomos.

Dessa maneira abalamos daqui com grande estrondo de tangeres e gritas, e dezesseis carretas com atabales de prata, e outras tantas de tambores e sinos, e fomos andando por uma grande cópia de ruas muito compridas, das quais nove somente eram fechadas com grades de latão, e nas entradas delas, arcos de obra rica, em que havia muitos coruchéus todos dourados, e sinos de metal muito grandes, que como relógios davam as horas aos quartos do dia, que é por onde o povo ordinariamente se governa.

Chegados nós com assaz de trabalho, pelo grande concurso de gente que havia pelas ruas, ao primeiro terreiro das casas do calaminhã, que teria de comprimento quase um tiro de berço, e a largura em proporção conveniente, se deleitaram os olhos assaz no que viram nele, porque a este tempo estava (segundo alguns que o viram) com mais de seis mil a cavalo, todos com cobertas de seda e arreios de prata, e os homens todos armados de cossoletes de cobre e de latão, com suas cela das de argenteria, e bandeirinhas nas mãos, e rodela e adargas nos arções das selas, da qual gente era capitão o queitor da justiça, que é o supremo governador dela sobre todos os ministros do cível e crime, que é jurisdição separada por si, com mero e misto império, de que não há apelação nem agravo.

Chegando o embaixador a ele, que já a este tempo o vinha demandar apeado com os dois mandarins que o traziam, se prostraram todos assim como ia no chão três vezes, que é outra nova cerimônia de cortesia entre eles, a que o queitor não respondeu com



mais que somente com lhe tocar com a mão na cabeça e dar-lhe um terçado que tinha na cinta, que o embaixador aceitou dele, e o beijou três vezes. O queitor o pôs então junto de si, e deixando os mandarins ambos um pouco atrás abalaram pelo meio de uma rua de elefantes, que era do comprimento de todo o terreiro, em que haveria mais de mil e quinhentos, e todos ajaezados com castelos e cadeiras ricas de diversas invenções, e muitas cobertas e bandeiras de seda, e ao redor deles muitos homens de alabardas, cuja vista dava de si, mostra de um grande aparato e majestade, por onde todos julgamos ser esse príncipe um dos maiores e mais poderosos daquelas partes, tanto em riqueza como em estado.

Chegados nós a uma grande porta que estava entre duas torres muito altas, na qual estavam duzentos homens armados, que em vendo o queitor se puseram todos com os joelhos em terra, entramos por ela e fomos dar em outro terreiro muito comprido, no qual estava a segunda guarda de El-Rei, que eram mil homens de espadas e adargas, armados de armas douradas, com cela das de argenteria de ouro e de prata, e muitas plumas de diversas cores. E passando pelo meio de toda essa gente, chegamos a um grande pátio do recebimento das casas, onde estava um mandarim, tio de El-Rei, de nome Monvagaru, homem de mais de setenta anos, acompanhado de gente muito nobre, com muitos capitães e senhores do reino, e em torno dele estavam doze meninos ricamente vestidos, com cadeias de ouro grossas a tiracolo, e maças de prata aos ombros. Este, em o embaixador chegando a ele, lhe tocou na cabeça com um abano que tinha na mão, e lhe disse:

– A tua entrada nessa casa do senhor do mundo seja tão agradável diante dos seus olhos como a chuva no campo dos nossos arrozos, porque, sendo assim, te concederá o que o teu rei lhe pede.

Daqui subimos por uma grande escada acima, e entramos em uma sala muito comprida, na qual estavam muitos senhores e capitães e outra muita gente nobre, que em vendo o Monvagaru

se levantaram todos em pé, como que conhecendo nele superioridade. Passando essa sala, entramos em outra casa onde estavam quatro altares muito bem concertados, todos com ídolos de prata, em um dos quais vimos uma mulher como um grande gigante de trinta palmos de alto, com os braços abertos, olhando para o céu, a qual era também de prata e tinha os cabelos de ouro muito compridos, lançados soltos por cima dos ombros. Havia aqui também uma tribuna, em torno da qual estavam trinta gigantes de bronze fundido, com maçãs douradas às costas, tão feios dos rostos como o próprio Demônio. Passada essa casa, entramos em outra muito comprida a modo de corredor, guarnecida de alto a baixo de muitos prateleiros de pau-preto marchetados de marfim, cheios todos de muitas caveiras de homens, todas com letreiros nas testas, de letras de ouro que declaravam os nomes daqueles de quem eram. Ao comprimento de toda essa casa havia doze tirantes de ferro, dourados, cheios de muitas luminárias de prata de muito custoso feitio, e muitas a modo de turíbulo em que ardiam muitos pivetes de cheiro suavíssimo, e caçoilas de âmbar e calambá. E num altar redondo, fechado com três ordens de grades de prata, estavam treze vultos de reis também de prata, com mitras de ouro nas cabeças, e em cima de cada uma delas estava uma caveira de homem, e embaixo muitos castiçais de prata com velas de cera branca, as quais os meninos tinham o encargo de espevitar, cantando à consonância de outras vozes entoadas por grepos, a modos de ladainha, a que uns aos outros respondiam. Essas treze caveiras que estavam em cima desses vultos, nos disseram os grepos, que foram dos treze calaminhãs que antigamente ganharam aquele império a uma gente forasteira de nome roparões, que por armas o tinham usurpado aos naturais donde eles todos descendem, e que as mais caveiras que ali víramos naqueles sagiraves, que eram os prateleiros, foram também de capitães que, na restituição daquele império, fazendo feitos heroicos, acabaram

as vidas honradamente, pelo que era razão que já que a morte lhes tinha tirado o prêmio que mereceram por suas obras, lhes não tirasse o mundo a memória que se lhes devia, a qual aos bons e animosos faria inveja com que se lhes acrescentasse o ânimo, e aos fracos e covardes seria confusão de sua fraqueza.

Passada essa casa, atravessamos por uma comprida ponte a modo de rua, toda com arcos de obra muito rica e custosa, e fechada toda com grades de latão, com suas cimalthas de prata, e escudos de armas com letreiros dourados, os quais em cima nas voltas dos arcos tinham por timbre mapas redondos de prata, de mais de seis palmos em roda, feitos com grande primor e custo, em que se mostrava um real aparato e majestade. Passando por essa grande rua, no cabo dela chegamos a uma grande casa, a qual neste tempo tinha as portas cerradas, e batendo-se nelas quatro vezes por cerimônia, não respondeu ninguém de dentro, até que tocaram um sino apressadamente outras quatro vezes, ao que acudiu uma mulher de mais de cinquenta anos, acompanhada de seis moças pequenas ricamente vestidas, com suas altirnas de prata sobraçadas ao modo de estolas, e com terçados de chaparia de ouro às costas.

Essa velha perguntou ao Monvagaru o que queria ou porque tangera o sino, e ele lhe respondeu com acatamento que trazia ali um embaixador do rei do Bramá, senhor do Tangu, para tratar ao pé do calaminhã algumas coisas importantes ao seu serviço; da qual resposta, a velha, pela grande autoridade de sua pessoa, mostrou que não fazia caso, de que todos ficamos espantados, por ser o que lhe falava o principal senhor do reino, e tio, segundo se dizia, do calaminhã; e uma das seis moças respondeu ao Monvagaru, pela senhora, e lhe disse:

– Espere esse embaixador e vossa grandeza com todos os mais que vêm com ele, até se saber se é tempo para podermos beijar os pés a essa tribuna do senhor do mundo, e anunciar a seus ouvidos



a vinda desse estrangeiro. E conforme a mercê que Nosso Senhor Deus nisso nos quiser fazer, assim se alegrará o seu coração e os nossos com ele.

E entrando para dentro, se tornou a porta a cerrar, e assim esteve por cerimônia, por espaço de três ou quatro credos, no fim dos quais as seis moças pequenas a tornaram a abrir; porém não vimos então a velha que viera primeiro com elas, mas vimos um menino que poderia ser de nove até dez anos, riquissimamente vestido, e com uma hurfangá de ouro na cabeça, que é a modo de mitra, mas fechada toda em roda sem abertura nenhuma, e uma maça de ouro a modo de cetro, posta ao ombro, o qual, sem fazer caso do Monvagaru nem dos mais senhores que ali estavam, tomou o embaixador só pela mão e lhe disse:

– Aos pés da binaigá do santo calaminhã, cetro dos reis que governam a terra, foi dada notícia da tua chegada, tão aprazível a suas orelhas que com boca de riso te manda buscar para em sua presença seres ouvido do que o teu rei lhe pede, a quem novamente recebe na guarda de seus irmãos, com amor de filho de suas entranhas, para que fique poderoso sobre seus inimigos.

E metendo-o das portas para dentro, com o Monvagaru somente, e com três senhores que vieram com ele, toda a outra gente ficou de fora. O embaixador então vendo-se tão desacompanhado dos seus, olhou três vezes para trás, descontente, ao que parecia no rosto. O que entendendo, o Monvagaru, por quem ali se governava tudo, acenou ao queitor que vinha um pouco atrás dele que fizesse entrar os estrangeiros somente, e abrindo-se outra vez as portas para esse efeito, começaram a entrar os bramás e nós os portugueses, e de volta conosco foi tanta a gente que acometeu a entrada, que os porteiros todos, que eram mais de vinte, tiveram assaz de trabalho em fechar as portas, dando muitas pancadas com os bastões que tinham nas mãos, e ferindo alguns homens de



muito respeito, sem haver coisa que pudesse deter o ímpeto dessa enchente com tamanhas gritas e vozeria que metiam medo.

Entrados nós dessas portas para dentro, passamos pelo meio de um grande jardim fabricado com tão estranhas e várias maneiras de coisas aprazíveis aos olhos, que faltam palavras para o encarecer, porque havia nele muitas ruas fechadas com grades de prata, e muitas árvores de cheiros estranhos, das quais nos disseram que eram por natureza tão acomodadas às luas do ano, que todo o tempo têm flor e fruta, e, fora isso, tanta diversidade de rosas, e de outras muitas flores e boninas, que o melhor disso entendo que é dissimulado, pois se não pode dizer o que se passa na verdade.

Pelo meio desse jardim andavam muitas mulheres moças muito formosas e muito bem vestidas, recreando-se em muitos passatempos, tanto de bailes e danças muito concertadas, como de músicas de muita variedade de instrumentos suaves quase ao nosso modo, os quais tangiam com tanto concerto e tão suave harmonia que não havia ninguém que não tivesse muito gosto de lhe inclinar as orelhas; outras estavam sentadas, lavrando e fazendo debuxos, e cordões de ouro; outras jogando, e outras colhendo frutas para comerem, e tudo isso com tanto primor e concerto, e com uma quietação tão honesta, grave e severa, que nós os nove íamos como que pasmados.

Saídos desse jardim em que o Monvagaru quis que o embaixador se detivesse algum tempo para ter em Pegu que contar ao seu rei, entramos numa antessala muito grande, a que chamavam cutamuilau, na qual estavam sentados muitos capitães e senhores, e alguns príncipes de muita renda e de grandes estados, que com certas cerimônias de cortesias receberam esse embaixador, mas sem que nenhum deles se tirasse do lugar em que estava. Passada essa casa, chegamos a uma porta onde estavam seis porteiros com maçãs de prata, e por ela entramos noutra casa riquíssimamente fabricada, onde estava o calaminhã em um teatro de grande



majestade, fechado em roda com três ordens de grades de prata, acompanhado de doze mulheres muito formosas e riquíssima-mente vestidas, as quais estavam das grades para dentro sentadas nos degraus da tribuna, tangendo em instrumentos suaves, a que só duas cantavam revezando-se, e em todo o cimo onde sua pessoa estava, estavam doze moças de nove até dez anos cada uma, sentadas em joelhos ao redor dele, com maçãs pequenas de ouro a modo de cetros, e uma em pé que o estava abanando, e embaixo, a todo o comprimento da casa estavam muitos homens velhos com mitras de ouro nas cabeças, e vestidos de quimonos e raudivas de cetins e damascos, com guarnições largas de fio de ouro, e com maçãs de prata aos ombros, os quais todos podiam ser sessenta ou setenta anos, e estes estavam todos encostados ao longo das paredes. E em toda a mais largura da casa, estavam sentadas em alcatifas e tapetes ricos muitas mulheres moças muito alvas e muito formosas, que segundo o esmo dos nossos seriam mais de duzentas.

Essa casa, tanto na maravilhosa fábrica dela, como na grande ordem e concerto de tudo o que nela havia, afirmo em verdade que representava uma tão rica, tão honrosa e tão extraordinária majestade que a todos nos encheu de espanto, de tal maneira que ao próprio embaixador, tratando algumas vezes disso, ouvimos dizer:

– Se me Deus leva a Pegu, eu não direi nada disso a El-Rei, tanto para não o entristecer, como para me não ter em conta de homem que finja coisas a que se não pode dar crédito.

DE QUE MANEIRA ESTE EMBAIXADOR FALOU
AO CALAMINHÃ, DE RESPOSTA QUE ELE LHE DEU,
E COMO NESTA CIDADE SE PREGOU ANTIGAMENTE
A LEI EVANGÉLICA

Entrando o embaixador nessa casa, como tenho dito, acompanhado dos quatro príncipes que o levavam, se prostrou cinco vezes no chão, sem ousar levantar os olhos para o calaminhã, por acatamento notável que se lhe tem, até que o Monvagaru lhe mandou que passasse adiante. E chegando junto da primeira grade, sempre com o rosto em terra, disse para o calaminhã, em voz alta que todos ouviram:

– As nuvens do ar que recreiam os frutos de que nos mantemos têm divulgado por toda a monarquia do mundo a grande majestade do teu poderio, pelo que, cobiçando o meu rei, como pérola rica, a tua amizade, se te manda por mim em seu nome, entregar por irmão verdadeiro, e com obediência honrosa por razão de seres tu mais velho e ele mais moço, e como a tal, te manda essa carta, por ser a joia suprema do seu tesouro, em que seus olhos mais se deleitam por honra e gosto, que em ser senhor dos reis do Avá, com toda a pedraria da Serra Faleu, e Jatir, e Pontau.

O calaminhã, com rosto grave e severo, respondeu:

– Eu aceito em mim essa nova amizade, para em tudo satisfazer a teu rei, como a filho novamente nascido de minhas entranhas.

As mulheres então tocaram de novo seus instrumentos como antes faziam, e seis delas dançaram com seis meninos pequenos, por espaço de três ou quatro credos, e após estes dançaram seis meninas muito pequenas com seis homens dos mais velhos que

estavam na casa, o que a todos pareceu muito bem. Acabado isso, houve uma comédia representada por doze mulheres muito formosas e muito bem vestidas, na qual veio uma filha de um rei atravessada na boca de um peixe, que depois ali em público perante todos foi engolida pelo mesmo peixe, o que vendo, as doze se foram com muita pressa e muitas lágrimas fugindo para uma ermida que estava ao pé de uma serra, donde tornaram com um ermitão consigo, o qual, fazendo ao seu modo grandes orações ao Quiay Patureu deus do mar, que mandasse lançar aquele peixe na praia para se dar sepultura àquela donzela conforme os altos quilates da sua geração, lhe foi respondido pelo mesmo Quiay Patureu, que convertessem aquelas doze donzelas seu pranto em música suave e agradável a suas orelhas, e que ele mandaria ao mar que lançasse logo o peixe fora, e lho entregaria morto em suas mãos.

E vindo então seis meninos com coroas de ouro nas cabeças, e asas do mesmo, da maneira que entre nós se pintam os anjos, porém nus, sem coisa nenhuma sobre si, se puseram de joelhos diante das doze, e lhes deram três harpas, e três violas, com outros alguns instrumentos musicais, em que entravam duas doçainas, e lhes disseram que o Quiay Patureu lhes mandava do céu da lua aqueles caulanges, para com eles adormentarem os peixes do mar, e serem elas, pela suavidade da sua música, satisfeitas em seu desejo.

As doze tomaram com grande cerimônia de cortesia os instrumentos das mãos dos seis meninos, e os tocaram, e cantaram a eles com uma harmonia tão triste, e com tantas lágrimas, que alguns senhores dos que estavam na casa as derramaram também, e continuando em sua música por espaço de quase meio quarto de hora, viram sair debaixo do mar o peixe que comera a filha do rei, e assim como que arpoado, pouco a pouco veio morto dar em seco na praia onde as doze da música estavam, e tudo isso tão próprio



e tanto ao natural que ninguém o julgava como coisa contrafeita, senão como verdadeira, e, fora isso, era feito com grandíssimo fausto e aparato de muita riqueza e perfeição.

Uma das doze, arrancando então uma adaga de pedraria que tinha na cinta, estripou com ela o peixe por uma ilharga, e lhe tirou de dentro a filha do rei, a qual, ao som daquela mesma música foi beijar a mão ao calaminhã, que com grande honra a sentou junto de si. E essa moça se dizia que era sua sobrinha, filha de um seu irmão. E todas as outras doze que representaram a farsa eram filhas de príncipes e grandes senhores, cujos pais e irmãos ali estavam presentes.

Houve também outras três ou quatro comédias ao modo dessa, representadas por mulheres moças muito nobres, com tanto aparato, primor e riqueza, e com tanta perfeição em tudo, que os olhos não desejavam ver mais.

Já sobre a tarde se recolheu o calaminhã para outra casa de dentro, acompanhado pelas mulheres somente, e todos os mais vieram com o Monvagaru, o qual trouxe o embaixador pela mão até a derradeira sala e ali se despediu dele, e o entregou ao queitor, que o levou para sua casa onde sempre pousou até se tornar, que foram trinta e dois dias, em todos os quais foi banqueteados pelos principais senhores da corte, com um estranho modo de perfeição e riqueza. E nós, os seus, também fomos muito bem providos de tudo o necessário em muita abundância, e em todos esses dias houve sempre muitos passatempos de pescarias, caças e outros muitos de diversas maneiras, e por toda a cidade, e ao redor dela, vimos alguns edifícios notáveis e templos de pagodes suntuosíssimos, e de oficinas e obras muito ricas, entre as quais foi um muito mais nobre e suntuoso que todos os outros da cidade, de nome Quiay Pimpocau, deus dos enfermos, em que havia grande soma de sacerdotes com hábitos pardos, e suas altirnas de damasco roxo, sobraçadas, como já disse algumas vezes, a modo de estolas,





os quais, por serem mais sábios que todos os outros das vinte e quatro seitas deste império, trazem uma certa divisa de cordões amarelos, com que andam cingidos, a que o vulgo da gente, por grau supremo da honra nomeia por sigiputões, que quer dizer “homens perfeitos”.

A esse templo foi o embaixador cinco vezes, tanto a ver coisas de grande admiração como a ouvir a doutrina dos que pregavam, e de tudo o que aqui passou e ouviu levou um volume de patrnhas escritas ao rei do Bramá, que depois em Pegu mandou que se pregasse nos púlpitos de todas as bralas do reino, como ainda hoje se faz, do qual eu trouxe o traslado a esse reino, que um florentino me pediu emprestado; e querendo-o eu tornar a haver à mão, mo fez perdição, e o levou consigo a Florença, e o deu de presente ao duque da Toscana, o qual me disseram que o mandara imprimir com o título de “Crenças novas da gentilidade do cabo do mundo”.

Aqui um dia nesse pagode, o embaixador, numa prática que teve com um dos grepos de que era amigo (porque naturalmente todos são bem inclinados, e caridosos no conversar e comunicar com os estrangeiros), lhe perguntou quantos anos havia que o mundo fora criado, ou se tiveram princípio essas coisas que Deus nos mostrava aos olhos claramente, como eram dia, noite, sol, lua, estrelas, e as mais criaturas a que se não sabia por natureza pai nem mãe donde procedessem. A que o grepo, confiado no seu saber mais que os outros que estavam à roda, lhe respondeu que quanto ao mundo e às mais coisas que apontava, a que por natureza se não sabia pai nem mãe, que pai e mãe tinham tido, ainda que não palpáveis e visíveis como as outras coisas, e que o mundo por si não tivera mais criação que aquela que procedera da vontade do seu criador, a qual ele, em um certo tempo determinado, na sua mente divina manifestara aos moradores do céu que já antes eram; e que segundo o que disso era escrito, havia oitenta e duas mil luas, e que, descoberta a terra do lago das águas, criara Deus





nela um formoso jardim em que pusera o primeiro homem a que pôs o nome de Adá, com sua mulher Bazagom, aos quais dera por preceito, para os meter em jugo de obediência, que não tocassem na fruta de uma árvore que se chamava hisaforão, porque essa só reservava para si, e comendo dela provariam, por castigo dessa culpa, o rigor do açoite da sua justiça, a que perpetuamente ficariam obrigados com todos os mais que descendessem deles. E que vendo o grande Lupantó, serpe tragadora da cônica funda da casa do fumo, esse preceito a que Deus sujeitara o homem, para lhe dar merecimento no céu, se fora a sua mulher e lhe dissera que comesse e convidasse seu marido porque lhe afirmava que em comendo ficariam ambos, na sabedoria, muito mais excelentes do que Deus os criara, e livres daquela natureza pesada de que os compusera, com o que, num só momento seus corpos entrariam no céu. E que ouvindo a Bazagom, mulher do Adá, isso que lhe dizia o Lupantó, cobiçando essa excelência que lhe ele punha diante, comera da fruta e fizera também comer seu marido, e que pelo gosto do triste bocado ficaram ambos logo sujeitos a pena de morte, e dor, e pobreza. E que vendo Deus a desobediência desses dois primeiros seus criados no mundo, cheio de rigor de justiça os mandara lançar fora do jardim em que os pusera, e confirmara neles as penalidades com que os ameaçara. E que vendo-se o Adá ameaçado com o gosto da morte, temendo que passasse ainda adiante o açoite da divina justiça, passou um espaço de anos em contínuas lágrimas, pelo que lhe mandou Deus dizer que se perseverasse em seu arrependimento quanto de sua parte fosse, lhe prometia perdão de seu erro.

O embaixador, para quem era assaz novo isso que ouvira a esse grepo, lhe disse:

– Certo que nunca El-Rei meu senhor ouviu coisa como essa que agora me disseste, nem os sacerdotes das nossas bralas tal nos disseram, nem nos põem o prêmio de nossas obras em mais



que em possuímos riquezas e saúde nessa vida, porque depois da morte dizem que não há galardão, mas que havemos de acabar todos como as alimárias do mato, tirando as vacas, que depois de mortas, pelo leite que nos dão, se convertem em outras vacas do mar, e que dos bugalhos dos seus olhos saem as pérolas que nele se acham.

A que o grepo, quase vangloriando-se do que tinha dito, respondeu:

– Nem isso de que eu agora te quis tratar, por amizade, te dirá ninguém nesta terra, senão for um grepo muito douto como eu sou.

E olhando com esse fumo de presunção para os nove que estavam detrás do embaixador, nos disse sorrindo-se como ministro do demônio, que era, e cuidando que o teríamos nós na conta em que ele se tinha:

– Já que vós outros, por serdes estrangeiros, careceis da notícia dessa verdade, folgaria que me ouvísseis mais vezes, para saberdes como Deus criou essas coisas, e quanto lhe todos devemos pelo benefício dessa criação.

Um então dos da nossa companhia, chamado Gaspar de Meireles, querendo-se mostrar nisso mais curioso que os outros, depois de lhe dar em nome de todos, as graças devidas, lhe pediu licença para lhe perguntar algumas coisas que folgaria de saber dele, a que o grepo se abriu muito dizendo que levaria nisso muito gosto, porque do homem discreto e curioso era perguntar para saber, e do ignorante ouvir sem saber responder.

O Gaspar de Meireles lhe perguntou então se depois que Deus criara todas aquelas coisas de que tinha tratado, fizera na terra algumas obras de justiça ou de misericórdia, e ele disse que sim, porque claro estava que nunca no homem deixava de haver culpas para se castigarem, nem em Deus faltara vontade para lhas perdoar. E que multiplicando-se, pela corrupção da natureza, os

pecados dos homens no mundo, alagara Deus toda a terra, com mandar às nuvens do céu que chovessem sobre ela, e afogassem toda a coisa viva que nela houvesse, e se salvara somente um justo com sua família, que Deus mandara recolher numa grande casa de pau, do qual depois procederam todos os outros que habitam a terra.

O nosso lhe tornou a perguntar se depois desse castigo dera Deus outro algum, e respondeu que, geral, nenhum outro que fosse semelhante a esse, mas que em particular castigava continuamente a todos, tanto aos reinos e aos povos com guerras e fomes, como aos homens com aflições, trabalhos e doenças, e sobretudo com pobreza, que era o remate de todos os males. E tornado a perguntar se tinham esperança que Deus em algum tempo se aplacasse, para os homens a poderem também ter de entrarem no céu, disse que o não sabia, mas claro estava, e de fé se podia crer que, assim como Deus era bem infinito, se havia de inclinar aos bens que os homens por seu amor e por seu respeito fizessem na terra. E perguntando-lhe também se ouvira dizer ou achara escrito que depois de passadas aquelas coisas de que tinha tratado viesse algum homem ao mundo, o qual, morrendo morte de Cruz, satisfizesse perfeitamente a Deus, por todos os homens, ou se havia entre eles alguma notícia disso, respondeu:

– Ninguém pode satisfazer perfeitamente a Deus, senão o mesmo Deus, ainda que tenha havido já no mundo homens santos e virtuosos que satisfizeram por si e por alguns seus amigos, como os deuses das nossas varelas, segundo o que os grepos nos certificam disso. Mas haver um só que satisfizesse por todos, não temos até agora nenhuma notícia disso, nem pode ser criar a terra por si, em pedreira tão baixa, rubi de tão altos quilates. Ainda que já isso se tenha certificado nessa terra antigamente, pelo dito de um homem chamado João, que veio ter a essa cidade, do qual se escreve que era homem santo, e que fora discípulo de outro que

se chamava Tomé Modeliar, criado de Deus, que os naturais de Dunclé tinham morto porque pregava publicamente que Deus se fizera homem e morrera pelos homens, coisa que nessa terra fez tamanho abalo em toda a gente que muitos creram ser isso verdade, e outros, à maneira de contrabando, por excitação dos grepos da lei do Quiay Figrau, deus dos átomos do sol, lhe reprovaram o que dizia, pelo que foi desterrado dessa cidade para o Savady, reino dos bramás, e daí pelo mesmo caso o foi para a cidade de Digum, onde foi morto, por causa de pregar isso publicamente, que era certificar que Deus se fizera homem e se pusera na Cruz pelos homens.

A que o Gaspar de Meireles, e nós todos com ele, dissemos que tudo aquilo que aquele homem aqui pregara era sem falta a verdadeira verdade, de que o grepo, com todos os mais que estavam com ele, fez tamanho caso, que posto em joelhos, com as mãos levantadas e os olhos no céu, disse com muitas lágrimas:

– A ti, Deus e Senhor, de cuja formosura e bondade são testemunhas os céus com as suas estrelas, peço de todo o meu coração que permitas que em nossos tempos chegue a hora em que as gentes do mundo te deem graças por tamanha mercê.

Passadas essas coisas, e outras muitas a esse modo, de que poderia dar relação, se na minha alçada e engenho coubesse podê-las aqui escrever, o embaixador se despediu desse grepo com muitas palavras de cortesia, de que não são entre si nada avarentos, porque dessa maneira costumam se tratar ordinariamente uns aos outros.

EM QUE SE DÁ LARGA INFORMAÇÃO DESTE IMPÉRIO
DO CALAMINHÃ, E ALGUMA DO REINO DE PEGU,
E DOS BRAMÁS

Sendo já passado um mês depois que chegamos a esta cidade de Timplão onde então estava a corte, requerendo o embaixador a resposta da sua embaixada, lhe foi concedido falar ao calaminhã, que o recebeu com mostras de bom semblante, e lhe fez gasalhado, e depois de tratar brevemente com ele do negócio a que vinha, o remeteu ao Monvagaru, que era, como já disse, o supremo no governo do reino e nas coisas da guerra, por quem esses despachos ordinariamente corriam. Esse lhe deu a resposta do calaminhã acompanhada de um rico presente, em retorno do que o rei bramá lhe mandara, e lhe escreveu uma carta que dizia assim:

Braço de claro rubi, novamente pegado por Deus em meu corpo, cuja carne fica propriamente em mim como a de qualquer irmão meu, por essa nova liga e amizade que te concedo, eu, o Prechá Guimião, senhor das vinte e sete coroas dos montes da terra, herdadas por legítima sucessão do senhor que punha seus pés na minha cabeça, de vinte e dois meses a essa parte, porque tantos há que de mim se apartou para não mais me ver, pela santificação em que sua alma agora está posta, gozando a suave quentura dos raios do sol, vi a tua carta às cinco chavecas da oitava lua do ano, a que dei crédito de verdadeiro irmão, e como a tal aceito

em mim o partido que me cometes, e me obrigo a te fazer livres as entradas ambas do Savady, para que sem temor da gente siamesa possas ser rei do Avá, como na tua carta me pedes. E quanto às mais condições apontadas de fora, em que o teu embaixador me tocou, eu responderei a elas pelo meu, que logo daqui mandarei para em meu nome concluir com efeito o gosto que mostras de fazeres guerra a teus inimigos.

Dada essa carta ao embaixador, ele se partiu logo dessa corte aos três de novembro do ano de 1546, acompanhado de alguns senhores que, por mandado do calaminhã, foram com ele até um lugar a que chamavam Bidor, onde por despedida lhe deram um banquete e algumas peças para a sua pessoa.

Porém, antes que trate do caminho que fizemos daqui para Pegu, onde El-Rei do Bramá então residia, me pareceu conveniente e necessário dar informação de algumas coisas que vimos em terra, o que farei com a maior brevidade que puder, como fiz em todas as outras coisas de que tenho tratado, porque se fosse a tratar particularmente de tudo o que vi e passei, tanto nesse império como nos mais reinos em que me achei, nessa minha triste e trabalhosa peregrinação, haveria mister de outro volume muito maior que este, e outro saber, habilidade e engenho muito acima do que em mim há, o qual eu conheço por muito baixo e grosseiro, como já muitas vezes tenho dito e confessado. Mas para não ficarem de todo escondidas coisas tão notáveis, direi aquilo que minha rudeza me ensinar.

O reino de Pegu tem de costa cento e quarenta léguas, a qual está em dezesseis graus da banda do sul, e pelo âmagô do sertão ao rumo de leste tem cento e trinta léguas, por cima do qual está cingido de uma grande faixa de terra de nome Panguassirau, em que habita a nação bramá, que tem oitenta léguas de largo e



duzentas de comprido, cuja monarquia foi antigamente toda um só reino, e agora o não é porque está dividida em treze estados de senhores que se levantaram com eles, matando primeiro o rei com peçonha em um banquete que lhe deram na cidade Chaleu, segundo se conta nas suas histórias. Dos quais treze estados, onze são já senhoreados por outras nações, que, por distância de outra maior terra, cingem por cima toda essa corda dos bramás, na qual habitam dois grandes imperadores, um de nome Siammom, e outro este calaminhã, do qual agora determino de tratar somente.

O império e senhorio desse príncipe se afirma que tem mais de trezentas léguas, tanto de largo como de comprido, em que antigamente houve vinte e sete reinos, porém a língua era toda uma, como ainda agora é. Nesse império vimos muitas cidades muito populosas, ricas, abastadas de todos os mantimentos de carnes, pescados dos rios, trigos, legumes, arrozes, hortaliças, vinhos e frutas, e tudo isso em tanta quantidade que não se pode encarecer quanto é razão. A metrópole de todas essas cidades é essa de Timplão, na qual o mais do tempo reside esse imperador calaminhã, com toda a sua corte. Toda ao comprido, está situada ao longo de um grande rio chamado Pituy, frequentado de infinitas embarcações de remo. É toda em roda cercada de dois terra-pletos de cantaria muito forte, com suas cavas largas por fora, e em todas as portas tem castelos com torres muito altas, a qual nos afirmaram alguns mercadores a quem o perguntamos, que tinha quatrocentos mil fogos, onde a maior parte de todas as casas é de um até dois sobrados, e algumas delas de muito custo e riqueza, principalmente as dos mercadores e da gente nobre, fora os aposentos dos senhores, que estão separados por si dentro de cercas muito grandes, com terreiros de seus passatempos; e nas entradas deles, arcos ao modo da China, e com jardins e pomares de muitas árvores, e com tanques de água muito acomodados aos gostos e delícias da vida, a que esta gente é muito inclinada.





Certificaram-nos mais que, dos muros para dentro, e por fora uma légua ao redor desta cidade, havia 2600 casas de seus pagodes, e algumas destas em que nós entramos eram templos muito suntuosos, e de obra muito prima e rica, porém os mais deles, na maior parte, são casas pequenas a modo de ermidas. Seguem esses povos, vinte e quatro seitas de diferentes opiniões, nas quais há tanta variedade e confusão de erros e preceitos diabólicos, principalmente nos sacrifícios de sangue de que usam, que é espanto ouvi-los, quanto mais vê-los, como nós algumas vezes vimos nos dias solenes dos seus terívós. Mas a maior e a mais frequentada seita de todas é a de um ídolo de que já fiz menção muitas vezes, que se chama Quiay Frigau, deus dos átomos do sol, porque este é o em que crê, e o que adora o calaminhã, e todos os principais senhores do reino, cujos grepos, menigrepos e talagrepos, que são os seus sacerdotes, são também muito mais honrados que todos os outros, e tidos pelo povo em reputação de santos. Os seus maiores, a que por grau supremo chamam cabisondos, não conhecem mulheres, segundo se deles presume. Mas para efetuarem os seus torpes e sensuais apetites, não lhes faltam invenções diabólicas, mais para se chorarem que para se dar notícia delas, e por isso me pareceu coisa devida e necessária passar por elas com silêncio, porque são totalmente indignas das línguas e das orelhas cristãs.

Vimos também nas feiras ordinárias dessa cidade, a que eles chamam chandehós, todas as coisas quantas a terra cria, e além disso muito ferro, aço, chumbo, estanho, cobre, latão, salitre, enxofre, azougue, vermelhão, mel, cera, açúcar, lacre, benjoim, seda, roupas de muitas maneiras, pimenta, gengibre, canela, linho, algodão, pedra-ume, tincal, anil, alaqueca, cristal, cânfora, almíscar, marfim, canasistola, ruibarbo, trevite, escamônea, azebre, pastel, incenso, pucho, cochonilha, roçamalha, açafão, cacho, mirra, porcelana riquíssima, ouro, prata, rubis, diamantes, esmeraldas, safiras, e todas as mais coisas a que se pode pôr nome, em tão





sobeja quantidade que é mais para se ver que para se contar, porque não deixaria de fazer dúvida.

As mulheres comumente são muito alvas e muito formosas, mas o que lhes dá maior lustro é serem muito bem inclinadas, castas, caridosas e maviosas. Os sacerdotes comuns de todas as vinte e quatro seitas, de que nesse império há muito grande quantidade, andam vestidos de amarelo, como os rolins de Pegu, com suas altirnas sobraçadas a modo de estolas. Não há moeda de prata nem de ouro, mas por peso de cates, taéis, mazes e conderins, se negocia toda a mercadoria. A corte desse imperador calaminhã é muito rica, e de gente muito polida. Há nela muitos príncipes e senhores de muita renda e estado. Ele, em si, é muito temido, em grande maneira, e juntamente muito venerado, e traz na sua corte muitos capitães de gente estrangeira, a que dá grossos ordenados.

Afirmaram a esse embaixador, que há continuamente nessa cidade onde é a corte, de sessenta mil a cavalo, para cima, e dez mil elefantes. A gente nobre trata-se muito limpa e honradamente, com serviços de baixelas de prata e algumas vezes de ouro, e a gente comum, de porcelana e latão. Vestem cetins, damascos e tafeciras da Pérsia, e nos invernos roupas forradas de martas. Não têm na sua justiça autor nem réu, nem costumam obrigar por libelo, mas os capitães das quadrilhas satisfazem verbalmente todas as dúvidas do povo miúdo. E se acaso essas dúvidas são entre pessoas de maior qualidade, tratam-se perante religiosos que para isso estão deputedos em certas casas, dos quais a modo de apelação vão os negócios ao queitor da justiça, que é o regedor dela, do qual não há apelação nem agravo, por muito grave e importante que o caso seja.

Tem a monarquia destes vinte e dois reinos setecentas comarcas, à razão de vinte e seis por reino, em cada uma das quais tem seu capitão, que reside na cidade ou vila que é cabeça da comarca, os quais todos têm o poder igual, nem um na sua comarca tem



mais poder que o outro na sua. Cada um desses capitães é obrigado, em cada uma das luas, a fazer resenha geral da gente que pelo vagarau lhe é taxada, que são a cada capitania, dois mil a pé e quinhentos a cavalo, e oitenta elefantes de peleja, e destes elefantes, um se intitula com o nome da vila ou da cidade que é cabeça da comarca, de modo que feita a conta por junto, da gente e elefantes dessas setecentas capitanias das comarcas, vem a ser um conto e setecentos e cinquenta mil homens, dos quais trezentos e cinquenta mil são a cavalo e cinquenta e seis mil, a elefantes. E por serem eles nessa terra tantos em tamanho número, veio esse imperador a se intitular senhor da força bruta dos elefantes da terra.

O rendimento dos direitos reais, que lá se chama do preço do cetro, com todas as minas, chega a vinte contos de ouro, fora os serviços que lhe fazem os príncipes, capitães e senhores, que andam por si separados em outra folha, que também é uma muito grande quantidade, de que por distribuição se reparte com todos, conforme o que cada um merece. Têm nessa terra muita valia as pérolas, o âmbar e o sal, por serem coisas que se criam no mar, que é muito distante dessa cidade, mas de todas as outras coisas há nela muito grande abundância. A terra em si é muito sadia e de bons ares e águas. Quando espirram, fazem o sinal da Cruz como nós, e dizem:

“Quay dó sam rorpy”, que quer dizer: “O deus da verdade é três e um.” Pelo que parece, como já atrás fica dito, que teve essa gente alguma notícia da nossa lei evangélica, que é, somente, a verdadeira.

DO CAMINHO QUE FIZEMOS ATÉ A CIDADE DE PAVEL, E
DA DIVERSIDADE DE GENTES E NAÇÕES
QUE NELA VIMOS

Partidos nós ao outro dia desta vila de Bidor, seguimos nossa rota por este grande Rio de Pituy abaixo, e no mesmo dia fomos dormir a uma abadia da lei do Quiay Jarém, deus dos casados, situada à borda da água, em um descampado de grande arvoredo e de edifícios muito ricos, na qual o embaixador foi bem agasalhado pelo cabisondo e talagrepos dela. E continuando daqui por nossas jornadas mais sete dias, chegamos a uma cidade de nome Pavel, onde estivemos três dias provendo as embarcações do que lhes era necessário, e o embaixador comprou muitas peças ricas e brincos da China que aqui se vendiam muito baratos, em que entrou grande quantidade de almíscar, porcelanas finas, seda, retrós e peles de arminhos, e outras de outras muitas sortes que nesta terra se gastam nos invernos, por ser fria, as quais fazendas se trazem por dentro do sertão, em cáfilas de elefantes e badas de terras muito distantes, segundo o que aqui nos contaram alguns mercadores, os quais nos disseram que eram de uma província que se chamava Friucaranjá, além da qual habitavam uns povos com quem tinham contínua guerra, que se chamavam calogéns, e fungaus, gentes baças e muito grandes frecheiros, que têm as patas dos pés redondas como bois, mas com dedos e unhas, e tudo o mais como os outros homens, tirando as mãos, que as têm muito cabeludas. Os homens são de natureza cruéis e mal inclinados, e nas costas embaixo, quase na reigada dos lombos, têm um

lombinho como dois punhos, e habitavam em umas serras muito altas e ásperas, que em algumas partes têm covas tão fundas que em algumas delas por noites de inverno se ouviram gemidos e vozes muito espantosas.

E além destes povos, havia outros a que chamavam colouhós, e timpates, e bugéns, e outros de terra ainda muito mais apartada, chamados oqueus e magores, os quais se sustentavam de animais silvestres que caçavam e os comiam crus e de toda a diversidade de animais imundos como são lagartos, e cobras que havia na terra, e que essa caça de animais silvestres faziam cavalgadas em outros animais do tamanho de cavalos, que têm três cornos ou pontas no meio da testa, e os pés e as mãos muito curtos e grossos, e no meio do lombo têm uma ordem de espinhos com que feriam quando se assanhavam, e todo o mais corpo é conchado da cor de um sardão, e no pescoço, em lugar de coma, têm outros espinhos muito mais compridos e grossos que os do lombo, e nos encontros dos ombros têm umas asas curtas como barbatanas de peixe, com que dizem que voam à maneira de salto, 25 e 30 passos, os quais animais diziam que se chamavam bazanas, e que a gente daquela terra fazia neles muitas entradas nas comarcas de outras nações com que tinham contínua guerra, e algumas delas lhes pagavam párias em sal, mais estimado que tudo, por o não haver senão muito longe dali.

Falamos também com outros que se chamavam bumiões, de umas serras muito altas de pedreiras de pedra-ume, e lacre, e pastel para tintas. Desta nação vimos uma cáfila de mais de dois mil bois com suas albardas quase ao nosso modo. Esses eram todos homens grandes, com as barbas e os olhos como chins.

Vimos outra nação de homens muito ruivos, e alguns com algumas sardas, e muito barbaçudos, e tinham as orelhas e os narizes furados, e nos braços uns rebites de ouro como colchetes, e eles se chamam ginafogaus, e a província de onde eram naturais,

Surobasoy, os quais, por dentro dos montes dos lauhós, confiam com o Lago do Chiammay, e destes uns andam vestidos de peles em cabelo, e outros de peles escudadas, e andam descalços, e com as cabeças sempre descobertas. Estes, nos diziam alguns mercadores, que eram comumente muito ricos, e que não tinham entre si mais que somente prata, porém dessa muita, em grande quantidade.

Também falamos com outros que se chamam tuparões, gente baça e bem inclinada, mas muito comedores, e em extremo dados às delícias da carne e da gula. Dessa gente fomos muito melhor agasalhados que das outras nações, porque os mais dos dias nos banquetevam. E porque num banquete desses, em que todos os nove nos achamos com o embaixador, um dos nossos, de nome Francisco Temudo, lhes levou vantagem no beber, quase injuriados por isso, e havendo-o como muito grande afronta, fizeram o banquete mais comprido para restaurarem sua honra; porém o português se deu tal manha com vinte deles que então estavam à mesa, que todos ficaram deitados à costa, e ele ficou muito inteiro. E depois que tornaram em seu acordo, o sapitou, que era o capitão deles, em cuja casa se dera o banquete, mandou chamar todos os seus, que seriam de trezentos homens para cima, e pondo o português, por muito que lhe pesasse, em cima de um elefante, o levaram por toda a cidade, acompanhado de infinita gente, com muitos tangeres de trombetas, e tambores, e de outros instrumentos, e o capitão, e o embaixador, e nós com todos os bramás detrás dele a pé com ramos nas mãos, e dois homens a cavalo, que em vozes muito altas iam dizendo:

– Louvai, gentes, com alegria, os raios que procedem do meio do sol, que é o deus que nos cria os nossos arrozos, por vos chegar o tempo em que vísseis em vossa terra um homem tão santo que, bebendo mais que quantos nasceram no mundo, derrubou as principais vinte cabeças da nossa quadrilha, para sua fama ser aumentada em todos os dias.



A que toda a turbamulta de que ia acompanhado dava uma tamanha grita que metia medo.

E chegando com essa ordem à casa do embaixador onde pousávamos, o desceram com cerimônias de muita honra, e postos em joelhos o entregaram ao embaixador, recomendando-lhe muito que o tivesse dali por diante em conta de santo, ou de filho de algum grande rei, porque não podia deixar de o ser, já que Deus lhe dera tamanho dom de riqueza. E tirando, por todos, um peditério, lhe juntaram logo ali passante de duzentos taéis em barras de prata que lhe deram, por assim ser costume dessa nação, e nos dias que aqui mais estivemos sempre foi visitado com muitos presentes e peças de seda, como oferta que se dava a santo no dia solene da sua invocação. Falamos aqui mais com outros homens brancos, a que chamavam pavilés, muito frecheiros e grandes cavalgadores, vestidos de quimonos de seda como os japões, e que comiam com paus como chins. Disseram-nos esses que a sua terra se chamava Binagorém, que distava dessa duzentas léguas pelo rio acima. Eles traziam de veniaga muito ouro em pó, como o de Menancabo da Ilha Samatra, águila, lacre, almíscar, estanho, cobre, seda e cera, que davam a troco de pimenta, gengibre, sal, e vinhos de arroz. As mulheres desses, que ali vimos, são muito alvas, e tratam-se melhor que todas as outras daquelas partes, e geralmente são bem acondiçoadas e caridosas. E perguntando-lhes nós que lei era a sua, e que Deus adoravam, nos disseram que o seu deus era o Sol, e o céu, e as estrelas, porque deles lhes vinham por comunicação santa, os bens que possuíam na terra, e que a alma do homem era o fôlego que se acabava na morte do corpo, e depois andava no ar, de mistura com as nuvens, até que se derretia em água e tornava a morrer na terra, assim como antes fizera o corpo. E desses desatinos nos disseram outros muitos, que é muito para pasmar ver a confusão e cegueira desses miseráveis, e muito para dar continuamente graças a Deus aquele a quem ele

quis fazer mercê de o livrar delas. Assim, pela variedade de nações incógnitas que aqui vimos se pode muito bem ver que nessa monarquia do mundo há ainda muitas terras que não são descobertas nem conhecidas de nós.



CLXVII

DO MAIS CAMINHO QUE FIZEMOS ATÉ CHEGARMOS A PEGU, ONDE ESTAVA O REI DO BRAMÁ, E DA MORTE DO ROLIM DE MOUNAY

Continuando nosso caminho, dessa cidade de Pavel, logo ao outro dia depois que saímos dela fomos ter a uma aldeia que se chamava Lunçor, cercada em roda, em distância de mais de três léguas, de árvores de benjoim, que daqui se leva em carregação para o reino de Pegu e de Sião. Daqui navegamos por esse grande rio abaixo mais nove dias, vendo ao longo dele muitas e muito nobres cidades e povoações de muitas sortes, e chegamos a outro rio a que chamavam Ventrau, pelo qual fizemos nossa viagem até Penauchim, primeiro lugar do reino Jangumá, onde esse embaixador registrou as embarcações com toda a gente que levava nelas, por ser assim costume daquela terra. E partidos daqui, fomos dormir aos rauditéns, que eram duas fortalezas do príncipe de Pancanor. E dali a cinco dias fomos ter a uma grande cidade de nome Magadaleu, que é a terra donde o lacre vem ter a Martavão, cujo príncipe, ao tempo que aqui chegamos, deu mostra ao embaixador de uma resenha geral de gente, que fazia contra o rei dos lauhós, com quem estava de guerra por lhe mandar enjeitar uma filha sua com quem havia três anos que era casado, e se casar com uma manceba de que antes tivera um filho, o qual legitimara, e o fizera herdeiro do reino, tirando o direito dele a um seu neto, filho dessa sua filha.

Daqui seguimos nosso caminho por um esteiro a que chamavam Madur, mais cinco dias, e chegamos a uma aldeia de nome





Mouchel, primeiro lugar do reino de Pegu, no qual um ladrão muito afamado, de nome Chalagonim, que andava ao assalto com trinta serós bem concertados, e com boa gente, nos acometeu uma noite, e pelejando conosco até quase a manhã, nos tratou de tal maneira que, a nos fazer Deus muita mercê, escapamos da briga com perda de cinco embarcações, das doze que trazíamos, e morte de cento e oitenta da nossa parte, em que entraram dois portugueses, e o embaixador ficou com um braço cortado e com duas frechas de que esteve à morte, e nós com todos os mais muito feridos, e o presente que o calaminhã mandava, que valia mais de cem mil cruzados, foi tomado com outra muita fazenda rica que vinha nas cinco embarcações, e dessa maneira chegamos daí a três dias à cidade de Martavão, destroçados e roubados, e com a maior e melhor parte da gente, morta.

O embaixador avisou logo daqui o rei do Bramá, por uma carta sua, e lhe deu conta de tudo o que lhe sucedera, tanto na viagem como nesse desastre, e El-Rei proveu logo nisso, mandando com muita presteza uma armada de cento e vinte serós com gente muito escolhida, em que foram cem portugueses, a qual foi em busca desse ladrão, e quando lá chegou tinha ele já os trinta serós com que nos acometera, varados em terra, e ele com todos os seus estava metido em uma fortaleza a qual tinha cheia de muitas presas que tinha feito em muitos povos de todas aquelas comarcas.

Os nossos puseram logo cerco à fortaleza, e no primeiro assalto que lhe deram a entraram com morte de alguns bramás e de um só português, mas muitos ficaram feridos de frechadas, de que em poucos dias foram sãos, sem perigo nem aleijão de nenhum deles. E entrada a fortaleza, toda a gente dela foi metida à espada, sem se conservar a vida mais que ao ladrão e a cento e vinte homens de sua companhia, os quais trouxeram vivos ao rei do Bramá, o qual na cidade de Pegu mandou a todos lançar aos elefantes, que em pouco espaço os esborracharam e fizeram em muitos pedaços. E



nessa ida que se fez sobre esse ladrão sucedeu bem aos portugueses, porque todos vieram de lá muito ricos, em que houve cinco ou seis a que dizem que couberam em parte de vinte e cinco a trinta mil cruzados a cada um, e aos pior livrados, dois a três mil.

Depois que o embaixador aqui em Martavão convalesceu das feridas que houvera na briga se partiu para a cidade de Pegu, onde naquele tempo, como atrás fica dito, o rei do Bramá residia com toda a sua corte, o qual sabendo da sua chegada e da carta que trazia do calaminhã, em que lhe aceitara a liga da sua amizade, o mandou receber pelo chaumigrém, seu colaço e seu cunhado, acompanhado de todos os grandes, e com uma mostra de quatro batalhões de gente estrangeira, em que entravam mil portugueses, de que era capitão um tal Antônio Ferreira, natural de Bragança, homem de grande espírito, e a quem esse rei dava doze mil cruzados de partido, fora mercês particulares que montavam quase a outro tanto.

Vendo o rei bramá como Deus nessa nova liga lhe satisfizera o seu desejo, querendo-lhe dar graças por tamanha mercê, mandou fazer por todo o povo muito grandes festas, e nas bralas de suas gentílicas seitas, sacrifícios de fumos cheirosos, em que se degolaram mais de mil veados, e porcos, e vacas, que se deram de esmola aos pobres, fora outras obras de caridade, como foram dar-se de vestir a cinco mil pobres, e dar-se liberdade a mais de mil presos, com quita de muito dinheiro. E depois de haver sete dias que duravam essas festas, continuando sempre nelas esse fervor, com despesas grandíssimas de todo o povo, e de El-Rei e dos senhores, chegou nova certa a essa cidade que o Aixquendó, rolim de Mounay, dignidade suprema do seu sacerdócio, era falecido, pela qual causa cessou logo tudo de improviso, com mostras no povo, de grande sentimento, e El-Rei se recolheu, e os bazares se levantaram, e todas as janelas e portas se fecharam, sem em toda a cidade aparecer coisa viva, e as bralas dos seus pagodes se





frequentaram de penitentes, que com contínuas lágrimas faziam em si grandes excessos de diferentes penitências, de que alguns morreram.

El-Rei se partiu logo nessa mesma noite para Mounay, que era dali a vinte léguas, por ser necessário achar-se presente a esse enterramento, conforme o costume antigo dos reis de Pegu, onde chegou ao outro dia à tarde, e fez dar tanta pressa a tudo o que era necessário para essas exéquias que no mesmo dia foi tudo preparado e posto em ordem. E sendo quase sol-posto tiraram o corpo do defunto da casa onde falecera, para um cadafalso que estava feito no meio de uma grande praça, paramentado todo de veludo branco, e coberto por cima com três dosséis de brocado, e no meio dela uma tribuna de doze degraus com uma essa quase ao nosso modo, guarnecida de muitas peças de ouro e pedraria, e por fora uma grande soma de castiçais e de caçoilas de prata, em que havia muita diversidade de cheiros suavíssimos, por causa da corrupção do corpo que já cheirava mal.

E dessa maneira o tiveram toda aquela noite em que houve assaz que fazer, com tamanho rumor e horribilidade de choros e gritas de todo o povo, que faltam palavras para o declarar, porque só de bicos, grepos, menigrepos, guimões e rolins, que são as ordens e dignidades do seu sacerdócio, se afirmou que passavam de trinta mil os que ali estavam juntos, fora os que vinham a todas as horas. E depois de aparecerem ali algumas invenções de tristeza muito apropriadas ao auto daquele saimento, sendo passadas as duas horas depois da meia-noite, saiu de um templo que se chamava Quiay Figrau, deus dos átomos do Sol, uma procissão em que viriam mais de quinhentos meninos nus, cingidos pelas cintas e pelos pescoços com cadeias de ferro, e cordas de cairo, e nas cabeças traziam feixinhos de lenha e cutelos nas mãos, e vinham cantando em dois coros com tanta tristeza e sentimento que provocavam os ouvintes a derramarem muitas lágrimas, dizendo um deles a modo de prosa:



– Tu que vais gozar dos contentamentos do céu, não nos deixes cativos nesse desterro.

A que o outro coro respondia:

– Para que nos alegremos contigo nos bens do Senhor.

E continuando isso a modo de ladainha, diziam outras muitas coisas dessa maneira e pelo mesmo tom. E postos todos de joelhos diante do cadafalso onde estava o corpo do defunto, um grepo de mais de cem anos, prostrado no chão com as mãos levantadas, lhe fez uma fala em nome desses meninos, a que outro que estava junto da essa, como que respondendo em nome do defunto, disse:

– Deus, que por sua santa vontade lhe aprovou formar-se de terra, permitiu que nesse dia tornasse a ela, pelo que vos recomendo muito, filhinhos meus, que temais essa hora em que a mão do Senhor nos põe na balança de sua justiça.

A que todos, com uma grande grita de pranto, responderam:

– Ao alto Senhor que no Sol vive reinando, praza não ver ante si nossas obras, para que fiquemos livres da pena de morte.

Idos esses meninos, vieram oito moços de dez até doze anos de idade, vestidos de vestiduras compridas de cetim branco, e xorcas de ouro nos pés, e aos pescoços muitas joias ricas, e fios de pérolas, e depois que com muitas cerimônias fizeram grandes zumbaias ao defunto, esgrimiram com uns terçados nus que traziam nas mãos, por derredor da essa, como que enxotando o Diabo, dizendo: “Vai-te, maldito, para a cônica funda da casa do fumo, onde, com pena perpetuamente morrendo sem acabar de morrer, pagarás com nunca acabar de pagar a rigorosa justiça do alto Senhor.”

E com isso se foram, como que deixando já desafrontado aquele corpo dos diabos que dali lançaram.

Após estes, vieram seis talagrepos dos principais que havia entre eles, e de mais de oitenta anos cada um, vestidos de damasco roxo, e com altirnas lançadas por cima dos ombros, e sobraça das a modo de estolas, os quais traziam nas mãos incensários de prata,





e diante deles, para ornamento desse auto, vinham doze porteiros com maçãs de prata. Esses seis sacerdotes, depois que incensaram a essa por quatro vezes, com muitas cerimônias, se prostraram com os rostos em terra, e, chorando com muito sentimento, disse um deles como que falando ao morto:

– Se as nuvens do céu fossem capazes de explicar essa dor aos brutos do campo, eles deixariam o seu pasto para nos ajudarem a chorar a tua falta e o grande desamparo em que todos ficamos, ou te rogariam Senhor que nos embarcasses contigo nessa casa da morte em que todos te vemos, sem nos tu veres, porque não somos dignos de tamanha mercê. Mas para que em ti se console esse povo, antes que a cova nos esconda o teu corpo, mostra, Senhor, por figuras da terra, a quieta alegria e o contentamento suave do teu descanso, para que despertem todos do sono pesado em que o fusco da carne os tem ocupado, e a nós miseráveis nos incitem a te imitarmos e seguirmos tuas pisadas, para que no fim derradeiro do nosso bocejo te vejamos alegre na casa do Sol.

A que todo o povo, com uma espantosa grita, respondeu:

“Miday talambá”, o que quer dizer: “Isso nos concede, Senhor.”

E tornando os doze porteiros das maçãs a preparar o caminho com muito trabalho, porque a gente por nenhum caso lhes dava lugar, saíram, de uma casa que estava à mão direita do cadafalso, vinte e quatro moços pequenos, riquissimamente vestidos, e com muitas joias e cadeias de ouro aos pescoços; e estes, com muitos instrumentos musicais ao seu modo, e postos em duas fileiras, sentados em joelhos diante da essa, tangeram todos esses instrumentos, ao som dos quais cantavam dois daqueles moços somente, a que cinco respondiam de quando em quando, o que foi causa de todo o povo derramar tantas lágrimas, e com tanto sentimento, que alguns homens muito honrados e de muito respeito feriam os rostos e davam por vezes com as cabeças nos degraus da essa. E no espaço que durou essa cerimônia, com outras dez ou doze mais



que se ali fizeram, se sacrificaram seis grepos mancebos e gentis-homens, bebendo de um vaso de ouro que estava numa mesa um licor amarelo tão peçonhento que em o acabando de beber mata-va logo subitamente, os quais, por isso que faziam, eram tidos por santos, e por isso eram invejados por todos. E dali donde caíram mortos, os tomaram logo e numa procissão os levaram a queimar em uma grandíssima fogueira que estava feita onde foram todos feitos em cinza.

Chegada a manhã, o cadafalso foi desguarnecido das peças mais ricas que estavam nele, e lhe ficaram porém os dosséis com todo o veludo, e guiões, e bandeiras, e outras alfaias de muita valia, e com muitas cerimônias e grandes gritas, e prantos, e com horrível estrondo de muitos instrumentos que se tocavam, puseram fogo ao cadafalso com tudo o que ficara nele, e regando-se muitas vezes com licores cheirosos, compostos de confeições muito custosas, o corpo, em pequeno espaço, foi todo feito em cinza, e enquanto ardia, El-Rei, com todos os grandes que ali se acharam, lhe ofereceram de esmola muitas peças de ouro, e anéis ricos de rubis, e safiras, e alguns fios de pérolas de muito preço, o qual rico móvel, tão mal empregado, todo o fogo ali consumiu com os ossos e corpo do triste defunto. De maneira que, segundo ali se afirmou, chegou o custo dessa pompa fúnebre a passante de cem mil cruzados, fora os vestidos que El-Rei e os grandes mandaram dar aos trinta mil sacerdotes, em que se gastaram infinitas corjas de roupa, de que os portugueses ficaram bem aproveitados, porque venderam a sua que trouxeram de Bengala por aquele preço que pediam por ela, a qual lhes foi logo paga em pães de ouro e em barras de prata.

DE QUE MANEIRA FOI ELEITO O NOVO ROLIM DE MOUNAY,
SUMO TALAGREPO DESTA GENTILIDADE
DO REINO DE PEGU

Ao outro dia pela manhã, entre as sete e as oito horas, que foi o termo em que acabou de arrefecer a cinza dos ossos, El-Rei em pessoa, com todos os grandes do reino, veio àquele lugar onde o corpo fora queimado em companhia de uma suntuosa procissão de todos os grepos do seu sacerdócio, entre os quais vinham cento e trinta com incensário de prata e catorze com bandejas de ouro nas cabeças, e estes com vestiduras compridas de cetim amarelo, com suas altirnas de veludo verde, sobraçadas, e todos os mais, que seriam de seis até sete mil, vinham vestidos da mesma cor amarela, porém de tafetás e chautares finos, o que, pelo grande número, pareceu coisa de custo.

E chegados ao lugar onde se queimara o rolim, depois de algumas cerimônias gentílicas, feitas e ditas ao seu modo, conforme ao tempo e ao sentimento que todos mostravam, um talagrepo, bramá de nação, tio de El-Rei, irmão de seu pai, havido no comum do povo por mais entendido que todos, e que por isso fora escolhido para o sermão daquela hora, se subiu num agrém, que era o púlpito, e depois que no introito tratou da vida e louvores do morto, com razões e palavras enfeitadas a seu propósito, se afervorou de maneira que, virando-se para El-Rei com as lágrimas nos olhos, levantando um pouco a voz, para que fosse bem ouvido, lhe disse:

– Se os reis que no tempo de agora governam, ou para falar mais verdade tiranizam a terra, cuidassem quão depressa lhes há-de vir essa hora, e com quanto rigor de justiça hão-de ser castigados pela mão poderosa do alto Senhor, pelos crimes e insultos da sua tirânica vida, quiçá que lhes fora melhor padecerem nos campos como os brutos, que usarem de suas vontades tão absolutamente e tanto contra razão, e serem cruéis para as mansas ovelhas, e frouxos no castigo dos males daqueles a que quiseram dar nome de grandes. Que certo se pode haver muito dó daqueles a quem a sua ventura chegou a tão perigoso estado, como vemos que é o dos reis desse tempo, pela dissolução e desenfreamento em que vivem continuamente, sem terem uma só hora de temor nem de vergonha, porque sabeis, cegos do mundo, que se fez Deus homens que fossem reis, foi para que fossem humanos para os homens, ouvissem os homens, satisfizessem os homens, e castigassem os homens, mas não para que, tiranizando, matassem os homens. Porém vós, tristes reis, nesse ser reis negais a natureza de que Deus vos formou, e transformais-vos em outra muito diferente, com vos vestirdes todas as horas, de qualquer libré que quereis, porque para uns sois sanguessugas que lhes chupais continuamente as fazendas, e as vidas, sem nunca vos despegardes até lhes terdes chupado todo o sangue, sem lhes ficar gota em todas as veias, e para outros sois leões de bramido terrível, que para rebuço de vossas cobiças mandais apregoar que quer dar que falar, quem fizer mal, morra por isso, e perca a fazenda, que é o fim de vossas tenções, e para outros que vos são aceitos, e a quem vós, ou o mundo, ou não sei quem, pôs o nome de grandes, sois tão frouxos no castigo de sua soberbas, e tão pródigos nas mercês que lhes fazeis, à custa do despojo dos pobres que deixastes nus e sem pele nem osso, que aos pequenos fica ação de vos acusarem por todas essas coisas diante de Deus, onde tristes de vós não tereis escusa



que deis por vossa parte, nem boca para falardes, senão confusão medonha para vos perturbardes.

E por essa maneira disse tantas coisas em favor dos pequenos, e deu tantos brados, e chorou tantas lágrimas por sua causa, que El-Rei estava como pasmado e fora de si, e fez isso tanta impressão nele que logo ali mandou chamar o brazagarão, governador de Pegu, e lhe mandou que fosse logo despedir todos os procuradores dos povos do reino que mandara juntar na cidade de Cosmim, para lhes pedir uma grande soma de dinheiro para suprimento da guerra do reino Savady que novamente queria fazer, e jurou publicamente na cinza do morto que enquanto reinasse não lançaria peita a nenhum povo, nem os obrigaria a o servirem por força, como antes fazia, e que dali por diante teria muito particular cuidado em ouvir os pequenos e fazer justiça dos grandes, conforme o merecimento de cada um, e assim prometeu mais outras muitas coisas muito justas e boas, que para gentio nos confundiu grandemente.

Acabado esse sermão, a cinza do morto que já a esse tempo estava junta, se repartiu como relíquia pelas catorze bandejas de ouro, das quais El-Rei levou uma à cabeça, e os grepos das dignidades maiores levaram as outras. E abalando dali com a mesma procissão com que ali tinham vindo, levaram essa cinza a um templo rico que estava dali a quase um tiro de espera, de nome Quiay Docó, Deus dos afligidos da terra, onde foi lançada em um jazigo raso com o chão, sem fausto nem vaidade nenhuma, por ter assim mandado esse Aixquendó, que, como disse, era seu supremo rolim sobre todos os grepos, como o papa é entre nós os cristãos, o qual jazigo foi logo cercado de três ordens de grades, duas de prata e uma de latão. E em três tirantes que atravessavam toda a largura da casa estavam setenta e dois candeeiros de prata, vinte e quatro em cada um, todos de muito custo e valia, e cada um deles de dez a doze torcidas, e todos pendurados por cadeias



de prata muito grossas. A cova das grades para dentro estava rodeada de trinta e seis perfumadores a modo de caçoilas, em que havia cheiros suaves de águila e benjoim de boninas, com outras confeições misturadas com âmbar.

Essas exéquias se acabaram já quase à tarde, pelas muitas cerimônias que nelas houve. E nesse dia se não fez mais que libertar-se uma grande quantidade, e quase inumerável, de passarinhos, que em mais de trezentas gaiolas e corças ali eram trazidos, dizendo que eram almas de defuntos, já passadas dessa vida, que naqueles pássaros estavam em depósito esperando o dia em que as haviam de soltar para que livremente pudessem ir acompanhar a alma desse defunto. E o mesmo fizeram também a outra grandíssima quantidade de peixinhos que em viveiros de gamelas cheias de água por devoção tinham ali trazido, aos quais, com outra nova cerimônia deram liberdade, lançando-os no rio, para que fossem servir a alma daquele defunto. Também se trouxe aqui muito grande quantidade de toda a veação do mato, que foi mais para ver, que tudo o que tenho dito, porém a carne dela se deu de esmola aos pobres do povo, que eram sem conto.

Acabadas essas e outras muitas cerimônias que nesse auto se fizeram, El-Rei, por ser já quase noite, se recolheu ao seu dopo, que era a sua estância, onde se agasalhava em tendas por sentimento da morte do defunto, o que também fizeram os grandes, com toda a mais gente que era ali junta. E ao outro dia depois de ser manhã clara, mandou El-Rei lançar grandes pregões, que toda a pessoa, de qualquer qualidade que fosse, se saísse logo fora da ilha sob pena de morte, e os que fossem sacerdotes se recolhessem em sua oração, sob pena de o que assim não fizesse ser deposto da dignidade que tivesse, o que logo foi tudo feito com muita presteza.

Despejada a ilha e recolhidos os sacerdotes, noventa que eram deputados para elegerem o que havia de suceder em lugar do defunto, se juntaram todos na casa do guangiparau para fazerem seu





ofício. E porque nos primeiros dois dias, que era o tempo limitado em que se havia de fazer essa eleição, não pôde ela haver efeito, por haver muita diferença nos pareceres, e se darem os votos a diversas pessoas, se assentou por parecer de El-Rei que dos noventa deputados se escolhessem nove definidores, os quais por si sós fizessem essa eleição.

Escolhidos logo esses nove definidores, eles se juntaram todos e se detiveram mais cinco dias, e em todos eles com suas noites houve muitas orações de bonzos, e ofertas, e esmolas, e vestir muitos pobres, e mesas postas a quem quisesse comer, e procissões a seu modo.

E concluindo os nove por conformidade de votos na eleição, saiu eleito um, chamado Manica mouchão, que nesse tempo estava como cabisondo na cidade de Degum, em um pagode a que chamavam Quiay Figrau, deus dos átomos do Sol, de que muitas vezes tenho feito menção, homem de sessenta e oito anos, e tido na opinião da gente por homem prudente e de boa vida, e muito letrado nas leis e costumes das suas gentílicas seitas, e sobretudo muito caridoso para os pobres, de que El-Rei e todos os grandes ficaram muito satisfeitos. E sem fazerem mais detença, despediu logo El-Rei o chaumigrém, seu colaço a que então deu o título de coutalanhá, que é irmão de El-Rei, para ir mais honrado, o qual se partiu com cem laulés de remo, em que foi a flor da gente bramá, com os nove definidores da eleição, e foi buscar o novamente eleito ao lugar onde estava, donde o trouxeram com muita autoridade e veneração. E chegando dentro de nove dias da sua partida a um lugar que se chamava Talagá, a cinco léguas desta Ilha de Mounay, El-Rei em pessoa o foi buscar com todos os grandes da corte, fora outra gente que era quase infinita, em mais de duas mil embarcações de remo. E chegando com todo esse aparato ao lugar onde o novo rolim estava, se prostou diante dele, beijando a terra por três vezes, e lhe disse:





– Tu, pérola santa de esmalte roxo no meio do Sol, bafeja por inspiração aprazível ao Senhor da potência incriada, sobre minha cabeça, para que não tema na terra o jugo pesado de meus inimigos.

Ao que o rolim, estendendo a mão para que se levantasse, disse:

“Faxy hipanó varite pamor dapou companó, dacorem fapixão-pau” – o que quer dizer: “Trabalha, filho meu, por agradarem tuas obras a Deus, e eu orarei contigo por ti.”

E levantando-o do chão onde ainda estava, o sentou junto consigo e lhe pôs a mão na cabeça três vezes, que o rei teve por honra suprema que lhe fazia. E depois de lhe dizer algumas palavras que lhe não ouvimos, por estarmos pouco longe, o bafejou outras três vezes na cabeça, estando El-Rei posto de joelhos, e todo o povo de bruços no chão.

Após isso, abalando daqui com grandes gritas e muito estrondo de sinos e instrumentos sonoros, se embarcou na laulé de El-Rei, sentado numa rica cadeira de ouro e pedraria, e El-Rei embaixo aos seus pés, por honra grande que o rolim lhe deu, e ao redor dele, um pouco afastados, iam doze meninos vestidos de cetim amarelo, com altirnas de brocado, e maçãs de ouro, como cetros, nas mãos. E pelos bordos da embarcação em lugar de remeiros iam todos os senhores do reino, com seus remos dourados às costas, e na popa e proa dois coros de moços, vestidos de carmesim, com muitas maneiras de instrumentos musicais, cantando ao som deles, com muito boas falas, muitos louvores de Deus, dos quais uma só cantiga que os nossos notaram dizia assim:

– Louvai, meninos de coração limpo aquele admirável e divino Senhor, porque eu não sou digno, por ser pecador, e se para isso não tiverdes licença, chorem vossos olhos diante de seus pés, e agradar-lhe-eis.





E assim por esse modo cantavam outras muitas canções com muito boas falas ao som dos instrumentos que tangiam, que se fossem cristãos poderiam provocar os ouvintes à devoção.

Chegado esse rolim com esse suntuoso aparato à cidade de Martavão, por ser já muito noite não desembarcou logo em terra como estava determinado, mas logo que foi manhã o fez, e porque se não permitia por nenhum modo tocar ele com os pés no chão, pela grandíssima dignidade de sua pessoa, El-Rei o desembarcou ao ombro, e assim de colo em colo, por cima dos príncipes e senhores do reino, foi levado ao pagode do Quiay Ponvedé, por ser o maior e mais suntuoso templo de toda a cidade, no meio do qual estava um teatro riquissimamente preparado, com toda a armação da casa de cetim amarelo, que significa ornamento sacerdotal.

Aquí, deitando-se, com uma nova cerimônia, num esquife de ouro, fingiu que morria, e fazendo-se sinal de ele ser morto, com três pancadas que se deram num sino, os rolins todos se prostraram de bruços, com os rostos em terra, por espaço de quase meia hora, e o povo nesse tempo todo esteve, por sinal de tristeza, com as mãos postas diante dos olhos, dizendo em gritos muito altos:

– Ressuscita, Senhor, em nova vida, esse teu santo servo, para que tenhamos quem ore por nós.

E logo o tiraram dali amortalhado em uma veste de cetim amarelo, e o meteram em uma tumba ornada da mesma libré, e com canções tristes e muitas lágrimas, dando três voltas ao redor da casa, o deixaram em uma cova que já para isso estava feita, coberto com um pano de veludo por cima, e cercado em roda, de caveiras de mortos, e lhe rezaram com muitas lágrimas, algumas orações a seu modo, em que El-Rei mostrou muito sentimento.

E feito então silêncio no rumor que havia no povo, se deram três pancadas num grande sino, ao qual sinal responderam logo de improviso, quantos sinos havia em toda a cidade, com um tão horrível e tão espantoso estrondo que a terra toda tremia. E depois





de ele ser acabado, dois talagreiros, homens muito afamados de doutos nas suas ciências, se subiram em dois agréns, que são os púlpitos, como já disse algumas vezes, os quais estavam concertados e ornamentados com panos de seda e alcatifas ricas, e, tratando aos ouvintes daquela cerimônia que se fazia, lhes declararam a significação de cada coisa, e lhes relataram por seus passos a vida e morte do rolim passado, e a eleição deste, e as partes que ele tinha para aquele tão insigne pontificado para que Deus o chamara, e outras muitas coisas de que o povo ficou muito satisfeito.

E dando por despedida outras três pancadas no mesmo sino em que se deram as primeiras, os agréns, assim como estavam ornamentados, foram logo queimados com outra nova cerimônia de que escuso de dar relação, porque me parece desnecessário gastar o tempo nessas gentílicas superfluidades, para as quais basta o que tenho já dito.

Depois de estar tudo isso quieto, e com silêncio, por espaço de cinco ou seis credos, veio de outro templo que estava distante deste, cerca de um tiro de besta, uma muito custosa e rica procissão de meninos, todos vestidos de tafetá branco, em significação de sua limpeza e inocência, com muitas joias de ouro aos pescoços, e xorcas do mesmo nos pés, e velas de cera branca nas mãos, e nas cabeças capelas de argenteria de retrós de cores e fio de ouro e de prata, com muita soma de pérolas entrelaçadas, e rubis, e safiras.

No meio dessa procissão vinha uma rica charola coberta com um pano de ouro que doze meninos desses traziam aos ombros, cercada toda em roda de muitas maçãs e perfumadores de prata, com cheiros muito suaves. Esses meninos vinham todos tangendo em muita variedade de instrumentos musicais, e cantando louvores de Deus, e pedindo-lhe que ressuscitasse para a nova vida aquele morto, os quais logo que chegaram onde o rolim estava deitado, descendo os meninos a charola, e tirando-lhe o pano com que vinha coberta, saiu de dentro dela um menino, que ao parecer



não podia ser de mais que de três anos até quatro, quando muito, e conquanto viesse nu, se lhe não aparecia da carne coisa nenhuma, porque tudo trazia coberto de ouro e de pedraria, num traje como cá entre nós se pinta um anjo, com asas de ouro, e cetro na mão, e uma coroa riquíssima na cabeça, ao qual, em saindo da charola, todo o povo se prostrou por terra, dizendo todos em altas vozes que faziam tremer as carnes:

– Anjo de Deus, mandado do céu para nossa saúde, quando embora tornaes, roga por nós.

El-Rei se chegou logo a esse menino e, tomando-o nos braços com um acatamento grande, e com um estranho modo de cerimônia, como que mostrando que não era digno de lhe pôr a mão, por ser anjo que vinha do céu, mandado por Deus, o pôs à borda da cova, e tirado o pano de veludo que estava em cima dela, estando todo o povo posto em joelhos, com os olhos no céu, e as mãos levantadas, o menino, depois que seis sacerdotes o incensaram cinco vezes, disse em voz alta como quem falava com o morto:

– A ti, pecador, concebido em pecado na vil miséria e torpeza da carne, manda Deus dizer por mim, a menor formiga da sua despenha, que ressuscites em nova vida aceita a ele, com temeres sempre o castigo da sua mão poderosa, para que no derradeiro bocejo não embiques em ti como os filhos do mundo, e que, daí donde jazes morto, te levantes muito depressa, porque já em si te tem confirmado por maior dos maiores nas bralas da terra, e vem após mim, e vem após mim, e vem após mim.

A esse tempo tornou El-Rei a tomar o menino nos braços, e levantando-se o rolim que estava na cova, como admirado daquela visão, se pôs em joelhos diante do menino que ainda estava nos braços de El-Rei, e disse:

– Aceito em mim essa nova mercê da mão do Senhor, conforme o que da sua parte me dizes, e me obrigo a ser até a morte,



exemplo de humildade, e o mais pequeno de todos os seus, para que os sapos da terra se não percam na fervura do mundo.

E abaixando-se então o menino, o acabou por sua mão de tirar da cova, donde ainda não estava de todo fora.

A esse tempo se deram cinco pancadas em um sino, as quais, em se ouvindo, todo o povo se prostrou por terra, dizendo a altas vozes:

– Bendito sejas, Senhor, por tamanha mercê.

E repicando-se então todos os sinos da cidade, era o estrondo tamanho que não havia quem se pudesse ouvir nem entender; e juntando-se a isso a infinidade de artilharia que disparou, tanto na terra como no rio, onde estavam as duas mil embarcações, fez o estrondo muito maior, e muito pior de sofrer.

DA MANEIRA QUE ESTE ROLIM FOI LEVADO À ILHA DE
MOUNAY, E METIDO NELA, DE POSSE DO SEU SUPREMO
PONTIFICADO

O novo rolim foi levado daqui deste lugar em um riquíssimo andar de ouro e pedraria que os principais oito senhores do reino levavam aos ombros, e El-Rei.

Diante dele a pé, com um terçado rico às costas, e dessa maneira o acompanhou até os seus mesmos paços, que a esse tempo estavam com ornamento pontifical riquissimamente preparados nos quais o rolim esteve três dias aposentado, enquanto na Ilha de Mounay se aparelhavam algumas coisas necessárias à sua entrada nela.

Nestes dias que esteve nesta cidade de Martavão houve muitos jogos de invenções muito custosas, que o povo e os príncipes e senhores fizeram, em duas das quais El-Rei entrou em pessoa com aparato riquíssimo e muito grandioso, de que não curo de dar relação, porque confesso que me não atrevo a saber contar na verdade o como se passou.

Chegado o dia em que ele havia de entrar nessa Ilha de Mounay (a qual, como já disse, eles têm entre si como entre nós é Roma, e por cabeça do seu diabólico pontificado), a armada dos serós, e lauguás, e laulés, e de toda a mais sorte de embarcações que estavam no rio, que passavam de duas mil, foram postas em ala de duas fileiras em distância de todo o espaço que há da cidade até a ilha, que pode ser uma légua e meia, e dessa maneira ficava a mais formosa rua que se podia dizer, porque todas essas embarcações

estavam cobertas de ramos com muitas frutas, e de muitas rosas e flores, e boninas de muitas maneiras, e muitos toldos e estandar-tes, e bandeiras de seda, com uma inveja tão regozijada em toda a gente, que parece que andavam em competição a ver qual o havia de fazer melhor, para lhe ser outorgado jubileu pleníssimo e absolvição de quantos roubos tivesse feito, sem restituição de coisa nenhuma, e outras larguezas nos nefandos abusos da sua torpe vida, as quais calo por ser matéria indigna das orelhas pias, e conforme as suas diabólicas seitas, e as tenções danadas dos ins-tituidores delas, porque nas licenças e larguezas da carne são tão devassos e dissolutos como todos os outros infieis e hereges.

Para irem na companhia do rolim ficaram somente trinta lau-lés de remo, ligeiros, os quais iam todos equipados de senhores e gente nobre. Ele ia em um riquíssimo seró, sentado em uma tribuna de prata com um guarda-pó por cima, de tela de ouro, e El-Rei em baixo aos seus pés, por não ser digno de se lhe dar outro lugar; e ao redor dele iam trinta meninos vestidos de cetim car-mesim, em joelhos, com suas maçãs de prata aos ombros, e doze em pé, com vestiduras de damasco branco e com perfumadores de cheiros suaves nas mãos, e em todo o mais corpo da embarcação iam cerca de duzentos talagrepos de dignidades honrosas, como arcebispos entre nós, no qual número entravam seis ou sete filhos de reis. E porque ia essa embarcação tão cheia de gente que se não podia remar, a levavam à toa quinze laulés, cujos remeiros eram os supremos religiosos das nove seitas deste reino.

Com esta ordem abalou desta cidade de Martavão, duas horas antemanhã, e fez seu caminho pelo meio da rua das embarca-ções, nas quais havia infinidade de luminárias de muitas e muito diferentes invenções, postas por entre os ramos de que estavam cobertas.

Quando começou a abalar, se fez um sinal com três peças de artilharia, o qual, logo que foi ouvido, foram tantos os repiques



dos sinos, e tamanho o estrondo da artilharia que disparava, e de muitas diversidades de bárbaros instrumentos que se tocavam, e da vozeria e gritas da gente, que o mar e a terra parecia que se fundiam.

Chegando ao cais onde havia de desembarcar, o recebeu uma procissão de rolins do ermo, a que eles chamam menigrepos, que são como entre nós os capuchos, aos quais toda essa gentildade tem muito respeito, por serem tidos, na maneira em que vivem e na regra que professam, por gente de mais abstinência que todos os outros. Estes que em número podiam ser até seis ou sete mil vinham todos descalços, e vestidos de esteiras pretas, por desprezo do mundo, com caveiras e ossos de finados nas cabeças, e cordas de cairo grossas aos pescoços, e as testas barradas de lama, com um leteiro que dizia: “Lama, lama, não ponhas os olhos na tua baixaza, mas põe-nos no prêmio que Deus tem prometido aos que se desprezam para o servir.”

E chegando ao rolim, que os recebeu afavelmente, se lhe prostraram todos com os rostos em terra, e depois de estarem assim um pouco, um deles, que parecia ser o maioral de todos, pondo os olhos no rolim, lhe disse:

– Praza àquele de cuja mão novamente aceitaste seres na terra cabeça de todos fazer-te tão bom e tão santo que as tuas obras lhe sejam em tudo tão agradáveis como a simplicidade dos inocentes de tenra idade, que chorando se calam nas tetas das mães.

A que todos os outros responderam com um grande tumulto de vozes:

– Assim permita que seja, o alto Senhor da mão poderosa.

E abalando logo daqui acompanhado dessa procissão, que El-Rei, por mais honra, ia governando com alguns dos mais principais que para isso chamou, se foi direito ao lugar onde o rolim morto estava enterrado, e chegando à sua sepultura se prostrou sobre ela com o rosto em terra, e depois que derramou muitas

lágrimas, com uma voz triste e sentida, disse como que falando com o morto:

– Praza àquele que vive reinando na formosura das suas estrelas, que por prêmio de meus trabalhos me faça digno de ser teu escravo, para que na casa do Sol onde tu agora te estás recreando eu te sirva de vassoura dos pés, porque assim ficarei diamante de tantos quilates, que o mundo todo com todas as suas riquezas se não poderá igualar com o seu preço.

A que os grepos responderam:

“Massirão fatipay”, que quer dizer: “Assim lho concede, Senhor.”

E tomando umas contas que foram do morto, que estavam sobre a sepultura, as pôs ao pescoço como relíquia de grande estima, e lhe deu de esmola seis lâmpadas de prata e dois perfumadores, com seis ou sete peças de damasco roxo.

Daqui se recolheu para as suas casas, acompanhado sempre de El-Rei, e dos príncipes e senhores do reino, com toda a turbamulta de sacerdotes que ali estavam juntos, onde se despediu geralmente de todos, e de uma janela lhes lançou nas cabeças grãos de arroz, como entre nós se lança água benta, que a gente recebia dele com os joelhos no chão e as mãos levantadas.

Acabada essa cerimônia, que duraria quase três horas, se deram três pancadas num sino, ao qual sinal o rolim se recolheu para dentro, e a gente às embarcações, e naquele dia houve assaz que fazer em despejar a ilha. El-Rei se despediu também do rolim, já sobre a tarde, e veio dormir à cidade, e quando ao outro dia foi manhã, se partiu para a cidade de Pegu que estava dali a dezoito léguas, onde chegou ao outro dia com duas horas da noite, sem regozijo nem fausto nenhum, para mostrar sentimento pela morte do rolim passado, de que dizia que fora muito devoto.

DO QUE ESTE REI BRAMÁ FEZ DEPOIS QUE CHEGOU
 À CIDADE DE PEGU, E COMO MANDOU
 SOBRE A CIDADE SAVADY, E DO QUE AÍ
 NOS ACONTECEU AOS NOVE PORTUGUESES

P assados vinte dias depois que este rei bramá chegou à cidade de Pegu, vendo que na carta que o embaixador lhe trouxera do calaminhã lhe dizia ele que por seu embaixador tomaria com ele conclusão na liga que ambos queriam fazer novamente contra o Siammom, e que este se não podia já efetuar naquele Verão, pelo muito que ainda havia que fazer nisso, e que para ir também sobre o reino do Avá, como desejava, não era já tempo, determinou de mandar esse seu colaço (a quem, como atrás fica dito, tinha dado o título de seu irmão) sobre a cidade de Savady, que era dali a cento e trinta léguas, contra o nordeste.

E juntando para isso um exército de cento e cinquenta mil homens, em que entravam trinta mil estrangeiros de diversas nações, e cinco mil elefantes, dois mil de peleja e três mil de bagagem e mantimentos, se partiu o chaumigrém desta cidade, embarcado em uma frota de mil e trezentas embarcações de remo, aos cinco dias do mês de março, e aos catorze chegou à vista do Savady; e surto ao longo de um campo a que chamavam Guampalaor esteve aí seis dias, esperando pelos cinco mil elefantes que vinham por terra, os quais chegados, abalou logo para a cidade, e pondo-lhe cerco a acometeu três vezes à escala vista, e de todas se retirou sempre com muita perda dos seus, tanto pela resistência que achou nos de dentro, como por ser o sítio trabalhoso para o



arvorar das escadas, porque aquele lugar sobre que estava edificado o muro era todo piçarra.

E tomando conselho sobre o que daí em diante devia fazer, lhe disseram os seus capitães que a batesse com duas estâncias de artilharia, pelos dois lugares por onde parecia de fora que era mais fraca, porque arrasados ali os dois lanços do muro lhe ficaria a entrada mais fácil e menos perigosa, o que logo se pôs em obra com muita presteza, e para isso começaram os engenheiros a criar, pela banda de fora, dois como que baluartes, sobre um grande entulho de vigas e faxina, e em cinco dias os puseram ambos em tanta altura que sobrelevavam por cima dos muros mais de duas braças, e em cada um deles se assestaram vinte peças grossas de esperas e camelos de marca maior, com que começaram a bater os muros, e derrubaram dois lanços deles. E, fora essas peças, havia ali mais de trezentos falcões que atiravam sem cessar, só para matar a gente que andava pelas ruas, os quais lhes fizeram muito dano.

Pelo que, vendo-se os de dentro muito afrontados, e com tanta perda dos seus, se determinaram como homens muito esforçados, a venderem bem suas vidas aos inimigos, e saindo uma antemanhã pelos lanços do muro que a artilharia tinha derrubado deram nos do campo tanto sem medo que em menos de uma hora o exército do bramá esteve quase de todo desbaratado, e por ser já quase manhã clara, os savadis se recolheram à cidade, deixando mortos oito mil dos inimigos, e em muito breve tempo repararam os dois lanços do muro, caídos, com um contramuro terraplenado de entulho de vigas e terra e faxina, que não havia depois artilharia que o pudesse passar. Pelo que, vendo o chaumigrém quão mal até então lhe tinha sucedido aquele negócio, determinou de fazer guerra aos lugares comarcãos que estavam mais perto da cidade, e mandando o diossarai, tesoureiro-mor de quem nós os oito portugueses éramos cativos, como coronel de cinco mil homens, lhe disse que fosse sobre um lugar que se chamava Valeutay, donde a



cidade muitas vezes era provida de mantimentos, a qual ida lhe sucedeu de maneira que antes que chegasse ao lugar deram nele cerca de dois mil savadis, e, em menos de meia hora, dos cinco mil nenhum ficou que não fosse morto. E nessa revolta, por ser de noite, quis Nosso Senhor que nós, os oito portugueses que aí nos achamos, escapássemos fugindo, porque havemos por melhor conselho salvarmos as vidas que ficarmos mortos no campo como os outros.

Daqui, sem sabermos por onde íamos, cometemos o caminho por cima de uma serra muito agra, e corremos por ela com assaz de trabalho três dias e meio, no fim dos quais fomos dar em umas campinas apauladas, sem caminho nenhum, nem outra companhia mais que muita soma de tigres e cobras, e outras muitas maneiras de animais silvestres que nos meteram em assaz de confusão. Mas como Deus Nosso Senhor, por quem chamávamos continuamente com muitas lágrimas, é o verdadeiro caminho dos desencaminhados, permitiu ele por sua misericórdia que no cabo desse tempo, já sobre a tarde, víssemos um fogo contra a parte do leste, e seguindo nós direitos a ele fomos amanhecer junto de um grande povoado à roda de algumas aldeias de gente pobre, segundo as mostras de fora, e não ousando nos descobrirmos, nos embrenhamos aquele dia numa terra alagadiça em que havia muita espadana, onde tivemos muito trabalho por causa das muitas sanguessugas que ali havia, que nos tiraram bem o sangue.

E logo que anoiteceu, seguimos nosso caminho até quase a manhã, em que nos achamos junto de um grande rio, e caminhando ao longo dele por espaço de mais cinco dias chegamos ao outro lago muito maior, à borda do qual estava um templo pequeno, a modo de ermida, com um ermitão muito velho que nos fez gasalhado. Este nos deixou estar aqui aposentados consigo dois dias, nos quais lhe perguntamos por muitas coisas que faziam a nosso propósito, a que ele respondeu tudo o que era verdade, e nos disse



que aquela terra em que estávamos era ainda do rei do Savady, e que aquele lago se chamava Oregantor, que quer dizer “bocejo da noite”, e a ermida, Quiay Vogarem, deus do socorro. E perguntando-lhe nós pela significação daquele abuso, nos afirmou, pondo a mão sobre um cavalo de arame que estava por ídolo no altar, que segundo tinha lido muitas vezes em um livro que tratava da fundação daquele reino, havia duzentos e trinta e sete anos que, sendo aquele lago uma grande cidade, de nome Ocumchaleu, outro rei a que chamavam Avá, a tomara por guerra, e pela vitória desse feito lhe aconselharam os seus sacerdotes por quem se ele governava, que, para gratificação de tamanha honra como aquela, lhe era necessário sacrificar ao Quiay Guatur, deus da guerra, por lhe dar aquela vitória, todos os machos pequenos que ali fossem cativos, porque se assim o não fizesse, saberia certo que quando fossem homens lhe haviam de tornar a tomar o reino; e que, temendo o rei o perigo desse ameaço, os mandara juntar todos num certo dia, que entre eles era muito solene, os quais eram oitenta e cinco mil, e metidos todos à espada com grandíssima crueza e efusão de sangue, para ao outro dia serem todos queimados em sacrifício, disse, e assim no-lo afirmou com muitas palavras, que aquela mesma noite tremendo a terra caiu sobre a cidade tanta quantidade de coriscos e fogo do céu que ela com tudo quanto nela havia em cerca de meia hora foi subvertida, no qual castigo da justa justiça de Deus foi morto o rei com todos os seus, sem escapar nenhum, em que morreram trinta mil sacerdotes, os quais de então para cá se ouviam naquele lago todas as luas novas e cheias, com uns bramidos tão espantosos que a gente pasmava de medo, pela qual causa, de então até agora, aquela terra se despovoara toda à roda, sem haver nela mais que só oitenta e cinco ermidas, em memória dos oitenta e cinco mil meninos que o rei, sem causa, só pelo conselho dos seus sacerdotes, mandara matar.

DO QUE MAIS PASSAMOS NESTE CAMINHO,
E DO SUCESSO QUE TIVEMOS NELE

Nessa ermida passamos os dois dias que disse, bem agasalhados pelo ermitão dela, e ao terceiro dia, logo em sendo manhã, nos despedimos dele e nos partimos assaz espantados e cortados de medo do que tínhamos ouvido, e continuamos nosso caminho ao longo do rio todo aquele dia e a noite seguinte. E sendo quase manhã nos achamos junto de um grande canal de açúcar onde então nos provemos de algumas canas, por não termos outra coisa de que nos pudéssemos sustentar, e caminhando sempre ao longo do rio, o qual tínhamos tomado por roteiro de nossa viagem, porque nos parecia que necessariamente, ainda que fosse ao longe havia de fazer seu expediente ao mar, onde esperávamos que Nosso Senhor por alguma via nos deparasse algum remédio de salvação, chegamos no outro dia a uma aldeia que se chamava Pommiseray, onde nos metemos em um espesso mato para não sermos vistos da gente que frequentava aquele caminho.

E sendo passadas duas horas da noite, seguimos por nosso intento, que, como já disse, era irmos assim às cegas por aquele rio abaixo até onde a ventura nos guiasse, ou Deus já fosse servido com a nossa morte dar fim a tantos trabalhos quantos continuamente de dia e de noite tínhamos passado, com muitos estremecimentos e visões de morte que nos atormentavam mais que a mesma morte com que tão abraçados íamos. E ao cabo de dezesseite dias que continuávamos essa trabalhosa e triste peregrinação,

prouve a Nosso Senhor que por uma noite de grande escuro e cerração de chuueiros vimos um fogo diante de nós, a pouco mais de um tiro de berço, e receando nós de alguma maneira ser aquilo povoação, nos deixamos estar quedos um grande espaço confusos e indeterminados, até que divisamos que aquele fogo se movia, pelo que assentamos que era embarcação que andava, e não se passou pouco mais de meia hora que ao longo da terra enxergamos vir uma embarcação que trazia em si nove pessoas, as quais, emparelhando por junto de nós, se igualaram com a ribanceira da borda do rio, e desembarcaram em terra em uma calheta que a mesma terra fazia, a modo de angra, e ordenaram logo fogo com que começaram a guisar a ceia, e depois de guisada se meteram nela com muitas festas e regozijos, em que gastaram um grande espaço. E sendo já bem fartos de comer e de beber, quis Deus que todos nove, em que vinham três mulheres, adormeceram de maneira que não davam acordo de si.

Vendo nós então o tempo disposto para nos aproveitarmos da mercê que Nosso Senhor nos fazia, nos fomos todos oito muito caladamente à embarcação, que meio envasada na lama estava atada a uma vara, e pondo-a aos ombros a pusemos a nado e nos embarcamos nela com muita pressa, e nos fomos a remo pelo rio abaixo, sem rumor ou rebuliço algum; e como a corrente de água ia a nosso favor e o vento nos servia à popa, fomos amanhecer dali a mais de dez léguas, junto de um pagode a que chamavam Quiay Hinarel, deus dos arrozzes, no qual não achamos mais que um só homem e trinta e sete mulheres, de que as mais eram velhas e beatas professoras daquele templo, das quais fomos agasalhados com muita caridade, ainda que, segundo parecia, fosse mais pelo medo que tiveram de nós que por vontade que tivessem para isso.

E perguntando-lhes nós por algumas coisas particulares que faziam a nosso propósito, nos não souberam dar razão de nenhuma, dizendo que eram mulheres desapegadas, por voto, das coisas



do mundo, e que não tinham outra vida senão estarem ali encerradas, rezando continuamente ao Quiay Ponvedé, que movia as nuvens do céu, pedindo-lhe que lhes desse água nos campos das suas lavouras, para que lhes não faltasse o arroz.

Aqui gastamos todo aquele dia no concerto da embarcação, e nos provemos também da dispensa dessas beatas, de arroz, açúcar, feijões, cebolas, e de alguma chacina, de que elas estavam bem largamente providas. E partindo-nos daqui com uma hora da noite, a remo e à vela, continuamos nosso caminho sete dias inteiros, sem nenhum de nós sair em terra, por nos temermos de algum desastre que levemente nos podia acontecer em qualquer lugar dos que víamos ao longo do rio. Mas como ninguém pode fugir ao que está determinado lá de cima, indo nós assim assaz confusos e receosos do que o entendimento nos apresentava, com muitos sobressaltos cada hora, tanto do que víamos como do que receávamos, quis a nossa triste fortuna que uma antemanhã, passando nós pela boca de um esteira, nos acometeram treze paraus de ladrões, com tamanho ímpeto e com tantas diferenças de arremessos sobre nós que em menos de dois credos nos mataram três companheiros, e nós o cinco que escapamos nos lançamos com muita pressa ao mar, todos envoltos no nosso sangue das feridas que levávamos, de que depois estiveram à morte.

E chegando a terra, nos metemos por dentro do mato, onde estivemos todo aquele dia, lamentando com muitas lágrimas aquela presente desventura, ao cabo de tantas como tínhamos passado. E partindo-nos assim feridos desse lugar, com mais esperanças de morte que de vida, seguimos nosso caminho por terra, com assaz de trabalho e tão confusos e indeterminados no que então devíamos fazer que muitas vezes, de pasmados, nos púnhamos a chorar uns com os outros, com bem grande desconsolação, pela confiança que tínhamos de podermos salvar as vidas por nenhuns meios humanos.



E estando nós nesse triste estado, e com dois companheiros, dos cinco que éramos, para morrer, prouve a Nosso Senhor (que ali onde os meios humanos faltam está sempre mais certo) que acaso passasse por aquele lugar onde nós estávamos, à borda da água, uma embarcação em que ia uma mulher cristã, de nome Violante, que era casada com um gentio, de quem era aquela embarcação, a qual carregada de algodão ia de veniaga para a cidade de Cosmim. Esta, em nos vendo, deu um grande grito e disse:

– Jesus, isso são cristãos que eu vejo diante de mim?

E mandando muito depressa tomar a vela, veio a remo para onde nós estávamos, e saltando em terra, e o marido com ela (que ainda que fosse gentio, era muito caridoso), nos abraçaram ambos chorando muitas lágrimas, e nos meteram dentro da embarcação, e ela tratou de nos prover de cura para as feridas, e de vestido para nos cobrirmos o melhor que então foi possível, e nos fez outras muitas caridades de boa cristã.

E partindo-nos daqui já fora dos receios passados, quis Nosso Senhor que em cinco dias chegamos à cidade de Cosmim, que é um porto de mar no reino de Pegu, onde em casa dessa cristã fomos curados com muito gasalhado e acabamos de convalescer de todo das nossas feridas. E como nas mercês que Deus faz nunca pode haver falta, ordenou ele que nesse tempo estivesse aqui nesse porto uma nau de que era senhorio Luís de Montarroyo, que ia para Bengala. E depois de nos despedirmos da nossa hospedeira, e lhe darmos as devidas graças pelo que dela tínhamos recebido, nos embarcamos com esse Luís de Montarroyo, o qual também nos fez muito gasalhado, e nos proveu a todos cinco muito largamente de tudo o que nos era necessário.

E chegando nós ao porto de Chatigão, no reino de Bengala, onde naquele tempo havia muitos portugueses, me embarquei eu logo numa festa de um tal Fernão Caldeira, que ia para Goa, onde prouve a Nosso Senhor que cheguei a salvamento. E aí achei Pero

de Faria, capitão que fora de Malaca, e que me tinha mandado a Martavão com a embaixada ao chaubainhá, como atrás fica dito, ao qual dei larga conta de tudo o que por mim tinha passado, de que ele se mostrou assaz pesaroso, e me proveu com alguma coisa a que, por sua consciência e por sua nobreza, lhe pareceu que me estava obrigado, pelo muito que eu tinha perdido, por seu respeito. E com isso me tornei logo naquela monção a embarcar para a banda do sul, e tornar de novo a tentar a fortuna pelas partes da China e do Japão, para ver se onde tantas vezes perdera a capa, me poderia desta vez melhorar com outra menos safada que a que então sobre mim trazia.



CLXXII

COMO DA ÍNDIA ME FUI PARA A SUNDA,
E DO QUE LÁ SE PASSOU NUM INVERNO QUE AÍ ESTIVE

Embarcando-me eu aqui em Goa, em um junco de Pero de Faria, que de veniaga ia para a Sunda, cheguei a Malaca no dia em que faleceu Rui Vaz Pereira Marramaque, capitão que era então da fortaleza. E partindo daqui para a Sunda, em dezesseite dias cheguei ao porto de Banta, que é onde comumente os portugueses fazem sua fazenda. E porque nesse tempo a terra estava muito falta da pimenta que íamos buscar, nos foi forçoso invernarmos ali aquele ano, com determinação de para o outro seguinte nos irmos para a China.

E havendo já quase dois meses que estávamos nesse porto fazendo pacificamente nossas mercancias na terra, veio ter a ela, por mandado de El-Rei de Demá, imperador de toda a Ilha de Jaoa, Angenia, Bale e Madura, com todas as mais ilhas desse arquipélago, uma mulher que se chamava Nhay Pombaya, dona viúva de quase sessenta anos de idade, a qual vinha de sua parte dar recado ao tagaril, rei da Sunda, que também era seu vassalo como os mais reis dessa monarquia, para que pessoalmente, em termo de mês e meio, fosse ter com ele à cidade de Japara, onde então se fazia prestes para ir sobre o reino de Passarvão.

Essa mulher, quando desembarcou nesse porto, o rei mesmo em pessoa a foi buscar ao calaluz em que vinha, e a levou com grande fausto para sua casa, e a agasalhou com a rainha sua



mulher, e ele se passou para outro aposento longe dali, porque essa era a maior honra que se lhe podia fazer.

E para que se saiba a razão por que esse recado veio mais por mulher que por homem, se há-de saber que foi sempre costume antiquíssimo dos reis desses reinos, desde o princípio deles, tratarem as coisas de muita importância, e em que se requer paz e concórdia, por mulheres; e isso não somente nos recados particulares que os senhores davam aos vassallos, como foi esse agora, mas também nos negócios públicos e gerais que uns reis tratam com os outros por suas embaixadas. E dão para isso, por razão, que ao gênero feminino, pela brandura da sua natureza, dera Deus mais afabilidade, e autoridade, e outras partes para se lhe ter mais respeito que aos homens, porque são secos, e por essa razão menos agradáveis à parte onde se mandam.

Porém, essa mulher que cada um desses reis costuma mandar às coisas de qualidade que digo, dizem eles que há-de ter as partes que lhes a eles parece que se requerem para ela poder fazer bem feito o negócio que se lhe encomenda; dizem que não há-de ser solteira, porque por estar nesse estado perderá o ser de quem é se sair fora de casa, porque dizem que, assim como por ser formosa contenta a todos, assim também por essa mesma causa poderá ser motivo mais de desinquietação nas coisas em que se requer concerto que de as trazer ao fim da paz e concórdia que se pretende. Dizem mais que há-de ser casada de legítimo matrimônio, ou ao menos que há-de ser viúva de seu marido legítimo; e se pariu de seu marido, há-de provar por documento como criou a seu peito todos os filhos que houve dele, porque a que pariu e não criou os filhos, podendo-o fazer dizem que fica mais propriamente sendo mãe de deleitação, como qualquer corrupta e desonesta, que mãe verdadeira do seu próprio filho. E guarda-se esse costume tão estreitamente entre a gente nobre dessa terra que se alguma mulher pare, e por algum impedimento lícito que tenha não pode criar o

filho a seus peitos, é-lhe tão necessário para sua honra tirar disso um documento, como se fora outra coisa muito mais grave e de muito maior importância. E se sendo moça acerta de ficar viúva, para maior fineza de sua virtude se há-de meter em religião, para que pareça que não casou tanto para os gostos que daí podia esperar, quanto para ter filhos, conforme à limpeza e honestidade com que Deus no paraíso da terra juntou os primeiros dois casados. E para que o seu matrimônio seja de todo limpo e conforme à lei de Deus, dizem que depois que se sentir pejada, não há-de ter mais comunicação com seu marido, porque já então não será juntamente puro e honesto, senão sensual e sujo. E têm para isso mais outras condições que aqui não digo, porque entendo que será prolixidade deter-me em coisas que me parecem escusadas.

A Nhay Pombaya que trouxe o recado ao rei da Sunda que eu atrás disse, depois que negociou com ele o a que vinha, se partiu logo desta cidade de Banta, e El-Rei se fez prestes, com muita brevidade, e se partiu com uma armada de trinta calaluzes, e dez jurupangos, bem apercebida de mantimentos e munições, nos quais barcos iam sete mil homens de peleja, fora a chusma do remo, e iam nessa companhia quarenta portugueses, dos quarenta e seis que então aí nos achamos, porque por isso nos fez muitas vantagens em nossas fazendas, e confessou publicamente que levava gosto nisso, por onde não houve razão com que nos pudéssemos escusar.

COMO O PANGUEIRÃO DE PATE, IMPERADOR DE JAOA,
FOI COM UM GROSSO EXÉRCITO CONTRA O REI DE
PASSARVÃO, E DO QUE FEZ DEPOIS QUE LÁ CHEGOU

Partido esse rei da Sunda, deste porto de Banta, aos cinco dias do mês de janeiro do ano de 1546, chegou aos dezanove à cidade de Japara, onde o rei de Demá, imperador dessa ilha jaoa então se estava fazendo prestes com um exército de oitocentos mil homens, o qual, sabendo da vinda desse rei da Sunda, que era seu cunhado e seu vassalo, o mandou receber à embarcação, por El-Rei de Panaruca, almirante da frota, o qual levou consigo cento e sessenta calaluzes de remo e noventa lancharas de lusões da Ilha Bornéu, e com toda essa companhia o trouxe onde El-Rei estava, do qual foi muito bem recebido e com honras muito avantajadas a todos os outros.

Passados catorze dias depois que chegamos a essa cidade de Japara, o rei de Demá se partiu na via do reino de Passarvão, embarcado em uma frota de dois mil e setecentos barcos, em que entravam mil juncos de alto bordo, e tudo o mais eram navios de remo, e aos onze dias de fevereiro chegou ao Rio de Hicanduré, que é na entrada da barra. E vendo o rei de Panaruca, almirante da frota, que os navios grossos não podiam ir surgir à cidade que estava dali a duas léguas, por respeito dos alfaques e bancos de areia que havia em algumas partes do rio, mandou desembarcar toda a gente dos navios grossos em terra, e os navios de remo foram ancorar no surgidouro da cidade para queimarem as embarcações que em cima no porto estivessem. E assim o fizeram, na qual

armada foi o pangeirão, imperador em pessoa, acompanhado de todos os grandes do reino.

O rei da Sunda, seu cunhado, que era general do campo, abalou por terra com a maior parte da gente, e depois de serem todos chegados ao lugar onde se havia de assentar o campo, que era de frente dos muros, se entendeu primeiro que tudo, na fortificação dele, e em ordenarem as estâncias para a artilharia com que se haviam de bater os lugares mais acomodados a seu propósito, no qual trabalho se gastou a maior parte do dia.

E passando aquela noite com muitas festas e regozijos, e com boa vigia, logo que foi manhã clara cada capitão se aplicou ao que convinha à sua obrigação, não cessando todos de trabalhar no que pelos engenheiros lhes era mandado, de maneira que nesse segundo dia toda a cidade ficou cercada em roda, de valos muito altos, com seus terraplenos fortificados com vigas muito fortes, sobre que assestaram muitas peças grossas, em que entraram algumas águias e leões de metal que os turcos e achéns lhe fundiram, da qual fundição fora mestre um renegado, algarvio de nação, que pelo nome de infiel que então tinha se chamava Coje Geinal, e o que teve antes, quando era cristão, calo por honra da sua geração, porque não era de baixo sangue.

Os de dentro da cidade, advertindo-se do descuido que tinha passado por eles em consentirem que os inimigos trabalhassem dois dias inteiros na fortificação do seu arraial pacificamente, e sem haver quem lhes fosse à mão, havendo aquilo por uma grande afronta sua, pediram ao seu rei que lhes desse licença para naquela noite seguinte os apalparem, porque de crer era que gente cansada e trabalhada não podia ser muito senhora das armas, nem lhes poderia mostrar o rosto direito naquele primeiro ímpeto.

O rei que então era senhor deste reino de Passarvão era mancebo e dotado de partes que o faziam ser muito benquisto e amado

dos seus, porque, segundo se dizia dele, era muito liberal e nada tirano, era bem inclinado para os pequenos do povo, e grandemente amigo dos pobres, e das viúvas e tão largo para elas que, se lhes davam conta das suas necessidades, as socorria logo e lhes fazia mais mercê do que lhes pediam. E fora essas excelências, tinha outras algumas tão conformes com os desejos dos homens que não havia nenhum que não aventurasse por ele mil vezes a vida, se tantas lhe fosse necessário; e juntamente com isso tinha ali consigo toda a flor do seu reino, e todos gente manceba e muito escolhida, fora muitos forasteiros a que também fazia grossas mercês, e muitos favores e honras acompanhadas de boas palavras, que são os meios por onde se ganham as vontades dos pequenos e dos grandes, e se fazem de mansas ovelhas, bravos leões; e o contrário disso abate os ânimos de maneira que algumas vezes acontece, de bravos leões fazer mansas e tímidas ovelhas. Esse rei, pondo essa licença que os seus lhe pediam, no parecer dos mais velhos e prudentes que tinha consigo, depois que se alterou largamente sobre o sucesso que podia ter esse negócio, se concluiu por parecer de todos que quando a fortuna de todo lhe fosse contrária nessa saída que queriam fazer contra os seus inimigos ainda tomariam isso por menos mal e menos afronta sua, que verem seu rei cercado por uma gente tão baixa e tão vil, que, contra toda a razão e justiça, os queria por força obrigar a deixarem a fé em que seus pais os criaram, e aceitarem outra que ela novamente tinha tomado, por conselho e incitação de farazes, que não punham a salvação em mais que em lavar as partes traseiras, não comer porco e casar com sete mulheres, pelo que estava claro e bem entendido da gente discreta que Deus era muito seu inimigo, e os não havia de ajudar em coisa que cometessem, pois com tanta ofensa sua, sob cor de religião, e com razões mal concertadas, queriam que forçosamente seu rei fosse mouro e seu vassalo.

E assim, a esse modo, deram outras muitas razões que a El-Rei e a todos os que estavam presentes quadraram tanto que todos a uma voz disseram:

– Tão próprio e tão devido é, ao bom e leal vassalo, morrer por seu rei, como à mulher virtuosa manter castidade ao marido que Deus lhe deu, pelo que não convém dilatar-se uma coisa tão importante, senão em mostrarmos todos em geral, e cada um em particular, no efeito dessa saída, o amor que temos ao nosso bom rei, e o que ele deve ter ao sangue dos que melhor pelejarem, porque isso somente queremos nós deixar por herança a nossos filhos.

E com isso ficou determinado que saíssem aquela noite contra os inimigos.

COMO DA CIDADE SAÍRAM DOZE MIL AMOUCOS, E DO
QUE FIZERAM CONTRA OS INIMIGOS

Sendo passadas as duas horas depois da meia-noite, como o alvoroço dessa saída era geral em todos os da cidade, não deu ele lugar a esperarem que fossem chamados, mas antes do tempo que El-Rei lhes limitara, se juntaram no passeivão das casas reais, que é um grande terreiro onde os naturais da terra costumam fazer suas feiras e suas festas notáveis nos dias insignes das invocações dos seus pagodes.

El-Rei, contente assaz de ver neles tanto fervor e tanto ânimo, entre todos os setenta mil que então havia na cidade, escolheu somente doze mil para que fossem nesse feito, e os repartiu em quatro bandeiras de três mil cada uma, das quais foi como general um tio de El-Rei, irmão de sua mãe, chamado Quiay Panaricão, homem que por experiência tinha já mostrado ser muito para esse feito, e que também levava a seu cargo a primeira bandeira; da segunda, ia como capitão outro mandarim principal que se chamava Quiay Ansedá; da terceira, um estrangeiro, champá de nação, natural da Ilha Bornéu, de nome Necodá Solar; e da quarta, outro a que chamavam Pambacalhujo; todos muito bons capitães, e muito esforçados e práticos na guerra.

E sendo já todos prestes, El-Rei lhes fez outra fala de novo, em que brevemente lhes tornou a trazer à memória a confiança que neles tinha para aquele feito, e lhes certificou que em cada um deles lhe ia o seu coração, e dentro dele lhe ficavam os de todos



os quatro capitães, e juntamente os de todos os irmãos seus e leais vassallos que com eles iam.

Após isso, para os animar mais e os confirmar no seu amor, tomou um copo de ouro e a todos deu de beber por sua mão, e aos que não deu, pediu por isso muitos perdões, com as quais palavras e mostras de amor do seu rei ficaram todos tão animados que, sem esperarem mais, se untaram os mais deles com minhamundi, que é uma certa confeição de azeite cheiroso com que esta gente em tais casos como esses costuma se untar para remate de toda a determinação que levam, de morrer, e a esses que se untam dessa maneira chama o vulgar da gente amoucos.

Chegada a hora em que estava determinado que saíssem, se abriram quatro portas de doze que havia na cidade, por cada uma das quais saiu um dos quatro capitães, com a sua companhia, mandando diante, para espiarem o campo, seis ourobaldões dos mais esforçados ambarrajas que El-Rei tinha consigo, a que deu novos títulos de nomes honrosos, acompanhados de muitas e grandes mercês, que é o que costuma dar ânimo aos fracos, a acrescentá-la aos ousados. Os quatro capitães se foram logo nas costas dos seis espias que levavam diante, e se foram juntar todos num lugar certo, por onde haviam de acometer os inimigos, e dando de súbito no corpo da gente, com o ímpeto que lhes ensinava a determinação que levavam, pelejaram tão esforçadamente que em menos de uma hora que a força da briga durou os doze mil passarvões deixaram mortos no campo mais de trinta mil dos inimigos, fora os feridos, que foram em muito maior quantidade, de que depois morreram muitos, e foram cativos três reis, e oito pates, que são como duques; e o rei da Sunda, com quem íamos os quarenta portugueses, escapou com três lançadas, em cuja defesa morreram catorze deles, e os mais foram muito feridos, e o arraial esteve numa tamanha confusão que quase esteve de todo perdido, e o pangeirão de Pate, imperador de Demá, foi atravessado com

um zarguncho e esteve no rio meio afogado, sem haver quem lhe pudesse valer, donde se pode entender quanta força tem uma surpresa dessas com gente descuidada, porque, primeiro que esses entrassem em si, e os capitães pusessem a gente em ordem, estiveram por duas vezes postos de todo em desbarato.

Logo que foi manhã, em que se pôde bem ver a verdade desse negócio, os passarvões se recolheram à cidade muito a seu salvo, sem perderem dos seus mais que só novecentos, e dois ou três mil feridos, o qual bem afortunado sucesso criou depois nos cercados uma tal ufania e confiança que isso foi causa de lhes acontecerem depois alguns desastres.

COMO O REI DE PASSARVÃO, COM DEZ MIL CONJURADOS,
SAIU FORA CONTRA OS INIMIGOS, DA PELEJA QUE
TEVE COM ELLES E DO SUCESSO DELA

Grandemente ficou sentido e enjoado El-Rei de Demá com o desastre desse dia, tanto pela afronta que recebera dos de dentro, e perda dos seus, como por ver quão mal lhe sucedera o princípio desse cerco, e deu por isso algumas vezes alguns remoques, e outras vezes repreensões claras ao nosso rei da Sunda, porque, sendo ele general do campo, pusera tão má vigia nele, e a ele somente punha a culpa da muita desordem que houvera em todos. E depois de se prover no remédio dos feridos, e em despejar o campo, dos mortos, mandou chamar a conselho todos os reis, sanguis de Pates, e capitães, tanto do mar como da terra, e lhes disse que ele tinha feito voto solene, e jurado num moçofo de Mafamede, que é o livro da sua lei, não deixar perder aquele cerco até pôr a cidade por terra, ainda que por isso perdesse todo o seu estado, pelo que lhes jurava a eles também que se algum por razão alguma lho contrariasse, ainda que lhes parecesse o contrário disso que lhes dizia, o havia de mandar matar; o que gerou em todos os circunstantes um tamanho medo que nenhum deles ousou o contradizer, mas antes em tudo lhe louvaram aquela sua determinação.

E com isso mandou com muita presteza fortificar de novo o arraial, com cavas e valos, e muitos baluartes de pedra ensossa, guarnecida por dentro de seus terraplenos, e lhes mandou pôr muita artilharia de bronze, com o que o campo ficou muito mais

forte que a mesma cidade, pelo que os de dentro diziam muitas vezes de noite aos de fora que vigiavam que na fortaleza do seu arraial se enxergava quão fracos de ânimo eles eram, pois em vez de virem cercar seus inimigos como homens esforçados se cercavam a si mesmo como mulheres fracas; que tornassem para suas casas, e fiassem nas rocas, e lhes seria mais proveitoso, já que não prestavam para outra coisa. E com essas afrontas e outras muitas a esse modo, lhes davam continuamente muitas matracas, de que os de fora se haviam por muito afrontados.

Durando esse cerco quase três meses contínuos, dentro do qual tempo se deram cinco baterias de artilharia, e três assaltos à escala vista, com mais de mil escadas, sempre os de dentro se defenderam com muito ânimo, como homens muito esforçados, fortificando-se por dentro, nos lugares caídos, com contramuros que faziam da madeira que tiravam das casas, de maneira que todo aquele grande poder do pangueirão que era, como atrás disse, de oitocentos mil homens, ainda que agora, pela perda passada, estivesse já algum tanto diminuída, nunca os pôde tomar.

Pelo que, vendo o engenheiro principal do campo, que era um renegado, maiorquino de nação, que esse negócio não sucedia tanto ao saber de El-Rei como lhe tinha metido em cabeça, determinou de o levar por outra via diferente, e criou de novo uma grande serra feita de entulho de terra e faxina, fortificada com seis ordens de vigas, e veio chegando com ela tanto para a cidade que em nove dias sobrelevou por cima do muro quase uma braça, na qual serra assestou quarenta peças de artilharia grossa, e outra maior soma de falcões e berços, com que começou a varejar por cima toda a cidade, o que aos de dentro fazia muito dano.

El-Rei, entendendo que essa invenção era o meio mais certo que podia haver para sua perdição, assentou com dez mil conjurados que para isso se lhe ofereceram, a que por título honroso pôs o nome de tigres do mundo, acometerem essa serra, o que logo

quiseram pôr em obra, e El-Rei, para os mais animar, quis ir como seu capitão, ainda que o peso todo desse negócio se governasse pelos quatro panaricões da saída primeira.

E dando uma manhã quase sol saído, no rosto dessa força onde toda a artilharia estava assestada, a acometeram tanto sem medo que em cerca de dois ou três credos a maior parte deles se pôs em cima e acometendo logo os inimigos, que seriam mais de trinta mil, os desbarataram a todos em menos de um quarto de hora.

O pangueirão de Pate, vendo o desbarato dos seus, acudiu ele em pessoa, com um peso de gente, e cometendo subir à serra, com vinte mil amoucos que trazia diante, os passarvões, por quem ela então estava, lha defenderam tão esforçadamente que quase faltam palavras para o declarar.

E durando assim essa sanguinolenta briga quase até a tarde, o passarvão, que então já tinha perdida a maior parte dos seus, se retirou para dentro dos muros sobre que a serra encostava, mas primeiro lhe mandou pôr fogo por seis ou sete partes, o qual, ateados nos barris das munições de que nela havia ainda uma grande quantidade, em pouco espaço foi em tanto crescimento que a mais de tiro de besta não havia quem o pudesse esperar, de maneira que ele só foi bastante para apartar então esses inimigos e o impedimento que tiveram para não poderem chegar mais uns aos outros, o que foi causa de a cidade escapar por essa vez do perigo em que esteve. Mas não custou isso tão barato aos passarvões, que dos dez mil da conjuração não ficassem no alto da serra, seis mil. E do pangueirão se afirmou que morreram mais de quarenta mil, no conto dos quais entraram três mil estrangeiros de diversas nações, de que a maior parte foram achéns, turcos e malabares, e doze partes, cinco reis e outra soma de capitães e gente muito nobre.

COMO ACASO SE TOMOU AQUI UM PORTUGUÊS GENTIO,
E DA CONTA QUE NOS ELE DEU DE SI

Toda aquela triste noite se passou com assaz de prantos, gritas e lamentações de ambas as partes, porque em cada uma delas houve muito que sentir, e em toda ela não houve quem pudesse ter algum repouso, porque todos, tanto os de dentro como os de fora, a gastaram quase toda em curarem os feridos, e lançarem os mortos ao rio.

Ao outro dia, logo que foi manhã, vendo o pangeirão de Pate quão mal até então lhe tinha sucedido essa sua empresa, e não bastando isso para querer de algum modo desistir dela, como por alguns dos seus foi aconselhado, mandou outra vez aparelhar toda a gente, para dar um assalto à cidade, parecendo-lhe que já os cercados não podiam ter forças para lha defenderem, pois tinham já a maior parte dos muros rasos com o chão, as munições todas gastas, muita gente morta, e o rei, segundo se dizia, muito ferido.

E para se certificar mais disso, mandou pôr alguma gente em cilada, em certos passos por onde teve novas que os comarcãos haviam de passar com ovos, e galinhas, e outras coisas que levavam à cidade para os doentes. Esses que ele mandou para esse efeito vieram aquela mesma noite ao arraial já quase manhã, e trouxeram nove homens presos, entre os quais vinha um português; e depois que oito foram despedaçados com tratos, prepararam o português (que acertou a ser o derradeiro) para lhe fazerem o mesmo, o qual,



parecendo-lhe que pela confissão de quem era, poderia ser livre, ao primeiro trato disse gritando que era português, o qual até então não sabia nada de nós, nem nós o conhecíamos como tal.

O nosso rei da Sunda, quando isso ouviu, fez cessar os tratos e nos mandou logo chamar para ver se era verdade o que aquele homem dizia, e seis de nós, os que menos feridos estávamos, fomos logo ter com ele à sua estância, onde chegamos com assaz de afronta e de trabalho, e, vendo o homem, nos pareceu à primeira vista que era português, e prostrando-nos todos aos pés de El-Rei, lhe pedimos que nos quisesse dar aquele homem, pondo-lhe diante as razões que havia para nos fazer aquela mercê, pois era português como nós; e ele no-lo concedeu levemente, pelo que de novo nos prostramos todos por terra e lhe beijamos os pés. Dali trouxemos esse homem conosco ao lugar onde os nossos companheiros jaziam feridos, e lhe perguntamos se na verdade era português, porque tal vinha o triste, que nem pela fala o podíamos bem conhecer. E ele, depois que de todo acabou de entrar em si, chorando muita quantidade de lágrimas, nos disse:

– Eu, senhores e irmãos meus, sou cristão, ainda que no traje vo-lo não pareça, e português de pai e mãe, natural de Penamacor, e chamam-me Nuno Rodrigues Taborda, e vim do reino na armada do marechal, no ano de 1513, na nau *S. João*, de que era capitão Rui Dias Pereira; e por eu ser um homem honrado, e que de mim dei sempre mostras disso, Afonso de Albuquerque, que Deus tenha na glória, me fez mercê da capitania de um bergantim, de quatro que ainda somente havia na Índia, naquele tempo, e me achei com ele na tomada de Goa, e de Malaca, e o ajudei a fazer Calecute, e Ormuz, e me achei presente em todos os feitos honrosos que se fizeram tanto em seu tempo, como no de Lopo Soares, e no de Diogo Lopes de Sequeira, e dos outros governadores até D. Henrique de Meneses, que sucedeu por morte do Vice-Rei D.



Vasco da Gama, que no princípio da sua governança proveu a Francisco de Sá de uma armada de doze barcos, em que levava 300 homens para fazer fortaleza em Sunda, pelo receio que então se tinha dos castelhanos que naquele tempo continuavam até Maluco, pela nova viagem que o Magalhães descobrira, na qual armada eu vim como capitão em um bergantim a que chamavam *S. Jorge*, com vinte e seis homens muito esforçados. Partimos da barra de Bintão, quando Pero Mascarenhas o destruiu, e sendo tanto avante como a Ilha de Língua, nos deu um tempo tão forte que, não o podendo pairar, nos foi forçoso arribarmos à Jaoa, onde dos sete navios de remo que éramos se perderam seis, dos quais foi um o meu, por meus pecados, porque vim dar à costa aqui nessa terra em que agora estamos, há já vinte e três anos, sem de todos os que vínhamos no bergantim escaparem mais que só três companheiros, dos quais eu só agora sou vivo, e prouvera a Deus Nosso Senhor que antes fora morto, porque sendo eu por muitas vezes acometido por esses gentios a que quisesse seguir suas opiniões, o não quis fazer, durante muito tempo. Mas como a carne é fraca, e a fome é grande, e a pobreza muito maior, e a esperança da liberdade era perdida, a distância do mesmo tempo e os meus pecados foram causa de condescender a seus rogos, por onde o pai desse rei me favoreceu sempre. E porque eu ontem fui chamado de um lugar em que vivia para vir curar dois homens nobres, dos principais dessa terra, quis Nosso Senhor que me tomassem esses perros, para o eu ficar sendo menos, pelo que Nosso Senhor seja bendito para todo o sempre.

Tão espantados ficamos todos disso que esse homem nos disse quanto o requeria a novidade de tão estranho caso. E consolando-o então como nós soubemos, e com as palavras que nos pareceram necessárias para o tempo em que estávamos, lhe dissemos se queria ir conosco para a Sunda porque daí se iria para Malaca,

onde prazeria a Nosso Senhor que acabasse a vida cristãmente, e em seu serviço, a que ele respondeu que sim, porque nunca outra coisa desejara mais que essa. E logo o prouemos de outro vestido mais cristão que o que trazia, e o tivemos ali sempre conosco, enquanto durou o cerco.

COMO EL-REI DE DEMÁ FOI MORTO POR UM ESTRANHO CASO, E DO QUE SUCEDEU DEPOIS DA SUA MORTE

Tornando agora ao propósito de que íamos tratando, sendo o pangueirão de Pate, rei de Demá, informado pelos inimigos que os seus tomaram do fraco estado em que a cidade estava, e da muita gente que lhe era morta, e que as munições eram todas gastas, e que El-Rei estava muito ferido, se lhe acendeu muito mais o desejo de dar à cidade o assalto que tinha assentado, e determinou de o dar à escala vista, e com muito maior força que o primeiro, para o que no arraial se fizeram logo grandes apercebimentos, e se lançaram pregões por porteiros de maçãs de prata, a cavalo, os quais, depois de se tangerem muitas trombetas, diziam em vozes altas:

– O pangueirão de Pate, o senhor das terras que cercam os mares pela potência do que tudo criou, descobrindo em geral a todos os ouvintes o segredo do seu peito, vos manda dizer que de hoje a nove dias estejais todos prestes, com ânimos de tigres, e com forças dobradas para um assalto que determina dar à cidade, e promete liberalmente muitas mercês, tanto de dinheiro como de nomes honrosos, aos primeiros cinco que arvorarem o guião no muro dos inimigos, ou fizerem feitos agradáveis à sua vontade, e os que isso não cumprirem conforme ao que se espera morrerão por justiça, sem se lhes ter nenhum respeito.

O qual pregão e ameaças fizeram em todo o arraial tamanho abalo, e causaram tamanho medo, que os capitães começaram

logo a se aperceber de tudo o que lhes era necessário para o assalto, sem levantarem mão nem de dia nem de noite, com tamanho estrondo de tangeres, apupos, e gritas, que era coisa de espanto.

E, sendo já desses nove dias passados sete, estando o pangeirão uma manhã em conselho com os principais senhores do exército, sobre o modo que se havia de ter no dar desse combate, como, quando, por onde, e em que tempo havia de ser, e outras coisas necessárias, dizem que houve entre todos grandes debates, por haver muita diversidade nos pareceres, pelo que o pangeirão quis tomar os votos de todos, por escrito.

Nesse meio-tempo, pediu a um moço pequeno, seu pajem, que estava junto dele, o bétere, que são umas certas folhas como de tanchagem, que eles costumam comer continuamente, porque lhes faz bom bafo e purga as unidades do estômago, e parece que quando o pediu ao moço, ele o não ouviu, e esse moço seria de doze até treze anos, e aponto-lhe a idade porque me pareceu necessário para o que hei-de dizer. E tornando o pangeirão a continuar com a prática em que estava, se lhe secou a boca com a cólera, e tornou a pedir o bétere, que o moço tinha numa boceta de ouro, o que também aquela segunda vez não ouviu, porque estava então com o sentido no que uns e outros falavam; e tornando El-Rei pela terceira vez a pedir o bétere, um dos senhores que estava junto do moço, lhe puxou pelo vestido, e lhe acenou a que desse o bétere a El-Rei, o que ele logo fez, e pondo-se de joelhos diante dele lhe ofereceu a boceta que tinha nas mãos, de que El-Rei tomou duas ou três folhas como antes costumava, e tocando-lhe levemente e sem paixão com os dedos na cabeça, lhe disse:

– És surdo, ou não ouves?

E tornou a continuar com a prática em que estava.

Essa nação dos jaos é a mais opiniática de todas quantas há na terra, e sobretudo muito atraçoada e desconfiada, e tem por cume de todas as desonras e injúrias que se lhe podem fazer tocarem-lhe

na cabeça, por onde aquele moço, logo que El-Rei lhe tocou com os dedos da maneira que disse, havendo que era aquilo um notável desprezo com que ficava desonrado, esteve impando um espaço, sem ninguém fazer caso do que El-Rei lhe fizera, nem atentar nisso, por fim do qual se determinou em se satisfazer daquela injúria que El-Rei lhe fizera, e puxando de uma faquinha que por brinco trazia na cinta, a meteu em El-Rei pelo meio da teta esquerda, de que logo caiu morto, sem dizer mais que somente “Quita mate”: “Ai que me matou”, com a qual novidade foi tamanha a revolta dos senhores que estavam presentes, que não me atrevo a poder declará-la. E depois de se aquietarem algum tanto, se proveu primeiro que tudo, na cura de El-Rei, a qual lhe não aproveitou, por ser a ferida pelo coração, de que não viveu mais que duas horas. O moço foi logo preso e metido a tormento, por algumas suspeitas que se tiveram; porém ele não confessou nada, nem disse mais senão que fizera aquilo porque lhe viera à vontade, pelo com que El-Rei lhe dera na cabeça, em seu desprezo, como se fazia a qualquer cão que ladrava de noite pela rua, sendo ele filho do pate Pandor, senhor de Surobaiá. Porém o moço foi espetado vivo em um caluete de razoável grossura, que lhe meteram pelo sexo e lhe saiu pelo toutiço, e o mesmo se fez também a seu pai, e a três irmãos seus, e a sessenta e dois seus parentes, de maneira que de toda a sua geração não ficou a quem se conservasse a vida, a qual justiça tão sobejamente cruel e rigorosa, foi causa de haver muito grandes levantamentos em toda a Jaoa, e ilhas de Bale, Timor e Madura, que são estados muito grandes, em que há vice-reis que distintamente os governam com poder de mero e misto império, pela ordem antiga de seus gentílicos costumes.

Acabada de fazer essa justiça, se deu logo ordem do que se faria do corpo de El-Rei, sobre o que, entre todos, houve grandes debates, dizendo por uma parte que se o deixassem ali enterrado era tanto como ficar cativo em poder dos passarvões, e, por outra, que

se o levassem a Demá, onde tinha o seu jazigo, de necessidade que se havia de corromper antes que lá chegasse, e que enterrando-o assim podre e corrupto, não podia sua alma ir ao paraíso, conforme a lei de Mafamede, em que novamente morrera.

E consultando todos entre si sobre o melhor talho que se podia dar a isso, vieram por fim a se resolver no que um dos nossos portugueses lhes aconselhou, o qual conselho foi de tanto proveito ao português que o deu que lhe montou a mais de dez mil cruzados que os senhores ali logo lhe deram de esmola pelo serviço que então fizera ao defunto, e o português não disse mais senão que o metessem em uma arca cheia de cânfora e de cal, e o enterrassem em um junco grande que fosse cheio de terra. E ainda que a coisa fosse tão fácil, foi boa ventura do português parecer-lhes a eles bem. E dessa maneira foi o corpo de El-Rei até Demá, sem corrupção nem cheiro mau nenhum.

DO QUE MAIS SUCEDEU ATÉ ESTE EXÉRCITO
SER EMBARCADO, E DE UMA GRANDE DISCÓRDIA
QUE EM DEMÁ HOUVE ENTRE DOIS HOMENS PRINCIPAIS
DA CIDADE, E DO DESVENTURADO SUCESSO QUE TEVE

Logo que o corpo de El-Rei foi levado ao junco onde o enterraram, o nosso rei da Sunda, general do campo, mandou logo embarcar a artilharia e munições, e pôr a recato toda a recâmara de El-Rei, e todo o tesouro que estava nas tendas, e conquanto isto se fizesse com toda a pressa e silêncio que convinha, nem isso bastou para os inimigos deixarem de sentir o que eles faziam. E saindo então o próprio rei em pessoa com só três mil da conjuração passada, que por voto solene se untaram todos com minhamundi para amoucos, deram nos inimigos que a esse tempo andavam ocupados a despejar o campo, e os trataram de maneira que em espaço de meia hora, que durou a força da peleja, ficaram derrubados no campo doze mil homens, e dois reis e cinco pates cativos, com mais trezentos turcos, e abexins, e achéns, e o seu caciz Moulana dignidade suprema na seita mafométrica, e por cujo conselho o pangueirão ali tinha vindo, e foram queimadas quatrocentas embarcações que nesse tempo estavam abicadas em terra, em que estavam os feridos, de maneira que todo o campo esteve quase perdido. E tornando-se a recolher a seu salvo, sem perder mais que só quatrocentos dos seus, os deixou embarcar no mesmo dia, que foi a nove de março, os quais, depois de embarcados com toda a pressa possível, se partiram logo para a cidade de Demá, levando consigo o corpo do pangueirão, onde, chegado, foi recebido de todo o povo com grandes gritas e prantos que geralmente se fizeram por ele.



E logo ao outro dia se fez resenha de toda a gente, para se saber a que era morta, e se achou que faltavam cento e trinta mil homens, e dos passarvões se disse que faltaram somente vinte e cinco mil, porque nunca essas coisas custam tão pouco, por mais baratas que a ventura as venda, que os campos não fiquem tintos do sangue dos vencedores, quanto mais dos vencidos, a quem essas coisas costumam sempre ser muito mais custosas.

Nesse mesmo dia se tratou de fazerem pangueirão, que, como já algumas vezes tenho dito, é dignidade imperial sobre todos os pates e reis daquele grande arquipélago a que os escritores chins, tártaros, japões e léquios nomeiam por “Rate na quem dau”, que quer dizer “Pestana do mundo”, como se pode ver num mapa, se for verdadeiro na graduação das alturas.

E como então do morto não ficou legítimo sucessor que herdasse essa coroa, determinaram que se fizesse por eleição, para o que logo, por consentimento de todos, se elegeram dezesseis homens como cabeças de todo o povo, os quais entre si elegeriam o pangueirão. Eles se recolheram todos numa casa, e, fazendo aquietar a cidade, estiveram juntos sete dias, sem em todos eles se determinarem no que havia de ser eleito, porque como eram oito os oponentes, e estes eram os principais senhores do reino, houve entre os eleitores muitas diferenças de pareceres, porque como os mais deles, ou quase todos, eram parentes, ou parentes dos parentes desses oito, cada um deles trabalhava para fazer pangueirão aquele que lhe a ele mais cumpria.

Pelo que, vendo a gente do povo e os soldados da armada esta tamanha tardança, parecendo-lhes que esse negócio não teria já conclusão, nem haveria justiça que os castigasse, se começaram a desavergonhar com tamanha soltura e atrevimento, e a roubar os mercadores que estavam no porto, tanto naturais como estrangeiros, que só em quatro dias se afirmou que tomaram cem juncos, onde mataram mais de cinco mil homens, a que o rei de Panaruca,



e príncipe de Balambuão, que era almirante do mar daquele império, acudiu com muita pressa, e dos delinquentes que se acharam naquele flagrante com o fruto nas mãos, mandou uma manhã enforcar oitenta ao longo da praia, para terror dos que os vissem.

O Quiay Ansedá, pate de Cherbom, que era governador da cidade, e muito poderoso nela, vendo o que o rei de Panaruca tinha feito, e parecendo-lhe que o fizera em seu desprezo, pois não tivera respeito ao cargo que ele tinha, o tomou tão a mal, e ficou tão desconfiado, que juntando logo a si seis ou sete mil homens, deu nas casas onde pousava o rei da Panaruca, e o quisera prender por isso, mas o Panaruca lhe resistiu com os que então tinha consigo, e teve com ele, segundo se disse, muitos cumprimentos e justificações, que o Quiay Ansedá não somente lhe não quis aceitar, mas entrando-lhe por força em casa lhe matou trinta ou quarenta dos seus, ao qual ruído se juntou tanta gente que era coisa de espanto, porque como ambos eram grandes senhores, e muito aparentados, e um era almirante da frota, e outro governador da cidade, teceu o Demônio essa discórdia entre ambos, de tal maneira que se a noite se não metesse no meio, o que fez apartar a briga, por sem dúvida tenho que ali haveriam de acabar quase todos.

Porém, não se acabou por aqui a desventura daquele negócio, porque vendo a gente da armada (que ainda a este tempo seriam mais de seiscentos mil homens), que o rei de Panaruca, seu almirante, fora afrontado pelo Quiay Ansedá, governador da cidade, querendo-se satisfazer de tamanha injúria, se desembarcaram todos em terra naquela mesma noite, sem o Panaruca ser poderoso para lho estorvar, conquanto nisso trabalhasse quanto pôde, e dando nas casas do Quilay Ansedá, o mataram com mais de dez mil homens que tinha consigo, e, não contentes com isso, deram em toda a cidade por dez ou doze partes, e começando a matar e a saquear tudo o que achavam, a trataram de tal maneira que em só três dias que durou o saque não ficou nela coisa em que



se pudesse pôr os olhos, com uma união de gritos e choros tão espantosos que ao juízo dos homens parecia que se fundia a terra, por fim do que, para não gastar nisso mais palavras, a coisa parou em o fogo a consumir de maneira que até os alicerces, tudo foi abrasado, em que se afirmou que arderam mais de cem mil casas, e se meteram à espada trezentas mil pessoas, e se cativaram quase outras tantas, que se levaram de veniaga para diversas partes, e se roubou infinidades de fazendas muito ricas, de que só em prata e ouro se afirmou que passara de quarenta contos de ouro, e os mortos e cativos, em quinhentas mil pessoas. E esse foi o fim que teve o mau conselho de um rei moço, criado entre mancebos, e governado por sua vontade, sem ter quem lha contradissesse.

DE TUDO O MAIS QUE SUCEDEU ATÉ NOS PARTIRMOS
 PARA O PORTO DA SUNDA, E DAÍ PARA A CHINA,
 E DA DESAVENÇA QUE NESTA VIAGEM TIVEMOS

P assados os três dias que durou essa tão cruel e tão espantosa revolta, logo tudo ficou pacífico e posto em quietação, e temendo então os principais daquele motim, que logo que fosse eleito o pangueirão recebessem eles o castigo que mereciam por tão grave crime, se fizeram logo todos à vela, antes de se verem em perigo, e se partiram na mesma armada em que estavam embarcados, sem o rei da Panaruca, seu almirante, ser poderoso para lho tolher, antes esteve por duas vezes em risco de se perder, por isso, com alguns poucos que tinha da sua parte. E assim, em só dois dias se despejou o porto de todos os dois mil barcos que nele estavam, sem ficarem nele mais que alguns jurupangos de mercadores, ficando a terra toda abrasada e consumida.

Pelo que, juntando-se esses poucos senhores que ainda havia, assentaram passar à cidade de Japara, a cinco léguas dali para a costa do mar Mediterrâneo, e logo o puserem em obra, onde passados depois de sossegar o tumulto da gente plebeia, que ainda então era sem conto, se concluiu no eleger do pangueirão, o qual vocábulo propriamente quer dizer imperador, e logo foi eleito um pate Sidaio, príncipe de Surubaiá, que não foi nenhum dos oito oponentes, porque assim pareceu necessário para o bem comum e quietação da terra, de que o povo todo ficou muito satisfeito, e logo o mandaram buscar pelo Panaruca a um lugar dali a doze léguas, onde ele então estava, a que chamavam Pisamanes, o qual

veio dali a nove dias, acompanhado de mais de duzentos mil homens embarcados em mil e quinhentos calaluzes, e jurupangos, onde foi recebido de todo o povo, com mostras de muita alegria, e foi logo coroado com todas as cerimônias costumadas, por panguirão de toda a Jaoa, e Bale, e Madura, que é uma muito grande monarquia de gente, poder e riqueza.

E após isso se passou logo a Demá, com fundamento de a tornar a edificar de novo, e pô-la no estado em que antes estava, onde a primeira coisa em que entendeu foi em castigar os que se achasse que foram culpados no saque da cidade, e entre uma tamanha multidão deles não se acharam já mais que cinco mil somente, porque os outros todos eram já fugidos para diversas partes, e a todos esses desventurados, em quatro dias que essa execução durou, se deram dois gêneros de mortes somente: uns espetavam vivos em caluetes, e outros queimaram nas mesmas embarcações em que foram tomados, de modo que não houve dia, desses quatro, em que não morresse muito grande quantidade deles, de que todos os portugueses que aí nos achamos, andávamos como pasmados.

E como então toda a terra andava revolta sem haver quietação em coisa nenhuma, pedimos licença ao rei da Sunda para nos irmos para o porto de Banta onde estava o nosso junco, pois a monção da China era já chegada, e era tempo de fazermos nossa viagem, a qual nos ele deu muito levemente, e nos fez quita dos direitos de nossas fazendas, e nos deu cem cruzados a cada um, e aos catorze que morreram na guerra, deu a cada um trezentos para seus herdeiros, que nós tivemos então por esmola honrosa e de príncipe bem inclinado e largo de condição, e de que todos ficamos muito contentes. Com isso nos fomos logo ao porto de Banta, onde nos detivemos doze dias, acabando de nos aviar para fazermos nossa viagem, e nos partimos para a China, em companhia de outros quatro navios que para lá iam, e levamos conosco o João Rodrigues, que era o português gentio de atrás fiz menção



que achamos em Passarvão, o qual era brâmane de um pagode de nome Quiay Nacorel, e ele se chamava “Guaxitau facalem” que quer dizer “conselho de santo”.

Este João Rodrigues, depois que chegou à China, se embarcou para Malaca, onde foi de novo reconciliado à nossa santa fé católica, e se lhe deu por penitência que servisse no hospital dos incuráveis um ano, e ele o fez, no fim do qual tempo acabou sua vida, com mostras de bom e verdadeiro cristão, por onde me parece que poderemos crer que Nosso Senhor houve misericórdia com sua alma, pois ao cabo de tantos anos de infiel, o guardou para vir morrer em seu serviço, pelo que ele seja louvado para todo o sempre.

Chegados todos os cinco navios que partimos da Sunda, ao porto do Chinceu, onde naquele tempo os portugueses faziam seus tratos, estivemos nele três meses e meio, com assaz de trabalho e risco de nossas pessoas, por andar a terra então toda revolta, e os povos amotinados, e com grandes armadas por toda a costa, por causa dos muitos roubos que os japões corsários tinham feito nela, de maneira que não havia quietação para se poder fazer fazenda, nem os mercadores ousavam sair de suas casas, pelo que, constrangidos nós pela necessidade, nos passamos ao porto de Chabaque, onde achamos surtos na barra, cento e vinte juncos, os quais depois que tiveram conosco alguma briga, nos tomaram, dos cinco navios, três, em que morreram quatrocentas pessoas cristãs, de que oitenta e dois foram portugueses.

Os outros dois navios que milagrosamente escapamos nos fizemos na volta do mar, e, não podendo mais ferrar a terra por causa dos ventos lestes, que todo aquele mês nos cursaram, nos foi forçoso irmos demandar a costa da Jaoa, bem contra nossa vontade. E havendo já vinte e seis dias que trabalhosamente velejávamos por nossa rota, havemos vista de uma ilha a que chamavam Pulo Condor, a qual nos distava em altura de oito graus e um terço, a





noroeste-sueste com a barra do reino Camboja, e sendo já quase tanto avante como ela, nos deu um tempo do sul, de tormenta de ventos tão impetuosa que de todo estivemos perdidos; e vindo correndo com ele em árvore seca, vimos a Ilha de Língua, onde a tormenta nos assaltou a oés-sudoeste, com um vento tão rijo de escarcéu e mares cruzados, que por nenhum modo nos podíamos aproveitar de barco nenhum. E receosos nós das restingas e baixos que nos demoravam por proa, pairamos com o navio de mar em través, até que depois de um grande espaço nos abriu pela sobrequilha da popa, com nove palmos de água na primeira coberta, pelo que, vendo nós a morte já tão abraçada conosco, nos foi forçoso cortarmos ambos os mastros e alijarmos toda a fazenda ao mar, com o que o junco ficou algum tanto mais desafogado.

E vindo assim ao som do mar o que restava do dia, e alguma parte da noite, permitiu Deus Nosso Senhor, pela inteireza de sua divina justiça, que, sem sabermos como, nem vermos coisa nenhuma, varássemos por cima de uma restinga de pedras, na qual o junco se fez em quatro pedaços, com morte de sessenta e duas pessoas. E como esse desventurado sucesso nos tirou de todo o sentido e as forças, nenhum de nós houve que se lembrasse de procurar meio nenhum de sua salvação, como fizeram os chins que levávamos no junco como marinheiros, que foram tão industriosos que antes que fosse manhã tinham feito uma jangada dos pedaços de paus e das tábuas que puderam haver às mãos, e com as cordas das velas as ataram de maneira que quarenta estavam em cima, bem à vontade; e como esse tempo era aquele pelo qual se disse: “nem o pai pelo filho, nem o filho pelo pai”, cada um procurava por si só, sem lhe lembrar outra nenhuma coisa, tanto chins marinheiros como escravos nossos, tanto que pedindo Martim Esteves, capitão e senhorio do junco, aos seus próprios moços que estavam na jangada, que o quisessem recolher consigo, lhe responderam que por nenhum caso podia ser; o que, chegando às orelhas de um dos da



nossa companhia, de nome Rui de Moura, não podendo sofrer a ingratição e descortesia com que já todos nos tratavam, se ergueu em pé do lugar onde jazia assaz ferido, e nos fez a todos uma breve prática, em que nos disse que nos lembrássemos quão afrontosa e aborrecida era a covardia, e que víssemos quão necessário nos era para nossa salvação trabalhar para tomarmos aquela jangada, e outras muitas palavras a esse modo, as quais, de tal maneira nos aviventaram os espíritos, que determinados todos num propósito com um novo esforço que nos então deu a honra e a necessidade, remetemos vinte e oito portugueses, que éramos, todos num corpo aos quarenta chins que já então estavam na jangada, nós com nossas espadas, e eles com as machadinhas que tinham nas mãos, e nos baralhamos uns com os outros, de maneira que em espaço de três ou quatro credos os quarenta chins foram todos mortos, e dos vinte e oito portugueses, dezesseis, e doze escaparam assaz feridos, de que ao outro dia morreram quatro, coisa certo nunca cuidada nem imaginada e em que se pode ver claramente a miséria da vida humana, porque havendo menos de doze horas que nos abraçávamos todos, e nos tratávamos com tanto amor que morreríamos todos uns pelos outros, nos trouxeram nossos pecados e tamanho extremo de necessidade que sobre quatro pedaços de pau, atados com duas cordas, nos matamos todos uns aos outros tanto sem piedade como se fôramos inimigos mortais ou outra coisa ainda pior. Mas também parece que em parte nos desculpa ser a necessidade tamanha, que nos forçou a fazermos desatino.

DO QUE NOS SUCEDEU DEPOIS QUE NOS PARTIMOS
DESTA RESTINGA

De pois que ficamos senhores desta triste jangada, à custa de tanto sangue, tanto nosso como dos chins, nos metemos nela trinta e oito pessoas, das quais doze eram portugueses e os mais, moços nossos, e alguns meninos filhos de portugueses; e os mais de nós íamos muito feridos, de que depois nos morreram quase todos, e por sermos muitos e a jangada muito pequena, íamos nela metidos na água até ao pescoço. Contudo, dessa maneira nos desamarramos desta triste restinga, um sábado, dia de Natal do ano de 1547, e com um só pedaço de colcha nos fomos ao som do mar para onde a água nos queria levar, sem termos outra agulha nem outra guia senão somente a esperança que levávamos em Deus Nosso Senhor, por quem continuamente chamávamos com assaz de suspiros e gritos, envoltos em muita quantidade de lágrimas.

Dessa maneira navegamos quatro dias, sem em todos eles comermos coisa alguma, e quando veio o quinto, pela manhã, forçou-nos a necessidade a comermos de um cafre que nos morreu, com o qual nos sustentamos mais cinco dias, que eram nove da nossa viagem, e em outros quatro dias que nos durou ainda mais esse trabalho, não comemos outra coisa senão os limos que achamos na babugem da água, porque determinamos de nos deixarmos antes morrer que comermos de algum português, de quatro que nos morreram. E indo nós dessa maneira que digo,



prouve a Nosso Senhor, por sua misericórdia, que ao dia de reis vimos terra, a qual vista e o alvoroço dela nos causou uma tão mortal alegria, que só essa bastou para que, dos quinze que ainda íamos vivos, morrerem logo subitamente quatro de que dois foram portugueses, de maneira que das trinta e oito pessoas que nos embarcamos na jangada, não escapamos mais que onze, sete portugueses e quatro moços nossos.

Chegados enfim a terra, saímos em uma praça que nela se fazia, a modo de angra, onde depois de darmos infinitas graças a Nosso Senhor por nos livrar dos perigos do mar, esperando nele que também nos livraria dos da terra que tínhamos por diante, nos provemos de algum marisco que achamos pelos penedos. E vendo que a terra era deserta de gente, e muito povoada de elefantes e de tigres, nos subimos em umas árvores silvestres para nelas escaparmos, por então, à grande multidão desses e de outros animais que ali tínhamos visto. E quando nos pareceu que podíamos caminhar com menos perigo, nos tornamos a juntar e nos metemos pela espessura do mato, andando de uma parte para a outra, com muitos gritos e prantos, sem sabermos atinar com coisa que pudesse ser meio de nossa salvação.

Porém, a divina misericórdia que nunca aparta os olhos dos necessitados e miseráveis da terra, ordenou então que, por um esteiro de água doce que de dentro do mato vinha demandar o mar, víssemos vir uma barça carregada de madeira e de lenha, em que vinham nove negros jaus, e papuas, os quais, em nos vendo, parecendo-lhes que nós éramos diabos (como eles depois nos confessaram), se lançaram todos na água, e deixaram a embarcação erma, sem ficar nela pessoa nenhuma. Mas depois que entenderam que éramos gente perdida, se seguraram e ficaram quietos no sobressalto que primeiro tiveram. Então se chegaram a nós, e nos perguntaram por muitas coisas particulares a que naturalmente são muito inclinados, às quais respondemos conforme toda a



verdade, e lhes pedimos pelo amor de Deus que nos quisessem levar consigo para qualquer povoação que quisessem, e lá nos vendessem como seus cativos, a gente que nos levasse a Malaca, porque éramos mercadores e lá lhes dariam muito dinheiro por nós, ou fazenda quanta quisessem.

E como essa nação jaoa é grandissimamente cobiçosa, como lhes tratamos de seu interesse, conhecendo também em nós a nossa miséria e desesperação, nos foram dando de si mais alguma coisa, com outras palavras já mais bem concertadas, mais favoráveis, e de mais esperança para nós, de nos fazerem o que lhes pedíamos. Porém isso foi até que tomaram a embarcação que tinham deixado, porque logo que se viram dentro dela, se puseram ao largo, e dando mostras de quererem partir sem nos tomarem, nos disseram que para eles serem certos de ser verdade o que dizíamos, era necessário que primeiro que tudo lhes entregássemos as armas que tínhamos, porque de outra maneira nos não haviam de tomar, ainda que nos vissem ser comidos pelos leões, pelo que, constringidos da extrema necessidade em que nos víamos, e da desesperação de não termos outro nenhum remédio, nos foi forçoso fazer-lhes a vontade em tudo quanto quiseram. E chegando-se com a barcaça mais um pouco a nós, nos disseram que a um e um nos botássemos a nado pois não tinham manchua que nos fosse tomar, o que também determinamos de fazer, e dois moços e um português se lançaram logo a nado para pegarem uma corda que nos tinham lançado por popa de barcaça, mas antes que chegassem a ela, foram comidos por três lagartos muito grandes, sem de todos três aparecer mais que somente o sangue, de que todo o rio ficou tinto, do qual sucesso os oito que estávamos à borda do rio ficamos tão pasmados de medo, que por um grande espaço nenhum de nós tornou em seu acordo, de que os perros não houveram nenhum dó de nós, mas antes batendo as palmas, diziam gritando com grandes risadas:

– Bem-aventurados aqueles três, que sem dor acabaram seus dias.

E vendo que os mais que ficávamos meio atolados na vasa não tínhamos força para nos podermos tirar dela, saltaram cinco deles em terra e nos ataram pelos buchos dos braços, e a rasto nos levaram até junto da barcaça, que já a esse tempo estava bem chegada a terra, e nos meteram dentro com assaz de vitupérios, afrontas e mau tratamento.

E fazendo-se à vela, nos levaram a uma aldeia que estava dali a doze léguas, de nome Cherbom, onde nos venderam a todos os oito, seis portugueses e um moço chim, e outro cafre, por treze pardaus, que da nossa moeda são três mil e novecentos réis, a um mercador gentio da Ilha das Celebes, em cujo poder estivemos vinte e seis dias, e nos tratou muito bem, tanto de comer como de vestido, e depois nos vendeu a El-Rei de Calapa, por dezoito mil réis, o qual rei usou conosco de tanta magnificência que livremente nos mandou para o porto da Sunda, onde estavam três naus de portugueses, de que era capitão-mor um tal Jerônimo Gomes Sarmiento, que a todos nos fez muito gasalhado, e nos proveu largamente de tudo o necessário, até que se partiu para a China.

COMO DESTE PORTO DE SUNDA FUI TER A SIÃO,
DONDE, EM COMPANHIA DE OUTROS PORTUGUESES,
FUI COM EL-REI À GUERRA DO CHIAMMAY,
E DO SUCESSO DELA

Havendo quase um mês que estávamos neste porto da Sunda, bem providos dos portugueses, como então era já chegada a monção da China, as três naus se partiram para o Chincheu, sem aí na terra ficarem mais portugueses que só dois, que num junco de Patane se foram com suas fazendas para Sião, em companhia dos quais me foi forçoso ir eu também, porque me quiseram eles fazer o gasto da tornada, e me prometeram me fazerem lá algum empréstimo com que de novo tornasse a tentar a fortuna, a ver se por importunação me podia melhorar com ela.

Partidos nós daqui, dentro de vinte e seis dias chegamos à cidade de Odiá, que é a metrópole deste império Sornau, a que o vulgo daquelas partes chama Sião, onde fomos bem recebidos e agasalhados pelos portugueses que aí na terra achamos. E havendo pouco mais de um mês que estava nesta cidade esperando pela monção da China, para ir para o Japão, em companhia de outros seis ou sete portugueses que para lá iam, com cem cruzados de emprego que os dois com quem viera de Sunda me tinham emprestado, chegou nova certa a El-Rei de Sião, que então estava nesta cidade de Odiá com toda a sua corte, que o rei do Chimmay, confederado com os timocouhós, com os laus, e com os guéus (que são quatro nações de gentes que contra o nordeste senho-reiam a parte deste sertão, por cima do Capimper, e Passiloco, e são todos senhores absolutos sem darem obediência a ninguém,



muito ricos e poderosos, e de grandes estados) tinham posto cerco à cidade de Quitivão, e morto o oiá capimper, fronteiro-mor daquela raia, com mais de trinta mil homens.

A qual nova fez em El-Rei tamanho abalo que, sem esperar por coisa alguma, se passou logo naquele mesmo dia à outra banda do rio, e sem querer se aposentar em casa nenhuma, se pôs no campo em tendas para que todos os outros fizessem o mesmo, e mandou lançar pregões por toda a cidade, que todo o homem, que por aleijão ou velhice não tivesse escusa de ir com ele a essa guerra, se fizesse prestes, em termo de doze dias que por isso lhe dava de espaço somente, sob pena de morrer queimado com infâmia perpétua a todos os seus descendentes, e, fora essas penas, pôs outras muito graves, tão espantosas e medonhas de ouvir que a gente tremia de medo. E aos estrangeiros de qualquer nação que fossem, que estivessem em sua terra, não escusava também dessa pena, ou se fossem embora do seu reino em termo de três dias, de maneira que todos andavam como pasmados sem se saberem dar a conselho, nem determinar-se no que deviam fazer; e aos portugueses, a quem sempre nesta terra se teve mais respeito, mandou rogar pelo combracalão, governador do reino, que voluntariamente, por quem eles eram, o quisessem acompanhar nessa jornada, porque desejava muito lhes entregar a guarda de sua pessoa, por ter reconhecido neles que eram mais para isso que todos os outros. Assim que eficácia desse recado que vinha acompanhado de muitas e largas promessas, e de esperanças de grandes pagas, mercês, e honras e sobretudo de dar licença para se fazerem igrejas no seu reino, nos obrigou de tal maneira que, de cento e trinta portugueses que então aí estávamos, cento e vinte aceitamos ir com ele.

Passados os doze dias do termo, El-Rei se partiu com um exército de quatrocentos mil homens, em que entravam setenta mil estrangeiros de diversas nações, embarcados em três mil serós, e laulés, e jangás, e aos nove dias da sua viagem chegou a uma vila

que estava na arraia, de nome Suropisém, a doze léguas da cidade de Quitirão que os inimigos tinham cercada, onde se deteve mais sete dias, esperando por quatro elefantes que lhe vinham por terra, dentro do qual tempo teve novas que a cidade estava em grande aperto, tanto pela banda do rio, que os inimigos tinham tomado com duas mil embarcações, como pela da terra, na qual havia uma grande soma de gente, de que o número se não sabia ao certo, mas que pelo que se via dela se esmava em trezentos mil homens, de que se afirmava que quarenta mil eram a cavalo, mas que não tinham elefantes, com a qual nova El-Rei se deu muita pressa, e fazendo resenha geral de toda a sua gente, se achou com quinhentos mil homens, porque muitos se lhe vieram juntando pelo caminho depois que partiu, e com quatro mil elefantes, e duzentas carretas de artilharia de campo. E com esse exército se abalou deste lugar de Suropisém, e fez seu caminho para Quitirão, tomando as jornadas de só quatro léguas por dia, e ao terceiro dia chegou a um vale a que chamavam Siputay, a légua e meia donde os inimigos estavam. E posta em ordenança toda essa cópia de gente e elefantes, pelos mestres do campo, que eram dois turcos e um português de nome Domingos de Seixas, seguiu seu caminho para Quitirão, onde chegou antes que o sol saísse. E como nesse tempo os inimigos estavam já prestes, e sabiam por suas espias o poder e determinação que trazia esse rei de Sião, o esperaram no campo, confiados nos quarenta mil a cavalo que tinham.

E logo que houveram vista dele, se moveram fechados em doze batalhas de quinze mil homens cada uma, todos muito luzidos e bem concertados, e dando logo a sua dianteira, em que vinham os quarenta mil cavalos, na dianteira desse rei de Sião, em que vinham setenta mil a pé, em menos de um quarto de hora a desbaratou com morte de três príncipes que nela iam. El-Rei de Sião, vendo o desbarato dos seus, lhe foi forçoso, como prudente, não seguir a ordem que primeiro trazia, mas fazendo-se num corpo,

com os setenta mil estrangeiros e quatro mil elefantes, deu com tanto ímpeto no campo dos inimigos que logo nesse primeiro encontro o rompeu e desbaratou de todo, com morte de infinita gente, porque como a sua força principal estava nos cavalos, logo que os elefantes deram neles, juntamente com a muita arcabuzaria da gente estrangeira, e a artilharia das duzentas carretas, os consumiram a todos em menos de meia hora, e como esses foram desbaratados, todos os mais se começaram logo a retirar.

El-Rei de Sião, seguindo a vitória, os foi levando até junto do rio, onde o inimigo, de todos os que escaparam, formou um esquadrão de novo, em que havia mais de cem mil homens, entre sãos e feridos, os quais, à sombra da sua armada, estiveram aquele dia, fechados todos num corpo, o que El-Rei receou a cometer, pelo favor que tinham das suas duas mil embarcações, em que também havia grande quantidade de gente; porém, logo que a noite se cerrou, os inimigos marcharam em seu passo cheio, ao longo do rio, levando a armada por costas, para caminharem assim mais a seu salvo, o que ao rei de Sião não pesou nada, porque tinha a maior parte da sua gente muito ferida, a que de necessidade se haveria de socorrer com a cura, como logo socorreu, em que se gastou a maior parte do dia e da noite seguinte.

CLXXXII

DO MAIS QUE ESTE REI DE SIÃO FEZ ATÉ SE TORNAR PARA O SEU REINO, ONDE A RAINHA SUA MULHER O MATOU COM PEÇONHA

Este rei de Sião, depois que houve essa gloriosa vitória, entendeu logo com muita presteza na fortificação da cidade, e em tudo o mais que era necessário para a segurança dela. E mandando fazer alarde da gente que tinha, para saber a que perdera na batalha, achou que lhe faltavam só cinquenta mil homens, de que a maior parte era a canalha que, constrangida pelo rigor dos pregões, ia forçada e sem armas defensivas; e dos inimigos, se soube ao outro dia que morreram cento e trinta mil. E logo que os seus feridos convalesceram, pondo aos lugares daquela fronteira a guarda que lhe pareceu necessária, foi aconselhado pelos seus a que fosse fazer guerra ao reino de Guibém, que distava dali quinze léguas adiante, para a parte do norte, porque a rainha dele dera entrada ao rei do Chimmay, por suas terras, e fora em consentimento dos males passados, e da morte do oiá capimper, e dos trinta mil que morreram com ele.

E parecendo a El-Rei bem esse conselho, se partiu desta cidade com um campo de quatrocentos mil homens, e foi demandar um lugar dessa rainha, que se chamava Fumbacor, que facilmente foi tomado e posto por terra, e os moradores dele metidos todos à espada, sem a nenhum se conservar a vida. E daqui seguiu adiante por suas jornadas até uma cidade chamada Guitor, metrópole deste reino Guibém, onde a rainha então estava, a qual era viúva e



governava o reino por um seu filho moço de nove anos, e lhe pôs cerco à cidade.

A rainha, por se não poder atrever a resistir ao poder de El-Rei de Sião, se fez por concerto sua tributária em cinco mil turmas de prata cada ano, que fazem em nossa moeda setenta mil cruzados, e lhe fez logo pagamento de cinco anos, de antemão, e fora esta lhe entregou o reizinho seu filho como seu vassalo, o qual El-Rei levou consigo para Sião. E com isso levantou o cerco e passou adiante, contra o nordeste, para a cidade de Taisirão, onde teve por novas que o rei do Chimmay estava já desfeito da liga passada.

E havendo seis dias que já caminhava pela terra dos inimigos, saqueando quantos lugares achava, sem querer que se conservasse a vida a macho nenhum, chegou ao Lago de Singuapamor, a que o comum da gente chama do Chimmay, no qual se deteve vinte e seis dias, nos quais tomou doze lugares muito nobres e ricos, e bem cercados de muros e cavas, com seus baluartes ao nosso modo, mas tudo de tijolo e de taipa, sem haver coisa nenhuma de pedra e cal, por se não costumar naquelas partes, nem artilharia, mais que somente berços e mosquetes de bronze.

E porque já nesse tempo era entrada de inverno, e havia alguns chuviros, e a gente começava a adoecer, El-Rei se foi retirando para a cidade de Quitirão, onde se deteve mais vinte e três dias, nos quais acabou de fortificar de muros e cavas muito largas e fundas. E depois de tudo ser provido, e ela posta no estado em que convinha para a sua defesa, se partiu para Sião, embarcado nas três mil embarcações em que viera. E em nove dias chegou à cidade de Odiá, principal de todo o seu reino, e onde o mais do tempo residia com toda a corte, na qual se lhe fez um muito custoso recebimento de diversas invenções em que o povo gastou muito de sua fazenda, que duraram por tempo de catorze dias, conforme os estatutos das suas gentílicas seitas.





E porque a rainha sua mulher, nesses cinco meses que ele esteve ausente, lhe tinha cometido adultério com um seu comprador que se chamava Uquumchenirá, do qual a esse tempo em que El-Rei aqui chegou era já prenhe de quatro meses, receosa do que era razão que se receasse, determinou, para se salvar do perigo em que estava, matar seu marido com peçonha, e, sem fazer mais detença, lha deu logo em uma porcelana de leite, de que não viveu mais que só cinco dias, no qual espaço de tempo proveu por seu testamento algumas coisas do reino, e satisfez as obrigações dos estrangeiros que o tinham servido nessa guerra do Chimmay, donde tinha vindo havia menos de vinte dias.

E tratando nesse seu testamento dos portugueses que fomos com ele a essa guerra, primeiro que de todos os outros, pôs nele uma verba que dizia assim:

E aos cento e vinte portugueses que com lealdade vigiaram sempre na guarda de minha pessoa, darão meio ano do tributo da rainha de Guibém, e liberdade em minhas alfândegas, por tempo de três anos, sem lhes levarem coisa alguma por suas fazendas, e seus sacerdotes poderão publicar nas cidades e vilas de todo o meu reino a lei que professam, do Deus feito homem para salvação dos nascidos, como algumas vezes me têm afirmado.

E assim disse mais outras muitas coisas a esse modo, muito dignas de serem aqui declaradas, que por agora não declaro porque adiante espero o fazer mais largamente. E também pediu a todos os grandes que então se acharam ali presentes que para sua consolação lhe levantassem logo seu filho mais velho como rei, o que logo se fez com muita brevidade. E depois de ser jurado por todos os oiás, e conchalis, e monteus, que são dignidades supremas sobre todas as outras do reino, o mostraram de uma janela à



multidão do povo que estava em baixo no terreiro, perante o qual lhe puseram uma rica coroa de ouro a modo de mitra na cabeça, e uma espada nua na mão direita, e umas balanças na esquerda, por ser esse o seu costume antigo naquele auto.

E posto o oíá Passiloco, que era o mais supremo do reino, em joelhos diante dele, lhe disse quase chorando, em voz alta para que todos o ouvissem:

– A ti, menino santo de tenra idade, cuja ditosa e alta estrela foi seres eleito no céu para governares esse império Sornau que Deus te manda entregar por mim, teu vassalo, o entrego agora com juramento de sempre o teres debaixo da obediência da sua divina vontade, com guardares igualmente justiça a todos os povos, sem haver aceitação de pessoas, entre alto nem baixo, por onde se diga que não cumpres com o que juraste neste santo auto, porque, torcendo tu por respetos humanos, o que a razão justifica diante do justo Senhor, serás por isso gravemente punido na côncava funda da casa do fumo, lago ardente de fedor espantoso, onde os maus e danados choram continuamente, com tristeza de noite escura em suas entranhas. E para que te obrigues a isso a que esse cargo que sobre ti tomaste te está obrigando, dize “xamxaimpom” – (que é como entre nós dizer amém).

A que o menino, chorando, disse: “Xamxaimpom” – o que causou em todo o povo um horribilíssimo pranto que durou por um grande espaço. E fazendo aquietar o tumulto da gente, prosseguiu o mesmo em sua prática, dizendo:

– E essa espada que se te mete nua na mão, como cetro que te dá poder na terra para subjugares os rebeldes, também quer dizer que estás por ela obrigado a sustentares com tua verdade os pequenos e fracos, para que os inchados do poder mundano os não emborquem com o assopro de sua soberba, que ante o Senhor é tão aborrecido como a boca do que blasfema do inocente menino que nunca pecou. E para que em tudo satisfaças ao esmalte



formoso das estrelas do céu que é o Deus perfeito, e justo, e bom, com potência admirável sobre todo o criado, dize “xamxaimpom”.

A que ele respondeu dizendo por duas vezes, chorando, – “Maxinau, maxinau” – “Assim o prometo, assim o prometo”.

E percorrendo o mesmo Passiloco por outras coisas a esse modo, em que o menino por sete vezes respondeu “xamxaimpom”, se acabou essa cerimônia da sua coroação. Ma a derradeira parte dela foi vir ainda um talagrepo de dignidade suprema sobre todo o seu sacerdócio, de nome Quiay Ponvedé, o qual diziam que era de idade de mais de cem anos, e, prostrando-se aos pés do menino, lhe deu juramento numa charana de ouro, cheia de arroz, e com isto o recolheram para dentro, por a brevidade do tempo não sofrer mais dilação, tanto porque já o rei seu pai começava a entrar no artigo da morte, como pelo pranto do povo ser tão geral em todos que em todo o lugar e pessoa se não via então outra coisa senão lágrimas e suspiros.

DA TRISTE MORTE DESTE REI DE SIÃO, E DE ALGUMAS
COISAS ILUSTRES QUE ELE FEZ EM SUA VIDA

P assado dessa maneira aquele dia, e a noite seguinte, ao outro dia às oito horas da manhã o triste rei acabou de expirar de todo, em presença da maior parte dos senhores do reino, pela qual causa em todo o povo se fez um tamanho sentimento de choros e gritas que parecia coisa alheia de todo o uso e razão natural. E como ele era bom rei, caridoso em dar esmolos, grandioso e liberal em fazer mercês, largo em galardoar os serviços, piedoso e brando para todos, e sobretudo muito inteiro em fazer justiça e castigar os delinquentes, manifestavam os seus tanto disso nas lamentações e prantos que faziam, que se tudo o que eles diziam era verdade, pode-se cuidar que foi o melhor rei gentio que jamais houve naquela terra, e no seu tempo, em qualquer outra parte do mundo, do qual não ousarei afirmar o que os seus nesses seus prantos diziam, porque o não vi, e por isso não direi o que era, mas, por algumas coisas que no meu tempo se passaram, não duvidarei de ser assim, das quais contarei aqui três ou quatro somente, das muitas que lhe vi fazer, do ano de 1540 até o de 1545, em que continuei por mercancia a vir a esse reino.

A primeira foi que no ano de 1540, sendo Pero de Faria capitão de Malaca, lhe escreveu El-Rei D. João III, de gloriosa memória, uma carta em que lhe mandava e recomendava muito que trabalhasse todo o possível para resgatar Domingos de Seixas, que estava cativo em Sião havia vinte e três anos, por ser assim muito



necessário ao serviço de Deus e ao seu, por ser informado que por ele, mais que por outrem alguém, poderia saber a verdadeira certeza das coisas daquele reino de que tantas grandezas lhe contavam, e que, efetuando-se o seu resgate, o mandasse logo à Índia, ao Vice-Rei D. Garcia, a quem já tinha escrito sobre ele, para que nas naus daquele ano lho mandasse a este reino.

Pêro de Faria, vendo a eficácia e o encarecimento com que El-Rei lho recomendava, mandou a Sião como embaixador um tal Francisco de Castro, homem nobre e rico, para tratar o resgate desse Domingos de Seixas, e de outros dezesseis portugueses que também lá estavam cativos.

Esse Francisco de Castro foi ter à cidade de Odiá, no tempo em que eu estava nela, onde foi muito bem recebido pelo rei do Sião, e lhe deu a carta que levava para ele, o qual, depois de a ler e de lhe perguntar por algumas coisas novas e de curiosidade, lhe deu logo ali a resposta (o que ele não costumava fazer a outro nenhum embaixador), que foi essa:

– Quanto ao Domingos de Seixas que o capitão de Malaca me mandou pedir, apontando-me o muito gosto que El-Rei de Portugal terá se lho mandar, o mesmo me fica a mim de lho conceder, e daqui lho hei por dado, com todos os mais que ele, lá onde está, traz consigo.

De que o Francisco Castro lhe deu as graças prostrando-se três vezes com a cabeça no chão, como se lhe costuma fazer, por ser rei mais supremo que todos os outros. E logo que se chegou o tempo de se poder partir o Francisco de Castro para Malaca, mandou vir o Domingos de Seixas da cidade de Guntaleu, onde então estava como fronteiro-mor daquela raia, com trinta mil homens de pé, e cinco mil a cavalo, e dezoito mil cruzados cada ano, de partido, e em sua companhia fez também vir os dezesseis portugueses que com ele andavam, e os entregou todos ao Francisco de Castro, o qual de novo lhe tornou a dar as graças pela mercê que lhe fazia.



E despedindo-se dele o Domingos de Seixas e os companheiros, lhes mandou dar mil turmas de prata, que são doze mil cruzados da nossa moeda, e lhes pediu ainda muitos perdões por lhes dar tão pouco.

Outra vez, no ano de 1545, sendo Simão de Melo capitão da mesma fortaleza de Malaca, vindo um tal Luís de Montarroio, da China para Patane, acertou por acaso fortuito de vento travessão de dar com uma nau sua à costa, no porto de Chatir, abaixo de Lugar cinco léguas, onde pelo xabandar da terra lhe foi tomada toda a fazenda que o mar lançou fora, e ele foi preso com todos os mais que se salvaram, que foram vinte e quatro portugueses, e cinquenta moços e crianças pequenas, que ao todo eram setenta e quatro pessoas cristãs, e a fazenda que se salvou da nau montou a quinze mil cruzados. E a razão que para isso deu o xabandar foi que tudo era pelo seu costume antigo do reino, o que, sabido por alguns portugueses que naquele tempo estavam na cidade, aos quais o Luís de Montarroio, por uma carta, dera conta dessa sua desventura, depois de lhe mandarem à prisão onde estava algum vestido de que tinha muita necessidade, ordenaram entre si de fazerem todos uma odiá (que é um presente) de peças ricas, que valesse mil cruzados, e com ela falarem a El-Rei no dia do elefante branco, que vinha dali a dez dias, no qual, por ser festa solene, costumava fazer muitas esmolos a todos os que lhas pediam, e muitas mercês aos seus.

Chegado esse solene dia, a que eles chamam “Oniday pileu”, que quer dizer “alegria dos bons”, os portugueses todos, que seriam sessenta ou setenta, se puseram num certo passo de uma rua, das nove por onde El-Rei havia de passar com grande aparato e majestade, e logo que ele emparelhou com eles, se prostraram todos por terra, ao modo siamês, e relatando-lhe um deles, que foi eleito para isso, todo o caso do Luís de Montarroio e dos companheiros, como se passara, lhe pediu de esmola a soltura daqueles



perdidos, sem lhe tratar da fazenda que o xabandar tinha tomada, por se não atrever a tanto, nem lhe parecer razão.

El-Rei, entendendo o que os nossos lhe pediam, e vendo as lágrimas que alguns dos nossos derramavam, mandou parar o elefante branco em que então ia, e pondo os olhos em todos, e nas peças que alguns tinham nas mãos, entendendo que lhas ofereciam, lhes disse:

– Isso que me dais eu vo-lo hei por recebido, e vo-lo agradeço, porém esse dia não é de eu tomar nada, senão de fazer mercês, pelo que vos rogo muito pelo amor do vosso Deus, de quem sou muito servidor, e serei sempre, que repartais essas peças pelos que entre vós forem mais pobres, porque melhor vos será ganhades com elas o prêmio dessa esmola que por seu amor derdes que o que vos eu posso dar por elas, que ante os seus olhos sou um bichinho muito pequeno. E quanto a esses cativos que me pedis, a mim me apraz vos fazer esmola deles, para que livremente se possam ir para Malaca, e mando que se lhes torne toda a fazenda que eles disserem que lhes tomaram, porque as coisas que se fazem por Deus quando com lágrimas se pedem, por ele, hão-de ser feitas com muito mais largueza do que aquela com que as pedem os necessitados.

A que os portugueses se lhe prostraram todos por terra.

E ao outro dia lhes mandou logo passar um formão para em termo de dez dias o xabandar mandar trazer à cidade os cativos com tudo o que lhes tinha tomado, o que logo se pôs em obra, muito inteiramente. E essa fazenda que se salvou da nau montou a passante de quinze mil cruzados, como atrás já disse, dos quais El-Rei lhes fez mercê; e toda a mais que vinha na nau se perdeu com ela na tormenta. Dali a dois ou três meses, nesse mesmo ano de 1545, sendo-lhe muito necessário a esse rei de Sião acudir a uma entrada que o rei dos tuparahós lhe vinha fazendo pela parte do Passiloco, destruindo e saqueando alguns lugares mais fracos



daquela raia, com propósito de vir cercar as fortalezas de Xivau e Lantor, das quais dependia toda a segurança daquele estado, determinou ir ele em pessoa a esse negócio, e para isso mandou pelo reino vinte coronéis a juntar uma certa quantidade de gente, aos quais mandou que em termo de vinte dias viessem com ela àquela cidade de Odiá, donde determinava partir, e lhes pôs a todos gravíssimas penas, que não escusassem nenhum homem que pudesse pelejar, tirando os doentes, ou os pobres, ou os de setenta anos para cima, e a cada um desses coronéis foi assinalada a comarca em que havia de ir juntar a sua gente.

A um desses, de nome Quiay Raudivá, homem nobre e esforçado, e de quem El-Rei se servia muitas vezes, coube ir à comarca de Banchá, na qual os mais dos homens são muito ricos, tanto de dinheiro como de fazenda, e na maior parte dados às delícias e regalos do corpo, e gastam sempre o mais do tempo em banquetes, e jogos, e outras muitas agradáveis à vida. E querendo-os o Quiay Raudivá constranger a irem a essa guerra como lhes era mandado, eles o tomaram muito mal, e o houveram por um jugo assaz pesado e contrário do trato e largueza com que viviam, pelo que, juntando-se os mais ricos que havia na terra, assentaram de se livrarem dessa ida, por meio de uma grossa peita de muito dinheiro, o qual entre si logo juntaram e levaram ao coronel.

E como em todas as partes o dinheiro é tão poderoso que tudo arromba, e nada se lhe defende, o Coronel Raudivá se inclinou de tal maneira ao muito que esses homens lhe deram que todos ficaram em suas casas, pelo que lhe foi forçoso meter em seu lugar todos os doentes, aleijados, pobres e velhos quantos achou pela terra, sem respeito ao que, por El-Rei, lhe fora mandado. E chegando com essa gente dessa maneira a Odiá, deu sua vista com ela a El-Rei, como faziam todos os outros coronéis com a sua.

El-Rei, quando viu, de uma janela onde estava, uns homens tão velhos, e tão pobremente vestidos, e muitos deles doentes, sem





entre todos ver um só em que pudesse pôr os olhos, mandou vir perante si quatro que viu numa fileira, todos muito velhos e pelo parecer deles, doentes. E perguntando-lhes pela idade que tinham, e de que eram doentes, e por que causa vinham tão pobremente vestidos, eles todos quatro, como por uma só boca, lhe contaram todo o negócio como se passara em Banchá, de que El-Rei ficou assaz colérico; e mandando logo vir perante si o Quiay Raudivá, depois que em público o afrontou com palavras, o mandou atar de pés e de mãos, e mandando derreter cinco turmas de prata, lhas mandou lançar pela boca abaixo, diante de si, de que logo morreu. E depois que o viu morto, lhe disse:

– Se cinco turmas bastaram para te matar, como te parecia que te não matariam cinco mil que tomaste, de peita, para escusares os covardes de Banchá? Deus te perdoe tua cobiça, e a mim o pouco castigo que te dei por ela.

E logo dali, sem esperar mais um momento, mandou a casa do morto, e lhe trouxeram as cinco mil turmas que tinha tomado de peita, e as mandou perante si repartir por todos aqueles velhos, e doentes, e pobres, que o Raudivá trouxera, que seriam mais de três mil, e o dinheiro das cinco mil turmas montava a sessenta mil cruzados da nossa moeda, e os mandou para suas casas, recomendando-lhes que lhe rogassem a Deus pela vida. E aos escusos que peitaram as cinco mil turmas, mandou-os vestir como mulheres e os degredou para uma ilha que se chamava Pulo catão, e lhes mandou tomar as fazendas como a fracos, para as repartir pelos que melhor peijassem naquela guerra.

E porque viu que um português, de cento e sessenta que então levou consigo, ficara um pouco mais atrás, num acometimento que os nossos fizeram, em que ganharam a principal força que os inimigos tinham tomada, na cidade de Lantor, lhe mandou que se tornasse para São, pois não era como os outros que com ele ficavam, e que enquanto aí estivesse não saísse fora de casa, nem se

chamasse mais português, sob pena de lhe mandar, por isso, rapar a barba, como aos cavaleiros escusos de Banchá, pois na covardia era tal como eles; e a todos os mais que, como disse, eram cento e sessenta, pelo honroso feito que lhes viu fazer, mandou dobrar o soldo três vezes, e quitar os direitos de suas fazendas, e lhes deu licença que pudessem em qualquer lugar do seu reino fazer igrejas, em que o nome do Deus português fosse adorado, porque claro estava que era muito melhor que todos os outros.

E por essas coisas e por outras muitas dessa maneira que poderia contar, se vê claramente quão grandioso e bem inclinado, por natureza, era esse príncipe, ainda que fosse gentio.



CLXXXIV

COMO O CORPO DE EL-REI FOI QUEIMADO, E A CINZA LEVADA A UM PAGODE, E DE OUTRAS NOVIDADES QUE SUCEDERAM NESTE REINO

Grandíssima foi a dor e o sentimento que todos os grandes do reino mostraram pelo seu bom rei que diante de si viam morto, e infinitas as lágrimas que por isso derramaram: porém, depois que uma coisa e outra teve termo, se juntaram todos os sacerdotes daquela cidade, que segundo se disse, foram vinte mil, e tratando com os principais do reino, do enterramento daquele corpo e das cerimônias com que se haviam de fazer as suas exéquias, se ordenou que fosse logo queimado antes que a peçonha de que morrera lhe causasse algum mau cheiro, porque se o viesse a ter, não podia a sua alma por nenhum modo ser salva, conforme o que sobre isso era escrito. Pelo que se fez logo juntar com muita pressa uma grande fogueira de sândalo, águila, calambá e benjoim, e se lhe pôs o fogo, com outra nova cerimônia, onde o corpo de defunto foi queimado, com um lamentável pranto de todo o povo, e a cinza dele foi metida em uma caixa de prata, e a embarcaram em uma rica laulé a que chamavam “a cabizona”, a qual levavam, à toa, quarenta serós equipados de talagrepos, que são as supremas dignidades do seu gentílico sacerdócio, e fora isso ia acompanhada de uma grande multidão de outras embarcações, em que ia infinidade de gente, e detrás de todas elas iam cem barcas grandes, carregadas de diversas figuras de ídolos em vultos de cobras, lagartos, leões, tigres, sapos, serpentes, morcegos, patos, bodes, cães, elefantes, abutres, gatos, minhotos, corvos, e de outros



muitos animais, as quais figuras eram feitas tanto ao natural que todas pareciam vivas. E todos os vultos desses ídolos iam, por dó, cobertos de peças de seda conforme as cores de cada um, os quais eram tantos em tanta quantidade, que, segundo o esmo dos que o viram, se afirmou que se gastaram mais de cinco mil peças de seda no dó com que essa multidão de diabos ia coberta.

Noutra embarcação muito grande ia o rei de todos esses ídolos, a que eles chamam serpe tragadora da cônica funda da casa do fumo, em figura de uma monstruosíssima cobra, da grossura de mais de uma pipa, enroscada em nove voltas que estendidas parece que viriam a ser de comprimento de mais de cem palmos, e o colo levantado ao alto. Dos olhos, e da boca, e dos peitos dessa cobra, saíam grandes espadanhas de fogo artificial, que a faziam tão medonha e tão mal assombrada que as carnes tremiam de olharem para ela.

Num teatro, de altura, ao parecer, de quase três braças, muito dourado e rico, ia um menino muito formoso, de quatro até cinco anos de idade, todo coberto de fios de pérolas, e de cadeias e braceletes de rica pedraria, com umas asas e cabeleira de fio de ouro, assim como cá entre nós se pintam os anjos, e com um rico terçado na mão, dando a entender com essa invenção que era anjo do céu mandado por Deus a prender toda aquela multidão de diabos, para não assaltarem a alma de El-Rei antes que chegasse ao aposento que na glória lhe estava aparelhado, por prêmio das boas obras que nesse mundo fizera.

Com essa ordem chegaram as embarcações todas a terra, a um pagode que se chamava Quiay Pontar, onde depois que foi enterrada a arca de prata em que iam as cinzas do corpo de El-Rei, tirando o menino fora, se pôs o fogo a toda aquela multidão de ídolos, assim como iam nas barcaças, com um tamanho estrondo de grita, brados, apupos, tiros de artilharia e espingardaria, tanger de sinos, bacias, cornos, búzios, e com outras muitas maneiras de



diferentes dissonâncias, que faziam tremer as carnes; a qual cerimônia não duraria mais que uma hora somente, porque como todas essas figuras eram feitas de palha, e nas embarcações ia muita soma de breu e resina para esse efeito, fez isso em muito breve espaço levantar um tamanho e tão espantoso fogo que quase parecia um retrato do Inferno, e as embarcações com tudo o que estava nelas ficou tudo consumido.

Acabado isso com outras muitas invenções de coisas muito naturais e custosas que não escrevo por me parecerem supérfluas, toda essa multidão de gente veio para a cidade e se recolheu cada um em sua casa, onde todos estiveram com todas as portas e janelas fechadas, com o que as praças e as ruas ficaram de todo desertas por tempo de dez dias, sem em todos eles aparecer coisa viva, senão somente a gente pobre que de noite com muitas lamentações pedia sua esmola.

Passados os dez dias desse encerramento, as varelas e pagodes, e bralas, que são os seus templos, amanhecera todos ornados de insígnias de alegria, com muitos toldos, estandartes, e bandeiras de seda, e com mesas ricas em que havia muitos cheiros. E apareceram por todas as ruas homens a cavalo, que ao som de instrumentos suaves diziam chorando em vozes muito altas:

– Ouvi, ouvi, desconsolados moradores desse reino siame, o que se vos notifica da parte de Deus, e com corações humildes e limpos louvai todos o seu santo nome, por quão justas são as coisas do seu divino juízo, e saí alegres de vossos encerramentos, cantando louvores de sua bondade, pois lhe aprouve dar-vos rei novo, temente a ele e amigo dos pobres.

Após esse pregão se tocaram muitos instrumentos que homens a cavalo, vestidos de cetim branco, iam tangendo com muito concerto e suavidade; ao que todos os ouvintes, prostrados com os rostos por terra, e as mãos levantadas, como que davam graças a Deus, e em vozes muito altas, respondiam chorando:





– Procuradores fazemos os anjos do céu, para por nós louvarem o Senhor continuamente.

E saindo então todos das casas com muitos bailos e festas, se iam oferecer ao templo do Quiay Fanarel, deus dos alegres, com ofertas de cheiros suaves, e os mais pobres com galinhas, e frutas, e arroz para os sacerdotes comerem.

E nesse mesmo dia deu o rei novo vista de si por toda a cidade com grande aparato, pela qual causa se fizeram grandes alegrias em todo o povo. E porquanto o rei fosse menino de nove anos somente, ordenaram os vinte e quatro bracalões do governo que a rainha sua mãe fosse tutora e sua aia, e presidente sobre todos os que governavam. Correndo esse negócio assim dessa forma, por tempo de quatro meses e meio em que tudo esteve quieto, e sem alvoroço nem alteração alguma, a rainha veio a parir um filho do seu comprador, a qual, afrontada pela má presunção que se tinha dela, assentou consigo satisfazer o seu desejo, que era casar-se com o pai desse novo filho, pelo grande amor que lhe tinha, e para isso determinou matar o reizinho que era seu filho legítimo, para trespassar a herança ao adúltero.

E depois de inventar para efeito disso muitas diferenças de maldades nunca ouvidas, nem imaginadas, de que aqui não trato porque hei medo de as contar, enfim veio a fingir que o grande amor que tinha ao reizinho seu filho lhe fazia ter grandes ciúmes da sua vida. E um dia, tendo juntos todos os do seu conselho, lhes disse que já que não tinha mais que aquela só pérola encastada no seu coração, não queria que por algum desastre se lhe viesse a desarreigar do peito onde a trazia metida, pelo que lhe parecia bem, tanto para se ela aquietar desses receios como pelos males que o descuido em semelhantes casos costumava causar, que houvesse guarda no paço, e na pessoa de El-Rei.

Esse negócio foi logo tratado no conselho, e como a causa em si não parecia mal, lhe foi concedida. A rainha, vendo que lhe



ia sucedendo bem o seu desígnio, buscou logo para isso a gente mais conveniente ao seu danado propósito, e em quem ela tinha mais confiança, e fez uma guarda de dois mil homens a pé, e de quinhentos a cavalo, fora a ordinária da casa, que era de seiscentos cauchins e léquios, da qual fez capitão um primo daquele de quem tinha parido, chamado Tileubacus, para, com o favor deste, ficar mais senhora do que pretendia e poder melhor efetuar o seu desejo.

E confiada nessa grande força que já tinha por si, começou a se vingar de alguns grandes do reino, porque sabia que a não tinham na conta que ela queria. E os primeiros de que lançou mão foram dois dos deputados daquele governo, que se chamavam Pinamonteu e Comprinvão, afirmando deles que se carteavam com o rei do Chimmay, para por suas terras lhe darem entrada no reino, e sob cor de justiça os mandou matar a ambos e confiscar-lhes os estados, um dos quais deu ao seu amigo, e o outro a um seu cunhado, que segundo se dizia, fora ferreiro.

E porque a execução dessa justiça foi feita com sobeja pressa e sem prova nenhuma, foi repreendida pela maior parte dos senhores do reino, trazendo-lhe à memória o merecimento dos mortos, e as qualidades de suas pessoas, e a nobreza e antiguidade do seu real sangue, o qual por linha direta descendia dos reis de Sião. Porém ela nenhum caso fez disso, antes fingindo logo ao outro dia que estava mal-disposta, renunciou no conselho à presidência que ela ali tinha, no Ucunchenirat, que era o seu amigo, para que assim pudesse ficar sendo senhor sobre todos os outros, e distribuir livremente as coisas do reino por aqueles que quisessem ser da sua parte, e assim pudesse mais a seu salvo usurpar o cetro daquela coroa e fazer-se senhor absoluto do império Sornau, que rendia doze contos de ouro, fora o que podia dar, que era quase outro tanto.



De maneira que ela pôs tanto da sua parte para fazer o seu amigo rei, e casar-se com ele, e fazer o filho que havia entre ambos sucessor da coroa desse império Sornau, que dentro de oito meses que a fortuna lhe foi favorável, com as esperanças que tinha de mais longe cumprir seu desejo, matou todos os senhores do reino e lhes confiscou os estados, e bens, e tesouros para sua pessoa, de que fazia mercê a outros que novamente criava para os ter da sua parte.

E como o reizinho era o principal impedimento disso que ela pretendia, nem esse escapou a essa sua desatinada fúria, porque também o matou com peçonha.

E feito isso, se casou com o Ucunchenirat, que fora seu comprador, e o fez levantar como rei nessa cidade, aos onze dias de novembro do ano de 1545. E aos dois dias de janeiro do ano seguinte de 1546, foram ambos mortos pelo oiá Passiloco e pelo rei de Camboja, em um certo banquete que esses príncipes deram em um templo a que chamavam Quiay Figrau, deus dos átomos do Sol, cuja invocação se celebrava naquele dia. E pela morte tanto desses dois como de todos os mais da sua parte, que também mataram com eles, ficou tudo quieto, pacífico e sem prejuízo dos povos do reino, ainda que ficasse sem nobreza nenhuma da que costumava haver nele, porque já a esse tempo toda era morta, pelos sucessos e modos de que atrás tenho tratado.





CLXXXV

COMO O REI DO BRAMÁ EMPREENDEU
TOMAR ESTE REINO SIÃO, E DO QUE PASSOU
ATÉ CHEGAR À CIDADE DE ODIÁ

Porquanto nesse tempo, depois da morte dessa má rainha e do seu amigo, ficasse esse império sem herdeiro nem sucessor a que por linha direta pertencesse a coroa dele, ordenaram esses dois senhores, o oiá Passiloco e o rei de Camboja (que nesse tempo não era ainda mais que duque) com mais outros quatro ou cinco que ainda havia dos leais, que fosse rei um religioso chamado Pretiem, porque era irmão bastardo do rei morto, marido que fora daquela má rainha, o qual havia trinta anos que estava metido em religião, com talagrepo de um pagode a que chamavam Quiay Mitreu.

E assentados nesse parecer, o oiá Passiloco o foi buscar logo ao outro dia seguinte, e o trouxe consigo, o qual entrou na cidade aos sete de janeiro, e aos nove foi levantado como rei, com uma nova cerimônia de honra e estado assaz grandioso, de que não curo aqui de dar conta, por me parecer escusado e algum tanto prolixo, e por ter algumas vezes tratado de algumas coisas semelhantes a essas.

E deixando também de parte tudo o que mais sucedeu neste reino siame, direi somente o em que pararam essas coisas todas, que aos curiosos cuido que não deixará de dar gosto.

Sendo informado o rei do Bramá, que nesse tempo reinava tiranicamente em Pegu, do triste estado em que estava esse império Sornau, e como todos os grandes dele eram mortos por causa dos



sucessos atrás contados, e que o novo rei era homem religioso, sem ter nenhum conhecimento das coisas da guerra, nem prática alguma das armas, e de sua natureza pusilânime, e sobretudo muito tirano e malquisto do povo, tomando conselho com os seus na cidade de Anapleu onde então residia, sobre essa tão importante empresa, lhe disseram todos que por nenhum caso a deixasse, visto ser aquele um reino dos melhores do mundo, tanto em riqueza como em abundância de todas as coisas, e o favor que então tinha do tempo e da conjunção, lho estavam prometendo tão barato que, segundo parecia, não lhe podia custar mais tomá-lo, que o rendimento de um ano, por muito que quisesse despender dos seus tesouros, e que tomando-o, ficava sendo ele monarca dos imperadores do mundo, e com a honra daquele supremo título de senhor do elefante branco, pela qual causa necessariamente lhe haviam de obedecer todos os dezessete reis do Capimper que nele professavam as leis das suas verdades; e por suas terras, e com suas ajudas, podia passar em dez ou doze dias à China, onde se tinha por certo que estava aquela grande cidade de Pequim, pérola sem preço em todo o mundo, e sobre a qual o grande tártaro, e o Siammom, e o calaminhã, tantas vezes se tinham posto em campo com grossíssimos exércitos.

Ouvindo o rei do Bramá todas essas razões e outras muitas que os seus lhe deram nesse conselho, pondo-lhe sempre em todas, diante, o interesse, que é uma força a que ninguém se defende, se determinou em tomar essa empresa que os seus lhe aconselhavam. E, para efeito disso, se passou a Martavão, onde em tempo de dois meses e meio juntou um campo de oitocentos mil homens, em que havia cem mil estrangeiros, dos quais mil eram portugueses, de que era Capitão Diogo Soares de Albergaria que por alcunha se chamava o *Galego*, o qual fora desse reino para a Índia, no ano de 1538, na armada em que foi o Vice-Rei D. Garcia de Noronha na nau *Junco* de que era Capitão João de Sepúlveda, de



Évora, que ia provido em capitão de Sofala, o qual Diogo Soares, já nesse tempo, que foi no ano de 1548, tinha desse rei bramá duzentos mil cruzados de renda, com título de seu irmão e governador do reino de Pegu.

El-Rei se partiu dessa cidade de Martavão um dia de Pascoela, aos sete dias do mês de abril do ano de 1548, com esse campo de oitocentos mil homens, dos quais só quarenta mil eram a cavalo e todos os mais a pé, em que entravam sessenta mil arcabuzeiros, e levava cinco mil elefantes de dente, que são os com que nessas partes se peleja, e quase outros tantos em que ia a bagagem, e mil peças de artilharia que, a revezes, levavam quatro mil juntas de búfalos e badas, fora outras tantas de bois, em que iam os mantimentos. E dessa maneira caminhou tanto até que entrou pela terra de El-Rei de Sião. E havendo já cinco dias que caminhava por ela, chegou a uma fortaleza a que chamavam Tapurau, em que havia perto de dois mil vizinhos, de que era capitão um mogor, de nome Coge Tarão, homem esforçado e muito ardiloso na guerra.

E pondo-lhe o rei bramá cerco, lhe deu três assaltos à escala vista, acometendo-a toda em roda com muitas escadas que já para isso trazia, e não a podendo entrar daquela vez, pela grande resistência que achou nos de dentro, se foi retirando para a parte do rio onde, por conselho de Diogo Soares, que era general do campo e por quem se ele governava, a bateu com quarenta peças de artilharia grossa, de que a maior parte atirava ferro coado, e derrubando-lhe um lanço de muro de doze braças, a acometeu com dez mil estrangeiros, em que entravam muitos turcos, abexins, mouros, malabares, e os mais achéns, jaus, e malaios, e, travando-se entre uns e outros uma áspera briga, em espaço de quase meia hora, os de dentro, que eram seis mil siames, foram todos consumidos, sem nenhum deles se querer entregar, e o bramá perdeu, dos seus, quase três mil, de que mostrou sentimento. E para se satisfazer



desse dano, mandou meter à espada todas as mulheres, o que pareceu uma muito grande crueldade.

E partindo-se daqui para a cidade do Sacotay, que estava dali a nove léguas, desejoso de se satisfazer nela mais à sua vontade, chegou à vista dela um sábado quase sol-posto, e se alojou ao longo do Rio Leibrau (que é um dos três que saem do Lago do Chiammay, do qual já atrás tenho feito menção), com o propósito de fazer por aquela parte seu caminho para a cidade de Odiá, que é a metrópole do império Sornau, onde tinha por novas que o novo rei então estava, e que se fazia prestes para pelejar com ele no campo; com a qual nova, o rei bramá foi aconselhado a que por nenhum caso se detivesse em lugar nenhum, tanto para não gastar o tempo como para se não desfazer do poder que levava, visto estar já toda a terra amotinada, e as forças que se pretendiam tomar, tão fortificadas, que seria possível deter-se tanto nelas e custarem-lhe tão caro que quando chegasse a Odiá levaria a maior parte da gente consumida e os mantimentos de todo gastos.

O que, parecendo bem a El-Rei, se partiu logo ao outro dia, e fez seu caminho por matos muito espessos, em que os setenta mil gastadores que também levava passaram assaz de trabalho em lhe aparelhar as estradas. E chegando a um lugar a que chamavam Tilau, que é nas costas de Juncalão, para a parte do sudoeste, junto do reino Quedá, a cento e quarenta léguas de Malaca, tomou a cidade de Juropisão, cujo capitão lha entregou a partido; e levando já daqui guias que sabiam a terra, em mais nove dias de caminho chegou à vista da cidade de Odiá, sobre a qual assentou seu campo, e o cercou de trincheiras e valos muito fortes.

COMO EL-REI DO BRAMÁ DEU O PRIMEIRO ASSALTO
A ESTA CIDADE DE ODIÁ, E DO SUCESSO DELE

Havendo já cinco dias que El-Rei do Bramá era chegado a esta cidade, em todos eles houve assaz de trabalho, tanto no preparar das trincheiras e valos como em prover às mais coisas necessárias a esse cerco, e em todo esse tempo nunca os de dentro fizeram de si nenhum movimento. O que, vendo o general do campo Diogo Soares, e a pouca conta que os siames faziam de tamanho poder como ali era vindo, não sabendo a que o atribuísse, determinou de efetuar o para que ali era vindo, e para isso, da maior parte da gente estrangeira, que podiam ser oitenta mil homens, fez dois esquadrões separados por si, em cada um dos quais havia oito batalhas de cinco mil homens cada um. E com eles se foi marchando ao som dos seus instrumentos para as duas pontas que a cidade fazia para a banda do sul, por lhe parecer entrada por ali mais fácil.

E arremetendo uma hora antemanhã (que foi aos dezenove dias de junho, do mesmo ano de 1548) com todo esse poder, aos muros, lhes arvoraram mais de mil escadas. E subindo por elas acima, os de dentro lhes resistiram com tanto esforço que em menos de meia hora de uns e outros morreram mais de dez mil.

El-Rei, que esse tempo andava esforçando os seus, vendo o mau sucesso daquele acometimento, mandou retirar estes e de novo tornou a acometer o muro com a força dos cinco mil elefantes da guerra que trazia, postos em vinte companhias, de duzentos e

cinquenta cada companhia, nos quais iam vinte moéns, e chaleus, gente muito escolhida, e que tem as pagas dobradas. E dando essa força bruta assim toda junta, em todo o comprimento do muro, que seria mais de três tiros de besta, o acometeu com um ímpeto tão espantoso que quase faltam palavras para o encarecerem, porque como todos levavam castelos de que atiravam mosquetes, e lagartixas de bronze, e muita quantidade de espingardões de dez, doze palmos de comprimento, fez essa munição de fogo tamanho estrago nos defensores que em menos de três credos a maior parte deles foi derrubada em baixo, e pondo os elefantes as trombas nos padeses que serviam de ameias, com que os de dentro se emparedavam, os desfizeram a todos de tal maneira que nenhum deles ficou inteiro, pela qual causa o muro ficou tão desamparado dessa defesa que fazia aos seus, que nenhum deles ousava tornar a subir acima, com o que a entrada ficou mais fácil aos de fora, os quais, vendo esse bom sucesso, querendo-se aproveitar da ocasião que tinham presente, tornaram a arvorar as escadas que tinham deixado, e subiram por elas acima sem contradição alguma, e arvoraram no muro com grande estrondo de gritas, uma grande soma de guiões e bandeiras, em sinal de vitória.

E querendo-se os turcos mostrar nisso mais à parte que os outros todos, pediram de mercê a El-Rei que lhes desse a dianteira, a qual lhes ele deu levemente, por conselho de Diogo Soares, que, desejoso de os ver apoucados, lhes dava sempre esses lugares mais perigosos. Eles contentes e assaz ufanas por essa mercê ser feita a eles mais que a outra nenhuma nação, das muitas que havia naquele arraial, se determinaram em sair com sua honra daquilo que tinham pedido a El-Rei. E formando um esquadrão de mil e duzentos, em que entravam alguns abexins, e janízaros, subiram com grande grita pelas escadas acima, ao muro que já nesse tempo estava, como disse, pelo rei do Bramá, e tinha muita gente em cima. E esses turcos, ou por mais atrevidos ou por mais mofinos,



correndo pelo lanço do muro adiante, se desceram por um baluarte abaixo ao terreiro de dentro com fundamento de abrirem uma porta que nele estava por onde El-Rei entrasse, para que com verdade pudessem dizer que eles só foram os que lhe deram a cidade principal do reino Sião, e ganhassem o prêmio que daí se esperava, porque El-Rei tinha já antes prometido dar a quem lhe desse essa cidade mil biças de ouro, que na valia da nossa moeda são quinhentos mil cruzados.

Sendo os turcos descidos todos embaixo no terreiro, ordenaram de quebrar as portas com duas vigas ferradas que já para isso levavam, e, estando ocupados no efetuar dessa obra, confiados em que eles só haviam de ser os que ganhassem as mil biças de ouro que El-Rei tinha prometido a quem lhe abrisse as portas, deram neles três mil jaus amoucos, tão determinadamente que em pouco mais de três credos nem um só turco ficou em pé, e não contentes com isso, subindo logo acima ao muro com aquele fervor com que estavam, como todos iam encarniçados e cheios do sangue dos turcos que deixavam mortos, deram na gente do bramá que estava em cima tanto sem medo que nenhum ousou lhes mostrar o rosto direito, de maneira que os que melhor então se livraram, foram os que se arremessaram embaixo.

Não foi isso parte para que o rei bramá quisesse então desistir daquele assalto, mas, querendo-o intentar de novo, parecendo-lhe que os elefantes por si só bastavam para lhe fazer livre aquela entrada, se foi outra vez chegando para o muro.

Ao rebate disso, o oiá Passiloco, capitão-general da cidade, acudiu com muita pressa para aquela parte, acompanhado de quinze mil homens que trazia consigo, de que a maior parte eram lusões, bornéus, e champás, com alguma mistura de menancabos, e mandou abrir as portas por onde o bramá pretendia fazer a entrada, e lhe mandou dizer que ele tinha ouvido que sua alteza prometera dar mil biças de ouro a quem lhe abrisse aquelas portas, e que ele





lhas tinha já abertas, que podia entrar cada vez que quisesse, contanto que cumprisse com ele a sua palavra, como rei grandioso que era, com lhe mandar as mil biças, porque estava esperando ali por elas para as receber.

O rei bramá, entendendo a zombaria desse recado, não lhe quis responder, mostrando que não fazia caso do oiá Passiloco, e mandou apertar o assalto com muita fúria, pelo que a briga se acendeu entre uns e outros de tal maneira que era coisa medonha de ver, e com esse ímpeto e força durou mais de três horas, no qual tempo as portas ambas foram quebradas, e a cidade por duas vezes entrada, o que vendo o novo rei de Sião, e havendo que já tudo estava quase perdido, acudiu muito depressa com toda a gente que tinha consigo, que seriam quase trinta mil homens, dos melhores que havia em toda a cidade, com cuja vinda se acendeu a briga muito mais do que antes era, por outro espaço de mais de meia hora, da qual confesso que não me atrevo a saber dizer como se passou, porque pela terra corriam rios de sangue, o ar ardia em fogo vivo, a grita e a revolta era tamanha que a terra parecia que se fundia, o desentoamento e a dissonância dos bárbaros instrumentos, dos apupos, dos sinos, dos tambores e sestros, o estrondo da artilharia e espingarda ria, os urros dos cinco mil elefantes metiam tamanho medo que quase faziam perder o sentido, e o terreiro da banda de dentro da cidade (que já estava pelo bramá) coberto todo de corpos mortos, e com rios de sangue por todas as partes, era um tão horrendo espetáculo que só a vista dele nos trazia tão pasmados que andávamos como fora de nós.

Porém, vendo então Diogo Soares o terreiro outra vez perdido, e muita parte dos elefantes feridos, e os outros tão amedrontados pela artilharia, que já por nenhum caso queriam tornar ao muro, e a melhor gente daquela com que acometera essa entrada já toda morta, e o Sol já quase posto, se chegou a El-Rei e lhe pediu que se retirasse para fora do muro, o que ele carregadamente lhe



concedeu por o ver muito ferido, tanto ele como os mais dos portugueses que estavam com ele, porém com determinação de logo ao outro dia tornar a entender no que por então deixava.

COMO SE DEU O DERRADEIRO ASSALTO,
E O SUCESSO DELE

Recolhido El-Rei para a sua estância, se achou ferido de uma frechada que houvera na briga daquele dia, que até então com o fervor não tinha sentido, pelo que não pôde haver efeito a determinação que tinha de dar ao outro dia outro assalto, porque lhe foi forçoso estar doze dias na cama. Porém, passados dezessete dias, dentro dos quais ele foi são de todo, tentou logo tornar a prosseguir seu intento e efetuar o que tinha determinado, que era não levantar aquele cerco enquanto não fosse senhor da cidade, ainda que nisso se aventurasse a perder a vida e o estado, e lhe deu logo outro assalto quase ao mesmo modo do primeiro, do qual também se retirou com muita perda da sua gente, com o que se acendeu mais nele o furor, e se lhe acrescentou a contumácia, sem o espantarem os muitos que já tinha perdido, dos seus, e com isso deu mais outros cinco assaltos também à escala vista, com uma muito grande quantidade de escadas, e muitos ardis de guerra que um grego engenheiro cada dia lhe inventava, mas de todos se retirou sempre com perda de muitos dos seus, de que mostrava andar muito enfadado, remocando por algumas vezes ter-se arrependido disso que empreendera.

Nesse tempo, havendo já quatro meses e meio que durava esse cerco, mandou fazer resenha geral da sua gente, e achou que tinha perdido cento e quarenta mil homens, de que a maior parte fora de doença. E vendo o estado em que estava, determinou por

fim de tudo dar outro assalto por outra maneira nova, que era já o oitavo de todo esse cerco, e tudo isso fez por parecer dos seus, os quais aconselharam que assaltasse a cidade de noite, apontando-lhe para isso algumas razões com que a esse tempo lhe ficaria o assalto menos perigoso e a subida dos muros mais fácil. E com essa determinação mandou logo com muita pressa fazer prestes tudo o que era necessário para o efeito disso, e em dezessete dias foram feitos vinte e cinco castelos de vigas muito fortes, armado cada um deles sobre vinte e seis rodas de ferro, com mais de cem molinetes que laboravam por baixo, pelo que ficava fácil o movimento de tamanho peso; e cada um desses castelos era de dez braças de largo, e treze de comprido, e cinco de alto, forrados de muitas sobrevigas guarneçadas de pastas de chumbo, os quais todos iam cheios de lenha, e cada um deles na face dianteira levava seis cadeias de ferro muito compridas, por respeito do fogo. Por esses castelos atiravam os gastadores, ao som de muitos tambores e sinos, cujo espantoso e mal concertado estrondo fazia tremer as carnes.

E numa sexta-feira à meia-noite escura, chuvosa, e mal-assombrada, o rei bramá mandou disparar por três vezes toda a artilharia do campo, que, como cuidou que já disse, eram cento e sessenta peças grossas, de que a maior parte lançava ferro coado, e outra muito miúda de falcões, berços, cães, e mosquetes, que passavam de mil e quinhentas, a qual, disparando três vezes toda juntamente, fez um tão horrendo e medonho terremoto, que com verdade me parece que posso dizer que só no Inferno pode haver coisa semelhante a essa, mas na terra não, porque por muito que o entendimento disso imagine, fica sendo nada em comparação com o que realmente se passou, porque nesse tempo não somente atiravam essas peças de artilharia grossa e miúda que tenho dito, mas juntamente com ela disparavam também todos os tiros de fogo quantos havia, de dentro e de fora, de qualquer qualidade



que fossem, que seriam quase cem mil, por todos, porque esse bramá, como já disse, tinha sessenta mil espingardeiros, e na cidade havia mais de trinta mil, fora sete ou oito mil falcões, e berços, e roqueiros de ferro,

Pois ver, como digo, tudo isso disparar por espaço de mais de três horas contínuas, juntamente com os trovões, com os relâmpagos e com a tempestade da noite, era coisa nunca vista, nem ouvida, nem lida, nem imaginada, e quase para se não crer, de maneira que toda a gente andava nesse tempo como fora de si, uns arremessando-se com os peitos em terra, outros metendo-se em covas, outros escondendo-se por detrás das paredes, outros em poços, outros em tanques, e outros mergulhados no rio com receio da multidão dos pelouros que eram tão bastos que algumas vezes se quebravam no ar uns contra os outros,

Na maior força dessa bravíssima, horrendíssima, e ardentíssima tormenta, se deu fogo aos vinte e cinco castelos, que já a esse tempo estavam chegados ao muro, com o que a braveza desse elemento, ajudada pela força do vento, que então era grande, pegando na grande soma de barris de alcatrão que achou junto consigo, causou de novo um tão espantoso inferno (que esse nome se lhe pode pôr somente, porque não há coisa na terra com que com razão se possa comparar) que até os que estavam de fora pasmavam de medo, quanto mais aqueles a quem era forçoso esperar a força dele. E com isso se travou por todas as partes cruel e sanguinolenta briga.

Os de fora intentaram logo subir por força pelas escadas acima; porém os de dentro, que não estavam menos apercebidos de todas as coisas, lho defenderam com um tamanho esforço que quase todos, tanto uns como outros, estiveram algumas vezes de todo perdidos. Porque como a gente se renovava muitas vezes em ambas as partes, e a contumácia do rei bramá era grandíssima, andando ele mesmo em pessoa no meio dos seus animando-os com muitas



palavras e com promessas de muitas mercês, a coisa foi em tanto crescimento que, por não me atrever a dizer ao menos parte do que aqui se passou, deixo ao entendimento de cada um imaginar o que podia ser.

Passadas mais de quatro horas depois da meia-noite, sendo então já os castelos de todo queimados e rasos com o chão, com um brasido tão bravo que a tiro de pedra não havia quem o pudesse suportar, o rei bramá mandou retirar os seus, a requerimento dos capitães da gente estrangeira, por terem todos a maior parte dela ferida, na cura da qual houve bem que fazer todo o dia seguinte e parte da noite.



COMO O REI BRAMÁ LEVANTOU ESTE CERCO, POR
NOVAS QUE LHE VIERAM DE UM LEVANTAMENTO
QUE HOUVERA NO REINO DE PEGU,
E DO QUE SOBRE ISSO FEZ

Vendo esse rei bramá que nem as baterias da artilharia que tinha dado à cidade, nem os assaltos à escala vista, com tanta força de gente, nem aquela invenção dos castelos acompanhados de tantos artifícios de fogo, em que ele tivera tamanha confiança, lhe tinham aproveitado para ele efetuar o que tanto desejara, desejoso ainda de não desistir dessa empresa que tinha entre as mãos, chamou a conselho geral todos os capitães, e bainhás, e príncipes, e senhores que havia no exército, e propondo perante todos o seu intento e desejo lhes pediu que lhe dessem nisso seus pareceres.

E depois de ser o negócio bem consultado e altercado entre eles, por fim vieram todos a concluir que por nenhum caso se desistisse do cerco, visto ser aquela empresa a mais honrosa e a mais proveitosa de quantas então se lhe pudessem oferecer, e o muito cabedal que se tinha metido nela, e que se continuasse com os assaltos, sem se levantar mão deles até de todo se destruírem os inimigos, porque claro estava, segundo o que deles tinham sabido, que não tinham já poder que bastasse para resistir a qualquer pequena força que se lhes fizesse.

El-Rei, assaz contente com o que eles nisso assentaram, por quão conforme era com o seu desejo, lho agradeceu muito, e lhes fez de novo muitas mercês de dinheiro, e lhes jurou ali que se





tomasse a cidade, os faria a todos senhores do reino, com títulos de muita honra, acompanhados de grandes rendas e estados.

Tomada essa resolução, se tratou logo do modo com que se isso havia de fazer, e, por conselho de Diogo Soares e do engenheiro, se assentou que se viesse criando uma serra de grandes entulhos de terra e faxina que sobrelevasse por cima dos muros, e que dela, com toda a artilharia se batessem as partes principais da cidade, pois só nelas estava a defesa dos inimigos, para o que, com muita presteza se deu logo todo o aviamento necessário. E trabalhando nessa obra os sessenta mil gastadores que havia no campo, em doze dias puseram essa serra no estado que convinha ao intento de El-Rei.

E tendo já assestadas nela quarenta peças de artilharia grossa numa trincheira de doze bastiões ao modo turquesco, para ao outro dia se bater a cidade, chegou um correio com cartas a El-Rei, do Chauseró, senhor de Mouchão, em que lhe dizia que no reino de Pegu se levantara o xemindó e matara quinze mil bramás, e tomara as principais forças dele, a qual nova fez em El-Rei tamanho abalo, que logo sem fazer mais nenhuma detença levantou o cerco e se retirou para uma ribeira a que chamavam Pacarou, na qual não se deteve mais que aquela noite e o outro dia seguinte, em que recolheu a artilharia e as munições. E fazendo pôr o fogo a todas as trincheiras e estâncias do arraial, se partiu para a cidade de Martavão, uma terça-feira, aos cinco dias de outubro do ano de 1548; e, caminhando apressadamente por suas jornadas, em dezessete dias chegou a ela, onde mais largamente foi informado pelo Chalagonim, seu capitão, de tudo o que era passado no reino, e do modo que o xemindó tivera em se fazer rei e tomar-lhe o tesouro, com morte dos quinze mil bramás; e nas cidades de Digum, Surião, Dalá, até Danaplu, tinha alojados quinhentos mil homens, com tenção de lhe impedir, com eles, a entrada no reino, com a qual nova o rei bramá se achou muito embaraçado,





e, parafusando consigo no modo que teria para remediar essa desventura que tinha por diante, se deixou estar ali em Martavão mais alguns dias, esperando pelo restante da sua gente que vinha atrás, com o propósito de, logo que chegasse, ir buscar esse inimigo e averiguar-se com ele, em batalha campal. E em só doze dias aqui se deteve, lhe fugiram, de quatrocentos mil homens que aqui tinha consigo, cento e vinte mil, porque como todos eram pegus, e todos desejavam se verem livres da sujeição dos bramás, e o xemindó, novo rei, era pegu como eles e, de condição, muito grandioso e liberal em lhes fazer muitas mercês, fora as pagas ordinárias dos seus soldos, e além disso era manso e afável para os seus, e tão bem inclinado e largo para todos, que nenhuma coisa lhe pediam que logo a não concedesse, com isso tinha ganho tanto as vontades de todos, que nenhum havia que se não passasse para ele.

E temendo o rei bramá que essa falta que agora tinha da sua gente fosse cada dia mais em crescimento, foi aconselhado pelos seus a que não se detivesse ali mais um só dia, porque entendido estava que quanto mais ali esperasse, tanto mais se lhe havia de diminuir o poder que tinha, pois a maior parte da sua gente, ou quase toda, era pegua, que lhe havia de ser muito pouco fiel.

A El-Rei lhe pareceu bem esse conselho, e se partiu logo para Pegu, onde teve por novas que o xemindó o estava esperando, o qual, sendo avisado da vinda de El-Rei, também se fez prestes para o esperar, e chegados à vista um do outro, assentaram ambos os seus arraiais num campo muito grande a que chamavam Machão, a duas léguas da cidade de Pegu, o xemindó com seiscentos mil homens, e o bramá com trezentos e cinquenta mil.

Ao outro dia pela manhã, pondo-se esses dois exércitos na ordenança que convinha para a tenção de um e do outro, vieram a juntar-se uma quinta-feira, aos vinte e seis dias do mês de novembro do mesmo ano de 1548, às seis horas da manhã. E vindo

a rompimento de batalha, ela foi pelejada tanto sem medo de ambas as partes, que por espaço de pouco mais de três horas o exército do xemindó foi desbaratado, com morte de trezentos mil dos seus, e ele fugiu com seis a cavalo para uma fortaleza a que chamavam Batelor, na qual, em uma só hora que nela esteve, se proveu de uma pequena embarcação, em que naquela noite fugiu pelo Rio de Ansedá acima.

Porém deixemo-lo agora ir, que a seu tempo tornaremos a ele, e tornemo-nos ao bramá, que estava assaz contente com a vitória que alcançara, o qual logo ao outro dia pela manhã veio marchando para a cidade de Pegu, que estava dali a duas léguas, como atrás disse, a qual se lhe entregou com lhe ficarem salvas as vidas e as fazendas dos moradores, onde logo proveu em curar a gente ferida. E os que morreram na batalha, da parte do rei bramá, foram sessenta mil homens, nos quais entraram duzentos e oitenta portugueses, e todos os mais ficaram muito feridos.

DA MUITA FERTILIDADE DO REINO SIÃO,
E DE OUTRAS PARTICULARIDADES DELE

Porquanto até agora tratasse do sucesso que teve essa ida do rei do Bramá ao reino de Sião, e do levantamento do reino de Pegu, parece-me que não virá fora de propósito tratar aqui, ainda que brevemente, do sítio, grandeza, abastança, riqueza, e fertilidade que vi nesse reino de Sião e império Sornau, e quanto mais proveitoso nos fora tê-lo antes senhoreado, que tudo quanto temos na Índia, e com muito menos custo do que até agora nos tem feito.

Esse reino, como se pode ver no mapa, tem por sua graduação quase setecentas léguas de costa, e cento e sessenta na largura do sertão. A maior parte dele é de terras muito baixas, em que há muitas campinas lavradas, e rios de água doce, e por isso é muito fértil e abastada de mantimentos e de carnes. Nas partes altas tem arvoredos espessos de muita madeira de angelim, de que se podem fazer milhares de navios de toda a sorte. Têm muitas minas de prata, ferro, aço, chumbo, estanho, salitre e enxofre. Tem também muita seda, águila, benjoim, lacre, anil, roupas de algodão, rubis, safiras e ouro, e disso tudo muito grande quantidade. Nos matos da costa tem muito brasil, e pau-preto, de que todos os anos se carregam mais de cem juncos para a China, Ainão, Léquios, Camboja e Champá, e têm mais muita cera, mel, e açúcar. Rendiam ordinariamente nesse reino os direitos reais, cada ano doze contos de ouro, fora os serviços que lhe faziam os senhores



dele, que também é outra muito grande quantidade. Têm na jurisdição dos seus senhorios duas mil e seiscentas povoações a que eles chamam *produm*, que são como entre nós cidades e vilas, não tratando de aldeias pequenas, porque dessas não fazem caso, e a maior parte de todos esses povos não tem defesa nenhuma, mais que somente trincheiras de madeira, por onde muito facilmente os poderia senhorear qualquer pequena força que os acometesse. Os habitantes de todas essas povoações, além de por natureza serem gente muito fraca, não costumam ter armas defensivas.

A costa desse reino bebe em ambos os mares de norte e de sul, no da Índia por Junçalão e Tanauçarim, e no da China por Mopolocota, Cuy, Lugor, Chintabu e Berdio. A metrópole de todo este império é esta cidade de Odiá, de que até agora tenho tratado, e essa só é cercada de muros de taipa, e tijolos, e adobes. Afirmam alguns que tem dentro de si quatrocentos mil fogos, dos quais cem mil são de nações estrangeiras de muito diversas partes do mundo, porque como este reino é muito rico em si, e de grandíssimo trato para todas as províncias e ilhas da Jaoa, Balle, Madura, Anvenio, Bornéu e Solor, não há ano em que não naveguem de mil juncos para cima, fora outros navios pequenos, de que todos os rios e portos estão sempre ocupados.

O rei, por inclinação de sua natureza, não é nada tirano. As alfândegas de todo o reino são dedicadas por esmola a certos pagodes, por onde ficam sendo muito baratos os direitos que se pagam nelas, porque como eles não podem ter dinheiro, não pedem aos mercadores mais que aquilo que eles de boamente lhes querem dar, a modo de esmola. Têm doze seitas gentílicas, como os pegus. O rei se chama, por título supremo, Prechau saleu, que em nossa linguagem quer dizer “membro santo de Deus”. Não dá mostra de si ao povo, mais que só duas vezes no ano, mas de ambas o faz com muito grande majestade, tanto de riqueza, como de poder e grandeza. E conquanto seja esse que digo, reconhece superioridade



por via de vassalagem e tributo ao rei da China, para que com isso possa mandar os seus juncos ao porto de Comhay, onde fazem suas fazendas.

Há mais nesse reino muita pimenta, gengibre, canela, cânfora, pedra-ume, canafístula, tamarinho e cardamomo, em muito grande quantidade, de maneira que bem se pode dizer e afirmar com verdade o que já naquelas partes ouvi muitas vezes, que é este um dos melhores reinos que há em todo o mundo, e o mais fácil de tomar e de sustentar que outra qualquer província, por pequena que seja. E realmente afirmo que de coisas que vi nessa cidade de Odiá somente, poderia ainda contar muitas mais particularidades do que contei de todo o reino, mas deixo de o fazer para não causar aos que isto lerem a mágoa que eu tenho de ver o muito que por nossos pecados nessa parte perdemos, e o muito que poderíamos ganhar.

CXC

DO QUE MAIS SUCEDEU NO REINO DE PEGU
ATÉ A MORTE DO REI BRAMÁ,
E DEPOIS DELA

Tornando agora à história de que ia tratando: depois que o rei bramá houve em Pegu aquela grande vitória contra o xemindó, como atrás fica contado, com que ficou em posse pacífica de todo o reino, a primeira coisa em que entendeu foi em castigar os culpados no levantamento passado, em que cortou as cabeças a uma grande quantidade de homens nobres, e capitães, e senhores, e lhes confiscou todos os bens para a coroa, com o que, de ouro e prata somente, se afirmou que houvera passante de dez contos de ouro, fora a muita pedraria e baixelas ricas; onde, como então geralmente se dizia, pagaram muitos pelo pecado de um só.

E continuando El-Rei cada dia mais nessas crueldades e sem justiças que nuns e noutros executava, ao cabo de dois meses e meio em que se ocupava nisso foi certificado que a cidade de Martavão estava levantada, com morte de dois mil bramás, e o Chalagonim, capitão dela, se declarara pelo xemindó.

Mas para que a causa desse levantamento fique entendida pelos curiosos, antes que vá mais por diante, não deixarei de dizer brevemente que esse xemindó foi um religioso, pegu de nação, homem de geração nobre, e, segundo alguns deles afirmavam, muito parente do rei passado que esse bramá tinha morto havia doze anos, como atrás fica dito, o qual xemindó se nomeava antes por seu próprio nome Xoripam say, era de idade de quarenta e cinco anos, e de grandes espíritos, e tido na opinião de toda a gente



como homem santo, e era muito douto nos estatutos e preceitos das suas gentílicas seitas; e, com isso, tinha muitas partes boas que o faziam ser tão agradável aos ouvintes nos sermões que fazia que quando se subia no púlpito toda a gente se prostrava por terra, dizendo a cada palavra que ele soltava: “Pitarul axinão davocó Quiay Ampaleu”, que quer dizer: “Certo que Deus é o que fala por ti.”

Vendo-se pois esse xemindó tão acreditado com o povo, estimulado pelo seu natural esforço e pela ocasião que tinha presente, determinou de tentar sua fortuna, e ver até onde podia chegar com ela. E assim, no tempo em que o rei bramá foi sobre o reino de Sião e pôs cerco à cidade de Odiá, como atrás fica dito, pregando o xemindó então na varela do Conquiay de Pegu, que é como Sé de todas as outras, a um grande concurso de gente, lhe tratou com muitas palavras, da perdição daquele reino, da morte do seu rei natural, e dos grandes insultos, cruéis mortes e outros muitos males que os bramás tinham feito naquela nação pegua, com tanto desacatamento e ofensa de Deus que até as casas ricas, instituídas com as esmolos dos bons para templos de seu louvor, eram já por eles todas assoladas e postas por terra. E as que estavam mais bem tratadas, umas lhes serviam de estrebarias, e outras de monturos, e de lugares de suas imundícies. E prosseguindo a esse modo essa prática, disse tantas coisas, deu tantos suspiros e chorou tantas lágrimas, com o que fez tanta impressão no povo, que todo assim junto como estava o jurou logo ali como seu rei natural, e o nomeou como nome supremo sobre todos os outros, por xemindó, chamando-se ele antes Xoripansay.

Este, vendo-se levantado como rei, a primeira coisa que fez foi, com aquele ímpeto e fervor do povo, dar nas casas do rei bramá, onde estavam cinco mil bramás, e os meteu a todos à espada, sem a nenhum deles conservar a vida. E o mesmo fez depois a todos os outros que estavam alojados pelos lugares importantes do reino.



E com isso houve também à mão o tesouro de El-Rei, que não era pequeno. Assim que quantos bramás havia no reino, que eram quinze mil, foram todos mortos, fora as mulheres de todos eles. E as forças que estavam por eles foram tomadas e postas por terra, e em termo de só vinte e três dias o reino ficou todo pelo xemindó, e ele juntou quinhentos mil homens para pelejar com o campo do rei bramá, quando acudisse a esse levantamento, donde sucedeu o que atrás deixo contado.

E porque me pareceu que isso basta para declaração do que vou contando, me torno ao meu propósito.

Sendo (como eu já disse) esse rei bramá avisado do levantamento da cidade de Martavão, proveu logo com toda a presteza em mandar vir todos os senhores do reino, com a gente que cada um tinha de sua obrigação, e para isso lhes deu só quinze dias de termo, porque a necessidade não sofria maior demora, e ele logo ao outro dia se partiu aforrado dessa cidade de Pegu, para que os seus fizessem o mesmo, e se foi alojar em uma vila a que chamavam Mouchão, com fundamento de se deter ali todos os quinze dias de termo.

E havendo já seis ou sete que ali estava, foi avisado que o xemim de Satão, que era um capitão de uma cidade desse nome, que estava dali a cinco léguas, mandara em segredo uma grande soma de ouro ao xemindó, e lhe fizera menagem daquela cidade, com a qual nova o rei bramá ficou algum tanto embaraçado. E cuidando consigo no meio que teria para atalhar aquele mal que se lhe aparelhava, mandou chamar o xemim de Satão, que então estava na cidade de que era capitão, com o propósito de lhe mandar cortar a cabeça, o qual, deitando-se na cama e fingindo que estava doente, lhe respondeu que quando se pudesse levantar, ele iria logo; e suspeitando, como homem culpado, para que era mandado chamar, deu conta desse negócio a dez ou doze irmãos e parentes seus que ali tinha consigo, os quais assentaram todos que pois não havia



outro meio mais certo de se salvarem que matarem El-Rei, que logo sem mais detença o pusessem por obra. E juntando logo todos com muito segredo e pressa todos os seus apaniguados, sem lhes declararem para que era aquela junta, juntaram também outra alguma gente que trouxeram a si, com muitas promessas que lhes fizeram, e de todos juntos fizeram uma companhia de seiscentos homens.

E tendo por novas que El-Rei estava então aposentado nas casas de um pagode, deram nelas com muito ímpeto, em que a fortuna os favoreceu de tal maneira que o acharam ocupado em uma necessária, onde o mataram logo muito a seu salvo, e se foram retirando todos juntos para um terreiro que estava fora, no qual, porque já a esse tempo havia alvoroço na gente da guarda, e a traição era sentida pelos que vigiavam, tiveram uma grande briga por espaço de quase meia hora, em que morreram de ambas as partes, oitocentos homens, de que a maior parte foram bramás.

E retirando-se o xemim de Satão, com cerca de quatrocentos dos seus, se foi marchando para um lugar grande a que chamavam Poutel, onde logo veio para ele toda a gente daquela comarca, a qual, sabendo da morte do rei bramá, a quem todos tinham grandíssimo ódio, formou um grosso corpo de cinco mil homens, e se saiu em busca de três mil bramás que o rei ali trouxera consigo, os quais, já a esse tempo, andavam espalhados por muitas partes, como pasmados e fora de si, pelo que facilmente foram todos mortos naquele mesmo dia, sem a nenhum se conservar a vida, entre os quais foram também mortos oitenta portugueses, de trezentos que Diogo Soares ali tinha consigo, o qual com os mais que ficaram vivos se entregaram a partido, por não terem outro remédio, e se lhes outorgou a vida, com condição e juramento que lhes deram que dali por diante serviriam lealmente o xemim de Satão como a seu próprio rei.



Passados nove dias depois desse levantamento, vendo-se esse levantado favorecido pela fortuna, e com muita gente que já lhe tinha acudido de toda aquela comarca, que em cópia se dizia que passaria de trinta mil homens, se levantou como rei de Pegu, prometendo fazer muitas mercês aos que o seguissem até que de todo ganhasse o reino e lançasse os bramás fora dele.

E com isso se recolheu para uma fortaleza a que chamavam Tagalá, com determinação de se fazer nela forte, pelo temor que tinha da gente por quem o rei morto estava esperando, de que já havia novas que era abalada da cidade de Pegu.

De entre aqueles bramás que o xemim de Satão tinha morto escapou acaso um, o qual, ainda que muito ferido, se lançou ao rio, e passando a nado à outra parte, caminhou sem parar toda aquela noite e a outra seguinte, com medo dos pegus, e ao terceiro dia chegou a um campo a que chamavam Coutasarém, a pouco de mais de uma légua da cidade, no qual já achou o Chaumigrém, colação de El-Rei, alojado com um exército de cento e oitenta mil homens, dos quais só trinta mil eram bramás, e todos os mais eram pegus, e estava já de caminho para se partir quando quebrassem a força da calma, que poderia ser dali a duas horas, e lhe deu conta da morte de El-Rei, e de tudo o mais que era passado.

O Chaumigrém, ainda que ficasse assaz sobressaltado com aquela nova, todavia a dissimulou por então, com tanto esforço e prudência que ninguém enxergou nele turbação alguma, mas, vestindo-se com umas vestiduras ricas de cetim carmesim, bordadas de ouro, e com um colar de pedraria ao pescoço, mandou chamar todos os capitães e senhores daquele exército, e com semblante alegre lhes disse:

– Esse homem que agora vistes vir tão apressado me trouxe essa carta de El-Rei, meu senhor e vosso, que tenho na mão, e ainda que nela me dê algumas repreensões pelo descuido de nossa tardança, espero em Deus que muito cedo lhe hei-de dar razão



dela, e sua alteza nos ficará devendo a todos o serviço que nisso lhe fizemos. E também me avisa que tem por nova muito certa que o xemindó reforça o campo, com determinação de vir sobre Cosmim e Dalá, e senharear, pelo Rio de Digum e Meydó, toda a comarca de Danaplu até Ansedá, pelo que me manda que com toda a brevidade proveja logo esses lugares mais importantes, com força bastante para resistir ao inimigo, e que olhe que se não perca nada por meu descuido, porque me não há-de receber desculpa nenhuma.

Pelo que me parece bem e muito necessário ao seu serviço, que vós, senhor xemimbrum, vos vades logo sem esperardes mais um momento meter com a vossa gente dentro de Dalá, e vosso cunhado o bainhá Quem, com os seus quinze mil homens, em Digum, e o Capitão Gibray, e o Mompocasser com trinta mil em Ansedá e Danaplu, e o Ciguancão, com vinte mil homens, desde Xará até Malacou, e o Quiay Brazagarão com os seus irmãos, cunhados, e mais parentes, vá como fronteiro-mor sobre todos, com um campo de cinquenta mil homens, para com eles e com sua pessoa prover os lugares que tiverem necessidade. E disso que de sua parte vos certifico e requeiro, se faça assento em que todos assinemos, porque eu não quero que a minha cabeça só pague a vossa inadvertência ou o vosso descuido.

E esses capitães todos lhe obedeceram logo, e sem mais detença se partiram dali todos, cada um para onde lhe fora mandado. E com esse ardil tão sagaz e tão dissimulado, despediu de si todos os cento e cinquenta mil pegus, em espaço de pouco mais de três horas, por se temer que se lhes chegasse a nova da morte de El-Rei, dessem nos trinta mil bramás que ali tinha consigo, dos quais sabia certo que não haviam de deixar nenhum com vida.

E logo que a noite se cerrou, voltando sobre a cidade que podia ser dali a pouco mais de uma légua, recolheu muito depressa todo o tesouro do rei morto, que se afirmou que passava de trinta

contos de ouro, fora a pedraria que não tinha preço, e as mulheres e filhos da gente bramá, e as armas e munições que pôde levar. E a tudo o mais que havia nos armazéns, mandou pôr o fogo, e fez rebentar toda a artilharia miúda, e a grossa a que não pôde fazer o mesmo mandou cravar, e matou toda a força bruta de sete mil elefantes que havia na terra, sem deixar vivos mais que só dois mil em que levava toda a sua bagagem, e as munições, e o tesouro; e tudo o mais foi consumido pelo fogo, de tal maneira que nem dos paços em que havia casas cobertas de ouro, nem da ribeira com os armazéns e terecenas, em que havia duas mil embarcações de remo varadas em terra, ficou coisa que não fosse feita em cinza.

E feito isso se partiu com muita pressa uma hora antemanhã, e seguiu seu caminho para o Tangu, que era a sua própria pátria donde tinham saído havia catorze anos, a conquistar esse reino pegu, e distava dali, pelo sertão dentro, cento e sessenta léguas. E como o medo costuma dar asas aos pés, este os fez caminhar com tanta pressa que em quinze dias chegaram ao lugar para onde iam.

Passados dois dias disso que tenho contado, souberam os cento e cinquenta mil pegus que o rei bramá era morto, e como eram inimicíssimos dessa nação, fazendo-se os cento e vinte mil num corpo, voltaram muito depressa em busca dos trinta mil bramás, e quando chegaram à cidade havia três dias que eram partidos. E seguindo-os com toda a pressa que puderam, chegaram até um lugar a que chamavam Guinacoutel, a quarenta léguas adiante, onde acharam novas que havia cinco dias que eram passados; pelo que, desesperando de efetuarem seu desejo, que era fazê-las a todos em postas, se tornaram para donde tinham partido.

E tomando conselho sobre o que fariam de si, assentaram que pois não havia rei natural, e a terra estava já despejada da gente bramá, se passassem para o xemim de Satão, e assim o fizeram logo, o qual os recebeu com muito alvoroço e contentamento, e lhes prometeu muitas mercês e muitas honras, e acrescentamentos

no reino logo que o tempo desse de si mais quietação. E com isso se partiu logo para a cidade de Pegu, onde dos moradores dela foi recebido com triunfo de rei, e coroado como tal, na varela do Conquay, que é como Sé de todas as outras.

CXCI

DO QUE SUCEDEU NO TEMPO DESTA REI XEMIM DE SATÃO, E DE UM CASO ABOMINÁVEL QUE ACONTECEU A DIOGO SOARES

Havendo já três meses e nove dias que esse tirano xemim estava pacífico rei nesta cidade e reino de Pegu, e sem receio nem contradição de pessoa alguma, começou a distribuir indevidamente, e a fazer mercê a quem queria, dos bens que eram da coroa, donde resultaram grandes escândalos, que foram causa de haver muitas brigas e discordâncias entre muitos senhores, os quais, por essa razão e pouca justiça que o tirano tinha no que fazia, se foram para diversas terras e reinos estranhos, e outros se passaram para o xemindó, o qual já neste tempo começava a ter algum certo nome, porque, depois de fugido da batalha passada, com seis a cavalo, como atrás disse, foi ter ao reino de Ansedá, onde, pela eficácia dos seus sermões e pela autoridade de sua pessoa, atraiu a si uma grande quantidade de gente; e com o favor e ajuda desses senhores que se passaram para ele, juntou um corpo de sessenta mil homens, com os quais se foi chegando para o Meidó, onde dos naturais da terra foi bem recebido.

E deixando agora de tratar do mais que aqui nesta terra fez em quatro meses que nela esteve, de que se tratará a seu tempo, me passarei a um estranho caso que nestes breves dias aconteceu nesta cidade, para que se saiba em que parou a prosperidade do grande Diogo Soares, governador que foi deste reino Pegu, e o galardão que o mundo por fim costuma dar a todos os que o servem e que se fiam nele, por mais boas venturas que lhes mostre no começo.



Havia nesta cidade de Pegu um mercador chamado Mambogoá, homem rico e de nome na terra, o qual, em tempo do rei bramá passado, quando Diogo Soares estava na maior força do seu mando e valia, com título de irmão de El-Rei, e supremo em todo o governo sobre todos os príncipes e senhores do reino, veio a tratar de casar uma filha que tinha com um mancebo, filho de outro mercador honrado e também muito rico, que se chamava Manicamandarim. E concertados os pais dos noivos nos dotes que ambos deram a seus filhos, que, segundo diziam, foram trezentos mil cruzados, vindo o dia das bodas, se celebraram com muitas festas e grandíssimo fausto de riquezas e honras, a que foi junta grande parte da gente nobre dessa cidade.

E acertando nesse mesmo dia, já quase sol posto, a vir Diogo Soares de casa de El-Rei, com muita gente de que sempre andava acompanhado, tanto a pé como a cavalo, passou pela porta do Mambogoá, pai da noiva, e, ouvindo as grandes festas e regozijos que havia na casa, perguntou o que aquilo era, e lhe foi respondido que casava Mambogoá a sua filha. Ele então, detendo o elefante em que ia, lhe mandou dizer que para bem lhe fosse aquele casamento, e que Deus os deixasse viver e lograr muitos anos, e outras palavras a esse modo, e lhe fez de si muitos oferecimentos para o que dele lhe cumprisse. De que o velho, pai da noiva, se houve por tão grande e honrado que não sabendo com que pagasse tamanha honra, pois a dignidade e grandeza da pessoa que lha fazia era quase tamanha como a do próprio rei, desejoso de satisfazer em parte o que em todo não podia, tomou a filha pela mão, acompanhada de muitas mulheres nobres, e veio com ela até à porta da rua onde estava o Diogo Soares. E depois de se lhe prostrar por terra com um muito grande acatamento, lhe deu por seu modo as graças daquela mercê e honra que lhe fizera; e tirando a moça, por mandado de seu pai, um anel rico que tinha no dedo, lho deu com os joelhos em terra, ao que o Diogo Soares, em vez de lhe guardar





o decoro que se lhe devia em lei de nobreza e de amizade, como era de condição sensual e desonesto, estendendo a mão, depois de lhe tomar o anel, pegou rijamente nela, dizendo:

– Nunca Deus queira que moça tão formosa como vós se empregue em outrem senão em mim.

O pobre velho do pai, vendo pegar tão rijo na filha, e com um insulto tão afrontoso, levantando as mãos e com os joelhos em terra, lhe disse chorando:

– Peço-te, senhor, por reverência do grande Deus que adoras, concebido no ventre da Virgem sem mácula de pecado algum, como confesso e creio, segundo o que dele tenho sabido e ouvido, que me não tomes minha filha, porque morrerei de paixão; e se quiseres o dote que lhe dei, com tudo o mais que me fica em casa, e a mim por cativo, eu to darei logo, contanto que me deixes minha filha ser mulher de seu marido, porque não tenho já outro bem nesse mundo, nem o quero enquanto viver.

E com isso, pegou na filha.

Diogo Soares, vendo que o triste do velho, todo banhado em lágrimas, pegava na sua filha sem lhe responder a ele palavra, disse bradando para o capitão da sua guarda, que era um turco:

– Mata, mata este perro.

E arremetendo o turco com um terçado para o matar, o coitado do velho lhe fugiu e deixou a filha toda escabelada nas mãos do Diogo Soares. E porque também o mancebo, esposo da moça, pegou nela chorando, o mataram logo ali a ele, e a seu pai, com outros seis ou sete parentes seus. Já nesse tempo a grita das mulheres que estavam na casa era tamanha que metia medo, e a terra e os ares tremiam, ou para dizer melhor, clamavam a Deus do pouco temor da sua justiça, com que se fez esse tamanho insulto e desatino.

E perdoe-se-me não contar por extenso as particularidades que houve nesse feio caso, porque o faço por honra do nome



português. Basta dizer que a moça se estrangulou com um cordão que trazia cingido, antes que o sensual Galego a pudesse ter consigo, de que ele disse depois algumas vezes, em prática, que mais lhe pesara não a conversar, do que se arrependera de a tomar.

Desse dia em que isso se passou, a quatro anos, nunca ninguém viu o pai dessa moça fora de sua casa, mas para mostrar o seu grande sentimento, vestido com um pedaço de esteira rota, pedia esmola aos seus mesmos escravos, de que comia, debruçado com o rosto no chão. E assim com muitas lágrimas continuou sempre até que viu tempo e conjunção para pedir justiça, a qual pediu dessa maneira: vendo ele que já então no reino havia outro rei, outros governadores e outra justiça (que são mudanças que o tempo costuma fazer em todas as partes e em todas as coisas), saiu de sua casa com aqueles pobres vestidos com que andava, e com uma grossa corda ao pescoço, e com uma barba muito branca e já a esse tempo tão comprida que lhe dava abaixo dos peitos, e se foi a um templo que estava no meio de uma grande praça, de nome Quiay Fintareu, deus dos afligidos, e tomando o ídolo do altar onde estava, se saiu com ele nos braços à rua, e depois de lhe fazer todas as zumbaias com todas as cerimônias costumadas ao modo gentílico, bradando por três vezes em vozes muito altas, para que o ouvisse todo aquele concurso de gente que então ali estava, disse chorando:

– Ó gentes, gentes, que com corações limpos e quietos professais a verdade desse deus da aflição que em minhas mãos vedes, saí como raios por noite chuvosa, a bradar com vozes e gritos tão altos que rompam o céu, para que a orelha piedosa do alto Senhor se incline a ouvir nossos gemidos, e saiba por eles a razão que temos para lhe pedir justiça desse estrangeiro maldito que nunca devia ter nascido, usurpador de nossas fazendas e desonrador de nossas gerações. E o que comigo não acompanhar esse deus que



tenho nas mãos, a chorar e gemer um crime tão abominável, a serpe tragadora da côncava funda da casa do fumo lhe consuma os seus dias, e lhe despedace as suas carnes no meio da noite.

As quais palavras fizeram nos ouvintes tamanho espanto e tamanha impressão, que em menos de um quarto de hora se juntaram ali com ele mais de cinquenta mil pessoas, com tamanho furor e desejo de vingança, que parecia coisa fora de toda a razão; e aumentando cada vez mais a gente se foram dali direitos à casa de El-Rei, com um ruído de vozes tamanho que as carnes tremiam com medo, e chegando dessa maneira ao terreiro dos paços reais, deram por seis ou sete vezes uma grande grita, dizendo:

– Sai, rei, de lá de dentro onde estás, a ouvir a voz do teu Deus, que pela boca deste pobre povo te pede justiça.

El-Rei, ouvindo aquelas vozes e gritas, chegou a uma janela, e espantado daquela tamanha novidade lhes perguntou o que queriam, a que todos a uma voz responderam com brados tão altos que parecia que rompiam o céu:

– Justiça, justiça de um maldito infiel, que para nos roubar nossas fazendas, nos matou nossos pais, filhos, irmãos e parentes.

E perguntando-lhes quem era aquele, lhe responderam:

– É um maldito ladrão, traiçoeiro em suas obras como a maldita serpente que derrubou no deleitoso prado o primeiro homem que Deus criou.

El-Rei, ouvindo essas palavras, tapou as orelhas a modo de espanto muito grande, e lhes disse:

– E é possível que haja aí coisa semelhante a isso que agora dissestes?

A que eles todos tornaram a responder:

– Este somente o é, mais que quantos nasceram na terra, pelo que tem da sua maldita inclinação e natureza. Pelo que, em nome desse deus da aflição, te pedimos que as suas veias sejam tão vazias de sangue, quão cheio está o Inferno das suas más obras.

El-Rei se virou então para os que estavam junto dele, e lhes disse:

– Que vos parece que devo fazer nesse novo e estranho caso?

A que todos lhe responderam:

– Se tu, senhor, duvidares do que esse deus da aflição te vem pedir, também ele duvidará de te sustentar na dignidade em que estás posto.

E tornando-se então El-Rei a virar para o tumulto da gente que estava em baixo no terreiro, lhes disse que se fossem para a praça do bazar, e que aí lho mandaria entregar, para eles fazerem dele o que lhe pediam. E com isso, despedindo logo o chircá da justiça, que era o supremo nela, acima de todos os outros, lhe disse que de sua parte fosse chamar Diogo Soares, e o entregasse atado àquele povo, para que fizesse justiça nele à sua vontade, porque temia muito que se não fizesse essa justiça, a faria Deus dele.



CXCII

DO MAIS QUE SE PASSOU NESTE CASO DE DIOGO SOARES

O chircá da justiça se foi logo a casa de Diogo Soares, e lhe disse que El-Rei o mandava chamar, o qual, em vendo o chircá, ficou tão sobressaltado e tão fora de si que por um grande espaço lhe não pôde responder, como homem que de todo perdera o sentido. Porém, depois que passou a força daquele sobressalto, e ele tornou em seu acordo, lhe disse que lhe pedia muito que o quisesse por então escusar de ir com ele, porque se achava com grande dor de cabeça, e que lhe daria por isso quarenta biças de ouro, a que o chircá respondeu:

– Muito pouco me dás para eu tomar sobre mim tamanha dor de cabeça como essa que dizes que tens. Por isso crê que hás-de ir comigo ou por bem ou por mal, já que me obrigas a te falar a verdade.

Vendo Diogo Soares que não havia remédio para se escusar da sua ida, quis levar consigo seis ou sete criados seus, mas nem isso lhe consentiu o chircá, dizendo:

– Eu não faço mais que o que El-Rei me manda, cuja vontade é ires tu só, e não irem sete, porque o tempo em que costumavas andar tão acompanhado como eu te vi muitas vezes já passou, e já se acabou no dia em que morreu o tirano bramá, que era o cano por onde tu te encheste de tamanha soberba, como parece, pelas tuas feias obras de que hoje te estão acusando diante de Deus.



E tomando-o pela mão, o levou sempre junto consigo, fechado no meio de uma companhia de mais de trezentos homens, o que a todos nos fez ficar assaz confusos.

E caminhando assim com ele de rua em rua, chegou ao passeivão do bazar, que é a principal praça onde se vendem todas as coisas, onde veio acaso dar com ele, de rosto, Baltasar Soares, seu filho, que vinha de casa de um mercador onde aquela manhã seu pai o tinha mandado arrecadar um pouco de dinheiro que lhe deviam, o qual, vendo assim levar o seu pai, se apeou rijo do cavalo em que ia e lançando-se aos seus pés lhe disse chorando:

– Que coisa é essa, senhor, ou porque vos levam dessa maneira? A que ele respondeu:

– Pergunta-o aos meus pecados, que eles to dirão, porque te afirmo filho meu, que vou já de maneira que tudo me parece sonho.

E abraçando-se ambos, estiveram assim por um grande espaço, chorando um com o outro, até que o chircá mandou ao Baltasar Soares que se afastasse, porém ele o não fez, porque se não podia despegar de seu pai; mas os ministros o tiraram dali à força, e lhe deram um tamanho empurrão que o feriram na cabeça, e sobre isso lhe deram muitas pancadas, de que o pai caiu com um vágado esmorecido no chão, e pedindo uma pouca de água, lha não deram, ao que ele depois que tornou em si, levantando as mãos ao céu, disse com muitas lágrimas:

– Si iniquitates observaveris Domine, Domine quis sustinebit? Mas confiado eu, meu eterno Deus, no preço infinito do teu precioso sangue que por mim derramaste na Cruz, poderei dizer muito afoitamente: Misericordias Domini in alternum cantabo.

E chegando com grande aflição à vista de um pagode onde El-Rei o mandava levar, dizem que quando viu tanta gente, que pasmou, e depois que esteve assim um pouco suspenso, olhando para um português que lhe consentiram que fosse com ele para o animar e esforçar na fé, lhe disse:



– Jesus! Todos esses me acusaram diante de El-Rei?

A que o chircá respondeu:

– Não é esse o tempo de te lembrares disso, pois és discreto e entendes qual é a condição do povo desconcertado que sempre segue o mal, a que naturalmente se inclina.

A que Diogo Soares chorando disse:

– Bem o vejo e bem entendo que esse seu desconcerto procede de meus pecados.

– Pois sabe – lhe tornou o chircá – que esse é o pago que eles e o mundo costumam dar aos que na vida foram tão esquecidos do temor da justiça divina, como tu foste, e praza a Deus que te dê graças para que nesse pequeno espaço de vida te arrependas do que fizeste, e quiçá te valerá mais do que te valeu o muito ouro que agora cá deixas por herança a quem porventura te manda matar.

Aqui pôs Diogo Soares os joelhos no chão e os olhos no céu, e com muitas lágrimas disse:

– Senhor Jesus Cristo, pelas dores da tua sagrada paixão te peço que permitas, meu Deus, por quem és, que pela acusação desses cem mil cães esfaimados se satisfaça em mim o castigo da tua divina justiça, para que se não perca o muito que na salvação da minha alma, de tua parte puseste sem to eu merecer.

E subindo pelas escadas do terreiro acima, me afirmou esse português que ia com ele, que a cada degrau beijava o chão e nomeava o nome de Jesus três vezes. Logo que chegou ao cimo, o Mambogoá, que tinha o ídolo nos braços, incitando o povo com brados muito altos, lhe disse:

– O que, por honra desse deus de aflição que tenho em meus braços, não apedrejar essa serpente maldita, os miolos de seus filhos se consumam no meio da noite, para que, bramindo por pena de tamanho pecado, se justifique neles a direita justiça do alto Senhor.



Após as quais palavras, foram tantas as pedradas sobre o padecente Diogo Soares que em menos de um credo ficou soterrado debaixo de uma infinidade de pedras e seixos, os quais se arremessavam com tanto desatino que muitos dos que as atiravam, ficavam também escalavrados.

E dali a uma hora tiraram o pobre de Diogo Soares debaixo das pedras, com outro tumulto de gritos e vozearias, e o fizeram em muitos pedaços que os moços, com a cabeça e com as tripas, traziam arrastando pelas ruas, a que toda a gente dava esmola como a uma obra muito pia e muito santa.

El-Rei, mandando-lhe logo dar na casa para lhe tomarem a fazenda, foi tamanha a desordem, pela cobiça que levavam aqueles cães esfaimados, que nem telhas lhe deixaram nos telhados, e por se não achar quanto se presumia que tinha, meteram a tormento todos os escravos e criados seus, com tamanho excesso de crueldade que ali ficaram mortos trinta e oito, em que entraram sete portugueses que inocentemente padeceram pela coisa de que não sabiam parte.

E em todo esse despojo se não acharam mais que só seiscentas biças de ouro, que são trezentos mil cruzados, sem mais outra coisa alguma senão peças ricas e móvel de casa; mas pedraria, nenhuma. Por onde se afirmou que Diogo Soares a esse tempo a tinha já toda enterrada, de que nunca se pôde saber parte, por mais exames que sobre isso se fizessem. Porém, segundo depois soube pelo dito de homens que algumas vezes lha viram no tempo em que ele estava em sua prosperidade, se afirma que, pelos preços dali da terra, valia mais de três contos de ouro.

E dessa maneira acabou o grande Diogo Soares que a fortuna tanto tinha levantado naquele reino de Pegu, que chegou a ter título de irmão de El-Rei, que é ali o mais alto e supremo de todos, com duzentos mil cruzados de renda, e a ser capitão geral de oitocentos mil homens, e governador supremo sobre todos os outros

dos catorze reinos que então senhoreava o rei do Bramá. Mas essa é a condição de os bens mundanos, principalmente dos mal adquiridos, serem sempre meio e caminho de desventuras.

COMO O XEMINDÓ VEIO SOBRE O XEMIM DE SATÃO, E O QUE DAÍ SUCEDU

Tornando agora ao xemindó de que há já muito se não trata: crescendo cada dia mais nesse tirano e cobiçoso rei xemim de Satão, as crueldades e as tiranias que usava com todo o gênero de gente, matando e roubando todos os dias toda a sorte de homem que lhe parecia que tinha dinheiro ou coisa de que se pudesse lançar mão, veio isso a tanto crescimento que se afirmou que em só sete meses que pacificamente possuiu esse reino Pegu matara seis mil mercadores e homens ricos, fora senhores antigos que, a modo de morgados, possuíam os bens da coroa. Pela qual causa era já tão malquisto de toda a gente, que a maior parte dos que trazia consigo lhe fugiram para o xemindó, o qual, nesse tempo, já tinha por si as cidades de Meidó, Dalá e Coulão, até os confins de Xará, das quais abalou a cercar esse tirano com um exército de duzentos mil homens e cinco mil elefantes.

E chegando à vista da cidade de Pegu onde ele então residia com toda a sua corte, a cercou toda em roda, de trincheiras e valas muito fortes, e lhe deu alguns assaltos, mas não a pôde entrar tão facilmente como lhe pareceu, pela grande resistência que achou nos de dentro. Pelo que, mudando o conselho, como discreto que era, assentou manhosamente tréguas com o tirano, por vinte dias, com algumas condições, das quais foi uma que, se no termo desses vinte dias lhe desse mil biças de ouro, que eram quinhentos mil cruzados, desistiria da pretensão e direito que tinha no reino,

e tudo isso manhosamente, porque entendeu que por essa via o renderia mais a seu salvo.

Começando a correr o tempo das tréguas, ficou tudo quieto de uma parte e da outra, e os de dentro com os de fora se começaram a comunicar misticamente, e nesses dias dessa quietação, quando vinham as duas horas antemanhã, se tocavam na parte do xemindó muitos instrumentos suaves ao seu modo, ao som dos quais toda a gente da cidade acudia aos muros a ver o que aquilo era. Os de fora então fazendo calar os instrumentos, se dava um pregão com uma voz muito triste e sentida, por um sacerdote tido na opinião de todos por homem santo, o qual dizia:

– Ó gentes, gentes, a quem a natureza deu orelhas para ouvir, ouvi a voz desse capitão santo xemindó, espelho claro por quem Deus vos manda restituir na liberdade primeira de vosso descanso, o qual a todos assim como estais vos admoesta e manda da parte do Quiay Nivandel, deus das batalhas do campo Vitau, que ninguém levante mão contra ele, nem contra esse santo ajuntamento zelador do povo pegu, e irmão, no sangue, do mais pequeno de todos os pobres, sob pena que o que for contra esse exército dos servos de Deus, ou for em consentimento de se lhe fazer algum mal, será por isso maldito, e feio, e negro como os filhos da noite que na baba irosa da sua peçonha dão bramidos de raiva cruel, tragados pelas ardentes gengivas do dragão da discórdia, a quem o verdadeiro senhor de todos os deuses amaldiçoou perpetuamente. E aos bem-aventurados que obedecerem a este pregão, com obediência de santa irmandade, se lhes outorga perpétua paz nessa vida, acompanhada de muitos bens e de muitas riquezas, e depois da morte sua alma será tão limpa e agradável a Deus como as dos santos que passaram bailando nas réstias do sol, para o descanso do Senhor poderoso.

E tornando-se após esse pregão a tocar de novo aquela vozeria de instrumentos, era tamanho o estrondo e o medo que isso fazia



aos ouvintes, e tamanha a impressão que lhes fez nos corações, que em só sete noites que isso continuou se passaram para o arraial do xemindó passante de sessenta mil pessoas, porque tanto crédito davam todos àquilo que ouviam, como se lho dissesse um anjo que viesse do céu.

Mas vendo esse tirano rei cercado, que esses pregões lhe eram tão prejudiciais que eles podiam vir a ser a sua total destruição, quebrou as tréguas aos doze dias, e tomando conselho com os seus sobre o que nisso se devia fazer, lhe aconselharam que por nenhum modo se deixasse estar cercado, porque segundo a gente estava já amotinada, em menos de dez dias lhe havia de fugir toda. Pelo que, o melhor e mais acertado conselho era pelejar com o xemindó, em campo antes que se ele fizesse mais poderoso. E determinado nesse parecer, se fez logo prestes para o pôr em obra, e daí a dois dias, uma antemanhã, saiu por cinco portas com oitenta mil homens que ainda então tinha consigo, e arremetendo aos inimigos com grande fúria, e grandes estrondos de vozes e gritas, eles, que não estavam descuidados, os vieram receber com muito esforço, e entre todos se travou uma briga tão cruel e pelejada com tanta vontade que em espaço de pouco mais de hora e meia que a maior força dela durou, morreram de ambas as partes passante de quarenta mil homens, no fim do qual tempo o xemim de Satão, novo rei, foi derrubado do elefante em que andava, por uma arcabuzada que lhe deu um português de nome Gonçalo Neto, natural de Setúbal, pela qual causa a mais gente se acabou de render, e a cidade se entregou a partido de lhe ficarem a todos salvas as vidas e as fazendas. E o xemindó entrou logo dentro dela, e no mesmo dia se coroou como rei de Pegu na varela grande, um sábado, aos vinte e três dias de fevereiro do ano de 1551.

E ao Gonçalo Neto, pelo que fizera, mandou dar vinte biças de ouro, que são dez mil cruzados, e aos mais portugueses que eram oitenta, deu cinco mil cruzados, e lhes fez muitas honras, e deu

muitas liberdades na terra, e lhes quitou por três anos todos os direitos de suas fazendas, o que depois se lhes guardou muito inteiramente.

DO QUE FEZ O XEMINDÓ DEPOIS DE SER COROADO
 COMO REI DE PEGU, E COMO O CHAUMIGRÉM,
 COLAÇO DE EL-REI DO BRAMÁ, VEIO SOBRE ELE
 COM UM GRANDE EXÉRCITO, E DO SUCESSO QUE TEVE

Vendo-se o xemindó coroado rei em Pegu, e senhor pacífico de todo o reino entrou em diferentes pensamentos dos que tivera o xemim de Satão quando se viu no mesmo estado, porque esse xemindó, a coisa em que primeira e principalmente entendeu, foi em trabalhar todo o possível para conservar a república em paz e justiça, com uma tamanha quietação e inteireza que nenhum grande ousava levantar os olhos para nenhum pequeno, por muito pequeno que este fosse. E em tudo o mais que tocava ao governo do reino, guardava uma tamanha virtude e verdade, que os estrangeiros que então ali se acharam se espantavam muito, porque considerando bem, a paz, quietação e conformidade de todo o povo, era para causar espanto.

Correndo assim esse reino nesse ditoso estado, por espaço de três anos e meio, sendo informado o Chaumigrém, colaço do rei bramá, que o xemim de Satão matou, como atrás fica dito, que pelos levantamentos e guerras que depois da sua vinda houvera em Pegu, era morta a principal gente do reino, e que o xemindó que nele então reinava estava muito falta de todas as coisas necessárias para a defesa dele, determinou tentar de novo a mesma empresa em que, antes, pelo sucesso da morte do seu rei, se tinha perdido.

E para isso juntou com seu soldo um grosso campo de gente estrangeira de diversas nações, a que pagava a tincal de ouro por

mês, que da nossa moeda são cinco cruzados. E aos nove dias de março do ano de 1552 abalou do Tangu, que era a sua pátria, com um exército de trezentos mil homens, de que cinquenta mil somente eram bramás, e todos os mais eram moéns, chaleus, calaminhãs, savadis, pancrus e avás; assim, dessas seis nações era a maior de toda essa gente, que habita pelos rumos de leste e lés-nordeste, o sertão desses reinos, em distância de mais de quinhentas léguas, como se pode ver num mapa, se a sua graduação estiver verdadeira.

O novo rei de Pegu, xemindó, tendo novas certas desse poder que vinha sobre ele, se fez prestes para lhe sair ao encontro, com o propósito de lhe dar batalha, e para isso juntou nessa cidade onde estava um grosso campo de novecentos mil homens, porém tudo gente pegua, que de natureza é fraca, e por muito menos que toda a outra de que tenho tratado. E uma terça-feira, aos quatro dias de abril, ao meio-dia, sendo avisado que o campo dos inimigos estava alojado ao longo do Rio de Meleitay, a doze léguas dali, se deu tanta pressa que naquele mesmo dia e, seguinte, toda a gente foi posta em ordenança, porque como já há mais tempo estava prestes e exercitada por seus capitães, não houve muito que fazer em a juntarem; e ao outro dia às nove horas se abalou todo esse poder, e marchando ao som de infinitos instrumentos de guerra, não muito apressado, se foi alojar aquela noite dali a duas léguas, junto do Rio de Pontareu, donde não quis passar mais adiante, e ao outro dia à tarde, uma hora antes do sol-posto, o bramá Chaumigrém lhe veio ali dar vista de si, com uma ala de gente tão grossa que ocupava quase légua e meia, em que havia setenta mil a cavalo, e duzentos e trinta mil a pé, e seis mil elefantes de peleja, fora quase outros tantos em que vinha a bagagem e os mantimentos. E porque já nesse tempo era quase noite, se alojou ao longo da serra, para ficar assim mais seguro.



Aquela noite se passou com boa vigia, e grandes estrondos de vozearias e gritas de ambas as partes, e quando ao outro dia amanheceu, que foi um sábado, aos sete dias do mês de abril do ano de 1552, às cinco horas da manhã, esses dois exércitos vieram-se chegando para junto do rio, com diferentes determinações: o bramá, para passar a vau e pôr-se da outra banda do rio, num alto que a terra fazia junto de uma ribeira, e o xemindó para lho impedir, sobre a qual requesta houve algumas escaramuças em que morreram de ambas as partes, mas não que passassem de quinhentas pessoas, e com isso se gastou a maior parte daquele dia todo. Porém o Chaumigrém ganhou o lugar que pretendia, e nele se deixou estar toda aquela noite com boa vigia e com grandes luminárias de fogo. E logo que ao outro dia foi manhã clara, o xemindó, rei dos pegus, apresentou batalha aos da parte contrária, os quais lha não recusaram, e travando-se uns com os outros com a fúria que o cruel ódio traz consigo, as duas dianteiras, em que vinha a principal gente de ambos os exércitos, se trataram de tal maneira que em pouco mais de meia hora o campo todo ficou assaz acompanhado de corpos, com o que os pegus começaram a mostrar fraqueza. Vendo então o xemindó que os seus, por estarem muito feridos, iam perdendo muito do campo, os socorreu com um corpo de três mil elefantes, com que deu nos setenta mil a cavalo tanto sem medo que os bramás tornaram a perder tudo o que tinham ganho. Mas o Chaumigrém, como mais prático na guerra, entendendo como então se podia ganhar, fingiu que se lhe ia retirando, a modo de vencido, o que o xemindó não entendeu, mas como desejoso da vitória, esforçando os seus, foi seguindo a alcance por espaço de quase meio quarto de légua. Porém o bramá tornou então a voltar com toda a sua gente, e deu nele com grandíssimo ímpeto e com uma grita tão espantosa que não somente fez tremer os homens, mas também a terra e todos os outros elementos, com o que a peleja se tornou a renovar de tal maneira que

em muito pequeno espaço o ar se viu ardendo em fogo e a terra alagada em sangue, porque os capitães e senhores pegus, vendo o seu rei tão metido na força da batalha, e com mostras já de vencido, abalaram sem ordem nenhuma para o socorrerem, o que o Panousaray, irmão do bramá, também fez com quarenta mil homens e dois mil elefantes, com o qual encontro a sanguinolenta briga se acendeu de tal maneira que não há palavras com que na verdade se possa contar, e por isso não direi mais senão que, sendo pouco mais de meia hora de sol, o campo dos novecentos mil pegus foi de todo roto, com morte, segundo aí se disse, de quatrocentos mil deles, e todos os mais ou a maior parte deles, assaz feridos; e o xemindó, por conselho dos seus desapareceu de entre eles.

E ficando então o campo pelo Chaumigrém, ele, naquele pequeno espaço que ainda restava do dia, se coroou como rei de Pegu, com as mesmas insígnias reais de estoque, coroa e cetro que foram do rei bramá que o xemim de Satão matara. E porque já a esse tempo era quase noite, se não entendeu em mais que na cura dos feridos e na vigia do campo.

DE UM GROSSO MOTIM QUE HOUE NO CAMPO
DESTE NOVO REI BRAMÁ, E DA CAUSA
POR QUE SE LEVANTOU, E DO SUCESSO DELE

Logo que ao outro dia foi manhã clara, todos os vencedores soldados, tanto os sãos como os feridos, se ocuparam no despojo dos mortos, de que muitos ficaram bem ricos e com grandíssima quantidade de peças de ouro e de pedraria, porque é costume dessa gentildade, como cuido que já tenho dito, levarem todos consigo à guerra todas as riquezas quantas possuem.

E depois que os soldados ficaram nessa parte bem satisfeitos, o novo rei desse mísero reino abalou dali do lugar daquela vitória para a cidade de Pegu, que estava dali a pouco mais de três léguas. E não querendo entrar nela aquele mesmo dia, por alguns respeitos que aqui se declararam, se alojou à vista dela, em distância de pouco mais de meia légua, em um campo a que chamavam Sunday patir, onde depois de alojado proveu na guarda das vinte e quatro portas, mandando pôr a cada uma delas, um capitão bramá com quinhentos a cavalo, e aqui se deteve cinco dias, sem acabar de se resolver a entrar na cidade, pelo receio que tinha do saque que os estrangeiros lhe requeriam, e a que lhes ele estava obrigado por um concerto que no Tangu fizera com eles; e como é costume ordinário da gente da guerra que vive por seu soldo não ter respeito a outra coisa mais que ao interesse que espera, vendo essas seis nações essa demora de El-Rei em entrar na cidade, que elas muito mais sofriam, vieram três delas a se amotinar, por conselho de um português que andava com eles, de nome Cristóvão

Sarmento, natural de Bragança, homem de espíritos altivos, e muito bom capitão e esforçado de sua pessoa. O qual motim foi em tanto crescimento que ao rei do Bramá, para se não perder de todo, lhe foi forçoso retirar-se para um pagode de grandes oficinas, onde se fez forte com os seus bramás até o outro dia às nove horas, em que o negócio, por meio de tréguas, teve um pouco de quietação, na qual El-Rei lhes descobriu sua tenção, dizendo em altas vozes, de cima do muro, para que todos o ouvissem:

– Muito esforçados capitães e amigos meus, ainda que não muito conformes na paz que no Tangu me jurastes, mandei-vos chamar a esse santo jazigo dos mortos para nele, com juramento solene, vos descobrir minha tenção, da qual aqui de joelhos e com as mãos levantadas ao céu tomo como testemunho o Quiy Nivandel, deus das batalhas do campo Vitau, e lhe peço que entre vós e mim seja juiz desse caso, e me tolha a boca se vos mentir no que vos digo. Muito bem me lembro da promessa que vos fiz no Tangu acerca do saque dessa desinquieta cidade, tanto por cuidar que o vosso esforço fosse ministro da minha vingança como para satisfazer a vossa cobiça, a que sei que sois muito inclinados, pela qual promessa, de que vos dei como penhor a minha verdade, confesso que estou muito obrigado a cumprir nisso a minha palavra. Mas quando me ponho a considerar nos inconvenientes que para isso tenho, e na estreita conta que disso hei-de dar diante da direita e rigorosa justiça do alto Senhor, vos confesso que temo muito tomar sobre mim um tamanho peso, pela qual causa a mesma razão me está dizendo que fique antes em falta com os homens que em ódio com Deus, pois não é justo que paguem os inocentes pelo que devem os culpados, dos quais eu estou já bem satisfeito com a morte que se lhes deu na batalha passada, da qual vós todos fostes ministros. Pelo que vos peço a todos, como a filhos de minhas entranhas, que havendo respeito a essa minha boa tenção, não queirais atizar esse fogo em que minha alma se há-de



queimar, pois vedes quão justo é o que peço e quão injusto seria negardes-mo. E para que de todo não fiqueis sem a vossa paga, eu contribuirei em tudo o que vos a vós parecer razão, e vos satisfarei parte dessa falta, com minha fazenda, pessoa, reino e estado.

Vendo os capitães dessas três nações amotinadas a justificação de El-Rei e as promessas que lhes fazia, se lhe renderam todos e lhe prometeram estar pelo que ele quisesse. Contudo, lhe pediam que se lembrasse do que os soldados daqui pretendiam, que era necessário ter-se conta com ele, ao que El-Rei lhes respondeu que tinham razão e que em tudo se conformaria com o que lhes a eles bem parecesse. E para se escusarem diferenças, se resolveram todos a tomar juízes nesse caso, para o qual os do motim quiseram por sua parte que houvesse três juízes, e El-Rei apontou pela sua que houvesse outros três, que por todos haviam de ser seis, porém que desses seis três haviam de ser religiosos e os outros três de nações estrangeiras, para que assim ficasse o juízo mais sem suspeita.

Determinado isso assim entre todos, se concertaram logo em que os três juízes religiosos fossem três mendigos de um pagode a que chamavam Quiay Hifaron, deus da pobreza, e nos outros três juízes de nações estrangeiras se ordenou que se lançassem sorte entre El-Rei e os amotinados, sobre qual deles escolheria um ou dois por sua parte, e prouve a Nosso Senhor que coube a El-Rei escolher os dois, porque ele por permissão divina os escolheu ambos portugueses, dos cento e oitenta que então estavam na cidade, um dos quais foi Gonçalo Pacheco, feitor do lacre de El-Rei nosso senhor, homem fidalgo nobre e de muito boa consciência, e o outro um mercador honrado de nome Nuno Fernandes Teixeira, que esse rei conhecia do tempo do rei passado, e que dele era tido em muito boa conta. E os capitães do motim escolheram também logo outro estrangeiro que eu não soube quem era.



E concertado isso dessa maneira, se mandaram logo chamar os juízes louvados para efetuarem esse negócio, porque temeu El-Rei bulir-se dali sem ele ficar primeiro concluído, para que assim os pudesse despedir a todos pacificamente antes que entrasse na cidade, porque receou que se eles lá entrassem lhe não mantivessem a verdade. E para isso, naquela mesma noite à meia-noite mandou El-Rei um bramá a cavalo ao bairro onde pousavam os portugueses, os quais estavam com tanto receio do saque e da morte de todos, como os mesmos pegus.

Chegado o bramá à cidade, e perguntando em voz alta (por ser assim seu costume quando vem da parte do rei) onde vivia o capitão dos portugueses, o levaram a sua casa, sem saber o que podia ser isso. E posto o bramá ante ele, lhe disse:

– É tão próprio à natureza do alto Senhor que criou o firmamento de todos os céus fazer homens bons para remédio de males, como do adversário dragão criar em seu peito espíritos de motim inquieto para estorvar a paz que nos conserva em sua lei. Um mau homem da nação de vós outros, botando uma faísca do seu infernal peito, bafejada pela fornalha da maldita discórdia, amotinou três nações estrangeiras de chaloéns, meleitais e savadis no campo de El-Rei, meu senhor, de que foi causa a maldade e a cobiça do amotinador e dos amotinados, e o mal que daí resultou chegou a tanto que o campo esteve quase de todo perdido, com morte de três mil bramás, e a pessoa real se viu posta em tanto trabalho e perigo que lhe foi necessário retirar-se para um forte, no qual esteve três dias; e ainda agora fica nele sem ousar se fiar em nenhuma nação estrangeira. E para remédio dessa inquietação, quis Deus, que é pai de santa concórdia, inspirar no peito de El-Rei que sofresse esse mal como prudente, para que assim se pacificasse o tumulto e a revolta dessas três inquietas nações que habitam no agro das serras dos moéns, aos quais Deus maldiga entre todas as gentes. E para efeito dessa paz e quietação se fez



um concerto entre El-Rei e os capitães dos amotinados, jurado de ambas as partes, que El-Rei, para livrar essa cidade do saque que era prometido aos soldados, lhes daria de sua fazenda, o que seis homens, juízes deputados para essa causa, determinassem por sua sentença, dos quais quatro já lá estão, e para a cópia dos seus ser cheia, não faltam mais que tu e outro português que El-Rei escolheu por sua parte, cujo nome vem escrito nessa carta, pela qual serás certificado disto que te digo.

E logo lhe meteu na mão uma carta que trazia do rei bramá, a qual Gonçalo Pacheco tomou de joelhos, e a pôs na cabeça com umas cerimônias exteriores de tanta cortesia, que o bramá ficou muito satisfeito e disse:

– Bem sabia El-Rei meu senhor quem tu és, pois te escolheu por juiz da sua honra e da sua fazenda.

Gonçalo Pacheco leu logo a carta perante todos os portugueses, que a ouviram em pé, com os barretes nas mãos, a qual dizia assim:

Amigo Capitão Gonçalo Pacheco, pérola roxa ante meus olhos, tão virtuoso no sossego da vida como o mais santo menigrepo que vive no mato, eu, o antigo Chaumigrém, novo rei dos catorze estados da terra, que por morte do santo rei meu senhor Deus agora me entregou, te envio o riso da minha boca, com te fazer tão agradável a mim como àqueles que nos dias de festa sento comigo à minha mesa: pressupus em minha vontade, pelo que de ti tinha sabido, seres juiz nesse caso para que te mando chamar, e o meu grande amigo Nuno Fernandes Teixeira, pão de ouro limpo, de muitos quilates, pelo que cumpre verdes logo ambos ter comigo para se efetuar isso que de vós, sobre todos, confiei. E do que mais toca ao seguro de vossas pessoas, pelo receio que sei que tereis da revolta passada, por essa, jurada no

peito de minha verdade, como rei ungido por Deus, vos hei por seguros como todos os mais da vossa nação e crentes no Deus da vossa verdade.

Lida essa carta com grande espanto dos que a ouvimos, assentamos todos que vinha do céu, por permissão divina, para nossa quietação e segurança de nossas vidas, de que até então estávamos bem duvidosos.

Gonçalo Pacheco e Nuno Fernandes, com mais outros dez portugueses que para isso foram eleitos, ordenaram logo um presente de muitas peças ricas para levarem a El-Rei; e aquela mesma noite se foram em companhia do bramá que trouxera a carta, uma hora antemanhã, porque o tempo e a pressa de El-Rei não sofriam nenhuma demora.

DA SENTENÇA QUE DERAM OS SEUS JUÍZES
NESTE CASO, E DA ENTRADA DO CHAUMIGRÉM
NA CIDADE DE PEGU

Gonçalo Pacheco e Nuno Fernandes, com os mais portugueses, chegaram ao arraial já com uma hora de sol, e El-Rei os mandou receber por Gibraidão sedá, senhor do Meidó, um dos principais capitães bramás que ali tinha consigo e de quem muito se fiava, o qual vinha acompanhado de mais de cem a cavalo, com seis porteiros de maçãs. Ele os tomou consigo e os levou ao pagode onde El-Rei estava recolhido, o qual os recebeu a todos com muito gasalhado, e ao Gonçalo Pacheco e ao Nuno Fernandes fez muito sobejas honras. E depois de praticar com eles em algumas coisas de seu gosto, lhes tornou a resumir de novo o importante caso para que os mandara chamar, e lhes recomendou muito que se inclinassem mais ao respeito dos capitães que ao seu, porque lhes afirmava que levaria nisso muito gosto, e lhes disse outras palavras a esse modo. E daqui os mandou logo levar pelo mesmo bramá a uma tenda onde já os outros quatro deputados estavam esperando por eles, com o tesoureiro-mor e dois escrivães.

E depois que fizeram aquietar todo o rumor que fazia a gente que estava de fora, se começou a tratar do negócio para que ali foram juntos, sobre o qual houve diversos pareceres, em que se gastou a maior parte do dia, mas enfim todos seis vieram a concluir que, ainda que por uma parte, El-Rei, pela promessa que no Tangu fizera àquelas nações estrangeiras, de lhes dar o saque dos

lugares que se tomassem por guerra, lhes estava muito obrigado a cumprir com elas sem falta nenhuma, todavia visto também por outra parte, como aquela promessa era grande e notável prejuízo de inocentes, pelo que, se ela se cumprisse e pusesse em efeito, Deus seria muito ofendido, julgavam por sentença que El-Rei, pela promessa que fizera, pagasse a todos mil biças de ouro da sua fazenda, de peso, a contentamento dos capitães de cada nação, e que eles logo em recebendo o dinheiro se passassem à outra banda do rio e se fossem livremente para suas terras, mas que também se lhes pagasse a todos o que antes do motim lhes era devido, e se lhes desse mantimento a todos bastante para vinte dias.

Publicada essa sentença, foi aceite de ambas as partes com grande contentamento, e El-Rei mandou que se cumprisse logo, e, para mais superabundância, depois de lhes ser entregue toda a cópia do dinheiro, fez outras mercês por fora a todos os capitães e oficiais das companhias, com o que todos se houveram por muito satisfeitos.

Dessa maneira se despediram essas três nações do motim, porque El-Rei nunca mais se quis fiar delas, nem servir-se delas, porém também ordenou que não fosse a gente toda junta, mas que fosse repartida em cabildas, de mil homens cada cabilda, para que assim caminhassem mais sem suspeita, e com menos força para poderem roubar os povos por onde passassem. E dessa forma se partiram logo ao outro dia seguinte.

A Gonçalo Pacheco e a Nuno Fernandes Teixeira, por serem os seus dois juízes nessa sentença, mandou El-Rei dar dez biças de ouro, com o que as espórtulas e o presente que lhe levaram ficou tudo bem pago, fora uma licença escrita com sua letra, para que todos os portugueses se pudessem ir livremente para a Índia, cada vez que quisessem, sem pagarem direito nenhum de suas fazendas, o que eles estimaram mais que quanto dinheiro se lhes pudesse dar, porque havia já três anos que, à maneira de retidos, nos



detinham os reis passados naquela terra, com vexações e tiranias muito grandes, correndo algumas vezes muito risco de nossas vidas por causa dos sucessos de que atrás tenho tratado.

E logo nessa mesma tarde se lançaram muitos pregões por homens a cavalo, em que se notificou que ao outro dia havia El-Rei de entrar na cidade pacificamente, pela grande mercê que pela sua real condição, com grande custo de sua fazenda lhe tinha feito, e com ameaças de cruéis mortes aos que contra isso fossem.

Logo ao outro dia seguinte, às nove horas, abalou daquele pagode onde estivera recolhido, e às dez chegou à cidade, e, entrando por uma porta a que chamavam Sabambainhá, foi nela recebido por um ajuntamento a modo de procissão de cinco mil sacerdotes de todas as doze seitas que há nesse reino, por um dos quais, chamado cabizondo, lhe foi feita uma fala cujo introito dizia assim:

– Bendito e louvado seja aquele Senhor que com verdade se deve conhecer de todos como senhor, de cujas obras santas feitas por suas divinas mãos nos estão dando testemunho a claridade do dia e a pintura da noite, com todas as mais magnificências da sua misericórdia, obradas em nós; o qual, pelos efeitos da sua potência infinita agradáveis a ele, foi servido de te constituir na terra sobre todos os reis que a governam; e pois temos para nós seres tu esse seu mimoso, te pedimos, senhor, que nossas culpas e erros passados te não lembrem mais de hoje por diante, para que este teu triste povo fique consolado com essa promessa que por tua real condição agora lhe fizeres.

E também os cinco mil grepos, prostrados todos por terra, e com as mãos alevantadas, lhe pediram isso mesmo, com um espantoso tumulto de vozes, dizendo:

– Concede, senhor e rei nosso, paz e perdão a todos os povos deste teu reino pegu, para que os não perturbe o medo de suas culpas que diante de ti confessam publicamente.

E El-Rei lhes respondeu que lhe aprazia, e assim lho jurava pela cabeça do Santo Quiay Nivandel, deus das batalhas do campo Vitau. Com a qual promessa o povo todo se prostrou com os rostos por terra, e disse:

– Prospere-te Deus, por termo sem conto, na vitória de teus inimigos para que ponhas teus pés sobre suas cabeças.

E tocando-se então com mostras de muita alegria, muitos instrumentos ao seu modo, ainda que barbaríssimos e mal concertados, lhe pôs esse grepo cabizondo na cabeça uma rica coroa de ouro e pedraria a modo de mitra, com a qual entrou na cidade com grandíssimo aparato e triunfo, levando diante de si todo o despojo dos elefantes e carretas e a estátua do vencido xemindó, presa por uma grossa cadeia de ferro, e quarenta bandeiras de rastos, e ele ia em cima de um poderoso elefante com jaezes de ouro, e quarenta porteiros de maçãs e todos os senhores e capitães a pé com seus traçados de chaparia de ouro rica aos ombros, e uma guarda de seis mil acobertados, e três mil elefantes de peleja com seus castelos de diversas invenções, fora outra muita gente que o seguia a pé e a cavalo, que não tinha conto.



COMO FOI ACHADO O XEMINDÓ E TRAZIDO
AO REI BRAMÁ, E DO QUE SE PASSOU COM ELE

Depois de haver vinte e seis dias que esse rei bramá estava nessa cidade de Pegu pacificamente, entendeu logo primeiro que tudo em se apoderar das principais forças do reino, que ainda a esse tempo estavam pelo xemindó, sem saberem da sua derrota. E despedindo para isso alguns capitães, escreveu aos povos muitas cartas de amor em que lhes chamava algumas vezes “filhos da minha alma”: dando-lhes por elas perdão do passado, e prometendo com juramento solene que dali por diante os sustentaria a todos em paz e quietação, e lhes faria sempre justiça em tudo, sem lhes lançar nunca peita, nem lhes fazer outra opressão alguma, mas antes em tudo lhes faria novas mercês como aos próprios bramás que o serviam na guerra. E com isso lhes dizia outras muitas palavras muito acomodadas ao tempo e ao que lhe a ele cumpria, acreditadas pelos naturais da cidade com cartas que também lhes escreveram, em que lhes relataram largamente as franquezas e mercês que El-Rei fizera a todos.

A qual coisa, acompanhada do que a fama já por todas as partes tinha divulgado, foi de tamanho efeito que as forças todas se lhe entregaram e se meteram debaixo da sua obediência, e o mesmo fizeram todas as mais vilas, cidades, estados e províncias que havia no reino. O qual senhorio, que esse bramá com nova conquista agora tornou a ganhar, cuidou eu que é o melhor e mais abastado e



rico de ouro, prata e pedraria que se poderá achar em muita parte do mundo.

Acabadas assim essas coisas tanto em favor do bramá, mandou ele logo com muita presteza por todas as partes muita gente a cavalo em busca do xemindó, que, como se disse, escapara ferido da batalha passada, o qual foi tão mofino que foi reconhecido num lugar que se chamava Fancleu, a uma légua da cidade Potém, que divide a raia do reino Arração, e foi trazido com grande alvoroço por um homem baixo a esse rei bramá, que por isso o fez senhor de trinta mil cruzados de renda. E mandando-o vir logo perante si, assim preso como vinha, com o colar de ferro ao pescoço e com as algemas nas mãos, lhe disse a modo de desprezo:

– Que venhas em boa hora, rei de Pegu, e bem podes beijar esse chão, porque te afirmo que já nele pus os pés, e por aqui verás quanto teu amigo sou, pois te dou essa honra que tu nunca imaginaste.

A que o xemindó não respondeu palavra nenhuma. E tornando El-Rei a motejar do triste xemindó que estava diante dele, debruçado no chão, lhe disse:

– Que é isso? Pasmaste de me veres a mim, ou de te veres a ti em tamanha honra? Ou como não respondes ao que te pergunto?

A que o xemindó, já de afrontado, ou de estar fora de si, respondeu:

– Se as nuvens do céu, e o Sol, e a Lua, e as mais criaturas incapazes da fala que Deus, para serviço dos homens criou, para pintura formosa do firmamento, as quais nos encobrem os ricos tesouros da sua potência, pudessem por natureza, no zunido terrível dos seus espantosos trovões, declarar aos que agora me veem da maneira que eu me vejo diante de ti, a grande aflição que a minha alma padece, eles responderiam por mim e mostrariam as causas que tenho para ser mudo nesse lugar a que meus pecados me trouxeram. E como tu, disso que eu digo não podes ser o



juiz, pois és a parte que me acusa e o ministro da execução de teu desejo, hei por escusado responder por mim, como faria diante daquele benigno senhor que, por muito culpado que eu fosse, se condoeria de uma só lágrima que lhe chorasse.

E após isso, caindo em terra de bruços, pediu por duas vezes uma pouca de água, ao qual o rei bramá, para o magoar mais, mandou que lhe dessem uma sua filha, do mesmo xemindó, que tinha cativa, a quem diziam que o pai queria grandíssimo bem, e a tinha já nesse tempo do seu desbarato esposada com o príncipe de Nautir, filho do rei do Avá. Essa moça, em vendo seu pai da maneira que estava debruçado no chão, dizem que se lhe lançou aos pés, e abraçando-o, depois de o beijar três vezes na face, lhe disse banhada em lágrimas:

– Ó pai e senhor, e rei meu, peço-vos pelo muito que sempre vos quis e me quisestes que me leveis assim como estou em braços convosco, para que nesse amargoso transe tenhais quem vos console com um púcaro de água, já que o mundo, por pecados meus, vos negou o respeito que se vos devia.

A que o pai, acometendo algumas vezes o responder, dizem que nunca pôde, porque o grande amor que lhe tinha lhe impedia a fala, e caindo outra vez de bruços no chão onde então já estava sentado, esteve esmorecido por um grande espaço, pelo que movidos à compaixão dele alguns daqueles senhores que estavam presentes se lhes arrasaram os olhos de água, o que vendo o bramá, e que esses senhores eram pegus, que antes foram vassalos desse xemindó, desconfiando de suas lealdades lhes mandou logo ali cortar as cabeças, dizendo com semblante irado:

– Já que tanto vos doeis desse vosso rei xemindó, ide adiante a lhe fazer as pousadas prestes, e lá vos pagará esse amor que lhe tendes.

E crescendo-lhe com isso mais a cólera, mandou também logo ali matar a moça em cima de seu pai, porque a viu abraçada a ele,

crueldade decerto mais que brutal e mais que ferina, que quer ainda impedir os afetos da natureza. E não querendo também mais ver o xemindó, o mandou dali levar a uma estreita prisão, onde com boa guarda esteve aquela noite.

DA MANEIRA COM QUE TIRARAM A PADECER
O XEMINDÓ, E DA MORTE QUE LHE DERAM

Logo que ao outro dia foi manhã clara, se deram por toda a cidade grandes pregões para que todo o povo se achasse presente à morte desse desventurado xemindó, rei que fora de Pegu. E a razão por que o bramá isso fez foi para que, vendo-o eles morto, acabassem de desesperar de todo de o poderem ainda em algum tempo ter como rei, como todos geralmente desejavam e faziam prognósticos, porque ele era natural e o bramá estrangeiro, e temiam grandemente que pudesse esse bramá, com o tempo, vir a ser tal como fora o passado que o xemim de Satão matara, o qual enquanto reinou foi inimicíssimo dessa nação pegua, e usou com ela uma tão desacostumada crueldade que nunca passou dia em que não mandasse matar e degolar de quinhentos para cima, e às vezes quatro e cinco mil, e isso por casos muito leves, e que por justiça, se fosse verdadeira, não mereciam pena nenhuma.

Sendo já quase dez horas, pouco mais ou menos, tiraram o triste xemindó da masmorra em que estava dessa maneira: vinham logo adiante, como preparadores das ruas por onde havia de passar, quarenta a cavalo com suas lanças nas mãos, e outros tantos atrás com espadas nuas nas mãos, bradando em vozes muito altas para que a gente, que era sem conto, fizesse caminho; após estes, vinha uma companhia de homens armados, que, segundo o esmo dos que os viram, passariam de mil e quinhentos, todos arcabuzeiros e com os morrões acesos; após estes (a que eles chamavam tixe

lacauhós, o que quer dizer “preparadores da ira do rei”), vinham cento e sessenta elefantes armados com seus castelos, cobertos de toldos de seda, os quais todos, por ordem de cinco em cada fileira, faziam trinta e duas fileiras; detrás destes, pela mesma ordem de cinco em cada fileira, vinham quinze a cavalo com bandeiras pretas tintas de sangue, que, com vozes muito altas, a modo de pregão, diziam:

– Ouçam as gentes miseráveis, cativas de fome, a quem a aflição da fortuna continuamente persegue, o bramido da potência do braço da ira, executado naqueles que ofenderam o seu rei, para que lhes fique na memória o espanto da pena que por isso lhes dão.

E detrás destes vinham outros quinze pela mesma maneira, vestidos numa certa maneira de vestiduras vermelhas, que nas mostras de fora os faziam assaz medonhos e mal-assombrados, os quais, ao som de cinco pancadas que davam três sinos muito depressa, diziam em vozes altas com tons tão tristes que faziam chorar os ouvintes:

– Essa rigorosa justiça manda fazer o Deus vivo, senhor da verdade, de cujo santo corpo são pés os cabelos de nossas cabeças, que manda que morra Xeri xemindó, por usurpador dos estados do grão rei bramá, senhor de Tangu.

Aos quais pregões respondia a turbamulta da gente que ia adiante com uma braveza de vozes tão altas que metiam medo, dizendo: “Faxio turque panau acontamidó”, que quer dizer: “Morra, sem se ter piedade do que tal cometeu.”

Detrás destes ia uma companhia de quinhentos bramás a cavalo. E detrás de todos vinha outra companhia de gente a pé, com espadas nuas e rodelas, e alguns com cossoletes e saias de malha, no meio dos quais vinha o padecente escanchado num magro sendeiro, em osso, e nas ancas o algoz, que o trazia sobraçado por cima dos ombros. O miserável padecente vinha vestido

tão pobremente que as carnes de todo o corpo lhe apareciam, e por profundíssimo desprezo de sua pessoa, trazia na cabeça uma coroa de palha como barça de urinol, guarnecida toda por fora de cascas de mexilhões enfiadas em linhas azuis, e no pescoço, por cima do colar de ferro com que vinha preso, trazia uma grande quantidade de réstias de cebolas. Mas conquanto viesse dessa maneira, e trouxesse a figura do rosto quase mortal, não deixava de mostrar no aspecto dos olhos que de quando em quando levantava o ser de rei, com uma brandura tão severa no rosto que fazia chorar toda a pessoa; e em torno dessa guarda de que vinha cercado ia outra de mais de mil a cavalo, entremeados com muitos elefantes armados.

E passando assim pelas principais doze ruas da cidade, em que havia gente infinita, chegou já por derradeiro a uma a que chamavam Sabambainhá, que era aquela por onde ele saíra (como eu atrás disse) havia vinte e oito dias somente, quando se foi haver em campo com esse bramá. A qual saída fez então o xemindó com uma pompa e um estado tão grandioso e rico que, segundo o dito de todos os que o viram, de que eu também fui um, devia ser uma das maiores coisas daquela qualidade que se viram em qualquer parte, da qual de propósito não quis dar relação, ou por não me atrever a poder contar como se passou na verdade, ou por recear que se o contasse pudesse fazer alguma dúvida na verdade das coisas que conto.

Porém, como eu vi por meus olhos ambos esses sucessos, ainda que encobrisse a grandeza do primeiro, quis declarar a miséria do segundo, para que nessas tamanhas diferenças sucedidas em tão poucos dias entenda a gente quão pouco caso há-de fazer das prosperidades da terra e de todos os bens que dá a inconstante e mentirosa fortuna.

Passando o triste padecente por essa rua do Sambabainhá, chegou a um certo passo onde estava o nosso Capitão Gonçalo



Pacheco com mais de cem portugueses em sua companhia, entre os quais estava um que era homem de baixo sangue e de entendimento muito mais baixo, o qual parece, segundo ele dizia, que fora roubado havia dois anos, no tempo em que esse padecente reinava, e fazendo-lhe ele queixume dos culpados no furto, não fora ouvido como ele quisera. Ele agora, magoado ainda disso, parecendo-lhe que se vingava em soltar palavras néscias e desnecessárias, logo que o padecente emparelhou com o lugar onde estava Gonçalo Pacheco com todos os mais portugueses disse com vozes muito altas que todos ouviram:

– Ó ladrão xemindó, lembras-te quando te fui fazer queixume dos que me roubaram minha fazenda, de que me não fizeste justiça? Pois agora pagarás o que tuas obras merecem porque ainda hoje hei-de cear um pedaço dessa tua carne, para o que hei-de convidar dois cães que tenho.

O triste padecente, ouvindo essas palavras desse homem desatinado, pôs os olhos no céu, e depois de estar um pouco como pensativo, se virou para ele com rosto severo e lhe disse:

– Rogo-te, amigo, pela bondade do Deus em que crês, que me perdoes isso que dizes que te fiz, e lembra-te que não é de cristão, em passo tão trabalhoso como este em que agora vou, trazes-me à memória coisas da vida passada, que a ti não restauram a perda que dizes, e a mim dão muita dor e perturbação.

Gonçalo Pacheco, ouvindo o que esse homem disse, lhe bradou que se calasse, e ele o fez logo, e o xemindó com semblante grave deu a entender que lho agradecia, com o que mostrou que ficava mais quieto, e parece que para lhe agradecer também isso com palavras, já que com outra coisa não podia, lhe disse:

– Não quisera agora mais, se Deus fosse servido, que uma hora de vida, para confessar a excelência da fé em que vós outros credes, que, segundo tenho ouvido algumas vezes, só o vosso Deus é o verdadeiro, e todos os outros mentirosos.

O que ouvindo, o algoz lhe deu uma tamanha bofetada que o sangue lhe rebentou pelos narizes, e acudindo o pobre padecente com as mãos assim debruçado como ia, lhe disse:

– Deixa-me, irmão, aproveitar esse sangue, para que te não falte em que frijas a carne.

E caminhando daqui para diante na ordem com que vinha, chegou ao lugar onde se havia de fazer a justiça, e já a esse tempo tão mortal que quase não dava acordo de nada. E subindo em um grande cadafalso que para isso já ali estava feito, o chircá da justiça, de cima de um como que púlpito, em vozes muito altas lhe leu a sentença, cuja forma se continha em muito poucas palavras que diziam assim:

“Manda o Deus vivo de nossas cabeças, senhor da coroa dos reis do Avá, que morra o falso xemindó, por amotinador dos povos da terra e mortal inimigo da nação bramá.”

E batendo nesse passo rijo com a mão, lhe cortou o algoz a cabeça de um só golpe, o qual, depois que a mostrou a toda a gente, que era sem conto, lhe fez o corpo em oito quartos, fora as tripas e as mais partes de dentro, que separadas por si se puseram noutra parte; e cobrindo tudo com um pano amarelo que entre eles é dó, esteve assim até quase ao sol-posto, em que o queimaram da maneira que logo se dirá.

CXCIX

DA RESTITUIÇÃO QUE ESTE REI BRAMÁ FEZ AO MORTO XEMINDÓ, DO REINO QUE LHE TOMARA, E DA MANEIRA COMO ELE FOI ENTERRADO

O s oito quartos que se fizeram do corpo do xemindó estiveram publicamente até as três horas depois do meio-dia à vista de todo o povo que ali se juntara infinito, tanto pela pena que lhe fora imposta como por os seus sacerdotes lhe terem concedido axiparão, que é o seu jubileu pleníssimo, sem restituição de furto nenhum.

E nesse tempo, depois de se aquietar o tumulto e a vozearia da gente com pregões que sobre isso se lançaram por homens a cavalo, ameaçando-os com penas gravíssimas, se deram por cinco vezes quinze pancadas num sino, ao qual sinal saíram de dentro de uma casa de madeira que estava cinco ou seis passos afastada do cadafalso doze homens com vestiduras pretas salpicadas de sangue, e com os rostos cobertos, e todos com suas maças de prata aos ombros, e, atrás destes, outros doze sacerdotes que eles chamam talagrepos, de que algumas vezes disse que são dignidades supremas naquela gentildade e tidos pelo povo em reputação de homens santos; após estes, veio o xemim Pocasser, tio do rei do Bramá, homem ao que parecia no rosto de mais de cem anos, e este também coberto de insígnias tristes, e cercado de doze meninos pequenos ricamente vestidos, com seus terçados de chaparia aos ombros, o qual, depois que com muitas cerimônias se debruçou no chão três vezes, a modo de acatamento grandíssimo, disse chorando, como que falando com o defunto:



– Ó carne santa, de preço mais grave que todos os reis do Avá, pérola branca de tantos quilates quantos átomos se veem nos raios do Sol, posto por Deus no cume da honra, com cetro de mando nos exércitos da potência dos reis, eu, a menor formiga da tua despesa, aposentado em grande abundância nos esquecidos de tuas migalhas, e tão dessemelhante por baixeza diante de ti, que de muito pequeno quase me não enxergo, te peço senhor da minha cabeça, pelo fresco prado em que tua alma agora se recreia, que me ouças com as tuas magoadas orelhas, o que a minha boca te diz em público, para que fiques satisfeito da sem-razão que na terra se usou contigo.

O Oretanau Chaumigrém, teu irmão príncipe de Savady e do Tangu, te manda pedir por mim, teu escravo, que antes que dessa vida te partas, lhe queiras perdoar o passado, se por isso te deu algum desgosto, e que logo nessa hora mandes tomar posse de todo o reino, porque ele to larga todo sem haver nele falta alguma, e que protesta por mim, seu vassalo, na renúncia que te faz dele, não ter encargo de coisa alguma, e as queixas que por isso lá deres dele no céu não serem ouvidas diante de Deus, e que por pena do desgosto que dele tiveste, aceita ficar no desterro desta vida como capitão e olheiro desse teu reino de Pegu, do qual te faz menagem, com juramento de fazer sempre na terra o que de lá do céu lhe mandares, contanto que do rendimento dele lhe faças esmola para sua sustentação, porque de outra maneira bem sabe que o não pode licitamente possuir, nem os menigrepos o consentiriam, nem na hora da morte o absolveriam de tamanho pecado.

A que um dos sacerdotes que estavam presentes, que parecia ser de mais autoridade que todos os outros, respondeu como que falando em nome do defunto:

– Já que, filho meu, confessas teus erros passados, de que nesse público ajuntamento me pediste perdão, digo-te que do coração te perdoa e me apraz te deixar nesse reino como pastor desse meu

gado, contanto que me não quebres a fé desse juramento, o que seria pecado tão grave como se agora me pusesses a mão sem licença do céu.

E todo o povo lhe respondeu então com uma espantosa voz de alegria: “Midau cutarão, dapanó dapanó”, que quer dizer: “Assim lho concede, meu Senhor, meu Senhor.”

Após isso, subindo-se esse sacerdote no agrém, que era o púlpito, disse ao povo:

– Dai-me de alvíssaras parte das lágrimas dos vossos olhos para minha alma comer, por tão boa nova como esta que vos agora trago, que, já o nosso Rei Chaumigrém fica na terra por vontade de Deus, sem haver encargo para ninguém, de alguma restituição, pelo que todos vos deveis alegrar como bons e leais.

A que todo o concurso da gente fez tamanhas mostras de alegria, que batendo as palmas a modo de quem dá graças, diziam com bramidos terríveis: “Exirau opatu” – “Louvado sejas, Senhor”.

Acabado isso, os sacerdotes com esse fervor tomaram logo as partes do despedaçado corpo do morto rei e as levaram com grande veneração ao terreiro de baixo, onde estava uma fogueira de sândalos, águila e benjoim, coisa que parecia de grande custo, e pondo-lhe em cima o corpo morto, com as tripas e tudo o mais que de dentro dele se tirara, lhe puseram três sacerdotes o fogo, e com uma estranha cerimônia lhe fizeram muitos sacrifícios, de que a maior parte foi de carneiros degolados.

O corpo ardeu toda aquela noite até o outro dia pela manhã, e a cinza dele se pôs em uma caixa de prata, em que foi levada com um solene ajuntamento de mais de dez mil sacerdotes a um templo a que chamavam Quiay Lacasá, deus de mil deuses, onde foi enterrada em uma rica charola como capela, toda coberta de ouro.

E esse foi o fim que teve esse grande e poderoso xemindó, rei de Pegu, tão venerado nos dois anos e meio que reinou quanto cuidado que o não foi outro nenhum monarca. Mas esse é o mundo.

COMO DESTE REINO DE PEGU ME EMBARQUEI
PARA MALACA, E DAÍ PARA O JAPÃO,
E DE UM ESTRANHO CASO QUE AÍ SUCEDEU

A morte daquele bom rei de Sião, e o adultério daquela má rainha sua mulher, de que atrás dei larga conta, foram a raiz e o princípio de tantas discórdias e de tantas e tão cruéis guerras quantas houve nesses dois reinos de Pegu e de Sião, as quais duraram três anos e meio, com tanto custo tanto de sangue como de fazenda, como se tem visto no que até agora tenho contado, cujo fim foi ficar o Chaumigrém, rei do Bramá, senhor absoluto do reino de Pegu. Porém agora não tratarei mais dele, e daqui por diante direi o que sucedeu noutras partes até o tempo em que esse mesmo Chaumigrém, rei de Bramá, tornou sobre o reino de Sião com um tão grosso exército de gente quanto outro rei nenhum nunca juntou na Índia, que foi de um conto e setecentos mil homens, e dezesseis mil elefantes, nove mil de bagagem e sete mil de peleja. A qual empresa, segundo me depois disseram, nos custou a nós, da nossa parte, duzentos e oitenta portugueses, em que entraram dois frades de São Domingos que então andavam lá pregando.

Mas agora me quero tornar ao meu propósito, de que há já muito me apartei. Depois que essas revoltas que atrás disse foram todas quietas, Gonçalo Pacheco se despediu dessa cidade de Pegu com todos os mais portugueses que nela estávamos, os quais esse novo rei tinha libertado da maneira que atrás fica dito, mandando-lhes entregar livremente suas fazendas, e fazendo-lhes outras



muitas mercês tanto de honras como de liberdades, e nos embarcamos todos os cento e sessenta portugueses em cinco naus que nesse tempo estavam no porto de Cosmim, cidade das principais desse reino, e nelas nos espalhamos como peregrinos que fomos na Índia, por diversas partes, onde a cada um lhe parecia que poderia fazer melhor seu proveito.

Eu, com outros 26 companheiros, nos fomos para Malaca, onde depois que chegamos me detive eu um mês somente, e me tornei a embarcar para o Japão, com um tal Jorge Álvares, natural de Freixo de Espada à Cinta, que em uma nau de Simão de Melo, capitão da fortaleza, ia para lá de veniaga. E havendo já 26 dias que velejávamos por nossa rota, com monção tendente de ventos bonançosos, houve vista de uma ilha a que chamavam Tanixumá, a nove léguas ao sul da primeira ponta da terra do Japão. E pondo a proa a ela, fomos ao outro dia surgir ao meio da angra, que é o surgidouro da cidade Guanxiró, onde o nautaquim, príncipe dela, por sua curiosidade e por ver coisa nova que nunca ali vira, veio logo a nosso bordo, e espantado do aparato e do velame da nau, por ser a primeira que fora àquela terra, mostrou que folgava muito com a nossa vinda, e nos pediu por algumas vezes que quiséssemos aí fazer fazenda com ele, de que o Jorge Álvares e os mercadores se escusaram por causa de não ser o porto seguro para a nau, se lhe sobreviesse qualquer temporal.

E partindo-nos daqui ao outro dia seguinte, para o reino do Bungo, que distava dali para diante cem léguas para o norte, prouve a Nosso Senhor que aos cinco dias da nossa viagem surgimos no porto da cidade Fucheu, na qual, do rei e da gente da terra fomos bem recebidos, e com muito favor e franqueza nos direitos de nossas fazendas. E muito mais houvera de ser ainda, se por nossos pecados o não matasse, nesse breve tempo que aqui estivemos, um seu vassalo de nome Fucarandono, príncipe poderoso



e senhor de muitos vassallos, de muita renda e de grande estado, o qual desastrado caso foi dessa maneira:

Andava na corte desse rei de Bungo, no tempo que aqui chegamos, um mancebo de nome Axirandono, sobrinho de El-Rei de Arimá, o qual por agravos que tivera de El-Rei seu tio, havia já mais de um ano que viera para essa corte e fazia então já fundamento de não tornar mais à sua terra. Mas sucedendo por sua boa fortuna, falecer nesse meio tempo El-Rei seu tio, sem haver quem sucedesse no reino, o declarou a ele por seu herdeiro. O Fucarandono, de quem há pouco fiz menção, vendo quanto esse príncipe lhe armava para o casar com uma filha que tinha, pediu a El-Rei de mercê que lhe quisesse ser terceiro nisso, e tratar esse casamento, o que lhe ele concedeu levemente. E para isso convidou El-Rei um dia o príncipe para se ir desfadar a um bosque dali a duas léguas, onde tinha muita caça e outros desfadamentos, a que diziam que ele era muito inclinado, e o levou consigo, e lá lhe falou no casamento, e lhe mostrou que levaria muito em gosto lho ele não negar. E o príncipe lho outorgou de boa vontade, de que El-Rei se mostrou grandemente satisfeito. E mandando logo ao outro dia chamar o Fucarandono à cidade, lhe disse o que tinha feito para o casamento de sua filha com o rei de Arimá, pelo que lhe era necessário ir-lhe logo dar as graças, e granjeá-lo dali por diante como a filho mimoso, para o fazer mais conforme a si, pois nisso, tanto ele como sua filha ganhavam tanto, porque lhe afirmava em verdade de rei que muitas vezes o cobiçara para genro.

O Fucarandono se lançou aos pés de El-Rei, e lhos beijou com palavras convenientes à obrigação em que lhe estava por tamanha mercê e honra como aquela que por seu meio Deus lhe tinha feito. E dali se foi logo para sua casa, onde com grande alvoroço e contentamento deu conta do que se passava à sua mulher e a seus filhos e parentes, de que todos ficaram muito alegres, e se deram por isso muitas alvíssaras uns aos outros, como entre eles

se costuma em desposórios tão honrados como esses. A mãe da noiva, que nesse gosto mostrava ter a maior parte, se foi muito contente a uma câmara onde a filha estava bordando com outras moças nobres de seu serviço, e a trouxe pela mão à sala onde o pai estava com todo aquele ajuntamento de irmãos, e tios, e parentes seus, e todos lhe deram os parabéns de tamanha honra, e lhe falaram por alteza, como a rainha que já era, do reino de Arimá. E dessa maneira se passou aquele alegre dia em festas e banquetes, e visitas de senhoras, em que houve muitas dádivas de peças.

Mas como o bem ou o mal dos negócios dessa qualidade, está mais no que depois se segue, que no que neles se começa, a esses bons e alegres princípios desses desposórios, se seguiram depois tamanhos males e desventuras que vieram a ser quase iguais àqueles de Sião de que atrás tenho contado.

E digo isso porque assim o posso afirmar com verdade, pois ambos esses sucessos vi com meus olhos, e em ambos me achei presente com assaz de perigo meu.

Aquele dia todo se gastou em visitas dos nobres do reino, e nesse geral contentamento só a noiva estava descontente, porque era em extremo afeiçoada a um certo mancebo fidalgo, filho de um a quem chamavam Groge Arum, que é como barão entre nós, mas muito diferente no ser, no estado e na valia, do Fucarandono pai da noiva. Pelo que, constrangida ela pelo amor que lhe tinha, logo que foi noite lhe mandou dizer pela secretária desses seus negócios que logo em todo o caso a viesse tirar de casa de seu pai, antes que fizesse de si algum desatino.

O mancebo, que também não estava livre dessa afeição, veio ter com ela ao lugar onde costumava lhe falar, e ela o importunou de maneira que a ele lhe foi forçoso tirá-la logo de casa de seu pai, e dali a foi meter num mosteiro de que era abadessa uma sua tia dele, onde esteve encerrada nove dias, sem se saber parte de coisa nenhuma.



Ao outro dia pela manhã cedo, a aia que tinha cuidado nela a foi buscar ao lugar onde a deixara a noite antes, e não a achando nele, entrou na câmara de sua mãe, parecendo-lhe que por ser dia de festa se estaria lá enfeitando, ou outra coisa dessa maneira, e como também a não achou lá, se tornou à câmara onde ela dormia, onde viu uma janela que dava para um jardim, aberta, e um lençol feito em tiras, pendurado da grade, e uma alparca sua em baixo no chão, e imaginando o que podia ser, ficou de todo fora de si, e sem esperar mais, foi logo dar rebate a sua mãe, que ainda nesse tempo jazia na cama. Ela, sobressaltada com essa nova, se levantou logo com muita pressa, e buscando com muita diligência todas as casas das mulheres, onde lhe pareceu que podia estar, a não achou, de que dizem que ficou tão pasmada que subitamente caiu no chão com um acidente de que logo morreu.

O Fucarandono que ainda até então não sabia parte do que se passava, ouvindo a grita e a revolta das mulheres, acudiu muito depressa a saber o que era, e, sendo certificado da fugida de sua filha, mandou logo recado a alguns seus parentes, os quais espantados da novidade daquele triste sucesso, e não esperado, vieram logo ter com ele, e tratando todos entre si do que então se devia fazer naquele negócio, assentaram levá-lo com todo o extremo de rigor quanto fosse possível, e começando logo nas mulheres que em casa havia, de cento que eram, não ficou então nenhuma que não fosse degolada, e as principais delas feitas em quartos, com achaque de serem sabedoras daquela fugida.

E lançando uns e outros, vários juízes onde a moça poderia estar, lhes pareceu bem a todos não se fazer nisso mais diligência alguma, sem se dar primeiro conta a El-Rei do que se passava, o que logo puseram em obra, e lhe pediram muito que mandasse revistar certas casas que lhe eles apontaram, de que El-Rei se escusou, tanto para não afrontar os senhores delas como por recear o motim que esse desmancho podia causar.



O Fucarandono, agravado de El-Rei porque lhe não fizera o que lhe pedira, se tornou para sua casa com os seus parentes, e assentou com eles de por si só fazer tudo o que nesse caso lhe parecesse que era sua honra; porque de gente fraca e que podia pouco era o requerer por justiça o que por si não podia efetuar.

E como esses japões são muito mais ambiciosos de honra que todas as outras nações do mundo, determinou este levar em tudo ao cabo o seu intento, sem pôr diante inconveniente nenhum que se lhe oferecesse. E para isso deu rebate a quantos parentes seus havia na corte, os quais se juntaram todos com ele aquela noite, e dando-lhes conta dessa sua determinação, todos lha aprovaram e a houveram por boa. E sem se deterem mais, deram logo nas casas daqueles onde lhes pareceu que podia estar a moça escondida, os quais já a esse tempo também estavam providos de gente, pelo receio que tinham do que podia ser, onde a revolta e a desventura foram de maneira que nessa pequena parte que ficava por passar, da noite, se mataram, entre uns e outros, passante de doze mil pessoas.

A esse desmancho acudiu já por derradeiro El-Rei em pessoa, com a guarda que tinha consigo, a ver se os podia pôr em paz; porém a coisa andava tão acesa, e a ele o trataram de tal maneira que depois de o desacatarem algumas vezes se foi a voltar a fúria toda contra ele, e lhe mataram tantos dos seus que lhe foi forçoso ir-se retirando já com muito pouco para as suas casas. Porém nem isso já então lhe aproveitou, porque até lá o seguiram e nelas o acabaram de matar, e a toda a gente que nelas havia, que, segundo se afirmou, passaram de quinze mil pessoas, em que entraram vinte e seis portugueses, de quarenta que se acharam com ele.

E não contentes ainda esses ministros de Satanás com esse tamanho desmancho, e com o mal que tinham feito, deram também nas casas da rainha, que então jazia doente na cama, e ali a mataram com três filhas suas, e mais de quinhentas mulheres.

E com a fúria e desatino, puseram fogo à cidade por seis ou sete partes, o qual, ajudado pelo vento que então soprava com muita força, se ateou de tal maneira que em menos de duas horas a maior parte dela foi toda queimada. E nós, os dezessete portugueses que escapamos, nos recolhemos à nau com muito trabalho, na qual milagrosamente nos salvamos com largarmos as amarras e fugirmos para o mar.

Logo que a manhã foi clara, os alevantados todos, que nesse tempo seriam ainda mais de dez mil, depois de roubarem toda a cidade, se dividiram em duas batalhas e se foram retirando para um alto a que chamavam Canafamá, no qual se fizeram fortes com tenção de fazerem rei que os governasse, porque já nesse tempo o Fucarandono era morto de uma lançada que lhe atravessou a garganta, e assim todos os mais seus parentes, que foram os que deram princípio a esse diabólico levantamento.

CCI

DO QUE FEZ O PRÍNCIPE, FILHO DE EL-REI,
TENDO NOVAS DA MORTE DE SEU PAI

Naquele mesmo dia se deu rebate de tudo o que era passado ao príncipe, filho de El-Rei, que naquele tempo estava na sua fortaleza de Osquy, a sete léguas da cidade Fucheu, o qual, assaz sobressaltado com essa nova, depois que lamentou a morte de seu pai, se quisera vir logo meter na cidade com alguns privados seus que então somente tinha consigo. Porém o Fingeindono, seu aio, lho não consentiu, pondo-lhe diante muitas razões que havia para o não fazer até se não saberem os termos em que aquele negócio então estava, porque de crer era que quem se determinara a matar o seu pai não recearia matá-lo também a ele, pois tinha ainda poder para isso, e ele então para se defender não tinha nenhum; mas que com toda a presteza juntasse logo toda a mais gente que lhe fosse possível, porque com ela sujeitaria e castigaria seus inimigos.

Ao príncipe pareceu bem esse conselho, e depois de prover no mais necessário, conforme o tempo em que estava, mandou tocar o búzio à chara Japão, com todos os mais que tinha ali consigo, com o que a terra toda foi tão revolta que faltam palavras para o encarecer. E para que isso se entenda melhor, há-de-se saber que por lei ou costume antigo desse reino Japão todo o morador de qualquer lugar que seja, do maior ao mais pequeno, é obrigado a ter em sua casa um búzio, o qual, sob gravíssimas penas nenhum



tocará senão só em uma de quatro coisas, as quais são: ruído de brigas, fogo, ladrões e caso de traição. E logo no tocar do búzio se sabe para que se toca, porque para brigas se toca uma vez somente; para fogo se toca duas; para ladrões, três; e para caso de traição, se toca quatro vezes. E logo que o primeiro tocar o búzio todos os outros que o ouvirem são obrigados a tocarem logo os seus, sob pena de morte, e da maneira que o primeiro toca, tocam também todos os outros, para que se saiba distintamente o que é, e não haja aí confusão. E porque esse sinal da traição não é tão ordinário como os outros que costumam acontecer muitas vezes, quando acaso acontece tocar-se, faz tamanho espanto na gente, que sem fazerem um só momento de detença largam todos tudo e vão correndo ao lugar onde se tocou o primeiro búzio, e desta maneira corre esse rumor com tanta pressa que dentro de uma hora se apelidam mais de vinte lugares em roda.

Tornando pois agora ao que ia dizendo, logo que o príncipe proveu nesse negócio, por essa via, com mostras de grandíssimo ânimo e de bom capitão, se recolheu para uma casa de religiosos que estava no meio do bosque, na qual se encerrou três dias, e tornou de novo a lamentar a morte de seu pai e mãe, e irmãs, com muitas lágrimas e tristeza, no fim do qual tempo, por ser já muita a gente que era junta, se desencerrou para prover no que convinha à segurança do seu reino e ao castigo dos culpados, aos quais logo mandou tomar os estados, e assolar as casas com pregões tão espantosos que tremiam as carnes de os ouvir.

Passados sete dias depois que aconteceu esse triste caso, porque então havia já ali muita gente junta, e aquela terra era falta de mantimentos, foi aconselhado o príncipe a que fizesse o que pretendia, antes que os dez mil do motim se espalhassem por diversas partes, e ele se partiu deste lugar de Osquy para a cidade com um grosso campo de gente muito luzida e bem armada, o qual foi



esmado em cento e trinta mil homens, de que dezessete mil eram a cavalo, e os mais a pé, e todos gente para qualquer grande feito.

E chegando à cidade foi bem recebido de todo o povo, mais com mostras de muita tristeza e sentimento pela morte de seu pai, e não se quis logo ir às casas reais, mas assim de caminho como ia, se foi descer ao pagode onde seu pai estava enterrado, no qual lhe celebrou as exéquias com um fausto e uma pompa fúnebre de muito custo, ao seu modo, que duraram aquelas duas noites seguintes, com infinidade de luminárias, onde por fim de tudo lhe foi mostrada a roupa que seu pai trazia vestida quando o mataram, ensopada ainda em sangue, sobre a qual ele fez juramento de não perdoar a nenhum dos culpados, ainda que mil vezes se fizessem bonzos, e queimar por essa causa todos os templos onde fossem achados, se cuidassem de os tomar como seus valhacoutos.

Ao quarto dia da sua entrada, foi alevantado por rei, com pouco fausto e cerimônia por razão da sua tristeza, e logo dali abalou com cento e sessenta mil homens, para o lugar onde os culpados estavam recolhidos, sobre os quais se pôs de cerco, e fechou a serra toda em roda para que não pudessem fugir, onde os teve postos em muito aperto por espaço de nove dias. E vendo eles que não tinham mantimento nem esperança de socorro algum, houveram por melhor partido morrerem no campo como esforçados que estarem cercados como cobardes. E determinados todos nesse parecer, desceram do cume da serra onde estavam, por quatro partes, uma noite chuvosa e de grande escuro, e dando no campo de El-Rei, que já a esse tempo estava todo posto em ordenança por aviso que disso teve, a briga se travou entre El-Rei de tal maneira, e com tanto ódio e ímpeto de ambas as partes, que durando até as duas horas do dia enfim se veio a averiguar com ficarem no campo trinta e sete mil mortos, em que entraram todos os dez mil alevantados, sem nenhum deles se querer salvar, o que alguns



poderiam fazer; das quais mortes El-Rei se mostrou muito sentido, e recolhendo-se logo para a cidade, a primeira coisa em que proveu foi na cura dos feridos, em que houve assaz de detença, por serem, segundo se disse, mais de outros trinta mil, de que depois ainda morreu uma grande quantidade.

CCII

COMO NOS PASSAMOS DESTA CIDADE FUCHEU PARA O PORTO DE HIAMANGÓ, E DO QUE NELE NOS ACONTECEU

Acabada essa revolta com tanto custo de todas as partes, como a terra ficou toda assolada, e os mercadores eram todos fugidos, e El-Rei estava com determinação de se sair da cidade, nós os poucos portugueses que ainda aí estávamos (porque como o tempo nos deu lugar, nos tornamos a surgir no porto da cidade), desconfiados de podermos aí estar seguros, e de termos quem nos comprasse nossas fazendas, nos fizemos à vela e nos passamos a outro porto dali a noventa léguas, que se chamava Hiamangó, na baía de Canguexumá, onde estivemos dois meses e meio sem podermos vender coisa nenhuma, porque toda a terra estava tão cheia de mercadorias da China que se perdia, do próprio, mais de duas partes, porque não havia porto, nem enseada, nem angra em toda essa ilha do Japão onde não estivessem surtos trinta a quarenta juncos, e em algumas partes mais de cem, como foi em Minató, Tanorá, Fiunguá, Facatá, Anguné, Ubra e Canguexumá. De maneira que naquele ano foram da China ao Japão, de veniaga, passante de duas mil embarcações, e era a fazenda tanta e tão barata que o pico de seda que naquele tempo se comprava na China por cem taéis se vendia no Japão por vinte e cinco, vinte e oito, e o mais a trinta, e ainda com muita dificuldade, e todas as mais sortes de fazendas tinham nos seus preços essa mesma baixa, pelo que ficamos de todo perdidos sem sabermos determinar o que fizéssemos de nós.



Mas como Deus Nosso Senhor, com seus ocultos juízos ordena todas as coisas suavemente por uns meios que nos embaraçam o entendimento, permitiu ele pela razão que ele só entende, que, com a lua nova de dezembro, que foi aos cinco dias do mês, sobreviesse uma tão grande tempestade de chuueiros e vento, que dessas embarcações todas nenhuma ficou que não desse à costa, de maneira que se achou que chegara a perda que fez essa tormenta a mil e novecentos e setenta e dois juncos, em que entraram vinte e seis de portugueses, em que morreram quinhentos deles fora mais de mil pessoas cristãs, e se perderam oitocentos mil cruzados de emprego da China. E dos chins se afirmou que, além das mil e novecentas e trinta embarcações, se perderam passante de dez contos, e cento e sessenta mil pessoas. Desse tão copioso e tão miserável naufrágio, se não salvaram mais que dez ou doze embarcações, das quais uma foi a em que eu vinha, e ainda essas milagrosamente, as quais depois venderam suas fazendas a como quiseram.

Nós, depois de termos feito nosso emprego, e estarmos prestes para nos partirmos, nos quisemos fazer a vela um Dia de Reis pela manhã, e ainda que por uma parte bem contentes, porque fizemos aqui tanto proveito que todos íamos ricos, todavia por outra assaz tristes, por vermos que fora à custa de tantas vidas e de tantas fazendas, tanto dos nossos naturais como dos estrangeiros.

E estando nós já com as amarras levantadas e o traquete dado para seguirmos nossa viagem, se nos quebraram subitamente as ostagas da vela grande, e vindo a verga abaixo, se fez nos alcatrates da nau em quatro pedaços, por onde nos foi forçoso tornarmos a surgir, e mandarmos o batel a terra a buscar uma entena, e carpinteiros que no-la emparelhassem, e com isso mandamos um presente de peita ao capitão do lugar, para que nos desse com brevidade aviamento do necessário, e ele no-lo deu tão bom que



naquele mesmo dia se tornou a nau a pôr no primeiro estado, e ainda melhor do que estava.

E tornando nós outra vez a levantar a amarra para nos fazermos à vela, nos quebrou pelo ourique da âncora onde estava talingada, e porque nos não ficara na nau mais que outra somente, nos foi forçoso trabalharmos todo o possível para a não deixarmos, pela muita necessidade que tínhamos dela; e para isso mandamos a terra buscar mergulhadores, os quais, por dez cruzados que lhes deram, foram logo de mergulho onde estava a âncora, que era a vinte e seis braças de fundo, e lá lhe guarneceram um calabrete com que com o cabrestante a guindamos acima, ainda que fosse com assaz de trabalho, no qual todos andamos ocupados, e se gastou nele a maior parte da noite. E quando a manhã clareou, nos pusemos de verga de alto para partirmos. E sendo a nau já do todo levada, com o traquete mareado e a vela grande desferida, se nos acalmou o vento subitamente, com o que a corrente da água, que era muito grande, nos lançou junto de um morro onde nos vimos de todo perdidos, sem nos aproveitar todo o nosso trabalho nem toda a nossa diligência, pelo que nos socorremos do melhor e mais certo remédio, que foi chamarmos com muita insistência pela Virgem Nossa Senhora, com cujo favor nos salvamos daquele perigo.

No meio desse trabalho e medo com que todos andávamos, vimos descer de cima do morro, a grande pressa, dois homens a cavalo, os quais nos capearam com uma toalha, e nos bradaram rijo que os tomássemos; e como a novidade do caso pôs em desejo saber o que aquilo era, se mandou logo a manchua a terra bem equipada, e porque naquela noite me tinha fugido um moço meu, com outros três, cuidando eu que podia aquilo ser algum recado dele, pedi a Jorge Álvares, capitão da nau, que me mandasse na manchua, e ele me mandou com outros dois companheiros



comigo. E chegando nós à praia onde os dois a cavalo já estavam, um deles que parecia ser o mais honrado me disse:

– Porque o tempo, senhor, não sofre muita demora, porque me temo de muita gente que vem atrás de mim, te peço pela bondade do teu Deus, que, sem pores diante dúvida ou inconveniente algum, me recolhas contigo.

Com as quais palavras eu fiquei tão embaraçado que me não soube determinar no que fizesse, mas porque dantes tinha eu já visto aquele homem por duas vezes naquele lugar de Hiamangó, em companhia de alguns mercadores, me movi a tomá-lo, e depois que os meti dentro da manchua, a ele e ao seu companheiro, apareceram catorze a cavalo que vinham após ele, os quais, chegando com grande grita à praia onde eu estava, me disseram:

– Dá cá esse tredo, senão matar-te-emos.

E logo após estes, vieram outros nove, de maneira que se juntaram ali vinte e três a cavalo, sem homem nenhum a pé.

Eu, receoso do que podia ser, me afastei para o mar um bom tiro de besta, e de lá lhes perguntei o que queriam, e eles me responderam:

– Se lebares esse japonês (sem fazerem conta do seu companheiro), sabe que mil cabeças de outros tais como tu hão-de pagar o que agora fazes.

Às quais palavras eu lhes não quis responder, e vindo com eles ambos a bordo, os meti dentro da nau, ainda que foi com assaz de trabalho, onde ambos foram bem providos pelo capitão e pelos portugueses que ali estavam de tudo o que lhes era necessário para uma tão longa viagem.

E se me eu detive agora a particularizar as miudezas desses trabalhos, foi pelo sucesso que eles tiveram, de que espero tratar lá adiante, para que claramente se vejam os meios por onde Nosso Senhor ordena ser louvado, como adiante se verá por esse homem japonês, cujo nome era Angiró.



CCIII

DE UMA GROSSA ARMADA QUE O REI DO ACHÉM NESTE TEMPO MANDOU SOBRE MALACA, E DO QUE NISSO FEZ O PADRE-MESTRE FRANCISCO XAVIER, REITOR DA COMPANHIA DE JESUS NAS PARTES DA ÍNDIA

Partidos nós daqui deste Rio de Hiamangó, e enseada de Canguexumá, aos 16 dias de janeiro do ano de 1547, quis Nosso Senhor que em catorze dias de boa monção chegamos ao Chincheu, um dos célebres e ricos portos do reino da China, sobre o qual à entrada do rio então estava um famoso corsário, de nome Chepocheca, com quatrocentos barcos grossos, e sessenta vancões de remo, na qual frota tinha sessenta mil homens, de que só vinte mil eram de serviço dos navios, e os mais de peleja, e toda essa grande cópia de gente sustentava de soldos e mantimentos com as presas que fazia no mar.

E temendo nós então acometer a entrada do rio, porque estava por todas as partes tomado por esse corsário, corremos avante até Lamau, onde nos provemos de alguns mantimentos que nos bastaram até chegarmos a Malaca, onde achamos o Padre-Mestre Francisco Xavier, reitor universal da Companhia de Jesus nas partes da Índia, que havia poucos dias que chegara de Maluco, com grande nome de santo na voz de todo o povo, por milagres que lhe lá viram fazer, ou, por mais acertado, que Nosso Senhor por ele fizera. O qual, tendo novas desse japão que trazíamos conosco, nos foi logo buscar a Jorge Álvares e a mim a casa de um tal Cosme Rodrigues, aí casado, onde ambos pousávamos.

E depois que gastou conosco um pedaço do dia em perguntas curiosas, fundadas todas num vivo zelo da honra de Deus, e tomar



de nós as informações do que pretendia, ou do que mostrava que desejava saber de nós, lhe dissemos, sem sabermos das novas que ele já tinha disso, que ali na nau trazíamos dois japões, um dos quais, que parecia ser homem de conta, era muito discreto e muito entendido nas leis e seitas de todo o Japão, que sua reverência folgaria de ouvir. Ele mostrou alvoroçar-se tanto com isso que nós, por isso que nele vimos, nos fomos à nau e trouxemos o japão ao hospital onde ele pousava, o qual o recolheu então consigo e o levou dali para a Índia, para onde estava de caminho. E depois que chegou a Goa, o fez lá cristão e lhe pôs o nome de Paulo de Santa Fé, o qual em pouco tempo soube ler e escrever, e toda a doutrina cristã, conforme a determinação desse bem-aventurado padre, que era que logo que viesse aquela monção de abril ir denunciar ao barbarismo dessa ilha Japão, Cristo, filho de Deus vivo, posto na Cruz por pecadores, como ele costumava dizer, e levar esse homem consigo para seu intérprete, como depois levou, e ao seu companheiro que também com ele juntamente se fez cristão, a quem o padre pôs o nome João, os quais ambos lhe foram lá depois muito fiéis em tudo o que cumpriu ao serviço de Deus, e por cuja causa o Paulo de Santa Fé depois foi desterrado para a China, onde foi morto por uns ladrões, como adiante declararei quando falar desse desterro.

Partido esse santo padre daqui de Malaca para na Índia efetuar com o governador essa ida ao Japão, Simão de Melo, que então, como já disse, era capitão da fortaleza, escreveu dele o que naquelas partes de Maluco fizera para aumento da nossa santa fé, e as maravilhas que Deus Nosso Senhor por ele obrara. E entre algumas coisas de que deu conta ao Governador D. João de Castro, foi testemunhar de vista o que por espírito profético esse santo padre disse, estando pregando na Sé de Malaca, acerca do milagre a que o vulgo da gente lá chamava dos achéns.



E para que se saiba o que isso foi, me pareceu necessário contá-lo do começo, o qual foi dessa maneira: uma quarta-feira, nove de outubro do ano de 1547, às duas horas depois da meia-noite, chegou ao porto onde as nossas naus estavam surtas uma grossa armada do rei do Achém, de setenta lancharas, e fustas, e galeotas de remo, na qual vinham embarcados cinco mil homens de bailéu, a que nós chamamos de peleja, fora a chusma do remo, e lançando parte da gente em terra, se foram logo, por ser a noite muito escura, acometer a cidade, com fundamento de abalroarem a trincheira com uma soma de escadas que para isso traziam; e porque a acharam a muito bom recato, permitiu Deus que não houve efeito o seu intento.

A outra parte da gente que ficou na armada deu nesse mesmo tempo na ilha das naus e pôs fogo a seis ou sete navios que estavam no porto, em que entrou uma nau grande de El-Rei nosso senhor, que havia cinco dias chegara de Banda, carregada de noz e maçã, a qual de todo esteve tomada. Ia a esse tempo a revolta, e a grita da gente era tamanha que não havia quem se entendesse nem se soubesse dar a conselho, porque como esses inimigos chegaram de súbito sem serem sentidos, e a noite era escura e muito chuvosa, e os repiques e gritas soavam em muitas partes, causou isso em todos os nossos uma confusão tão desordenada que ninguém se sabia determinar.

Depois de essa revolta durar um grande espaço, chegaram uns três balões que Simão de Melo tinha mandado a saber o que aquilo era, os quais certificaram serem achéns. Nesse tempo, começando já a clarear a manhã, se enxergou da fortaleza uma grande quantidade de barcos de remo, com muitas bandeiras e estandartes de seda, e mandando-lhes o capitão atirar com algumas peças grossas para os assombrar, eles, assim como estavam em uma ala fechados, se foram retirando para a ponta da Ilha de Upe, que estaria dali a pouco mais de um terço de légua, onde sobre o





remo esperaram até quase a noite, com estrondos de gritas muito grandes, como quem ganhou alguma grande vitória.

Aconteceu por desdita que, nesse tempo, ao mar deles andava pescando um parau nosso, em que estavam sete homens da terra, que nela tinham mulheres e filhos. Os inimigos, logo que o viram, mandaram a ele os seus balões que traziam muito bem equipados, os quais, em breve espaço, o tomaram e lho trouxeram, e a todos os sete que vinham nele mandaram cortar os narizes e as orelhas, e a alguns jarretar pelos artelhos como por desprezo, e dessa maneira os mandaram com uma carta para o capitão, escrita com o sangue dos mesmos tristes que a traziam, a qual dizia assim:

Biyayá Sara, filho de Seribiyayá, pracamá de rajá, que em bocetas de ouro traz guardado para sua honra o riso do grande sultão Alaradim, castiçal com pivetes de cheiro da santa casa de Meca, rei do Achém e da terra de ambos os mares, te faço saber, para que assim o digas ao teu rei, que nesse seu mar em que estou descansado, assombrando com meu bramido essa sua fortaleza, hei-de estar pescando a seu despeito e por muito que lhe pese o tempo que me vier à vontade, e por testemunhas disso que digo, tomo a terra e as gentes que nela habitam, com todos os mais elementos até o céu da lua, e lhes certifico a todos, com palavras ditas pela minha boca, que o teu rei fica vencido e sem honra nenhuma, e as suas bandeiras derrubadas no chão, para jamais as poder levantar sem a licença de quem o venceu, pelo que metida a sua cabeça sob o pé do meu rei, como senhor que a todos subjuga, fica de hoje em diante por seu escravo. E para te fazer confessar ser verdade isso que digo, eu te desafio daqui donde estou, se por sua parte mo quiseres contradizer.

Essa carta vinha assinada pelos capitães da frota, como coisa que se fizera por conselho de todos, e chegando esses sete coitados



sem narizes e sem orelhas, à cidade, foram logo levados à fortaleza ao capitão, assim ensanguentados e disformes como vinham, e lhe deram a carta que traziam, a qual se leu logo ali publicamente perante toda a gente, de que o capitão com alguns seus aceitos esteve zombando com alguns ditos cortesãos e galantes.

Nesse tempo chegou o Padre Francisco Xavier, que vinha de Nossa Senhora do Outeiro, de dizer missa como sempre costumava, e o capitão se levantou de pé, e saiu a o receber a dois ou três passos donde estava sentado, e lhe disse sorrindo, como quem não fazia caso da carta:

– Que conselho me dará vossa reverência nesse desafio? Parece-me que o hei-de remeter à mor alçada como juiz que em causa crime apela por parte da justiça.

O padre lhe respondeu:

– O meu parecer é, já que mo vossa mercê pergunta, que não havia de passar isso tanto por graça, que se não fizesse algum modo de armada se fosse possível, que ao menos lhes fosse ladrando nas costas, para que não cuidassem esses mouros de nós que de todo estamos tão despercebidos que lhes não possamos fazer algum nojo, se outra vez cá tornarem.

A que o capitão lhe disse:

– Muito bem me parece isso, se por alguma via pudesse ser, mas bem vê vossa reverência da maneira que nós estamos, que é com quatro pedaços de fustas podres, em que não há já conserto, e dado que o houvesse, se gastaria nele muito mais tempo que em as fazer de novo.

E o padre lhe tornou:

– Se a causa não está em mais que no conserto das fustas, eu quero para honra de Deus e de El-Rei nosso senhor tomar esse conserto delas à minha conta, e ir, se for necessário, em companhia desses servos de Cristo e irmãos meus, a pelejar com esses inimigos da Cruz.



O que ouvindo os que estavam presentes, que era uma quantidade de gente muito nobre, todos juntamente responderam:

– Se vossa reverência isso fizer, que há aí que dizer? porque assaz bem judeu será o cristão que se escusar a ir em jornada tão santa.

E com isso se levantou em todo o povo um modo de motim santo, com um fervor tão animoso e tão determinado em Deus que de todos se julgou como coisa sobrenatural.

O capitão, que estava então sentado à porta da fortaleza, se pôs logo em pé, assaz contente de ver o ânimo e o fervor santo de toda a gente, e tomando o padre pela mão se foi à ribeira onde viu a armada que estava varada, e achou sete fustas e um catur pequeno, e ali mandou logo chamar o feitor Duarte Barreto, e lhe disse que com toda a pressa mandasse dar o necessário para se consertarem esses navios, e ele lhe respondeu que na feitoria não havia nem um só prego, nem breu, nem estopa, nem um só palmo de pano para velas, nem outra coisa nenhuma das que eram necessárias para se fazer o que sua mercê mandava, de que o capitão mostrou ficar assaz triste, e a gente toda muito mais.

O padre então levantando os olhos, e convidando com a sua boa sombra todos os circunstantes a os porem nele, lhes disse:

– Ora sus, irmãos e senhores meus, não vos entristeçais, porque vos afirmo que Deus Nosso Senhor é conosco, e de sua parte vos requeiro que nenhum se negue a ir nessa santa jornada, porque Ele nos manda que assim o façamos. E quanto ao inconveniente que o feitor põe, da falta do necessário para o concerto da armada, não há-de isso ser bastante para nos fazer tornar atrás do nosso propósito.

E com isso pôs os olhos em sete dos que estavam à roda, que todos eram capitães e senhorios de naus suas, e homens ricos e honrados, e nomeando a cada um deles por seu nome, se chegou a um deles e, com muitos abraços e a boca cheia de riso, lhe disse:

– Irmão meu, cumpre à honra de Nosso Senhor Jesus Cristo, que vós, como servo seu, tomeis a vosso cargo consertardes aquela fusta que ali está (assinalando a cada um a sua), com a maior brevidade que for possível, porque também cumpre muito ao seu serviço. E quanto ao prêmio do vosso trabalho, eu vos fico que ele vos seja pago a cem por um.

E dessa maneira os correu a todos sete, recomendando a cada um deles o conserto de sua fusta, o que eles todos aceitaram com um fervor e um zelo tão santo que ali se disse claramente que era isso mais obra de Deus que dos homens. E cada um desses sete se encarregou logo da fusta que o padre lhe assinalara, e na mesma hora, sem fazerem mais detença, começaram todos a pôr mãos à obra. E era tamanho neles o fervor e a inveja santa que andavam em despique a ver qual faria melhor e mais depressa, e foi a coisa de maneira que o que parecia impossível fazer-se num mês, ainda que lhes sobejasse tudo, se fez em termo de só cinco dias, porque em cada uma das fustas trabalhavam mais de cem homens.

Enquanto essa armada se estava aparelhando, o capitão da fortaleza, Simão de Melo, declarou, como capitão dessa empresa, Francisco de Eça, seu cunhado, e o Padre-Mestre Francisco se determinou totalmente em ir nessa jornada. E entendendo os irmãos da misericórdia essa determinação do padre, se juntaram com todos os casados que havia na fortaleza, e levando consigo o mesmo D. Francisco de Eça, se foram todos juntos a ele, e lhe fizeram um requerimento em que lhe pediram da parte de Deus que já que aquela fortaleza estava tão só, a não quisesse desamparar com a sua ausência; porque se assim fosse, protestavam todos de irem também com ele, com o qual requerimento o padre ficou algum tanto embarçado, segundo se nele enxergou, porque a sua nobre condição e grande caridade lhe estavam pedindo condescender com esses dois extremos diferentes, o que não podia ser.

E havendo sobre isso conselho, em que houve diversos pareceres e muitas razões de ambas as partes, enfim o mesmo D. Francisco de Eça, capitão-mor da armada, por entender que era assim necessário, tornou a pedir ao padre que fizesse a vontade àquele povo, visto o bom zelo com que todos lhe pediam aquilo e lhe faziam aquele requerimento, o que o padre lhe concedeu. E depois que se determinou em ficar na terra, os consolou a todos com uma breve prática espiritual, encarecendo nela a muita razão que uns e outros tinham de porem as vidas por um tão bom Deus, que para os remir se pôs numa Cruz, como todos tínhamos por fé e confessávamos, escarnecido, desprezado, açoitado, coroadado de espinhos, e por fim de tudo crucificado num duro pau, para nos crucificar a nós no seu doce amor, e esmaltar nossas almas com o seu sangue sem preço, com o que justificava o nosso pouco merecimento diante do Padre Eterno. E a esse modo disse outras muitas coisas com o seu fervor e devoção costumada, com o que fez tamanha impressão em toda a gente que os capitães e os soldados que iam na armada protestaram logo ali de, juntos todos numa conformidade cristã, morrerem pela fé de Nosso Senhor Jesus Cristo.

CCIV

DO QUE ACONTECEU À NOSSA ARMADA ESTANDO PARA PARTIR, E DE DUAS FUSTAS QUE CHEGARAM DE NOVO À FORTALEZA

Sendo já passados oito dias em que na gente continuou esse fervor santo, a nossa armada foi de todo prestes e aparelhada do necessário, e posta a pique para se partir ao outro dia, a qual era de sete fustas e um catur pequeno para servir de recados, em que iam cento e oitenta bons soldados, cujos capitães eram D. Francisco de Eça e D. Jorge de Eça, seu irmão, e Diogo Pereira, e Afonso Gentil, e Belchior de Sequeira, e João Soares, e Gomes Barreto; e o capitão do catur era André Toscano, juiz dos órfãos, e aí casado em Malaca.

Ao outro dia, estando já todos embarcados e prestes para se partirem, em o Capitão-Mor D. Francisco de Eça desferindo a vela com grande regozijo e grita de todos, a sua fusta soçobrou, sem se salvar dela então mais que a gente, e ainda essa com muito trabalho, de que todo o povo ficou tão confuso e triste, e os da armada com ânimos tão caídos, que parecia gente pasmada.

Esse mau sucesso foi causa de se desmandarem alguns na língua, e falarem mais solto do que era razão, atribuindo essa ida a pura indústria do Demônio, em ofensa grave de Deus, dando como autores desse mal o capitão e o Padre-Mestre Francisco, e dizendo que eles totalmente mandavam entregar aquela fraca armada aos achéns, de que estava certo que não havia de escapar homem vivo, por serem as nossas fustas sete, e as do inimigo sessenta, e os nossos cento e oitenta homens, e o inimigo cinco



mil; e essa desproporção lhes dava tanto crédito ao que diziam, que o comum da gente concordava com eles, sem o capitão nem a justiça serem o bastante para os fazer calar, por muito que nisso se trabalhasse.

O Capitão Simão de Melo e o capitão-mor da armada, D. Francisco de Eça, afrontados dessa diabólica união, mandaram muito depressa chamar o padre a Nossa Senhora do Outeiro, onde então estava dizendo missa, e indo o mensageiro muito depressa, o achou no passo de *Domine non sum dignus*, com o Senhor nas mãos, e não se sabendo determinar no que faria, se deixou estar ali até que ele acabou de comungar, e então se chegou a ele; e em abrindo a boca para lhe dar o recado, o padre lhe acenou com a mão para que não falasse ou o não perturbasse, e foi para diante com a missa, sem mostrar turvação alguma.

E depois que se despediu do altar, disse ao homem, sem até então lhe ter dito nada:

– Ide, meu irmão, e dizei ao capitão que logo vou, e que se não agaste sua mercê por coisa nenhuma, porque nas maiores pressas está o Senhor.

E entrando para a sacristia, tirou a vestimenta e veio se pôr de joelhos diante do altar, e, fazendo oração à imagem que estava nele, lhe ouviram dizer com um grande suspiro:

– Ó, Jesus Cristo, amores de mi anima, põe Senhor meu os olhos em ti e no esmalte de tuas preciosas chagas, e nelas verás o muito a que a tua divina majestade por nós quis obrigar-se, pois Deus meu e Senhor meu, que te posso eu miserável pedir já agora, que tu por quem és nos não concedas, para remédio de nossa aflição?

E acabando essas breves palavras que disse com muitas lágrimas, veio para baixo para a fortaleza, onde achou o capitão e toda a gente muito tristes, e em pressa de desalagarem a fusta, para salvarem a artilharia, com algumas armas que ainda se acharam;



e logo que viu o padre, dando seis ou sete passos o veio receber, e quase afrontado da soltura e da união do povo lhe disse:

– Que é isso, padre meu? Ouça vossa reverência o que diz essa gente e desculpe-me para com ela, já que não sou poderoso para lhe tapar as bocas.

O padre, com rosto severo e semblante alegre, lhe respondeu mansamente:

– Valha-me Deus! E com tão pouca coisa se agasta vossa mercê? Não seja assim, tenhamos firme fé no Senhor e em sua onipotência, porque ele terá cuidado de remediar nossas faltas.

E abraçando com isso todos os capitães e soldados, os esteve animando com exemplos santos da Sagrada Escritura e lhes recomendou muito a firmeza primeira do seu bom propósito. E com isso se foi em companhia do capitão para a porta da fortaleza, que seria dali a quinze ou vinte passos, onde se sentaram, e depois de se praticar no sucesso da fusta que se alagara, e da falta que ela fazia, que por ser a melhor de toda a frota, se embarcava nela o capitão-mor, quis Simão de Melo, por lhe parecer que com isso taparia a boca aos praguentos, na culpa que lhe punham em mandar por conselho do padre aquela tão pequena armada a acometer uma frota tão grossa, que se tomasse a resolução daquilo em que então se praticava pelos pareceres dos que ali estavam presentes; e fazendo-se assento do voto de cada um, por Baltasar Ribeiro, escrivão da alfândega e da feitoria, em presença de todos os oficiais da justiça e da fazenda, se assentou que era temeridade o que se cometia, fundando todas as razões e causas que para isso davam naquele desastre, dizendo que viera aquilo por permissão divina, porque quis Deus atalhar outro mal muito maior como se haveria de seguir, se o intento do capitão e do padre fosse por diante. Porém, quando vieram a tomar nisso os pareceres do capitão-mor e dos mais capitães e soldados que iam na armada, disseram todos que ainda que vissem a morte diante dos olhos, se não haviam



de desdizer do que tinham prometido a Deus, e que assim o tornavam de novo a prometer e jurar, porque tanto montavam seis fustas como sete, pois a cópia da gente toda ia nas seis.

E com isso deram de mão ao assento que o escrivão fazia, o que ao capitão, segundo se disse, não pesou muito, pela honra que esperava que ganhassem naquela ida, tanto em geral todos os da fortaleza como em particular seus cunhados, D. Francisco de Eça, que ia como capitão-mor da armada, e D. Jorge, seu irmão, que ia como seu sucessor naquele cargo.

O Padre-Mestre Francisco, vendo a firmeza e bom propósito dos capitães e dos soldados, lho louvou muito, e entre algumas palavras que em prática lhes disse foi que tivessem todos muita confiança em Deus Nosso Senhor, porque em lugar daquela fusta perdida ele lhes traria ali muito cedo duas, e que disso fossem todos muito certos, porque assim havia de ser sem falta nenhuma naquele mesmo dia.

E todos os que estavam presentes lhe deram muito crédito, pelo que ouviam dele; porém não faltaram também alguns que, com palavras retorcidas, nascidas de ânimos incrédulos, davam a entender que aquilo era invenção com que o padre os queria consolar, pela tristeza que neles via, pelo mau sucesso.

Com isso se recolheu Simão de Melo para dentro, e levou consigo o capitão-mor e os outros capitães da armada, e os convidou para jantar, e o padre se recolheu também ao hospital a curar os pobres, como tinha por costume. E sendo já sobre a tarde, como todos tinham os olhos no que ele tinha dito, ainda que com diferentes ânimos, conforme a fé que cada um tinha, uma hora antes do sol-posto, pouco mais ou menos, se deu rebate de cima do Outeiro de Nossa Senhora, que para a parte do norte apareciam duas velas latinas, com a qual nova foi tamanho o alvoroço no povo que era coisa de espanto. O Capitão Simão de Melo mandou logo lá um balão equipado a saber o que era, o qual trouxe recado



que eram duas fustas em que iam sessenta portugueses, de uma das quais era Capitão Diogo Soares, o Galego, e da outra Baltasar Soares, seu filho, as quais ambas vinham de Patane, com determinação de passarem de largo para Pegu, para onde levavam sua rota.

Disso se deu logo rebate ao padre que já então estava em Nossa Senhora, o qual saiu muito alegre fora da ermida para ver o que era, e topando com o capitão, que a grande pressa o ia buscar para lhe dar os agradecimentos pelo bom prognóstico, lhe disse:

– Vá vossa mercê fazer oração a Nossa Senhora, e mande-me logo equipar o balão, porque quero ir falar com Diogo Soares antes que passe de largo, já que leva a determinação que dizem.

O capitão lhe mandou logo fazer prestes o balão, e mandou que o alcaide do mar o acompanhasse, e ele se partiu logo, e chegou às fustas com uma hora de noite, e o Diogo Soares o recebeu com grandíssima festa e alegria. E dando-lhe conta do que se passava, lhe pediu muito por amor de Deus Nosso Senhor e pelas suas chagas, que para honra sua quisesse acompanhar D. Francisco de Eça nessa romaria, porque de lá poderia ir mais à sua vontade para onde quisesse. E Diogo Soares lhe respondeu que ele vinha com determinação de não parar em Malaca, para lhe não fazerem pagar direitos daquela pouca fazenda que levava, já que não tinha outra coisa de que se sustentasse a si e àqueles soldados, mas que pois sua reverência lho pedia com tanta eficácia de palavras tão santas, e tanto para se temer a desobediência a elas, visto ser, como dizia, puro zelo da lei de Deus, de cuja parte o requeria, ele era muito contente de lho conceder. Porém, já que ficando ele ali lhe era necessário tornar a arribar ao porto para se aperceber das munções necessárias para a peleja, que sua reverência lhe havia de trazer um assinado do capitão e dos oficiais da alfândega, para o não obrigarem a pagar direitos do que levava, porque de outra maneira, se sua reverência não mandasse o contrário, não havia

de entrar no porto, o que o padre lhe agradeceu muito, e se lhe obrigou a lhe fazer tudo quanto ele quisesse, e muito mais se fosse necessário. E com isso se despediu dele já quase meia-noite.

Porém, antes que passe mais para diante, me pareceu que era necessário fazer aqui essa declaração para satisfazer os curiosos e não fazer dúvida aos que lerem: esse Diogo Soares, o Galego, de que aqui se trata agora, é o mesmo de quem eu deixo atrás dito que fora morto em Pegu por mandado do xemim de Satão; porém esse sucesso que agora vou contando foi muito tempo antes da sua morte, e se eu tratei dela antes desse sucesso, foi porque assim me foi forçoso para a ordem da história que ia contando.

CCV

DO MAIS QUE SE PASSOU COM DIOGO SOARES,
E DE COMO PARTIU A ARMADA, E DO QUE
LHE ACONTECEU ATÉ CHEGAR AO RIO DE PARLÉS

Chegado o Padre-Mestre Francisco à fortaleza onde Simão de Melo o estava esperando, lhe deu conta do que tinha acabado com Diogo Soares, pelo que era necessário mandar-lhe sua mercê a provisão que ele pedia, e o capitão lha mandou logo passar sem detença nenhuma, e a todos pareceu bem que lha levasse o Capitão-Mor D. Francisco, para mais abastança e satisfação de Diogo Soares, e ele se partiu logo com ela, e, sendo manhã clara, Diogo Soares veio surgir ao porto com mostras de muita alegria, e, desembarcando em terra, achou o capitão que o estava esperando, onde foi muito bem recebido, tanto dele como de todo o povo. Dali se foram à igreja maior, que agora é a Sé, e nela ouviram missa pelo Padre Francisco, que nessa ida sempre se mostrou a principal parte, a qual, acabada, se foram logo todos sentar à porta da fortaleza, onde por um espaço grande trataram do que convinha para essa ida, das coisas que eram necessárias para a peleja que esperavam ter com os inimigos, no que logo se proveu com toda a diligência possível.

Passados mais quatro dias em que a armada acabou de se fazer prestes de todo, o Capitão-Mor D. Francisco de Eça se embarcou na fusta de D. Jorge, seu irmão, porque a sua ficou alagada sem se lhe poder dar remédio, e assim os nossos barcos foram todas as oito fustas e um catur pequeno, em que iam duzentos e trinta homens, todos soldados muito escolhidos.



Essa armada se partiu do porto de Malaca uma sexta-feira, a vinte e cinco de outubro do ano de 1547, e velejando todos por sua rota em quatro dias chegaram a Pulo Sambilão, a sessenta léguas donde tinham partido. E porque o regimento que D. Francisco levava se não estendia a mais que até ali somente, não ousou passar mais adiante, e ali se deixou estar por alguns dias, sem em toda a costa acharem pessoa nem embarcação que lhes soubesse dizer onde os inimigos eram lançados, somente se suspeitava que seriam já no Achém, para onde se presumia que levavam sua rota.

Posto esse negócio em conselho, houve nele muito diferentes pareceres, e muito contrários uns dos outros, e por fim de tudo o capitão-mor se resolveu a não arredar do regimento que levava, o qual era que não passasse dali. E fazendo-se logo na volta de Malaca, ordenou Nosso Senhor que com aquela conjunção da Lua lhe dessem de improviso ventos noroestes que lhe eram pela proa, com o que estiveram amarrados vinte e três dias, sem poderem surdir um só passo avante. E como a armada não levava mantimentos para mais que para um só mês, e eles tinham já gasto trinta e seis dias de sua viagem, e nesse tempo já não tinham coisa nenhuma para comer, lhes foi forçoso irem-no buscar a Junçalão, ou a Tanauçarim, que eram portos muito distantes daquele lugar, para a costa do reino Pegu, e com essa determinação se abalaram donde estavam e começaram a fazer seu caminho, indo todos bem enfadados desses sucessos. Mas prouve a Nosso Senhor, autor de todos os bens, que deu o tempo com eles na costa de Quedá, e, entrando no Rio Parlés, com fundamento de fazerem nele aguada e seguirem adiante por sua rota, viram de noite passar um parau de pescadores ao longo da terra, e o capitão-mor o mandou buscar para saber dele onde era a aguada. Trazido o parau a bordo, ele fez gasalhado aos que vinham nele, de que eles ficaram contentes, e perguntadas uma a uma algumas particularidades necessárias, responderam todos que a terra estava toda deserta, e o rei era

fugido para Patane, por causa de uma grossa armada que havia mê e meio ali estava de assento com cinco mil achéns, fazendo uma fortaleza e esperando as naus dos portugueses que viessem de Bengala para Malaca, com fundamento, como eles diziam, de a nenhum cristão conservarem a vida; e também descobriram outras muitas coisas necessárias ao nosso propósito, de que o capitão-mor ficou tão contente que se vestiu de festa e mandou embandeirar toda a armada. E chamados os capitães a conselho, se praticou no negócio, e o parecer de todos foi que se mandassem logo três balões equipados pelo rio acima até a povoação onde os inimigos estavam, que era dali a doze léguas, e trabalhassem por saber a certeza de tudo isso, e, sabida, se tornassem logo à armada para se determinar o modo que se havia de ter na peleja, e que entretanto se fizessem todos prestes para o que tinham por diante, e não perdessem da memória o que o Padre-Mestre Francisco lhes recomendara, que era interiormente trazerem sempre Cristo crucificado em suas almas, e no exterior mostrarem prazer e alegria com bom esforço, para que com essas mostras de fora se animassem os fracos que iam ao remo. E o capitão-mor proveu com toda a brevidade em tudo o que era necessário, e mandou que toda a artilharia da armada se disparasse, e se embandeirasse as fustas, e se fizessem folias, e não houvesse regras nos mantimentos, o que tudo se cumpriu muito inteiramente.

E sendo prestes os três balões de todo o necessário, com remeiros escolhidos e bem peitados, o capitão-mor mandou no primeiro como capitão dos outros Diogo Soares, no segundo, Baltasar Soares, seu filho, e no terceiro, João Álvares de Magalhães, e cada capitão desses levava dois soldados do mesmo teor.

Partidos os balões pelo rio acima, quis sua ventura que, tendo andado cinco ou seis léguas, foram dar de rosto com quatro balões dos inimigos, e antes que uns e outros se acabassem de pôr em ordem, os nossos lhes tomaram três dos seus, e o outro se salvou



à força de remo. E porque os três balões que os nossos tomaram eram muito melhores que os em que iam, se passaram para eles, e aos que deixaram puseram o fogo, e se tornaram logo para a nossa armada com grande alvoroço por este bom prognóstico, e o capitão-mor os recebeu com muita festa e alegria.

Dos inimigos que vinham nesses balões que os nossos tomaram escaparam somente seis achéns vivos, que os nossos trouxeram consigo, os quais, perguntados pelo que relevava, não responderam outra coisa senão dizerem todos com uma contumácia muito emperrada: “Mate mate quita fadulé”, que quer dizer: “Matai-nos matai-nos, que não nos importa nada isso”; pelo que foi necessário metê-los a tormento, e os começaram a açoitar e pingar tanto sem piedade que dois deles morreram logo, e os outros dois, atados de pés e de mãos, foram lançados ao rio. E querendo-se fazer o mesmo aos dois que ficavam vivos, eles com grandes brados pediram ao capitão-mor que os não matassem, porque eles juravam confessar toda a verdade.

O capitão-mor mandou que cessasse o castigo, e eles disseram que havia já quarenta e dois dias que aquela terra estava por sua, onde tinham mortas duas mil pessoas, e quase outras tantas cativas, fora o despojo de pimenta e drogas, e outras sortes de fazendas de que já tinham mandado ao rei do Achém uma grande quantidade.

E porque num dos capítulos do regimento que o seu capitão-mor trazia, lhe mandava El-Rei que ali naquele rio esperasse as naus que de Bengala e de outras partes viessem para Malaca, e as tomassem todas, sem conservar a vida a português nenhum, nem a homem que fosse cristão, se detivera ali tanto, e tinha determinado esperar ainda mais um mês, até que de todo a monção fosse gasta; e que quando ouvirem o som da nossa artilharia lhes pareceu que as naus eram já chegadas, pelo que toda a armada se



ficava fazendo prestes com grande pressa para os virem buscar, pelo que sem dúvida nenhuma ao outro dia viriam ali ter.

O Capitão-Mor D. Francisco, com essa informação que teve, se fez logo prestes como convinha para receber os hóspedes que esperava, trazendo sempre alguns balões de espia, que iam e vinham sem descansarem.

Ao outro dia, que era domingo, às nove horas, os nossos balões vieram fugindo muito apressados, dizendo com vozes muito altas: – “Prestes, prestes, prestes, com o nome de Jesus, que aqui temos os inimigos!” – com o qual rebate houve grande rebulição em toda a armada. O capitão-mor, armado com uma couro de lâminas de cetim carmesim, com cravação dourada, e com um montante nas mãos, se meteu em uma manchua bem-equipada, e correu todos os navios, animando todos os capitães e soldados, e com a boca cheia de riso e mostras de grandíssimo esforço os nomeava por irmãos e senhores, e lhes trazia à memória quem eram, e o que lhes recomendava o Padre-Mestre Francisco que por eles estava orando continuamente a Nosso Senhor, cujas lágrimas e orações haviam de ser ouvidas e muito aceites diante de Deus, pois ele era tão santo como todos sabiam, pelo que a todos lhes era necessário trabalharem todo o possível para levarem bom nome diante dele, pois aquela armada e os soldados dela se chamavam do nome de Jesus, que era o nome que o bem-aventurado padre lhes pusera quando partiram, e outras coisas a esse modo, muito necessárias ao tempo e à conjunção dele, as quais todas se ouviram com muita alegria, protestando todos com grandes vozes de sem falta nenhuma morrerem por Cristo como verdadeiros cristãos que eram.

E recolhido o capitão-mor à sua fusta, quase que não era ainda bem dentro quando se descobriu a armada dos inimigos, os quais, com uma espantosa grita, e com um grandíssimo estrondo de diversos instrumentos, vinham pelo rio abaixo, concertados na ordem que se segue.

DA CRUEL BATALHA QUE OS NOSSOS TIVERAM COM OS
ACHÉNS NO RIO DE PARLÉS, E DO SUCESSO DELA

Na dianteira dessa armada dos inimigos vinham três galeotas de turcos em companhia da lanchara em que vinha o Biyayá oara, capitão-mor da armada, que se intitulava rei de Pédir, e após essas quatro vinham nove fileiras, de seis cada fileira, de modo que os barcos de remo que vinham na armada eram, por todos, cinquenta e oito, porque os mais eram lancharas e fustas que atiravam cameletes pela proa, e outra artilharia miúda de que todos vinham muito bem providos. E como o ímpeto da água vinha em seu favor, e os navios vinham bem equipados e de voga arrancada, ao som de muitos instrumentos de guerra, isso, juntamente com as gritas da chusma, acompanhadas de uma grande quantidade de arcabuzaria, causava um tamanho terror e um tão desacostumado espanto que as carnes tremiam de medo.

E dessa maneira, logo que a dianteira dos inimigos descobriu a ponta de um cotovelo que a terra fazia da banda do sul, detrás da qual os nossos estavam também já prestes para os receber, a primeira fileira das três galeotas dos turcos, e a lanchara em que vinha o Biyayá Sora, arremeteu a nossa ala dianteira em que estava o capitão-mor com duas fustas, a sua no meio, e de uma parte Diogo Soares e da outra Gomes Barreto, fidalgo do duque de Bragança, e, antecipando-se os inimigos um pouco no atirar da artilharia, prouve a Nosso Senhor que nos não fez nenhum dano, e a briga se travou logo entre ambas as dianteiras em que

os capitães-mores se encontraram ambos e, pelejando uns com os outros com muito esforço e tanto sem piedade quanto requeria o ódio com que pelejavam, quis Deus que da fusta de João Soares se fez um tiro de camelo, o qual se empregou tão bem que a lanchara em que vinha o Biyayá foi logo metida no fundo, com morte de mais de cem mouros.

As três galeotas, querendo com muita pressa acudir aos que andavam na água, e principalmente para tomarem o seu capitão-mor, para que se não afogasse, se embaraçaram todas três de tal maneira que a segunda ala, com o peso da corrente, veio cair sobre elas, e após esta logo a outra, e assim todas as mais, de maneira que embaraçadas umas com as outras, fizeram um ajuntamento confuso que ocupava toda a largura do rio, sobre o que a nossa artilharia toda empregou tão bem três surriadas que nenhum tiro foi debalde, com o que lhe meteram nove lancharas no fundo, e as outras quase todas ficaram destroçadas, porque os mais dos nossos tiros eram rocas de pedras. Vendo os nossos aquele bom sucesso, e como Deus lhes ordenava tudo em seu favor, cobraram tanto ânimo e esforço que chamando pelo nome de Jesus arremeteram a eles tanto sem medo, que quatro fustas nossas abalroaram seis das suas, e lançando-lhes após isso muita quantidade de panelas de pólvora, e de pedradas, fora muita soma de espingardas que atiravam continuamente sem nunca cessarem, o fervor dessa honrosa briga foi tamanho que em só meia hora foram mortos, desses inimigos, quase dois mil. A sua chusma com isso cobrou tamanho medo que se lançou toda ao rio, porém a corrente e o peso da água, que era muito grande, os afogou quase a todos em muito pequeno espaço de tempo. O que vendo os outros que ainda ficavam vivos, e como esse negócio lhes sucedia cada vez pior, depois de pelejarem esforçadamente um bom espaço, conhecendo já claramente sua perdição, e que os nossos os matavam a todos com as espingardas, o que eles já não podiam fazer, nem aproveitar-se



da sua artilharia, e sobretudo estar a parte deles queimados com a muita soma das panelas de pólvora, lhes foi forçoso, ou lhes pareceu melhor meio de sua salvação entregarem-se antes à água do rio que a quem os tratava tão mal como os nossos; e, lançando-se todos ao rio, como já então iam muito feridos, e queimados, e cansados da briga, e por isso tão quebrados das forças que apenas podiam bulir os braços, todos logo se afogaram sem nenhum deles escapar vivo, com o que os nossos ficaram de todo desafrontados deles. E dando muitas graças e muitos louvores a Nosso Senhor pelo bom sucesso dessa tão gloriosa vitória se apoderaram de toda a armada, que eram quarenta e seis barcos fora os nove que no começo da briga se meteram no fundo, sem escaparem mais que só três, em que se salvou o Biyayá Sora, e, segundo se disse, ferido de uma arcabuzada, de que esteve à morte.

Nessa armada se acharam trezentas peças de artilharia, de que a maior parte eram falcões e berços, em que entravam sessenta e duas com as armas de El-Rei nosso senhor, que eles em outro tempo nos tinham tomado, e se acharam mais oitocentas espingardas e uma grandíssima quantidade de zargunchos, lanças, terçados, arcos turquescos com muitas flechas, crises e azagaias guarnecidas de ouro, de que alguns dos nossos houveram bom quinhão.

O capitão-mor mandou logo fazer resenha da sua gente, e se acharam mortos, dos nossos, vinte e seis, dos quais cinco só foram portugueses, e os mais foram escravos e marinheiros que nas fustas iam ao remo, e feridos foram cento e cinquenta, de que setenta foram portugueses, dos quais depois faleceram três, e cinco ficaram aleijados.

A fama dessa tão gloriosa e honrada vitória correu logo por toda aquela terra, com que o rei de Parlés, que a esse tempo estava fugido no mato com medo desses inimigos, juntou como pôde cerca de quinhentos dos seus, e deu na trincheira que lhe tinham tomado, onde estavam todas as presas que tinham feito,

em guarda das quais tinham deixado os doentes, que seriam até duzentos, e matando-os a todos, sem conservarem a vida a nenhum deles, tornaram a ganhar o despojo, em que entraram dois mil dos seus que estavam cativos, mas tudo mulheres e crianças, e outra gente pobre.

Isso feito, o rei veio logo visitar D. Francisco, e lhe deu os parabéns da vitória, levantando por isso muitas vezes as mãos ao céu, e prometendo com juramento solene ao seu modo ser dali por diante vassalo de El-Rei nosso senhor, com tributo de dois cates de ouro cada ano, que são quinhentos cruzados, e que lhe prometia tão pouco porque a sua pouca possibilidade não podia abranger a mais, de que se fez assento, em que assinou o rei com alguns dos seus.

D. Francisco se fez logo prestes para se tornar para Malaca, e, vendo que não tinha gente com que pudesse marear tantos barcos, lhes mandou pôr fogo, e não trouxe consigo mais que só vinte e cinco, em que entraram catorze fustas e as três galeotas em que vieram os sessenta turcos, que todos morreram na peleja.

Depois disso se tomou também um parau em que vinham quinze achéns, os quais metidos a tormento confessaram que na briga foram mortos, com a gente que se afogara, passante de quatro mil homens, de que a maior parte foi gente limpa e criados do rei do Achém, e quinhentos deles eram ourobalões de manilha de ouro, que são fidalgos, e morreram sessenta turcos e vinte gregos e janízaros que havia poucos dias que em duas naus eram vindos de Judá a Pacém.

DO QUE SE PASSOU EM MALACA
ENQUANTO NÃO HOUE NOVAS DESTA NOSSA ARMADA,
E DO QUE O PADRE FRANCISCO DELA DISSE,
ESTANDO UM DOMINGO PREGANDO

Agora me cumpre deixar a armada e tratar um pouco nesse lugar do que se passou em Malaca depois da partida dessa nossa armada, para que se veja por que meios Nosso Senhor é servido de acreditar os seus servos na terra, para confusão da gente mundana, fria e pouco firme na fé e confiança que se deve ter a esse Senhor que quis morrer para nos dar a vida.

Costumava esse santo Padre-Mestre Francisco pregar ordinariamente duas vezes na semana, às sextas-feiras na misericórdia e aos domingos na igreja maior que agora é a Sé, o qual em todos os dois meses contínuos, que foi o tempo que os nossos levaram, desde que partiram de Malaca até que tornaram, sempre depois do sermão acabado, recomendava que dissessem um *pater noster* e uma ave-maria a Nosso Senhor Jesus Cristo, para que ele tivesse por bem dar vitória aos nossos irmãos que eram idos na armada a pelejar com aqueles inimigos da nossa santa fé, para que por essa vitória o seu santo nome fosse conhecido em toda a terra. O qual *pater noster* a gente sempre disse por espaço de quinze ou vinte dias, em que naturalmente lhe pareceu que isso poderia ter efeito, mas quando passou desse termo, vendo que por nenhuma via se souberam mais novas da armada, assentaram consigo que sem falta nenhuma os achéns a tinham tomado.

E o que lhes deu ainda maior motivo para cuidarem que era isso assim foi um rumor de novas falsas que os mouros naquele dia lançaram por toda a terra, dizendo que uma lanchara que viera

de Salangor, falando com outra que ia para Bintão, lhe dissera que um tal dia junto da barra de Pera, encontrando-se os inimigos com os nossos, os desbarataram e lhes tomaram toda a armada, e, sem conservarem a vida a nenhum homem, levaram as fustas para o Achém. E assim desse modo embrulharam uma meada, urdida por esses ministros de Satanás, de tantas mentiras, que o capitão nunca pôde, por mais que trabalhasse, vedar esse falso rumor, de modo que ou de arrependido do que fizera, ou de enfadado disso que se dizia publicamente, já não ousava sair tantas vezes de casa como costumava. Porém os praguentos, como de tudo fazem matéria de seus pensamentos, notando também isso nele, acabaram de confirmar que totalmente era verdade o que se dizia. E foi isso em tanto crescimento que o rei do Jantana, filho que fora do antigo rei de Malaca, que então residia em Andraguiré, porto seu na Ilha Samatra, sendo avisado disso que entre nós se dizia, veio logo com uma frota de trezentos barcos se meter no Rio Milhar, a seis léguas de nossa fortaleza, donde despediu alguns balões de remo por toda a costa a saber a certeza disso que soava, com tenção de, logo que tivesse nova certa de ser verdade isso que ele assaz desejava, se meter logo em Malaca, o que segundo a causa então estava de si prometendo, parece que poderia fazer muito facilmente, e com custo de muito pouco sangue. E para maior dissimulação desse seu pensamento, mandou visitar o capitão, e lhe escreveu uma carta que dizia assim:

Esforçado senhor capitão: estando eu na crescença da lua em Andraguiré, com essa armada prestes para mandar sobre El-Rei de Patane, por algumas razões que me moveram a o castigar, de que tu já terás alguma notícia, fui certificado das cruéis mortes que os achéns deram aos teus, de que tive tanta dor em meu coração como se todos fossem meus filhos, e porque sempre desejei mostrar a El-Rei de Portugal, meu irmão, o amor entranhável que lhe tenho, logo que

soube essa triste nova, esquecendo-me da vingança que pretendia de meus inimigos, vim-me meter aqui nesse rio, para dele como bom amigo te socorrer com minhas forças, e gente, e armada, pelo que te peço muito, e da parte do teu rei, meu irmão, te requiero que me dê licença para em seu favor e ajuda ir surgir nesse porto, antes que os inimigos a teu despeito o façam, como sou informado que o querem fazer. Setepu de raja, meu ourobalão, te dirá por palavras o sobejo amor com que desejo agradar em tudo a El-Rei de Portugal, meu irmão, e como seu verdadeiro amigo estou aqui esperando por tua resposta, com a qual porei logo em efeito isso que desejo fazer por ele.

O capitão, depois que leu a carta, fingindo que não entendeu a sua danada tenção, lhe respondeu com as graças necessárias aos oferecimentos que ele fazia, encobrindo em tudo suas faltas, e mostrando que ao presente não havia mister socorro nenhum, porque de tudo estava muito bem provido. De maneira que com esses cumprimentos dissimulados de um e do outro esteve esse inimigo metido aqui a braços conosco vinte e três dias, dando-nos em todos eles bem em que cuidar; até que vieram os seus balões do reino de Quedá, onde os mandara a saber novas, os quais o certificaram da vitória que Deus nos dera, de que ficou tão magoado que, de nojo, mandou matar o primeiro que lhe deu a nova, e sem esperar ali mais, se partiu logo para Bintão, fingindo que ia mal-disposto de febres, pelo que em Malaca se fizeram muitas procissões, dando graças a Deus Nosso Senhor por nos querer desafrontar desse inimigo.

Tornando ao Padre-Mestre Francisco: continuando ele sempre como atrás disse, a pedir no fim de todos os seus sermões um *pater noster* e uma ave-maria pela vitória dos nossos que dali eram partidos, os ouvintes os disseram todo o tempo que lhes pareceu que os podiam aproveitar, que foram quinze ou vinte dias, mas quando

passou esse limite que eles tinham posto para o efeito desse negócio, e de todo começaram a desconfiar de poderem os nossos ser vivos, tanto pelas falsas novas que os mouros tinham espalhado, como pelo muito tempo que havia que eram partidos, sem até então se ter nenhum recado deles, houveram, pela fraqueza da sua fé, que aquela recomendação do padre era mais para cumprimento que por lhe parecer que era ainda necessária, pelo que todos, ou quase todos, quando lhe ouviam isso, se acotovelavam uns aos outros com risinhos e palavras retorcidas, dizendo: – “Bofé, padre, muito melhor fora esse *pater noster* por suas almas que por essa vitória que dizeis, e de que Deus a vós e ao capitão há-de pedir estreita conta, por serdes ambos causa de suas mortes.” – Outros, por modo de zombaria, diziam: – “Desses e dos ungidos há aí tão poucos que não há nenhuns.” – Outros diziam também: – “Se os vós alguma hora virdes, bem vos podeis benzer deles.” – E outros diziam outras coisas assim a esse modo, motejando do padre, de que depois andaram assaz corridos, e alguns dos mais discretos se acharam bem alcançados.

E a um domingo, aos seis dias de dezembro do mesmo ano, pregando esse bem-aventurado padre à missa do dia, como sempre costumava, indo já no cabo do sermão, se virou para o Crucifixo que estava em cima do arco da capela, e, falando com ele com umas devotíssimas palavras, envoltas em muitas lágrimas, de que todos os ouvintes estavam pasmados, propôs por figuras toda a batalha dos nossos como se passava, e lhe pediu com grande eficácia que se lembrasse dos seus, porque ainda que fossem pecadores, e muito pecadores, todavia professavam, como fiéis que eram, o seu santo nome, com protestação contínua de viverem e morrerem na sua santa fé católica; e em muitos passos apertando os punhos das mãos, com um fervor impetuoso e o rosto abrasado, dizia:

– “Ó, Jesus Cristo, amores de mi anima, pelas dores da tua sagrada paixão, nos não desampares.”



E a esse modo, outras muitas palavras de que não sou bem lembrado, no fim das quais, inclinando a cabeça sobre o púlpito, como quem descansava daquele trabalho, esteve quedo cerca de dois ou três credos, e tornando-a a levantar, com rosto alegre e bem assombrado, disse aos que estavam presentes: – “Dizei um *pater noster* e uma ave-maria pela vitória que Deus Nosso Senhor agora deu aos nossos contra os inimigos da sua santa fé” – com o que em toda a igreja houve muito rumor de devoção e de lágrimas.

E dali a seis dias, que foi logo à sexta-feira seguinte, já quase sol-posto, chegou um balão que fora dos inimigos, muito bem equipado, em que vinha um soldado de nome Manuel Godinho a pedir alvíssaras ao capitão dessa vitória, o qual, relatando em público todo o decurso e o sucesso dela, disse que fora no domingo antes das dez horas do dia, que pela conta se achou que fora na própria hora em que o padre o disse no público, pelo que sem dúvida tiveram todos para si, e o confessaram publicamente que Deus Nosso Senhor lho revelara em espírito, como já se vira em outras coisas que logo ali se contaram perante todos, que ele fizera e dissera, das quais uma foi que depois de partido de Maluco, estando um dia em Amboyno, que era dali a sessenta léguas, dizendo missa, depois de ter dito o Credo, antes que entrasse no prefácio, disse aos que estavam na igreja:

– “Dizei um padre-nosso e uma ave-maria pela alma de nosso irmão João de Araújo, que agora partiu dessa vida.”

E chegando dali a quinze dias as naus que ficaram à carga do cravo, entre algumas novas que se deram, foi uma que era falecido um tal Gonçalo de Araújo (porque assim me parece que se chamava) e que fora no próprio dia e hora em que o padre o dissera na estação de Amboyno.

E outras muitas maravilhas fez Nosso Senhor por esse bem-aventurado padre, de que eu vi algumas, e outras ouvi, de que agora não faço menção porque adiante espero tratar de algumas delas.

COMO O PADRE-MESTRE FRANCISCO FOI DE MALACA
PARA O JAPÃO, E DO QUE LÁ SE PASSOU

Depois de passada essa gloriosa batalha em que Deus Nosso Senhor quis acreditar esse seu bem-aventurado servo, tanto com o que na armada fez primeiro, como com o que dela depois disse, para confusão e arrependimento dos maldizentes, por meio dos quais o inimigo infernal tanto trabalhou para o desacreditar, ele se partiu desta cidade de Malaca para a Índia, naquele dezembro seguinte do mesmo ano de 1547, com determinação de pôr em efeito a sua ida ao Japão, e levou consigo o Angiró, que depois de cristão se chamou Paulo de Santa Fé, como já disse.

Naquele ano se não pôde aviar para o efeito do que desejava por causa das obrigações do seu ofício, que era reitor universal dos colégios da Índia, da Companhia de Jesus e pela morte do Vice-Rei D. João de Castro, que faleceu em Goa no junho seguinte, do ano de 1548. Porém Garcia de Sá, que lhe sucedeu na governança, o despachou no abril do outro ano de 1549, com provisões para D. Pedro da Silva, que então era capitão de Malaca, lhe dar lá embarcação para onde Deus o encaminhasse.

Com esse despacho chegou o padre a Malaca no derradeiro dia de maio do mesmo ano de 49, e se deteve aí alguns dias pelo mau aviamento que se lhe deu, mas enfim, depois de passar aí em Malaca muitos trabalhos, se embarcou em dia de São João do mesmo ano, ao sol-posto, em um junco pequeno de um chim a



quem chamavam o necodá ladrão, e ao outro dia pela manhã se fez à vela e se partiu, na qual viagem também passou assaz de trabalho, de que me escuso de dar relação porque me parece desnecessário escrever isso tão miudamente, nem farei mais que tocar brevemente o que for mais importante a meu intento, conforme a pouca possibilidade do meu fraco engenho.

O padre chegou em dia da Assunção de Nossa Senhora, que é aos quinze dias do mês de agosto, ao porto de Canguexumá, no Japão, que era a pátria desse Paulo de Santa Fé, onde foi bem recebido de todo o povo, e muito melhor do rei, porque este lhe fez muito mais festas que todos, acompanhadas de muitas e grandes honras, e mostrou que levava muito gosto do bom propósito com que entrava no seu reino. E todo o tempo que o padre ali esteve, que foi quase um ano, sempre El-Rei lhe fez muitos favores, dos quais os bonzos, que são os seus sacerdotes, se houveram por muito afrontados, e por muitas vezes lhe foram à mão, pela larga licença que dera para em sua terra se pregar uma lei que tanto contrariava as suas. Ao que El-Rei um dia, já de muito enfadado deles, lhes respondeu:

– Se a sua lei vos contraria as vossas, contrariem-lhe as vossas a sua, contanto que eu seja o juiz dessa causa, porque eu não hei-de consentir que a vossa cólera o escandalize, porque é estrangeiro que se fiou em minha verdade.”

Com a qual resposta, os bonzos todos se escandalizaram grandemente.

Mas como o intento desse bem-aventurado padre foi sempre aumentar o santo nome de Cristo entre a gente mais nobre, por lhe parecer que daí resultaria mais facilmente a conversão do povo miúdo, determinou de se passar dali a alguns dias, ao reino de Firando, que era adiante para o norte, cem léguas, como fez quando lhe pareceu tempo. E na companhia de oitocentas almas

que com a sua doutrina ali convertera, deixou o Paulo de Santa Fé, o qual perseverou em as doutrinár por espaço de mais cinco meses que ali esteve com eles, no fim dos quais, por se ver muito afrontado pelos bonzos, se embarcou para a China, onde foi morto por uns ladrões que no reino de Liampó andavam ao assalto.

Os oitocentos cristãos que ali havia, ainda que ficassem sem o padre, nem outro irmão que os doutrinasse, permitiu Nosso Senhor que todos se conservaram de maneira na fé com a doutrina que o padre lhes deixou escrita, que em sete anos que estiveram ali sós sem serem visitados, nenhum deles tornou atrás do seu santo propósito.

Passados pouco mais de vinte dias depois que o padre chegou ao reino de Firando, lhe pareceu bem apalpar toda a gentilidade para ver qual terra acharia mais acomodada a seu intento. Tinha ele então consigo o Padre Cosme de Torres, castelhano de nação, que pela via de Panamá, sendo soldado, fora ter a Maluco em uma armada que o vice-rei da nova Espanha lá mandara no ano de 1544, o qual, por incitação e conselho do Padre-Mestre Francisco, depois em Goa se meteu na Companhia, e depois o levou como seu companheiro, e a outro irmão leigo também castelhano, natural da cidade de Córdoba, que se chamava João Fernandes, homem muito humilde e muito virtuoso.

Esse Padre Cosme de Torres deixou agora o Padre-Mestre Francisco nesse reino e cidade de Firando, e, acompanhado destoutro Padre João Fernandes, se partiu para a cidade de Miocó, que é no mais oriental de toda a ilha do Japão, porque foi informado que aí residia de assento o seu cubuncamá, que é o supremo no seu sacerdócio, e com ele outras três dignidades que se instituíam reis, das quais cada uma por si distintamente entende no governo da justiça, e da guerra e no bem da república, no qual caminho passou muitos e grandes trabalhos, pela aspereza tanto das serranias como do tempo em que foi, que era já no inverno, e em



clima de quarenta graus, onde os frios, as chuvas, e os ventos são de maneira que não há quem os possa sofrer, e ele ia muito falto do que era necessário, tanto para isso como para sustentar a vida, e em alguns passos que estavam pelos caminhos, em que os estrangeiros não podiam passar sem pagarem um certo tributo, ele, porque não levava com que o pagasse, passava por homem a pé de algum homem nobre que no caminho se lhe oferecia, pelo que lhe era necessário, para poder passar a salvo, aturar o andar da cavalgada daquele a quem acompanhava.

Chegado enfim a essa insigne cidade Miocó, metrópole de toda aquela monarquia da nação japoia, se não viu como quisera, com esse cubuncamá, por lhe pedirem por isso cem mil caixas, que eram seiscentos cruzados, de que se ele por algumas vezes mostrou muito magoado de os não ter para efetuar isso que tanto desejava.

Assim que em toda essa terra não fez nenhum fruto, tanto pelas guerras e dissensões que naquele tempo tinham uns povos com os outros (que é coisa que entre eles há ordinariamente), como por outros muitos inconvenientes largos de contar, donde se conhece claramente que tamanho pesar o inimigo da Cruz recebia disso que esse servo de Deus pretendia fazer nessa terra.

E vendo o padre o pouco fruto que fazia nela, para não gastar o tempo debalde, se passou dessa cidade do Miocó para a do Sicay, que era dali a dezoito léguas, e ali se tornou a embarcar para o reino de Firando, onde deixara o Padre Cosme de Torres, no qual se deteve mais alguns dias, porém estes não os gastou a descansar dos trabalhos passados, mas a se oferecer a outros maiores de novo. No fim desse tempo se passou ao reino de Omanguché onde converteu passante de 3000 almas, em pouco mais de um ano que esteve na cidade, que foi até 5 de setembro do ano de 1551, porque então, tendo novas que ao reino do Bungo era chegada uma nau portuguesa, mandou logo lá por terra, que eram 60 léguas, um



cristão de nome Mateus, com uma carta ao capitão e mercadores dela, que dizia assim:

O amor e graça de Jesus Cristo, nosso verdadeiro Deus e Senhor, faça por sua misericórdia contínua morada em suas almas, amém. Por algumas cartas de aviso que vieram dessa cidade, tiveram os mercadores desta recado da boa chegada de v. mercês, mas porque esta nova me não pareceu tão verdadeira como em meu coração desejo, determinei de mandar saber por esse cristão, a certeza dela, pelo que lhes peço muito que me mandem dizer donde vêm, e de que porto partiram, e em que tempo determinam tornar para a China, porque queria, se Deus Nosso Senhor for servido, trabalhar o possível para passar esse ano à Índia; e de si me escrevam por seus nomes, o da nau, o do capitão dela, e toda a mais certeza da paz e da quietação de Malaca, e se aparelhem, com furtarem os negócios um pedaço de tempo, para examinarem suas consciências porque essa é a fazenda em que o ganho está mais certo que na seda da China, por muito que nela se dobre o dinheiro, porque eu determino, se Deus Nosso Senhor for servido, estar lá logo com eles, logo que vir seu recado. Cristo Jesus, por quem é, nos tenha a todos na sua mão, e nos conserve nessa vida por graça no seu santo serviço, amém. Dessa cidade de Omanguché, no 1 de setembro de 1551. Irmão em Cristo, de vossas mercês, Francisco.

O mensageiro com essa carta chegou onde nós estávamos, e de todos foi tão bem recebido como era razão, e lhe responderam logo por seis ou sete vias, tanto o capitão como os mercadores, em que lhe deram muitas novas da Índia e de Malaca, e que eles determinavam de se partirem dali a um mês para a China com

a sua nau, onde ficavam três à carga, que em janeiro haviam de ir para Goa, em uma das quais estava o seu amigo Diogo Pereira, com quem sua reverência iria muito à sua vontade.

Com essa resposta despediram logo o cristão que lhes trouxe a carta, o qual ia bem contente pelo muito que lhe deram, e pelo bom gasalhado com que foi tratado os dias que ali esteve, e em cinco dias de caminho chegou à cidade de Omanguché, onde o padre pela certeza da nau, e pelas cartas que lhe trouxe, o recebeu com grande alvoroço e dali a três dias se partiu para a cidade do Fuchéu, que é a metrópole do reino do Bungo, onde nessa nau que tenho dito, que era de Duarte da Gama, estávamos então trinta portugueses fazendo nossas fazendas. E um sábado chegaram a nós três japões cristãos que vinham em sua companhia, pelos quais o Capitão Duarte da Gama soube que o padre ficava dali a duas léguas, em um lugar a que chamavam Pinlaxau, com dor de cabeça, e os pés inchados das 60 léguas de caminho que até ali tinha andado, e que lhes parecia, segundo vinha mal-disposto, que havia mister alguns dias para se curar e poder acabar o caminho, ou uma cavalgadura em que viesse, se a quisesse aceitar.



CCIX

COMO ESTE BEM-AVENTURADO PADRE CHEGOU AO PORTO DE FINGE ONDE ESTAVA A NOSSA NAU, E DO QUE SE PASSOU ATÉ IR VER EL-REI DO BUNGO À CIDADE FUCHÉU

Sabendo Duarte da Gama, capitão da nau, que o padre estava naquela aldeia de Pinlaxau, tão mal-disposto como os japões lhe tinham dito, mandou logo recado aos portugueses que então estavam de assento na cidade vendendo suas fazendas, que era a uma légua do porto onde a nau estava surta, os quais vieram logo com grande alvoroço, e, praticando no que sobre isso fariam, se assentou que o fossem buscar ao lugar onde ficara doente, o que logo puseram em obra. E tendo nós andado pouco mais de um quarto de légua, o encontramos, que vinha já a caminho em companhia de dois cristãos que havia menos de um mês se tinham convertido à Fé, homens fidalgos principais daquele reino, aos quais por esse respeito de se fazerem cristãos, El-Rei de Omanguché tinha tomado dois mil taéis que tinham de renda, que são três mil cruzados.

E como todos íamos vestidos de festa, e em bons cavalos, quando o encontramos da maneira que vinha, ficamos muito confusos por o vermos vir a pé, com um fardel às costas, em que trazia todo o necessário para dizer missa, que esses dois cristãos, a reverses, lhe ajudavam a levar, coisa que por certo nos confundiu e entristeceu muito. E não querendo ele aceitar nenhuma cavalgadura, nos foi forçoso acompanhá-lo a pé, e bem contra a sua vontade, de que os dois cristãos ficaram muito edificadas.

Chegados ao Rio de Finge onde a nau estava surta, foi recebido nela com todas as mostras de alegria quantas se lhe puderam

fazer, e se lhe disparou a artilharia toda por quatro vezes, em que se atiraram sessenta e três tiros de berços, e falcões, e camelos, e todos, ou os mais, com pelouros e rocas, os quais, por causa das concavidades que havia nas serras, fizeram um grandíssimo estrondo.

El-Rei, que nesse tempo estava na cidade, quando ouviu aquele estrondo tamanho, espantado de coisa tão desacostumada, e parecendo-lhe que pelejávamos com alguma armada de ladrões, de que já havia rebates na cidade, mandou logo a grande pressa um homem fidalgo a saber o que aquilo era, o qual, chegando a Duarte da Gama, lhe deu um recado da parte de El-Rei, e lhe fez alguns oferecimentos convenientes ao tempo. Duarte da Gama lhe respondeu com a cortesia devida ao recado e aos oferecimentos que lhe fizera, e lhe disse que festejávamos a chegada do padre, por ser homem santo e a quem El-Rei de Portugal tinha muito respeito. O fidalgo, tão espantado disso que ouvira como do mais que tinha visto, lhe tornou dizendo:

– Vou confuso no que hei-de dizer a El-Rei, porque os nossos bonzos lhe têm certificado que esse homem não é santo como vós outros dizeis, mas que por vezes o viram falar com os demônios com quem tinha parceria, e que por feitiçaria obrava algumas maravilhas de que os ignorantes se espantavam, e que era pobre, e tão pobre que até os piolhos de que andava coberto haviam nojo de lhe comerem a carne, pelo que temo que dessa vez percam eles o crédito com El-Rei, para nunca mais os ver nem ouvir, porque homem por quem vós tanto fazeis, e a quem com tanta honra festejais dessa maneira, de crer é que na verdade é o que vós dizeis, e não o que eles quiseram persuadir a El-Rei.

Os portugueses se tornaram a ratificar no que tinham dito e certificado de novo aquilo que ele já tinha entendido, e o informaram de toda a verdade, de que ele foi muito espantado, e se tornou logo, e chegando à cidade deu conta a El-Rei do que se passava, e lhe disse que a nossa artilharia que ouvira fora para festejarmos

a chegada do padre, com a qual estávamos todos tão contentes como se tivéramos a nau carregada de prata, pelo que estava claro ser tudo mentira quanto os bonzos tinham dito dele; e que afirmava a sua alteza que era homem de rosto tão grave que ninguém o veria que lhe não tivesse muito acatamento.

A que El-Rei respondeu:

– Têm razão no que fazem, e tu muita nisso que presumes dele.

E mandou logo visitar o padre por um moço fidalgo muito seu parente, pelo qual lhe escreveu uma carta que dizia assim:

Padre bonzo do Chém achicogim, a tua boa vinda à minha terra seja tão agradável ao teu Deus quanto lhe satisfaz o louvor dos seus santos. Por Quamsio nafama, que mandei a essa nau, fui certificado da tua chegada de Omanguché a Finge, de que fiquei tão contente quanto todos os meus de mim te dirão, pelo que te rogo muito, já que me Deus não fez digno de te poder mandar, que para satisfazeres esse meu desejo com que minha alma te ama, me queiras bater antes que venha a manhã ao postigo da casa em que te espero, ou me mandes que eu te importune sem esquivança de brados, com pedir de joelhos, prostrados por terra ao teu Deus, que eu confesso ser Deus de todos os deuses, e o melhor dos melhores, que vive nos céus, que pelos gemidos da tua doutrina manifeste aos inchados do tempo quanto com pobreza lhes agrada a tua santa vida, para que a cegueira dos filhos de nossa carne se não engane com as falsas promessas do mundo; e de tua saúde me manda dizer, para que durma contente no repouso da noite até que os galos me espertem, e digam que vens a caminho.

Esse moço que trouxe essa carta veio em uma funé de remo, do tamanho de uma boa galeota, acompanhado de trinta mancebos, e um homem muito velho por seu aio, de nome Pomindono,



irmão bastardo de El-Rei de Minato, o qual se despediu do padre e dos mais portugueses que então estávamos todos com ele, e quando se tornou a embarcar na funé em que viera, a nau lhe fez salva de quinze tiros de artilharia, de que o moço ficou assaz contente e ufano. E olhando para o aio que estava junto dele lhe disse:

– Grande deve ser o Deus dessa gente, e os seus segredos muito ocultos a nós, pois permite que a homem tão pobre como os bonzos afirmam a El-Rei que este é, lhe obedeçam as naus dos ricos, e suas bombardas manifestem com bramidos tão grandes que o Senhor se satisfaz com mercadoria tão baixa e tão desprezada na opinião dos que vivem na terra, que parece pecado grave só o pensamento que nisso se ocupa.

A que o velho respondeu:

– Bem pode ser que haja esse a veniaga de sua pobreza por tão agradável ao Deus que serve, que em a seguir por seu respeito fique muito mais rico que os ricos do mundo, ainda que os nossos bonzos digam tão ousadamente o contrário disso a quem os ouve.

Chegado o moço à cidade se foi logo a El-Rei, e, com o gosto que levava pela muita honra que se lhe fizera por respeito do padre, lhe disse:

– Convém que vossa alteza não fale com esse homem da maneira que os bonzos lhe disseram, porque lhe afirmo que será grande pecado, nem tenha vossa alteza para si que é pobre, porque o capitão com todos os mercadores me disseram que se ele quisesse a nau assim como estava, lha dariam logo sem falta nenhuma.

A que El-Rei respondeu:

– Estou confuso disso que dizes, e muito mais do que os bonzos me disseram, mas eu te prometo que eu os terei daqui por diante na conta que eles merecem.

Ao outro dia, logo que foi manhã clara, o Capitão Duarte da Gama, com todos os mercadores e os mais portugueses que vinham na nau, se puseram em conselho sobre o modo que se havia de ter nessa primeira vista que o padre havia de ter com El-Rei, e

por todos foi assentado que para honra de Deus ele fosse com o maior aparato que pudesse ser, porque com isso ficariam os bonzos por mentirosos no que tinham dito dele, porque claro estava que da maneira que o vissem tratado nessa conta o teriam, e por isso entre gente que não conhecia a Deus, era muito necessário ser isso como eles diziam. E ainda que essa resolução fosse em parte contra o parecer do padre, todavia pelas razões que se deram, lhe foi a ele forçoso condescender com os pareceres dos mais.

Com isso nos fizemos logo todos prestes no batel, o melhor que cada um então pôde, e nos partimos para a cidade embarcados no batel da nau, e em duas manchuas com seus toldos e bandeiras de seda, e com trombetas e flautas que de quando em quando alternadamente iam tangendo, a qual novidade causou tamanho espanto na gente da terra que já quando chegamos ao cais não havia podermos desembarcar, por nenhuma maneira. Aqui chegou o Quamsy andono, capitão da Canafama, por mandado de El-Rei, e trouxe umas andas em que o padre fosse, as quais ele não quis aceitar por nosso respeito, e daqui abalou a pé para o paço acompanhado de muita gente nobre e dos trinta portugueses todos, com mais de outros tantos moços nossos muito bem tratados, e com cadeias de ouro ao pescoço.

O padre levava uma loba de chamalote preto sem águas, com uma sobrepeliz em cima, e uma estola de veludo verde com seu savastro de brocado; o capitão ia com uma cana na mão como porteiro-mor, e cinco dos mais honrados e ricos, e de melhor nome, levavam certas peças nas mãos como criados seus: um levava um livro metido num saco de cetim branco, outro umas chinelas de veludo preto que entre nós se acharam, outro uma cana de bengala com um castão de ouro, outro um retábulo de Nossa Senhora num envoltório de damasco roxo, outro um sombreiro de pé pequeno; e assim, com essa ordem e com esse aparato, passamos pelas principais nove ruas da cidade, onde havia tanta quantidade de gente que até por cima dos telhados tudo era cheio.

DAS HONRAS QUE EL-REI DE BUNGO FEZ
AO PADRE-MESTRE FRANCISCO
NESTE PRIMEIRO DIA QUE SE VIU COM ELE

Com essa ordem que digo chegamos ao primeiro terreiro das casas de El-Rei, onde estava o Fingeindono, capitão da guarda do paço, com seiscentos homens de arcos, e lanças, e terça dos bem guarnecidos, o que se julgou por estado de rei grandioso.

E passando nós pelo meio de toda essa gente, entramos numa varanda muito comprida, onde os cinco que atrás disse que levavam as peças, postos de joelhos as ofereceram ao padre, de que os senhores que estavam presentes fizeram tamanho espanto que diziam uns para os outros:

– Vão-se enforcar os nossos bonzos, e não apareçam mais diante da gente, porque esse homem não é o que eles disseram a El-Rei, senão coisa vinda da parte de Deus, para confusão dos invejosos.

Passada essa varanda, chegamos a uma grande casa em que havia muita gente nobre, com altirnas de cetim e de damascos de muitas cores, com seus terçados de chaparia de ouro, na qual estava um menino de seis até sete anos de idade, que um velho tinha pela mão, o qual em chegando ao padre, lhe disse:

– Tua boa entrada nessa casa de El-Rei meu senhor seja a ti e a ele tão agradável como a água que Deus manda do céu quando a lavoura dos nossos arrozês lha pede. Entra seguro, e com isso alegre, porque te afirmo em lei de verdade que todos os bons te

querem grande bem, e os maus se entristecem como noite chuvosa de grande escuro.

E respondendo-lhe o padre por seu modo a essas palavras com outras semelhantes, o menino se calou, e depois que ouviu tudo o que lhe disse, lhe tornou dizendo:

– Grande deve ser a tua ventura, pois vieste do cabo do mundo a ser infamado com nome de pobre em terras alheias, e muito maior sem comparação a bondade de Deus a quem essa confusa opinião do mundo agrada, de que os nossos bonzos todos estão tão alheios que com juramentos afirmam, publicamente, que nem mulheres nem pobres podem ser salvos por nenhum modo.

A que o padre respondeu:

– Permitirá o Senhor que vive reinando em cima nos céus tirar-lhes a nuvem que têm sobre os olhos, e então conhecerão o erro da sua cegueira; e quando Deus lhes der esse lume, então lhes dará a graça para se desdizerem dessa opinião falsa que seguem.

E indo assim esse menino praticando com o padre, em coisas altas e de muita substância, de que todos íamos assaz espantados, pela pouca idade que tinha, ao que parecia, entramos noutra casa em que estava uma grande soma de moços, filhos dos senhores do reino, os quais, em vendo o padre, se levantaram todos de pé, e depois de fazerem seus gromenares, pondo por três vezes a cabeça no chão, o que é entre eles uma tamanha cortesia, que a não faz senão o filho ao pai, ou o vassalo a seu rei ou a seu senhor, lhe disseram dois deles como que falando em nome dos outros:

– Tua boa vinda, padre bonzo santo, seja tão agradável a El-Rei nosso senhor como o riso do menino mimoso para a mãe que o recreia no seu peito, porque te juramos pelos cabelos de nossas cabeças que até as paredes que vês com teus olhos nos mandam que festejemos tua entrada, para glória do Deus de quem em Omanguché disseste tantas maravilhas quantas cá temos ouvido.



E fazendo todos mostra de o querer acompanhar, o menino que o levava pela mão lhes acenou que se tornassem a sentar. Daqui entramos em uma varanda muito comprida que corria ao longo de umas laranjeiras, e passando por ela fomos dar noutra casa do tamanho das duas primeiras, na qual estava o Farandono, irmão de El-Rei, que depois sucedeu como rei de Omanguché, a quem o padre fez um grande acatamento, ao qual ele também respondeu com as mesmas cortesias, dizendo:

– Certifico-te, padre bonzo, que hoje é o dia do prazer dessa casa, e em que El-Rei meu senhor se há como mais rico que se tivera os trinta e dois tesouros da prata da China. A tua vinda a ela seja tanto para seu gosto e honra tua quanta tu pretendes como remate de teus desejos.

O menino que o levava consigo lho entregou então a ele, e se deixou ficar um pouco atrás, o qual novo modo de cortesia nos pareceu muito bem. Daqui entramos noutra casa onde estavam muitos senhores do reino que também lhe fizeram muito grandes honras, e aqui se deteve um pouco de pé praticando com ele, até que de dentro de outra casa veio recado que entrasse. E entrando logo com a maior parte daqueles senhores de que estava acompanhado, chegou a uma muito rica casa onde El-Rei já estava de pé, que em vendo o padre o saiu a receber, cinco ou seis passos fora do lugar onde estivera sentado.

O padre se lhe quis inclinar aos pés, mas ele o não consentiu, antes o elevou nos braços e lhe fez por três vezes o gromenare, que é (como atrás disse) cortesia de filho a pai, ou de vassalo a senhor, de que todos os senhores que estavam presentes ficaram muito espantados, e nós muito mais; e tomando-o pela mão, o seu irmão, que até ali o trouxera consigo, se deixou ficar um pouco atrás, e sentando-se no estrado sentou o padre igualmente consigo, e a seu irmão mais abaixo um pouco, e aos portugueses defronte junto dos senhores do reino que aí estavam, onde se fizeram

alguns cumprimentos de parte a parte, em que El-Rei se mostrou ao padre muito amigo, e o padre lhe respondeu por palavras tão agradáveis ao seu modo, que, olhando ele para seu irmão e para os mais senhores que estavam na casa, disse em voz alta, que todos o ouviram:

– Quem pudesse perguntar a Deus o por onde isso caminha? Ou qual é a causa por que permitiu haver em nós tamanha cegueira ou nesse homem tamanha ousadia? Porque por uma parte vemos nós agora por nossos olhos o que dele geralmente todos dizem, e provar ele o que diz com umas palavras que não têm contradição, e tão próprias a toda a razão natural que quem bem considerar nessa maravilha se confundirá, e a não negará, mas antes, se tiver bom juízo, confessará ser verdade. E por outra parte vemos os nossos bonzos tão embaraçados na nossa verdade, e tão desvairados naquilo que pregam, que hoje dizem uma coisa e amanhã outra, de maneira que toda a sua doutrina para homens de juízo claro é confusão, e em partes dúvida de salvação.

Um bonzo que estava presente, corrido disso que El-Rei dizia, lhe respondeu:

– Não é isso matéria em que vossa alteza se possa resolver tão depressa, pois não estudou em Fiancima, e se tem alguma dúvida, pergunte-a, ou pergunte-me a mim, e eu lha declararei, e então verá quão verdadeiro é o que pregamos, e quão bem empregado o que por isso nos dão.

A que El-Rei lhe tornou:

– Pois o tu sabes, di-lo, e calar-me-ei.

O Faxiandono então lhe propôs suas razões, e a primeira delas foi que quanto aos bonzos serem santos, não havia que duvidar, pois viviam toda a vida em religião agradável a Deus, e gastavam a maior parte da noite a rezar pelos que lhes deixavam o seu, e guardavam perpétua castidade, e não comiam peixe fresco, e curavam os doentes, e ensinavam aos filhos dos homens os bons



costumes, e pacificavam os reis em suas discórdias para que os povos vivam quietos, davam chuchimiacós recambiados por letra para o céu, para lá todos os mortos serem ricos e terem muito de seu, e sustentavam de noite com suas esmolas as almas dos que chorando lhes pediam conselho nas aflições e trabalhos que padeciam por serem pobres, e tinham graus nos colégios do Bandou, confirmados pelos cubucamás e groxós do Miacó, e sobretudo eram muito amigos do Sol, das estrelas e dos santos do céu para falarem sempre de noite com eles, e tetos muitas vezes nos braços, e a esse modo disse outros muitos desatinos, em alguns dos quais falou a El-Rei com tanta cólera que por quatro vezes lhe chamou froxidehusa, que quer dizer pecador cego, sem olhos.

El-Rei ficou tão corrido do que esse bonzo lhe disse, e do desconcerto das palavras com que lho disse, que olhando duas ou três vezes para seu irmão lhe acenou que o fizesse calar, o que o Facharandono (que assim se chama o irmão de El-Rei) logo fez, e fazendo erguer o bonzo donde estava sentado lhe disse El-Rei:

– Segundo temos ouvido na prova e na justificação que quisesse dar da tua santidade, não ta queremos negar, mas também te confesso que a soberba das tuas desenfreadas palavras nos escandalizou de maneira que ousarei jurar, a meu salvo, que mais parte tem o inferno em ti, do que tu tens nos céus onde Deus tem sua habitação.

A que o bonzo lhe respondeu:

– Tempo virá em que me eu não quereirei servir dos homens, e nem eles, nem tu, nem todos os reis que agora governam serão dignos de me tocarem.

El-Rei, sorrindo-se da soberba do bonzo, olhou para o padre, como que lhe dizendo: “Que te parece?” E ele, para o aplacar, lhe respondeu:

– Deixe Vossa Alteza isso para outro dia em que o bonzo esteja mais desagastado.





A que El-Rei tornou:

– Tens razão no que me dizes, e eu muito pouca em o ouvir. E mandando-o levantar lhe disse:

– Quando houveres de falar de Deus, não te justifiques com Deus, que pecarás gravemente, mas com paciência por amor dele purga-te da cólera que trazes contigo, e ouvir-te-emos.

A que o bonzo, como afrontado, virando-se para os que estavam presentes, disse: “Hiacatá passiram figiancor passinau”, que quer dizer: “Rei que tal diz, fogo do céu o abra-se.” E levantando-se com muita pressa, sem nenhum modo de cortesia, se foi rosnando pela porta fora, de que os senhores todos ficaram zombando, e dizendo algumas galanterias a seu modo, com o que El-Rei se abrandou e ficou de todo fora da cólera que tinha tomado, e se riu com gosto por seis ou sete vezes.

Após isso, porque eram já horas, lhe trouxeram de comer, e pediu ao padre que quisesse jantar com ele, de que ele se escusou por três vezes com muita cortesia, dizendo que não tinha necessidade, a que El-Rei respondeu:

– Muito bem sei que não deves ter fome, pois dizes que não tens necessidade de comer, mas também entendo que já saberás (se és japonês como nós) que é esse oferecimento entre os reis o mais certo sinal de amor que se lhes pode mostrar, e porque te eu tenho nessa conta, me hei por muito honrado em te convidar.

A que o padre, fazendo mostra de lhe querer beijar o terço que tinha na cinta, a modo de lhe dar graças, como entre eles se costuma, lhe disse:

– Deus Nosso Senhor, por cujo respeito me isso fazes, te comunique de lá do céu tanto da sua graça que por ela mereças professar a sua lei, como verdadeiro servo seu, para que no fim de teus dias mereças possuí-lo.

A que El-Rei lhe tornou:

– Concedo nisso que por mim lhe pedes, contanto que tu e eu estejamos ambos juntos para praticarmos nessas coisas que agora passamos.

E oferecendo-lhe com a boca cheia de riso o prato de arroz que tinha diante de si, lhe tornou de novo a rogar que comesse, e o padre o fez logo, pelo que nós todos, tanto o capitão como os mais portugueses, nos pusemos com os joelhos em terra, por aquela grande honra que publicamente, e a despeito dos bonzos, fazia ao padre, sem embargo de lho eles terem mexericado.



CCXI

COMO DESPEDINDO-SE O PADRE DE EL-REI PARA SE EMBARCAR PARA A CHINA O DETIVERAM MAIS ALGUNS DIAS, E DE ALGUMAS DISPUTAS QUE TEVE COM OS BONZOS

Quarenta e seis dias eram passados depois que esse bem-aventurado padre entrou nesta cidade Fuchéu, metrópole, como já disse, do reino do Bungo na Ilha de Japão, nos quais sempre entendeu tanto de propósito na conversão das almas, sem tratar de outra nenhuma coisa, que de maravilha português nenhum podia ter dele uma só hora, só se fosse à noite em práticas espirituais, e nas manhãs nas confissões. E estranhando-lhe algumas vezes isso alguns dos seus mais familiares, dizendo-lhe que parecia aquilo algum tanto esquivança, lhes respondeu um dia:

– Peço-vos, irmãos meus em Cristo Nosso Senhor que nunca ao jantar espereis por mim, nem me tenhais nessa parte em conta de vivo para me agasalhardes, porque vos afirmo em boa verdade que receberei disso muito grande desgosto, porque sabeis que o banquete em que mais me deleito, e de que tenho mais gosto, é ver render-se uma a quem a remiu, e confessar pela boca o que hoje confessou Saquay girão, principal bonzo de Canafama, o qual, depois de conceder o que antes negava, se pôs de joelhos com as mãos levantadas, no meio da praça que estava cheia de gente, e perante todos disse chorando: “A ti, Eterno Jesus Cristo, Filho de Deus, se rende a minha alma, e confesso aqui com a boca o que tenho fixo em meu coração, pelo que requeiro a todos quantos me ouvem que digam às gentes com quem falarem que me

perdoem por quantas vezes lhes preguei como verdade o que agora estou vendo e entendo que é falsidade e mentira.” E sabei certo, irmãos, que essa santa confissão desse novo servo de Deus e irmão nosso fez tanto abalo em todo o povo que se eu hoje quisesse se batizariam mais de quinhentas pessoas; mas convém tratar esse negócio com muita prudência, e não lho fazer tão leve por causa dos bonzos, que lhes aconselham que já que se hão-de perder com se fazerem cristãos, que me peçam por isso muito dinheiro. E isso porque lhes parece que não lho dando eu, posso, por ser pobre e não ter que lhes dar, perder o crédito que lhes eles dizem que têm nas palavras que me ouvem, mas o Senhor proverá com sua misericórdia nesse impedimento que o astuto inimigo da Cruz lhes procura.

El-Rei, em todo esse tempo o conversou tão estreitamente e lhe deu tanto de si que, enquanto aqui esteve, nenhum bonzo teve nunca entrada com ele, antes envergonhado com a confusão das torpezas em que eles, sob a cor de virtude, o tinham instituído, deu de mão a muitos vícios que tinha, de que o primeiro foi lançar de si um moço muito seu aceito, com quem tinha a nefanda conversação sensual. E sendo também antes, por preceito que os diabólicos bonzos lhe impunham, avarentíssimo para os pobres, veio depois, movido pelo que esse servo de Deus lhe pregava, a ser tão liberal para eles que quase se lhe podia pôr nome de pródigo. E mandou também, sob gravíssimas penas, que dali por diante nenhuma mulher pudesse matar criança que parisse, o que dantes, na maior parte delas, pelo mesmo preceito e persuasão dos bonzos, era muito ordinário. E assim defendeu mais duas ou três coisas da mesma maneira dessas, dizendo aos seus muitas vezes em público que no rosto do padre, como em um espelho claro, estava envergonhando e confundindo do que até então tinha seguido por conselho dos bonzos, pelo que nos pareceu sempre, segundo o muito disso que nele víamos, que haveria pouco que fazer em



se ele converter à Fé se esse bem-aventurado o conversara mais tempo. Mas como a tenção de El-Rei estava posta em fito muito diferente dessa facilidade em que o nosso juízo muitas vezes se embarça, não houve efeito esse negócio de sua conversão, até o dia de hoje, mas o segredo disso só Deus o entende, que os homens nem suspeitá-lo podem.

Sendo entretanto chegado o tempo da nossa embarcação, e estando a nau já prestes para se partir, o Capitão Duarte da Gama e os mais portugueses, em companhia do padre, nos fomos uma manhã despedir de El-Rei, e dar-lhe as graças pelo bom tratamento que nos fizera em sua terra, o qual, depois de nos receber a todos com semblante alegre e bem-assombrado, nos disse:

– Confesso-vos que me fica mágoa no meu coração porque não posso ser cada um de vós outros, pela inveja que vos tenho da companhia que levais convosco, de que eu fico tão órfão quanto a minha alma me está cá chorando, porque temo muito que o não hei-de ver mais nessa terra.

A que o padre, depois de lhe dar as graças pelo amor que lhe mostrava, respondeu que se Deus lhe desse vida, ele tornaria muito cedo a ver sua alteza, o que El-Rei lhe agradeceu muito.

No meio dessa prática e doutras que o padre teve com ele, lhe tornou de novo a trazer à memória algumas coisas importantes à sua salvação, em que antes lhe tinha tocado, e lhe pediu muito que lhe lembrasse quão breves eram os dias do homem, e quanto em braços trazíamos sempre a morte conosco, e que lhe afirmava que sem falta nenhuma seria condenado para sempre todo o que não morresse cristão, e que com o ser verdadeiramente, e perseverar até ao fim em sua graça, seria ação justa do mesmo Jesus Cristo o aceitar por filho seu, e o justificar com o preço infinito do seu precioso sangue diante do Padre Eterno.

E a esse modo lhe foi discorrendo por essa matéria, no que tocava à sua salvação coisas tão espantosas de ouvir que a El-Rei se





lhe arrasaram por duas vezes os olhos de água, o que a todos nos confundiu muito, e de que os seus que estavam com ele fizeram grande caso.

Já a esse tempo os bonzos, como ministros que eram do Demônio, andavam urdindo o que aprenderam dele, vendo que nas práticas passadas que o padre tivera com eles os confundira e envergonhara a todos, com razões a que não souberam dar resposta, pelo que o povo os começava a ter em menos conta que dantes, do que eles se davam por muito afrontados, e chamavam por muitas vezes a esse servo de Deus, Inocosém, cão fedorento, e mais pobre que todos os pobres, piolhoso, e que comia perceijos e carne humana da gente morta que desenterrava de noite. E que aquelas palavras com que os embaraçava eram mais por pura feitiçaria e arte do Demônio que por virtude ou saber que tivesse. E que El-Rei, pelo favor que lhe dava, e pela sobeja honra que lhe fazia, havia de ser queimado pelo fogo e perder o reino, porque assim o tinham já determinado todos os quatro Fatoquis (que quer dizer deuses de crença): Xaca, Amida, Gizom e Canom. E a esse modo diziam outras muitas pragas a El-Rei e ao povo por consentirem o padre na terra, que era medo ouvi-Ias, de que nós os portugueses todos andávamos assaz amedrontados; mas valeu-nos termos sempre El-Rei de nossa parte, o qual, depois de Deus, foi causa de os bonzos não ousarem se determinar no que entre si traziam combinado, que era, segundo depois soubemos, ordenarem um ruído fictício em que matassem o padre e a nós todos com ele.

Quando viram que por essa via não podiam efetuar seu intento, parecendo-lhes que o podiam fazer por via de disputa, e de tal maneira que o padre ficasse de todo desacreditado, determinaram para isso de se valerem de um grande bonzo que eles tinham, que era o cume de toda a sua ciência, o qual estava como maior em

um templo dali a doze léguas, de nome Miay gimá. E com essa determinação lhe foram pedir muito que quisesse acudir pela honra dos deuses.

Ele, parecendo-lhe que seria grande honra e crédito seu vencer aquele por quem tantos foram vencidos, acudiu logo com muita pressa, acompanhado de outros seis ou sete tais como ele, de que se quis ajudar, e chegou à cidade ao tempo em que o padre, como disse, estava em casa de El-Rei com o nosso capitão e com os outros portugueses, despedindo-nos dele para no outro dia nos fazermos à vela.

Desejoso o bonzo de se lhe não ir das mãos a presa que tinha por muito certa, confiado no seu saber, porque tinha grau de tudo nos colégios de Fiancima, onde se dizia que ele estivera trinta anos como lente de primeira em uma faculdade que eles entre si têm por suprema, como entre nós a sagrada Teologia, chegando ao paço a esse tempo que digo, mandou dizer a El-Rei, por um dos bonzos que vinham com ele, que estava ali o Fucarandono, porque assim se chamava ele, de que El-Rei ficou carregado e com semblante triste, por lhe parecer que pela sua muita ciência podia embaraçar o padre, com o que ficaria perdendo a honra que tinha ganho com os outros.

O padre, entendendo isso em El-Rei, lhe pediu muito por mercê que o mandasse entrar, o que lhe El-Rei enfim veio a conceder muito pesadamente.

Entrado o bonzo e feito seu devido acatamento, lhe perguntou El-Rei o que queria, a que ele respondeu que vinha ver o padre do Chenchico, para se despedir dele antes que se fosse; e isso com uma presunção tão soberba e inchada que logo nela parecia ser verdadeiro ministro de quem o mandava. E chegando-se para o padre que o agasalhou junto de si, depois de ter com ele algumas palavras de cumprimentos, de que ordinariamente costumam



ser muito liberais, perguntou ao padre se o conhecia, e ele lhe respondeu que não porque nunca o vira, de que o bonzo, a modo de escárnio, fez muita festa, e disse para os seis de que vinha acompanhado:

– Bem pouco há que fazer neste, já que me não conhece, comprando e vendendo noventa ou cem vezes, pelo que parece que não responderá muito a propósito ao mais que se lhe perguntar.

Et tornando a falar com o padre, lhe disse:

– Tens ainda daquela fazenda que me vendeste em Frenojama? A que o padre tornou:

– Não respondo a coisa que não entendo, por isso aclarate mais no que dizes, e então te responderei a propósito, porque se eu nunca fui mercador, nem sei onde é Frenojama, nem falei nunca contigo, como te havia de vender fazenda?

– Esquecer-te-á – lhe tornou o bonzo –, pelo que me parece que deves ter ruim memória.

A que o padre respondeu:

– Já que me a mim esquece, di-lo tu, pois és mais lembrado e olha que estás diante de El-Rei.

O bonzo, então muito confiado e com aspecto soberbo, lhe disse:

– Agora faz mil e quinhentos anos que me vendeste cem picos de seda, em que ganhei bom dinheiro.

O padre com muita severidade e brandura pôs os olhos em El-Rei e lhe pediu licença para responder, e El-Rei lhe disse que folgaria muito com isso. Ele então, depois de lhe fazer a cortesia devida, se virou para o bonzo e lhe perguntou de quantos anos era, a que ele respondeu que de cinquenta e dois.

– Ora pois – lhe tornou o padre –, se tu não és de mais que de cinquenta e dois anos, como é possível haver mil e quinhentos anos que foste mercador, e me compraste fazenda? E se também o Japão não há mais de seiscentos anos que é povoado, como



pode ser haver mil e quinhentos anos que eras mercador em Frenojama, que naquele tempo, segundo parece, devia ser terra deserta?

– Dir-to-ei – disse o bonzo –, e verás quanto mais sabemos das coisas passadas que tu das presentes. Há-de saber, pois o não sabes, que o mundo nunca teve princípio, nem os homens que dele nasceram poderão ter fim, mais que somente acabarem esses corpos em que andamos, no derradeiro bocejo, para deles a natureza nos passar de novo a outros melhores, como se vê claro quando tornamos a nascer de nossas mães, ora em machos ora em fêmeas, segundo a conjunção da lua em que nos parem. E depois que somos cá nascidos no mundo, fazemos por vários sucessos essas mudanças, a que a morte nos tem sujeitos por parte da natureza fraca de que somos compostos; e quem tem boa memória sempre lhe fica lembrando o que fez e passou nos outros espaços da vida primeira.

O padre, respondendo-lhe a esse seu falso argumento, lho desfez por três vezes, com palavras e razões tão claras e evidentes e por comparações tão próprias e naturais que o bonzo ficou confuso, as quais aqui não ponho para escusar prolixidade, mas principalmente porque não cabem no estreito vaso do meu engenho. Porém o bonzo, com todas elas se não desceu da sua falsa opinião, para não ficar tido em menos conta e reputação, da em que lhe parecia que todos o tinham. E correndo adiante com seus argumentos, para mostrar a El-Rei e aos outros ouvintes quão douto era nas coisas das suas leis, e sustentando por parte dos bonzos o que o padre lhe contradizia, lhe perguntou, fazendo disso grande caso, porque tolhia o uso nefando aos japões.

A essa segunda pergunta lhe respondeu também o padre com razões tão claras e tão vivas (as quais também não cabem na minha alçada) que El-Rei ficou muito satisfeito e o bonzo confuso, mas tão contumaz e emperrado na sua brutalidade, que por

nenhuma maneira quis condescender na razão que lhe dessem, por muito clara que fosse, até que os senhores todos que estavam presentes lhe disseram:

– Se tu vens para pelejar, vai-te ao reino de Omanguché, que está agora em guerra, e lá acharás com quem quebres a cabeça, porque nós, Deus seja louvado, estamos cá todos em paz; porém, se vens para argumentar ou sustentar ou negar, seja por palavras mansas e quietas como vês que faz esse bonzo estrangeiro, que te não responde a mais que àquilo para que tu lhe dás licença, e se assim o fizeres, ouvir-te-á sua alteza, e se não, jantará, porque se vão já fazendo horas.

A isso, que disse um daqueles senhores que ali estavam, respondeu o bonzo com palavras tão mal concertadas que El-Rei, de afrontado, o mandou levantar e lançar pela porta fora, jurando-lhe que se não fora bonzo, lhe houvera de mandar cortar a cabeça.

DO QUE ESTE BEM-AVENTURADO PADRE PASSOU
COM OS PORTUGUESES ACERCA DA EMBARCAÇÃO,
E DA SEGUNDA DISPUTA QUE TEVE COM
O BONZO FUCARANDONO

Essa aspereza com que El-Rei tratou o Fucarandono fez com que todos os bonzos se amotinassem contra ele e contra todos os senhores do reino, por haverem que o fizera em desprezo das suas leis, e por isso fecharam os templos todos da cidade, sem quererem ministrar ao povo nenhum sacrifício nem aceitar dele esmolos nenhuma, pelo que foi necessário a El-Rei tratar isso com muita prudência, para aquietar a união e motim da gente baixa, que já começava a se desenfrear, sem respeito nem vergonha alguma.

Pelo que, receosos nós os portugueses que por isso nos pudesse acontecer o de que sempre nos tememos, nos embarcamos ao outro dia, um pouco mais depressa do que era razão, e requeremos também ao padre que fizesse o mesmo, pois ali não havia já que fazer, de que ele por então se escusou.

E tratando entre si todos os que estavam na nau sobre essa escausa do padre, se assentou que o próprio Capitão Duarte da Gama o fosse em pessoa logo buscar a terra antes que acontecesse algum desastre, o que assim se fez. Ao que ele respondeu:

– Ó, irmão meu, quem fora tão bem-aventurado que pudera merecer a Deus Nosso Senhor vir sobre ele esse desastre de que vos receais! Mas muito bem sei que não sou digno de tamanha mercê, e quanto a me embarcar tão depressa como esses senhores me pedem e vossa mercê também me aconselha, não me cumpre



agora fazê-lo, porque será escândalo muito grande para esses novamente convertidos à Fé, e dar motivo e ocasião, por meu mau exemplo, de eles poderem lançar mão daquilo que o Demônio por seus sequazes lhes procura. E já que vossa mercê entende de mim essa verdade, pode se ir muito embora com todos essoutros senhores, pois por seus fretes lhes está tão obrigado, porque também eu o estou muito mais e mais a um Deus tão misericordioso que para me salvar morreu pregado em uma Cruz.

Com esse desengano se tornou o capitão para a nau tão confuso da eficácia com que ouvira essas palavras a esse bem-aventurado, acompanhadas de algumas lágrimas, que depois de contar aos portugueses o que se passava lhes disse que quanto à obrigação que lhes tinha de lhes, por os seus fretes, os tornar ao porto de Cantão donde partira, que aí lhes entregava e largava a nau com toda a fazenda para fazerem de tudo o que quisessem, porque ele protestava de se tornar a terra e não desamparar o padre por nenhum caso.

Esse santo propósito do capitão pareceu muito bem a todos os mercadores, e lhe concederam todo o tempo que para isso lhe fosse necessário. E concertados todos nesse santo propósito, se tornou a pôr a nau no pouso onde antes estivera, de que o padre ficou muito consolado e satisfeito, e os cristãos animados, e os bonzos confusos e magoados, por verem que a pobreza que o padre seguia e que eles caluniavam tanto era mais por respeito do serviço de Deus que por falta do necessário, como eles diziam.

E porque sabiam muito bem que já El-Rei estava certificado dessa verdade, e que o padre determinara esperar todos os contrastes e inconvenientes que lhe eles pusessem ao que ele dizia e pregava, tornaram a concluir todos entre si que todavia a disputa desse Fucarandono com ele fosse por diante.

E dando logo conta disso a El-Rei, lho concedeu com certas condições bem contrárias às que eles punham, que a primeira foi que

não haviam de bradar alto, nem falar das cortesias; a segunda, que haviam de condescender com o que aos ouvintes parecesse razão; a terceira, que se haviam de acomodar ao que depois da disputa se determinasse por mais votos, a quarta, que não impediriam por si nem por outrem os que se quisessem fazer cristãos; a quinta, que nas matérias de que se argumentasse, quando quisessem negar ou provar, haveria juízes que o determinariam; a sexta, que condescenderiam naquilo que por razões naturais se provasse, e a que o juízo dos homens se sujeitasse. O que todos eles contrariaram, dizendo que não era honra sua sujeitarem-se à determinação de juízes árbitros que não fossem bonzos como eles. El-Rei, todavia, insistiu no que lhes tinha apontado, por lhe parecer razão, e eles lho concederam muito pesadamente, por mais não poderem.

Logo ao outro dia veio o Fucarandono tundo de Miaygimá, acompanhado de mais três mil bonzos que para essa disputa se juntaram; porém El-Rei não quis que deles todos entrassem mais que só quatro, dizendo que o fazia para evitar união, e também porque não era honra sua deles virem três mil contra um só.

E mandando logo recado ao padre, a quem já de mais longe tinha avisado disso, o capitão e os portugueses todos o acompanharam com muito maior fausto que o do primeiro dia em que se viu com El-Rei, e os mais honrados e ricos lhe serviram de criados com acatamento grandíssimo, pondo a tudo os joelhos em terra, e tendo sempre nas mãos as gorras, que eram guarnecidas de pérolas e de muitas cadeias de ouro; da qual vista com tanta riqueza, tanta honra, e tanto fausto, o Fucarandono e os outros bonzos se honra, e por muito afrontados, e se enxergou neles grandíssima dor, e grandíssimo espanto do que viam, porém El-Rei e todos os senhores que estavam na casa mostraram ter muito gosto disso, e diziam uns para os outros, a modo de remoque contra os bonzos:

– Assim fossem meus filhos pobres como esse o é, e dissessem deles quanto quisessem, porque a verdade todos a temos diante



dos olhos, e a mentira dos que o contrário disseram é boa testemunha de suas invejas.

El-Rei, lançando as orelhas ao que os senhores diziam, sorrindo-se-lhes disse, em nosso favor:

– A mim me certificaram os bonzos, com juramento, que em vendo eu esse padre vomitaria de nojo, o que eu então cri, pela autoridade dos que mo disseram, mas daqui por diante haverei que suas verdades podem ser tais como essa das quais palavras e passatempos que El-Rei teve alto, e perante todos, com esses senhores, as quais pareciam ditas a modo de escárnio e zombaria, ficou o Fucarandono tão corrido, e os outros bonzos que estavam com ele, que não ousavam levantar os olhos, e tamanha foi a inveja disso em todos eles que, virando-se o Fucarandono para um dos quatro que estava mais perto dele, lhe disse manso:

– Pelo que meus olhos agora têm visto, e minhas orelhas ouvido, a mim me parece que nos iremos daqui hoje com a honra dessoutro dia, e quiçá que mais afrontados um bom pedaço.

Quando o padre entrou da maneira que disse na casa onde El-Rei estava, acompanhado de muitos senhores e gente nobre, ele o agasalhou junto de si com honras avantajadas a todos os outros, e quase iguais às que fazia a seu irmão, e depois de ter com ele alguma prática, e fazer aquietar a casa, disse ao Fucarandono que dissesse por parte dos bonzos que razão tinham para se não receber no Japão aquela nova lei que aquele padre estrangeiro vinha pregar aos moradores daquela cidade.

O bonzo, algum tanto já mais brando e mais refreado na sua soberba, ou contrafazendo a sua vil progênie e o baixo sangue donde diziam que descendia, lhe respondeu que porque era lei inimicíssima e contrária a todas as suas, e desonra pública dos servos de Deus que lhe tinham feito voto de religião e nela o tinham servido com limpeza de vida, vedando com novos preceitos aquilo que os cubucamás passados lhes tinham concedido, e afirmando

publicamente em todos os ajuntamentos onde se achava, que só naquilo que ele lhes pregava e dizia estava a salvação dos homens, e não em outra coisa nenhuma, e que os santos Fatoquins, Xaca, Amida, Gizom e Canom estavam em pena perpétua na cônica funda da casa do fumo, entregues por direito juízo da divina justiça à serpe tragadora da morada da noite, pelo que lhe parecia que por razão de zelo santo eram todos obrigados a evitar esse mal de que tantos procediam.

El-Rei disse então ao padre que respondesse a essa queixa que era geral, tanto desse como dos outros. A que o padre, pondo os olhos no céu, com as mãos levantadas, disse que mandasse sua alteza ao tundo Fucarandono, que apontasse particularmente as razões que tinham, ele e os outros bonzos, para se queixarem do que ele dizia, e então lhes responderia a cada uma delas por si, e que o que Sua Alteza nisso julgasse, com todos os mais que ali estavam presentes, isso ficasse determinado, sem o bonzo nem ele contradizerem mais o que eles determinassem. O que a El-Rei pareceu bem, e assim mandou que se fizesse. E tornando de novo a pôr silêncio nos ouvintes, o bonzo lhe disse qual era a causa por que dizia mal dos seus deuses. A que o padre respondeu que por serem indignos daquele venerável nome que os ignorantes lhes punham, o qual não competia por lei de razão e de verdade senão somente ao altíssimo Senhor que formara os céus e a terra, cuja onipotência e incompreensíveis maravilhas o nosso entendimento não era capaz de adivinhar, quanto mais entender, e que por esse pouco que os nossos olhos nos mostravam dele, se julgaria ser ele o verdadeiro Deus, e não Xaca, nem Amida, nem Gizom, nem Canom, que não foram mais que homens muito ricos, como as suas escrituras contavam deles.

A essa resposta disseram todos:

– Parece que tem razão no que diz.



E querendo o bonzo tornar a replicar no que tinha arguido, lhe disse El-Rei que tratasse doutra coisa, porque aquela já estava concluída na opinião dos ouvintes, de que ele não ficou nada contente. E prosseguindo por seu intento adiante, perguntou ao padre porque vedava passarem os bonzos letras de câmbio para o céu, pois por elas as almas lá eram ricas, e sem isso eram pobres, sem nenhum remédio para poderem buscar sua vida; a que o padre respondeu que a riqueza dos que iam ao céu não consistia nos cochumiácós que por modo de tirania os bonzos cá lhes davam, senão nas obras que com fé nessa vida faziam, e que essa fé, pela qual juntamente com a caridade se merecia ir ao céu, era aquela que lhes ele pregava, que se chamava lei cristã, e que o dador dessa fé santa e dessa lei cristã fora Jesus Cristo, Filho de Deus, que nesse mundo se fizera homem e padecera morte de Cruz, para remir todos os pecadores que batizados guardassem seus mandamentos e perseverassem na sua santa fé até o fim de suas vidas; a qual fé limpa, santa e perfeita não era tão avarenta que fizesse exceção de pessoas, como eles diziam, porque não impossibilitava às mulheres terem salvação, por ser gênero mais fraco por natureza, nem punha o remédio que elas nisso podiam ter, no muito que lhes a eles dessem por isso, como lhes eles davam a entender, por onde estava claro que as suas leis eram fundadas mais no interesse dos que a pregavam, que na verdade do Deus que criara os céus e a terra, e obrara por si, para a salvação tanto das mulheres como dos homens, o que eles algumas vezes lhe tinham ouvido.

A isso respondeu El-Rei:

– Tem muita razão no que diz.

E todos os mais que estavam com ele disseram o mesmo, de que o bonzo Fucarandono e os outros quatro ficaram assaz confusos e envergonhados, mas ainda tão contumazes como dantes, nos seus erros. E ainda que me tenham ouvido dizer algumas vezes que essa nação japoa é a mais sujeita à razão que todos os

outros gentios daquelas partes, todavia os seus bonzos, por uma natural ufanía e presunção que têm de saberem mais que os outros, tomam muito em caso de honra desdizerem-se do que uma vez disseram, ou condescenderem em argumentos que toquem em seu crédito, ainda que por isso aventurem mil vezes a vida.

DE TUDO O MAIS QUE O PADRE PASSOU COM ESTES
BONZOS ATÉ SE EMBARCAR PARA A CHINA

Não se acabaram por aqui as disputas do nosso santo padre com o bonzo Fucarandono, porque, juntando ele a si outros seis em que tinha confiança, o vieram buscar muitas vezes, e lhe propunham muitas questões, nas quais arguiam sempre muitas coisas de novo contra a verdade que o padre lhes pregava, e duraram elas por espaço de mais cinco dias, nos quais El-Rei sempre assistiu em pessoa, tanto por folgar de os ouvir por via de curiosidade, como pelo seguro que de sua palavra tinha dado ao padre, a primeira vez que se viu com ele nesta cidade Fuchéu, como atrás fica dito.

E neste tempo os bonzos todos, a fim de o embaraçarem, ou de o desacreditarem, lhe perguntaram por coisas que o entendimento humano nunca imaginou, e ao lado destas, por outras tão simples e tão fáceis que qualquer pessoa lhes poderia responder com pouco trabalho. E algumas vezes tratavam também de matérias altas e de muito peso, em que houve muitas altercações de ambas as partes, das quais, assim como me ajudar a minha rudeza, direi somente três ou quatro que me pareceram de mais substância, porque as outras tenho por escusado tratar delas. E para isso nos pedia muitas vezes o nosso santo padre que o ajudássemos com nossas orações, porque nos certificava que tinha muita necessidade delas, tanto pela fraqueza do seu engenho, como porque



entendia que falava o Demônio naqueles seus ministros, perturbadores da lei do Senhor.

Depois que os bonzos lhe propuseram alguns argumentos, lhe quiseram provar por diabólica filosofia que Deus era inimicíssimo de todos os pobres, dizendo que pois lhes negava os bens que dava aos ricos, sinal era que os não amava. Essa falsa proposição lhes contrariou o padre, com razões tão claras, tão aparentes e tão verdadeiras que os bonzos, ainda que lhe replicassem duas vezes, todavia como a verdade não tem resposta que tenha eficácia, lhes foi forçoso, apesar da sua natural ufania e presunção, condescenderem com o que lhes disse o padre.

Derrubado este, se pôs logo outro em campo, e chegando-se ao padre lhe disse que não tinha necessidade de vir do cabo do mundo a meter em cabeça à gente que na lei que pregava, nem em nenhuma outra se podia homem humano salvar, porque como aí havia dois paraísos, o da terra e o do céu, dos quais um só necessariamente se havia de gozar, por preceito de Deus, um para o trabalho e outro para descanso, estava claro que o paraíso do homem era o da terra, pois todos os nascidos, cada um por sua via, se gloriavam no descanso dela: os reis, por potência e mando em toda a monarquia; os grandes, que vêm logo após ele, como são os príncipes, capitães, poderosos e ricos, na sem justiça que usavam com os mais pequenos; e a gente baixa, nas deleitações e regalos da vida. De maneira que todos e cada um por si eram juízes dessa sentença que contra eles se havia de dar, e que as bestas e os bois, porque nessa vida passaram seus dias em aflições e trabalhos, lhes ficava direito para possuírem o céu que o homem por inclinação e efeito de pecado quis enjeitar. E assim, a esse modo, propôs outras muitas razões tão bestiais e tão desatinadas como essas, que também o padre lhe contrariou muito facilmente.

Disseram mais que não negavam que Deus como poderoso criara todas as coisas quantas havia no mundo para serviço do

homem, mas que as que dessas depois procederam ficaram, pela sujeição que têm ao pecado, tão imperfeitas em sua natureza, que de serem amargosas, duras e bravas não tinham em si substância nenhuma, pelo que foi necessário, para se elas reduzirem à perfeição do seu primeiro ser, nascer Amida de todas elas, a qual diziam que nascera oitocentas vezes, para dar ser perfeito a oitocentas espécies de coisas que havia no mundo. Porque se assim não fosse, como na verdade fora, segundo por suas escrituras estava certificado, já não haveria gente, nem mundo, nem coisa alguma de quantas nasceram nele; por onde parecia razão que os homens dessem tantos louvores a Amida por essa conservação, como a Deus pelo benefício da criação.

Esse argumento e falsa filosofia lhes desfez o padre com poucas palavras, por ser a matéria em si clara e de muito pouca substância; porém as razões que o padre lhes deu foram tais que El-Rei e todos os mais ouvintes ficaram muito satisfeitos com elas. E como essa parceria de todos esses sete bonzos era negociada pelo infernal inimigo, pai de toda a discórdia, nesse mesmo tempo vieram eles a se desconcertar entre si de tal maneira, e a terem uns com os outros tamanhas diferenças, que por três ou quatro vezes houveram de vir às bofetadas perante El-Rei, com o que ele se agastou muito, e lhes disse que as coisas de Deus não se haviam de disputar com punhadas, senão com favor e zelo fundado em mansidão, porque no espírito manso se agasalhava Deus para dormir seu sono quieto.

E levantando-se com isso se foi com alguns daqueles senhores de que estava acompanhado a ver uns jogos à casa da rainha, e os bonzos se foram cada um para sua parte, e o padre com o capitão e os mais portugueses se foram para a casa dos cristãos, onde dormiram naquela noite.

Ao outro dia à tarde, El-Rei em pessoa, fingindo que passava por acaso pela rua, mandou dizer ao padre se queria ir ver o seu



jardim, onde tinha por nova que estava a caça já esperando por ele, e que se armasse bem, porque quiçá ainda hoje derrubaria um par de minhotos daqueles sete que ontem lhe tinham querido arrancar os olhos. O padre, entendendo a metáfora, saiu logo à rua onde El-Rei o estava esperando de pé, com só três ou quatro privados seus consigo, e tomando-o pela mão, e os portugueses um pouco atrás afastados, o levou com muita honra por todas as ruas até sua casa, onde os bonzos já estavam com muita soma de gente nobre, e depois que se sentou e fez aquietar a casa, os bonzos tornaram de novo a mover outras questões sobre a matéria do dia antes, e mostraram um grande papel cheio de respostas, o qual El-Rei não quis ver, dizendo:

– O que já se julgou uma vez, não se pode julgar duas, como vós quereis. Por isso falai em outra coisa, porque esse padre está já embarcado para se partir, e o capitão não vos deve tanto, por parentesco ou por amizade, que por vosso respeito queira perder sua viagem, e por isso lograi-vos dele esses dois dias que aqui cá há-de estar, se vos aprover, ou vos tornai para Miaygimá, donde viestes.

A que eles responderam que assim o fariam como Sua Alteza lhes mandava; porém, já que se ali se achavam, lhes desse licença para praticarem um pouco com o padre em coisas boas que desejavam saber dele, em que não havia de haver porfia nenhuma, porque já todos vinham apostados a isso. El-Rei lhes outorgou licença de boa vontade, e lhes rogou muito que assim o fizessem. Eles então, chegando-se para o padre, lhe pediram perdão do passado e lhe perguntaram muitas coisas curiosas e boas, que El-Rei folgou muito de ouvir, entre as quais uma foi que se a Deus, por seu saber infinito, tudo é presente, tanto o passado como o futuro, como não viu na criação dos anjos o desmancho que Lúcifer, por si e com os outros, havia de fazer em ofensa sua, por onde fosse necessário, por razão da sua divina justiça, serem condenados a



pena perpétua? E se o viu (como era de crer que houvesse visto), como se não moveu sua infinita misericórdia a atalhar a um mal de que depois tantos sucederam em ofensa sua? E se também o não viu para ficar desculpado, era logo falso o que dessa matéria anunciava dele à gente.

O padre, depois de estar um pouco a modo de pensativo com essa pergunta dos bonzos, lhes declarou largamente a verdade disso, o que eles por vezes contrariaram com umas razões tão agudas que o padre, virando-se para Duarte da Gama, que estava um pouco detrás dele, lhe disse:

– Note vossa mercê bem o que ouve, e verá que isso que esses falam não vem deles, senão do mesmo Demônio que os ensina, mas confio em Deus Nosso Senhor que ele responderá por mim.

E depois que sobre essa matéria houve algumas alterações em que se fez alguma detença, porque os bonzos não queriam condescender nas razões que lhe davam, El-Rei se quis fazer nisso terceiro, e lhes disse:

– Eu, segundo o que tenho alcançado do que até agora se praticou nessa matéria, entendo que o padre tem razão no que diz, mas que a vós outros vos falta fé para reconhecerdes essa verdade, porque se a tivésseis, não o contradiríeis, e já que vos ela falta para isso, ajudai-vos da razão como homens, e não ladreis como cães todo o dia, com uma pertinácia tão obstinada e cheia de cólera que a baba vos corre dos beiços como gozos danados que mordem a gente.

A que os senhores todos que ali estavam, aprovando o que El-Rei dizia, deram uma grande risada, de que os sete bonzos se queixaram muito e disseram para El-Rei como consentia Sua Alteza quererem ser todos reis em sua presença?

A isso acudiu o padre, e se meteu no meio, e com sua intercessão tornou a coisa a ficar quieta como dantes, e os bonzos foram com suas perguntas por diante, por espaço de mais de quatro

horas, em matérias altas, como homens a que todavia se não pode negar que têm por natureza melhor entendimento que os outros gentios daquelas partes, por onde parece que será nesses de mais fruto, e por isso mais bem empregada, a diligência que se puser para os converter à fé que nos chingalás de Comorim e de Ceilão, mas nem por isso digo que nestoutros é mal empregada, senão muito bem.

Desejoso ainda o Fucarandono, como mais douto que os outros, levar a sua avante com perguntas que embaraçassem o padre, lhe veio arguindo de novo por que razão punha nomes torpes ao Criador de todas as coisas, e aos santos que no céu assistiam em louvor seu, infamando-o de mentiroso, pois ele, como todos criam, era Deus de toda a verdade?

E para que entenda donde nasceu a este dizer isso, se há-de saber que na língua do Japão se chama à mentira, diusa; e porque o padre, quando pregava, dizia que aquela lei que ele vinha anunciar era a verdadeira lei de Deus, o qual nome, eles, pela grosseria da sua língua, não podiam pronunciar tão claro como nós, e para dizerem Deus, diziam dius, daqui veio que esses servos do Diabo tomaram motivo de dizerem aos seus que o padre era Demônio em carne, que vinha infamar a Deus pondo-lhe nome de mentiroso. Mas com a resposta que o padre lhes deu a esse argumento ficaram os ouvintes muito satisfeitos, e disseram todos a uma voz: “Sitá, sitá”, que quer dizer: “Já, já”, como que dizendo: “Já caímos no que dizes.”

E para que também se saiba a razão por que lhe esse bonzo disse que punha nomes torpes aos santos, foi porque tinha o padre por costume, quando acabava de dizer missa, rezar com todos uma ladainha para rogar a Nosso Senhor pela augmentação da fé católica, e nessa ladainha dizia sempre, como nele se costuma: *Sancte Petre ora pro nobis, Sancte Paule ora pro nobis*, e assim dos mais santos. E porque também esse vocábulo santi na língua japoá é



torpe e infame, daqui veio arguir esse ao padre que punha maus nomes aos santos. Mas logo lhe declarou a verdade do que naquilo se passava, que El-Rei gostou muito de entender, e dali por diante mandou o padre que se não dissesse mais *sancte*, mas sim *beate Petre, beate Paule*, e assim aos outros santos, porque já dantes tinham os bonzos todos perante El-Rei feito peçonha disso.

E prosseguindo ainda adiante com seus argumentos, não com zelo de se converterem, nem de perguntarem para saberem, mas somente a fim de caluniarem a lei de Deus, e perturbarem esse seu servo, lhes disseram que se Deus, que é sabedoria infinita, via que aquela obra que fazia em criar o homem havia de ser ocasião grande de ofensa sua, por que razão não levantou a mão, dela, como parecia claro que seria melhor, para escusar o que depois sucedeu; a que também o padre satisfez com razões tão claras e tão suficientes quanto bastaram para os confundir nisso, como tinha feito em todas as outras coisas.

E das respostas que se lhes deram, tanto a isso como a tudo o mais de que tenho tratado, não digo aqui nada, pela fraqueza do meu engenho que já muitas vezes tenho confessado, e também porque vejo que não é da minha faculdade meter a mão nas matérias dessa qualidade; basta que foram as respostas sempre tais que todos os circunstantes ficaram muito satisfeitos com elas. Contudo, os bonzos não deixaram de gastar duas e três horas nas réplicas que lhe traziam, mas enfim condescendendo nessa derradeira, muito contra sua vontade, tornaram ainda a dizer que já que Deus, depois que Adão fora derrubado pela serpente, determina mandar seu filho ao mundo para remir os descendentes do mesmo Adão, por que causa se não dera tanta pressa quanta pedia a necessidade? Que se ele porventura dizia que a razão disso fora para mostrar aos homens a gravidade do pecado, não era razão bastante para ele ficar sem culpa pelo descuido de tamanha tardança.

A isso lhes respondeu o padre da maneira que costumava, porém nessa questão arguíram coisas muito diferentes, e estiveram tão duros em condescender nas razões que lhes davam que El-Rei, de enfadado da pertinácia com que negavam tudo o que o padre lhes dizia, se ergueu de pé, dizendo:

– Os que hão-de argumentar sobre lei tão fundada em toda a razão, como essa é, não hão-de estar tão fora dela como vós outros vindes.

E tomando o padre pela mão, acompanhado de todos os grandes que estavam com ele, o levou até a casa dos cristãos, onde pou-sava, de que todos os bonzos receberam grandíssimo desgosto, e ficaram muito envergonhados, e diziam publicamente e em altas vozes que fogo do céu viesse sobre El-Rei, pois se enganava tão facilmente com um feiticeiro, vadio, sem nome.

DA GRANDE TORMENTA QUE PASSAMOS INDO DO
JAPÃO PARA A CHINA, E COMO FOMOS LIVRES DELA
POR ORAÇÕES DESTE SERVO DE DEUS

Ao outro dia pela manhã, depois que o nosso santo padre com todos os portugueses se despediu de El-Rei, o qual nessa despedida lhe fez as honras e agasalhado que sempre costumara, nos fomos a embarcar e nos partimos desta cidade Fuchéu, velejamos por nossa rota à vista de terra até uma ilha de El-Rei de Minacó, chamada Meleitor, e atravessando daqui com ventos de monção tendente, continuamos nosso caminho por espaço de sete dias, no fim dos quais o tempo, com a conjunção da lua nova, nos saltou ao sul, e ameaçando-nos com chuueiros e mostras de inverno, veio em tamanho crescimento que nos foi forçoso arribar enfim de roda com a proa ao rumo de nor-nordeste por mar incógnito e nunca navegado por nação nenhuma, sem sabermos por onde íamos, entregues de todo ao arbítrio da fortuna e do tempo, com uma tão brava e tão excessiva tormenta, qual os homens nunca imaginaram, que nos durou cinco dias. E como em todos eles nunca vimos o Sol, para o piloto saber por que altura caminhava, só pela sua fraca estimativa, sem conta de graus nem de minutos, pouco mais ou menos foi demandar a paragem das ilhas dos papuas, celebes e mindanaus, que distavam dali seiscentas léguas.

No segundo dia dessa tormenta, já sobre a tarde, foi crescendo o mar de escarcéu com vagas tão altas que o ímpeto da nau não podia romper, pelo que se assentou, por parecer dos oficiais,



que as obras do chapitéu e dos castelos de avante se arrasassem até o andar do convés, para que assim pudesse a nau ficar mais afrontada, e obedecer aos lanços do leme.

Feito isso com toda a presteza possível, porque todos, sem ficar nenhum, se ocuparam nesse trabalho, se entendeu logo em se segurar o batel, o qual com assaz de trabalho foi atracado a bordo, e lhe guarneceram logo um cabo de duas amarras de cairo novo. E porque já quando essa obra se acabou, a cerração da noite era muito grande, não foi possível recolher-se à nau a gente que estava nele, pelo que foi forçoso ficarem aquela noite lá todos, que foram quinze, de que cinco eram portugueses, e os outros escravos e marinheiros.

Em todos esses trabalhos e infortúnios nos acompanhou sempre esse bem-aventurado padre, tanto de noite como de dia, por uma parte trabalhando por sua pessoa como cada um dos outros, e por outra animando e consolando a todos, de maneira que depois de Deus ele só era o capitão que nos esforçava e nos dava alento para de todo nos não rendermos ao trabalho e nos entregarmos de todo à ventura, como alguns quiseram fazer algumas vezes, se ele não fosse.

Sendo já quase meia-noite, os quinze que iam no batel deram uma grande grita de “Senhor Deus misericórdia”, e acudindo toda a gente na nau a saber o que aquilo era, viram ao horizonte do mar o batel ir atravessado, porque se lhe quebraram os bragueiros ambos com que estava amarrado. O capitão, com a dor daquele desastre, sem consideração alguma nem atentar no que fazia, mandou arribar a nau pela esteira do batel, parecendo-lhe que o poderia salvar, mas como ela era má de governo, e acudia devagar ao leme por causa da pouca vela de que era ajudada, ficou atravessada entre duas vagas, onde a encapelou uma grande serra por cima da popa, e lhe lançou no convés tamanho peso de água que de todo a teve soçobrada, a que a gente, com uma grande grita que



rompia o ar, chamou com muita instância por Nossa Senhora que lhe valesse.

A isso acudiu o padre muito depressa, que nesse tempo estava posto de joelhos debruçado sobre uma caixa na câmara do capitão, e vendo a nau da maneira que estava, e nós pelas amuradas uns sobre os outros, escalavrados os mais deles, das capoeiras do convés, levantando as mãos ao céu, disse alto:

– Ó, Jesus Cristo, amores de mi anima, vale-nos, Senhor, pelas cinco chagas que por nós padeceste na árvore da vera Cruz!

E logo naquele breve instante milagrosamente a nau tornou a surdir sobre a vaga do mar, e acudindo logo com muita pressa a marear a maneta que ia guarneçada por papa-figo ao pé do traquete, prouve a Nosso Senhor que ficou direita, e logo mareada em popa, e o batel desapareceu de todo pela esteira da nau, de que todos ficaram chorando e rezando pelas almas dos que iam nele.

Dessa maneira corremos tudo o que restava da noite, com asaz de trabalho, e quando foi manhã clara, em todo o mar quanto alcançava a vista da gávea, não aparecia coisa nenhuma mais que somente o escarcéu da tormenta que rebentava em flor. E sendo passado pouco mais de meia hora de dia, o padre, que então estava recolhido na câmara do capitão, veio ao chapitéu onde estavam o mestre e o piloto com mais seis ou sete portugueses, e depois de dar a todos os bons-dias com semblante alegre e quieto, perguntou se aparecia o batel, e lhe foi respondido que não; e rogando ao mestre que quisesse mandar um marinheiro à gávea para que visse se aparecia lá de cima, um dos que ali estavam lhe disse que apareceria quando se perdesse outro, a que o padre, pesando-lhe o que ouvira, respondeu:

– Ó, irmão Pero Velho (que assim se chamava ele), muito pequena fé é essa que tendes! E como? Haveis vós porventura que pode ser alguma coisa impossível a Deus Nosso Senhor? Pois eu confio nele e na sacratíssima Virgem Maria sua Mãe, a quem por



ele tenho prometido três missas na sua bendita casa do Outeiro, em Malaca, que há-de permitir que aquelas almas que vão nele se não percam – de que o Pero Velho ficou corrido e não falou mais palavra nenhuma.

O mestre então, para satisfazer melhor ao rogo do padre, ele em pessoa com outro marinheiro se foram à gávea, e vigiando de lá de cima por espaço de quase meia hora disseram que em todo o mar quanto lhes alcançava a vista não aparecia coisa nenhuma, e o padre lhes respondeu:

– Ora descei-vos, que não há já que fazer.

E chamando-me então para o chapitêu onde ele estava, e ao parecer de todos bem triste, me disse se lhe queria mandar aquecer uma pouca de água para beber, porque trazia o estôma-go muito desconsolado, a que eu por meus pecados não satisfiz, por não haver fogão na nau, porque se tinha lançado ao mar no dia antes, quando se alijou o convés no princípio da tormenta. E queixando-se-me ele então que andava muito esvaído da cabeça, e com vágados que lhe acudiam de quando em quando, lhe respondi eu:

– Não é de mais andar vossa reverência dessa maneira, pois há três noites que não dorme, e quiçá que nem comeria bocado, porque assim me disse um moço de Duarte da Gama.

A que ele respondeu:

– Certifico-vos que hei dó dele, por quão desconsolado o vejo, porque essa noite depois que se perdeu o batel nunca deixou de chorar por seu sobrinho Afonso Calvo, que vai nele com os mais companheiros.

Eu então, porque vi o padre bocejar muitas vezes, lhe disse:

– Vá-se vossa reverência encostar um pouco ali naquele meu camarote, e quiçá que repousará – o que ele aceitou, dizendo que fosse pelo amor de Deus, e que me pedia muito que mandasse ao meu china que lhe fechasse a porta, e se não fosse dali, para que



quando o chamasse lha abrisse. E isso podia ser das seis até as sete horas da manhã, pouco mais ou menos, e recolhido no camarote esteve nele todo o dia até quase sol-posto. E acertando eu nesse comenos de chamar o china que estava à porta, da banda de fora, para que me desse um púcaro de água, lhe perguntei se dormia ainda o padre, e ele me respondeu:

– Nunca dormiu, mas está de joelhos chorando de braços sobre o catre.

E eu lhe disse então que se tornasse a sentar à porta, e que acudisse quando chamasse.

Dessa maneira esteve o padre recolhido na sua oração até quase sol-posto, e então se saiu do camarote e se foi acima ao chapitéu onde os portugueses todos estavam sentados no chão por causa dos grandes pendores e balanços que dava a nau; e depois de os saudar a todos, perguntou ao piloto se aparecia o batel, e ele lhe respondeu que por razão natural era impossível deixar de estar perdido, com mares tão grossos como aqueles, e que pressuposto que Deus milagrosamente o quisesse salvar, nos ficava já a mais de cinquenta léguas. A que o padre lhe tornou:

– Assim parece naturalmente, mas folgaria eu, piloto, já que se nisso não perde nada, que por amor de Deus quisésseis ir à gávea, ou mandar lá algum marinheiro que de lá de cima vigie todo o mar, para que ao menos nos não fique isso por fazer.

E o piloto lhe disse que ele iria lá de boa vontade. E subindo acima, e o mestre com ele, mais para satisfazerem o desejo que viam no padre que por lhes parecer que podiam ver alguma coisa, como parecia que estava em razão, se detiveram lá um grande espaço, e enfim afirmaram que em todo o mar não viam coisa nenhuma, de que o padre, ao parecer de todos, ficou assaz triste. E encostando a cabeça no prepau do chapitéu, esteve assim com aquela tristeza um pouco impando como que a querer chorar, e já por derradeiro, abrindo a boca e tomando fôlego, como quem





desabafava daquela tristeza que tinha, e levantando as mãos ao céu, disse com lágrimas:

– Jesus Cristo, meu verdadeiro Deus e Senhor, peço-te pelas dores da tua sacratíssima morte e paixão que hajas misericórdia de nós e nos salves as almas dos fiéis que vão naquele batel.

E tornando com isso a reclinar a cabeça sobre o prepau a que estava encostado, se deixou assim estar como que a dormir, cerca de dois a três credos, quando um menino que estava sentado na enxárcia começou a gritar dizendo: “Milagre, milagre, que eis aqui o nosso batel.”

A essa voz arremeteu toda a gente assim como estava, à parte de bombordo onde o menino gritava, e viu vir o batel afastado da nau cerca de um tiro de espingarda pouco mais ou menos, e espantados todos de tão novo e desacostumado caso, choravam uns com os outros como crianças, de maneira que não havia quem se pudesse ouvir em toda a nau, com os urros da gente.

Todos arremeteram então ao padre para se lhe lançarem aos pés, porém ele o não consentiu, e se recolheu para a câmara do capitão e se fechou por dentro para que ninguém lhe falasse.

Os companheiros que vinham no batel foram logo recolhidos dentro da nau, com aquele gosto e alvoroço que todos podem entender, e por isso então deixo agora de contar aqui as particularidades desse recebimento, porque são elas mais para se cuidarem que para se escreverem.

Passado assim aquele pequeno espaço em que a noite se cerrou de todo, que podia ser de pouco mais de meia hora, mandou o padre por um menino chamar o piloto e lhe disse que louvasse a Deus Nosso Senhor, de quem eram aquelas obras, e mandasse fazer logo a nau prestes porque aquele contraste não duraria muito. E satisfazendo-se com toda a presteza possível, e com muita devoção ao que o padre mandara, prouve a Nosso Senhor que logo de improviso, antes que a verga grande estivesse em cima e as velas

fossem mareadas, a tormenta acalmou de todo e nos assaltou o vento norte, com o qual por monção tendente seguimos nossa viagem com bem de alegria e contentamento de todos; e esse milagre que contei aconteceu a dezessete de dezembro de 1551.

DOS VÁRIOS CASOS QUE ACONTECERAM A ESTE
BEM-AVENTURADO PADRE ATÉ CHEGAR À CHINA,
E DA MANEIRA DA SUA MORTE

Correndo nós daqui desta paragem onde Deus Nosso Senhor, por sua misericórdia e pelas orações desse bem-aventurado padre nos quis fazer essa tão milagrosa mercê, em treze dias de nossa viagem lhe aprouve que chegássemos ao reino da China, e surtos no porto de Sanchão onde naquele tempo se fazia o nosso trato, já quando aí chegamos, por causa de ser muito tarde, não achamos mais que só uma nau, de que era Capitão Diogo Pereira, e esta já de verga de alto para se partir ao outro dia para Malaca, na qual o padre se embarcou, porque a de Duarte da Gama, em que viera do Japão, lhe era necessário ir invernar a Sião, por vir aberta pela roda de proa, do grande trabalho que passara na tormenta que atrás tenho contado, e lá se consertar e prover de muitas coisas de que tinha necessidade.

Nessa viagem que o padre fez da China para Malaca, em companhia de Diogo Pereira que era muito seu amigo, lhe deu conta dos termos em que ficavam as coisas da cristandade no Japão, e quão importante lhe era a ele trabalhar todo o possível para ver se podia ter entrada na China, tanto para lá divulgar e dar notícia àquela gentildade da lei de Cristo Nosso Senhor, como para acabar de tomar conclusão com os bonzos do reino de Omanguché, os quais, vendo-se confundidos com as práticas e disputas que tivera com eles acerca da Fé, lhe responderam já por derradeiro que, como da China lhes vieram aquelas leis que eles pregavam,



e que havia seiscentos anos que tinham aprovadas por boas, se não desdiziam por nenhum caso senão quando soubessem que ele convencera os chins com as próprias razões com que a eles fizera confessar ser essa lei boa e verdadeira, e ser para ouvir o que ele pregava.

E por esta razão, desejoso esse servo de Deus, pelo grande zelo que tinha da sua honra e da sua fé, de lhe não ficar isso por fazer, tanto para acabar de tomar conclusão com uns como para dar notícia dessa verdade aos outros, se partiu para a Índia com o pensamento de dar conta de todas essas coisas ao vice-rei, e lhe pedir que o ajudasse com todos os meios possíveis para o efeito dessa sua determinação.

Esse negócio pôs o padre em prática perante os mais entendi-dos que iam na nau, e lhes pediu nele seus pareceres, por serem homens que dessa monarquia da China tinham muito conheci-mento e experiência, e eles lhe responderam que por nenhum caso era possível ter o padre entrada na China para aquele efei-to, senão com o vice-rei da Índia mandar lá um embaixador em nome de El-Rei nosso senhor, para mais autoridade, e com um grande presente, oferecendo-lhe sua amizade nova, com palavras formadas ao modo com que se lhe costuma falar.

E porque para tamanha coisa como essa havia mister muita fábrica e um presente de peças muito ricas, se duvidou querer o vice-rei fazê-lo, de que o padre mostrou sentimento, por lhe pare-cer que era aquilo verdade, e porque também ponderava os incon-venientes que o tempo e os trabalhos do Estado da Índia para isso podiam trazer.

Sobre esse negócio se praticou naquela viagem por muitas ve-zes, e o Diogo Pereira se ofereceu para tomar a cargo, por serviço de Deus e pela amizade que tinha com o padre, metê-lo na China à custa de sua fazenda, e fazer toda a despesa que fosse necessária,

tanto do presente como de tudo o mais, o que o padre aceitou dele e lhe prometeu por isso satisfação de El-Rei nosso senhor.

Chegados com essa determinação a Malaca, o padre se embarcou logo dali para a Índia, e Diogo Pereira ficou com a nau em Malaca para ir à Sunda carregar de pimenta, e mandou em companhia do padre um tal Francisco de Caminha, seu feitor, com trinta mil cruzados em almíscar e seda para comprar deles todo o necessário. Chegado o padre a Goa, deu conta dessa sua determinação ao Vice-Rei D. Afonso de Noronha, o qual lhe louvou muito esse seu bom e santo propósito, e se lhe ofereceu para o ajudar nele com tudo o que fosse possível. Ele, contente assaz com essa boa resposta do vice-rei, se aviou o mais depressa que pôde de tudo o que lhe era necessário; e dando-lhe o vice-rei provisões para Diogo Pereira ir nessa santa jornada como embaixador a El-Rei da China, cometidas a D. Álvaro de Ataíde que então estava por capitão da fortaleza, se tornou a Malaca. Porém o capitão lhe não quis guardar as provisões, porque ao tempo que o padre chegou estava muito de quebra com Diogo Pereira por lhe não emprestar dez mil cruzados que lhe pedira. E trabalhando o padre todo o possível para soldar com sua virtude essa quebra e essa discórdia, nunca jamais pôde, porque como ela estava fundada em ódio e cobiça, e o Demônio era o que atiçava esse fogo, em vinte e seis dias em que sobre isso se fizeram algumas diligências, nunca o capitão quis condescender no que o padre pedia, nem dar licença para que Diogo Pereira o levasse à China, como da Índia vinha ordenado, com um grandíssimo gasto já feito, dando em tudo novos entendimentos às provisões do vice-rei, e dizendo a modo de escárnio, que aquele Diogo Pereira que sua senhoria dizia era um fidalgo que ficava em Portugal e não aquele que o padre apresentava, que fora ontem criado de D. Gonçalo Coutinho e não tinha partes para ir como embaixador a um tamanho monarca como era o rei da China. Pelo que alguns homens honrados, movidos do zelo da



honra de Deus, vendo que esse negócio caminhava sempre para pior, sem o capitão querer fazer nenhuma razão de si, nem ter respeito ao que se lhe punha diante, se juntaram todos uma manhã e lhe foram pedir que não quisesse tomar sobre si uma coisa que tanto tocava em detrimento da honra de Deus, porque lhe seria tomada disso muito estreita conta na outra vida, e que olhasse também a união com que o povo todo clamava dele, por tolher, a um homem tão santo como aquele, ir pregar a lei de Cristo àquela gentilidade, por meio do qual parecia que queria Nosso Senhor abrir uma porta ao seu Evangelho, para salvação de tantas almas; ao que dizem que respondeu que já era velho para lhe darem conselhos, que se o padre queria tomar esse trabalho por Deus, que se fosse ao Brasil ou a Manamotapa, que eram terras onde também havia gentios como na China porque tinha jurado que enquanto ele fosse capitão, não havia Diogo Pereira de ir à China, nem como mercador nem como embaixador, e que lhe tomasse Deus disso conta, porque ele lha daria quando lha pedisse, porque aquela ida que Diogo Pereira queria fazer à sombra do padre para trazer cem mil cruzados da China, era mais propriamente sua, pelos serviços do conde almirante seu pai, que de um criado de D. Gonçalo Coutinho, a quem o padre, sem ter razão, queria sustentar em coisa tão mal feita; e com isso os despediu.

O veador da fazenda, e o feitor, e os oficiais da alfândega, vendo quão fora de propósito ele respondera a esses homens, lhe foram todos uma manhã, por parte de El-Rei, fazer um requerimento, dizendo que naquela alfândega estava um regimento dos governadores passados, em que mandavam expressamente que por nenhum caso que fosse, se tolhesse a viagem a nenhuma nau que quisesse ir para fora, obrigando-se a tornar aí a pagar os direitos, e que Diogo Pereira lhes tinha feito um requerimento que ali traziam por escrito, em que se obrigava a dar a El-Rei, só dos direitos daquela nau, trinta mil cruzados para as necessidades daquela



fortaleza, dos quais logo dava metade, e para a outra metade fiadores depositários para quando tornasse, pelo que requeriam a sua mercê que lhe não tolhesse a viagem, porque tolhendo-a sem haver causa, como não havia, eles protestavam por parte de El-Rei, de os haver sua alteza pela fazenda dele, capitão.

A que ele respondeu que se Diogo Pereira se obrigava a dar a El-Rei pelos direitos da sua nau trinta mil cruzados, como eles diziam, que também ele se obrigava por aquele requerimento que lhe faziam a lhes dar a todos trinta mil pancadas com o cabo daquela chuça. E arremetendo a um cabide para o fazer, eles se acolheram bem depressa. E dessa maneira se passaram vinte e seis dias depois da nossa chegada, sem haver coisa que pudesse abrandar essa contumácia do capitão, antes usou com o padre de alguns termos mais ásperos do que era razão, e muito alheios do que se devia à sua autoridade e à sua virtude.

Vendo-se esse servo de Deus tão vexado e afrontado com nomes infames, sofreu tudo isso com muita paciência, sem se lhe ouvir nunca outra palavra mais que somente pondo os olhos no céu, dizer – “Ó bendito Jesus Cristo!” – com tanta veemência como lhe saía da alma, e algumas vezes não sem muitas lágrimas. E assim se dizia publicamente em Malaca que se o padre desejava (como se presumia dele) padecer martírio por Deus, que bem mártir fora naquela perseguição. E em verdade afirmo que quando me ponho a cuidar no que vi por meus olhos, das grandes honras que El-Rei do Bungo, sendo gentio, fez no Japão a esse padre, só por lhe dizerem que dava notícia da lei de Deus, como atrás fica dito, e o que depois vi em Malaca, fico pasmado, e assim creio que o ficaria todo o homem cristão que visse um e outro.

E sem embargo de tudo isso, o padre se embarcou nessa mesma nau para a China, mas bem diferente do que haveria de ir, se fosse com Diogo Pereira; mas ele ficou em Malaca, e a nau foi toda por conta do capitão e dos seus apaniguados, e com o capitão posto



por sua mão, e o padre foi íngreme, sem autoridade nenhuma, às esmolas do contramestre, e sem levar outra coisa mais do que só uma loba que levava vestida. Mas como seu intento foi sempre padecer entre infieis, pela confissão da verdade que lhes pregava, não punha de sua parte coisa que pudesse fazer a isso dúvida ou impedimento algum. E assim se quis embarcar à disposição do que o tempo lá desse de si.

Estando a nau já de todo prestes para partir, o contramestre lhe mandou às duas horas depois da meia-noite dizer por um moço seu sobrinho à Nossa Senhora do Outeiro onde então estava, que sua reverência se embarcasse logo naquela manchua que ali lhe mandava, porque a nau se queria fazer à vela. O padre, em tendo esse recado, se saiu logo com esse moço pela mão, e com mais outros dois seus devotos que o acompanharam até onde a nau estava, que era junto da fortaleza; e um desses dois, que era o vigário João Soares, que depois esteve nesse reino na vila da Covilhã, vendo-o embarcar com assaz de tristeza e melancolia, despedindo-se dele lhe disse:

– Devia vossa reverência, já que se embarca para tão longe, falar a D. Álvaro, sequer para tapar as bocas aos seus apaniguados, que dizem que diz ele que sentiu vossa reverência isso como na carne.

A que ele, estando já quase com um pé na manchua, respondeu:

– Prouvera a Deus, padre meu, que fora eu tal que sentira isso por honra de Deus, como era razão, mas nenhuma imperfeição foi a causa disso. E quanto a falar a D. Álvaro, como me dizeis, já não pode ser, nem já nessa vida nos veremos mais ele e eu. Porém ver-nos-emos no vale de Josafat, no dia da tremenda majestade, quando Jesus Cristo Filho de Deus e Senhor nosso vier julgar os vivos e os mortos, diante do qual estaremos ele e eu a juízo, e lhe será tomada conta da razão que teve para me tolher ir pregar a infieis, Cristo, Filho de Deus posto na Cruz por pecadores. E assim



vos afirmo que muito cedo, em começo de castigo desse pecado, terá alguns trabalhos na honra, na fazenda e na vida; e quanto ao da sua alma, Jesus Cristo, Deus Nosso Senhor, haja misericórdia dela.

E pondo os olhos na porta principal da igreja que tinha defronte, se pôs em joelhos e, levantando as mãos como que orando por ele, disse com um tamanho ímpeto de lágrimas que lhe impediam a fala:

– Ó Jesus Cristo, amores de mi anima, pelas dores da tua santíssima morte e paixão, te peço, Deus meu, que ponhas os olhos no que por nós continuamente apresentas diante do Padre Eterno, quando lhe mostras as tuas preciosas chagas; e o que por elas para nós mereceste, isso concedas para salvação da alma de D. Álvaro, para que, encaminhado pela via da tua misericórdia, seja perdoada diante de ti.

E debruçando-se com o rosto no chão, esteve assim um pouco sem se lhe ouvir mais outra coisa. Depois que se levantou, descalçou as botas e as bateu em cima de uma pedra, como que lhes sacudindo o pó. E embarcando-se na manchua, se despediu dos dois que o acompanharam com tantas lágrimas que o padre vigário João Soares, também chorando, lhe disse:

– Como? Essa apartação é para sempre, ou porque nos deixa vossa reverência tão desconsolados? Pois eu espero em Deus Nosso Senhor que muito cedo o hei-de tornar a ver nessa terra com muito descanso.

E ele lhe respondeu:

– Assim prazerá à sua divina misericórdia.

E com isso se foi embarcar, e partindo a nau aquela madrugada do porto de Malaca, em vinte e três dias de viagem foi surgir no porto de Sanchão, que é uma ilha a vinte e seis léguas da cidade de Cantão, onde naquele tempo se fazia o trato com a gente da terra.

Passados alguns dias depois de a nau estar surta, e os mercadores entenderem em fazer as suas fazendas, e estar tudo pacífico,

e a mercancia corrente, desejando esse servo de Deus efetuar em parte o que não pudera no todo, tratou com um mercador chinês honrado do porto, que se chamava Chepocheca, que quando se fosse o quisesse levar à cidade, e ainda que nisso houvesse alguns inconvenientes de vários pareceres dos portugueses, por verem que ia assim tão desatado e sem coisa que pudesse dar autoridade ao que dissesse, todavia depois de bem praticada uma coisa e outra, se assentou com esse mercador por essa maneira: que o padre lhe desse duzentos taéis, que são trezentos cruzados da nossa moeda, e que havia de ir dali da nau até a cidade sempre com os olhos tapados, para que se acaso acontecesse que por ele ser estrangeiro, a justiça entendesse nele, como estava certo que havia de ser, e pondo-o a tormento lhe dissessem que confessasse quem o ali trouxera, ele o não soubesse dizer, nem conhecesse quem o ali trouxera, porque se temia que, se fosse descoberto, lhe mandassem por isso cortar a cabeça, o que o padre aceitou com todos esses partidos, sem pôr diante receio de coisa alguma, nem o espantarem os medos que todos geralmente lhe punham, por estar entendido dele quão desejoso estava de receber martírio por Deus Nosso Senhor.

Porém, como o mesmo Deus, cujos segredos ninguém pode adivinhar, não era servido que ele entrasse na China, e a razão porquê Ele só a sabe, o desviou por uns meios que naturalmente pareciam tão justos como o são todas as suas coisas, os quais foram confessar esse gentio Chepocheca que ele estava muito satisfeito do interesse que lhe davam por esta ida, porém que o seu coração lhe dizia que tal não fizesse, porque lhe havia de custar a vida a ele e a todos os seus filhos. Com isso se deixou o padre ficar dentro da nau, sem dar efeito a essa santa obra que tanto desejava. E como ele já então andava maldispuesto de febres e de câmaras de sangue, juntando-se a isso a melancolia e desgosto que tomara, veio a doença a se assenhorear tanto dele, que, crescendo cada dia mais, veio a cair na cama com fastio muito grande, de que esteve muito



mal tratado por espaço de catorze dias, no fim dos quais, conhecendo que a sua enfermidade era mortal, pediu que o levassem a terra onde logo o levaram, e o puseram em uma pobre cabana que ali se engehou, coberta de ervas e de ramos, na qual esteve dezessete dias, e segundo me contaram três homens que se acharam com ele, bem falto do necessário, tanto por cuidarem alguns que agradavam a quem lhes parecia que lhes não havia de pesar com isso, como também, ao que eu cuido, porque quis Nosso Senhor mostrar nesse desamparo que permitiu que esse seu servo tivesse na terra nessa hora, quão conforme esse seu trânsito era aos dos outros de quem temos por fé que agora reinam com ele no céu.

Passados esses dezessete dias que digo, e, ao que parecia, com assaz pena e desconsolação sua exterior, conhecendo ele em espírito, e pela fraqueza da carne em que estava, que a sua se vinha já chegando, se despediu de todos com muitas lágrimas, certificando-lhes que estava já de caminho, pelo que lhes pedia que lhe rogassem todos a Deus pela alma, porque tinha disso muita necessidade. E mandando com isso a um moço que tinha cuidado dele, que lhe fechasse a porta porque o rumor da gente lhe fazia turvação, esteve assim mais dois dias, sem já a esse tempo poder levar coisa nenhuma, no fim dos quais, tomando um crucifixo nas mãos, pôs os olhos fitos nele, sem se lhe ouvir mais que só de quando em quando, a modo de suspiro “Jesus da minha alma”. No cabo de tudo isso, não podendo já pronunciar palavra nenhuma, lhe viram os que estavam com ele, segundo todos contaram, publicamente chorar algumas lágrimas com um ímpeto algum tanto mais esforçado, e sempre com os olhos no crucifixo, até que de todo deu a alma a Deus, que foi a um sábado aos dois dias de dezembro do ano de 1552, à meia-noite, cuja morte foi assaz sentida e chorada de todos quantos ali se acharam presentes.

DA MANEIRA QUE FOI ENTERRADO ESTE DEFUNTO,
E TRAZIDO A MALACA, E DAÍ À ÍNDIA

Procurando-se logo o enterramento desse bem-aventurado corpo, se pôs em ordem todo o necessário, o melhor que então pôde ser, conforme à disposição da terra em que estavam, e ao domingo à tarde, duas horas depois da véspera, o levaram ao lugar onde a cova estava feita, que poderia ser a pouco mais de um tiro de pedra acima da praia, na qual foi enterrado com grande sentimento de todos, principalmente dos mais virtuosos e tementes a Deus; porém não faltaram alguns em quem esse sentimento se não enxergou por fora, e se por dentro o tinham ou não, Deus o sabe, ele que os julgue, que sabe a verdade das coisas e as razões delas. Mas o que soube publicamente foi que dali a quinze dias, escrevendo um homem que por sua honra não nomeio uma carta a D. Álvaro, em um vancão que partiu da China para Malaca, num dos capítulos dela lhe disse assim secamente: “Cá morreu Mestre Francisco, mas na sua morte não fez milagre, e cá jaz enterrado nessa praia de Sanchão, com os mais que na nau faleceram, e quando nos embora formos, o levaremos se estiver para isso, para que não digam os praguentos de Malaca que não somos cristãos como eles.”

Passados depois disso três meses e cinco dias, estando já a nau de verga de alto para partir, os portugueses se foram a terra e mandaram abrir a cova em que fora enterrado o santo defunto, com tenção de lhe levarem os ossos para Malaca, se estivessem para

isso, e acharam-lhe o corpo todo inteiro sem corrupção nem falta alguma, tanto que nem na mortalha nem na sobrepeliz que tinha vestida acharam defeito nem nódoa, mas ambos tão limpos e tão alvos como se naquela hora os ensaboassem, e com um cheiro suavíssimo, o que em todos causou tamanha admiração que, confundidos alguns com o que viam seus olhos, deram em si muitas bofetadas pelo que antes tinham dito, e diziam publicamente com muitas lágrimas:

Oh, mal-aventurados aqueles que para comprazerem ao Diabo quiseram ser ministros seus na vexação que se te fez em Malaca, sendo tu tão puro servo de Deus como agora aqui vemos, e publicamente de ti confessamos, e mal-aventurados de nós que muitas vezes te negamos nossas esmolas, entendendo quão falto estavas do necessário para sustentação da tua santa vida. Vá-se enforcar o mundo e suas mentiras, enforque-se Malaca e suas promessas, que por derradeiro tu só bem-aventurado és o que acertaste em servires a Deus tanto de verdade quanto todos agora, em que nos pese, para mais nossa confusão nossa, de ti confessamos.

E assim a esse modo, derramando muitas lágrimas e ferindo-se nos rostos, lamentavam seu erro passado, de que Nosso Senhor pelos rogos desse seu servo haveria misericórdia.

O santo corpo foi metido em uma caixa que pela medida dele ali logo se fez, e o levaram à mesma nau em que veio, na qual foi até Malaca num camarote do piloto, onde depois que chegou, ao outro dia às dez horas, o provedor da misericórdia, com toda a irmandade, e o vigário, e todos os clérigos da igreja maior, acompanhados de toda a gente da terra, salvo do capitão e dos seus aceitos, o foram buscar à nau e o levaram à ermida de Nossa Senhora do

Outeiro, que era a casa onde naquela terra sempre na vida fizera sua habitação, e donde havia nove meses e vinte e dois dias que se embarcara para a China. Nessa ermida foi enterrado com muita dor e sentimento de todos, e aí esteve mais nove meses, que foi dos dezessete dias de março até onze do dezembro seguinte, de 1553.

Nesse dia foi desenterrado esse corpo e metido em outra caixa que Diogo Pereira lhe mandara fazer, forrada de damasco, coberta por cima com um pano de brocado, e daqui dessa ermida de Nossa Senhora do Outeiro foi levado em procissão, acompanhado de muita gente nobre, até o meterem em um batel que já estava prestes, bem concertado com alcatifas ricas, com toldo de seda, no qual foi levado a uma nau de um tal Lopo de Noronha que estava para partir para a Índia, e o embarcaram nela, e foram com ele dois irmãos da Companhia de Jesus, um chamado Pero de Alcáçovas e outro João de Távora, que depois esteve no colégio de Évora, os quais o acompanharam até a Índia, no qual caminho, que é de distância de quinhentas léguas, se viram alguns milagres evidentes, segundo todos os que na nau vinham depois testemunharam em Goa ao Vice-Rei D. Afonso de Noronha, dos quais me escuso de dar relação por serem muito notórios a toda a gente, e para não gastar o tempo em escrever o que sei que outros já escreveram.

CCXVII

COMO ESTE SANTO DEFUNTO FOI DESEMBARCADO DA NAU EM QUE VIERA DE MALACA, E DO APARATO COM QUE CHEGOU AO CAIS DE GOA

A nau em que ia esse santo corpo chegou a Cochim aos treze dias de fevereiro do ano de 1554, e porque já nesses tempos os ventos noroestes cursavam por monções tendentes ao longo da costa, e a nau com todas as mais que vinham de Malaca, em sua conserva, por o vento ser ponteiro, não podiam surdir avante mais que uma légua ou duas por dia, bordejando às voltas com muito trabalho, se assentou por parecer de todos os pilotos, que o capitão mandasse recado ao colégio de S. Paulo de Goa, para que os padres prouvessem de alguma embarcação de remo em que levassem aquele santo corpo, pois a nau não podia ir ter a Goa senão de 25 de março em diante, que era o tempo em que naquele ano cabia a semana santa; e porque nela celebrava a igreja sagrada a memória da paixão do Filho de Deus, não se podia então fazer esse recebimento com a pompa e aparato que todos queriam.

O mesmo Lopo de Noronha, capitão da nau, quis ser o que levasse esse recado, o qual se partiu logo, e chegando a Goa, ao colégio de S. Paulo, deu conta ao Padre-Mestre Belchior, reitor universal naquelas partes, da Companhia de Jesus, e se tornou logo para a nau.

O padre-reitor consultou isso com os mais padres do colégio, e entre todos foi assente que o mesmo padre-reitor fosse logo em pessoa dar conta disso ao vice-rei, e lhe pedisse um catur bem



equipado, o que assim se fez, e o vice-rei lhe deu logo um de que era capitão um tal Simão Galego que então estava na cama muito doente: mas em seu lugar se lhe ofereceu um devoto do santo defunto, do que o vice-rei mostrou levar muito gosto.

O Padre-Mestre Belchior, com três irmãos e quatro meninos órfãos dos do colégio, se embarcou no catur e se partiu de Goa uma segunda-feira pela manhã, e à quarta logo seguinte encontrou a nau junto da barra de Batacalá, com mais outras sete que estavam em calmaria à vista umas das outras, sem poderem surdir avante. A nau, conhecendo o catur, porque ia enramado e com mostras de festa, fez também o mesmo. Chegando o catur a bordo da nau, o padre-reitor, com toda a mais Companhia entrou logo nela, e levava os meninos órfãos diante com capelas nas cabeças e ramos nas mãos cantando *Gloria in excelsis Deo*, etc., e outras muitas cantigas em louvor de Deus, e depois que todos foram dentro, e bem recebidos do capitão e da mais companhia, o irmão que trazia a seu cargo esse santo defunto tomou o padre-reitor pela mão, e com uma vela acesa o levou abaixo à câmara onde ele estava, e o mostrou ao padre e a todos os que vinham com ele, os quais em o vendo se puseram todos de joelhos, e com muitas lágrimas lhe beijaram os pés, e depois de estarem com os olhos nele um grande espaço, o meteram no catur cantando-lhe o salmo *Benedictus Dominus Deus Israel*, a que os circunstantes ajudavam com não menos lágrimas que as dos padres. E desamarrado de bordo onde todos ficaram dando mostras da devoção que lhe tinham, a nau, com todas as sete que estavam à roda, ao desamarrar do catur lhe fizeram uma espantosa salva de artilharia, de que os gentios estavam pasmados, acudindo a todas as praias a ver o que aquilo era.

Partido o catur daqui da barra de Ancolá, que era cinco léguas abaixo de Batecalá, para Goa, chegou à quinta-feira às onze horas da noite a Nossa Senhora de Rebandar, que é a meia légua de Goa, onde foi desembarcado esse corpo e levado à igreja, e posto junto

do altar-mor, com muitas tochas e círios acesos, e o Padre-Mestre Belchior, que já então o trazia a seu cargo, o mandou logo fazer saber ao vice-rei, por lho ele assim ter pedido, e mandou também aos padres do seu colégio que logo que fosse manhã o viessem esperar todos ao cais, porque até as oito horas estaria aí. Depois que o padre-reitor proveu em tudo o que lhe pareceu que então era necessário, e tomou um pequeno tempo de repouso, disse missa muito de madrugada, à qual se juntou toda a gente que aí ao redor morava, tanto portugueses como da terra. Nesse tempo, começando já a clarear o dia, vieram da cidade seis embarcações em que vinham quarenta ou cinquenta homens que em vida desse defunto foram muito seus devotos, os quais todos traziam tochas novas nas mãos, e os seus moços, círios. Estes, entrando todos na igreja, se prostraram diante da tumba ou caixa onde ele estava, e o reverenciaram com muitas lágrimas, e quando o sol começou a sair abalaram para a cidade, e no caminho estava Diogo Pereira em um batel com muita gente, com tochas e círios acesos, que em o catur perpassando por eles se prostraram todos com os rostos no chão. E logo atrás nessa mesma ordem estavam mais outras dez ou doze embarcações de remo, em que iriam cento e cinquenta portugueses da China e de Malaca, gente toda muito limpa e rica, e estes, como digo, todos com tochas e círios acesos, e os seus moços, que seriam mais de trezentos, com velas grandes como brandões, o qual autorizado e cristão aparato causava muita devoção em todos os que o viam.

DO RECEBIMENTO QUE SE FEZ EM GOA
A ESTE SANTO DEFUNTO, E DO MAIS QUE AÍ SUCEDEU

Chegado esse catur em que vinha esse santo corpo ao cais da cidade onde havia de desembarcar, achou já nele o vice-rei que o estava esperando com seu estado de porteiros com maças de prata, acompanhado de toda a fidalguia da Índia, com outra tamanha quantidade de gente do povo que quatro alcaides tinham bem que fazer em preparar o caminho. Estavam já ali também o cabido da Sé e o provedor e irmãos da Misericórdia, todos com suas vestes e círios brancos nas mãos, e uma tumba com um pano de brocado novo, com suas franjas e guarnições de ouro, na qual não foi levado porque pareceu melhor que fosse na em que viera de Malaca.

Os padres e irmãos da Companhia de Jesus, que eram muitos, chegaram ao catur que já a esse tempo estava bem atracado a terra, e lançando mão da tumba que estava em cima do toldo, apareceu um crucifixo muito devoto, que uma grande quantidade de meninos órfãos do colégio tinha coberto, e começando um deles a entoar o salmo *Benedictus Dominus Deus Israel*, responderam todos os mais juntamente, com uma grita de muito boas falas bem concertadas, tão devota e espantosa que os cabelos se arrepiaram a todos os que a ouviram, e as lágrimas e soluços foram tão gerais em todo aquele inumerável e cristão ajuntamento, que só a vista daquilo bastava para todo o pecador se converter muito de verdade.



Desse cais abalou toda essa gente, posta em uma procissão muito bem concertada, e o santo corpo ia detrás, metido na tumba em que viera de Malaca, com um grande pano de brocado por cima, e alguns turíbulos de prata que o iam incensando por ambas as partes com cheiros suavíssimos, e a tumba da Misericórdia ia adiante, à destra.

De maneira que esse enterramento se fez esse dia com tanto custo e aparato por honra de Deus e desse seu servo, que os gentios e os mouros da terra metiam os dedos nas bocas para mostrarem o grande espanto que tinham, como é seu costume. E entrando assim pela porta da cidade, foi pela rua direita, a qual a esse tempo estava toda de alto a baixo ricamente concertada, com muitas alcatifas e panos de seda, e as janelas muito preparadas e cheias de mulheres e filhas de todos os nobres, e por baixo às portas muitas invenções de perfumes e cheiros suaves. E não somente essa rua, mas todas as outras por onde passou até o colégio de S. Paulo, onde foi levado, estavam dessa maneira, e ainda que o dia fosse sexta-feira de S. Lázaro, estava o colégio de festa, com frontais de brocado em todos os altares, e lâmpadas, e castiçais, e cruces de prata, e tudo o mais que se via era correspondente a isso.

Chegado assim à igreja, se pôs em depósito junto do altar-mor, da parte do Evangelho, onde se disse missa solene com um pontifical de brocado, oficiada com muito boas falas e com muitos instrumentos musicais conformes à solenidade de tamanha festa. E por ser muito tarde e a gente estar muito desejosa de ver o santo defunto, não houve pregação. Acabada a missa, se mostrou o santo corpo a todo o povo, que o reverenciou com assaz de lágrimas, e porque a gente, como digo, era muita, e cada um procurava o ver de mais perto, o ímpeto e a força da muita gente foi de maneira que as grades da capela, embora fossem muito grossas, foram feitas em muitos pedaços.



Vendo os padres que esse tumulto ia crescendo cada vez mais, e que se lhe não podia dar vazão, tornaram a cobrir a tumba, dizendo que à tarde o veriam mais à sua vontade, e com isso se recolheram todos; porém depois se mostrou algumas vezes, e em algumas delas, por o concurso da gente ser muito grande, houve muitas gritas e uniões, tanto de mulheres como de crianças, que estiveram em risco de se sufocarem.

Nesse mesmo dia à tarde, chegou a esta cidade de Goa um português de nome Antônio Ferreira, casado em Malaca, com um presente de peças ricas para o vice-rei, que lhe mandava do Japão El-Rei do Bungo, com uma carta que dizia assim:

Ilustre e majestade muito rica, senhor vice-rei dos limites da Índia, leão espantoso nas ondas do mar, por força de naus e de bombardas grossas, eu, Facatá andono, rei do Bungo, de Facatá, de Omanguché, e da terra de ambos os mares, senhor dos reis pequenos das ilhas da Tosa, Xemenaxeque e Miaygimá, te faço saber por esta minha carta que, ouvindo eu em dias passados o Padre Francisco Chenchicogim praticar da nova lei do criador de todas as coisas, que às gentes de Omanguché andava pregando, lhe prometi em segredo fechado em meu coração que, tornando ele a esse meu reino, tomaria dele o nome e água do santo batismo, ainda que a novidade de tamanho abalo me pusesse em discórdia com meus vassallos; e ele prometeu também que, dando-lhe Deus vida, tornaria muito cedo. Porque essa sua tardança se estendeu mais do que minha esperança cuidava, quis lá mandar esse homem a saber dele e de vossa senhoria a causa que lhe impede a sua vinda. Pelo que, senhor, lhe peço que em todo o caso, por si e por mim lhe rogue, já que os reis da terra o não podem mandar, que venha logo nessa primeira monção, porque a sua vinda a este meu reino será de

muito serviço de Deus e nova amizade com o grande rei de Portugal, para que esta minha terra com a sua seja em amor fixo uma só coisa, e os seus vassalos sejam franqueados em todos os portos e ricos onde surgirem, como no vosso Cochim onde estais.

E vossa senhoria me mande que por amizade sirva a seu rei, porque o farei tão depressa como a volta que o Sol dá da manhã à noite. Antônio Ferreira lhe dará umas armas com que venci os reis de Fiungá e Xemenaxeque, e vestido nelas, como no dia em que lhes dei batalha, obedeço como a meu irmão mais velho, a esse invencível rei do cabo do mundo, senhor dos tesouros do grande Portugal.

Essa carta mostrou o Vice-Rei D. Afonso ao Padre-Reitor-Mestre Belchior, e lhe disse qual era a causa por que se não partia logo para o Japão a efetuar uma coisa de tanto serviço de Deus, e levava consigo todo o colégio de S. Paulo de Goa?

O padre lhe deu muitas graças pela mercê que lhe fazia naquilo, e lhe disse que pois sua senhoria assim lho aconselhava e mandava, que ele se ia logo fazer prestes para se partir naquela monção. E o vice-rei lho louvou e lho agradeceu muito, por entender que era uma coisa de muito serviço de Nosso Senhor.

COMO O PADRE-MESTRE BELCHIOR PARTIU DA ÍNDIA
PARA O JAPÃO, E A CAUSA POR QUE NÃO PASSOU
DE MALACA, E DO QUE NELA SUCEDEU NESTE TEMPO

Passados mais catorze dias, que foi aos dezesseis de abril do ano de 1554, o Padre-Reitor-Mestre Belchior se partiu para Malaca em uma nau em que ia D. Antônio de Noronha, filho de D. Garcia de Noronha, vice-rei que fora da Índia, a tomar posse da capitania daquela fortaleza, porque o vice-rei mandava prender D. Álvaro de Ataíde, capitão dela, por lhe não obedecer às suas provisões, e por outras culpas que tinha dele, das quais tenho por escusado tratar aqui particularmente, porque não fazem a meu propósito.

O novo Capitão D. Antônio chegou a Malaca aos cinco dias do mês de junho, na qual foi bem recebido e levado à igreja com procissão de *Te Deum laudamus*, onde se disse missa e houve pregação. E depois que saiu da igreja, que seria quase às onze horas, o licenciado Gaspar Jorge, ouvidor-geral da Índia, que ia fazer essa diligência, mandando tocar um sino fez juntar o povo todo e lhe mostrou as provisões que levava do vice-rei, e após isso, tirando uns apontamentos que levava de fora, fez por eles muitas perguntas a D. Álvaro, de que se fazia termo por dois escritvães, nos quais ambos assinavam com o ouvidor e capitão, em que houve muita detença.

E no fim dessas perguntas, D. Álvaro foi deposto da capitania, e preso, e toda a sua fazenda confiscada, e o mesmo se fez de todos os da sua parcialidade, que o favoreceram na prisão do Gamboa,



veador da fazenda, e no romper das provisões do vice-rei, e nos outros desmanchos que nesse caso se fizeram. E tudo isso se fez com tanto rigor e tão excessivo que os mais dos homens fugiram para os mouros, com o que a fortaleza ficou tão só e despejada que esteve em risco de se perder, se o novo Capitão D. Antônio não prouvera nisso com muita prudência, dando a todos perdão geral, e ainda assim vinham de muito má vontade. Porque, como por causa desses insultos e de outros que D. Álvaro tinha cometido, depuseram Malaca de ser como antes era, e a câmara e o governo dela foi todo desfeito com pregões feios e vergonhosos, causou a novidade disso tamanho espanto e terror em todos os moradores dela, que largando, como digo, as casas e as fazendas, se passavam todos para os mouros.

De maneira que nessas afrontas e em outras muitas que se fizeram a D. Álvaro, se viu bem claro quão verdadeira saiu a profecia do Padre-Mestre Francisco, quando disse ao vigário João Soares que cedo se veria cercado de vexações e de trabalhos na honra, na fazenda, e na vida, porque quanto à sua morte, coisa é muito sabida que faleceu ele nesse reino, andando-se livrando, sob fiança, de algumas culpas de que foi acusado pelos procuradores de El-Rei, e a causa da sua morte foi uma grande postema que lhe nasceu no pescoço, com a qual veio a se corromper todo por dentro, de tal maneira e com um fedor tão insuportável que não havia quem ousasse chegar a ele. E já daqui por diante não tratarei mais dele, basta que foi a sua morte muito apressada, juízos são de Deus, que só ele entende.

Essas revoltas e excessos da justiça com que a terra andava toda amotinada foram causa que o Padre-Mestre Belchior, com os mais da sua Companhia, não pudesse aquele ano passar ao Japão, como tinha determinado, pelo que lhe foi forçoso invernar aqui em Malaca até o abril seguinte de 1555, que foram dez meses.

Nesse tempo, continuando o ouvidor Gaspar Jorge as rigorosas execuções que cada dia fazia nuns e noutros, deu motivo de muito escândalo em toda a terra, e não contente com isso, confiado nas largas provisões que o vice-rei lhe dera, se quis intrometer na jurisdição do Capitão D. Antônio e se apoderou tanto dela que ao capitão lhe não ficava mais que só o nome, e ser um olheiro da fortaleza, o qual ainda que ele o sentisse muito, todavia o começou a ir suportando com muito sofrimento. Porém, correndo essas demasias e solturas do ouvidor por mais de quatro meses, em que houve muitos desgostos, de que aqui não trato particularmente por ser processo infinito, vendo um dia o D. Antônio o tempo disposto para efetuar o que já dantes parece que tinha determinado, o prendeu uma sexta na fortaleza, onde por alguns que já para isso estavam prestes, foi metido em uma casa, e ali, segundo se disse, foi despido e atado com uma corda, de pés e mãos, e depois de bem açoitado e pingado com umas torcidas de azeite, de que esteve para morrer, lhe lançaram uns grilhões nos pés, e umas algemas nas mãos, e um colar ao pescoço, e lhe depenaram todas as barbas sem lhe ficar um só cabelo no rosto, e lhe fizeram outras coisas a esse modo, segundo se então disse publicamente, de maneira que o pobre licenciado Gaspar Jorge, ouvidor-geral da Índia, provedor-mor dos defuntos e dos órfãos, veador da fazenda de Malaca e das partes do sul, por El-Rei nosso senhor, foi por D. Antônio tratado dessa maneira, se é verdade o que se disse.

E vinda a monção, assim preso em ferros foi mandado à Índia com uma feia devassa que se tirou dele, a qual os letrados da relação de Goa depois anularam e mandaram tirar outra de novo a Malaca; e ao D. Antônio, pelo que fizera, mandou o Vice-Rei D. Pedro Mascarenhas, que já a esse tempo governava o estado da Índia, vir preso para estar a juízo com o Gaspar Jorge, e dar razão do que lhe fizera. O qual D. Antônio veio logo à Índia, onde, andando-se livrando desse feito, lhe mandaram na relação que

dentro de três dias contrariasse um feio libelo com que o Gaspar Jorge veio contra ele; e porque o D. Antônio naturalmente era contrário desses termos judiciais de réplicas e trélicas, com que se dizia que os desembargadores o queriam enfadar, parece (segundo então disseram os praguentos, porque eu não o vi, nem o sei de certo) que não quis gastar em responder ao libelo todos os três dias que lhe foram dados de termo, mas dentro de vinte e quatro horas deu com o Gaspar Jorge em parte donde nunca mais se levantou, e segundo também se disse, com um bom bocado que lhe deram num banquete, por onde esse negócio cessou de todo, e o D. Antônio por sentença foi solto e livre, e que tornasse a servir a sua capitania, para onde se partiu logo dali a um mês. Porém, chegado a Malaca e metido de posse, não durou mais nela que só dois meses e meio, no fim dos quais faleceu de câmaras de sangue. E dessa maneira se acabaram de averiguar todas as discórdias e enfadamentos que a triste Malaca teve naquele tempo.

COMO PARTIMOS DE MALACA PARA O JAPÃO, E DO QUE
PASSAMOS ATÉ CHEGARMOS À ILHA DE CHAMPEILÓ,
NA COCHINCHINA, E DO QUE NELA VIMOS

Chegada a monção para o Padre-Mestre Belchior poder prosseguir sua viagem, nos partimos de Malaca no primeiro dia de abril do ano de 1555, embarcados em uma caravela de El-Rei nosso senhor, que D. Antônio, capitão da fortaleza, deu ao padre, por uma provisão que levava do vice-rei. E aos três dias da nossa viagem chegamos a uma ilha a que chamavam Pulo pisão, já quase na boca do estreito de Singapura, onde o piloto, por ser novo naquela carreira, varou enfunado na vela, por cima de uma restinga de pedras, com o que todos estivemos perdidos sem nenhum remédio, pelo que foi forçoso, por conselho de todos, ir o Padre-Mestre Belchior em uma manchua pedir socorro de batel e marinheiros a um tal Luís de Almeida que havia duas horas que em um navio tinha passado avante, e estava surto dali a duas léguas por respeito do vento que lhe era contrário; na qual ida e distância de caminho, o padre com dois irmãos e eu que com ele íamos, correndo assaz de risco e trabalho, porque como a terra toda estava de guerra, porque era do rei do Jantana, neto que fora de El-Rei de Malaca, muito nosso inimigo, os seus balões e lancharas que andavam aí da armada, nos vieram sempre ladrando com fundamento de nos abalroarem, mas permitiu Nosso Senhor que o não pudessem fazer.

Chegados nós enfim ao navio com assaz de afronta e medo, o capitão dele nos proveu de batel e marinheiros, no qual nos

tornamos à caravela com toda a pressa possível para lhe socorrermos a necessidade em que a deixáramos. E chegando a ela no outro dia, prouve a Nosso Senhor que a achamos livre daquele trabalho, mas com fazer muita água pela roda de proa, que depois se lhe tomou em Patane, onde chegamos dali a sete dias. E eu com outros dois, desembarquei em terra e fui ver El-Rei, e dar-lhe uma carta do capitão de Malaca, o qual nos recebeu com muito gasalhado, lendo a carta do capitão, por ela entendeu que a tenção com que ali vínhamos era para comprarmos mantimentos e nos provermos de algumas coisas que não trazíamos de Malaca, e prosseguirmos nossa viagem à China, e daí ao Japão, para o padre com os mais que levava consigo pregarem lá a lei cristã àqueles gentios, pelo que El-Rei, depois de estar um pouco pensativo, sorrindo-se para os seus, lhes disse:

– Quanto melhor fora a esses, já que se aventuram a tantos trabalhos, irem à China fazer-se ricos, que pregarem patranhas a reinos estranhos.

E chamando o xabandar, que estava defronte dele, lhe disse:

– Tudo o que esses homens requeiram, lhes faze, por amor do capitão de Malaca que mos recomenda aqui muito, e lembre-te que não mando as coisas mais que uma só vez.

Despedidos nós de El-Rei, contentes do bom gasalhado que nele achamos, se entendeu logo em se comprar tudo o necessário, tanto de mantimentos como de tudo o mais de que vínhamos faltos, e dentro de oito dias nos provemos de tudo em muita abastança.

E partidos desse porto de Patane, corremos dois dias com ventos suestes e monção tendente ao longo da costa de Lugor e Sião, e atravessando da barra de Cuy para irmos demandar Pulo Cambim, e daí as ilhas de Cantão, com fundamento de esperarmos aí a conjunção da lua nova, nos sobreveio um temporal de ventos oés-sudoestes (que são os que ordinariamente reinam nessa costa o



mais do ano) tão tempestuoso que de todo estivemos perdidos, pelo que nos foi forçoso arribarmos outra vez à costa do Malaio, e chegando a uma ilha que se chama Pulo timão, também nela corremos assaz de perigos, tanto de tormenta como de traições da gente da terra.

Depois de haver cinco dias que aqui éramos chegados, e estarmos sem água nem mantimento algum porque tudo tínhamos alijado ao mar, prouve a Nosso Senhor que vieram uma manhã ter conosco três naus de portugueses que vinham da Sunda, com a vinda dos quais nos houve por remidos em nossos trabalhos. O Padre-Mestre Belchior praticou logo com os capitães delas sobre o que faria de si, e por parecer de todos foi assente que mandasse a caravela, em que vinha, para Malaca, por não ser embarcação suficiente para tão longa viagem como era dali ao Japão, o que se fez assim, e o padre se embarcou com um tal Francisco Toscano, homem rico e honrado, que lhe fez o gasto em toda a viagem e muita parte do tempo que estive na China, a ele e a toda a Companhia que levava consigo.

Dessa Ilha de Pulo timão nos fizemos a vela uma sexta-feira, aos sete dias de junho do mesmo ano de 1555, e atravessando a terra firme do reino Champá velejamos ao longo da costa com ventos galernos de monção tendente, e em doze dias mais fomos surgir em uma ilha a que chamavam Pulo Champeiló, na enseada da Cochinchina, onde fizemos nossa aguada em uma muito fresca ribeira que descia do cume da serra, por entre uma grande penedia junto da qual em uma laje muito alta estava esculpida uma Cruz muito formosa, com as quatro letras do título, e abaixo do pé cerca de quatro dedos estava em algarismos “era de 1518”, e umas seis letras que breves diziam “Duarte Coelho”.

Dessa ribeira, para a parte do sul cerca de dois tiros de besta, em umas árvores que corriam ao longo da praia estavam sessenta e dois homens enforcados, fora outros muitos que jaziam no chão

já meio comidos, coisa que parecia ser feita há alguns seis ou sete dias; em outra árvore estava uma bandeira grande com umas letras chinas que diziam “Todo o navio ou junco que aqui vier, faça muito depressa a sua aguada e vá-se logo, com tempo ou sem tempo, sob pena de padecer por justiça, como esses miseráveis a quem o furor do braço da ira da potência do filho do Sol abrangeu” – à qual novidade se não soube dar então nenhum entendimento, mas que suspeitar-se que chegaria aqui alguma armada de chins, e achando esses coitados, roubaram-nos como ordinariamente costumam fazer, e sob a cor de justiça fizeram-lhes isso que vimos.

COMO DESTA ILHA DE CHAMPEILÓ FOMOS TER
 À DE SANCHÃO, E DAÍ A LAMPACAU, E DÁ-SE CONTA
 DE DOIS CASOS DESASTRADOS QUE ACONTECERAM
 NA CHINA A DUAS POVOAÇÕES DE PORTUGUESES

Partidos os desta Ilha de Champeiló, fomos demandar as ilhas de Cantão, e aos cinco dias de nossa viagem prouve a Nosso Senhor que chegássemos a Sanchão, que era a ilha onde fora enterrado o Padre-Mestre Francisco, como atrás tenho dito. Ao outro dia pela manhã, toda a gente da frota desembarcou em terra e nos fomos todos em procissão ao lugar do jazigo do santo padre, o qual achamos já todo coberto de ervas e de mato, sem aparecer dele mais que só as pontas das cruzes de que estava cercado; porém logo por todos foi limpo e preparado com muita devoção, e após isso fechado com umas grades de pau fortes, e por fora se fez mais outra estacada, e todo o chão ao redor foi muito limpo e aplainado, e toda essa obra em roda estava cercada de muito bons valos, à entrada dos quais estava uma Cruz muito alta e muito formosa.

Depois que isso foi preparado da maneira que então parecia que convinha, o Padre-Mestre Belchior disse missa de festa, cantada, que os meninos órfãos e alguns homens destros no canto oficiaram com muito boas falas, e com ornamentos de brocado, e com castiçais e lâmpadas de prata, em que houve sermão breve apropriado à solenidade que se festejava, em que se tratou da vida e trabalhos do santo defunto, e do grande zelo que sempre tivera da honra de Deus, e da augmentação da sua santa fé, e da salvação das almas, e do santo propósito com que entrara naquele reino

da China, onde Nosso Senhor fora servido de o chamar para a sua glória, o qual sermão foi ouvido de todos com muita devoção, e não sem algumas lágrimas.

Ao outro dia pela manhã nos partimos dessa Ilha de Sanchão, e ao sol-posto chegamos a outra ilha que está mais adiante seis léguas para o norte, chamada Lampacau, onde naquele tempo os portugueses faziam sua veniaga com os chins, e aí se fez sempre até o ano de 1557, em que os mandarins de Cantão, a requerimento dos mercadores da terra, nos deram esse porto de Macau, onde agora se faz, no qual sendo antes ilha deserta, fizeram os nossos uma nobre povoação de casas de três a quatro mil cruzados, e com igreja matriz em que há vigário e beneficiados, e tem capitão e ouvidor e oficiais de justiça, e tão confiados e seguros estão nela, com cuidarem que é nossa, como se ela estivera situada na mais segura parte de Portugal. Mas queira Nosso Senhor, pela sua infinita bondade e misericórdia, que essa sua segurança seja mais certa e de mais dura do que foi a de Liampó, que foi outra povoação de portugueses de que atrás fiz larga menção, avante dessas duzentas léguas para o norte, a qual, pelo desmancho de um português, em muito breve espaço de tempo foi de todo destruída e posta por terra, na qual desventura me eu achei presente, e nela houve uma inestimável perda, tanto de gente como de fazenda, porque tinha essa povoação três mil vizinhos, de que mil e duzentos eram portugueses, e o mais gente cristã de diversas nações, e segundo se afirmou por dito de muitos que bem o sabiam, passava o trato dos portugueses, de três contos de ouro, de que a maior parte era em prata do Japão, que havia dois anos que se descobrira, e que dobrava o dinheiro três e quatro vezes em qualquer fazenda que para lá se levava.

Nessa povoação havia capitão que residia na terra, fora os particulares das naus da carreira que iam e vinham, havia ouvidor, juízes, vereadores, provedor-mor dos defuntos e dos órfãos,



almotacéis, escrivão da câmara, quadrilheiros, rendeiros, e todos os mais ofícios da república, e quatro tabeliães das notas, e seis do judicial, por cada um dos quais ofícios se dava de compra três mil cruzados, e outros ainda de muito maior preço. Havia aqui trezentos casados com mulheres portuguesas e mestiças, havia dois hospitais e casa de Misericórdia em que se despendiam cada ano mais de trinta mil cruzados, e a câmara tinha seis mil de renda. De maneira que se dizia geralmente que era a mais nobre, rica e abastada povoação, de quantas havia em toda a Índia, e do seu tamanho em toda a Ásia, e quando os escrivães passavam alguns precatórios para Malaca, ou os tabeliães faziam algumas escrituras, diziam:

“Nesta muito nobre e sempre leal cidade de Liampó, por El-Rei nosso senhor.”

E já que me cai agora tanto a propósito, não quero passar sem dar conta de como e porque se perdeu essa tão insigne e tão rica povoação, que foi dessa maneira:

Havia ali um homem honrado e de boa geração, chamado Lançarote Pereira, natural de Ponte de Lima. Este diziam que dera uns mil cruzados em ruínas fazendas, fiados, a uns chins, homens de pouco crédito, os quais se lhe levantaram com a fazenda sem lhe mais darem o retorno dela, nem ele ter mais novas deles, pelo que, querendo-se ele satisfazer dessa perda nos que dela não tinham culpa, juntou para isso uns quinze ou vinte portugueses ociosos e de má consciência, e quiçá de pior siso, e deu uma noite em uma aldeia dali a duas léguas, a que chamavam Xipatom, e roubou nela dez ou doze lavradores que aí viviam, e lhes tomou a todos as mulheres e filhos, com morte de treze pessoas, sem razão nem causa alguma justa que para isso tivesse.

O rebate desse tamanho insulto se deu logo ao outro dia por toda aquela comarca, e os moradores dela se foram queixar disso ao chumbim da justiça, e tirando-se devassa do que se passava, o

escreveram por petição de clamor do povo, a que eles chamam macalixau, ao chaém do governo, que é o vice-rei daquele reino, o qual mandou logo um aítai, que é como almirante entre nós, com uma armada de trezentos juncos, e oitenta vancões de remo, em que iam sessenta mil homens, que se fez prestes em dezessete dias, a qual armada, dando uma manhã nessa desventurada povoação dos portugueses, a coisa foi de maneira que certifico em verdade que não acho em mim cabedal nem de engenho nem de palavras para contar por extenso o que ali se passou; imagine-o o bom entendimento, porque direi somente como testemunha de vista, que em menos de cinco horas que durou esse horrendo e espantoso castigo da mão de Deus, e da potência da sua divina justiça, não ficou coisa a que se pudesse pôr nome, porque tudo ficou abrasado e posto por terra, com morte de doze mil pessoas cristãs, em que entraram oitocentos portugueses, os quais foram todos queimados vivos em trinta e cinco naus, e quarenta e dois juncos, e em prata, pimenta, sândalo, cravo, maça, noz e outras muitas sortes de fazendas se disse que se perderam dois contos e meio de ouro. E de todos esses males e desventuras foi causa a má consciência e pouco siso de um português cobiçoso. E desse mal nos sucedeu ainda outro não pequeno, o qual foi ficarmos tão desacreditados na terra que não havia quem nos quisesse ver, dizendo que éramos nós uns demônios em carne humana, gerados por maldição da ira de Deus, para castigo dos pecadores. E isso aconteceu no ano de 1542, governando o Estado da Índia, Martim Afonso de Sousa, e sendo capitão de Malaca, Rui Vaz Pereira Marramaque.

Logo dali a dois anos, querendo os portugueses tornar a fazer sua habitação em outro porto que se chamava Chincheu, no mesmo reino da China, cem léguas abaixo desse de Liampó, para terem nele seus tratos e mercancias, os mercadores da terra, pelo muito proveito que disso lhes vinha, insistiram com os mandarins, por peitas muito grossas que para isso lhes deram,



que dissimuladamente o consentissem. Aqui correu o negócio do trato entre nós e os da terra quietamente, por tempo de quase dois anos e meio, pouco mais ou menos, até que de Malaca, por mandado de Simão de Melo, capitão da fortaleza, veio aí ter outro quase do mesmo estofa do Lançarote Pereira, que se chamava Aires Botelho de Sousa, o qual trazia provisão do Capitão Simão de Melo para ser capitão-mor daquele porto do Chincheu e provedor dos defuntos, o qual, segundo se dizia, vinha tão desejoso de ser rico que lhe assacavam que lançava mão de tudo, sem ter respeito a coisa alguma.

Nesse tempo acertou de vir ali ter um estrangeiro, armênio de nação, o qual de todos era julgado por muito bom cristão. Tinha esse homem de seu, como dez ou doze mil cruzados, e por ser estrangeiro e cristão como nós, se atirou de um junco de mouros em que vinha, e se passou para uma nau de um português de nome Luís Montarroio. E havendo já cerca de seis ou sete meses que vivia aqui entre nós pacificamente, favorecido e agasalhado de todos por ser, como digo, muito bom homem e bom cristão, veio a adoecer de febres de que morreu. E fazendo testamento, declarou que era casado e que tinha sua mulher e filhos em um lugar da Armênia a que chamavam Gaborém, e que dos doze mil cruzados que tinha de seu, deixava à santa Misericórdia de Malaca, dois mil, com certas declarações de missas por sua alma, e o mais pedia ao provedor e irmãos da casa, que o tivessem em depósito em seu poder, até o fazerem entregar a seus filhos, a quem mandava que se dessem; e sendo caso que seus filhos estivessem mortos, deixava a Misericórdia por sua herdeira universal.

Logo que esse cristão foi enterrado, o Aires Botelho de Sousa, provedor dos defuntos, lhe arrecadou toda a fazenda, sem fazer inventário ou outra alguma diligência, dizendo que era necessário mandarem-se requerer os herdeiros lá na Armênia onde estavam, que era dali a mais de duas mil léguas, a ver se tinham

alguns embargos, para serem ouvidos de sua justiça. No mesmo tempo vieram ali ter dois mercadores chins que traziam três mil cruzados em seda, peças de damasco, porcelanas e almíscar, os quais se deviam ao armênio defunto. Esses arrecadou também o provedor, e juntamente com isso, dizendo que toda a mais fazenda que ficava aos chins era também do armênio defunto, dizem que lhes tomou uns oito mil cruzados, e lhes disse que fossem a Goa requerer sua justiça perante o provedor-mor, porque ele não podia deixar de fazer o que fazia, porque era obrigado a isso, por razão do seu ofício.

De maneira que para não gastar muitas razões em contar o que sobre isso se passou, os dois mercadores se tornaram para suas casas sem levarem coisa nenhuma do que trouxeram, onde se foram logo ambos com mulheres e filhos lançar aos pés do chaém, e lhe relataram por uma petição todo esse caso como se passara, e lhe disseram mais, que éramos nós gente sem temor nenhum da justiça de Deus. O chaém, querendo logo satisfazer a esses mercadores, e a outros que já também antes disso se lhe queixaram de nós, mandou apregoar que nenhuma pessoa comunicasse conosco dali por diante, sob pena de morte. E como isso foi causa de totalissimamente se nos secar tudo, a falta dos mantimentos veio entre nós a ser tamanha que o que antes se comprava por um vintém se não achava depois por um cruzado, pelo que foi necessário ir-se buscar por algumas aldeias que estavam aí ao redor, sobre o que houve grandes desmanchos, donde nasceu levantar-se a terra toda contra nós, com tamanho ódio e fúria que daí a dezesseis dias veio uma armada de cento e vinte juncos muito grandes, a qual por nossos pecados nos tratou de tal maneira que de treze naus que estavam no porto nenhuma ficou que não fosse queimada, e de quinhentos portugueses que na terra havia, só trinta escaparam, sem coisa que valesse um só real.

Assim que desses dois tristes sucessos que tenho contado, venho a inferir que parece que as nossas coisas que agora correm na China, e a quietação e confiança com que tratamos com ela, havendo que essas pazes que ela tem conosco, são firmes e seguras, não durarão mais que enquanto nossos pecados não ordenarem que haja algum motivo como os passados, para se ela levantar contra nós, o que Nosso Senhor não permita, pela sua infinita misericórdia.

Agora tornando ao propósito de que me aparte:

Chegados nós ao porto de Lampacau, como atrás dizia, surgimos nele com todas as três naus em que viéramos, e depois de nós não tardou muito que viessem surgir no mesmo porto outras cinco naus. E porque as fazendas da terra não corriam então como antes costumavam, não houve naquela monção nau alguma que fosse para o Japão, pelo que foi forçoso invernarmos outro ano aqui nesse porto, com determinação de no maio seguinte, que era dali a dez meses, seguirmos nossa viagem como levávamos determinado.

CCXXII

DE UMAS NOVAS QUE VIERAM A ESTA ILHA, DE UM ESTRANHO CASO QUE ACONTECEU PELA TERRA DENTRO

Entendendo o Padre-Mestre Belchior que já naquele ano não podia passar ao Japão, tanto por ser gasta a monção, como por outros alguns inconvenientes que para isso havia, ordenou logo fazer em terra um recolhimento em que se agasalhasse com mais a companhia que levava consigo, e também um modo de igreja em que se pudessem celebrar os ofícios divinos e frequentarem-se os sacramentos necessários à salvação dos homens, o que logo se pôs em obra. E nesse tempo que aqui estivemos, não estiveram ociosos o Padre-Mestre Belchior, nem os da sua Companhia, antes não deixaram sempre de fazer fruto nas almas, tanto com a muita frequentação que sempre houve das confissões como com soltar dois portugueses que havia cinco anos que estavam presos na cadeia da cidade de Cantão, cuja soltura custou mais de dois mil e quinhentos cruzados, que se tiraram de esmoelas pelos fiéis cristãos.

E havendo já seis meses e meio que aqui estávamos, aos dezoito dias do mês de fevereiro do ano de 1556, veio nova certa a essa cidade de Cantão, que aos três dias do mesmo mês e ano se subvertera a província de Sansy por essa maneira:

No primeiro dia de fevereiro tremeu a terra das onze da noite até a uma, e ao outro logo seguinte, da meia-noite até as duas horas, e ao outro, da uma até as três, com um grande e espantosíssimo estrondo de coriscos, e tempestade; e rebentando toda a terra



em borbulhões de água, que do centro dela parecia que vinha ferendo, se subverteu subitamente em distância de sessenta léguas em roda, sem de toda a gente se salvar mais que só um menino de sete anos, que por espanto se levou a El-Rei da China. A qual nova, quando chegou à cidade de Cantão, causou em todos os moradores dela um grandíssimo temor e espanto. E havendo os nossos por impossível ser isso verdade, se determinaram uns catorze, de sessenta que então aí nos achamos, a o ir ver, e logo o puseram em obra, os quais, quando tornaram, afirmaram a nova por muito certa, e se tirou disso um documento público de catorze testemunhas de vista, todas concordantes, e todos os portugueses, o qual documento Francisco Toscano mandou a este reino a El-Rei D. João III que santa glória haja, por um clérigo de nome Diogo Reinel, que foi um dos catorze que o viram, pelo qual caso se fizeram nesta cidade de Cantão, em todo o povo, estranhos modos de penitência, e ainda que fossem gentios, nos confundiram a todos os que os vimos, com sermos cristãos, porque o primeiro dia que a nova chegou, se deram às duas horas depois do meio-dia pregões por todas as ruas principais da cidade, que seis homens a cavalo, cobertos de vestiduras muito compridas de dó, com assaz triste e lamentável som lançavam, dizendo:

– Ó gentes miseráveis que continuamente ofendeis o Senhor, ouvi o triste caso de grave dor e sentimento que no bramido choroso de nossas vozes agora ouvireis. Sabei que por pecados de todos nós outros brandiu Deus a espada da sua divina justiça sobre o povo de Cuy e Sansy, subvertendo com água e fogo e coriscos do céu toda a província do seu anchacilado, sem dela se salvar mais que um só menino que se levou ao filho do Sol.

E dando-se com isso três pancadas em um sino, toda a gente se prostrava por terra, dizendo com uma horrendíssima grita “Xipató varocay”, que quer dizer “Justo é Deus no que faz”.



E recolhendo-se logo todo o povo a suas casas, a cidade esteve cinco dias tão deserta que pessoa viva não aparecia por ela, de que todos os portugueses que nos ali achamos, andávamos como pasmados, porque em nenhuma rua se via pessoa com quem pudesse falar. Passado esse termo dos cinco dias, o chaém com os anchacis do governo, e com toda a gente do povo (digo homens somente, porque as mulheres têm eles para si que não são capazes de Deus as ouvir, pela desobediência do primeiro pecado que Eva cometeu), rodeando com uma espantosa procissão as principais ruas de toda a cidade, com clamores que rompiam o céu, diziam os seus sacerdotes que seriam mais de cinco mil:

– Ó admirável e piedoso Senhor, não nos tomes conta de nossas maldades, porque ficaremos mudos diante de ti – a que todo o povo com outra espantosa grita, respondia: “Xaputey danacó fanarguy paleu”, que quer dizer: “Confessamos, Senhor, nossos erros diante de ti”. E assim prosseguindo os seus clamores chegaram a um suntuoso templo a que chamavam Nacapirau, que eles têm por rainha dos céus, como eu atrás disse algumas vezes. E daqui foram no outro dia a outro de nome Uzangué nabor, deus da justiça. E por essa maneira continuaram catorze dias, nos quais se fizeram geralmente muitas esmolas, e se soltaram muitos presos e se fizeram muitos sacrifícios de fumos cheirosos de águila e benjoim, e alguns outros de sangue, em que se degolaram muitas vacas, veados e porcos, que por esmola se deram aos pobres.

E assim em todo o mais tempo que aqui estivemos, que seriam quase três meses, se continuaram outras muitas obras pias de muito custo, que se ajudadas da Fé de Cristo se fizessem por amor dele creio que lhe seriam muito aceitas. Afirmou-se também por dito geral de todos, que nesses três dias em que isso aconteceu em Sansy chovera sempre sangue na cidade de Pequim onde El-Rei da China então residia, pela qual causa a maior parte dela se despejou, e ele fugiu para Nanquim, onde também se disse que

mandara fazer muito grandes esmolos, e libertar infinidade de presos, no qual conto permitiu Deus que foram uns cinco portugueses que havia mais de vinte anos que estavam presos na cidade de Pocasser, os quais aqui em Cantão onde vieram ter nos contaram muito grandes coisas, entre as quais nos afirmaram que passaram as esmolos que El-Rei fez por esse caso, de seiscentos mil cruzados, fora templos muito suntuosos que edificou para aplacar a ira de Deus, em que entrou um que se fez nessa cidade, de nome Hifaticau, “amor de Deus”, casa muito suntuosa e de grande majestade.



CCXXIII

COMO CHEGAMOS AO REINO DO BUNGO,
E DO QUE LÁ PASSAMOS COM EL-REI

Chegada a monção em que podíamos fazer nossa viagem, nos partimos desta Ilha Lampacau aos 7 de maio do ano de 1556, embarcados em uma nau de que era capitão e senhorio D. Francisco Mascarenhas, de alcunha *O Palha*, que aquele ano aí residira por capitão-mor. E continuando por nossa rota, por tempo de catorze dias, havemos vista das primeiras ilhas que estão em altura de 35 graus, que por graduação ficam a óés-noroeste da de Tanixumá; o piloto então conhecendo a má navegação que levava se fez na volta do sudoeste, a demandar a ponta da Serra de Minató, e aferrando a costa de Tanorá, velejamos sempre ao longo dela até o porto de Fiungá.

E porque as agulhas aqui nesse clima nordestearam, e as águas corriam ao norte, perdeu o piloto toda a estimativa da navegação, de maneira que já quando conheceu seu erro, ainda que por natureza marinhática o não quisesse confessar, tínhamos deixado o porto para onde íamos, sessenta léguas abaixo, pelo que com assaz de trabalho, por nos ficarem os ventos ponteiros, o tornamos a tomar dali a quinze dias, e com muito enfadamento e risco de nossas fazendas e vidas, porque toda aquela costa estava levantada contra o rei do Bungo, nosso amigo, e contra os habitantes dela, por serem muito amigos da lei do Senhor, que os nossos padres lá anunciam.



Surtos nós pela misericórdia de Deus na baía da cidade Fuchéu, de que já atrás fiz menção muitas vezes, que é a metrópole do reino do Bungo, e onde agora floresce a principal cristandade de todo o Japão, se assentou por parecer dos mais que fosse eu à fortaleza de Osquy, onde tivemos por novas que El-Rei então estava, e ainda que eu algum tanto receasse essa ida, porque a terra a esse tempo estava levantada, todavia me foi forçoso aceitá-la, por mo pedirem todos geralmente com muita eficácia.

E fazendo-me logo prestes com mais quatro companheiros que levei comigo, depois que recebi um presente que D. Francisco, capitão da nau, mandava a El-Rei, que valeria quinhentos cruzados, me parti da nau, e desembarcando no cais da cidade me fui a casa do Quansio andono, almirante do mar e capitão de Canafama, o qual me recebeu com mostras de muito gasalhado, que algum tanto me aliviou do receio que levava.

E dando-lhe eu conta do a que ia, lhe pedi que me mandasse prover de cavalos e gente que me levasse onde El-Rei estava, o que ele logo fez muito mais largamente do que lhe eu pedia.

Partido eu da cidade, cheguei ao outro dia às nove horas a um lugar a que chamavam Fingau, que seria a um quarto de légua da fortaleza de Osquy, donde, por um dos japões que levava comigo, mandei dizer ao Osquim dono, capitão dela, como eu era ali chegado, e que trazia uma embaixada do vice-rei da índia para Sua Alteza, pelo que lhe pedia me mandasse dizer quando queria que lhe falasse; a que ele me respondeu logo por um seu filho que a minha vinda com a de todos os meus companheiros fosse muito boa, e que já tinha mandado recado a El-Rei, à Ilha do Xequé, para onde fora antemanhã, com muita gente, matar um grande peixe a que não sabia o nome, que do centro do mar ali viera ter com outra grande soma de peixes pequenos, e que por o ter cercado já num esteira lhe parecia que não poderia vir senão de noite, mas que do que sua alteza lhe respondesse, me mandaria logo recado,





mas que entretanto descansasse noutras casas melhores em que me mandava aposentar, onde seria provido de tudo o necessário, porque toda aquela terra era tanto de El-Rei de Portugal como Malaca, Cochim e Goa.

E um homem seu que já vinha para isso nos agasalhou logo em um pagode a que chamavam Amidanxó, onde dos bonzos dele fomos banqueteados esplendidamente. El-Rei, logo que teve aviso de eu ser chegado, despediu logo daquela ilha onde estava no cerco daquele peixe três funés de remo, e nelas um seu camareiro muito seu privado, que se chamava Oretandono, o qual já sobre a tarde chegou ao lugar onde eu estava, e indo logo ter comigo depois que por palavras me disse o a que El-Rei o mandara, tirou do seio uma carta sua, e beijando-a com as cerimônias e cortesias que entre eles se costumam, ma deu, a qual dizia assim:

Estando eu agora ocupado num trabalho de muito meu gosto, soube da tua boa chegada a esse lugar onde estás, com os mais companheiros que vêm contigo, de que tive tamanho contentamento que te certifico que se não tivera jurado me não ir daqui até matar um grande peixe que tenho cercado, que muito depressa por minha pessoa te fora logo buscar, pelo que te rogo como bom amigo que já que por essa causa não posso ir, venhas tu logo nessa embarcação que te lá mando, porque com tu vires, e eu matar esse peixe, será meu gosto perfeito.

Vendo eu essa carta, me embarquei logo com todos os meus companheiros na funé em que vinha o Oretandono, e os moços com o presente nas outras duas, e por serem todas muito ligeiras e bem equipadas, em pouco mais de uma hora chegamos à ilha que estava dali a duas léguas e meia. E chegamos a ela ao tempo em que El-Rei com mais de duzentos homens todos com suas fiskas



andavam em batéis atrás de uma grande baleia que, na volta de um grandíssimo cardume de peixe, ali viera ter, o qual nome de baleia e o mesmo peixe em si foi então entre eles muito novo e muito estranho, porque nunca tinham visto outro tal naquela terra.

Depois que foi morta e trazida fora à praia, foi o prazer de El-Rei tamanho que a todos os pescadores que ali se achavam libertou de um certo tributo que antes pagavam, e lhes deu nomes novos de homens nobres, e a alguns fidalgos que ali estavam, aceitos dele, acrescentou os ordenados que tinham, e aos guesos, que são como moços de câmara, mandou dar mil taéis de prata, e a mim me recebeu com a boca muito cheia de riso, e me perguntou miudamente por muitas particularidades, a que eu respondi acrescentando muitas coisas que me perguntava, por me parecer que era assim necessário à reputação da nação portuguesa, e à conta em que até então naquela terra nos tinham, porque todos então tinham para si que só o rei de Portugal era o que com verdade se podia chamar monarca do mundo, tanto em terras, como em poder e tesouro, e por essa causa se faz naquela terra tanto caso da nossa amizade.

Acabado isso, se partiu logo desta Ilha do Xequé para Osquy, e chegou a sua casa já com uma hora de noite, onde foi recebido de todos os seus com muita festa e regozijo ao seu modo, e lhe deram os parabéns de tão honroso feito como fora o daquela baleia, atribuindo a ele só o que os outros fizeram, que esse prejudicial vício da adulação é tão natural das cortes e das casas dos príncipes que até entre o barbarismo da gentil idade lhe não faltou seu lugar.

Despedindo então El-Rei toda a gente que o acompanhava, ceou recolhido com sua mulher e seus filhos, e não quis que homem nenhum por então o servisse, porque o banquete era à conta da rainha; porém ali nos mandou chamar a todos cinco a casa de um seu tesoureiro onde já estávamos aposentados, e nos rogou que por amor dele quiséssemos perante ele comer com a mão,

assim como fazíamos em nossa terra, porque folgaria a rainha de nos ver. E mandando-nos logo preparar a mesa muito abastada de iguarias muito limpas e bem guisadas, e servidas por mulheres muito formosas, nós nos entregamos todos no que nos punham diante, bem à nossa vontade; porém os ditos e galantarias que as damas nos diziam, e as zombarias que faziam de nós quando nos viram comer com a mão, foram de muito mor gosto para El-Rei e para a rainha, que quantos autos lhes poderiam apresentar, porque como toda essa gente costuma comer com dois paus, como já por vezes tenho dito, tem por muito grande sujidade fazê-lo com a mão, como nós costumamos.

Então uma filha de El-Rei, moça já de catorze até quinze anos, e muito formosa, pediu licença a sua mãe para uma certa farsa que seis ou sete queriam fazer sobre a matéria de que se tratava, e a rainha com consentimento de El-Rei lha concedeu. Entrando então elas para dentro de outra casa, se detiveram um pequeno espaço, e as que ficaram fora se desenfadaram entretanto bem à nossa custa, com muitas graças e zombarias, de que todos estávamos bem corridos, pelo menos os quatro, por serem mais novéis e não entenderem a língua, porque eu já em Tanixumá tinha visto outra farsa que se teve com portugueses, semelhante a essa, e por algumas vezes as tinha visto também noutras partes.

Estando nós no meio dessa afronta, porém sofrendo já melhor a zombaria pelo gosto que víamos que El-Rei e a rainha tinham dela, saiu de dentro a princesa muito formosa em traje de mercador, com um terçado de chaparia de ouro na cinta, e tudo o mais muito apropriado ao que representava, e pondo-se de joelhos diante de El-Rei seu pai, com o acatamento devido, lhe disse:

– Poderoso rei e senhor, ainda que esse meu atrevimento seja digno de grande castigo, pela desigualdade que Deus quis que houvesse entre vossa alteza e minha baixeza, a necessidade em que me vejo me faz não pôr diante esse inconveniente de que me



poderia temer, porque como eu sou já velho e tenho muitos filhos, de quatro mulheres com que fui casado, e em minha quantidade muito pobre, desejando como pai que sou os deixar amparados, pedi por meus amigos que me ajudassem com seus empréstimos, que alguns me concederam, e fazendo eu emprego numa certa fazenda que por meus pecados não pude vender em todo o Japão, determinei de a trocar por qualquer coisa que me dessem por ela. E queixando-me eu disse a alguns meus amigos no Miacó donde venho, me certificaram que só vossa alteza me podia nisso agora ser bom, pelo que, senhor, lhe peço que havendo respeito a estas cãs e a essa velhice, e a ter eu muitos filhos e muita pobreza, me queira valer em meu desespero, porque nisso que lhe peço, a mim fará grande esmola, e aos chenchicos que agora vieram nessa nau grande mercê, porque essa minha mercadoria lhes serve a eles mais que a outrem ninguém, pelo grande aleijão em que se veem continuamente.

Enquanto durou essa prática El-Rei e a rainha se não podiam ter com riso, vendo que aquele mercador tão velho com tantas cãs, tantos filhos, e tanta necessidade era a princesa sua filha muito moça e muito formosa. El-Rei, contudo, detendo o riso um pouco, lhe respondeu com muita gravidade que mandasse trazer a amostra da fazenda que trazia, e que se fosse coisa que nos servisse, ele nos rogaria que lha comprássemos; a que ela, fazendo uma grande mesura, se tornou a recolher para dentro.

Nós até então estávamos tão embaraçados com o que víamos, que não sabíamos determinar o que seria. As mulheres que estavam na casa, que seriam mais de sessenta, sem haver ali outro homem mais que nós os cinco companheiros somente, se começaram a confranger todas, e a acotovelar-se umas às outras, e a fazer entre si algum rumor com um riso baixo e calado; porém, aquietando-se logo este, o mercador tornou a sair de dentro com as amostras da fazenda, as quais traziam seis moças muito



ricamente vestidas, em trajes de homens mercadores, com seus terçados e adagas de ouro na cinta, e de aspectos graves e autorizados, porque todas eram filhas dos principais senhores do reino, que a princesa escolhera para a ajudarem nessa farsa que quis representar a El-Rei e à rainha.

Essas seis traziam aos ombros cada uma seu envoltório de tafetá verde, e fingindo todos seis serem filhos daquele mercador, vinham passando numa dança ao seu modo, muito bem concertada, ao som de duas harpas e uma viola de arco, e de quando em quando diziam em trovas com falas muito suaves e muito para folgar de ouvir: “Alto e rico senhor da riqueza, por quem és, te lembra da nossa pobreza. Somos miseráveis em terra estrangeira, desprezados da gente por nossa orfandade, com desprezos e grandes afrontas, pelo que, senhor, te pedimos que por quem és, te lembres da nossa pobreza”. E assim, a esse modo, que na sua língua eram trovas muito bem feitas, disseram mais outras duas ou três, repetindo sempre no fim de cada uma delas, “por quem és, te lembra da nossa pobreza”. Acabada a dança e a música, se puseram todos de joelhos diante de El-Rei, e depois que o mercador com outra prática muito bem concertada lhe deu as graças da mercê que lhe queria fazer, de lhe fazer vender aquela fazenda, os seis desembrulharam os envoltórios que traziam, e deixaram cair na casa uma grande soma de braços de pau, como os que cá se oferecem a Santo Amaro, dizendo o mercador com muita graça e com palavras muito discretas que pois a natureza dos nossos pecados nos sujeitara a nós outros a miséria tão suja que necessariamente as nossas mãos haviam sempre de andar fedendo ao peixe ou à carne, ou ao mais que comíamos com elas, nos servia muito aquela mercadoria, porque enquanto nos servissem umas mãos, se lavariam as outras.

A qual coisa El-Rei e a rainha festejaram com muito riso, e nós todos cinco estávamos tão corridos que, entendendo-o El-Rei, nos

pediu muitos perdões dizendo que para que a princesa sua filha visse que tamanho bem ele queria aos portugueses, lhe dera aquele pequeno passatempo, de que nós somente como irmãos seus fôramos participantes. A que nós respondemos que Deus Nosso Senhor pagasse por nós a sua alteza aquela honra e mercê que nos fazia, que nós confessávamos como muito grande, e assim o publicaríamos por todo o mundo, enquanto vivêssemos. O que ele, e a rainha, e a princesa vestida ainda em trajos de mercador nos agradeceram com muitas palavras ao seu modo. E a princesa nos disse:

– Pois se o vosso Deus me quisesse tomar por sua criada, ainda lhe eu faria outras farsas muito melhores e de mais seu gosto que esta, mas eu confio que ele se não esqueça de mim.

A que nós todos postos de joelhos, e beijando-lhe o quimono que tinha vestido, respondemos que assim o esperávamos dele, e que, fazendo-se ela cristã, a havíamos de ver rainha de Portugal, de que a rainha sua mãe e ela se riram muito. E despedindo-nos por então de El-Rei, nos tornamos à casa onde estávamos aposentados, e quando foi manhã nos mandou logo chamar, e se informou miudamente da vinda dos padres, da tenção do vice-rei, da carta, da nau, das mercadorias que trazia, e de outras muitas particularidades em que se gastaram mais de quatro horas, e me despediu dizendo que dali a seis dias se havia de ir para a cidade e que lá lhe daria a carta e se veria com o padre, e responderia a tudo.

DA MANEIRA COMO EL-REI DO BUNGO RECEBEU
A EMBAIXADA DO VICE-REI DA ÍNDIA

Passados os seis dias, El-Rei se abalou da fortaleza de Osquy para a cidade Fuchéu, acompanhado de muita e muito nobre gente em que entrava uma guarda de seiscentos homens a pé e duzentos a cavalo, que mostravam grande majestade, onde chegado, todo o povo o recebeu com muitas festas e muitos regozijos, e farsas e invenções ao seu modo, muito custosas.

Ele se foi aposentar em uns paços que aí tinha muito nobres e muito suntuosos. Logo ao outro dia me mandou chamar e me disse que lhe levasse a carta do vice-rei, porque a outra coisa não viera senão a isso, e que depois que a visse, falaria com o Padre-Mestre Belchior no que mais relevasse.

Eu me tornei logo para casa, e me fiz prestes de tudo o que conzinha, e logo que foram as duas horas depois do meio-dia, El-Rei me mandou buscar pelo quansio nafama, capitão da cidade, com mais quatro homens dos principais da corte, os quais acompanhados de muita gente me levaram ao paço, porém eles e eu com os quarenta portugueses íamos a pé, por ser assim seu costume, e todas as ruas por onde passamos estavam muito limpas e bem concertadas, e com tanta quantidade de gente que os nautarões, que eram porteiros com bastões ferrados, tinham assaz que fazer em nos fazerem o caminho. As peças do presente levavam três portugueses a cavalo, e um pouco atrás deles iam outros dois ginetes muito formosos com cobertas e armas como de justa.



Chegando nós ao primeiro terreiro do paço, achamos nele El-Rei que estava em um bailéu ou cadafalso que para isso o mandara fazer, acompanhado de todos os nobres do reino; e entre eles os embaixadores de reinos estranhos, um de El-Rei dos Léquiós, outro do Cauchim e Ilha de Tosa, e outro do cubucamá, imperador do Miocó. E por fora quanto tomava toda a grandeza do terreiro, estavam passante de mil arcabuzeiros, e quatrocentos homens de bons cavalos acobertados, e fora estes a gente do povo que, como digo, não tinha conto. Chegado eu com os quarenta portugueses que iam comigo, ao bailéu onde El-Rei estava, lhe fizemos todos as cerimônias e cortesias que em tal auto se lhe costumam fazer. E eu, chegando-me a ele, lhe dei a carta que levava do vice-rei, a qual ele, posto em pé, me tomou da mão, e tornando-se a sentar a deu a um seu quansio gritau, que é como secretário, e este a leu em voz alta para que todos a ouvissem.

E depois de lida, me perguntou perante os três embaixadores e os príncipes de que estava acompanhado por algumas coisas que por curiosidade quis saber dessa nossa Europa, uma das quais foi quantos homens armados, de todas as armas, e em cavalos acobertados como aqueles, punha El-Rei de Portugal em campo. E eu, receando mentir-lhe, confesso que me embarcei na resposta, o que, vendo um dos meus companheiros que estava junto de mim tomando a mão, lhe respondeu que cento até cento e vinte mil, de que o rei ficou muito espantado, e eu muito mais. El-Rei então parece que gostando das grandiosas respostas que este português lhe dava, instou com ele em perguntas mais de meia hora, ficando ele e todos os que estavam presentes assaz maravilhados de tamanhas grandezas. E disse para os seus:

– Certifico-vos em lei de verdade que nenhuma coisa folgava agora mais de ver, que a monarquia dessa grande terra de que tamanhas grandezas tenho ouvido, tanto de tesouros como de

multidão de navios no mar, porque com isso viveria em minha vida sempre muito contente.

E despedindo-me ele então, e aos outros que vinham comigo, me disse:

– Quando te parecer bem, podes dizer ao padre que me venha ver, porque aqui me achará prestes para o ouvir, e a todos os mais que trouxer consigo.

COMO O PADRE-MESTRE BELCHIOR SE VIU COM EL-REI
DO BUNGO, E DO QUE SE PASSOU COM ELE,
E DA RESPOSTA QUE EL-REI ME DEU DA EMBAIXADA
QUE LHE LEVEI

Recolhido eu para a casa onde pousava, dei conta ao Padre Belchior do gasalhado com que El-Rei me recebera, e de tudo o mais que se passara com ele, e de quão alvoroçado estava para o ver, pelo que me parecia bem, já que ali estavam todos os portugueses juntos e vestidos de festa, que o devia ir logo ver, o que lhe a ele pareceu bem, e aos outros padres que aí estavam. E aparelhando-se de algumas coisas exteriores necessárias à reputação de sua pessoa, abalou da igreja acompanhado dos quarenta portugueses, todos muito bem vestidos com seus colares e cadeias de ouro grossas a tiracolo, e quatro meninos órfãos com lobs e chapéus de tafeté branco, com cruces de seda nos peitos, e o irmão João Fernandes para intérprete do que se havia de falar.

Chegando ao primeiro terreiro das casas de El-Rei, o estavam já ali esperando alguns senhores, os quais com muitas cortesias e mostras de amor o meteram em uma casa onde El-Rei estava já esperando por ele, o qual com semblante alegre o tomou pela mão e lhe disse:

– Crê de mim, padre estrangeiro, que só a esse dia posso com verdade chamar meu, pelo grande gosto que tenho de te ver diante de meus olhos, porque me parece que vejo o Padre Francisco santo a quem eu queria como à minha própria pessoa.

E entrando com ele para outra casa que estava mais adiante e ricamente preparada, o sentou junto de si; e aos quatro meninos,

por ser coisa nova e nunca vista naquela terra, fez também muito gasalhado.

O padre lhe deu as graças conforme as muitas e grandes honras que dele recebia, da maneira que entre eles se costuma, que o irmão João Fernandes já lhe tinha ensinado. E após isso lhe tratou logo do principal intento da sua vinda, que era mandá-lo o vice-rei para o servir e mostrar-lhe o caminho certo da sua salvação, que lhe El-Rei com os meneios do rosto e com a inclinação da cabeça mostrou que agradecia. E discorrendo o padre adiante por uma santa prática a modo de sermão, que já para isso levava estudada, lhe foi tratando nela de tudo o que convinha. A que El-Rei respondeu:

– Não sei com que palavras te encareça, padre bem-aventurado, o muito gosto que tenho de te ver nesta casa, e assim tudo o mais que minhas orelhas te têm ouvido, a que agora não respondo por estar o tempo da maneira que terás sabido, pelo que te rogo muito que já que te Deus aqui trouxe, queiras descansar do trabalho que por seu serviço tens levado. E quanto ao que o vice-rei me escreve acerca do que lhe escrevi por Antônio Ferreira, ainda agora me não desdigo, porém o tempo agora ao presente está de maneira que temo muito que, se meus vassallos virem em mim alguma mudança, lhes pareça bem o conselho dos bonzos, tanto mais que bem sei que já pelos padres que aqui estão, deves ter sabido quão arriscado estou nesta terra, pelo que aconteceu nos alevantamentos passados, em que corri tanto perigo quanto outro homem nenhum correu, pelo que me foi necessário, para segurar minha pessoa, matar uma manhã treze senhores, os principais do reino, com dezesseis mil da sua consulta e conjuração, fora quase outros tantos que desterrei e me fugiram. Mas se Deus nalguma hora me der o que minha alma lhe pede, não será muito condescender com o que o vice-rei na sua carta me aconselha.



O padre lhe tornou que muito satisfeito estava do seu bom propósito, mas que se lembrasse que a vida não estava na mão dos homens, pois todos eram mortais, e que se ele acertasse de morrer antes de o efetuar, onde iria a sua alma?

A que ele sorrindo-se, disse:

– Deus o sabe.

Vendo o padre que El-Rei por então lhe não respondia com mais que com boas palavras e bons ditos, sem querer tomar conclusão no que tanto lhe importava, dissimulou com ele e lhe falou noutra coisa de que enxergou nele que tinha mais gosto. E passando assim com o padre um grande pedaço da noite em perguntas de coisas novas, a que era muito afeiçoado, o despediu com palavras honrosas e bem concertadas, pondo-lhe a esperança de se fazer cristão um pouco ao longe, de que a causa ficou por então bem entendida por todos.

Ao outro dia, às duas horas depois da tarde, o padre se tornou a ver com El-Rei, e deixando de parte o muito gasalhado que lhe fez, como costumou sempre, no mais de que se tratava com ele nunca falou a propósito, mas tornando-se dali da cidade para a sua fortaleza de Osqy lhe mandou dizer que se ficasse em boa hora, e que lhe rogava que não deixasse de o ver dali a alguns dias, porque gostava muito de falar das grandezas de Deus, e da perfeição da sua lei.

Passados mais dois meses e meio em que El-Rei nesse caso não deu mais de si que somente algumas esperanças, acompanhadas às vezes de algumas desculpas que ao padre não satisfizeram, lhe pareceu bem ao padre tornar-se para a Índia, tanto para cumprir com a obrigação do seu cargo, como por outras razões que para isso o moveram. Juntou-se também a isso vir-lhe uma carta, pela via de Firando, que um tal Guilherme Pereira lhe trouxe de Malaca, pela qual teve novas que viera um seu irmão desse reino, de nome João Nunes, por patriarca do Preste João, o que também

fez nele um grande abalo, por lhe parecer que indo com ele faria lá na Etiópia muito mais fruto que ali, onde estava já desenganado de que por então se perdia o tempo e o trabalho. Porém esse seu bom intento também não teve efeito, por ser o império do Preste João naquele tempo senhoreado por El-Rei de Zeila, com favor do turco, e se recolher com poucos dos seus às serras de Tigremahom, onde morreu de peçonha que os mouros lhe deram. E sucedendo-lhe nesse pouco que ainda lhe ficara do império o seu filho mais velho que se chamava David, fez patriarca um tal Alexandrino que fora seu mestre, o qual era cismático, e tão contumaz nos seus erros que pregava publicamente que só ele naquela lei que seguia era o verdadeiro cristão, e não o Sumo Pontífice; e dessa maneira se passaram os cinco anos das governanças de Francisco Barreto e de D. Constantino, em que nenhuma dessas coisas teve efeito, e os padres irmãos morreram ambos, um em Goa e outro em Cochim, sem até agora mais se efetuar coisa que tocasse à salvação dos abexins, nem creio que se efetuará se Deus Nosso Senhor milagrosamente o não ordenar, pelo mau vizinho que temos no turco, naquele estreito de Meca.

Eu, vendo na cidade Fuchéu andar o negócio dos padres nesses termos, e o Padre Belchior já quase embarcado de todo na nau, me fui a Osquy ver com El-Rei, e lhe pedi a resposta da carta que lhe trouxera do vice-rei, a qual me ele deu logo porque a tinha já feita, e por retorno do presente lhe mandou umas armas ricas, e dois terçados de ouro, e cem abanos léquios, a qual carta que era feita por ele dizia assim:

“Senhor vice-rei da majestade honrosa, sentado no trono dos que fazem justiça por poderio de cetro, eu, Yaretandono, rei do Bungo, lhe faço saber que a essa minha cidade Fuchéu veio a mim de seu mandado, Fernão Mendes Pinto, com uma carta de sua real senhoria, e um presente de armas e de outras peças muito agradáveis à minha tenção, que muito estimei por serem da terra

do cabo do mundo, de nome Chenchicogim, onde por poderio de armas muito grossas, e exércitos de gentes de diversas nações, reina o leão coroado do grande Portugal, por cujo servidor e vassalo me dou de hoje em diante, com lealdade de amigo tão verdadeiro e doce como o cantar da sereia na tormenta do mar, pelo que lhe peço por mercê que, enquanto o Sol não discrepar do efeito para que Deus o criou, nem a água do mar deixar de subir e descer pelas praias da terra, se não esqueça dessa homenagem que por ele mando fazer ao seu rei e irmão meu mais velho, por cujo respeito essa minha obediência fique, como confio que sempre será, e essas armas que lhe mando, tomará por sinal e prenda de minha verdade, como entre nós, os reis do Japão, se costuma. Dessa minha fortaleza de Osquy, aos nove mamocos da terceira lua dos trinta e sete anos de minha idade.”

Com essa carta e presente me tornei à nau que estava surta dali a duas léguas, no porto de Xeque, onde achei já embarcado o Padre-Mestre Belchior com todos os mais da sua Companhia, e daí nos partimos ao outro dia, que foi a 14 de novembro do ano de 1556.

DO QUE PASSEI DEPOIS QUE PARTIMOS DESTE PORTO
DE XEQUE ATÉ CHEGAR À ÍNDIA, E DAÍ A ESTE REINO

Velejando nós deste porto do Xequé por nossa rota, com ventos nortes de monção tendente, chegamos a Lampacau aos quatro de dezembro, onde achamos seis naus portuguesas, de que era capitão-mor um mercador que se chamava Francisco Martins, feitor de Francisco Barreto, que então governava o Estado da Índia por sucessão de D. Pedro Mascarenhas. E porque já a esse tempo a monção da Índia era já quase gasta, não fez aqui o nosso Capitão D. Francisco Mascarenhas mais detença que enquanto se proveu de mantimentos para a viagem.

Deste porto de Lampacau partimos na primeira oitava do Natal, e chegamos a Goa aos dezessete de fevereiro, onde logo dei conta a Francisco Barreto da carta que trazia do rei do Japão, e ele me mandou que lha levasse ao outro dia, e eu lha levei com as armas, e terçados, e com as mais peças do presente que levava.

Ele, depois que esteve vendo tudo muito devagar, me disse:

– Certifico-vos em toda a verdade que tanto prezo essas armas e peças que me agora trouxeste, como a própria governança da Índia, porque com elas e com essa carta de El-Rei do Japão espero agradar tanto a El-Rei nosso senhor que, depois de Deus, elas me livrem do castelo de Lisboa, onde os mais dos que governamos esse Estado vamos desembarcar, por nossos pecados.

E em satisfação desse trabalho e dos gastos que tinha feito de minha fazenda me fez muitos oferecimentos que eu por então lhe



não quis aceitar, mas justifiquei perante ele, por documentos e testemunhas de vista, quantas vezes por serviço de El-Rei nosso senhor eu fora cativo e minha fazenda roubada, parecendo-me que isso só bastaria para que nesta minha pátria se não negasse o que por meus serviços eu cuidei que me era devido.

Ele me mandou passar um documento de todas essas coisas, e juntou a ele as mais certidões que lhe apresentei, e me deu uma carta para Sua Alteza, com o que me fez tão certo sobejar-me cá a satisfação desses serviços, que, confiado eu nessas esperanças e na razão tão clara que eu então cuidava que tinha por minha parte, me embarquei para esse reino, tão contente e tão ufano com os papéis que trazia que tinha para mim que aquele era o melhor cabedal que trazia de meu, porque estava persuadido que me não tardaria mais a mercê, que enquanto a não requeresse.

Prouve a Nosso Senhor que cheguei a salvamento à cidade de Lisboa, aos vinte e dois de setembro do ano de 1558, governando então esse reino a rainha Dona Catarina, nossa senhora que santa glória haja, a quem dei a carta que lhe trazia do governador da Índia, e lhe relatei por palavras tudo o que me pareceu que fazia a bem do meu negócio. Ela me remeteu ao oficial que então tinha a cargo tratar desses negócios, o qual, com boas palavras e melhores esperanças, que eu então tinha por muito certas, pelo que me ele dizia, me teve os tristes papéis quatro anos e meio, no fim dos quais não tirei outro fruto senão os trabalhos e pesadumes que passei no requerimento, que não sei se diga que me foram mais pesados que quantos passei no decurso do tempo atrás.

E vendo eu quão pouco me fundiam tanto os trabalhos e serviços passados, como o requerimento presente, determinei de me recolher com essa miséria que trouxera comigo, adquirida por meio de muitos trabalhos e infortúnios, e que era o resto do que tinha gasto em serviço desse reino, e deixar o feito à justiça divina, o que logo pus em obra, pesando-me ainda por que o não fizera

mais cedo, porque se assim o fizesse, quiçá me pouparia nisso um bom pedaço de fazenda.

E nisso vieram a parar meus serviços de vinte e um anos, nos quais fui treze vezes cativo e dezesseis vendido, por causa dos desventurados sucessos que atrás no decurso dessa minha tão longa peregrinação largamente deixo contados.

Mas ainda que isso seja assim, não deixo de entender que ficar eu sem a satisfação que pretendia por tantos trabalhos e por tantos serviços procedeu mais da providência divina que o permitiu assim por meus pecados, que de descuido ou falta alguma que houvesse em quem por ordem do céu tinha a seu cargo satisfazer-me, porque como eu em todos os reis desse reino (que são a fonte limpa donde emanam as satisfações, ainda que às vezes por canos mais afeiçoados que arrazoados) enxerguei sempre um zelo santo e agradecido, e um desejo larguíssimo e grandioso, não somente para galardoar a quem os serve, mas também para fazer muitas mercês ainda a quem os não serve, daqui se entende claramente que se eu e os outros tão desamparados como eu ficamos sem a satisfação dos nossos serviços, foi somente por culpa dos canos e não da fonte, ou, antes, foi ordem da justiça divina, em que não pode haver erro, a qual dispõe todas as coisas como lhe melhor parece, e como a nós mais nos cumpre. Pelo que eu dou muitas graças ao Rei do céu, que quis que por essa via se cumprisse em mim a sua divina vontade, e não me queixo dos reis da terra, pois eu não mereci mais, por meus grandes pecados.







© 2012, Fundação Darcy Ribeiro
 Direitos desta edição pertencentes à Fundação Darcy Ribeiro
 Rua Almirante Alexandrino, 1991
 20241-263 - Rio de Janeiro – RJ
 www.fundar.org.br

1ª Edição. 1ª Impressão. 2014.

BIBLIOTECA BÁSICA BRASILEIRA – CULTIVE UM LIVRO

Curadoria

Paulo de F. Ribeiro – Coordenação Geral
Godofredo de Oliveira Neto
Antonio Edmilson Martins Rodrigues

Comitê Editorial

Eric Nepomuceno – Fundação Darcy Ribeiro
Oscar Gonçalves – Fundação Biblioteca Nacional
Norberto Abreu e Silva Neto – Editora Universidade de Brasília
Anibal Bragança – Fundação Biblioteca Nacional
Lucia Pulino – Editora Universidade de Brasília

Produção

Editora Batel

Coordenação editorial

Carlos Barbosa

Projeto gráfico

Solange Trevisan zc

Diagramação

Solange Trevisan zc

Ilustrarte Design e Produção Editorial

Tratamento de textos da coleção

Clara Diament

Edmilson Carneiro

Cerise Gurgel C. da Silveira

Carina Lessa

Léia Elias Coelho

Maria Edite Freire Rocha

Projeto de capa

Leonardo Viana

Assessoria de Comunicação Fundar

Laura Murta

Texto estabelecido segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

DADOS INTERNACIONAIS PARA CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

P659p

Pinto, Fernão Mendes, 1509-1583

Peregrinação: volume II / Fernão Mendes Pinto. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2013. 512 p.; 21 cm. – (Coleção biblioteca básica brasileira; 30).

ISBN 978-85-635-7443-5

1. Pinto, Fernão Mendes, 1509-1583 – Viagens – Ásia. 2. Ásia – Descrições e viagens – Obras anteriores a 1800. I. Fundação Darcy Ribeiro II. Título. III. Série.

CDD-915

Roberta Maria de O. V. da Costa – Bibliotecária CRB7 5587



Patrocínio:



Realização:

Ministério da
Cultura



Impressão e acabamento :





FUNDAÇÃO DARCY RIBEIRO

Instituidor

Darcy Ribeiro

Conselho Curador

Alberto Venâncio Filho

Antonio Risério

Daniel Corrêa Homem de Carvalho

Elizabeth Versiani Formaggini

Eric Nepomuceno

Fernando Otávio de Freitas Peregrino

Gisele Jacon de Araújo Moreira

Haroldo Costa

Haydée Ribeiro Coelho

Irene Figueira Ferraz

Isa Grinspum Ferraz

Leonel Kaz

Lucia Velloso Maurício

Luzia de Maria Rodrigues Reis

Maria de Nazareth Gama e Silva

Maria Elizabeth Brêa Monteiro

Maria José Latgé Kwamme

Maria Stella Faria de Amorim

Maria Vera Teixeira Brant

Mércio Pereira Gomes

Paulo de F. Ribeiro

Paulo Sergio Duarte

Sergio Pereira da Silva

Wilson Mirza

Yolanda Lima Lobo

Conselho Curador – In Memoriam

Antonio Callado

Carlos de Araujo Moreira Neto

Leonel de Moura Brizola

Moacir Werneck de Castro

Oscar Niemeyer

Tatiana Chagas Memória

Conselho Fiscal

Eduardo Chuahy

Lauro Mário Perdigão Schuch

Trajano Ricardo Monteiro Ribeiro

Alexandre Gomes Nordskog

Diretoria Executiva

Paulo de F. Ribeiro – Presidente

Haroldo Costa – Vice-Presidente

Maria José Latgé Kwamme – Diretora Administrativo-Financeira

Isa Grinspum Ferraz – Diretora Cultural

Maria Stella Faria de Amorim – Diretora Técnica





